UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHC-UFRN
MESTRADO EM HISTÓRIA DOS SERTÕES
LINHA DE PESQUISA II: HISTORIOGRAFIA E REPRESENTAÇÕES DOS SERTÕES



MARACÁ, GIBÃO E VIOLA

POETAS INDÍGENAS XUKURU CRIANDO O SERTÃO DA POESIA (TEIXEIRA/PB E SÃO JOSÉ DO EGITO/PE)

LINDOALDO CAMPOS

Caicó
2022

LINDOALDO CAMPOS

MARACÁ, GIBÃO E VIOLA
POETAS INDÍGENAS XUKURU CRIANDO O SERTÃO DA POESIA (TEIXEIRA/PB E SÃO JOSÉ DO EGITO/PE)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal Rio Grande do Norte (PPGHC-UFRN), com Área de Concentração em História dos Sertões, vinculada à Linha de Pesquisa II – Historiografia e Representações dos Sertões

Orientador: Prof. Dr. Joel Carlos de Souza Andrade

Caicó
2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Sistema de Bibliotecas – SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN
Biblioteca Setorial Profª Maria Lúcia da Costa Bezerra – CERES - Caicó

Campos Júnior, Lindoaldo Vieira.
Maracá, gibão e viola: poetas indígenas Xukuru criando o Sertão da Poesia (Teixeira/PB e São José do Egito/PE) / Lindoaldo Vieira Campos Júnior. - Caicó, 2023.
444f.: il.

Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó. Programa de Pós-Graduação em História.
Orientação: Prof. Dr. Joel Carlos de Souza Andrade.

1. Poetas indígenas. 2. Xukuru. 3. Sertão da Poesia. 4. Escola de Poesia

Elaborado por Giulianne Monteiro Pereira Marques – CRB-15/714

LINDOALDO CAMPOS

MARACÁ, GIBÃO E VIOLA
POETAS INDÍGENAS XUKURU CRIANDO O SERTÃO DA POESIA
(TEIXEIRA/PB E SÃO JOSÉ DO EGITO/PE)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra no Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal Rio Grande do Norte (PPGHC-UFRN), com Área de Concentração em História dos Sertões, vinculada à Linha de Pesquisa II – Historiografia e Representações dos Sertões.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Joel Carlos de Souza Andrade
(Presidente)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Antônio José de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Aldo Manoel Branquinho Nunes
Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Dr. Edson Hely Silva
Universidade Federal de Pernambuco

Território Indígena Xukuru (Pesqueira/PE), 24 de novembro de 2022

Aos espíritos taiguaras

Lydia Brasileira
Otshucayana do Siridó

Teófanes Leandro
Xukuru do Pajaú

Obrigado,

Joel Andrade, pela orientação sábia, serena e libertadora

Helder Macedo, pelos impulsos a “o filósofo”

Antônio de Oliveira, Kariri do Siará, pelas sábias sugestões, na pessoa de quem agradeço aos demais professores e colaboradores do Mestrado em História dos Sertões / UFRN-CERES-Caicó

Edson Silva, pela partilha da sabença sobretudo sobre tudo

Jeannette Lima e Mônica Nogueira, por inspirar a her-ética coragem de afirmar

Aldo Branquinho, pela partilha de informações sobre os Sertões da Borborema

Linete Gach, pela partilha de livros eclesiásticos indispensáveis à pesquisa

Johnnys Alencar, poeta Kariri do Siará, pela orientação primordial

José Gilliard, pela notícia primeira sobre mais esse rio

Rosana Leão, pelas informações sobre Romano do Teixeira

Maurício Mota e Palmério Lima, pelas notícias sobre os Xukuru do Teixeira

Alberto Rodrigues, pelas informações precisas sobre ramos e frutos de frondosas árvores da Poesia Sertaneja

Maria Alda de Medeiros e Matheus Barbosa Santos, pela transcrição de documentos que alumiaram este Tao, nas pessoas de quem agradeço aos demais colegas do Mestrado em História dos Sertões / UFRN-CERES-Caicó

Matheus Dantas, pela composição de mapas imprescindíveis à compreensão da história

Madson e Francisco Adriano, Xukuru do Kariri, pelas andarilhanças por Sumé, o centro

Felipe Pedro e Manoel Bezerra Filho (Jair Som), pela companhia espiritual, nas pessoas de quem agradeço aos demais membros do Centro de Pesquisa e Documentação do Pajeú – CPDoc–Pajeú

Dedé Monteiro, por continuar criando o Sertão da Poesia

Genildo Santana, pela inspiradora força de viver em estado de poesia

Zé Adalberto, Xukuru do Juá, pela dormida que valeu uma vida num dia em demanda dos Babeco das Umburanas

Daniel Aragão, pelo incentivo através da escravizada Anna, forra por ela mesma

Anita Medeiros, pela revisão esmerada e elegante

Ígor Átila, pela con-vivência nos caminhos da pesquisa e da vida

Lucas Rafael, pela beleza de ser quem é

Flautista, pela clave

Nega, Léo e Lucas, pela partilha da vida

São tantas lutas inglórias
São histórias que a História
Qualquer dia contará
De obscuros personagens
As passagens, as coragens
São sementes espalhadas nesse chão

Gonzaguinha

RESUMO:

Abordando o período que segue da época da invasão por europeus e descendentes dos colonizadores aos dias atuais, esta dissertação consiste no resultado de pesquisa sobre a presença indígena Xukuru nos municípios de Teixeira/PB e São José do Egito/PE com o propósito de compreender sua contribuição para a configuração daquilo que denomino Sertão da Poesia compreendido como modo de vida criado pelo discurso poético. Parte de revisão historiográfica, transcrição e leitura de documentos dos séculos XVII, XVIII e XIX, fontes arqueológicas e sesmariais e registros de batismo, casamento e óbito. Acredito que, no contexto das interações havidas com os invasores, os Xukuru que sobreviveram à "Guerra dos Bárbaros" e permaneceram ou voltaram para essa região manejaram a poesia, sua e dos invasores, como estratégia de resistência e proeminência social, inclusive com descendentes que tornaram-se precursores da Escola de Poesia de Teixeira e da Escola de Poesia de São José do Egito.

Palavras-chave: Sertão da Poesia. Xukuru. Escola de Poesia de Teixeira. Escola de Poesia de São José do Egito. História dos Sertões

ABSTRACT

Approaching the period that follows from the time of the invasion by europeans and descendants of the colonizers to the present day, this dissertation consists of the result of research on the Xukuru indigenous presence in the municipalities of Teixeira/PB and São José do Egito/PE with the purpose of understanding their contribution to the configuration of what call Sertão da Poesia understood as a way of life created by poetic discourse. Part of historiographical review, transcription and reading of documents from the 17th, 18th and 19th centuries, archaeological and sesmarias sources and baptism, marriage and death records. I believe that, in the context of the interactions with the invaders, the Xukuru who survived the "War of the Barbarians" and remained or returned to this region handled poetry, theirs and that of the invaders, as a strategy of resistance and social prominence, including descendants who became precursors of the School of Poetry of Teixeira and the School of Poetry of São José do Egito.

Keywords: Sertão da Poesia. Xukuru. School of Poetry of Teixeira. School of Poetry of São José do Egito. História dos Sertões

LISTA DE SIGLAS

ABLC	–	Academia Brasileira de Literatura de Cordel
AHU	–	Arquivo Histórico Ultramarino
APEJE	–	Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Pernambuco)
BPE	–	Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco
CE	–	Estado do Ceará
CEHM	–	Centro de Estudos Históricos Municipais
CEPE	–	Companhia Editora de Pernambuco
FUNDAJ	–	Fundação Joaquim Nabuco
IAHGP	–	Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGP	–	Instituto Histórico e Geográfico Paraibano
INCRA	–	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	–	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PB	–	Estado da Paraíba
PE	–	Estado de Pernambuco
RN	–	Estado do Rio Grande do Norte
SILB	–	Sesmarias do Império Luso-Brasileiro

LISTA DE ABREVIATURAS

ca	–	*circa*, aproximadamente
cfr.	–	conferir
corr.	–	corruptela
doc.	–	documento
fig.	–	figura
fl(s).	–	folha(s)
nr.	–	nota de rodapé
p.	–	página(s)
p. ext.	–	por extensão
tb.	–	também

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Lindoaldo Campos, Sertão da Poesia
Mapa 2 – Lindoaldo Campos, Planalto da Borborema (com identificação do Município de Teixeira e dos municípios que compõem o Sertão do Pajaú)
Mapa 3 – Território Indígena Xukuru (2022)
Mapa 4 – DNIT – Cariri Ocidental (Cariri Velho) – Estado da Paraíba (detalhe)
Mapa 5 – DNIT – Buíque/PE (detalhe)
Mapa 6 – DNIT – Serra Branca/PB (detalhe)
Mapa 7 – Fazenda São João com referência ao Município de Tuparetama/PE, ao lugar Mujique e ao Município de Prata/PB
Mapa 8 – Tomás Pompeu Sobrinho, Esboço do Mapa Etnográfico do Nordeste (1932) (detalhe)
Mapa 9 – Curt Nimuendajú, Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes (1944) (detalhe)
Mapa 10 – José Elias Borges, Indígenas da Paraíba – Distribuição aproximada das tribos – Séculos XVII e XVIII (1984) (detalhe)
Mapa 11 – Olavo de Medeiros Filho, Distribuição das tribos indígenas que habitavam o território norte-rio-grandense (com base nos estudos do Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho (1984) – detalhe)
Mapa 12 – Lindoaldo Campos, Mapa conjectural do Território Indígena Xukuru no final do século XVII (2022)
Mapa 13 – Jodocus van Stetten, Mapa da mina de prata (1645)
Mapa 13 – Lindoaldo Campos, Mapa dos sítios Arqueológicos Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB), Peri-Peri II (Venturosa/PE), Pedra do Letreiro (Belo Jardim/PE) e Furna do Estrago (Belo Jardim/PE)
Mapa 14 – Jeannette Lima, Mapa da região citada no texto (destaquei)
Mapa 15 – DNIT – Mapa rodoviário do Estado de Pernambuco – Belo Jardim/PE
Mapa 16 – Francisco de Assis Soares de Matos, Mapa de caminhos ótimos entre as três áreas de pesquisa, Cariri Ocidental-PB, Parque Nacional do Catimbau/TI Kapinawá-PE e Seridó Oriental-RN
Mapa 17 – IBGE, Mapa de São José do Egito
Mapa 18 – Esboço da carta corográfica da Província de Pernambuco (1880) (em detalhe: Povoado Santo Antônio das Batatas)
Mapa 19 – Lindoaldo Campos, Mapa com indicação dos sítios onde nasceram poetas em São José do Egito até 1930

LISTA DE DOCUMENTOS

Doc. 1 – *Assento de Batismo de Manoel, índio, filho de filho de José Soares e Cecília de Torres, índios do Uruba* (1777)
Doc. 2 – *Mapa dos batizamentos havidos nesta Freguesia de N. Sra. da Conceição de Flores do Pajaú* (1836 a 1840)

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Jornal Brasil de Fato
Fig. 2 – Jornal Diário de Pernambuco
Figs. 3 e 4 – O autor e sua esposa Luciene Ramos na Casa do Caboclo (Matureia/PB – abril de 2022)
Figs. 5 e 6 – Mapas das sesmarias no Alto Sertão do Pajaú com a indicação dos atuais municípios
Fig. 7 – *Caminho que se segue por Pojunga e passa pelo Urubá* (1738) (detalhe)
Fig. 8 – *Roteiro de viagem do Recife à Carinhanha pelo Capibaribe* (detalhe)
Fig. 9 – O amigo Ígor Átila e o autor na Pedra Comprida (Sumé/PB – 2022)
Figs. 10 e 11 – Placa do Cartório do Distrito de Sucuru / O amigo Ígor Átila e o autor no Distrito de Sucuru (Serra Branca/PB – 2022)
Fig. 13 – Albert Eckhout, *Homem tapuia* (1641)
Fig. 14 – Albert Eckhout, *Mulher tapuia* (1641)
Fig. 15 – Frans Hals, Bobo tocando Alaúde (1623)
Fig. 16 – Viola beiroa – Portugal – séc. XVI
Fig. 17 – Albert Eckhout, *Dança dos Tapuias* (1643)
Fig. 18 – Dança das mulheres ao redor de Hans Staden, em Ubatuba
Fig. 19 – Theodor de Bry, *Tupinambás tocando maracás durante uma cerimônia* (detalhe)
Fig. 20 – Theodor de Bry, *Pajés tupinambá* (1592)
Fig. 21 – Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB) – Painel nº 1
Fig. 22 – Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB) – Painel nº 2
Fig. 23 – Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB) – Painel nº 3
Fig. 24 – Peri-Peri II (Venturosa/PE)
Fig. 25 – Pedra do Letreiro (Brejo da Madre de Deus/PE)
Fig. 26 – Paredão da Serra da Boa Vista que abriga o Sítio Furna do Estrago (indicado pela seta) – Belo Jardim/PE
Fig. 27 – Sítio arqueológico Furna do Estrago – Belo Jardim/PE
Fig. 28 – Desenho da flauta encontrada com O Flautista da Furna do Estrago
Fig. 29 – Desenho representando o sepultamento FE 11, denominado O Flautista da Furna do Estrago. Linha indicando a localização da flauta óssea no sepultamento
Fig. 30 – Reconstituição do rosto de O Flautista da Furna do Estrago
Fig. 31 – Charles Landseer, *Vaqueiro do sertão de Pernambuco* (1825)
Fig. 32 – Percy Lau, *Vaqueiro do Nordeste* (1941)
Fig. 33 – João Batista de Siqueira (Cancão)
Fig. 34 – José Adalberto Ferreira (Zé Adalberto)

Fig. 35 – Antônio Ferreira (Mestre Pirrila) e família
Fig. 36 – *História da Donzela Teodora* (capa)
Fig. 37 – Pierre Chompré, *Dicionário da fábula* (versão portuguesa de 1779) (capa)
Fig. 38 – Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares* (1929) (capa)
Fig. 39 – Francisco das Chagas Batista
Fig. 40 – Estátua de Inácio em praça da cidade de Catingueira/PB
Fig. 41 – Leandro Gomes de Barros
Fig. 42 – Josué Romano da Silveira Caluete
Fig. 43 – Josué Romano da Silveira Caluete
Fig. 44 – O autor e o poeta Edísio Soares Pequeno (Edísio Romano), autor do livro *Os sonhos de um poeta* (Mãe d'Água/PB, 08/04/2022)
Fig. 45 – Cônego Bernardo de Carvalho Andrade
Fig. 46 – Ezequiel Nunes da Costa
Fig. 47 – Da esquerda para a direita: um transeunte, o historiador Alberto Rodrigues de Oliveira, o repentista Marcos Nunes da Costa (Marcos Nicandro) e o autor (Distrito São Vicente – Itapetim/PE), 01/05/2022)
Fig. 48 – Feira de São Vicente (outrora Cangalha) em 1963
Fig. 49 – Busto de Antônio Marinho do Nascimento (São José do Egito)
Fig. 50 – Severino Lourenço da Silva Pinto (Pinto do Monteiro)
Fig. 51 – Antônio Marinho, *Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em 1915* (capa)
Fig. 52 – Pinto do Monteiro, *Peleja de Pinto do Monteiro e Marinho do Pajeú* (capa)
Fig. 53 – Antônio Marinho do Nascimento
Fig. 54 – Da esquerda para a direita: Ernesto Limeira, Agostinho Lopes, Antônio Marinho e José Bernardino
Fig. 55 – Árvore genealógica com vínculos entre as famílias Medeiros e Dantas
Fig. 56 – Marcos Nunes Costa, *Mapa das antigas estradas (veredas) que cruzavam as terras da "Cabeça do Pajeú"*
Fig. 57 – Lydia Brasileira
Fig. 58 – Fluxograma de proveniências e influências poéticas de Marinho do Pajaú
Fig. 59 – José Antônio do Nascimento Filho (Zeto do Pajaú) e Beatriz Marinho Patriota (Bia Marinho)
Fig. 60 – José Bernardino de Oliveira
Fig. 61 – João Ferreira de Lima
Figs. 62, 63 e 64 – João Ferreira de Lima, *Proezas de João Grilo* (capas)
Fig. 65 – Agostinho Lopes dos Santos
Fig. 66 – João Campos Filho
Fig. 67 – João Isidro Ferreira
Fig. 68 – João Batista de Siqueira (Cancão)
Fig. 69 – Da esquerda para a direita: Raimundo Patriota, José Nunes Filho (Zé de Cazuza), José Lopes Neto (Zé Catôta), João Batista de Siqueira (Cancão), Geraldo Amâncio de Lourival Batista (Louro do Pajaú)
Fig. 70 – Lourival Batista, cordel *A queda da torre da Igreja Matriz e sua*

reconstrução (1977) (capa)
Fig. 71 – Lourival Batista
Fig. 72 – Dimas Batista
Fig. 73 – Otacílio Batista
Fig. 74 – José Gomes do Amaral (Zezé Lulu)
Fig. 75 – Árvore genealógica com vínculos entre as famílias Nunes da Costa, Guedes, Batista, Gomes do Amaral, Araújo e Nascimento
Fig. 76 – José Lopes Neto (Zé Catôta)
Fig. 77 – Congresso de Cantadores e Violeiros do Nordeste
Fig. 78 – Rogaciano Bezerra Leite
Fig. 79 – Manoel Luiz dos Santos
Fig. 80 – Manoel Filomeno de Menezes
Fig. 81 – Job Patriota de Lima
Fig. 82 – Severino Cordeiro de Souza
Fig. 83 – O autor e Raimunda Nunes de Albuquerque Fernandes, bisneta de Nicandro Nunes da Costa, nascida no Distrito São Vicente e proprietária do Bar e Restaurante Pedra do Tendó (Teixeira/PB, 07/01/2023)
Fig. 84 – Pedro Torres Tunu, ex-Prefeito de Tuparetama/PE
Fig. 85 – Cartaz do Balaio Cultural (Tuparetama/PE), 02/12/2022
Fig. 86 – Mesa de Glosa do Pajeú (2017)
Fig. 87 – Revista Continente – Setembro/2009 (capa)
Fig. 88 – Monumento ao Cantador (São José do Egito)
Fig. 89 – Beco de Laura (São José do Egito)
Fig. 90 – Portal – PE 275 (São José do Egito)
Fig. 91 – Em primeiro plano, árvore de Natal com poesias e xilogravuras; em segundo plano, Monumento ao Cantador (São José do Egito) (janeiro / 2023)
Fig. 92 – Grupo EmCanto e Poesia, composto pelos irmãos Antônio, Greg e Miguel Marinho
Fig. 93 – Antônio Marinho do Nascimento (bisneto do homônimo precursor da Escola de Poesia de São José do Egito), o autor e Bia Marinho (neta do referido precursor) (São José do Egito, 06/01/2023)
Fig. 94 – Cartaz do Concurso de Poesia Popular de São José do Egito (2021)
Fig. 95 – O Cacique Xicão discursa durante audiência de lideranças indígenas com o Governador Miguel Arraes, no Palácio Campo das Princesas (Recife/PE), em 30/01/1996
Fig. 96 – Xukuru no corredor do Congresso Nacional em Brasília/DF, no período da Assembleia Nacional Constituinte (1987). Da esquerda para direita, o 2º é "Xicão" e o seguinte o Cacique Zé Pereira
Fig. 97 – Povo Indígena Xukuru em uma retomada liderada pelo Cacique Xicão (à direita, de camisa vermelha
Fig. 98 – 19ª Assembleia Xukuru – Território Indígena Xukuru – Espaço Mandaru (2019)
Fig. 99 – João Melquíades Ferreira da Silva

Fig. 100 – José Camelo de Melo Resende
Fig. 101 – Manoel Camilo dos Santos
Fig. 102 – Maria das Neves Batista Pimentel
Fig. 103 – Francisco Pedrosa Galvão (Chico Pedrosa)
Fig. 104 – Luzimar Medeiros Braga (Medeiros Braga)
Fig. 105 – Autor desconhecido, Cristão e muçulmano em tenção de vilhuelas
Fig. 106 – Percy Lau, *Porteira de moirões*
Fig. 107 – Sebastião da Silva
Fig. 104 – Vavá Machado e Marcolino (Os Bridões de Ouro), LP *O acordar do sertanejo* (capa)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO 1
XUKURU: PRESENÇA INDÍGENA NO SERTÃO DA POESIA
1.1 Sertão da Poesia: um modo de vida criado pela palavra poética 17
1.2 A presença indígena em Teixeira 28
1.2.1 Itan: símbolo da continuidade da presença Xukuru em Teixeira 33
1.3 A presença indígena em São José do Egito 40
1.3.1 Ambó e Ororubá: áreas integradas componentes do Território Indígena Xukuru no séc. XVII 46
1.3.2 Manoel: símbolo da continuidade da presença Xukuru em São José do Egito 49
1.4 "Sertão de Xukuru": mapa conjectural do Território Indígena Xukuru no final do séc. XVII 61
1.4.1 A presença Xukuru em municípios de Pernambuco
a) Iguaraci 65
b) Buíque 66
c) Sertânia 68
d) Belo Jardim 68
e) Caruaru 68
f) Jataúba 69
1.4.2 A presença Xukuru em municípios da Paraíba
a) Prata 69
b) Monteiro 70
c) São Sebastião do Umbuzeiro 70
d) São João do Tigre 70
e) Sumé 71
f) Serra Branca 71
1.4.3 São João do Cariri/PB 74
1.4.4 Para um mapa conjectural do Território Indígena Xukuru no final do séc. XVII 76
1.5 Xukuru: Otshucayana (Tarairiú) 80
1.5.1 Os Xukuru na "Guerra dos Bárbaros" 81
a) "Confederação dos Kariri"? 84
b) Karkará: Xukuru? 86
1.5.2 "OS XUCURUS NÃO SÃO TUPIS NEM FULNIÔS, E MUITO MENOS CARIRIS" 88

CAPÍTULO 2
VAQUEIROS E CANTADORES: POETAS XUKURU CRIANDO

O SERTÃO DA POESIA

2.1 Poesia: estratégia de resistência Xukuru em Teixeira e São José do Egito _____ 95
2.2 A poesia íbero-árabe à época da invasão dos sertões do Nordeste brasileiro _____ 96
2.3 A poesia indígena no período da colonização do Brasil à invasão dos sertões do Nordeste brasileiro _____ 99
2.3.1 Poesia rupestre _____ 100
2.3.2 Poesia cantada e dançada _____ 101
a) Ocasiões _____ 104
b) Musicalidade _____ 107
c) Improviso _____ 110
d) Peleja _____ 112
e) Relevância social dos poetas-cantores _____ 114
2.3.3 O Flautista da Furna do Estrago: símbolo dos poetas-cantores Xukuru _____ 119
a) Sítio Arqueológico Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB) _____ 121
b) Sítio Arqueológico Peri-Peri II (Venturosa/PE) _____ 125
c) Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro (Belo Jardim/PE) _____ 127
d) Sítio Arqueológico Furna do Estrago (Belo Jardim/PE) _____ 129
d.1) O Flautista da Furna do Estrago: Pajé Xukuru? _____ 138
2.4 Maracá, gibão e viola: poetas Xukuru criando o Sertão da Poesia _____ 144
2.4.1 Do maracá ao gibão: o Xukuru vaqueiro aboiador _____ 148
2.4.2 Do maracá à viola: o Xukuru agregado cantador _____ 152

CAPÍTULO 3
"ATENAS DE CANTADORES": A ESCOLA DE POESIA DE TEIXEIRA

3.1 Teixeira: centro do Sertão da Poesia de meados do séc. XIX ao início do séc. XX _____ 160
3.2 Leituras no Sertão da Poesia nos sécs. XVIII e XIX _____ 163
3.3 Romano do Teixeira: descendente Xukuru precursor da Escola de Poesia de Teixeira _____ 172
3.3.1 "Passado" indígena: ascendência Xukuru _____ 176
3.4 Poetas da Escola de Poesia de Teixeira _____ 183
3.4.1 Agostinho Nunes da Costa Júnior _____ 184
3.4.2 Bernardo Nogueira de Carvalho _____ 186
3.4.3 Ferino de Góis Jurema _____ 191
3.4.4 Nicandro Nunes da Costa _____ 192
3.4.5 Hugolino Nunes da Costa _____ 195
3.4.6 Inácio de Siqueira Patriota _____ 197
3.4.7 Germano Alves de Araújo Leitão _____ 201
3.4.8 Silvino Pirauá Lima _____ 202
3.4.9 Leandro Gomes de Barros _____ 207
3.4.10 Josué Romano da Silveira Caluete _____ 209

CAPÍTULO 4
"MUSA DO PAJEÚ": A ESCOLA DE POESIA DE SÃO JOSÉ DO EGITO

4.1 São José do Egito: centro do Sertão da Poesia do início do séc. XX à atualidade _____ 214
4.2 Veredas: o que faz o Tao ser grande – Travessias poéticas de Teixeira para São José do Egito _____ 215
4.2.1 Veredas provenientes de Teixeira, "dedo para o gatilho e para o violão" _____ 217
4.2.2 "As cordas enferrujadas da viola amedrontada": veredas da poesia e da violência _____ 219
a) Delfino Batista de Melo _____ 219
b) Bernardo de Carvalho Andrade (Cônego Bernardo) _____ 222
c) Guilherme Nunes da Costa _____ 225
4.2.3 Veredas poéticas de Teixeira para São José do Egito _____ 232
a) Nicandro Nunes da Costa (Nicandro da Cangalha) _____ 232
b) Bernardo Nogueira de Carvalho (Nogueira do Mulungu) _____ 238
4.3 Marinho do Pajaú: descendente Xukuru precursor da Escola de Poesia de São José do Egito _____ 240
4.3.1 Antônio Marinho: veredas poéticas íbero-árabes _____ 243
a) Manoel Clementino Leite _____ 244
b) Manoel Bernardino de Senna _____ 247
c) João José de Lima _____ 248
d) José Galdino da Silva Duda _____ 249
4.3.2 Marinho do Pajaú: veredas poéticas Xukuru _____ 256
a) Proveniência de Umburanas _____ 262
b) Babeco: Xukuru _____ 263
c) Babeco: Xukuru em Caramucuqui _____ 266
d) "Passado" indígena e branqueamento _____ 273
4.3.3 Marinho do Pajaú: fluxograma de proveniências e influências poéticas _____ 279
4.4 Veredas: o que faz o Tao ser grande – Travessias poéticas do Sertão do Piancó, do Sertão do Espinharas e do Sertão do Sabugi para São José do Egito _____ 282
4.5 Poetas da Escola de Poesia de São José do Egito _____ 283
4.5.1 Os irmãos Bernardino (Joaquim Bernardino de Oliveira, José Bernardino de Oliveira e Amaro Bernardino de Oliveira) _____ 285
4.5.2 João Ferreira de Lima _____ 288
4.5.3 Agostinho Lopes dos Santos _____ 290
4.5.4 João Campos Filho _____ 291
4.5.5 João Isidro Ferreira _____ 293
4.4.6 João Batista de Siqueira _____ 294
4.5.7 Antônio Pereira de Morais _____ 297
4.5.8 Os irmãos Batista (Lourival Guedes Patriota, Dimas Guedes Patriota e Otacílio Guedes Patriota) _____ 299
4.5.9 Os irmãos Gomes (Pedro Ferreira Gomes, João Ferreira Gomes, Antônio Ferreira Gomes e José Gomes do Amaral) _____ 305

4.5.10 Os irmãos Lopes (José Lopes, Cícero Lopes de Lima e Anita Lopes de Almeida) _____ 308
4.5.11 Rogaciano Bezerra Leite _____ 309
4.5.12 Os irmãos Bernardo (Cícero Bernardo de Souza, Prigildo Bernardo de Souza e Luiz Bernardo de Souza) _____ 314
4.5.13 Pedro Vieira de Amorim _____ 315
4.5.14 Manoel Luiz dos Santos _____317
4.5.15 Os irmãos Filomeno de Menezes (José Filomeno de Menezes Júnior, Manoel Filomeno de Menezes e Gregório Filomeno de Menezes) _____ 319
4.5.16 Job Patriota de Lima _____ 322
4.5.17 Severino Cordeiro de Souza _____ 324

CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 328

ADENDOS

Adendo 1 – "Plantaram Xicão": lutas contemporâneas dos Xukuru do Ororubá _____ 337
Adendo 2 – Poesia Sertaneja: aspectos e elementos históricos e formais
1. Introdução _____ 348
2. Elementos básicos da Poesia Sertaneja
2.1 Rima _____ 351
2.2 Verso _____ 352
2.3 Espécies de estrofe _____ 352
2.4 Métrica _____ 357
2.5 Ritmo _____ 358
3 Gêneros da Poesia Sertaneja
3.1 Peleja _____ 359
3.2 Cordel _____ 360
3.3 Aboio _____ 363
3.4 Cantoria _____ 364
4 Estilos da Poesia Sertaneja
4.1 Quadrões _____ 367
4.2 Mourões _____ 367
4.3 Martelos _____ 369
4.4 Galopes _____ 370
4.5 Estilos diversos _____ 371
5 Quadro cronobiobibliográfico de poetas e obras da Poesia Sertaneja _____ 374

ANEXOS

Anexo 1 – *Caminho que se segue por Pojunga e passa pelo Urubá* (Caminho do Ipojuca) (1738) _____ 386
Anexo 2 – *Assento das léguas que fazem daqui ao Rodelas Pelo Caminho de Capibaribe* (Caminho do Capibaribe) (1738) _____ 388
Anexo 3 – *Mapa da Estrada Real que vai dos sertões da*

Repartição do Sul, desde a Vila do Recife até o Julgado do Cabrobó, no Rio de São Francisco (1802) _____ 390
Anexo 4 – Pinto do Monteiro, *Peleja de Pinto do Monteiro e Marinho do Pageú* _____ 396

FONTES _____ 406

REFERÊNCIAS _____ 409

INTRODUÇÃO

Teixeira foi, inda é
Do verso bela nascente
E São José tem repente
Pra gente bater o pé
De Teixeira a São José
A rima corre faceira
Afiada feito peixeira
Bela feito uma igreja
Tem palco, poeta e peleja
De São José a Teixeira

Genildo Santana
Tabira/PE, 21/08/2022

Nasci em 1973 em São José do Egito, município pernambucano do Alto Sertão do Pajeú onde tive a honra de tomar cachaça com Job Patriota no bar de João Macambira.

Absolutamente desimportantes em qualquer outro contexto, essas informações servem para indicar que o tema desta pesquisa é o próprio pesquisador, que vem pelejando para saber quem é desde quando, menino ainda, ouviu dizer que seu lugar de nascença é a Terra da Poesia e que Job foi um dos maiores cantadores de viola da história.

A inquietação cresceu quando troquei o jogo de bola na pracinha da Matriz pela prancha de desenho da Escola Técnica Federal em Recife e espantava-me toda vez que a poética dos egipcienses – não perdíamos a chance de subir em uma mesa para declamar – não se mostrava nos colegas doutros municípios também comensais da xepa na Casa do Estudante de Pernambuco.

Ao espanto seguiu-se a questão "Por que São José do Egito é o Berço Imortal da Poesia?", em resposta à qual muitos anos depois uma preciosa alumiação veio com o título "Cancão, velho pajé: a cura pela poesia"[1] que a amiga caaboca Lydia Brasileira deu ao posfácio de um livro comemorativo do centenário de nascimento do poeta meu conterrâneo e parente João Batista de Siqueira. Isso porque, com o título *Palavras ao plenilúnio*, em 2007 eu havia lido, compilado e publicado a obra poética de Cancão e, sabedor de seus inegáveis traços indígenas e de sua verve toda ela um cântico de louvor à Natureza, de imediato

[1] Lydia Brasileira, *Cancão, velho pajé: a cura pela poesia* (*Posfácio*) em *Cancão: a lua, o sol dos mendigos (estudos críticos sobre o pássaro-poeta do Pajeú)*, p. 176-182.

lampejou o quão plausível é a correspondência entre sua poesia e o pajeísmo indígena.

Dada a direção da viagem, o navio veio com a tese que Aldo Manoel Branquinho Nunes defendeu perante a Universidade Federal de Campina Grande: *Currais, cangalhas e vapores: dinâmicas de fronteira e conformação das estruturas social e fundiária nos "Sertões da Borborema" (1780-1920)*, compreendidos como a área formada pelas contíguas microrregiões do Cariri (da Paraíba), do Moxotó e do Pajeú (essas de Pernambuco), estudo e toponímia indícios seguros da presença indígena nesses sertões que igualmente serviram de norte para esta pesquisa que pretende-se um contributo para o preenchimento de lacunas relativas à contribuição dos povos originários para sua configuração cultural.

* * *

Defendo a tese de que a poética característica das regiões de Teixeira/PB e São José do Egito/PE deve-se, em grande medida, à poética de indígenas Xukuru que, no contato com invasores europeus, apropriaram-se de elementos da poética íbero-árabe como estratégia de resistência e proeminência social.

Proponho uma revisão da historiografia sobre estes lugares tendo em vista que, quando não omite a presença indígena, sustenta que em Teixeira "o restante" os indígenas que habitavam o território que veio a ser assim denominado foi "botado para fora [...] a toque de caixa"[2] e que em São José do Egito "no final do Século XVIII, os índios foram expulsos de suas terras"[3].

Para tanto consultei documentos relativos ao processo de colonização do sertão de Pernambuco elaborados do final do século XVII a meados do século XIX (como pedidos de sesmarias) e analisei Livros de Tombo, livros eclesiásticos de nascimento, casamento e óbito das freguesias de Teixeira, Flores, Afogados da Ingazeira e São José do Egito.

Também procedi à consulta de documentos disponíveis no Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), à Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital – Hemeroteca), à Coleção Alberto Lamego (Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo) e à Biblioteca Digital de Cartografia Histórica (Universidade de São Paulo). Do mesmo modo artigos publicados nos Anais da Biblioteca Nacional, na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP), na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), na Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) e na Revista de Pesquisa Histórica CLIO – (Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal

[2] Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 70-71.
[3] Marcos Cirano, *São José do Egito – um século de história (1909/2009)*, p. 15 – referido por Milton Oliveira em *São José do Egito: as ruas por onde passei (história e biografias)*, p. 28.

de Pernambuco).

Por fim, consultei a vasta bibliografia produzida sobre os Xukuru:

. Em 1992 Vânia Fialho de Paiva e Souza publicou o livro *As fronteiras do ser Xukuru*, versão da dissertação que defendeu na UFPE sobre sua experiência como antropóloga e coordenadora do Grupo de Trabalho composto para a identificação e delimitação do Território Indígena Xukuru

. Em 1994 Francisco Siqueira apresentou TCC de Curso de Especialização na UFRPE sobre o associativismo do povo Xukuru

. Em 1999 Rita Neves defendeu dissertação na UFPE sobre as celebrações religiosas na Aldeia Vila de Cimbres

. Em 2001 a jornalista Kelly Oliveira defendeu dissertação na UFPB sobre a organização política do povo Xukuru

. Em 2003 Vânia Fialho de Paiva e Souza defendeu tese na UFPE sobre o associativismo indígena Xukuru

. Em 2003 Estevão Palitot apresentou monografia na UFPB sobre o assassinato do Cacique Francisco de Assis Araújo, conhecido como Cacique Xicão, e a reconstrução da identidade dos Xukuru do Ororubá

. Em 2004 Cláudia Moreira da Silva apresentou monografia na UFRN sobre as atividades políticas de jovens Xukuru do Ororubá

. Em 2005 Rita Neves defendeu tese na UFSC sobre sua performance política

. Em 2008 Edson Silva defendeu tese na UNICAMP sobre a história e memória deste povo entre os anos de 1950-1988

. Em 2009 Hosana Oliveira defendeu dissertação na UFPE sobre sua organização social nos espaços de retomada de terras

. Em 2010 Edigar dos Santos Carvalho defendeu dissertação na UFPE com o título *Descrição segmental do português falado pelos índios Xukuru, em Pesqueira – PE*

. Em 2010 Wilma da Silva Ribeiro defendeu na UFPB a tese *Histórias que os Xukuru contam: uma abordagem em semiótica das culturas*

. Em 2015 Clarissa de Paula Martins Lima defendeu dissertação na UFSCAR intitulada *Corpos abertos: sobre enfeites e objetos na Vila de Cimbres (T. I. Xukuru do Ororubá)*

. Em 2016 Elenilda Sinésio Alexandre da Silva apresentou na UFCG a monografia *Retomar nosso chão: antropologia e história do povo indígena Xucuru no sul do Cariri paraibano* e em 2019, perante a mesma instituição defendeu a dissertação *Subindo a Serra de*

Moça e encontrando os caboclos: os desafios para a constituição e manutenção de uma unidade social baseada no parentesco e na territorialidade (São João do Tigre – PB)

. Em 2020 Edmundo Cunha Monte Bezerra defendeu na UFBA a tese *Os índios Xukuru e a Serra do Ororubá: História, Natureza e o trabalho indígena no universo agroindustrial em Pesqueira/PE (1940-1960)*

* * *

Com o propósito de compreender como os Xukuru que viviam nos sertões de Teixeira/PB e São José do Egito/PE "desapareceram" dos documentos oficiais recorri à noção de **qualidade** apresentada por Eduardo França Paiva no contexto de práticas que "diferenciavam, hierarquizavam e classificavam os indivíduos e os grupos sociais a partir de um conjunto de aspectos"[4].

Visando compreender de que forma os elementos da poética e da religiosidade indígenas foram incorporados à vida das fazendas (e, posteriormente, dos povoados, vilas e municípios) vali-me do conceito de **agregamento** proposto por Marcos Galindo como uma das estratégias de sobrevivência através das quais, "depois do desmonte da ação missionária, muitos índios sobreviveram assentados nas fazendas sob o falso título de fâmulos (servos), ou mesmo integrados às famílias como agregados"[5].

Também recorri à ideia de **tradução cultural**, "usada para descrever o mecanismo por meio do qual encontros culturais produzem formas novas e híbridas" com "a vantagem de enfatizar o trabalho que tem que ser feito por indivíduos ou grupos para domesticar o que é estrangeiro"[6], de cujo exemplo é a cantoria, amálgama de elementos das poéticas íbero-árabe e indígena.

* * *

O texto articula-se em quatro capítulos:

No capítulo inicial defendo a concepção de Sertão da Poesia compreendido como modo de vida criado pelo discurso poético e que em termos socioculturais possui como alguns de seus centros os municípios de Teixeira/PB e São José do Egito/PE, regiões onde destaco a presença indígena Xukuru e a partir das quais concebo o "Sertão de Xukuru", território

[4] Eduardo França Paiva, *Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho)*, p. 33.
[5] Marcos Galindo, *A submergência tapuia*, p. 196.
[6] Peter Burke, *Hibridismo cultural*, p. 55.

ocupado no final do séc. XVII por este povo possivelmente pertencente à etnia Otshucayana (Tarairiú).

No segundo capítulo apresento aspectos gerais das poesias íbero-árabe e indígena à época da invasão dos sertões do Nordeste brasileiro e defendo que nas regiões posteriormente denominadas Teixeira/PB e São José do Egito/PE indígenas Xukuru e seus descendentes tenham se tornado vaqueiros e agregados às fazendas e, através do aboio e da cantoria, manejaram a poesia como estratégia de resistência e dessa forma contribuíram em grande medida para a poética que permite caracterizá-las como centros do Sertão da Poesia.

No capítulo seguinte apresento Teixeira/PB como centro do Sertão da Poesia de meados do séc. XIX ao início do séc. XX e disserto sobre Francisco Romano da Silveira Caluete, conhecido como Romano do Teixeira, descendente Xukuru precursor da Escola de Poesia de Teixeira, da qual por fim elenco diversos outros componentes.

No quarto e derradeiro capítulo apresento São José do Egito como centro do Sertão da Poesia do início do séc. XX à atualidade e indico de que forma contribuiu para essa configuração a vinda de componentes da Escola de Poesia de Teixeira para essa região no final do séc. XIX. Adiante, disserto sobre Antônio Marinho do Nascimento, conhecido como Marinho do Pajaú, descendente Xukuru precursor da Escola de Poesia de São José do Egito, registro de que forma esse movimento intensificou-se com a vinda de famílias do Sertão do Piancó, do Sertão do Espinharas e do Sertão do Sabugi e por fim elenco outros poetas que a compõem.

Registre-se que as epígrafes que constam desta Introdução e dos capítulos (à exceção do Capítulo 4) são estrofes gentilmente compostas especialmente para esse escrito por poetas (inclusive descendentes Xukuru) amigos que continuam criando o Sertão da Poesia, aos quais externo meu mais profundo agradecimento.

CAPÍTULO 1

XUKURU
PRESENÇA INDÍGENA NO SERTÃO DA POESIA

O Sertão é um país
Onde o sentimento impera
E o coração acelera
Pra dizer que está feliz
Tudo que um poeta diz
Se vier com emoção
Se arrancha no coração
E nunca mais se retira
O poeta é quem inspira
A vivência em meu Sertão

José Rufino da Costa Neto
(Dedé Monteiro)
Tabira/PE, 21/08/2022

1.1 Sertão da Poesia: um modo de vida criado pela palavra poética

Neste capítulo defendo a noção de Sertão da Poesia como modo de vida criado pelo discurso poético e que possui como centros os municípios de Teixeira/PB[7] e São José do Egito/PE[8], regiões cuja poética deve-se, em grande medida, à poética de indígenas[9] Xukuru que as ocupavam por ocasião de sua invasão pelos invasores

[7] Antônio Xavier de Farias informa que "a denominação veio de um alferes Antônio Teixeira de Mello, que em 14 de Fevereiro de 1755 obteve do governo da Paraíba uma data de sesmaria de terras na Serra da Borborema" (*Teixeira*, p. 67).

[8] Essa denominação adveio com a Lei Provincial nº 1516, de 11 de abril de 1881, resultante do Projeto de Lei nº 73/1880, apresentado pelo Deputado João Gonzaga Bacellar, e refere-se à imagem de São José (esposo de Maria, mãe de Jesus de Nazaré) com botas que representam a fuga da Sagrada Família para o Egito e por isso conhecido como São José de Botas, "o São José do Egito, peregrino, viajante, protetor dos caminheiros" (Nilza Botelho Megale, *O livro de ouro dos santos*, verbete *São José*). É também protetor dos bandeirantes que decerto conceberam essa imagem para o então povoado de Ingazeira (atual município homônimo, em cuja igreja matriz encontra-se uma imagem de São José de Botas) e daí por fazendeiros que fundaram o povoado de São José das Queimadas, depois denominado São José da Ingazeira (Lei Provincial 1028, de 21 de março de 1872) e finalmente São José do Egito em 1881. Por razões estéticas e para evitar repetições, doravante aludirei a Teixeira e a São José do Egito sem o uso da sigla do Estado da Paraíba (PB) e do Estado de Pernambuco (PE).

[9] "INDÍGENA – diz-se de, ou que é originário do país [...], do lat[im] *indigĕna*, relacionado com o gr[ego] *endogenés* 'nascido em casa'" (Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, verbete *Indígena*, p. 356); "Endo-: de *éndon*, com o sentido de 'dentro' (*endó.geno*), derivado de *en-*, correspondente ao latim arcaico *indu-* que aparece em *indu.str.ia* (raiz √stru-) ou em *indi.gena* (raiz √gen-)" (Mário Eduardo Viaro (*Por trás das palavras:* m*anual de etimologia do Português*, p. 117). Neste momento calha a seguinte afirmação de Lilia Schwarcz sobre o termo "indígena": "Indígena significa 'natural do lugar que se habita' ou 'aquele que está ali antes dos outros'. Sendo assim, não só reconhece a ancestralidade desses povos, como sua grande pluralidade. O certo é que se índio já virou um jargão fácil e exotizante, indígena permite reconhecer que cada povo é único e que deve ser, portanto, respeitado como tal" (*Índio não, indígena: os sistemas classificatórios*). Ademais, em consonância com a *Convenção para a grafia dos nomes tribais* aprovada na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, grafo os etnônimos com inicial maiúscula, substituindo o "c" e o "q" pelo "k" e sem flexão de número ou gênero (Xukuru, Tarairiú, Kariri etc.), salvo quando consistem em adjetivos.

europeus e a cujo respeito proponho um mapa conjectural do "Sertão de Xukuru" como território habitado no final do séc. XVII por este povo possivelmente pertencente à etnia Otshucayana (Tarairiú).

Polissêmico, o termo "sertão" possui os sentidos de amplitude espacial ("Pelo sertão [esta terra] nos pareceu, vista do mar, muito grande"[10]), proibição ("As índias forras, que há muito que andam com os cristãos em pecado, trabalhamos por remediar por não se irem ao sertão já que são cristãs"[11]), desconhecido ("As nossas melhores cartas, enfeixando informes escassos, lá têm um claro expressivo, um hiato, *Terra ignota*, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras"[12]), essência ("Vivi no sertão típico, agora desaparecido. A luz elétrica não aparecera"[13]) e interioridade psicológica ("Sertão: é dentro da gente "[14]).

Etimologicamente, sertão provém do topônimo Sertã, vila portuguesa "fundada por Sertório, e por ele chamada 'Sertago', corrupto em 'Sartão'"[15]. Trata-se de Quinto Sertório (122 a.C.–72 a.C.), general e governador romano que comandou a chamada Revolta de Sertório, ocorrida nas Hispânias, durante o primeiro episódio de guerras civis romanas no século I a.C. e, derrotado, foi desterrado de sua pátria para a Península Ibérica[16], onde fundou a Vila de Sertago, palavra composta pelo início de seu nome e do final do topônimo Cartago, antiga cidade fenícia atualmente localizada na Tunísia, Norte da África, que entre os séculos V e III a.C. disputou com Roma o controle do Mar Mediterrâneo, e, como em fenício Cartago significa "cidade nova" (onde *qart* equivale a "cidade" e *ago* corresponde a "novo"[17]), Sertago significa "Novo Sertório", a sinalizar o novo modo de vida do ex-general romano que passou a defender os lusos contra os exércitos de sua terra natal.

Daí porque, para além de indicar uma contraposição em relação ao "litoral", o termo "sertão" designa contraposição a povoação e, nesse sentido, significa "desterro", "solidão", vazio de gente (entrevisto inclusive em lugares próximos ao mar) – a cujo

[10] Pero Vaz de Caminha, Carta de 1º de maio de 1500 ao rei D. Manuel I.
[11] Manuel da Nóbrega, *Carta aos padres e irmãos de Coimbra* de 13 de setembro de 1551, em *Obra completa*, p. 106.
[12] Euclides da Cunha, *Os sertões*, p. 23.
[13] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 15.
[14] Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, p. 350.
[15] Rafael Bluteau, *Vocabulário português e latino* citado por Moacir Silva em *A propósito da palavra "Sertão"*, p. 642.
[16] Cfr Plutarco, *Vidas paralelas – Vida de Sertório*.
[17] Cfr. Antonio César González-García *et al*, *Orientatio ad sidera: astronomía y paisaje urbano em qart hadašt/carthago nova*.

respeito é eloquente a expressão "nas solidões vastas e assustadoras" com que Frei Martinho de Nantes[18] refere-se ao sertão.

De todo modo, "o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica [...], um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes neste processo"[19]. E se os discursos que diferenciam os sertões uns dos outros fazem-no a partir de determinado elemento que prepondera em relação aos demais, a esses significados e discursos pode-se acrescentar a perspectiva relativa a determinado sertão compreendido como **Sertão da Poesia**, em que **a palavra do poeta não é apenas descritiva, mas criadora de valores que configuram um modo de vida**.

Na perspectiva do sociólogo Pierre Bourdieu, é possível conceber o Sertão da Poesia como campo (microcosmo de relações objetivas que, embora influenciado por outros campos, possui uma lógica própria irredutível à lógica que rege outros campos) onde ocorre o interrelacionamento de poetas em contínuo aprendizado a partir do qual desenvolvem-se *habitus* (compósitos de um sistema infraconsciente, individual e coletivo) que proporcionam a formação de um *capital cultural* (conjunto de conhecimentos, habilidades e informações correspondentes ao conjunto de qualificações intelectuais[20]) que consistem na composição de poesias cujo destacado valor estético e ético tornam-nas mais valorizadas do que outras formas de capital (financeiro ou político, por exemplo) e possibilita a seus compositores identificarem-se e serem identificados como agentes de destaque em sua comunidade.

Essa perspectiva encontra referências em sociedades da Grécia Antiga, onde, ao lado do adivinho e do rei, o poeta era considerado Mestre da Verdade:

> A palavra cantada, pronunciada por um poeta dotado de um dom de vidência é uma palavra eficaz; ela institui, por virtude própria, um mundo simbólico-religioso que é o próprio real.
> [...]
> Sua "Verdade" é uma "Verdade" assertórica: ninguém a contesta, ninguém a contradiz. "Verdade" fundamental, diferente de nossa concepção tradicional, *Aletheia* [aquilo que é desvelado, em oposição a Lethe, o rio que causa o esquecimento na Mitologia Grega] não é a concordância de preposição e de seu objeto, nem a concordância de um juízo com outros juízos; ela não se opõe à "mentira"; não há o

[18] Frei Martinho de Nantes, *Relação de uma missão no Rio São Francisco*, p. 32.
[19] Antonio Carlos Robert Moraes, *O Sertão: um "outro"* geográfico, p. 2.
[20] Cfr. Hermano Roberto Thiry-Cherques, *Pierre Bourdieu: a teoria na prática*, p. 33-35.

> "verdadeiro" frente ao "falso". A única oposição significativa é a de *Aletheia* e de *Lethe*. Nesse nível de pensamento, se o poeta está verdadeiramente inspirado, se seu verbo se funda sobre um dom de vidência, sua palavra tende a se identificar com a "Verdade".[21]

Exemplo de poeta Mestre da Verdade na Grécia Antiga foi Homero, que Platão reconhece que é considerado "o educador da Grécia, e que é digno de se tomar por modelo no que toca a administração e a educação humana, para a aprender com ele a regular toda a nossa vida"[22] e a cujo respeito o helenista Werner Jaeger assim refere-se:

> A concepção do poeta como educador do seu povo – no sentido mais amplo e profundo da palavra – foi familiar aos Gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável desta concepção geral e, por assim dizer, a sua manifestação clássica. Convém levarmos a sério, o mais possível, esta concepção, e não restringirmos a nossa compreensão da poesia grega com a substituição do juízo próprio dos Gregos pelo dogma moderno da autonomia puramente estética da arte.
> [...]
> A poesia grega nas suas formas mais elevadas não nos dá apenas um fragmento qualquer da realidade; ela nos dá um trecho da existência, escolhido e considerado em relação a um ideal determinado.
> Por outro lado, os valores mais elevados ganham, em geral, por meio da expressão artística, significado permanente e força emocional capaz de mover os homens.
> [...]
> Daqui resulta que a poesia tem vantagem sobre qualquer ensino intelectual e verdade racional, assim como sobre as meras experiências acidentais da vida do indivíduo. É mais filosófica que a vida real [...], mas é, ao mesmo tempo, pela concentração de sua realidade espiritual, mais vital que o conhecimento filosófico.[23]

Detienne e Jaeger consideram que, diferentemente da "verdade racional", a "verdade poética" (ou "razão poética"[24]) não se funda na lógica formal mas na lógica poética: não apenas diz um mundo senão que "instaura um modo originário de ver o mundo"[25], a exemplo de poemas de Rogaciano Bezerra Leite, de São José do Egito, que em *Aos críticos* estimula valores relativos à liberdade que se sente ao poetizar no Alto Sertão do Pajeú:

---

[21] Marcel Detienne, *Os Mestres da verdade na Grécia Antiga*, p. 17 e 23 – grifei.
[22] Platão, *A República*, 606e – 607a.
[23] Werner Jaeger, *Paideia: a formação do homem grego*, p. 61 e 63 – grifei.
[24] Tomo essa expressão de empréstimo à filósofa María Zambrano, a cujo respeito remeto ao livro *Claves de La razón poética – María Zambrano: um pensamiento em el orden del tiempo*.
[25] Gerd Bornheim, *Filosofia e poesia*, p. 157, 162 e 163.

Senhores críticos, basta!
Deixai-me passar sem pejo,
Que o trovador sertanejo
Vai seu "pinho" dedilhar…
Eu sou da terra onde as almas
São todas de cantadores:
– Sou do Pajeú das Flores –
Tenho razão de cantar!

Não sou um Manuel Bandeira,
Drummond, nem Jorge de Lima;
Não espereis obra-prima
Deste matuto plebeu!…
Eles cantam suas praias,
Palácios de porcelana,
Eu canto a roça, a cabana,
Canto o sertão… que ele é meu![26]

Outro poeta criador do Sertão da Poesia é José Rufino da Costa Neto, conhecido como Dedé Monteiro, de Tabira/PE, cuja "verdade" consiste na virtude altiva característica do movimento filosófico conhecido como Estoicismo:

Nunca pensei na velhice
Mas a danada chegou
E o seu fantasma me disse
Que o tempo bom acabou
E o mesmo tempo, sisudo
Me quis despojar de tudo
Desmoronando os meus planos
E, pra maior pesadelo
Jesus pintou meu cabelo
Com a tinta branca dos anos

O tempo passa veloz
Deixando tudo em desgraça
Nós nem pensamos em nós
Tão veloz o tempo passa
Eu mesmo em mim só pensei
Depois que velho fiquei
Depois de mil desenganos
Já não represento nada
Tendo a cabeça pintada
Com a tinta branca dos anos

Tudo na vida se acaba
A mocidade, também

[26] Rogaciano Leite, *Aos críticos*, em *Carne e alma*, p. 22.

A juventude desaba
Quando a caduquice vem
Sinto que a morte me afronta
E que a consciência conta
O meu tempo entre os humanos
Vejo os meus dias contados
Nos meus cabelos pintados
Com a tinta branca dos anos

A tinta que o tempo bota
Sobre a cabeça da gente
É d'uma que não desbota
Permanece eternamente
Tem gente que compra tinta
Mete na cabeça e pinta
Só pra nos causar enganos
Mas é besteira do povo
Depois sai cabelo novo
Com a tinta branca dos anos[27]

Exemplo de palavra poética que cria um modo de vida é a verve de João Batista de Siqueira, conhecido como Cancão, de São José do Egito:

O sertão

Sertão rude das secas causticantes
Esfumadas montanhas comburidas
As pessoas, com fome, perseguidas
Afastam-se de ti como emigrantes

Aventureiras, pedestres, viandantes
Muitas vezes demais desprotegidas
Mesmo algumas que são favorecidas
Sentem algo viverem tão distantes

E um dia, movidas de saudade
Deixam pão, deixam lar, felicidade
Em regresso, buscando seu torrão

Como a ave que foge da gaiola
Voa, canta, porém só se consola
Quando volta de novo pra prisão[28]

Aliás, como o pesquisador Ulisses Lins de Albuquerque assevera, a verve de Cancão ilustra a intensidade poética que caracteriza o Sertão da Poesia:

[27] José Rufino da Costa Neto (Dedé Monteiro), *Retalhos do Pajeú*, p. 28-29.
[28] João Batista de Siqueira (Cancão), *O sertão*, em *Palavras ao plenilúnio*, p. 50.

> JOÃO BATISTA DE SIQUEIRA, vulgo Cancão, autor dos versos enfeixados nesta brochura, é natural do Município de S. José do Egito, Pernambuco, limítrofe com o de Teixeira, na Paraíba, ambos encravados nos contrafortes da famosa cordilheira da Borborema, cuja região, que compreende os dois Estados, em parte, é por sinal o maior viveiro de poetas – sobretudo cantadores, estes os mais célebres dos sertões do Nordeste.[29]

Também assim assinala o pesquisador Francisco Coutinho Filho:

> A região que começa nas circunvizinhanças das terras paraibanas do Piancó e se estende ao município pernambucano de São José do Egito e aos seus confinantes, abraçando os dois Estados e unindo-os no mesmo destino [...] é a terra de nascimento dos cantadores famosos, dos grandes repentistas do nordeste, dos verdadeiros mestres, ainda hoje consagrados na lembrança e no culto das gerações contemporâneas.[30]

Daí porque, em uma perspectiva que atende à necessária delimitação geográfica e não desconsidera a presença da poesia em outros sertões do Nordeste brasileiro (a exemplo do Sertão do Jaguaribe[31] - ambos no Estado do Ceará[32] –, do Sertão do Curimataú[33] – no Estado da Paraíba[34] – e do Sertão do Seridó e do Sertão do Assu[35] – ambos no Estado do Rio Grande do Norte), em termos geográficos o Sertão da Poesia abrange o Sertão do Sabugi[36], o Sertão do Piancó[37], o Sertão do Espinharas, o Sertão do Kariri[38] Ocidental (também conhecida como Cariri Velho[39]), o Sertão do Teixeira (todos

---

[29] Ulisses Lins de Albuquerque, *Um cantor sertanejo*, em João Batista de Siqueira, *Musa sertaneja*, p. 3 – grifei..

[30] Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 17-18 – grifei.

[31] "JAGUARIBE – [...] de **jaguar-y-pe**, no rio da onça" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 74).

[32] "CEARÁ – [...] topônimo originário do nome de alguma tribo cariri; do cariri **ce**, pessoa de classe superior, e **ará**, homem macho, viril" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 42).

[33] "CURIMATAÚ – [...] rio que nasce na serra de Borborema; de **curimatá-y**, rio dos curimatás ou curimbatás" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 46); "**kurimatá** (ou **kurimatã**) (etim. – *curimã duro*) [...] nome comum a peixes da família dos caracídeos, com mais de vinte espécies em todo o Brasil. São também chamados [...] CURIMATAÚ [...]" (Eduardo Navarro, *Dicionário...*, p. 244).

[34] "PARAÍBA – [...] de **pará-aiba**, mar ou rio ruim, impraticável" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 93); "**paraíba** (etim. – *rio ruim*) (s.) – nome de um antigo grupo indígena" (Eduardo Navarro, *Dicionário...*, p. 372).

[35] "**Assu**, adj. grande, considerável" (Teodoro Sampaio, *O Tupi na geografia nacional*, p. 113); "**açu**, **guaçu** [...] Grande, importante" (Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*, p. 45).

[36] "**Sabuji** (voc. ind. talvez derivado de *eça-ponji*: olho d'água rumoroso" (Coriolano de Medeiros, *Dicionário...*, p. 221).

[37] "PIANCÓ – rio e cid. da Paraíba; de **apyã-có**, roça da ladeira, roça da escarpa" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 96).

[38] "CARIRY corr. **Kiriri**, adj. taciturno, silencioso, calado" (Teodoro Sampaio, *O Tupi na geografia nacional*, p. 219).

estes no Estado da Paraíba), o Sertão do Moxotó[40] e o Alto Sertão do Pajeú (estes dois últimos no Estado de Pernambuco[41]).

Nesse contexto, a região de Teixeira foi considerada a "Atenas dos Cantadores"[42] e a região do Alto Sertão do Pajeú é conhecida como Vale dos Poetas[43] – de que fazem parte o Município de Itapetim/PE[44] (conhecido como "Ventre imortal da poesia"[45]), o Município de Tuparetama/PE[46] (que tem as ruas tomadas por poesias), o Município de Tabira/PE[47] (conhecido como "Capital da poesia"[48] e o Município de São José do Egito (conhecido como "Berço imortal da poesia"), porquanto a poesia é um dos fundamentos do modo de vida de seus habitantes:

Fig. 1 – Jornal Brasil de Fato



Fonte: site Brasil de Fato, 24/09/2016

---

[39] O Cariri Velho corresponde à região paraibana cortada pela Serra da Borborema, enquanto o Cariri Novo (assim denominado porque foi colonizado posteriormente àquele) corresponde à região do Estado do Ceará cortada pela Serra do Araripe, da qual fazem parte, dentre outros, os municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

[40] "*Moxotó* quer dizer *rio* (ou planície) *de índios bravios*. *Moxó* – índios bravios; e *tó* – rio ou planície" (Ulisses Lins de Albuquerque, *Moxotó brabo*, p. 159).

[41] "PERNAMBUCO – [...] de **praná-mbuca**, furo de mar, recife" ((Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 95); "**Pernambuco**, corr. *paranã-buc*, ou *paranã-puca*, o mar quebra, ou o mar arrebenta, isto é, quebra-mar, em alusão ao recife" (Teodoro Sampaio, *O Tupi na geografia nacional*, p. 146).

[42] Cfr. Pedro Baptista, *Athenas de cantadores*, passim. Atualizando o termo grafo-o *Atenas*.

[43] Cfr. Documentário *Vale dos Poetas* (vols. I e II) (PE, 2002, 21 min.), de Marcílio Brandão – Produtora Página 21; Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 17-18; Mário Souto Maior e Waldemar Valente, *Introdução* em *Antologia da poesia popular de Pernambuco*, p. 10 e Luís Wilson, *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão*, p. 21-22.

[44] "Luiz Caldas Tibiriçá (1997) explica vir de *itapé-tinga*, ou seja, laje branca. Mas em *A Origem dos Nomes dos Municípios Paulistas* (2003), Perri Ferreira e Ênio Squeff, analisando Itapetininga, entendem por 'pedra chata seca', isto é, laje seca. Curiosamente, José de Almeida Maciel (antes dos dois, em 1938), também se referindo à cidade paulista, traz o verbete 'laje branca, laje enxuta, passagem, vasa', unindo as duas acepções" (Homero Fonseca, *Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades*, p. 144).

[45] Cfr. Marcos Nunes Costa e Saulo da Silva Passos, *Itapetim: "ventre imortal da poesia"*.

[46] "Terra de Deus – o céu' (*Tupã*: entidade divina dos tupis, criador dos trovões, mais *retama*: região, terra)" (Homero Fonseca, *Pernambucânia*, p. 229).

[47] "Segundo Mário Melo, citando Teodoro Sampaio e Alfredo de Carvalho, é uma corruptela de *ita-bir*, 'penha empinada ou erguida', ressaltando, entretanto, a possibilidade de vir diretamente de *ta-bira*, 'o tronco em pé'" (Homero Fonseca, *Pernambucânia*, p. 221).

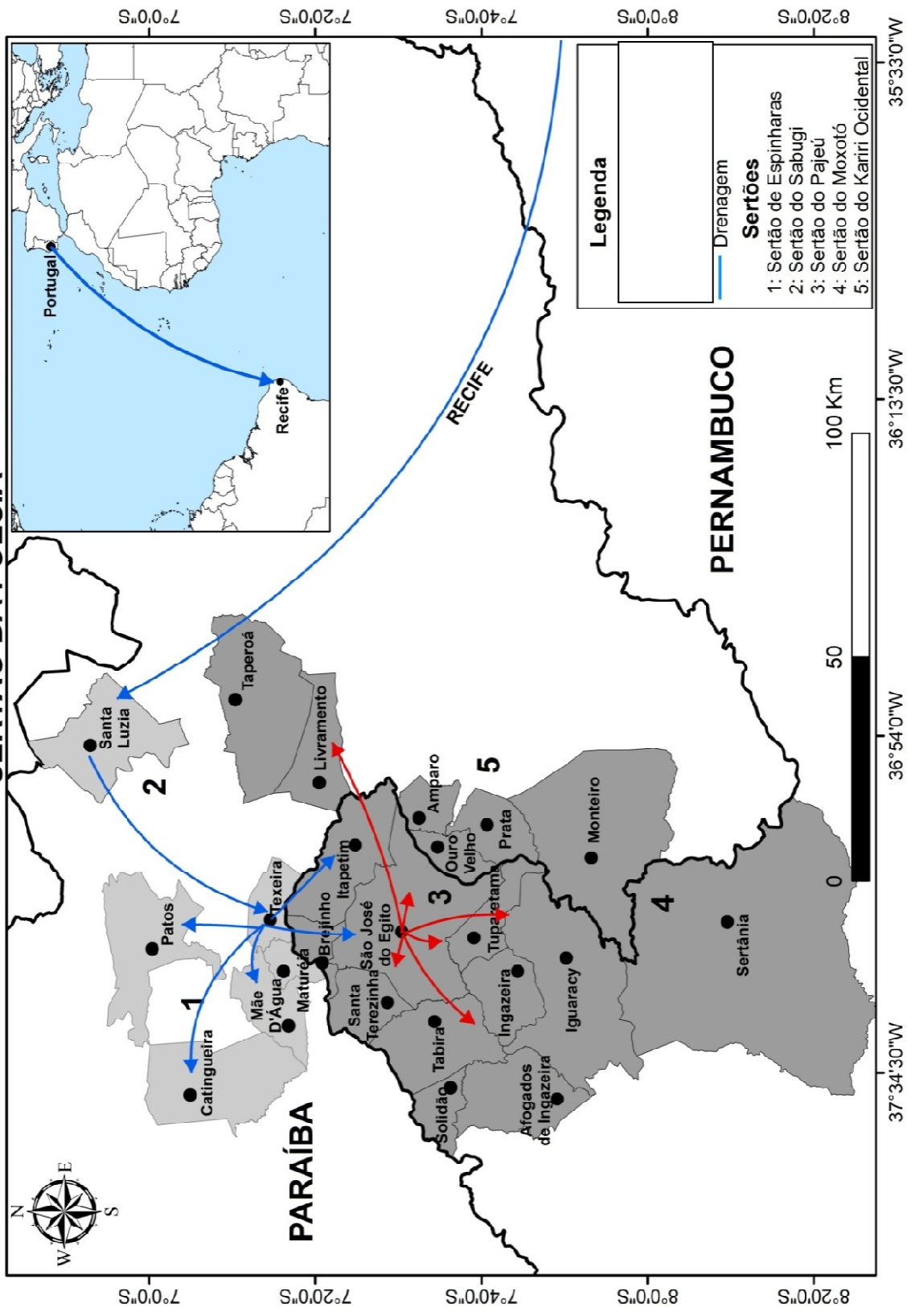
[48] Cfr. Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco – Lei nº 1408/2017.

Fig. 2 – Jornal Diário de Pernambuco



Fonte: site Diário de Pernambuco – CuriosaMente

A seguir apresento um mapa do Sertão da Poesia indicando a vinda da poesia íbero-árabe a partir da Península Ibérica em direção ao litoral pernambucano à época da colonização do Brasil e, a partir do início do séc. XIX, sua vinda daí em direção ao Sertão do Sabugi (nomeadamente para a então Vila de Santa Luzia do Sabugi, atualmente Município de Santa Luzia/PB), de onde, a partir de meados desse século, proveio para a então Vila de Teixeira e daí, no final desse mesmo século, para a então Vila de São José do Egito.



Mapa elaborado por Lindoaldo Campos e Matheus Dantas

Nesse momento é oportuno assinalar que o Sertão do Pajeú consiste em região localizada na parte central do Estado de Pernambuco cujo nome advém do Rio Pajeú, que possui a maior bacia hidrográfica do Estado, tem nascentes na serra da Balança (pertencente ao Planalto da Borborema), no Município de Brejinho/PE (próximo à divisa com o Estado da Paraíba) e, após percorrer cerca de 353 km, deságua no Município de Itacuruba/PE, onde se encontra com o Rio São Francisco.

Ainda a esse respeito vale dizer que a partir de suas nascentes o Sertão do Pajeú divide-se em Alto, Médio e Baixo Sertão do Pajeú e que o Alto Sertão do Pajeú compõe-se dos seguintes municípios: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Carnaíba, Iguaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Terezinha, São José do Egito, Solidão, Tabira e Tuparetama.

Também vale dizer que, no período que se estende dos primórdios da colonização desta região ao final do século XIX, a grafia utilizada nos documentos é Pajhau e, mais comumente, Pajaú[49], topônimo que, segundo o historiador Baptista de Siqueira, não pertence à Língua Tupi (em que seria Pajeú), mas à Língua Kariri e possui o significado de "rio do feiticeiro" ou "rio feiticeiro"[50], de Pajá = sacerdote, médico, cantor e adivinho (com o mesmo sentido de Pajé[51]) + u = água, líquido:

> [Na palavra *dzú*, da Língua Kariri] o sufixo *ú* exprime, por elisão, a raiz *dzu*, interligada à água. Por isso tivemos dúvida de que, no princípio, o topônimo pernambucano *Pajaú* estivesse confundido com *Pajeú*, hibridismo adotado por evolução, como originário de *Pajé*. Assim pensava [Henrique G. F.] Halfeld quando seguiu a pronúncia generalizada entre os caboclos da região.
> Nesse caso "rio – feiticeiro", talvez porque corre para o Ocidente (acima), procederia, ao que tudo indica, de *Paiá* ou *Pajá*, por redução do nome da tribo dos *Payáyá*, que serafim Leite identifica com os ameríndios denominados Cariris.
> [...]
> Hipótese bastante auspiciosa vem desafiando os estudiosos

[49] Cfr. Jornal O Liberal (PE), de 21 de abril de 1872 – Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=717606&pesq=Paja%C3%BA&hf=memoria.bn.br&pagfis=7. O mais antigo documento sobre o Pajaú é a informação que em 1609 o Secretário do Conselho Ultramarino prestou a respeito de uma representação anônima sobre os sertões (AHU – Projeto Resgate – Bahia – Eduardo de Castro e Almeida – Cx. 3 – Doc. 341) e o mais antigo documento cartográfico é o *Mapa da Região compreendida entre o rio Amazonas e São Paulo*, de 1722 (AHU – Projeto Resgate – Bahia – Eduardo de Castro e Almeida – Cx. 3 – Doc. 341).

[50] Luiz Caldas Tibiriçá assinala que o termo Pajeú "pode ser, também, originário do nome de uma planta do Nordeste": a *Triplaris gardneriana* Wedd. – sinônimo: *Triplaris pachau* Mart. –, também conhecida como Pau-formiga, que ocorre de forma natural na caatinga, com alta frequência nos vales formadores do Rio São Francisco" (*Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi*, p. 92).

[51] Cfr. Gonçalves Dias, *Dicionário de Tupi*, p. 54

> especializados: a suposição de que o nome do Rio que corre rumo ao Ocidente (ao contrário dos demais, o *Pajau*) é originário de *Paiá-u*. Com efeito, os naturais e os caboclos pronunciavam sempre *Pajaú*. Desse modo Halfeld, em 1850, firmou a prosódia do povo, fugindo da alusão causada pela assimilação (Pajé).
> [...]
> Nesse caso Pajaú viria de *Paiá*, feiticeiro em Cariri, e não de Pajé, originário do Tupi.[52]

Dessa forma, embora respeite a grafia original dos documentos que transcrevo, acolho as observações de Baptista de Siqueira e doravante grafarei Pajaú (não obstante a circunstância de que os indígenas possivelmente vocalizassem *paié*[53], *paiá* e *paiaú*), tendo em mira, ademais, que noutros lugares de relevante interesse histórico mantêm-se essa denominação[54].

Após essas considerações, cumpre analisar aspectos que contribuíram / contribuem para que Teixeira e São José do Egito sejam considerados centros do Sertão da Poesia.

1.2 A presença indígena em Teixeira

À vista da poética que caracteriza as regiões de Teixeira e São José do Egito, no prefácio que escreveu ao *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão* (1985), de Luís Wilson, o pesquisador José Luiz Delgado questiona:

> O que faz daquela região de São José do Egito e Serra do Teixeira um mundo assim encantado, singularíssimo, sem igual em todo o sertão? Será um problema para sociólogos, historiadores, antropólogos, especialistas dos mais diversos saberes.[55]

Um fio condutor para uma verossímil resposta a essa questão encontra-se no espanto que o pesquisador Rodrigues de Carvalho assim expressa em seu *Cancioneiro do Norte* (1903):

> É digno de observação serem os lugares montanhosos os em que há abundância dos melhores trovadores: – na Paraíba, os

[52] Baptista Siqueira, *Os Cariris do Nordeste*, p. 36, 134 e 230 – grifei.
[53] Cfr. Eduardo Navarro, *Dicionário de Tupi Antigo*, p. 368 – que observa, ademais, que "também existia a forma **maié**, certamente a forma absoluta de **paié**. Aquela deve ter caído em desuso já no século XVI".
[54] A exemplo da Toca da Entrada do Pajaú, sítio arqueológico que destaca-se pelo fato de resguardar as pinturas mais antigas da Tradição Nordeste, com cerca de 9000 a 12000 ap (*afterpresent* = antes do presente), localizado no Parque Nacional Serra da Capivara (Piauí).
[55] José Luiz Delgado, *Prefácio*, em Luís Wilson, *Roteiro...*, p. 15.

> Brejos e a Vila do Teixeira; no Rio Grande do Norte, a Serra do Martins; em Pernambuco, Pajeú de Flores; no Ceará, o Crato (Cariris), Baturité e Ibiapaba.[56]

Essa observação conduz ao fato de que foram nos lugares montanhosos que os indígenas buscaram refúgio por ocasião da invasão das terras em que viviam nos sertões do Nordeste brasileiro, o que se evidencia pela toponímia que Rodrigues de Carvalho registra e que se relaciona a diversos lugares que compõem o Sertão Poesia, dentre os quais Borborema[57], Sabugi, Kariri, Moxotó, Pajaú, Matureia[58], Catingueira[59], Taperoá[60], Itapetim, Tuparetama, Tabira, Iguaraci[61] e Ingazeira[62], razão pela qual é necessário evidenciar não apenas sua presença física mas também sua presença poética na perene criação desse discurso como contribuição para o conhecimento e a afirmação de sua / nossa identidade étnico-cultural.

Iniciemos por Teixeira, município conhecido como "berço do repente"[63] e "centro sertanejo da poesia popular"[64] porque aí nasceram e residiram alguns dos primeiros e mais renomados poetas populares dos sertões do Nordeste brasileiro, como assevera o pesquisador Luís Wilson no predito *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão*:

> Só a antiga vilazinha do Teixeira, no alto, nos alcantis, nos araxás ou numa aba da serra do mesmo nome (Sertão do Estado da Paraíba), nos deu no século passado tantos e tão grandes violeiros [...]
> No Teixeira ("Provença do Brasil" no século XIX) viveu também sua infância e parte de sua adolescência – Leandro Gomes de Barros (Pombal, PB, 19.03.1865 – Recife, 04.03.1918), um de nossos maiores poetas de "bancada" em todas as épocas, como [Francisco] Chagas Batista e João Martins de Ataíde (Ingá, PB, 1880 – Recife,

---

[56] Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, p. 355 – grifei.

[57] "Borborema – **por-por-eyma**, procedente de **pora-pora-eyma**, que significa privado de moradores, sem habitantes (**pora**); o deserto, a solidão, o sertão" (Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, p. 208 – cfr. tb. p. 131, nota 85 e nr 147).

[58] Proveniente de maturi, "nome da castanha de caju quando verde, com a qual se preparam iguarias" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 85).

[59] De "katinga", "*nhaca enjoativa*, a***by'aka*** **+** ***ting-a*** (s.) – mau cheiro, **CATINGA**, fedor, cheiro desagradável, nauseabundo" (Eduardo de Almeida Navarro, *Dicionário...*, p. 223).

[60] "TAPEROÁ [...] var[iedade] de árvores silvestres" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 108).

[61] "A interpretação prevalecente para Iguaraci é sol [...] Como já havia uma cidade em São Paulo com esse nome, foi adotada a forma iguaraci" (Homero Fonseca*, Pernambucânia*, p. 139).

[62] "[Ingazeira] é vocábulo híbrido tupi-português: juntando *i'ng*, *ingá*, que quer dizer 'úmido, ensopado, fruta cheia d'água', com o sufixo em português eira" (Homero Fonseca, *Pernambucânia*, p. 141).

[63] Orlando Tejo, *Zé Limeira, Poeta do Absurdo*, p. 38.

[64] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, p. 78.

> 1959).
> Ainda daquele mundo de célebres violeiros ou cantadores (a "Catingueira" ficava a 60 ou 65 quilômetros para o poente da vilazinha do Teixeira) era o negro escravo de Manuel Luís de Abreu, trabalhador do eito ou do cabo da enxada e analfabeto – Inácio da Catingueira –, para alguns dos estudiosos de nossa poesia popular o maior cantador do seu tempo.[65]

O Município de Teixeira localiza-se no Planalto da Borborema, em brejo de altitude (área ambiental de exceção nos sertões caracterizada "pela topografia mais elevada, expressão espacial relativamente reduzida e processos naturais distintos daqueles predominantes no seu entorno"[66]) com altitude média de 732m.

Sobre Teixeira consta da *Enciclopédia dos municípios brasileiros* publicada pelo IBGE:

> TEIXEIRA
> HISTÓRICO – Várias são as opiniões a respeito dos primeiros momentos da existência de Teixeira. Para o historiógrafo Coriolano de Medeiros, em seu "Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba", foi o capitão Francisco da Costa Teixeira seu fundador, no ano de 1761, quando o mesmo, vindo de Mamanguape, estabelecera-se no território. Daí, segundo se depreende, o nome do município provém do sobrenome do referido capitão. Há, porém, quem afirme ser esse cidadão chamado de Antônio Teixeira.
> Contudo, sabe-se que o fundador real do povoado foi outro proprietário [vindo de Santa Luzia do Sabugi – atual Município de Santa Luzia/PB], o sertanista pernambucano Manuel Lopes Romeu, o qual, juntamente com seu irmão de nome João Leitão, fundou o povoado de Canudos, que, com o correr dos tempos, passou a chamar-se Serra do Teixeira, abreviado para Teixeira.[67]

Todavia, as primeiras narrativas sobre as terras que atualmente compõem o Município de Teixeira (para evitar anacronismos, doravante essa circunstância está implícita quando neste Capítulo referir-me aos nomes atuais de lugares) datam da segunda metade do séc. XVII, quando, após o término da ocupação holandesa em Pernambuco, os portugueses intensificaram o processo de invasão dos "sertões de dentro" (ou seja, da região Centro-Sul do Nordeste, assim denominada para diferenciá-

[65] Luís Wilson, *Roteiro...*, p. 23.
[66] Jacimária Fonseca de Medeiros e Luiz Antônio Cestaro, *As diferentes abordagens utilizadas para definir brejos de altitude, áreas de exceção do Nordeste brasileiro*, p. 97 e 113.
[67] Haroldo Escorei Borges, verbete *Teixeira* constante da *Enciclopédia dos municípios brasileiros* – vol. XVII, organizada e publicada pelo IBGE, p. 408. Como este pesquisador assinala, trata-se de versão do verbete *Teixeira* publicado por Coriolano de Medeiros em seu *Dicionário corográfico da Paraíba*, p. 258-262.

la dos "sertões de fora", região Centro-Norte do Nordeste) com os objetivos de estabelecer a pecuária[68], encontrar minérios[69] e escravizar indígenas.

Segundo o memorialista teixeirense Frei Hugo Fragoso, nessa época em Teixeira vivia o povo indígena Xukuru[70] (etnônimo que em documentos antigos também é grafado Chacurus, Chiquirus, Jocurus, Sucuru, Shucuru, Šucuru, Xacuru, Xicuru, Xucururus e Xucuru e que em sua língua significa "raça, tribo"[71]).

A invasão dessas terras ocorreu a partir de duas vertentes (ambas passando pelo Rio Pajaú): uma no sentido Sul-Norte partindo do Rio São Francisco e percorrida por bandeirantes baianos e paulistas e outra no sentido Leste-Oeste partindo do litoral e passando pelo Rio Paraíba, percorrida por sesmeiros da Casa da Torre (administradora de terras vinculada à Coroa Portuguesa) como Antônio de Oliveira Ledo aproximadamente em 1663[72] e intensificada por seu sobrinho Teodósio de Oliveira Ledo, que em 1696, em meio à chamada "Guerra dos Bárbaros", assassinou centenas de indígenas Xukuru na Serra do Teixeira:

> Quando João do Rego Barros, natural de Olinda, sucedeu Mathias de Albuquerque Maranhão em 1663, ordenou que Theodósio de Oliveira Ledo [sic: Antônio de Oliveira Ledo] organizasse uma bandeira que chegasse à região do Planalto da Borborema, por lá estavam os "ariús", "camoiós" e "sucurus" que se abrigavam nesta região. A região do Planalto da Borborema e Serra de Teixeira foi conquistada por Theodósio de Oliveira Ledo por volta de 1696 [...]
> Com a região do Planalto da Borborema controlada, Theodósio de Oliveira Ledo dirigiu-se para as regiões dos sertões da Serra de Teixeira, por lá estavam cerca de mil e oitocentos "sucurus" [...] Ao

[68] Daí porque o historiador Capistrano de Abreu denomina esse período de "época do couro" (*Capítulos da história colonial*, p. 133).

[69] Cfr. Ofício do Governador da Capitania de Pernambuco ao Secretário de Estado da Marinha e Ultramar sobre "os descaminhos do ouro de Piancó e Pajeú" (AHU – ACL – CU – 015 – Cx. 121 – Doc. 9244 (1) – Disponível em http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=015_PE&pesq=moxot%C3%B3&pagfis=89325) e Carta do Governador da Paraíba ao Rei D. José I "dizendo ter encontrado ouro no sítio chamado Aguiar, junto à serra da Borborema" (AHU_ACL_CU_014, Cx. 23\Doc. 1790 (1) – Disponível em http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=014_PB&pesq=borborema&pagfis=15420).

[70] Cfr. Frei Hugo Fragoso, *O vigário Bernardo, reflexo da face do povo teixeirense*, p. 90.

[71] Tomás Pompeu Sobrinho, *Línguas tapuias desconhecidas do Nordeste: alguns vocabulários inéditos*, p. 16. Para Coriolano de Medeiros, o etnônimo Xukuru é "talvez contração de *eçá-curú*: olhar de cobra" (*Dicionário...*, p. 251), no que é acompanhado por Luiz Caldas Tibiriçá (*Dicionário...*, p. 105) e Horácio de Almeida (*História da Paraíba*, vol. 1, p. 314), para quem trata-se de alteração de sucuri, "a cobra que atira o bote".

[72] Cfr. Yony Sampaio, *A Casa da Torre e o sertão de Pernambuco*, p. 22 e 36, José Octávio, *História da Paraíba: lutas e resistência*, p. 73-74, *Documentos históricos 1664 – 1667, Provisões, patentes, alvarás, sesmarias, mandados, etc.*, vol. 22, p. 62-67, SILB PB 1141 e Wilson Seixas, *Casa da Torre e bandeirantismo na conquista do sertão*, p. 63.

> chegar à Serra de Teixeira, ele exterminou o maior número possível de índios "sucurus", os que escaparam do massacre foram aprisionados, castigados e mais tarde levados a núcleos como Açu, Piranhas e Araçagi (esta, hoje cidade localizada no brejo paraibano).[73]

Acerca de outro morticínio de indígenas vale registrar que o próprio Teodósio de Oliveira Ledo assinalou sua crueldade em carta de 6 de agosto de 1698 dirigida ao Governador da Paraíba Manoel Soares de Albergaria, onde narra que, em luta no lugar denominado Apodi (atual Município de Apodi/RN), no final da refrega "se acharam por parte do inimigo trinta e dois mortos e setenta e duas presas e muita quantidade de feridos e da nossa parte não perigou nenhum e só me feriram seis homens. E das presas mandei matar muitas por serem incapazes"[74].

Exultante, o Governador Manoel Soares de Albergaria apressou-se em enviar essas notícias ao Imperador de Portugal D. Pedro II, que em resposta repreendeu severamente Teodósio de Oliveira Ledo:

> Havendo visto a carta que me destes do bom sucesso que se teve na Campanha com os índios nossos inimigos nos sertões do distrito das Piranhas e Piancó em que o Capitão-mor delas Teodósio de Oliveira Ledo se tinha havido com muito valor e disposição e trazido consigo uma nação de tapuias chamados Ariús, que estavam aldeados junto aos Cariris onde chamam Campina Grande que queriam viver como meus vassalos e reduzirem-se à nossa Santa Fé me pareceu estranhar mui severamente o que obrou Teodósio de Oliveira Ledo em matar a sangue frio muitos dos índios que tomou na guerra, porque suposto em súcia eram incapazes isto não há ser conveniente usança com eles de toda a piedade por que o exemplo do rigor que com eles executou seria dar ocasião a fazer aos mais nossos contrários vendo a nossa impiedade; e se faz este caso digno de um exemplar castigo e enquanto a criação do arraial me pareceu dizer-vos se aprova o que

---

[73] Angelita Alves e Dominick Sousa, *A guerra dos bárbaros na Capitania Real da Paraíba*, p. 28-29 e 31 – grifei. Também assim noticia Afonso Taunay: "Prosseguindo, atingiu o capitão-mor [Teodósio de Oliveira Ledo] a confluência do [rio] Paraíba com o [rio] Taperoá e seguiu pelo vale deste em direção ao Norte. Entre o riachão Timbaúba e o de Santa Cruz encontrou os Cariris (provavelmente Sucurús) a lhe embargar o passo" (*A Guerra dos Bárbaros*, p. 22-23). Este morticínio foi assim registrado pelo cordelista Medeiros Braga:

Teodósio, o bandeirante
Na região do Teixeira
Com o seu poder de fogo
E de forma rapineira
Deixou mortos nos paús
Novecentos sucurus
Sem a menor choradeira

(*Colonização da Paraíba: Teodósio de Oliveira e Domingos Jorge Velho, dois algozes de índios e negros*, p. 15. *Paús*: var. de pauis, plural de paul, terreno alagadiço)

[74] Transcrita por Wilson Seixas em *O velho Arraial de Piranhas (Pombal)*, p. 140.

> nesta parte se assentou, pois se entende que se escolheria o que tivesse por mais conveniente.
> Escrita em Lisboa em 16 de setembro de 1699.
> Rei[75]

1.2.1 Itan: símbolo da continuidade da presença Xukuru em Teixeira

Não obstante o morticínio causado pelos invasores, os Xukuru permaneceram na região do Teixeira., como registra o historiador teixeirense Pedro Baptista:

> As opiniões dividem-se: para uns, foi o posseiro da antiga Data da Conceição ou mesmo o donatário da Data de Sant'Ana [Antônio Teixeira de Mello] o tronco principal das famílias primitivas [de Teixeira] [...] Para outros, fora o casal Lopes Romeiro-Verônica, João Leitão, irmão desta de par com o Rego Barros, os primeiros fixadores da terra. Este Rego Barros, o *coronel*, é o pai de duas moças raptadas pelos Sucurus e reavidas após luta, e quando já eram elas portadoras do sangue caboclo, este fato está assinalado pelo batismo de um riacho que engrossa o rio da Cruz, o *Riacho das Moças*.[76]

Outros elementos que atestam a presença Xukuru em Teixeira são narrativas a respeito de Itan, personagem à qual o historiador teixeirense Antônio Xavier de Farias assim refere-se:

> Pouco antes do descobrimento do Teixeira, ou mesmo por ocasião dele, deu-se no seu território um fato interessante.
> A tribo Cariry, que habitava a região de seu nome, nos Cariry Velhos, abriu luta contra a tribo dos Sucurús, que habitava o riacho Sucurú, afluente do Paraíba, hoje município de Alagoa do Monteiro [atual Monteiro/PB], neste Estado, pelo seguinte fato: um filho dos Sucurús

---

[75] Irineu Pinto, *Datas e notas para a história da Paraíba*, p. 93. O termo "tapuia" não consiste em etnônimo, ou seja, não designa um povo indígena, mas em qualificativo genérico usado para designar os indígenas que viviam nos espaços para além do litoral e equivale a "inimigo": "**Tapuia** – [...] indígena de grupo tribal não tupi; índio não falante do tupi da costa" (Eduardo Navarro, *Dicionário...*, p. 464). Como assinala Cristina Pompa, "a noção de *tapuia* constrói-se assim colada à noção de *sertão*, espaço do imaginário em que se desloca, cada vez mais longe, a alteridade bárbara que a conquista e a colonização vão incorporando aos poucos, em posição subalterna, ao mundo colonial" (*Religião como tradução*, p. 228).

[76] Pedro Baptista, *Cônego Bernardo*, p. 12-13 – grifei. Em apoio a essa afirmação vale assinalar que o Riacho das Moças foi citado em requerimento de sesmaria apresentado em 1770 como lugar "onde se acham umas casas dos gentios que se acham dispersos de suas vilas" (Cfr. João de Lyra Tavares, *Apontamentos para a história territorial da Paraíba*, p. 347-348), possivelmente indígenas Xukuru que escaparam das investidas dos invasores de suas terras. A narrativa de Pedro Baptista também é referida por Antônio Xavier de Farias no artigo *Teixeira*, onde assinala que "a sua descendência, delas, porém, confirmando as leis da hereditariedade, produziram uma raça de caboclos medianos e atrasados. Ainda hoje povoam o referido lugar os Limeiras, os Sambinhas, os Calangos, tudo gente intelectual e até fisicamente inferior em sua maioria, pois, além de muito feios, possuem um físico desajeitado e disforme" (p. 68).

> raptou Itan, filha do cacique Cariry, porque este se opunha ao casamento dos dois e, fugindo com ela, veio ter ao lugar onde é hoje o sangradouro da represa de Poços, a 7 quilômetros desta vila [de Teixeira]. O velho Cariry reuniu os seus guerreiros e, encontrando-se com os noivos e outros guerreiros seus amigos, travou com eles terrível combate, que durou dois a três dias.
> Os Sucurús foram derrotados, e o velho cacique, pegando os noivos, deitou-os numa pedra e lhes atirou fogo!
> Até há poucos anos ainda se conservavam naquela pedra os vestígios de tão terrível chacina. O restante dos Sucurús, destroçados, vieram habitar o lugar chamado hoje Sucurú, a três léguas desta vila e ao qual deram o nome.[77]

A esse respeito, em 1954 o antropólogo William Hohenthal obteve informações com indígenas Xukuru da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE) sobre a Serra das Moças localizada "no limite do Estado da Paraíba"[78] e considerada "o coração das Serra de Teixeira pela sua extraordinária fertilidade"[79].

Possivelmente é nessa Serra das Moças onde localiza-se o Riacho das Moças, assim denominado, como dito, em alusão a duas filhas do coronel Rego Barros (que dá nome ao sítio Coronel, em Teixeira) raptadas pelos Xukuru e reavidas grávidas[80].

Na Serra das Moças localiza-se o referido lugar Sucuru, na divisa entre os municípios de Teixeira e Matureia/PB, que consta da *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado da Paraíba* (recenseamento realizado em 1920[81]) e onde residiu o poeta teixeirense Nicandro Nunes da Costa[82], como é possível concluir das seguintes glosas compostas respectivamente por seu irmão Hugolino Nunes da Costa e seu amigo Bernardo Nogueira de Carvalho:

> Guardem decoro a Ugolino
> Nessa Província do Norte
> Nem a faca com seu corte
> Não me tira esse destino

---

[77] Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 69-70 – grifei. Com ligeiras alterações, essa narrativa foi transcrita por Coriolano de Medeiros no artigo *Os sertões paraibanos* (reproduzida por Gustavo Barroso no livro *Heróis e bandidos*, p. 54) e por Irineu Joffily em *Notas de viagem da Villa de São João do Cariry e do Monteiro*, p. 233-234. Para o termo indígena "itã" Antônio Geraldo da Cunha apresenta o seguinte significado: "molusco bivalve [ou seja, cuja concha é constituída por duas partes articuladas] cuja concha era utilizada como cuia pelos indígenas; concha bivalve que se encontra nas areias dos rios" (*Dicionário histórico...*, p. 158).

[78] W. Hohenthal, *Notes on the Shucurú...*, p. 106.

[79] Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 68.

[80] Cfr. Pedro Baptista, *Cônego Bernardo*, p. 12-13 – grifei.

[81] Cfr. *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado da Paraíba* (recenseamento realizado em 1920), p. 314, n. 223.

[82] Cfr. Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes ibéricas, mouras e judaicas do Nordeste*, p. 51.

> Homem, mulher e menino
> Gostam de ver divertir
> Amâncio no Cariri
> Ismael no Pajeú
> Nicandro no Sucuru
> E Ugolino no Sabugi
>
> Para glosar só Nogueira
> Do sertão até o sul
> No Brejo, o Pedra Azul
> Romano aqui no Teixeira
> Silvestre na Cajazeira
> Nicandro no Sucuru
> Mas no resto do Pajeú
> Nem Germano da Lagoa
> Pois não respeita *lamproa*
> Nogueira no Mulungu[83]

Por seu turno, também referindo-se a um personagem de nome Itan, no artigo *Notas de viagem da Villa de São João do Cariry e do Monteiro* (1922) o historiador paraibano Irineu Joffily publicou a seguinte narrativa que lhe foi repassada pelo teixeirense Cônego Bernardo de Carvalho Andrade:

> É ainda de crer que os Sucurús não dominassem somente todo o território banhado pelo rio do seu nome [Rio Sucuru, afluente do Rio Paraíba que nasce no Município de Prata/PB], mas também o adjacente, que forma hoje o termo do Teixeira.
> Pelo menos é esta a opinião do ilustrado sr. Cônego Bernardo de Carvalho Andrade, fundada em uma tradição e em uma lenda.
> A tradição diz que os Sucurús habitaram também as sombrias matas das imediações da vila do Teixeira, particularmente o lugar Poços, onde existe hoje o importante açude público, construído durante a grande seca de 1877 a 1878; tendo ali sido encontrados, alias diversos artefatos indígenas.
> A lenda passa-se no mesmo lugar e nas margens do rio patronímico; e é este o seu fundamento: *Itan*, criança alva, de cabelos loiros e olhos azuis, nasceu na tribo de uma jovem Sucurú, morena, de olhos e cabelos negros, como os de sua raça, e filha de um dos mais afamados guerreiros.
> Semelhante fato elevou-se a um acontecimento memorável, causando o maior espanto; vindo todos a acreditar que a criança não podia deixar de ser filha de um deus; e pela sua origem divina foi adorada pelos guerreiros Sucurús.[84]

Outra narrativa que atesta a presença de indígenas Xukuru em Teixeira foi

[83] Glosas transcritas por Pedro Baptista em *Atenas de cantadores*, p. 24-25. *Reconco*: Recôncavo; *lamproa*: pessoa chata, incômoda.
[84] Irineu Joffily, *Notas de viagem da Villa de São João do Cariry e do Monteiro*, p. 233-234.

repassada à historiadora Linda Lewin pelo historiador e romancista Pedro Nunes Filho sobre a captura de sua tataravó "por volta de 1830" nas encostas do Pico do Jabre (ponto culminante do Estado da Paraíba com 1197m de altitude e atualmente localizado no Município de Matureia/PB):

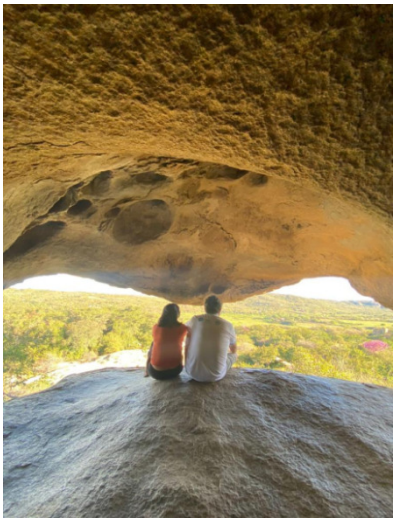
> Em 1995, um descendente de quinta geração de uma mulher Xucuru nativa de Teixeira narrou a tradição oral que conservava na memória sua captura e incorporação forçada a uma das recém-chegadas famílias de colonos de Teixeira. Quando criança, o pai de Pedro Nunes Filho contava-lhe a tradição oral que preservou o momento da captura de sua tataravó por seu tataravô.
> [...]
> O tataravô de Pedro Nunes era um imigrante português, Antônio Nunes da Rocha, que se instalou nas imediações de Teixeira com outros familiares que o acompanhavam, em data ainda indeterminada, presumivelmente na década de 1820. Segundo a história da família, um dia foi à Serra do Jabre para caçar, provavelmente por volta de 1830. Escolheu a parte mais elevada e inacessível do maciço para perseguir a sua empreitada, e as encostas do Pico do Jabre sugerem que ele não tinha em mente apenas a caça de animais. A história da família conta que o cachorro de Nunes da Rocha latiu para algo em uma árvore, chamando sua atenção. O alvo da atenção era uma menina Xucuru de apenas doze anos, que tentava se esconder do grupo de caça [...] Retirada da copa da árvore, foi levada para casa por Antonio Nunes da Rocha e amarrada com uma corda até ficar mansa (até tranqüilizar-se), ressaltando não só sua relutância em se incorporar à casa de seu captor, mas também sua determinação em escapar.
> Não obstante essa aterradora introdução à civilização, a menina posteriormente foi batizada pelo próprio Antônio Nunes da Rocha, recebendo o nome de batismo "Tereza Maria de Jesus". Além disso, seu captor casou-se com ela ou, seguindo o que não era uma prática incomum mesmo entre aquelas famílias de propriedade no Brasil oitocentista, viveu com ela "no estado de casado" (segundo a fórmula do Reino) até sua morte em 1867 ou 1868. Tereza Maria de Jesus, cujo nome Xucuru foi obliterado, ainda mais que a mãe de Romano [do Teixeira], viveu sua vida como membro legítimo da família do captor e tornou-se cofundadora de outra família da elite de Teixeira, sobrevivendo ao marido, morto por bandidos.
> [...]
> Acima de tudo, a narrativa deixa inequivocamente claro que o passado indígena de Teixeira foi contemporâneo a pelo menos a segunda e a terceira décadas do século XIX. Talvez no final da década de 1830 [...] o fugitivo Xucuru ainda continuasse a viver nas fissuras altas e rochosas do Pico do Jabre [...][85]

[85] Linda Lewin, *Who...*, p. 108-109– grifei. Em nota, esta historiadora complementa: "O fato de a tataravó viúva de Pedro Nunes ter casado novamente em 1867 (com José Pereira de Sousa, conforme documentado no registro matrimonial da Freguesia de Teixeira) torna mais provável que a data de seu

Uma dessas “fissuras altas e rochosas” possivelmente era a Casa do Caboclo, gruta que contém vários nichos e pinturas e gravuras rupestres localizada no sopé do referido Pico do Jabre.

Figs. 3 e 4 – O autor e sua esposa Luciene Ramos na Casa do Caboclo (Matureia/PB – abril de 2022)





Fonte: acervo do autor

Ademais, Linda Lewin relata que “a população indígena de Teixeira, Xucuru, ainda era escravizada durante a primeira metade do século passado e provavelmente até depois de 1850”[86] e que “em documentos posteriores a 1800 a população indígena dos arredores de Teixeira foi invisibilizada”[87] através das “qualidades” “pardo” e “caboclo” que assim constam dos livros de registro de batismos realizados em Teixeira entre janeiro de 1842 e dezembro de 1845 com a classificação dada pelos vigários Antônio Dantas Correia de Góis e Vicente Xavier de Farias:

nascimento provavelmente seja 1818 ou 1819, o que significa que teria 12 anos de idade em 1830” (nf 64).

[86] Linda Lewin, *Who was “o grande Romano”? Genealogical purity, the indian “past,” and whiteness in brazil’s northeast backlands (1750-1900)*, p. 87.

[87] Linda Lewin, *Who...*, p. 112.

Tabela 1 Batizados realizados em Teixeira entre janeiro de 1842 e dezembro de 1845		
Pardos	458	51,30 %
Brancos	324	36,30 %
Semibrancos[88]	60	6,72 %
Mulatos	23	2,58 %
Pretos	20	2,24 %
Negros	5	0,60 %
Caboclos	2	0,22 %
Crioulos	1	0,11 %
Total	893	100,00 %

Fonte: Teixeira – Livro 1 de Batismos
Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9P39-9V6H?i=2229&cc=2177286&cat=1199449 e CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios – Teixeira – Batismos vol. 1-5
Elaborada pelo autor

A respeito dessa temática o antropólogo João Pacheco de Oliveira observa que a categoria "pardo" tem a função de "servir como instrumento do discurso da mestiçagem e reunir evidências numéricas que reforcem as suposições ideológicas quanto à tendência ao 'branqueamento' progressivo da população brasileira"[89].

Trata-se, pois, de construção histórica cuja vasta utilização em documentos até meados do século XIX, sobretudo "como forma de registrar uma diferenciação social", quando então "o pardo aparece como um distanciamento da escravidão, pois definir-se ou ser definido como pardo evidencia uma relação com a liberdade"[90], de que no caso de Teixeira são exemplos os casamentos realizados em 1868 entre "Lucas, escravo de José Marinho de Lima, e Josefa Maria da Conceição, parda"[91] e entre "Antônio, escravo

[88] Segundo Matheus Silveira Guimarães, "[os semibrancos] eram descendentes de negros [e] provavelmente se posicionavam em uma condição social mais confortável do que os pardos, pois se aproximavam mais dos brancos" (*Famílias e laços de solidariedades negras: parentesco da população parda e semibranca na Cidade da Parahyba do Norte (1833-1860)*, p. 130 e 134).

[89] João Pacheco de Oliveira, *Pardos, mestiços ou caboclos: os índios nos censos nacionais no Brasil (1872-1980)*, p. 67.

[90] Viviane Inês Weschenfelder e Mozart Linhares da Silva, *A cor da mestiçagem: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo*, p. 312 – o primeiro excerto esses pesquisadores transcreveram de H. Mattos, *Das cores do silêncio*, p 42.

[91] Livro 1 de Casamento de Teixeira/PB, fls. 28 – Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP92-NCG?i=31&cc=2177286&cat=1199449.

de José Marinho de Lima, e Josefa Maria da Conceição, parda"[92].

Adiante, no Recenseamento Geral do Brasil em 1872 constam os seguintes dados com destaque para as categorias "pardos" e "caboclos":

Tabela 2
Recenseamento Geral do Brasil em 1872 – Província da Paraíba
Quadro geral da população da Paróquia de Santa Maria Madalena da Vila do Teixeira

		Brancos	Pardos	Pretos	Caboclos
Livres	Homens	1802	1792	283	170
	Mulheres	1207	1828	274	155
Escravos	Homens	0	74	78	0
	Homens	0	88	87	0
Total		2509	8782	722	325
%		20,34	71,18	5,85	2,63

Fonte: *Recenseamento Geral do Brasil em 1872 – Paraíba*, p. 82
Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v5_pb.pdf
Elaborada pelo autor

No Censo de 1890 houve a substituição da categoria "pardo" por "mestiço" e à categoria "caboclos" denominou-se também "*indiens* [índios]":

Tabela 3
Censo de 1890
População recenseada no Estado da Paraíba quanto ao sexo, à raça e ao estado civil

Municípios e Paróquias		Brancos	Pretos	Caboclos *indiens* [índios]	Mestiços
Teixeira Santa Maria Madalena	Homens	1471	287	484	922
	Mulheres	1479	305	473	1002
Total		2950	592	957	1924
%		45,93	9,22	14,90	29,95

Fonte: IBGE
Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25487.pdf
Elaborada pelo autor

[92] Livro 1 de Casamento de Teixeira/PB, fls. 28 – Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP92-NHW?i=36&cc=2177286&cat=1199449.

Também é importante apresentar os dados relativos a Teixeira coletados nos Censos IBGE 2000 e 2010, em que houve com a opção de autodeclaração de cor / raça:

Tabela 4
Censo IBGE – Teixeira

Ano	Pop. total	Pop. parda	Pop. indígena
2000	11953	7610	0
2010	14153	8557	4

Fonte: IBGE – Censo Demográfico – Tabela 2093 – População residente por cor ou raça, sexo, situação do domicílio e grupos de idade – Amostra – Características Gerais da População – Disponível em https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2093. Acesso em 12/08/2022
Elaborada pelo autor

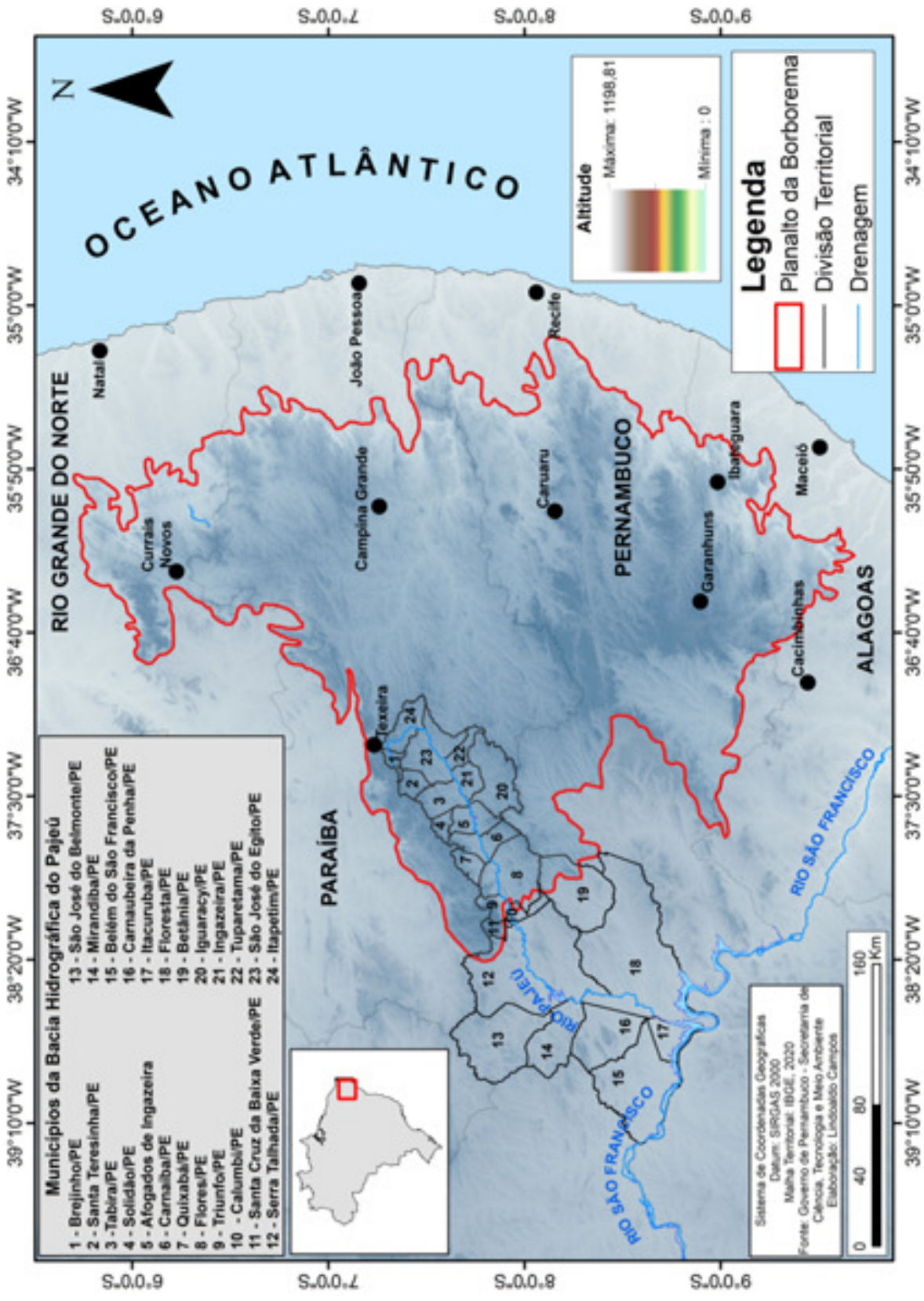
Feitas essas considerações, de forma análoga cumpre assinalar a presença indígena Xukuru na região de São José do Egito, centro do Sertão da Poesia de 1911 aos dias atuais.

1.3 A presença indígena em São José do Egito

Conhecido como "Reino dos cantadores"[93] e "Berço imortal da poesia", o Município pernambucano de São José do Egito fez divisa com o município paraibano de Teixeira até 1953, ano em que do primeiro desmembrou-se o Município de Itapetim/PE, cujo território desde então intercala-se entre aqueles.

Com altitude média de 585m, São José do Egito localiza-se (assim como Teixeira) no Planalto da Borborema, região serrana que mede aproximadamente 400 km em linha reta no sentido Norte-Sul e abrange os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba (onde os topônimos Serra da Borborema e Planalto da Borborema são sinônimos) Pernambuco e Alagoas, identificando-se, dentre outros, o Município de Teixeira e os municípios que compõem o Sertão do Pajaú.

[93] José Rabelo de Vasconcelos, *O Reino dos Cantadores ou São José do Egito etc., coisa e tal*, passim.


OCEANO ATLÂNTICO
RIO GRANDE DO NORTE
PARAÍBA
PERNAMBUCO
ALAGOAS
N
Natal
João Pessoa
Recife
Campina Grande
Caruaru
Garanhuns
Ibateguara
Maceió
Cacimbinhas
Currais Novos
Texeira
RIO SÃO FRANCISCO
RIO PARAÚ
Legenda
Planalto da Borborema
Divisão Territorial
Drenagem
Altitude
Máxima: 1198,81
Mínima : 0
Municípios da Bacia Hidrográfica do Pajeú
1 - Brejinho/PE
2 - Santa Terezinha/PE
3 - Tabira/PE
4 - Solidão/PE
5 - Afogados da Ingazeira
6 - Carnaíba/PE
7 - Quixaba/PE
8 - Flores/PE
9 - Triunfo/PE
10 - Calumbi/PE
11 - Santa Cruz da Baixa Verde/PE
12 - Serra Talhada/PE
13 - São José do Belmonte/PE
14 - Mirandiba/PE
15 - Belém do São Francisco/PE
16 - Carnaubeira da Penha/PE
17 - Itacuruba/PE
18 - Floresta/PE
19 - Betânia/PE
20 - Iguaracy/PE
21 - Ingazeira/PE
22 - Tuparetama/PE
23 - São José do Egito/PE
24 - Itapetim/PE
Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum: SIRGAS 2000
Malha Territorial: IBGE, 2020
Fonte: Governo de Pernambuco - Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente
Elaboração: Lindolélio Campos
0
40
80
160
Km
39°10'0"W
38°20'0"W
37°30'0"W
36°40'0"W
35°50'0"W
35°0'0"W
34°10'0"W
9°0'0"S
8°0'0"S
7°0'0"S
6°0'0"S

Sobre São José do Egito consta da *Enciclopédia dos municípios brasileiros* publicada pelo IBGE:

> SÃO JOSÉ DO EGITO
> HISTÓRICO – No correr do ano de 1830, alguns fazendeiros das cabeceiras do rio Pajeú, no lugar denominado Queimadas, vale meridional da serra da Borborema e ponto de confluência do riacho São Felipe com o mesmo Pajeú, resolveram ali estabelecer sua residência. Seguidamente, pensaram em erigir uma capela dedicada a São José, e realmente o fizeram, embora pequena e rústica, dando assim a Queimadas sua primeira capela.
> [...]
> Em 1838, Inácio do Nascimento de Souza, proprietário local, fez doação do necessário terreno para edificar uma igreja mais ampla e capaz de atender melhor aos interesses do culto. Um missionário capuchinho ali chegado em 1839, com o auxílio do doador e da população em geral, demoliu a antiga capela e fêz levantar uma ·igreja, cujos trabalhos só vieram a termo em 1865. Desde então a povoação de Queimadas passou a ser reconhecida por São José das Queimadas. Depois, em vista de pertencer ao município de lngazeira, passou a ser chamada São José da Ingazeira.[94]

Todavia, as primeiras narrativas sobre as terras que atualmente compõem o Município de São José do Egito datam da segunda metade do séc. XVII, pois, como dito, aproximadamente em 1663 teve início o processo de invasão das terras do Alto Sertão do Pajaú, realizada sobretudo por sesmeiros vinculados à Casa da Torre, cujos domínios incluíam diversas fazendas localizadas na ribeira do Rio Pajaú assim foram relacionadas no *Livro de vínculo do morgado da Casa da Torre*:

> As fazendas da Casa da Torre, referidas no livro, começam do Alto Pajeú, nas suas nascenças, área então pertencente à freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Cabrobó [...]
>
> Descendo ao longo do Pajeú, a partir da nascença, tem-se:
>
> 1. Fazenda do Oiti, do rendeiro Lázaro Fernandes Souto, pagando foro de 2$ (dois mil reis), extremando, pela nascente, com terras da fazenda dos Prazeres no Riacho denominado dos Porcos, pelo poente onde faz cruz o caminho da Cachoeirinha para a Santa Ana e nas ilhargas fará extrema com a São José e para a outra parte encontrando com a Serra do Imbó.

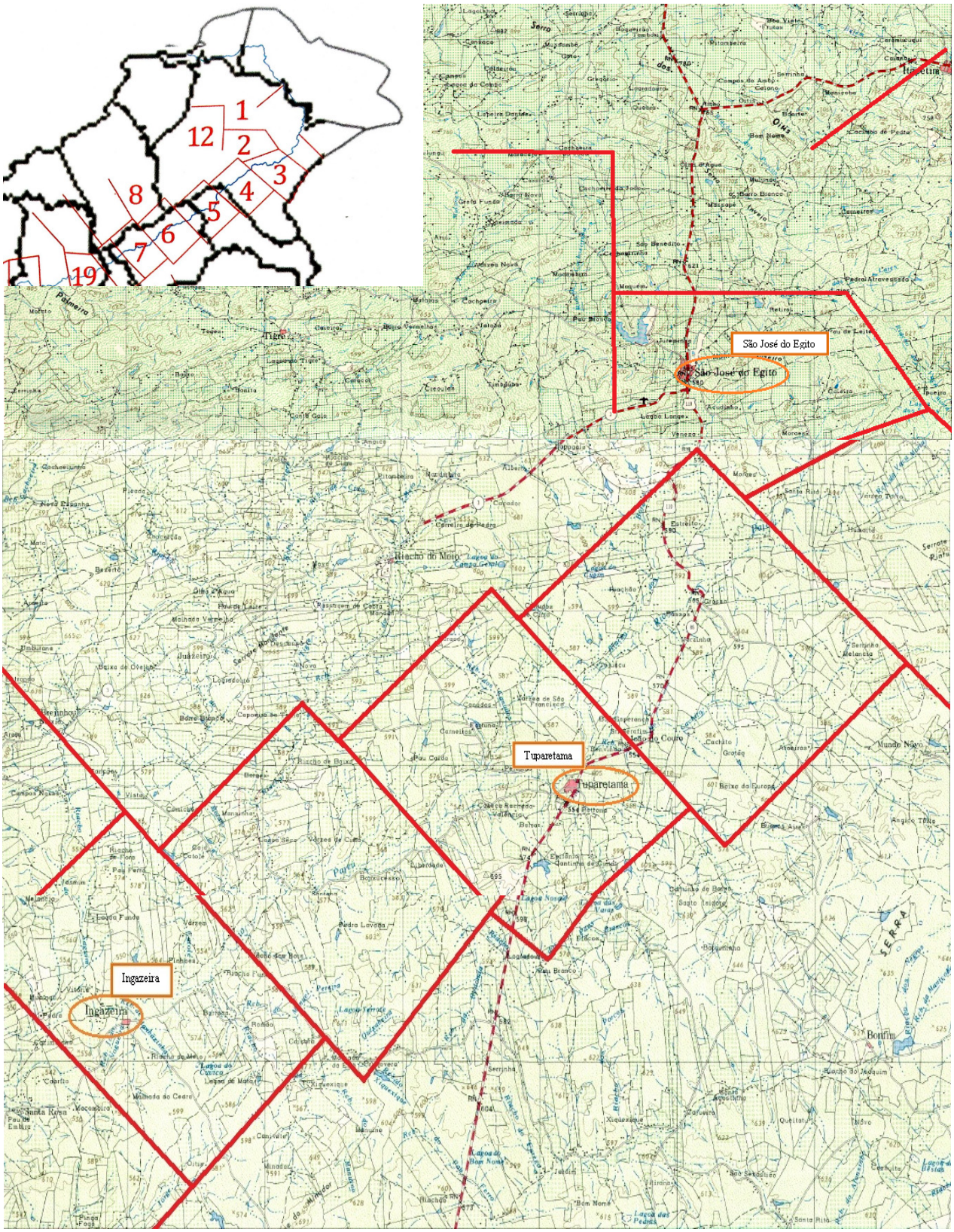
[94] Plácido da Fonseca Lima, verbete *São José do Egito* constante da *Enciclopédia dos municípios brasileiros* – vol. XVIII (1958), organizada e publicada pelo IBGE. Trata-se de reprodução, com ligeiras alterações, do verbete *São José do Egito* elaborado por Sebastião de Vasconcellos Galvão para o vol. IV de seu *Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco* (1908).

2. Fazenda de São José, do riacho São José, arrendada a Paulino Álvares da Cunha, Manoel Pereira da Silva e João Baptista Ferreira (3$ apenas, por graça que lhes fez o Morgado), onde surge a povoação [da atual cidade] de São José do Egito. Extremava pelo nascente na Malhada do Canto, pelo poente acima do Logrador da Cachoeira fazendo extrema com o sítio do Freire, pelo sul com o Riacho Fundo extremando com a fazenda dos Grossos onde sempre foi uso, e pelo norte com Lazaro Fernando Souto (Fazenda do Oiti)
3. Fazenda Varge (Várzea) Torta, sendo rendeiro o capitão Bento Ferreira de Moura (6$), também rendeiro da Fazenda dos Grossos, mais abaixo, no rio Pajeú. Extremava, em cima, na Alagoa do Curralinho, embaixo com a fazenda dos Grossos, do mesmo dono acima declarado, para o norte onde fazem extrema a Barra e a fazenda de São José, e para o sul cortando rumo direito até extremar com águas do Cariri.
4. Fazenda dos Grossos, sendo rendeiro Bento Ferreira de Moura (10$), extremando pelo rio acima onde faz extrema a Fazenda da Varge Torta, do mesmo dono acima declarante e, para a parte de baixo, no lugar denominado Malhada de João de Couras, para o sul com águas vertentes ao dito sítio e para o norte extremando com a fazenda de São José no Riacho Fundo, ficando-lhe dentro dos Campos Gerais.
5. Fazenda Bom Jesus [onde hoje situa-se a cidade de Tuparetama], sendo rendeiro Carlos Ferreira Colaço (7$), extremando rio acima na Malhada de João de Couras e pelo rio abaixo no Poço do Souza e para o sul com as vertentes as Malhadas do Riacho Novo e para baixo na Baixa do Toco terras da fazenda de Santa Ana e para o norte com os campos gerais que ficarão servindo de fundos.
6. Fazenda Santa Ana, arrendada a Francisco Xavier Mendes da Silva (10$), rio abaixo no Riacho Fundo com a fazenda da Engazeira e pelo rio acima no Poço do Souza e para as mais partes onde verdadeiramente deva ser.
7. Fazenda da Engazeira, da qual era rendeiro Agostinho Nogueira de Carvalho (10$), extremando, pelo rio abaixo, na Várzea Comprida e pelo rio acima no Riacho Fundo, terras da fazenda de Santa Ana, e para o sul com terras da fazenda da Alagoa, e para o norte onde verdadeiramente deva extremar. Nesta fazenda Agostinho Nogueira de Carvalho constrói, em 1820 ou 1821, a capela de São José, sendo criada a freguesia em 1838 e o município da Ingazeira, o primeiro do Alto Pajeú, em 1852, desmembrado de Flores.[95]

Essas informações foram assim cartografadas pelos organizadores do *Livro de vínculo do morgado da Casa da Torre*:

[95] Yony Sampaio, *A Casa da Torre e o sertão de Pernambuco*, p. 44-48.

Figs. 5 e 6 – Mapas das sesmarias no Alto Sertão do Pajaú com a indicação dos atuais municípios



Fonte: *Livro de vínculo do morgado da Casa da Torre*, p. 82

Todavia, se, por um lado, os domínios da Casa da Torre incluíam, "pelo menos legalmente, ao longo de todo o século XVIII, [...] praticamente todas as terras do leito do Rio Pajaú, especialmente as que se encontram abaixo da área que hoje forma a sede do Município de São José do Egito-PE"[96], por outro lado algumas sesmarias relativas a terras dessa região foram concedidas a requerentes não vinculados a essa entidade.

Um desses requerentes foi o Sargento-mor Custódio Alves (ou Álvares[97]) Martins, lisboeta proprietário do Engenho Santo Estevão (localizado em Cabo de Santo Agostinho/PE) e de terras no Sertão de Rodelas (área confinada com o Baixo Sertão do Pajaú[98]), que em 1695 requereu e obteve sesmaria relativa ao Aimbó, lugar que, com a atual denominação Ambó[99], em termos atuais consiste em povoado localizado a 12 km ao Norte da cidade de São José do Egito, em que registra a presença do povo indígena Xukuru:

> Caetano de Mello de Castro do Conselho de S .M . G.^{or} e Cap.^{m} G.^{l} de Pernambuco e mais Capitanias anexas e etc.
> Faço saber aos que esta Carta de Doação de sesmaria virem que Custódio Alves Martins me representou a petição cujo teor é o seguinte e etc.
> "Senhor" diz o Alferes Custódio Alves Martins morador no sertão do Pajaú termo desta Cidade de Olinda, que ele à custa de muito trabalho de sua pessoa, dispêndio de fazenda, e risco de vida descobriu terras chamadas Aimbó, que só habitam gentios tapuias, em parte como é das cabeceiras e nas ancas do riacho Pajaú são todas muito capazes de se povoarem até um alto pequeno d'água, junto a uma serra também pequena de Moengica que em algum tempo foi aldeia de tapuias bravos, chamados Xocurús que ao presente estão de paz, místicas com os tapuias do Araróba mais de cem léguas desta praça e por as ditas terras estarem devolutas e nunca foram povoadas, nem delas houve notícia, mas que o suplicante descobre-as por notícia do mesmo gentio a quem pagou para as mostrarem e o suplicante não tem terras em que lavre e situe com currais de *gado vacum*, e outras criações com que resulte tanto o seu interesse como aumento nos dízimos reais e nas que o suplicante descobriu são capazes de serem povoadas a custa de muita despesa quer o suplicante quatro léguas de terras em quadro

[96] Aldo Branquinho Nunes, *Currais, cangalhas e vapores*, p. 220.
[97] Cfr. Borges da Fonseca, *Nobiliarquia pernambucana*, vol. I, p. 83.
[98] Cfr. Borges da Fonseca, *Nobiliarquia pernambucana*, vol. I, p. 83. João Justiniano da Fonseca informa: "A região que se chamou Sertão de Rodelas [nome dado pelos portugueses ao povo indígena Procá], na indicação de vários, autores, estava à margem esquerda do rio São Francisco, 'banda de Pernambuco', desde o rio Pajeú até o rio Carinhanha" (*Rodelas: curraleiros, índios e missionários*, p. 51). Para "sargento-mor" o *Dicionário Michaelis* indica o seguinte significado: "Praça graduado entre tenente-coronel e capitão, na hierarquia do Exército brasileiro durante o período colonial e imperial".
[99] "A-MBÓ. Numeral: cinco (mão da gente). = mbó" (Moacyr Ribeiro de Carvalho, *Dicionário Tupi (antigo) – Português*, p. 20). Cfr. tb. Pe. A. Lemos Barbosa, *Pequeno dicionário Tupi-Português*, p. 27.

> começando o rumo do olho pequeno d'água junto à serra pequena de Moengica até a Serra do Rebincão pelo melhor rumo que tiver para o nascente fazendo quatro e não havendo terras capazes na largura as tomará no comprimento em forma que seja interado de quatro léguas com todas as águas, nascentes, ribeiros, matas, pastos que em si tiver dentro de sua demarcação que será de leste a oeste, norte, sul, ou como melhor possa ser, portanto – Pede a V Sa. visto o que alega lhe dê de sesmaria em nome de S. M. as ditas quatro léguas de terra em quadro assim confrontadas, e melhor sendo necessário. E . RM.[cê]".
> Informe o Provedor da Fazenda Real, ouvindo o Procurador da dita Fazenda. Recife dezoito de maio de seis centos e noventa e cinco.
> "Rubrica" Haja vista o Procurador da Coroa e Fazenda Real. "Barros"
> Não tenho dúvida a que se faça mercê ao suplicante por sesmaria de três léguas de terra ordinárias e contínuas na parte que confrontam em sua petição, fazendo-se a data em forma da Ord. L . 4.° tit. ° 43. Recife 22 de maio de seiscentos e noventa e cinco.[100]

Passemos à análise dos termos desse requerimento doravante denominado Sesmaria do Ambó, um dos mais antigos documentos em que há expressa referência ao povo indígena Xukuru.

1.3.1 Ambó e Ororubá: áreas integradas componentes do Território Indígena Xukuru no séc. XVII

Detenhamo-nos inicialmente no termo "místicas", que "refere-se às terras que estavam escondidas ou confundidas com as terras que os índios possuíam na Serra da 'Araróba'"[101] (topônimo também grafado Ararobá, Orobá, Orubá, Urubá, Ororobá e Ororubá, que em sua língua significa "casa da serra"[102]), o que torna possível conceber

---

[100] *Documentação histórica pernambucana – Sesmarias*, vol. I, p. 39-40 e SILB PE 0017 – grifei. Além dessa sesmaria, apenas outra constituiu exceção ao domínio da Casa da Torre no Alto Sertão do Pajaú, doada em 1734 ao Padre Francisco Ferreira e a Manoel da Costa Calado relativa a terras localizadas entre a Serra da Borborema (possivelmente a Serra do Teixeira) e o Rio Pajaú, acima de terras da Casa da Torre e acima e ao lado de terras de Custódio Alves Martins (cfr. *Documentação histórica pernambucana – Sesmarias,* vol. .2, p. 33-36 e SILB PB 1047).

[101] Aldo Branquinho Nunes, *Currais, cangalhas e vapores*, p. 218 – grifei.

[102] "'Ararobá', para alguns, quer dizer 'Serra dos Papagaios' e, para outros (o termo seria, então, cariri e não tupi), significaria 'Casa de Serra'" (Luís Wilson, *Ararobá, lendária e eterna*, p. 70). Esse autor assinala ainda que "na Serra em que está situada a 'Vila' [de Cimbres] viviam primitivamente os índios Ararobás (Aldeia Ararobá), substituídos mais tarde pelos xucurus e paratiós [...]" (p. 62), possivelmente ecoando F. A. Pereira da Costa, para quem "Urubás eram indígenas que viviam na Serra de Ororubá e que teriam sido expulsos pelos Xukuru" (*Anais Pernambucanos*, vol. V, p. 171). Na cartilha *Xucuru, filhos da Mãe Natureza*, elaborada por professores e lideranças do povo indígena Xukuru, consta: "O nome da nossa tribo é Xukuru do Ororubá, significa o respeito do índio com a natureza. Ubá é um pau. Uru é um pássaro que tem na mata, aí faz a junção, e fica: Xukuru do Ororubá, o respeito do índio com a natureza" (p. 5). Por sua vez, Luiz Caldas Tibiriçá assinala: "ORÓROBÁ – serra de Pernambuco situada no mun. de Pesqueira; possível alt. de **ararybá**, nome comum a diversas plantas leguminosas" (*Dicionário...*, p. 91) e Eduardo Navarro: "Araruba (etim. – pau de arara) – ARAROBA, planta da família das leguminosas que produz tinta de cor violeta (RIHP, XL (1945), 81)" (*Dicionário...*, p. 59).

que essas terras e as terras do Ambó consistiam em regiões contíguas componentes de um amplo território habitado pelo povo indígena Xukuru pelo menos até o final do séc. XVII.

Essa perspectiva é tanto mais plausível tendo em vista que, assim como as regiões de Teixeira e do Alto Sertão do Pajaú, a Serra do Ororubá (que, aliás, consiste em derivação da Serra da Borborema[103]) é um brejo de altitude historicamente usada como refúgio pelo povo indígena Xukuru:

> Toda aquela região do Agreste e começo do Sertão de Pernambuco, pelos indígenas que a habitavam era tachada de Borborema, o que no dialeto deles queria dizer deserto. Em pleno deserto, contudo, sobressaía-se um oásis – a gigantesca Serra do Urubá, onde o clima era ameno e salutar, a terra forte e fecunda. Por seus rios, córregos e riachos corria abundante água potável, havia fertilidade perene, o que constituía verdadeiro contraste naquele Sertão árido e seco. O Urubá era mesmo o oásis da Borborema, pitoresco recanto dentro de cujos limites viviam, primitivamente, índios Tapuios da tribo Arobás, nome pelo qual logo ficaria popularizada a Serra.[104]

O termo "místicas" é bastante utilizado em cartas de sesmarias no sentido de contiguidade entre terras sem definição exata de seus limites, a exemplo dos seguintes requerimentos:

. Requerimento de sesmaria apresentado em 1701, onde "mandou o governador que declarassem os suplicantes com terras de que heréos [herdeiros] estavam místicas as que pediam. Declararam os suplicantes que as ditas terras estavam místicas com uma data do governador João Fernandes Vieira e o capitão João Ferreira de Mello, para a parte do nascente"[105]

. Requerimento de sesmaria apresentado em 1710 relativo a terras "junto a outras terras, que os suplicantes possuem místicas"[106]

. Requerimento de sesmaria apresentado em 1721 relativo a "um monturo, que com o tempo cresceu, místico aos quartéis dos soldados dos ciscos que varriam e se botavam no lamarão"[107]

. Requerimento de sesmaria apresentado em 1740 (apresentado por Bartholomeu

[103] Cfr. Edson Silva e Isabela Barros, *Povo Indígena Xukuru do Ororubá: uma história de mobilizações por afirmação de direitos*, p. 398.
[104] Nelson Barbalho, *Caboclos do Urubá*, p. 45 – grifei.
[105] João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 45.
[106] João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 75.
[107] *Documentação histórica pernambucana – Sesmarias*, vol. 1, p. 257.

Alves Martins, filho de Custódio Alves Martins) relativo a terras referenciadas por dois estreitos cursos d'água "por ficarem os ditos dois riachos místicos um com outro sem que fosse prejuízo à dita sesmaria"[108]

. Requerimento de sesmaria apresentado em 1742 relativo a "um riacho místico nas terras dele suplicante"[109]

. Requerimento de sesmaria apresentado em 1751 referente a um riacho "místico com as terras do dito sitio a se livrar de contenda"[110]

Outro relevante tópico relativo à Sesmaria do Ambó consiste em que Custódio Alves Martins assinala tratar-se de terras que "descobre-as por notícia do mesmo gentio", ou seja, orientado e acompanhado por indígenas Xukuru que procurou e encontrou na Serra de Ororubá, aonde possivelmente chegou pelo *Caminho que se segue por Pojunga e passa pelo Urubá* (1738)[111], denominado Caminho do Ipojuca[112], assim cartografado pelo historiador pernambucano José Antônio Gonsalves de Mello em sua monografia *Três roteiros de penetração do território pernambucano (1738 e 1802)*[113]:

[108] Irineu Joffily, *Sinopse das sesmarias da Paraíba*, p. 142.
[109] João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 167-168.
[110] João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 213.
[111] Cfr. Coleção Alberto Lamego (Faculdade de Filosofia da USP) – Disponível em: AL-072-060 – Cx. 64 – Códices 071, 072 e 073 – Cod.72.60.
[112] "IPOJUCA – cid. de Pernambuco; bairro da cid. de São Paulo; de **ypu**, olho d´água, e **juca**, podre; água não potável" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 61). Também assim para Teodoro Sampaio em *O Tupi na geografia nacional*, p. 252. O Rio Ipojuca tem nascentes no Município de Arcoverde/PE e, após banhar várias cidades (dentre as quais Pesqueira/PE), deságua no Município de Ipojuca/PE.
[113] José Antônio Gonsalves de Mello, *Três roteiros de penetração do território pernambucano (1738 e 1802)*, p. 42. Registre-se que, embora aluda a "três roteiros", segundo o próprio autor trata-se de apenas dois: o Caminho do Capibaribe (sobre o qual dissertaremos a seguir) e o Caminho do Ipojuca, pois "o terceiro roteiro [*Mapa da Estrada Real que vai dos sertões da repartição do Sul, desde a Vila do Recife até o Julgado do Cabrobó, no Rio de São Francisco*, de 1802] [...] repete o Caminho do Ipojuca" (José Antônio Gonsalves de Mello, *Três roteiros...*, p. 10).

Fig. 7 – *Caminho que se segue por Pojunga e passa pelo Urubá* (1738) (detalhe)



Fonte: José Antônio Gonsalves de Mello, *Três roteiros de penetração no território pernambucano (1738 e 1802)*

1.3.2 Manoel: símbolo da continuidade da presença Xukuru em São José do Egito

Obtida a Sesmaria do Ambó, a Sudeste desse lugar Custódio Alves Martins erigiu a Fazenda São Pedro, "a primeira quando se entrava no [Alto Sertão do] Pajeú"[114], tornando-se também "senhor [...] de S. Pedro em Pajeú de Flores"[115] de onde possivelmente abriu o Caminho do Capibaribe[116], que "perlongava-o [o Rio Capibaribe]

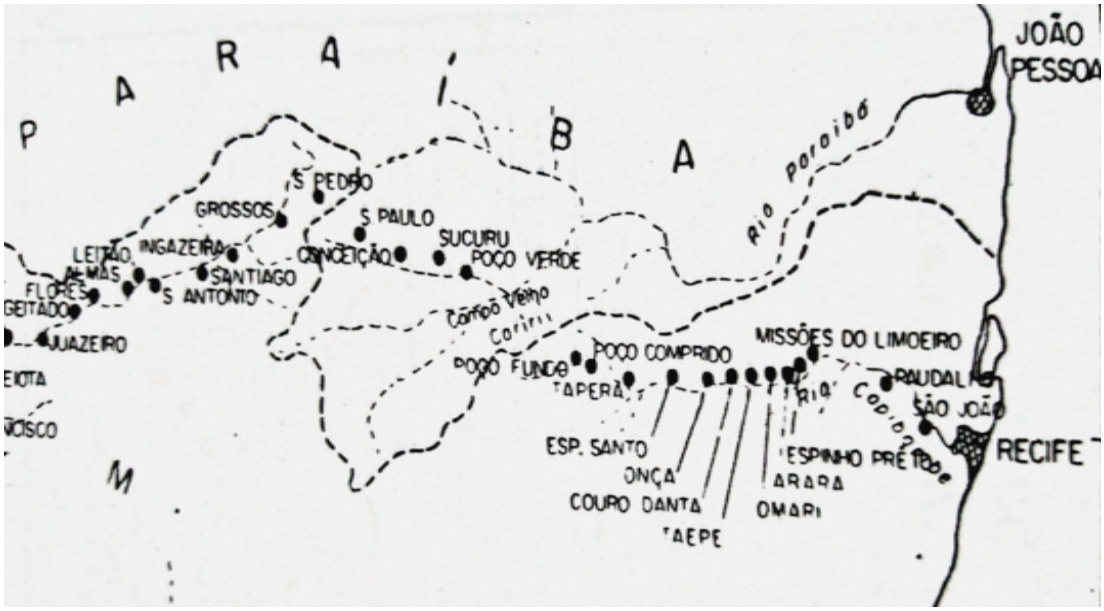
[114] Yony Sampaio, *A Casa da Torre e o sertão de Pernambuco*, p. 63.

[115] Borges da Fonseca, *Nobiliarquia pernambucana*, vol. I, p. 83, 86 e 138. Consoante anota o desconhecido autor do *Roteiro do Maranhão a Goiás pela Capitania do Piauí*, "levantada uma casa coberta pela maior parte de palha, feitos bons currais e introduzidos os gados, estão povoadas três léguas de terra, e estabelecida uma fazenda" (p. 88) e, em sua esteira, Eurico Alves Boaventura: "Rigorosamente de pouca coisa se necessitava para fundar uma fazenda, então: coragem e desprendimento pela própria pessoa. E, depois, o essencial para o **curral** eram a casa, a trancos e barrancos levantada, de qualquer jeito, o cercado do curral, do aprisco propriamente, os **couros** – armadura para as investidas contra os inimigos solertes da caatinga – e a **vara-de-ferrão**, o **ferro** com as iniciais do dono ou o desenho de sua predileção e só" (*Fidalgos e vaqueiros*, p. 26). Por fim e oportuno, registre-se que desde o início do séc. XX a Fazenda São Pedro pertence à família Dantas (de origem mais próxima em Teixeira) e em seu cemitério encontra-se sepultado João Dantas, advogado que assassinou João Pessoa, então Governador da Paraíba, em episódio que deflagrou a denominada Revolução de 1930.

[116] O mapa do Caminho do Capibaribe consta da Coleção Alberto Lamego (Faculdade de Filosofia da USP) – Disponível em: AL-072-060 - Cx. 64 - Códices 071, 072 e 073 – Cod.72.60. Vale registrar que, ao localizá-los na Coleção Alberto Lamego (USP), os documentos o *Caminho que se segue por Pojunga e passa pelo Urubá* e o *Assento das léguas que fazem daqui ao Rodelas pelo Caminho de Capibaribe* encontravam-se juntos, nesta ordem, catalogados apenas pelo nome do primeiro. *Capibaribe*: rio das capivaras – de *kapibara*, *caapi-uara*, capivara, "comedor de capim" (cfr. Eduardo Navarro, *Dicionário...*, p. 217, e Teodoro Sampaio, *O Tupi na geografia nacional*, p. 215). O Rio Capibaribe nasce na Serra de Jacarará, Município de Poção/PE, possui 248 km de extensão e deságua no Oceano Atlântico, em Recife/PE.

até as nascentes, e, cortando território paraibano, atingia a ribeira do Pajeú, nos atuais municípios pernambucanos de Itapetim e São José do Egito"[117]:

Fig. 8 – *Roteiro de viagem do Recife à Carinhanha pelo Capibaribe* (detalhe)



Fonte: José Antônio Gonsalves de Mello, *Três roteiros de penetração no território pernambucano (1738 e 1802)*

A partir desses e doutros elementos que serão oportunamente apresentados, é possível inferir que os indígenas Xukuru que acompanharam Custódio Alves Martins às terras do Alto Sertão do Pajaú tenham permanecido na Fazenda São Pedro.

Um desses elementos consiste na informação prestada por esse sesmeiro no sentido de que "pagou para [os Xukuru do Ororubá] as mostrarem [as terras do Ambó]" (como veremos, os Xukuru eram considerados "índios mansos que para os tais descobrimentos se ocupam"[118]), fato que torna verossímil conceber que tenha agido de modo menos brutal do que colonizadores que mataram e escravizaram indígenas e essa situação mostrou-se atraente à sua permanência na Fazenda São Pedro.

Esse indício é reforçado pela circunstância de que aí instalou-se "com a sua Companhia e muito gentio doméstico", como consta de certidão expedida em 1699 por Agenor Peres Máximo, Coronel da Cavalaria do Sertão de Rodelas, e juntada ao *Auto dos serviços do sargento-mor Custódio Alves Martins que mandou fazer o ouvidor-geral da Capitania de Pernambuco, José de Lima Castro (1718)*:

[117] José Antônio Gonsalves de Mello, *Três roteiros...*, p. 9-10.
[118] *Documentação histórica pernambucana – Sesmarias*, vol. 1, p. 60-62.

Certidão
Agenor Peres Máximo Coronel da Cavalaria deste Sertão de Rodelas da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição por Sua Majestade que Deus Guarde. Certifico que ordenando o meu governador Dom Fernando Martins Mascarenhas por notícia que tinha da Guerra em que estava este Sertão do Pajahu ordenasse aos capitães do meu distrito o muito cuidado deste Sertão na conservação e assim dele em defensa do tapuia infiel inimigo por conveniência minha ao serviço de Sua Majestade o que logo fiz ordenei e por estar ausente há muitos anos o Capitão de Cavalos Manoel de Souza Barbosa em cujo lugar achei com as armas nas mãos postas em Companhia de quarenta homens de cavalo e algumas aldeias de gentio que tinha doméstico o Alferes da Companhia de Cavalos Custódio Alves Martins por estar de presente assistente há quatro anos com a sua Companhia com trabalho, zelo e grande e grande dispêndio de sua fazenda e assim em cavalo para guarnecer a guerra contra o gentio brabo como também em armas de fogo para seus soldados pólvora e bala em grande em grande gasto em sustento dos seus soldados tudo feito à sua própria custa só a fim da boa paz e conservação desta Ribeira pelo muito serviço que concluía fazia a Deus e à Sua Majestade e assim que a ordem do meu governador foi ordenada ao dito Alferes de Cavalos logo como muita prontidão se pôs em campanha franqueando como até o presente toda a Ribeira deste Sertão do Pajahu que tem de povoação sessenta e tantas léguas com muita gente e currais de gado e muitas criações e prova estar com todo o aparato de guerra posto em campanha se pôs logo em marcha correndo toda a povoação da dita ribeira assim de uma parte do Rio como doutra entrando aos sertões pela parte donde costumava habitar o gentio inimigo de onde em outras muitas ocasiões ele tinha dado guerra e não achando notícia dele pelo ter afugentado ao centro destes Sertões que há muito longes fora dos povoados e tendo franqueado toda Ribeira e mais partes circunvizinhas necessárias em que gastou tempo de três meses com a sua Companhia e muito gentio doméstico e fez tentando tudo à sua própria custa e conduzindo esta Companhia com seus próprios cavalos dando toda a pólvora e bala necessária ( ) percebendo muita perda de cavalos e dando também armas de fogo assim aos seus soldados como ao gentio e por entender não ser mais necessário se retirou a seu domicílio de Pajahu de onde está e ficou de assistência mais dois anos em defensa do inimigo com muito cuidado e todos os meses saía com sua Companhia a franquear o povoado da dita Ribeira que estava na conservação ( ) por onde julgo ao dito Alferes Custódio Alves digno e merecedor de toda de honra e mercê de Sua Majestade costuma fazer as pessoas que tão bem o sabem servir com trabalho e dispêndio de sua fazenda e por me ser pedido a presente a mandei passar e assinei e selei com o selo de minhas armas passo o referido na verdade pelo juramento dos Santos Evangelhos. Em Sertão do Pajhau vinte e cinco de agosto de mil seiscentos e noventa e nove anos. Agenor Peres Máximo[119]

[119] AHU – ACL – CU015 – Cx. 28 – Doc. 2546, p. 30 e 30v – grifei.

Ainda a esse respeito, outro relevante documento juntado ao referido *Auto dos serviços* elaborado por Custódio Alves Martins consiste em certidão expedida pelo Padre Augustinho Nunes, missionário vinculado à Congregação de São Felipe Néri em Pernambuco (também conhecida como Congregação do Oratório, que desde 1671 desenvolvia atividades de catequese dos Xukuru na Serra do Ororubá):

> Certidão
> O Padre Augustinho Nunes Missionário Apostólico da Congregação de São Felipe Nery de Pernambuco certifico que estando na missão do gentio chamado chacurus aldeia dos sertões desta América distante setenta léguas da Praça do Recife de Pernambuco achei ao Alferes de Cavalos Custódio Alves Martins com a sua Companhia de quarenta homens e muito gentio que assim os tinha agregado conservando-os em paz muita quietação no Sertão do Pajhau distante desta Aldeia do Orobá mais de trinta léguas cuja ribeira é muito dilatada e pela amenidade de seus pastos é povoada de muitos currais de gado e muitos moradores aos quais desinquietaram as quatro nações de tapuias brabos circunvizinhos à dita ribeira e nos assaltos que faziam mataram muita gente e mataram todo o gado a fim de porem a terra deserta em cuja defensa está ordenado o Alferes Custódio Alves Martins com a sua Companhia e muitos tapuios mansos os quais e seus soldados saíam feroz ao encontro do inimigo pondo em fugida e com combate e assíduo trabalho se conservaram os moradores e multiplicaram os gados e no ano de noventa e seis depois de afugentado o tapuia entrou ao sertão por parte por onde nunca foi penetrado abrindo estradas novas que lhe servem de condução de muito gado e neste descobrimento de terra se achou uma aldeia de negros do gentio de Guiné com os quais se viu em conflito pelo que o mandei socorrer pelo Capitão Matias Cordeiro com a sua Companhia e assim ficou destruída a dita aldeia prendendo a muito negros a que tudo fizeram grande zelo a quietação de vosso serviço de Deus e de Sua Majestade gastando armas e pólvora e mantimentos muito de sua fazenda pelo o julgo por merecedor de toda honra e mercê que Sua Majestade que Deus guarde for servido fazer-lhe e por mim for pedido a presente à minha justificação mandei passar conforme passa o referido na verdade e juro em verbo sacerdote [?] em vinte e oito de agosto de mil seiscentos e noventa e sete anos, o Padre Augustinho Nunes.[120]

Em diversos pontos o relato do Padre Augustinho Nunes coincide com o retrotranscrito relato do Coronel Agenor Peres Máximo, um deles no sentido de que o sesmeiro Custódio Alves Martins encontrava-se na Fazenda São Pedro com "muito gentio que assim os tinha agregado" – o Coronel Agenor Peres Máximo usa o termo

[120] AHU – ACL – CU015 – Cx. 28 – Doc. 2546, p. 27 e 27v – grifei.

"doméstico" e, adiante, o Padre Augustinho Nunes usa a expressão "tapuios mansos".

Outro indício da permanência de indígenas Xukuru na Fazenda São Pedro consiste na narrativa do Padre Augustinho Nunes de que neste lugar instalou-se uma "missão [ou seja, um 'empreendimento religioso, [...] econômico e político militar'[121]] do gentio chamado chacurus aldeia dos sertões desta América", à semelhança, como dito, das atividades que desde 1671 desenvolvia na Missão da Serra do Ororubá, "mantida, por muito tempo [...], como ponto de apoio para a expansão das invasões e ocupações portuguesas no atual Semiárido pernambucano até o cearense"[122].

Nesse contexto também vale referir-se a outro requerimento de sesmaria também apresentado por Custódio Alves Martins em 1696 (ou seja, um ano após requerer e obter a Sesmaria do Ambó), no qual faz constar que, para chegar às respectivas terras, "meteu com gente que levou em sua companhia pelo sertão com pessoa prática, por serem partes aonde até então não tinha ido gente branca pelo receio de se toparem com o gentio bravo"[123], sendo verossímil conceber que tal "pessoa prática" era um indígena Xukuru mantido a seu serviço, que, como fizera no ano anterior em relação ao Ambó, orientou-o e o acompanhou ao lugar que na Língua Xukuru era denominado Cujajique (decerto variação de Mujiqui, anterior denominação do Município de Prata/PB).

Mais um indício da permanência de indígenas Xukuru na Fazenda São Pedro consiste em que, também usando a estratégia de remunerá-los para que mostrassem terras que outrora habitaram na ribeira do Rio Pajaú[124], em 1701 André de Viveiros Silva, Simão Carvalho da Cunha, Manoel Dias da Silva e o Sargento-mor Hilário da Silva Vieira apresentaram o seguinte requerimento de sesmaria:

> André de Viveiros Silva, Simão Carvalho da Cunha, Manoel Dias da Silva e o sargento-mor Hilário da Silva Vieira, moradores nesta capitania, dizem que correram vários sertões desta capitania a fim de buscarem cômodos para seus gados e cultivarem agrestes e incultas

[121] João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto Freire, *A presença indígena na formação do Brasil*, p. 37.
[122] Edson Silva, *Os índios na história e a história ambiental no semiárido pernambucano, Nordeste do Brasil,* p. 91.
[123] Irineu Joffily, *Sinopse das sesmarias da Paraíba*, p. 13-14. Cfr. tb. João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 40-41.
[124] Nesse sentido vejam-se os seguintes requerimentos de sesmaria apresentados em 1698: "Diz o Coronel Leonel de Abreu de Lima que entre as povoações do Ararobá e rio Pajaú [...] há dois anos teve notícia ele suplicante pelos índios da Aldeia do Ararobá que nesses meios pouco mais ou menos da dita travessia largando a estrada que vai para o dito rio Pajaú" e "Diz o Coronel Leonel de Abreu de Lima, que entre as Povoações do Araroba, campos de Ipojücá e Rio Pajaú [...] e como ele suplicante por notícia que teve pelos índios do Ararobá" (*Documentação histórica pernambucana – Sesmarias*, vol. 1, p. 58-59 e 60-62).

> terras; e porque em as cabeceiras de uma data, que pediu Pascácio de Oliveira [Ledo[125]] com outros companheiros em uma lagoa, chamada pelo gentio Sucurú – *Ancauy*, começando da dita lagoa á correr para o poente, encostado á serra da Borborema da parte do sul até dar no rio chamado pela mesma língua do gentio *Poicú*, e pelo dito rio acima, ha terras devolutas, queriam a mercê de doze léguas de comprimento e uma de largo pelas confrontações acima até se encherem pelo dito rio Poicú, acima com todos os logradouros.
> Exigiu o Provedor que declarassem em que parte estava a terra de Pascácio de Oliveira, de que faziam menção os suplicantes. Declararam eles que a testada, que lhes mandava declarar o dito Provedor, era no riacho chamado – Bonito – encostado à serra da Borborema pela parte do sul.
> Foi feita a concessão pelo capitão-mor Francisco de Abreu Pereira, de três léguas de comprimento e uma de largura a cada um, que fazem as doze léguas pedidas, na lagoa de que os Sucurús na língua da terra chamam *Ancauy*, começando da dita lagoa a correr para o poente; encostado a serra da Borborema da parte do sul até dar no rio *Poicú*, pelo dito rio acima, na testada do riacho Bonito, encostado à serra da Borborema da parte do sul nas cabeceiras de uma data que pediu Pascácio de Oliveira e outros companheiros, sem interpolação de terra alguma; aos 12 de maio de 1701.[126]

É possível que o termo Poicú consista em apropriação, feita pelos Xukuru, do português "porco" (através do processo conhecido como vocalização, que consiste na transformação de uma consoante em vogal[127]) para denominar o curso d'água atualmente conhecido como Riacho dos Porcos, que nasce no Ambó e deságua no Riacho São José, na cidade de São José do Egito – valendo registrar que no Caminho do Ipojuca há um lugar denominado Poecu e que no vocabulário Xukuru o termo que designa porco é pojú[128].

Por fim a respeito da permanência dos indígenas Xukuru na Fazenda São Pedro, vale evidenciar diversos assentos de batismos realizados na Capela de São Pedro (nessa fazenda) e na Capela de São José das Queimadas (anterior denominação do povoado que tornou-se São José do Egito).

Em 1777 na Capela da Fazenda São Pedro foi batizado Manuel, natural dessa

---

[125] Cfr. João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, Sesmarias n°s 103, 237, 260 e 269, respectivamente às p. 81-82, 142-143, 152-153 e 157.

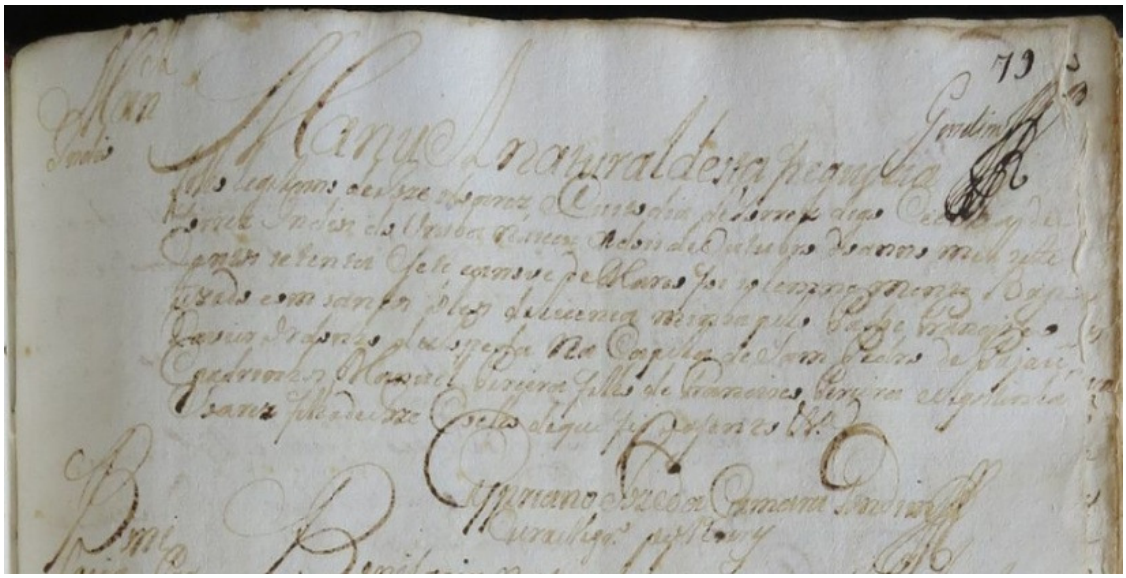
[126] Irineu Joffily, *Sinopse das sesmarias da Capitania da Paraíba*, p. 9. Cfr. tb. João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 44, e SILB PB-0024 – grifei.

[127] Cfr. José Antônio Carvalho Almeida e Francisco Renato Lima, *Fenômenos fonéticos da Língua Portuguesa: o caso dos metaplasmos*, esp. p. 61, onde usam precisamente o exemplo "porco – poico" (disponível em: https://revistacm.uespi.br/revista/index.php/revistaccmuespi/article/viewFile/214/126).

[128] Cfr. Professores e lideranças do povo indígena Xukuru, *Xucuru, filhos da Mãe Natureza*, p. 71. Para "porco" Robert Meader registra pužu (*Índios do Nordeste*, p. 57).

freguesia e filho de José Soares e Cecília de Torres, "índios do Orubá", conforme documento que reproduzo tendo em vista que noutro texto há um equívoco quanto à transcrição desse termo[129]:

Doc. 1 – Assento de Batismo de Manoel, índio, filho de filho de José Soares e Cecília de Torres, índios do Uruba (1777)



Fonte: Freguesia de Cariri de Fora (São João do Cariri/PB) – Livro n. 3 – Batizados de 1773-1787, fls. 79
Disponível em https://archive.slavesocieties.org/volume?id=248821

Transcreve-se:

Man[el] *Indio*

Manuel natural desta freguesia filho legítimo de José Soares e Custódia de Torres digo Cecília de Torres Índios do Urubá nasceu a dois de Outubro do ano mil setecentos setenta e sete, e a nove de Março foi solenemente Batizado com santos Óleos de licença minha pelo Padre Francisco Xavier Ordonho de Sopeda na Capela de São Pedro do Pajaú, foram padrinhos Manuel Pereira filho de Francisco Pereira e Agostinha Soares filha de José Coelho de que fiz o assento.

Cypriano Joze da Camara Gondim

[129] Registre-se que, à p. 138 do livro *Freguesia do Cariri de Fora*, Tarcizio Dinoá Medeiros equivocadamente transcreve "Urubá" por "Urubu". Ígor Cardoso considera que, "por conta da maior proximidade – veja-se que, da Capela de São Pedro à matriz do Cariri de Fora [em São João do Cariri] contam-se aproximadamente dez léguas, ao passo que até a matriz de Cabrobó[/PE, a que à época a região do Alto Sertão do Pajaú vinculava-se], cinco vezes essa distância –, é de supor que, pelo menos no lapso temporal entre 1750 e a criação da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Flores do Pajaú, em 1783, e mesmo depois disso, boa parte dos sacramentos fossem realizados na Paraíba" (*De antes do "Reino dos Cantadores"*, p. 129). Por fim, cumpre assinalar que o historiador Aldo Branquinho Nunes assinala que "é possível que os Alves Martins tenham deixado descendência entre o Pajeú [refere-se a Estevão Alves Martins, com 34 anos, em 1803, morador na Fazenda São Pedro] e o Cariri, especialmente nas famílias ainda existentes que assinam por Alves de Siqueira, Alves de Brito, Alves da Graça, entre Amparo, Itapetim e São José do Egito (ou melhor, nos arredores das povoações de São Pedro e São Vicente)" (*Currais, cangalhas e vapores*, p. 221 e nr 156).

Cura e Vigr[o] no Krery[130]

Nesse sentido também vale transcrever assentos de batismos de indígenas realizados até 1839 na Capela de São José das Queimadas:

Manoela Índia — Manoela, índia, filha legitima de Manoel Antônio e Anna Maria naturais moradores no Riacho de São João desta Freguesia de São José da Ingazeira nasceu aos vinte quatro dias do mês de dezembro do ano de mil oito centos e trinta oito, foi batizada solenemente de minha licença com os Santos Óleos na Capela de São José das Queimadas desta Freguesia pelo Reverendo Manoel Joaquim de Souza Camarão aos três dias de fevereiro do ano supra e foram padrinhos Luis Baptista Gonsalves, casado, e Anna Antônia, solteira, do que, digo, moradores nesta mesma Freguesia do que para constar fiz este assento e assinei.

O Vig[rio] Plácido Ant[io] dos (?)[131]

Domingos Índio — Domingos, índio, filho legitimo de Antônio (?) e Francisca Maria naturais e moradores no Brejinho desta freguesia de São José da Ingazeira, nasceu aos quinze dias do mês de março do ano de mil oitocentos trinta nove e foi batizado solenemente por minha licença, com os Santos Óleos na Capela de São José das Queimadas desta freguesia pelo Reverendo Manoel Joaquim de Souza Camarão aos doze dias do mês de outubro do ano supra, foram padrinhos Lourenço Jose de Luna, solteiro, e Donata Maria, solteira moradores nesta mesma freguesia, do que para constar fiz este assento e assinei

O Vig[rio] Plácido Ant[io] dos (?)[132]

Também de 1839 e realizado na capela de São José das Queimadas foi o batismo de Trajano, indígena filho de moradores do Ambó:

Trajano Índio — Trajano, índio, filho legitimo de Marcos Soares de Araújo e Thereza Maria naturais moradores no Am bó desta Freguesia de São José da Ingazeira, nasceu aos vinte cinco dias do mês de janeiro do ano de mil oito centos trinta nove e foi batizado solenemente de minha licença com os Santos Óleos na Capela de São José das Queimadas pelo Reverendo Manoel Joaquim de Souza Camarão aos cinco dias do mês de fevereiro do ano supra foram padrinhos Estevão Gregório Nunes, solteiro e Joaquina Maria, solteira, moradores nesta mesma Freguesia do que para constar fiz este assento e assinei.

O Vig[rio] Plácido Ant[io] dos (?)[133]

---

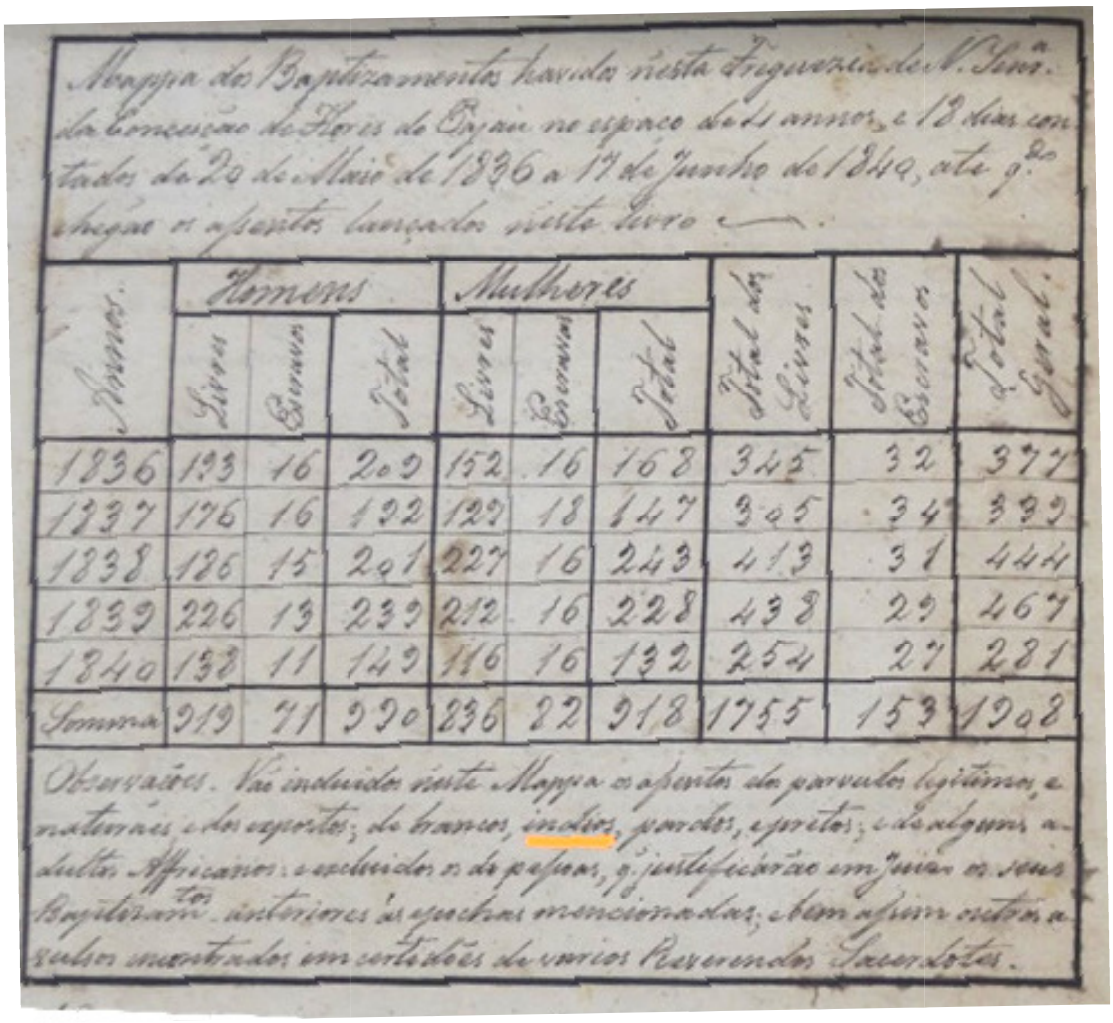
[130] Freguesia de Cariri de Fora (São João do Cariri/PB) – Livro n. 3 – Batizados de 1773-1787, p. 79 – Disponível em https://archive.slavesocieties.org/volume?id=248821 – grifei.

[131] CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios – Afogados da Ingazeira – Batismos 1836 a 1841, fls. 91v e 92.

[132] Afogados da Ingazeira – Batismos 1836 a 1841 – fls. 192 – Disponível em CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios.

Por outro lado, à semelhança do que apontado em relação a Teixeira, apresento dados estatísticos relativos à presença de indígenas na região de São José do Egito, principiando pelo *Mapa dos batizamentos havidos nesta Freguesia de N. Sra. da Conceição de Flores do Pajaú* no período de 1836 a 1840, onde encontra-se a categoria "índios"[134]:

Doc. 2 – *Mapa dos batizamentos havidos nesta Freguesia de N. Sra. da Conceição de Flores do Pajaú* (1836 a 1840)



Mappa dos Baptizamentos havidos nesta Freguezia de N. Snra. da Conceição de Flores do Pajaú no espaço de 4 annos, e 13 dias contados da 20 de Maio de 1836 a 17 de Junho de 1840, até q.do chegão os assentos lançados neste livro.

Annos	Homens			Mulheres			Total dos Brancos	Total dos Escravos	Total Geral
	Livres	Escravos	Total	Livres	Escravas	Total			
1836	193	16	209	152	16	168	345	32	377
1837	176	16	192	129	18	147	305	34	339
1838	186	15	201	227	16	243	413	31	444
1839	226	13	239	212	16	228	438	29	467
1840	138	11	149	116	16	132	254	27	281
Somma	919	71	990	836	82	918	1755	153	1908

Observações. Vão incluidos neste Mappa os assentos dos parvulos legitimos, e naturaes, e dos expostos; de brancos, indios, pardos, e pretos; e de alguns adultos Africanos, e excluidos os de pessoas, q. justificárão em Juizo os seus Baptizados interiores às quantias mencionadas; bem assim outros a saber mentados em certidões de varios Reverendos Sacerdotes.

Fonte: CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios – Flores – Livro 1 Batismo de Flores 1839 – DSC_0307
Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1JxdCRs4kre5NDHy1svtF0WejLZazHJxC

[133] Afogados da Ingazeira – Batismos 1836 a 1841, fls. 92 – Disponível em CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios.

[134] Livro 1 Batismo de Flores 1839 – DSC_0307 – Disponível em CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios – Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1JxdCRs4kre5NDHy1svtF0WejLZazHJxC .

Desse período também é o *Mapa estatístico da Província de Pernambuco* (1837), onde constam os seguintes quantitativos que evidenciam a circunstância de que a Comarca de Flores possuía a 5ª maior população indígena dessa Província:

Tabela 5
Comparativo entre brancos, pardos e índios livres na com base no *Mapa Estatístico da População da Província de Pernambuco, classificadas por Comarcas e pertencentes ao ano de 1837*

Comarcas	Índios	Brancos	Pardos	Pretos	Total
Recife	446	25214	28215	8815	62690
Goiana	42	4163	3271	600	8076
Nazareth	20	8204	11982	1861	22067
Limoeiro	–	4344	10936	1143	16423
Santo Antão	91	7075	5872	726	13764
Barreiros	280	2518	5225	1472	9495
Garanhuns	803	7514	19355	882	28554
Brejo	290	4562	5893	190	10935
Flores	122	8785	11844	2132	22883
Rio Formoso	–	–	–	–	–
Total	2094	72379	102593	17821	194887

Fonte: *Mapa estatístico da Província de Pernambuco* – AN. Série Interior. IIJ9 252 A – Ministério do Império – Pernambuco,
Citado por Mariana Albuquerque Dantas em *Dimensões da participação política indígena na formação do Estado Nacional brasileiro: revoltas em Pernambuco e Alagoas (1817-1848)*, p. 8
Elaborada pelo autor

A partir da segunda metade do séc. XIX praticamente cessaram os registros com a categoria "índio", de forma que no *Recenseamento Geral do Brasil em 1872 – Pernambuco* constam 123 caboclos, praticamente a quantidade de indígenas contabilizados em Flores no referido *Mapa estatístico da Província de Pernambuco* de 1837:

Tabela 6 Recenseamento Geral do Brasil em 1872 – Província de Pernambuco Quadro geral da população da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Pajeú de Flores					
		Brancos	Pardos	Pretos	Caboclos
Livres	Homens	1880	2989	169	60
	Mulheres	2164	2809	191	63
Escravos	Homens	–	63	147	–
	Homens	–	74	184	–
Total		4044	5885	641	123
%		37,82	55,04	5,99	1,15

Fonte: *Recenseamento Geral do Brasil em 1872 – Pernambuco*, p. 160
Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v9_pe.pdf
Elaborada pelo autor

No Censo de 1890 a categoria "pardo" foi substituída por "mestiço", sendo que em São José do Egito foram contabilizadas 1834 pessoas nessa categoria e 881 "caboclos", também referidos como *indiens*:

Tabela 7 Censo de 1890 População recenseada no Estado de Pernambuco quanto ao sexo, à raça e ao estado civil					
Municípios e Paróquias		Brancos	Pretos	Caboclos *indiens* [índios]	Mestiços
São José do Egito	Homens	2972	299	453	905
	Mulheres	3008	316	428	929
Total		5980	615	881	1834
%		64,23	6,61	9,46	19,70

Fonte: IBGE
Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25487.pdf
Elaborada pelo autor

Nos Censos Demográficos realizados pelo IBGE em 2000 e 2010 constam os seguintes dados quanto às pessoas autodeclaradas "pardas" e "indígenas" residentes nos municípios que compõem o Alto Sertão do Pajaú – assinalando-se que o IBGE ressalta que o significativo aumento do número de municípios brasileiros (sobretudo na Região Nordeste) onde reside pelo menos um indígena autodeclarado evidencia "o processo da etnogênese, que ocorreu e vem ocorrendo em muitas regiões do País"[135]:

Tabela 8
Censos IBGE

	2000			2010		
Município	Total	Pardos	Indígenas	Total	Pardos	Indígenas
São José do Egito	29468	11564	17	31829	16954	23
Afogados da Ingazeira	32922	17857	10	35088	18364	78
Brejinho	7278	4085	0	7307	4152	0
Carnaíba	17696	9233	21	18574	9860	21
Iguaraci	11570	5876	0	11779	7428	0
Ingazeira	4567	2660	0	4496	2270	0
Itapetim	14766	6245	7	13881	6563	63
Quixaba	6855	4871	0	6739	3989	0
Santa Terezinha	10251	6063	0	10991	5844	0
Solidão	5532	2229	0	5744	2347	5
Tabira	24065	9950	0	26427	12821	0
Tuparetama	7766	4025	43	7925	4478	0

Fonte: IBGE – Censo Demográfico – Tabela 2093 – População residente por cor ou raça, sexo, situação do domicílio e grupos de idade – Amostra – Características Gerais da População – Disponível em https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2093
Elaborada pelo autor

Após essas considerações a respeito de Teixeira e São José do Egito como componentes de um território mais amplo habitado pelo povo indígena Xukuru, torna-se oportuno dissertar sobre a região que em meados do séc. XVII foi denominada "Sertão de Xukuru".

[135] IBGE, *Os indígenas no Censo Demográfico 2010*, p. 4 – Disponível em https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf.

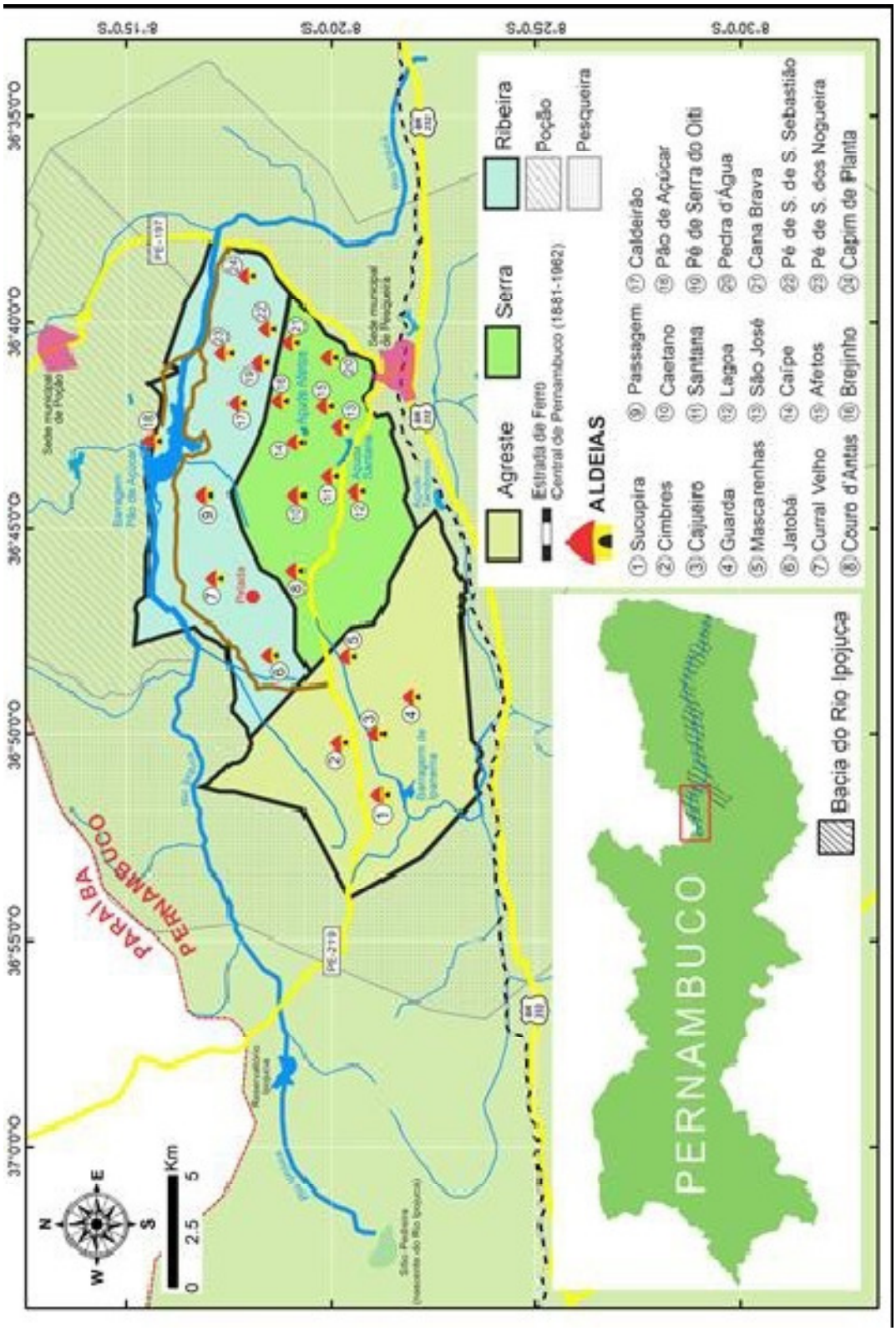
1.4 "Sertão de Xukuru": mapa conjectural do Território Indígena Xukuru no final do séc. XVII

O atual Território Indígena Xukuru do Ororubá (seus habitantes autodenominam-se Xukuru do Ororubá para diferenciarem-se dos Xukuru de Cimbres[136] e dos Xukuru-Kariri[137]) localiza-se, a 215 km da capital Recife, nos municípios pernambucanos de Poção e Pesqueira. Foi demarcado em 2001, possui 27555 ha e compõe-se de 24 aldeias distribuídas em três regiões geográficas: a Serra (brejo de altitude com mais abundância de água), o Agreste (região mais seca em torno da atual aldeia Vila de Cimbres) e a Ribeira (cortada pelo intermitente Rio Ipojuca).

[136] Sobre os Xukuru do Ororubá e os Xukuru de Cimbres o historiador Edson Silva informa que "em 2003, após conflitos internos algumas famílias indígenas foram expulsas do território Xukuru do Ororubá e autodenominaram-se Xukuru de Cimbres e atualmente são reconhecidas como um povo indígena habitante na área urbana de Pesqueira e em um território compreendendo parte dos municípios vizinhos de Alagoinha, Venturosa e Pedra, todos em Pernambuco" (*Índios*, p. 27, nr 2). A Vila de Cimbres atualmente é uma aldeia que compõe o Território Indígena Xukuru. Devido à confusão que comumente faz-se entre as denominações Cimbres e Pesqueira o historiador Gilvan de Almeida Maciel assinala: "Mais uma observação destinada aos que não estão afeitos à história local: na realidade, oficialmente Pesqueira era a sede do Município desde 13 de maio de 1836, no entanto o Município permaneceu com o nome de Cimbres, denominação esta que somente iria desaparecer em 1913 quando, por determinação legal, os municípios seriam designados pelo nome da cidade/sede" (Gilvan de Almeida Maciel, *Algumas notas adicionais a Livro da criação da Vila de Cimbres (1762-1867)*, p. 283, nota LIV).

[137] Sobre os Xukuru-Kariri o historiador Clóvis Antunes assinala: "Uma família xucurus de Cimbres – Pesqueira – Pernambuco – assim contam os atuais indígenas palmeirense – foragidas, em tempos idos, pelo flagelo das secas do sertão solicitou abrigo aos Kariri de Palmeira e fixaram-se na entrada da Serra da Cafurna, onde, hoje, se encontra o bairro chamado "Chucurus", cujo açude tem o mesmo nome. Quando o Kariri descia da Serra da Cafurna, da Serra da Boa Vista ou da Serra da Capela, iam visitar os xucurus, pernoitavam em suas casas. E, assim, aos poucos, os xucurus tornaram-se influentes e hospedeiros" (*Wakona-Kariri-Xukuru*, p. 19).

Mapa 3 – Território Indígena Xukuru (2022)



Fonte: Edson Silva, João Domingos Pinheiro Filho e Maristela Casé Cunha, *O Ipojuca, um rio na história no semiárido brasileiro*

Todavia, à época do início do processo de invasão dos sertões do Nordeste brasileiro ocorrido na segunda metade do séc. XVII a área habitada pelo povo indígena Xukuru alcançava Teixeira, o Norte do Alto Sertão do Pajaú e a parte Centro-Sul da região paraibana do Kariri Ocidental que compreendes os municípios de Sumé, Ouro Velho e Prata, cuja denominação denota a circunstância de que nos primórdios de sua colonização essa região atraiu mineradores.

Um desses aventureiros foi o pastor neerlandês Jodocus van Statten, que, a mando da Companhia das Índias Ocidentais, em 1645 "dirigiu-se ao Sertão de Sararu / Sacaru / Sucuru para explorar uma suposta mina de prata"[138], como registrou em carta de 24 de junho desse ano, um dos mais antigos registros sobre esse povo indígena[139]:

> [Meu filho] Alexandre, que levei comigo para a mina, onde ele ainda está e distribui diariamente a ração aos trabalhadores, que até novas ordens continuam a trabalhar… Cheguei bem aqui no dia 20 de junho [de 1645], vindo do sertão de Sararu – onde se encontra a mina.[140]

A respeito desse documento o pesquisador neerlandês Benjamin Teensma assinala:

> Na carta de 24 de junho de 1645, traduzida por um amanuense, vem a notícia de que a mina de prata de que aqui se trata se encontrava no Sertão de Sararu. Mas este topônimo, porque registrado numa carta traduzida, é bem capaz de ser uma corruptela.

---

[138] Benjamin Teensma, *As frustrações do pastor Jodocus: uma malograda empresa mineira dos holandeses no sertão paraibano*, p. 118.

[139] Também do séc. XVII, alguns dos mais antigos registros sobre os Xukuru são uma certidão expedida em 1689 pelo bandeirante Domingos Jorge Velho (cfr. AHU – ACL CU 005, Cx. 31 – Doc. 4010 a 4021), o requerimento apresentado em 1691 de sesmaria relativa a terras no lugar Xucarada (cfr. João de Lyra Tavares, *Apontamentos para a história territorial da Paraíba*, p. 502), o Tratado de Paz firmado em 1692 entre o Rei de Portugal e Janduí, "Rei" dos Tarairiú, representado por Nhangugê, "maioral da sua aldeia Sucuru da mesma nação Janduí, e cunhado recíproco do dito Rei Canindé", e o referido requerimento da Sesmaria do Ambó (cfr. AHU-ACL-CU-005, Cx. 2, Doc. 231). A esse respeito é oportuno assinalar que, embora o antropólogo William Hohenthal aduza que "a primeira menção à tribo Shucurú, na versão Xacuru, ocorre por volta do ano de 1599, se acreditarmos no [cronista e religioso Domingos de Loreto Couto] autor de *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*, escrito em 1757 no Recife" (*Notes on the Shucurú indians of Serra de Ararobá, Pernambuco, Brazil*, p. 99), ao referir-se a este ano Loreto Couto na verdade alude aos primeiros contatos dos portugueses com indígenas Tabajara, enquanto seu relato sobre os Xukuru encontra-se apenas no capítulo seguinte, relativo à série de conflitos conhecida como "Guerra dos Bárbaros" iniciados pelo menos dez anos após os registros de Jodocus van Stetten.

[140] Jodocus van Statten, carta de 24 de junho de 1645, apud Benjamin Teensma, *O diretorado do Predicante Jodocus van Stetten no ano 1645, sobre uma suposta mina de prata nas margens do Rio Sucuru na Paraíba*, p. 31.

> [...]
> A esta carta traduzida do 24 de junho de 1645 foi adjunto um mata com textos explicativos autógrafos, porque escritos em holandês germanizado.
> [...]
> O rio desenhado no mapa corre de oeste para leste, e exatamente na dobra da folha é que foi acrescentado o nome em minúsculos caracteres. Esse nome é Rio Sekuru [...] Combinando as duas versões do nome do rio em questão: Sararu na tradução e Sekuru no mapa autógrafo, e, tratando-se de um rio que corre de oeste para leste, chego a identificá-lo como o afluente Sucuru do Rio Paraíba.[141]

Com efeito, através do topônimo "Sertão de Xukuru" van Statten refere-se à região localizada na confluência entre os municípios paraibanos de Sumé, Ouro Velho e Prata à qual assim alude por causa do Rio Sucuru que a corta como um dos principais afluentes do Rio Paraíba:

Mapa 4 – DNIT – Cariri Ocidental (Cariri Velho) – Estado da Paraíba (detalhe)



Fonte: DNIT
Disponível em: https://www.brasil-turismo.com/paraiba/mapa-rodoviario.htm

Ocorre que, para além desta localização mais específica, o topônimo "Sertão de Sucuru" consiste em relevante indício acerca do território mais amplo habitado pelo povo Xukuru nos primórdios da invasão dos sertões do Nordeste brasileiro, ao qual assim refere-se o filólogo Geraldo Lapenda:

---

[141] Benjamin Teensma, *As frustrações do pastor Jodocus*, p. 120 – grifei.

> Parece que outrora esses índios [Xukuru] ocupavam uma extensa área, a qual abrangia os Estados de Pernambuco e Paraíba, desde Caruaru até Alagoa do Monteiro, e que portanto compreendia principalmente os Municípios de Caruaru, Brejo da Madre de Deus, Belo Jardim, Sanharó, Pesqueira, Arcoverde.[142]

A partir desses indícios e de requerimentos de sesmaria, relações de propriedades rurais e mapas dos Estados de Pernambuco e Paraíba, é possível identificar outros topônimos que possibilitam a elaboração de um mapa conjectural do Território Indígena Xukuru no final do séc. XVII.

1.4.1 A presença Xukuru em municípios de Pernambuco

No Estado de Pernambuco, além dos referidos municípios de São José do Egito, Poção e Pesqueira, outros municípios que possuem indícios da presença do povo Xukuru são Iguaraci (no Alto Sertão do Pajaú), Sertânia (no Sertão do Moxotó), Buíque, Capoeiras (ambos no Agreste Meridional), Belo Jardim, Brejo da Madre de Deus, Caruaru e Jataúba (todos esses no Agreste Central)[143].

a) Iguaraci

Um indício da presença Xukuru no Município de Iguaraci/PE é o requerimento de sesmaria apresentado em 1698 relativa a terras de que "teve notícia ele suplicante pelos índios da Aldeia do Araroba", localizadas "entre as povoações do Araroba e rio Pajaú" e que têm como referência um "olho d'água que confronta pela parte do Norte com a mesma estrada e para o poente com a serra do Gebitaca, e rio Pajaú" e como centro "um serrote que os índios chamam pela sua língua Craiucarasy", possível proveniência do topônimo Iguaraci, atual município do Alto Sertão do Pajaú do qual um

---

[142] Geraldo Lapenda, *O dialeto Xucuru*, p. 11 – grifei.

[143] De acordo com Caroline Leal e Lara Erendira Andrade, além dos Xukuru do Ororubá, dos Xukuru de Cimbres (loc.: Pesqueira, Alagoinha, Venturosa e Pedra) e de povos que reivindicam o reconhecimento de direitos (a exemplo de Pankará Serrote dos Campos e dos Tuxá Campos, ambos habitantes em Itacuruba), em Pernambuco atualmente são conhecidos os seguintes povos indígenas: Atikum (pop.: 4.631 / loc.: Carnaubeira da Penha e Salgueiro), Fulni-ô (pop.: 4.260 / loc.: Águas Belas), Kambíwá (pop.: 1.911 / loc.: Ibimirim e Inajá), Kapinawá (pop.: 3.283 / loc.: Buíque, Tupanatinga e Ibimirim), Pankawicá (pop.: 150 / loc.: Jatobá), Pankará (pop.: 5.300 / loc.: Carnaubeira da Penha e Itacuruba), Pankararu (pop.: 5.500 / loc.: Petrolândia, Tacaratu e Jatobá), Pankararu entre Serras (pop.: 1.500 / loc.: Petrolândia, Tacaratu e Jatobá), Pipipã (pop.: 1.195 / loc.: Floresta), Tuxá (pop.: 261 / loc.: Inajá), Truká (pop.: 6.236 / loc.: Cabrobó e Orobó) e Tuxi (pop.: não há dados disponíveis / loc.: Belém de São Francisco) (*Guerreiras: a força da mulher indígena*, apud Maria da Penha da Silva, *A temática indígena nas práticas curriculares docentes em escolas municipais (Pesqueira, PE)*, p. 101).

dos distritos denomina-se Jabitacá:

> Sr. Diz o Coronel Leonel de Abreu de Lima que entre as povoações do Araroba e rio Pajaú há uma travessia de terras muntudias de trinta e tantas léguas de comprido de uma parte a outra pela qual vai uma estrada para o rio Pajaú e toda essa travessia está devoluta e despovoada por serem terras muntudias e sem águas que foi a causa porque onde nunca se povoaram e como há dois anos teve notícia ele suplicante pelos índios da Aldeia do Araroba que nesses meios pouco mais ou menos da dita travessia largando a estrada que vai para o dito rio Pajaú e marchando sobre a mão esquerda para a parte do sul um dia de marcha havia um olho d'água nativa a qual ele dito pois por obra descobrir com algum gasto de sua fazenda e algum risco de vida pela dita parte até ser povoada de algum gentio bárbaro e pouco doméstico o qual olho d'água confronta pela parte do Norte com a mesma estrada e para o poente com a serra do Gebitaca, e rio Pajaú, e do sul e nascente com terras que são já pedidas e povoadas por ser para as duas partes muito afastadas as primeiras povoações e como ele dito suplicante descobriu o dito olho d'água, e tem muitas criações suas de *gado vaccum* e cavalar e não tem aonde os possa criar nem acomodar por não ter terras próprias o que posto, pede a VS.ª lhe conceda em nome de S. M. que D.ª G.ª três léguas de terras em quadro na dita parte por devolutas e despovoadas fazendo pião em um serrote que os índios chamam pela sua língua Craiucarasy que da fralda do dito serrote marca o dito olho d'água e só desta sorte se irão povoando estes sertões e extinguindo o gentio bárbaro. ERM. Informe o Provedor da Fazenda Real, ouvindo o Procurador da Coroa. R.e 17 de janeiro de 1698.[144]

b) Buíque

No Município de Buíque[145]/PE existem o Rio Xicuru[146], a Fazenda Xicuru[147] e os lugares Laje do Xicuru[148] e Xicuru[149].

Esse último lugar possivelmente corresponde ao Campo do Buíque que consta do Caminho do Ipojuca ou Campo do Carassa que consta de requerimento de sesmaria

---

[144] *Documentação histórica pernambucana – Sesmarias*, vol. 1, p. 58-59 – grifei.

[145] Homero Fonseca informa que os enólogos Mário Melo e José de Almeida Maciel aventam a hipótese de que a palavra buíque significa "sal da terra" ou "terra de sal" (*yby* = sal + *ubu* = terra, corrompidos em *bu-yiqui*) e que "a favor desse argumento está o fato de que nas terras do município havia jazidas de salitre, mineral empregado na fabricação de pólvora, explorado na região desde fins do século 17" (*Pernambucânia*, p. 98). Por fim, registre-se que no Município de Buíque/PE atualmente localiza-se o Território Indígena Kapinawá, homologado pelo Decreto Federal de 11 de dezembro de 1998.

[146] Cfr. *Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea – Estado de Pernambuco – Diagnóstico do Município de Buíque* – Disponível em https://rigeo.cprm.gov.br/bitstream/doc/15737/1/Rel_Bu%C3%ADque.pdf.

[147] Cfr. *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco* (recenseamento realizado em 1920), p. 86, e IBGE – *Mapa Municipal Estatístico – BUÍQUE.*

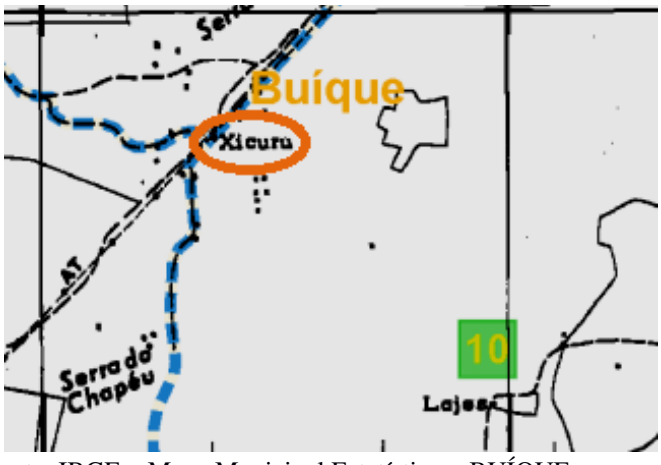
[148] Cfr. *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco* (recenseamento realizado em 1920), p. 85, n. 17.

[149] Cfr. José Antônio Gonsalves de Mello, *Três roteiros*..., p. 23 e ss.

apresentado pelo Coronel Leonel de Abreu de Lima (que, como se viu no item anterior, também no ano de 1698 apresentou requerimento de sesmaria relativo a terras na Serra de Jabitacá, no Município de Iguaraci) relativo a terras que igualmente "ele suplicante por noticia que teve pelos índios do Araroba":

> "Sr". Diz o Coronel Leonel de Abreu de Lima, que entre as Povoações do Araroba, campos de Ipojuca e Rio Pajaú há uma travessia de terras montudias de trinta ou trinta e cinco léguas de comprido de uma para outra, e toda essa travessia é devoluta e despovoada por serem terras montudias que foi a causa porque nunca se povoaram, nem se procuraram e como ele suplicante por noticia que teve pelos índios do Araroba em os primeiros de março de seiscentos e noventa e oito entrou pelos matos e meios da dita travessia descobriu um riacho, nascença do rio Paraquêo que corre para o rio de S. Francisco em o dito riacho achou um campo que corre de uma e outra parte, e o dito campo chamam os índios do Araroba o Carassa o qual confronta pelo nascente com terras do Araroba, e Pereperi que foram do G^{or} João Fernandes Vieira e do Norte com a estrada que vai do Araroba para o rio Pajaú [...] E assim mais ter descoberto a dita parte com risco de vida e de seus escravos e seus descobridores, por ser a parte cultivada de diversas nações de gentio bárbaro ogoé goé e Paraquêo e o gasto que tem feito da sua fazenda e pagamentos de índios mansos que para os tais descobrimentos se ocupam e juntamente atendendo V. Sa a diligência com que se tem havido no serviço de S[ua] M[ajestade] que D. G. como seja no descobrimento
> das salinas do saletre [...][150]

Mapa 5 – DNIT – Buíque/PE (detalhe)



Fonte: IBGE – Mapa Municipal Estatístico – BUÍQUE
Disponível em:
https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas//mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/pe/buique_v2.pdf

[150] *Documentação histórica pernambucana – Sesmarias*, vol. 1, p. 60-62 – grifei.

c) Sertânia

De acordo com a *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco* (recenseamento realizado em 1920), no Município de Sertânia/PE (com a anterior denominação Alagoa de Baixo) existe o lugar Baixa do Xicuru[151].

d) Belo Jardim

No Município de Belo Jardim/PE existem os povoados Balança de Xucuru, Lagoa de Xucuru e Mulungu de Xucuru, bem como a Serra Xucuru e o Distrito Xucuru, onde "por volta de 1850 [...] existia uma aldeia de caboclos refugiados da Vila de Cimbres, Município de Pesqueira – PE"[152] e possivelmente localiza-se o sítio arqueológico Furna do Estrago, vinculado ao povo Xukuru e sobre o qual dissertarei adiante.

e) Caruaru

De acordo com a *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco* (recenseamento realizado em 1920), no Município de Caruaru/PE existe um lugar denominado Xicuru[153] – aliás, onde nasceu o repentista Manoel Luiz do Sucuru, que "viveu e atuou nas três ou quatro primeiras décadas [do século XX]"[154].

---

[151] Cfr. *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco* (recenseamento realizado em 1920), p. 19.

[152] Cfr. Prefeitura Municipal de Belo Jardim – Vilas e Povoados (disponível em https://belojardim.pe.gov.br/a-cidade/vilas-e-povoados/) e Distritos (disponível em https://belojardim.pe.gov.br/a-cidade/distritos/). Por lei de 21 de dezembro de 1963 o Distrito Xucuru foi elevado à condição de Município desmembrado do Município de Belo Jardim, mas posteriormente foi reincorporado a este – cfr. Portal São Bento – Disponível em https://www.portalsbu.com.br/index.php?sec=coluna_orlando&id=99&/fatos-gente-so-bentenses-de-pocas-diversas-21. Também vale registrar que, de acordo com as coordenadas informadas pelas arqueólogas Alice Aguiar (*A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*) e Jeannette Lima (*Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE*) (Lat.: 8º 11' 36" / Long.: 36º 28' 14"), este Distrito Xucuru encontra-se no entorno dos sítios arqueológicos Pedra do Letreiro e Furna do Estrago.

[153] Cfr. *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco* (recenseamento realizado em 1920), p. 122 (ns. 232 a 236), 124 (ns. 346 a 352) e 131 (n. 726).

[154] Atila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 171.

f) Jataúba

No Município de Jataúba[155]/PE existe um lugar denominado Chucarada, localizado na Serra do Jacarará , como consta de requerimento de sesmaria apresentado em 1691 dentre outros por "João de Oliveira Neves, capitão-mor do Arubá":

> Tenente coronel Manoel da Fonseca Rego, João de Oliveira Neves capitão-mor do Arubá, Mathias Socio, André de Oliveira, Polinário Pereira, capitão Lázaro Frazão e Manoel Gomes, dizem que entre o rio Capibaribe e o rio Paraíba há terras devolutas no lugar Chucarada e porque pretendem pedem se lhes conceda por sesmaria por entre os dois rios correndo para o mar onde o rumo melhor der até vinte quatro léguas e para cima seis com toda a terra que se achar pelas ilhargas. Fez-se a concessão no governador Antônio Machado da Silva e Silva e Castro.[156]

1.4.2 A presença Xukuru em municípios da Paraíba

No Estado da Paraíba, além dos assinalados município de Teixeira e Matureia há indícios da presença do povo Xukuru nos municípios de Prata, Monteiro, São Sebastião do Umbuzeiro, São João do Tigre, Sumé e Serra Branca:

a) Prata

Como vimos, a anterior denominação do atual Município de Prata/PB era Mujiqui[157], topônimo da Língua Xukuru que atualmente designa um lugar localizado a sudoeste desta cidade e que consta de diversos requerimentos de sesmaria apresentados no início do século XVIII, a exemplo do seguinte:

> Simão Carvalho da Cunha e Pedro da Costa Azevedo, moradores nesta capitania, dizem que correram vários sertões desta mesma capitania, com risco de suas vidas e dispêndio de suas fazendas, a fim de buscarem cômodos para seus gados e cultivarem agrestes e desaproveitadas terras; e porque em as fraldas vertentes de uma serra, chamada pela língua do gentio Xucurú – *Mongiquy* da parte do nascente, onde faz uma cachoeira e um riacho, onde nasce um olho

[155] "Jataúba (ou jataíba ou jatobá, do tupi *yeta'iw*) é uma variedade de palmeira nativa" (Homero Fonseca, *Pernambucânia*, p. 150).

[156] João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 501-502. Cfr. tb. *Documentação histórica pernambucana – Sesmarias*, vol. 1, p. 18-19 – em que transcreve-se o nome do lugar por Xaquereda. Registre-se que na Serra do Jacarará há um povoado denominado Apolinário, decerto em referência a Polinário Pereira, um dos sesmeiros citados.

[157] "*Mujiqui* (Voc. ind. corr. de *mon-jiqui*: fazer armadilha para peixes" (Coriolano de Medeiros, *Dicionário...*, p. 213 e 150). Por sua vez, Antônio Geraldo da Cunha registra o significado de muciqui: "água-viva, alforreca" (*Dicionário histórico...*, p. 213).

> d'água, que corre para o nascente, vertente à Paraíba há terras devolutas, pediam fizesse a mercê de seis léguas de terras, começando do dito olho d'água, uma légua para parte do norte e cinco para a parte do sul, atravessando sempre as vertentes com a largura que se achar, com todos os seus logradouros [...][158]

b) Monteiro

Indício da presença xukuru no Município de Monteiro/PB é o lugar Barra do Xicuru[159].

c) São Sebastião do Umbuzeiro

O historiador paraibano Horácio de Almeida noticia a existência de uma serra denominada Orobá no Município de São Sebastião do Umbuzeiro/PB[160].

d) São João do Tigre

No Município de São João do Tigre/PB existe a Pedra do Caboclo, assim denominada em referência a um "velho xukuru que, carregado de anos, faleceu à sombra dessa pedra" que contém "inscrições rupestres, letreiros reverenciados, ainda hoje, pelos parcos remanescentes indígenas – índios xucuru, antigos donos da terra"[161].

Nesse município também localiza-se a Serra de Moça, onde, segundo a pesquisadora Elenilda Sinésio, "cada pessoa [...] possui um pai, mãe, avô, avó, tio, tia, irmão ou ele próprio é um índio Xukuru", circunstância que denota "a relação existente entre essa localidade e os índios Xukuru de Pesqueira em Pernambuco"[162].

---

[158] Irineu Joffily, *Sinopse das sesmarias da Paraíba*, p. 8, João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 45 (que transcreve "Hucurú"), e SILB PB 0025 – grifei. De acordo com a numeração proposta por João de Lyra Tavares, outras sesmarias requeridas com alusão ao lugar Mujiqui são a n° 95, de 1711 (p. 77) e a n° 823, de 1785 (p. 405), essa última em terras que "são sobras do sitio S. Paulo, Pedra da Bixa e Mugiqui, confinando pelo nascente com o referido sitio S. Paulo, pelo poente com os providos do Pajaú", ou seja, terras pertencentes ao referido sesmeiro Custódio Alves Martins e seus descendentes – cfr., na numeração proposta por João de Lyra Tavares, as sesmarias n° 279, de 1740, e n° 850, de 1786).

[159] Cfr. *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado da Paraíba* (recenseamento realizado em 1920), p. 19, n. 346.

[160] Horácio de Almeida, *História da Paraíba*, vol. 1, p. 280.

[161] Armand Laroche, *Nota prévia sobre um abrigo funerário do Nordeste brasileiro*, p. 73 e 74.

[162] Elenilda Sinésio*, Subindo a Serra de Moça e encontrando os caboclos*, p. 56 e 29.

e) Sumé

São vários os indícios da presença do povo Xukuru no Município de Sumé[163]/PB, a começar por sua anterior denominação, São Tomé dos Sucurus[164], e pela existência da Serra dos Sucurus[165], do lugar Boa Vista dos Sucurus e do Poço do Sucuru[166].

Ainda sobre esse município vale referir-se à Pedra Comprida, relevante local de práticas ritualísticas indígenas:

Fig. 9 – O amigo Ígor Átila e o autor na Pedra Comprida (Sumé/PB – 2022)



Fonte: acervo do autor

f) Serra Branca

Em texto publicado em 1935 o antropólogo Estevão Pinto refere-se à presença do povo Xukuru no Município de Serra Branca/PB ao aludir aos "sucurús, que se encontravam nos rios do Meio, da Serra-Branca, de São-José e de Taperoá, todos tributários do Parnaíba [sic: Paraíba], assim como nos afluentes do alto Piranhas, na serra do Arubá e em Cimbres (Pernambuco)"[167], no que foi seguido pelo linguista Čestmír Loukotka, que em texto publicado em 1955 assinalou que "esta tribo tapuia

[163] Em nota ao *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa*, Eugênio de Castro assinala sobre Capistrano de Abreu: "Mostra-nos o mestre como em toda essa costa oriental da America, 'desde a Flórida até o [rio] Prata' existiam 'tradições de um misterioso emigrante branco que por toda parte tinha o mesmo nome. Cristóvão Colombo encontrou índios pintados chamados Zemes. Enciso (1519) registra que Suni era adorado pelos Caraíbas ou Guaranis de Cuba, e no Haiti tornou-se Zemi; no Paraguai, era pai Zomé e alhures era Pyzomé, Zomé, Zoé, Summay, Zamna (América Central) e especialmente Sumé. É possível que a palavra fosse Tamoi, literalmente avô; mitologicamente (*Une fête brésilienne*, pg. 85) um 'regenerador do povo" (Notas ao *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa* – vol. 1, p. 154).

[164] Cfr. Irineu Joffily, *Notas sobre a Paraíba*, p. 217.

[165] Cfr. Irineu Joffily, *Notas de viagem da Vila de São João do Cariri à do Monteiro*, p. 231.

[166] Estes dois últimos lugares foram informados ao autor pelo pesquisador sumeense Francisco Adriano.

[167] Estevão Pinto, *Os indígenas do Nordeste*, vol. 1, p. 138.

[ŠUKURÚ] vivia originalmente nos rios do Meio, São José e Taperoá, além da Serra Branca e Serra do Arubá"[168].

Ademais, no Município de Serra Branca/PB existe o Distrito Sucuru[169], que consistia no centro do "Sertão de Xukuru", como registra o historiador Irineu Joffily em suas *Notas sobre a Paraíba* (1892)[170], seguido por seu colega Afonso Taunay, que assinala: "O centro dos seus domínios [dos Xukuru] era o rio *Sucurú*"[171].

Mapa 6 – DNIT – Serra Branca/PB (detalhe)

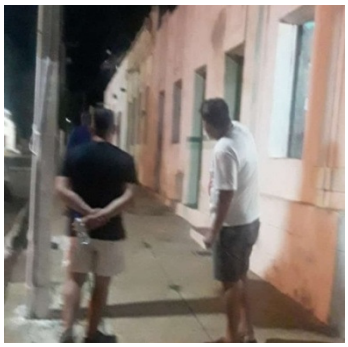


Fonte: IBGE – Mapa Municipal Estatístico – SERRA BRANCA
Disponível em:
https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas//mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/pb/serra_branca_v2.pdf

Figs. 10 e 11 – Placa do Cartório do Distrito de Sucuru / O amigo Ígor Átila e o autor no Distrito de Sucuru (Serra Branca/PB – 2022)



/



Fonte: acervo do autor

[168] Čestmír Loukotka, *Les langues non-Tupi du Brésil du Nord-est*, p. 1039.
[169] Em seu *Dicionário corográfico da Paraíba*, Coriolano de Medeiros refere-se ao Distrito Sucuru como pertencente ao Município de São João do Cariri/PB, mas em termos atuais pertence ao Município de Serra Branca/PB (àquela época Distrito de Itamorotinga, emancipado daquele em 1960) localizado na divisa com o Município de Sumé/PB.
[170] Irineu Joffily, *Notas sobre a Paraíba*, p. 26.
[171] Afonso Taunay, *A Guerra dos Bárbaros*, p. 11.

Possivelmente é ao Distrito Sucuru do Município de Serra Branca/PB que o cantador paraibano Romano do Teixeira alude na seguinte glosa:

Para cantar só Romano
Neste circuito em redor
Poeta no Piancó
Só grande Antônio Caetano
No Sucuru, Cipriano
Ricardo na Cabaceira
Cesário Augusto Oliveira
No *reconco* da Bahia
Campo Alegre e em Cantaria
Só Romano do Teixeira[172]

Da mesma forma o cantador egipciense Antônio Marinho do Nascimento:

Eu domino o meu sertão inteiro
A Cangalha, Prata, Camalaú
São João, Serra Branca, Sucuru
Arcoverde, Sertânia, Umbuzeiro
Carnaíba, Afogados e Monteiro
Ouro-Velho, Tabira e Sumé
Teixeira, Patos e Santo André
Misericórdia, Pombal e Conceição
Taperoá, o antigo Batalhão
São Vicente, Umburana e São José[173]

E o cantador monteirense Severino Lourenço da Silva Pinto, conhecido como Pinto do Monteiro:

Monteiro é a terra do orgulho
E Prata, da quebradeira
Camalaú, da besteira
E São Tomé, do barulho
Tigre é um velho basculho
Que vive pegando fogo
Sucuru pedindo arrogo
Ninguém lhe atende a chamada
Amparo não vale nada
Boi Velho é a terra do jogo[174]

[172] Romano de Mãe D'Água, glosa transcrita por Pedro Baptista em *Atenas de cantadores*, p. 24. *Reconco*: recôncavo.
[173] Pinto do Monteiro, *Peleja de Pinto do Monteiro e Marinho do Pageú*, p. 8.
[174] Pinto do Monteiro, glosa transcrita por Luís Wilson em *Roteiro...*, p. 141. *Basculho*: resto, coisa de pouca importância.

Por fim, sobre a presença do povo Xukuru no Estado da Paraíba é necessário destacar narrativas sobre o Município de São João do Cariri/PB.

1.4.3 São João do Cariri/PB

No contexto da configuração do "Sertão de Xukuru" é necessário proceder a uma revisão historiográfica de narrativas sobre o Município de São João do Cariri/PB, equivocadamente apontado como território habitado por esse povo indígena a partir da afirmação que Irineu Joffily faz em seu livro *Notas sobre a Paraíba* no sentido de que "os Sucurus] ocupavam [...] todo o território hoje compreendido nas comarcas de [...] S. João do Cariri [...]"[175].

Essa afirmação foi referendada por Capistrano de Abreu, autor do prefácio da primeira edição desse livro, depois repetida por Afonso Taunay em seu livro *A Guerra dos Bárbaros* (1935)[176] e utilizada por Coriolano de Medeiros no verbete "São João do Cariri" de seu *Dicionário corográfico do Estado da Paraíba* (1950), onde inclusive transcreve o início de um requerimento de sesmaria apresentado pelo referido Custódio Alves Martins:

> SÃO JOÃO DO CARIRI
> *História* – Os colonizadores do atual município de São João do Cariri se fixaram na região no fim do século XVII. É o que se deduz de uma sesmaria concedida em 17 de dezembro de 1669: – "O Alferes Custódio Alves Martins diz que, sendo morador na capitania de Pernambuco, etc., descobriu alguma terra, etc., nas cabeceiras do Paraíba, em cujas terras ele suplicante situou-se e deu o nome de sítio São João, etc."[177]

A referência a Custódio Alves Martins e ao "sítio São João" são indícios relevantes para identificar adequadamente esse lugar, para o que é necessário transcrever a íntegra desse requerimento:

> O Alferes Custódio Alves Martins diz que, sendo morador na capitania de Pernambuco e desejando povoar algumas terras no sertão e tendo noticias de algumas que havia nas cabeceiras e nascenças do Paraíba, meteu com gente que levou em sua companhia pelo sertão com pessoa

[175] Irineu Joffily, *Notas sobre a Paraíba*, p. 25-26.
[176] Afonso Taunay, *A Guerra dos Bárbaros*, p. 11.
[177] Coriolano de Medeiros, *Dicionário...*, p. 232.

> prática, por serem partes aonde até então não tinha ido gente branca pelo receio de se toparem com o gentio bravo, com despesa e risco de vida, e com efeito descobriu alguma terra que o gentio deu o nome de *Cujajique*, que são algumas... Paraíba, em cuja terra ele suplicante situou-se e deu o nome de sitio *S. João* e logo lhe meteu gado, correndo pelo riacho acima duas lagoas e pelo riacho abaixo outras duas, fazendo novo sitio, e com efeito está de posse da referida terra há mais de três anos procurando dentro delas com toda diligência saber a que jurisdição pertencia para as poder pedir de sesmaria, para que com legítimo titulo pudesse revalidar a sua posse, e porque tem entendido assim por informação particular e como por resolução comum e geral dos moradores daquele sertão que as ditas terras pertencem á jurisdição deste governo requeria das ditas terras quatro léguas confrontadas na forma requerida, mandando passar carta de sesmaria na forma da Ord. L. 4.° til. 43 e conforme o capitulo do regim. deste governo.
> Foi concedida a data de uma légua de terra de comprido e três de largo, deixando salvas pedreiras e alguma aldeia de índios aos 17 de novembro de 1699.
> Confirmada aos 22 de março de 1702.[178]

Reitere-se que a "pessoa prática" que acompanhou Custódio Alves Martins possivelmente era um indígena Xukuru que mantinha a seu serviço na Fazenda São Pedro, que, como se viu, havia erigido em 1695, ou seja, 4 anos antes de chegar às terras descritas no requerimento acima, onde erigiu a Fazenda São João.

Por outro lado, o topônimo Cujajique que consta desse requerimento de sesmaria possivelmente é variação de Mujiqui, anterior denominação do Município de Prata/PB, em cuja divisa com o Município de Tuparetama/PE existe uma fazenda denominada São João fundada por Custódio Alves Martins, a partir de que pode-se concluir que o equívoco de Irineu Joffily consistiu em referir-se a São João do Cariri quando na verdade a documentação refere-se a essa Fazenda São João.

---

[178] Irineu Joffily, *Sinopse das sesmarias da Paraíba*, p. 13-14. Cfr. tb. João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 40-41 – grifou-se. O equívoco segundo o qual o topônimo "São João" corresponderia a São João do Cariri também tem raízes na circunstância de que, na transcrição deste documento, Irineu Joffily encabeça-o com os dizeres "CABECEIRAS DO PARAÍBA / S. JOÃO" (*Sinopse das sesmarias da Paraíba*, p. 13).

Mapa 7 – Fazenda São João com referência ao Município de Tuparetama/PE, ao lugar Mujique e ao Município de Prata/PB



Fonte: IBGE – Mapa Municipais Estatísticos – IGUARACI E TUPARETAMA
Disponível em:
https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas//mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/pe/iguaraci_v2.pdf

1.4.4 Para um mapa conjectural do Território Indígena Xukuru no final do séc. XVII

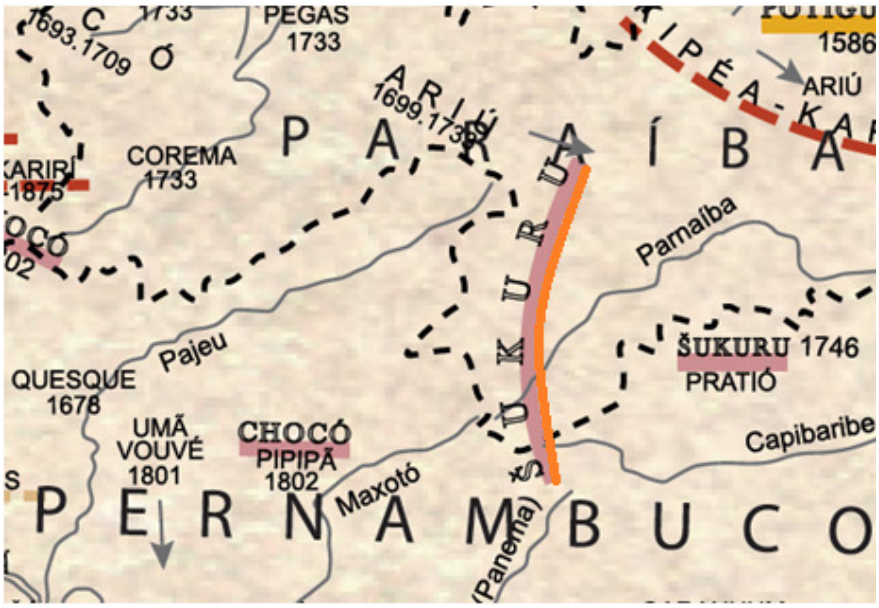
Ainda a respeito do "Sertão de Xukuru", compreendido como o território habitado pelo povo Xukuru quando do contato com os invasores dos sertões do Nordeste brasileiro no final do séc. XVII, é oportuno reproduzir mapas compostos por estudiosos como o historiador cearense Tomás Pompeu Sobrinho (em 1932), o etnólogo alemão Curt Nimuendaju (em 1944), o historiador paraibano José Elias Borges (em 1984) e o historiador norte-rio-grandense Olavo de Medeiros Filho (em 1984):

Mapa 8 – Tomás Pompeu Sobrinho, *Esboço do Mapa Etnográfico do Nordeste* (1932) (detalhe)



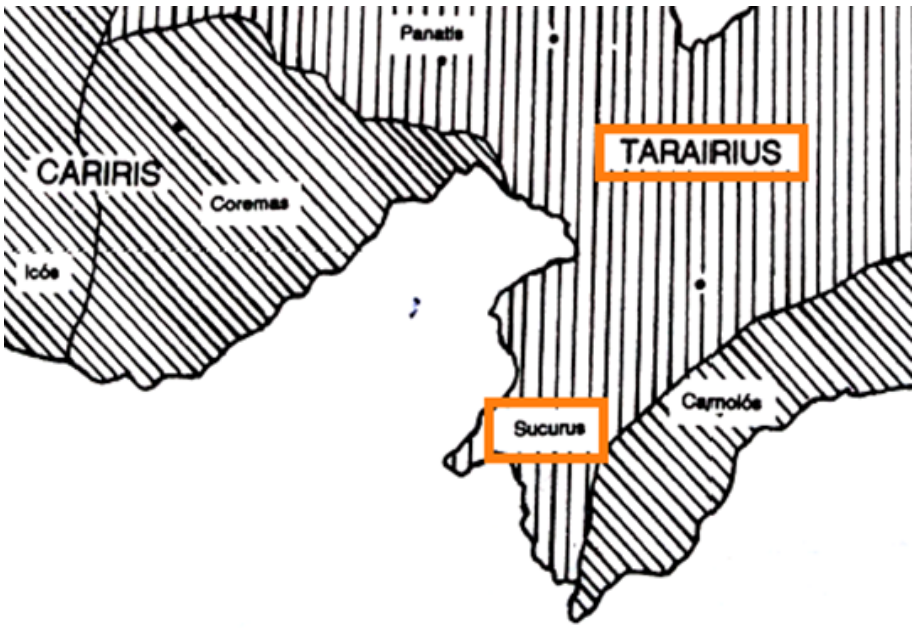
Fonte: Tomás Pompeu Sobrinho, *Kariris*, p. 303

Mapa 9 – Curt Nimuendajú, *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes* (1944) (detalhe)



Fonte: Curt Nimuendaju, *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes* (Anexo)

Mapa 10 – José Elias Borges, *Indígenas da Paraíba – Distribuição aproximada das tribos – Séculos XVII e XVIII* (1984) (detalhe)



Fonte: José Elias Borges, *Índios paraibanos: classificação preliminar*, p. 38

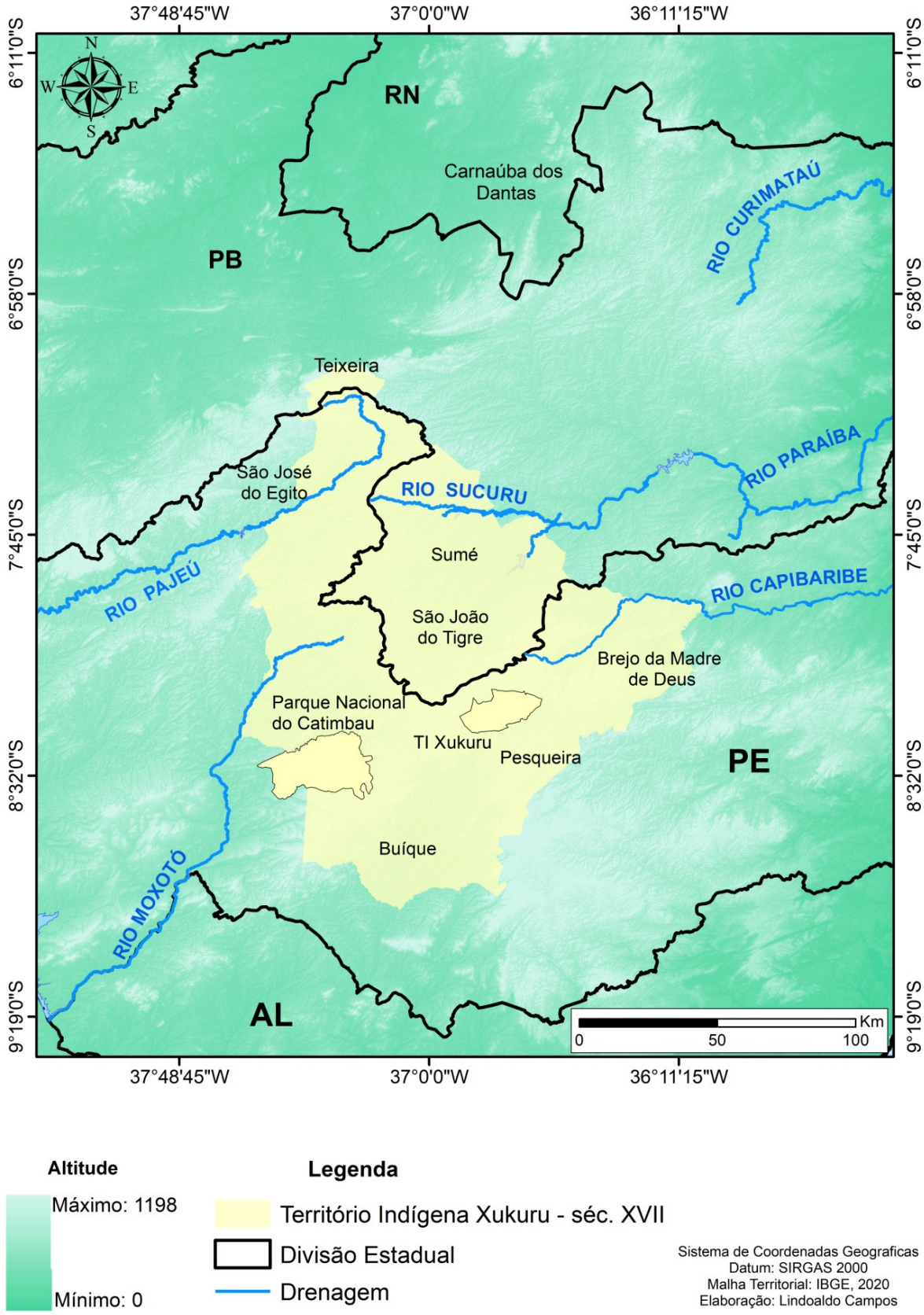
Mapa 11 – Olavo de Medeiros Filho, *Distribuição das tribos indígenas que habitavam o território norte-rio-grandense baseada nos estudos do Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho* (1984) (detalhe)



Fonte: Olavo de Medeiros Filho, *Índios do Açu e Seridó*, p. 31

Com fundamento nessas informações e considerando os atuais limites dos municípios elencados elaborei o seguinte mapa conjectural do Sertão de Xukuru no final do século XVII:

Mapa 12 – Lindoaldo Campos, *Mapa conjectural do Território Indígena Xukuru no final do século XVII* (2022)



1.5 Xukuru: Otshucayana (Tarairiú)

Para concluir esse capítulo dissertarei sobre práticas culturais do povo Xukuru a partir de sua filiação étnica com o propósito de contribuir para a compreensão de sua influência na poética do Sertão da Poesia.

Diversos elementos indicam que o povo Xukuru pertence à etnia Tarairiú[179] (ou Otshucayana[180], etnônimo de sua língua e como doravante grafarei), formada por diversos povos (como os Javós, os Paiacu (ou Pacaju ou Baiacu), os Jenipapo, os Ariá (ou Ariú, Uriú ou Pega), os Panati, os Caratiú, os Canindé[181] e os Janduí[182]) que, à época da invasão dos sertões do Nordeste brasileiro, habitavam sobretudo o interior das capitanias do Rio Grande do Norte e do Ceará e que, por causa de sua bravura, tornaram-se conhecidos como os "aliados infernais"[183] dos holandeses em suas lutas contra os portugueses e como o "gentio potiguar, senhor de todo o sertão, belicosíssimo e inclinado a guerras"[184].

Um dos mais expressivos elementos que indicam a filiação dos Xukuru à etnia Otshucayana é o Tratado de Paz firmado em 10 de abril de 1692, em meio à "Guerra dos Bárbaros", entre o Império Português e os Otshucayana liderados pelo cacique (também denominado "principal") Canindé, representado pelo Capitão João Pais

---

[179] "Tarairiú provém de 'traíra', peixe carnívoro de água doce com ocorrência em praticamente toda a América do Sul, termo corrompido do tupi TARAHIBA *corr.* **Tara-guira** ou **tar-a-guira**, o que bambaleia, ou se contorce. É o nome do peixe d'água doce que vive mergulhado na vasa. (*Erythrinus Tareíra*). Alt. **Trahíra**, **Tareíra**, **Taraíra**" (Teodoro Sampaio, *O Tupi na geografia nacional*, p. 325).

[180] Cfr. Robert H. Lowie, *The Tarairiu*, p. 563. Também grafado Otschucayana (Paul Ehrenreich, *Sobre alguns antigos retratos de índios sul-americanos*, p. 90, citado por René Lommez Gomes em *Homens e frutos do Brasil: História e recepção da obra de Albert Eckhout nas coleções dinamarquesas*, p. 167-168), Očukuyana (cfr. Cestmír Loukotka, *Les langues non-Tupí du Brésil du Nord-est*, p. 1036) e Otshicayone (cfr. . Olavo de Medeiros Filho, *Tarairiús, extintos tapuias do Nordeste*, p. 243).

[181] "Kanindé (s.) – CANINDÉ, ave da família dos psitacídeos, de cor predominantemente azul, parecida à arara, e também chamada arari" (Eduardo Navarro, *Dicionário...*, p. 217); "CANINDÉ [...]: var. de arara de penas amarelas" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 37).

[182] Cfr. Olavo de Medeiros Filho, *Índios do Açu e Seridó*, p. 26-28. "JANDÚ *corr.* **Ya-andú**, aquele que pressente, ou percebe o mínimo contato. É a aranha (*aranea*)" (Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, p. 267); "O vocábulo é também de procedência tupi e significa 'aranha pequena', talvez uma determinada espécie" (Tomás Pompeu Sobrinho, *Línguas tapuias desconhecidas do Nordeste*, p. 6); "Nhandui (célebre por ser ótimo na carreira), nome este que nos reporta a nhandú (ave corredora)" (Fernão Cardim, *Do princípio e origem dos índios do Brasil*, p. 62). Janduí era chamado Drarug na Língua Otshucayana – cfr. Olavo de Medeiros Filho, *Índios do Açu e Seridó*, p. 38, Diógenes Félix da Silva Costa, *Caracterização ecológica e serviços ambientais prestados por salinas tropicais*, p. 38, e Diego Oliveira de Andrade (Akanguasu) et al, *Mikûatiamirĩ – Pequeno livro sobre saberes linguísticos do povo Mendonça Potiguara*, p. 18). Assim como ocorria em relação aos Canindé, o indígena que tornava-se cacique dos Janduí adotava esse etnônimo como nome que por isso muitas vezes é tomado apenas como nome de seu líder quando na verdade refere-se a todo um povo.

[183] Cfr. Ernst van den Boogart, *Infernal allies: the Dutch West India Company and the Tarairiú (1631-1654).*

[184] Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogos das grandezas do Brasil* (1618), p. 69.

Florião[185], articulador das negociações em nome de Nhongugê[186], "maioral da sua aldeia Sucuru da mesma nação Janduí, e cunhado recíproco do dito Rei Canindé":

> Em os cinco de abril deste presente ano, chegaram a esta cidade da Bahia Joseph de Abreu Vidal, tio do Canindé, Rei dos Janduí, Maioral de três Aldeias sujeitas ao mesmo Rei, e Miguel Pereira Guavejú Pequeno, Maioral de três Aldeias sujeitas também ao mesmo Canindé; e com eles o Capitão João Pais Florião, português, em nome de seu sogro putativo, chamado Nhongugê, maioral da sua aldeia Sucuru da mesma nação Janduí, e cunhado recíproco do dito Rei Canindé, a cuja obediência e poder absoluto está sujeita toda a nação Janduí, dividida em 22 Aldeias, sitas no Sertão que cobre as Capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, nas quais há treze para quatorze mil almas e cinco mil homens de arco, destros nas armas de fogo.[187]

Outros elementos que tornam possível concluir que os Xukuru pertencem à etnia Otshucayana são narrativas sobre sua participação na referida "Guerra dos Bárbaros", a possibilidade de que um de seus caciques fosse irmão de Janduí (cacique Otshucayana) e aspectos linguísticos.

1.5.1 Os Xukuru na "Guerra dos Bárbaros"

A historiadora Maria Idalina Pires assim caracteriza a "Guerra dos Bárbaros":

> O conflito entre Tapuya e colonos, conhecido genericamente como a "Guerra dos Bárbaros", teve como palco uma área que correspondia

---

[185] Renato Castelo Branco informa que "o articulador das negociações foi o paulista João Paes Florião, neto do bandeirante de mesmo nome que participou como oficial do terço de Raposo Tavares na retirada do cabo de São Roque, nas guerras contra os holandeses" (*Domingos Jorge Velho e a presença paulista no Nordeste*, p. 45).

[186] Segundo Geraldo Almeida, Nhongugê significa "abelha parda" (*Heróis indígenas do Brasil*, p. 98). Orlando Bordoni apresenta Nhongue como "espécie de abelha pardacenta" (*Dicionário – A Língua Tupi na geografia do Brasil*, p. 463). Ernesto Ennes transcreve Neongugê (*As guerras nos Palmares*, p. 422); Pedro Puntoni transcreve Nhangujé (*A Guerra dos Bárbaros*, p. 300); Olavo de Medeiros Filho, Neongugê (*Índios do Açu e Seridó*, p. 132) e Helder Macedo, Neongugê (*Ocidentalização, territórios e populaões indígenas no sertão da Capitania do Rio Grande*, p.105).

[187] *Consulta do Conselho Ultramarino ao rei D. Pedro II sobre a carta do governador-geral do Brasil Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho acerca das pazes que lhe mandaram pedir os tapuias do Açú* (AHU – ACL – CU – 005 – Cx. 2 – Doc. 231 (1) – grifei. Disponível em http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=005_BA_AV&pesq=pazes%20tapuias&pagfis=1155. Nhongugê também é mencionado em carta expedida por Antônio Luis Gonçalves da Câmara Coutinho, administrador colonial, ao Capitão-mor do Rio Grande sobre as pazes que estabeleceu com os Janduí – Cfr. *Documentos históricos*, vol. X da Série E VIII dos Documentos da Biblioteca Nacional (1671-1692), p. 424. Canindé faleceu em 1699 – Cfr. AHU – ACL – CU_018 – Cx. 1 – Doc. 47 (1) – Disponível em http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=018_RN&pesq=canind%C3%A9&pagfis=339.

> em termos atuais a um território que incluía os sertões nordestinos, desde a Bahia até o Maranhão [e] representou a mais longa resistência indígena, durando desde o último quartel do século XVII até a segunda metade do século seguinte, quando os indígenas foram mortos, escravizados ou reduzidos em missões.
> [...]
> Entre os anos de 1655-1657, João Fernandes Vieira governou a Paraíba e, por esta época, cometeu uma série de cruezas contra os Janduí [grupo indígena pertencente à etnia Tarairiú] [...] Por causa dessas agressões sofridas, os Janduí foram o primeiro grupo a se pôr em pé de guerra contra os colonizadores [...] Não podemos precisar com exatidão a data do término da guerra. O certo é que a partir de 1720 não encontramos mais registros desta sublevação.[188]

Inicialmente cumpre assinalar que a denominação "Guerra dos Bárbaros" dissimula o fato de que não se tratou de uma guerra, pois não houve conflitos com equivalência de armas mas o morticínio de indígenas que, em situação de inferioridade bélica, lutavam em reação à invasão de suas terras e à morte e aprisionamento de seus amigos e familiares por colonizadores que foram autorizados pelo Governador-Geral do Brasil através da chamada "guerra justa"[189], tentativa de justificação jurídica, religiosa e moral desses massacres.

Outro aspecto que a denominação "Guerra dos Bárbaros" dissimula é que "bárbaros" na verdade foram os colonizadores[190], a exemplo do Tenente coronel das ordenanças Bernardo Vieira de Melo, que investiu contra os Xukuru na Serra de

---

[188] Maria Idalina Pires, *Guerra dos Bárbaros*, p. 53, 57 e 79-80. Pedro Puntoni aduz que a Guerra dos Bárbaros teria ocorrido entre 1651 e 1704 (*Guerra dos Bárbaros*, p. 13) e José Antônio Gonsalves de Mello transcreve as seguintes palavras de João Fernandes Vieira: "Governando eu a dita Capitania [da Paraíba] depois da restauração [do poder dos portugueses], mandei fazer guerra ao inimigo tapuia bárbaro, 120 léguas pelo sertão adentro" (*João Fernandes Vieira*, p. 326).

[189] Em carta de 14 de março de 1688, Matias da Cunha, Governador de Pernambuco, assim escreveu a Manuel de Abreu Soares, que estava no comando de uma entrada com mais de 600 homens e dirigia-se aos sertões da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará: "Muito importante o reparo que vosmecê deve fazer em não consentir que deixem de degolar os bárbaros grandes, [perseguindo-os até a sua extinção] de maneira que fique exemplo deste castigo a todas as más nações que confederadas com eles não temiam as armas de Sua Majestade. [Quanto] aos pequenos e às mulheres, de quem não podem haver perigo que ou fujam, ou se levantem, [seriam feitos escravos para] o estímulo e gosto dos soldados" (*Documentos Históricos da Biblioteca Nacional*, n. 10, p. 275-276).

[190] Nesse sentido, em seu ensaio *Dos canibais* o filósofo Michel de Montaigne escreve: "Não há nada de bárbaro e selvagem nessa nação, pelo que dela me relataram, senão que cada um chama de bárbaro o que não é de seu uso – como em verdade, não parece que tenhamos outro padrão de verdade e de razão que exemplo e ideia das opiniões e usanças do país de onde somos [...] Eles são selvagens do mesmo modo que chamamos de selvagens os frutos que a natureza, de si e de seu curso ordinário, produziu. Lá onde, na verdade, estão os que alteramos por nosso artifício e desviamos da ordem comum, esta os que deveríamos antes chamar de selvagens" (*Ensaios*, p. 101). Por seu turno, especificamente quanto ao Brasil o cronista Jean de Léry anota que, "por mais bárbaros que [os indígenas] sejam com seus inimigos, esses selvagens me parecem de melhor índole que a maioria dos campônios da Europa" (*Viagem à terra do Brasil* p. 175).

Ororubá com extremos de violência registrados por José Antônio Gonsalves de Mello:

> Por essa época [por volta dos anos 1690] "chega aviso do lugar chamado 'Orobá'", no qual os Tapuia estavam fazendo dano ao gado. Ordena-se, imediatamente, ao Tenente Coronel das Ordenanças, Bernardo Vieira de Melo, o que fez com 100 homens de pé e 60 de cavalo, a expulsar este inimigo antes que se visse apossado dos currais que havia para baixo. Mataram quase todos os Tapuia, cativando crias e mulherio, com o que se retirou Bernardo Vieira triunfante para o seu Arraial.[191]

Os Xukuru também foram vítimas da barbárie do bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, como consta de certidão de sua lavra a respeito de combate ocorrido em 1689:

> Domingos Jorge Velho Mestre de campo de um terço da gente de São Paulo governador de todas as tropas dos Paulistas; defensor e administrador de todo o gentio do cabelo corredio por Sua Majestade que Deus Guarde.
> Certifico que estando neste meu arraial me mandou pedir o Capitão Mor Constantino de Oliveira Ledo que fosse socorrer ao Sertão dos Cariris donde o gentio Suquru estava fazendo grandes estragos matando e levando quantidade de gados e bestas; e tanto que recebi o aviso parti deste arraial com uma tropa de gentio em 23 de julho e chegando ao Sertão de Fora donde o gentio tinha feito o estrago fomos em seu (seguimento?) e ao cabo de cinco dias de marcha demos com o inimigo e o destroçamos matando-lhe a maior parte da gente de guerra e lhe aprisionamos cento e vinte almas de suas famílias e ditos nos mataram dos nossos e retirando-nos para fora por falta de águas pelas não haver naquele Sertão por ser muito agreste; ao segundo dia de retirada nos veio acometer o gentio que escapou com outra tropa que se agregou com eles nos mataram dois índios e feriram cinco e nos os acometemos e lhe matamos mais de quarenta homens de guerra e os mais se retiram bem feridos; e com todas estas ocasiões me acompanhou o Reverendo Padre Frei Cosmo de São Boa Ventura Religioso do Patriarca São Francisco capelão assistente neste arraial passando muitas moléstias de fomes e sedes sem nunca faltar obrigação de religioso mostrando sempre grande zelo da salvação das almas não faltando nunca ao serviço de Deus e de sua Majestade nem a caridade com os enfermos tratando deles com todo zelo do amor de Deus pelo o que o julgo merecedor de toda a honra em que Sua Majestade que Deus Guarde for servido fazer-lhe; e seus (prelados?) possa o referido na verdade pelo juramento dos Santos Evangelhos e por Mercê pedida apresentada e (clamada) passa por mim assinada e selada com sinete de minhas armas de que uso. Arraial das Piranhas, 30 de Agosto de 1689 anos. Domingos J Velho (assinatura). Mestre de

[191] José Antônio Gonsalves de Mello, *Pernambuco ao tempo do governo de Câmara Coutinho (1869-1690)*, p. 257-300. Cfr. tb. Maria Idalina Pires, *Guerra dos bárbaros*, p. 74-75.

Campo[192]



Ainda sobre a participação dos Xukuru na "Guerra dos Bárbaros", outro relevante aspecto é a chamada "Confederação dos Kariri", a cujo respeito vale tecer algumas considerações.

a) "Confederação dos Kariri"?

Em meio à "Guerra dos Bárbaros", no final do séc. XVIII a reação dos indígenas intensificou-se em um episódio conhecido como "Confederação dos Kariri" (denominação que tenta reproduzir a ideia de "Confederação dos Tamoios" descrita pelo romancista Domingos José Gonçalves de Magalhães), uma série de invectivas que povos indígenas promoveram desde os sertões das Capitanias do Ceará, Rio Grande, Paraíba e Pernambuco, abrangendo os Sucurus na Borborema[193] e passando pelo Rio Pajaú[194] até alcançar o Rio São Francisco.

Todavia, essa denominação também dissimula alguns aspectos, como a o fato de que não consistiu em uma confederação (ou seja, um movimento organizado de resistência aos colonizadores), mas em "simples alianças entre nações e tribos para fazer face ao inimigo comum; jamais uma grande aliança orquestrada contra o Império português"[195],.

A denominação "Confederação dos Kariri" também dissimula o fato de que essas sublevações não foram realizadas por povos pertencentes à etnia Kariri (cujos povos "ocupavam o sertão de dentro e as margens do rio São Francisco"[196]), mas por povos pertencentes à etnia Otshucayana, razão pela qual o historiador paraibano José Otávio assinala que "a Confederação dos Cariris, dessa forma, seria a Confederação dos

---

[192] AHU – ACL CU 005, Cx. 31 – Doc. 4010 a 4021 – grifei. Disponível em: http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=005_BA_LF&pesq=xucuru&pagfis=18094.

[193] Cfr. Celso Mariz, *Apanhados históricos da Paraíba*, p. 41-42.

[194] Cfr. William Hohenthal, *As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco*, p. 39.

[195] Pedro Puntoni, *A Guerra dos Bárbaros*, p. 80. No mesmo sentido, Luís da Câmara Cascudo: "Não houve plano comum nem unidade de chefia. As tribos combateram aliadas ou isoladas. Outras regiões estavam quietas, acordando para a morte quando o fogo se apagava onde começara" (*História do Rio Grande do Norte*, p. 96.

[196] Pedro Puntoni, *A Guerra dos Bárbaros*, p. 81.

Tarairiús"[197].

Segundo o historiador Pedro Puntoni, a razão para isso consiste em que

> Como haviam sido aliados incondicionais dos holandeses, os tarairiús se viram como que desamparados após a expulsão daqueles em 1654. [...] A fama de irredentos e a relativa autonomia que conseguiram manter, muito em razão da capacidade com que incorporaram a tecnologia militar do invasor (armas de fogo e mesmo estratégias), transformariam os tarairiús nos protagonistas principais das guerras dos bárbaros.[198]

É igualmente nesse sentido que o cronista Domingos de Loreto Couto assim discorre sobre a participação dos Xukuru nessas sublevações:

> Como conservavam o ódio contra os portugueses que lhes haviam tomado os lugares marítimos, confederados com os Xacurús, Panatís, Icós, Icosinhos e Coremas, levantaram-se, e pondo-se em armas davam de repente em diversas partes, matando e roubando nelas, e pelos caminhos tudo quanto achavam, com confusão desordenada dos moradores, que em nenhum lugar se davam por seguros das suas hostilidades.
> [...]
> Cresciam os insultos porque não havia oposição que lhes fizesse [aos indígenas] as empresas arriscadas, e os sucessos perigosos. Desceram sobre os moradores de Pajaú, e com desumanidade estranha ainda ao furor bárbaro os acometeram.
> [...]
> Avisaram logo ao Governador Geral D. João de Alencastre dando-lhe relação do atrevimento com que os gentios, discorrendo com absoluto império por todos aqueles sertões, tratavam nossas coisas com desprezo. O Governador Geral, que vivia escandalizado da liberdade com que aqueles bárbaros discorriam soltos por todo sertão, sentindo como injúria da pessoa que em seu tempo continuasse a baixa da nossa opinião, a que dava calor a falta de castigo, resolveu dar-lhes a conhecer como eram pesadas nossas mãos, mostrando-lhes que a nossa paciência daquele tempo, mais era disciplina, que temor.
> E como os males, que experimentávamos necessitavam de remédio não só pronto mas aplicado por mão de pessoa de respeito, autoridade, valor e zelo, na escolha da pessoa se dilatava o socorro. Os moradores daquele lugar, conhecendo o motivo da tardança, pediram ao Governador Geral mandasse em sua defesa o coronel Manoel de Araújo de Carvalho, a quem os índios temiam, e respeitavam pelas muitas ocasiões em que havia mostrado ser um fulminante raio contra os rebeldes, e para com os rendidos um benigno Astro [...]
> O coronel Manoel de Araújo, que neste tempo residia em uma sua fazenda no Rio de S. Francisco, recebida a carta do Governador Geral,

[197] José Octávio, *História da Paraíba*, p. 91.
[198] Pedro Puntoni, *A Guerra dos Bárbaros*, p. 87 – grifei.

> respondeu a ela com atenções de súdito, e agradecido. E sem interpor dilações na obediência, se dispôs para a empresa.
> [...]
> Parecendo-lhe menos decoroso pedir contribuições à fazenda Real, com despesa da sua própria armou cento e cinquenta homens, e com eles marchou pela ribeira acima do Rio de S. Francisco, fiado mais no valor que no poder que levava.[199]

Por fim, Loreto Couto narra a chegada de Manoel de Araújo de Carvalho ao Alto Sertão do Pajaú:

> [Manoel de Araújo de Carvalho] chegou finalmente ao Pajaú, onde tiveram os maiores ataques, porque sendo ali maior o poder, foi mais vigorosa a resistência. Um ano foi necessário para assegurar aquele distrito das invasões dos inimigos, o que, conseguido à custa de repetidas vitórias, passou Manoel de Araújo ao distrito das Pinharas, donde se achava o Capitão mor Theodoro [sic: Teodósio] de Oliveira Ledo posto em campo contra os Panatis, que assolavam aquela campanha com bárbaras hostilidades.[200]

Outro importante aspecto relacionado à "Guerra dos Bárbaros" que reforça a hipótese de que os Xukuru pertencem à etnia Otshucayana consiste na possibilidade de que Karkará, possível cacique dos Xukuru, tenha sido irmão de Janduí, cacique do povo Otshucayana Janduí.

b) Karkará: Xukuru?

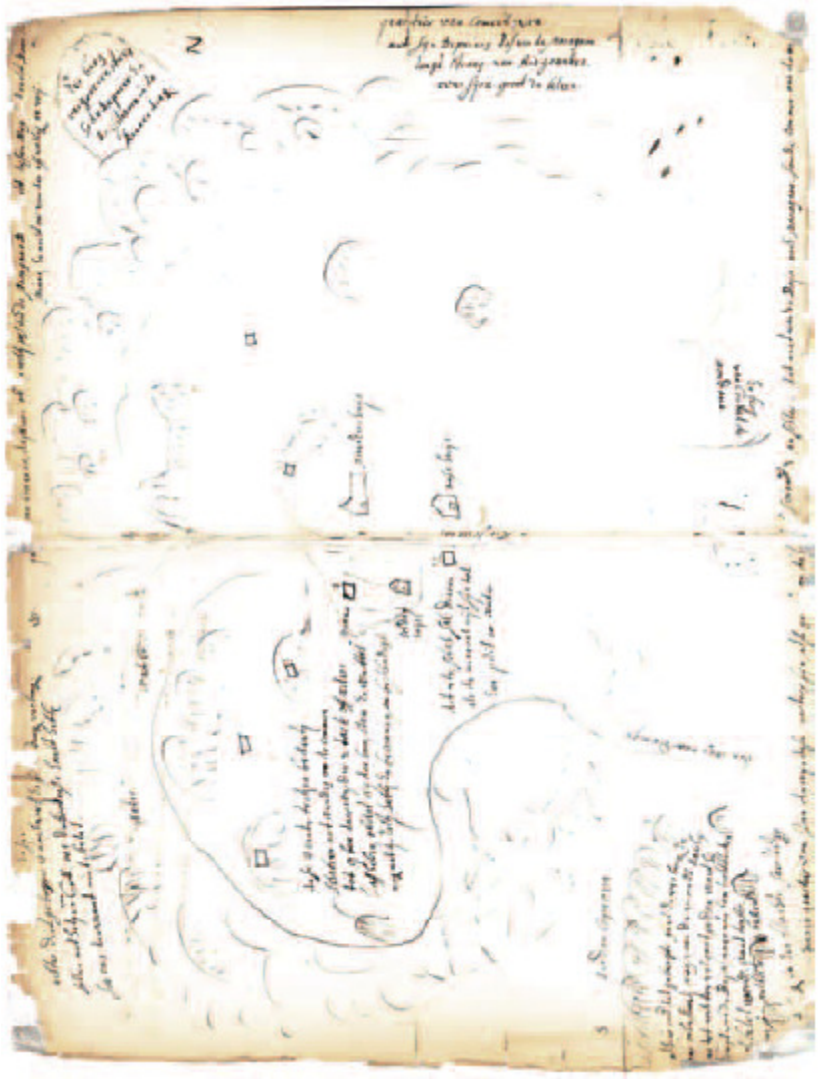
Na referida carta de 24 de junho de 1645 Jodocus van Statten anexou um desenho com anotações que o pesquisador Benjamin Teensma assim transcreveu e numerou:

> 7. Acampamento dos índios Tapuias de Cracará, construído numa passagem em direção ao Maranhão [...]
> [...]
> 10. Acampamento de Comendaúra e dos seus Tapuias. Passagem para o Maranhão ao longo da praia de Rio Grande, através do Ceará grande e pequeno.
> [...]
> 20. [...] Aqui é o acampamento de Nhanduí [...][201]

---

[199] Domingos de Loreto Couto, *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*, p. 28 e 29-30.
[200] Domingos de Loreto Couto, *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*, p. 30-31 – grifei. Cfr. tb. Capistrano de Abreu, *Capítulos da história colonial*, p. 132.
[201] Benjamin Teensma, *O diretorado...*, p. 35 e 37.

Mapa 13 – Jodocus van Stetten, *Mapa da mina de prata* (manuscrito), de. Rio Sucuru, Paraíba, 1645



Fonte: Arquivo Nacional, Haia - reproduzido por Benjamin Teensma em *As frustrações do pastor Jodocus – Uma malograda empresa mineira dos holandeses no sertão paraibano*, p. 123

O cronista holandês Joannes de Laet informa que Cracará (possível alteração de Carcará, que grafo Karkará[202]) era seu irmão de Janduí[203] e transcreve as seguintes informações que esse cacique forneceu aos holandeses:

[202] "**KARAKARÁ** (s.) – CARACARÁ, CARCARÁ, carancho, nome de duas aves da família dos falconídeos da América do Sul oriental (D'Abbenville, *Histoire*, 233)" (Eduardo Navarro, *Dicionário...*, p. 220). Luiz Caldas Tibiriçá também registra a forma caracará e dá o significado de "esp. de gavião" (*Dicionário...*, p. 38).

[203] Por sua vez, Comendaúra era sobrinho de Janduí, filho de uma irmã desse cacique, "a qual era tão considerada pelos Tapuyas como o próprio Jandovi" (Joannes de Laet, *História ou Anais dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*, Livro XI, p. 36).

> Caracara apontava cinco nações que estavam aliadas com Jandovi:
> [...]
> A segunda chamam em ambas as línguas [Tupi e Tapuia] Juckeryjou e tem como cacique Marakaou; essa tribo já tinha servido aos portugueses contra os nossos no Arraial, juntamente com os do Ceará.[204]

Como Laet assinala, o ouvinte holandês estava "mal servido de intérprete (os nossos índios não compreendendo a metade do que diziam os outros)", de forma que é verossímil conceber que o etnônimo Juckeryjou (que pode ser transliterado iuqueriú) corresponde a Xukuru e, portanto, que Marakaou (ou Marakaú[205]) era seu líder na ocasião.

Essa hipótese é reforçada pela circunstância de que o intérprete neerlandês Roulox Baro alude a dois jovens indígenas Otschucayana de nomes Iacuruiú e Preciava, sendo que e aquele foi vertido por Sucuruin por Mário Barreto na tradução brasileira do relato de Baro[206] e que Benamin Teensma assinala que o nome desse último na verdade era Karkará[207].

Outro relevante elemento que possibilita a conclusão de que o povo Xukuru pertence à etnia Otshucayana diz respeito a aspectos linguísticos.

1.5.2 "OS XUCURUS NÃO SÃO TUPIS NEM FULNIÔS, E MUITO MENOS CARIRIS"

Para analisar os aspectos linguísticos que possibilitam a conclusão de que o povo Xukuru pertence à etnia Otshucayana inicialmente é necessário diferenciá-la da etnia Kariri.

---

[204] Joannes de Laet, *História ou Anais dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*, p. 36 – grifei. Seguindo esta narrativa, em 1639 Elias Herckman informou que "Jandwy é o rei de uma parte [da nação dos Tapuyas chamados Tarairyou], e Caracará da outra" (*Descrição geral da Capitania da Paraíba*, p. 279), no que foi acompanhado por George Marcgrave, que em 1648 referiu-se aos "Tarairyou, parte dos quais é governada por Ianduy, parte por Caracara" (*Historia naturalis brasiliae*, p. 282), por Roulox Baro, que em 1647 referiu-se a Karkará (sob os nomes Harhara e Preciaua (*Relação da viagem de Roulox Baro*, p. 100) e por Joan Nieuhof, que em 1682 discorreu sobre "os Tararijou, muito conhecidos nossos. Seu rei era Janduí, não obstante alguns deles viverem sob a autoridade de um tal Karakara" (*Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*, p. 317).

[205] Marakaou e Marakaú certamente são derivados de "maracá", "instrumento chocalhante que era usado pelos índios nas solenidades religiosas e guerreiras ara marcar o compasso de suas danças" (Eduardo Navarro, *Dicionário...*, p. 261). No poema *O canto do Piaga* Gonçalves Dias denomina-o "sacro instrumento" (Parte II, terceiro verso) e assinala que é, "entre os índios, instrumento sagrado, como o Saltério entre os Hebreus, ou o Órgão entre os cristãos [...] O antigo viajante Roulox Baro, testemunha da veneração que os índios lhe tributavam, chamava-o *le diable parté dans une calebasse*, o diabo dentro duma cabaça" (*O canto do Piaga*, p. 23, nr 8).

[206] Cfr. Roulox Baro, *Relação da viagem de Roulox Baro*, p. 100, nota de rodapé.

[207] Cfr. Benamin Teensma, *O diário de Rodolfo Baro (1647) como monumento aos índios Tarairiú*, p. 91.

Como o historiador norte-rio-grandense Olavo de Medeiros Filho assinala, em uma das primeiras análises sobre as etnias Otshucayana e Kariri o historiador paraibano Irineu Joffily equivocou-se ao identificá-las:

> [Irineu] Joffily classificou os tarairiús como se fossem uma mera facção dos cariris, lapso que recebeu a chancela do historiador CAPISTRANO DE ABREU, autor do prefácio aposto ao livro já citado [*Notas sobre a Paraíba* (1892)]. Daí por diante até os dias atuais, quase todos os autores que se ocuparam dos tapuias nordestinos adotaram o termo cariris para designar, indistintamente, aqueles silvícolas que não falavam a língua geral, inclusive os janduís e seus aparentados. Estudos posteriores de THOMAZ POMPEU SOBRINHO, de PAUL RIVET e de CESTMIR LOUKOTKA, vieram lançar luzes sobre a controvérsia, retificando aquele lamentável engano de interpretação etnográfica cometido anteriormente.[208]

Todavia, a diferenciação entre essas etnias encontra-se no relato que em 1636 o referido Karkará apresentou a militares a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, em que assinala que os Otshucayana e os Kariri eram inimigos:

> Entre os seus <u>inimigos</u> contavam quatro tribos.
> [...]
> Da terceira, chamada em ambas as línguas <u>Cariry</u>, o cacique era Kimionkoiou; habitava o interior e muito distante do Arrayal e mantinha amizade com os Portugueses.[209]

O primeiro pesquisador a apontar o equívoco de Irineu Joffily foi seu conterrâneo o historiador Maximiano Lopes Machado, que no livro *História da Província da Paraíba* (1912) assinala "o erro daqueles que por acaso supõem que os Sucurus eram Cariris"[210] e, adiante, o historiador cearense Tomás Pompeu Sobrinho propôs as seguintes diferenciações entre os Otshucayana e os Kariri:

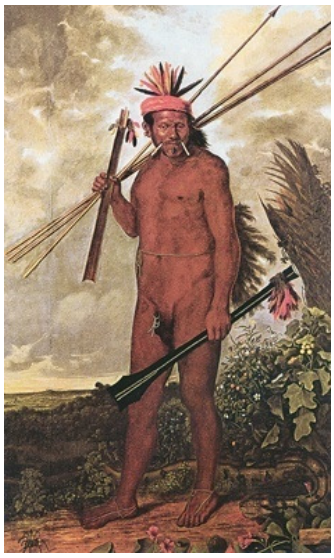
> [Os Otshucayana] possuíam características somáticas representadas por uma elevada estatura, dolicocefalia, hipsicrania, possuindo, ademais, o tipo australóide. Culturalmente, encontravam-se no estágio do Paleolítico Superior, grau primário. Possuíam uma economia coletora. Como armas usavam a lança de arremesso, em que era

[208] Olavo de Medeiros Filho, *Os Tarairiús, extintos tapuias do Nordeste*, p. 244
[209] Joannes de Laet, *História ou Anais dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*, p. 36 – grifei.
[210] Maximiano Lopes Machado, *História da Província da Paraíba*, p. 345, citado por Linda Lewin em *Who*..., p. 130, nf 11.

> colocada uma pedra pontiaguda. Também portavam o machado tosco.[211]

Nesse contexto, vale reproduzir conhecidas pinturas do pintor neerlandês Albert Eckhout sobre os Otshucayana:

Fig. 13 – Albert Eckhout, *Homem tapuia* (1641)



Fonte: Nationalmuseet. *Eckhout volta ao Brasil (1644-2002)*, p. 38

Fig. 14 – Albert Eckhout, *Mulher tapuia* (1641)



Finte: Nationalmuseet. *Eckhout volta ao Brasil (1644-2002)*, p. 39

[211] Tomás Pompeu Sobrinho, citado por Olavo de Medeiros Filho em *Índios do Açu e Seridó*, p. 26. Em sua *Descrição geral da Capitania da Paraíba* (1634) Elias Herckman assevera que "este povo de Tapuias [refere-se aos Otshucayana] é robusto e de grande estatura" (p. 39).

Por sua vez, os Kariri são assim caracterizados por Tomás Pompeu Sobrinho:

> [Os CARIRI] apresentavam características somáticas representadas por uma baixa estatura, braquicefalia, mesorrinia, o tipo mongolóide. Culturalmente, estavam na fase Neolítica média, praticando a agricultura, cuidando da cerâmica e da confecção de tecidos. Seguiam o direito matrilinear e avunculato. Praticavam a navegação, com canoas monóxilas. Como armas, usavam arco e flecha, além de zarabatana. Outras de suas características eram a cabeça-troféu, o animismo, o shamanismo, o canibalismo ritual. Eram construtores de *monds*.[212]

Por outro lado, aspectos linguísticos também denotam a diferenciação entre os Otshucayana e os Kariri, a cujo respeito Tomás Pompeu Sobrinho acentua que essas etnias possivelmente expressavam-se em línguas diferentes[213] e, por fim, que

> Os historiógrafos que se têm referido a estes índios [Kariri], frequentemente, confundem-nos com povos de falar muito diverso e cultura outra [...] A vítima predileta desta confusão é o grupo *Tarairiú* ou *Zucuru*, cujo idioma muito se afasta e cuja cultura se diferencia em pontos de capital importância do falar e gênero de vida cariri.[214]

Noutros textos Tomás Pompeu Sobrinho reitera que "pertenciam à família Tarairiú a tribo tapuia dos Xucuru muito referida na história paraibana"[215] e que "o*s* representantes principais dos Otshucayana "eram os Jandoim, Javó, Canindé, Genipapo e Chucurú ou Zucurú"[216], no que foi seguido, dentre outros, pelos seguintes pesquisadores

. O etnólogo Curt Nimuendajú, para quem "a língua [Xukuru] não apresenta a

---

[212] Tomás Pompeu Sobrinho, citado por Olavo de Medeiros Filho em *Índios do Açu e Seridó*, p. 26. Em sua *Relação dos índios kariris do Brasil, situados no grande rio São Francisco* (1702) o missionário Bernardo de Nantes assinala que os Kariri "são de estatura medíocre na maioria das vezes" (*Relação*, traduzido por José Luís de Rosalmeida (no prelo).

[213] Thomás Pompeu Sobrinho, *Kariris*, p. 298-299 e 303. Segundo Aryon Dall'Igna Rodrigues, "desapareceram também todas as línguas da família Karirí, mas de duas delas temos b')a documentação do fim do século XVII e do início do século XVIII; trata-se do Kipeá (ou Kirirí) e do Dzubukuá, aquele do nordeste da Bahia e Sergipe, este das grandes ilhas do rio São Francisco, entre a Bahia e Pernambuco, próximo a Cabrobó" (*Línguas Brasileiras*, p. 49).

[214] Thomás Pompeu Sobrinho, *Sistema de parentesco dos índios Cariris*, p. 169.

[215] Tomás Pompeu Sobrinho, *Línguas tapuias desconhecidas do Nordeste*, p. 5 e 7.

[216] Tomás Pompeu Sobrinho, carta a Oswaldo Lamartine de Faria transcrita por Olavo de Medeiros Filho em *Índios do Açu e Seridó*, p. 25. Cfr., também deste autor, *Os Tarairiús, o Rio Grande do Norte e a Guerra dos Bárbaros*, p. 14. Sobre termos da Língua Xukuru do Ororubá cfr. Eliene A. de Almeida (Org.), *Xukuru: filhos da mãe natureza*, p. 67-76.

menor semelhança com outra qualquer"[217]

. O antropólogo William Hohenthal, que em 1950 fez um estudo detalhado dos Xukuru na Serra do Ororubá, distinguindo-os dos Kariri

. O filólogo Geraldo Lapenda, que enfatiza que, "conhecendo bem o tupi e o iatê, e tendo regular conhecimento do cariri, posso afirmar com segurança: OS XUCURUS NÃO SÃO TUPIS NEM FULNIÔS, E MUITO MENOS CARIRIS"[218]

. O historiador Mário Melo, que aduz que "comparando-os [vocábulos xukurus] com os das línguas cariri, carnijó, timbira e guarani verifico que os xucurús não têm nenhuma ligação com essas famílias. Formam um grupo isolado"[219]

. O linguista Čestmír Loukotka, que reconheceu que "foi por engano que havíamos compreendido na família Karirí uma outra tribo, a saber, a de ŠUKURÚ"[220]

. O antropólogo Greg Urban, que aponta a Língua Xukuru como língua isolada, ao lado, aliás, da Língua Tarairiú (Otschucayana)[221].

Por todas essa razões, diversos outros estudiosos assinalam que os Xukuru pertencem à etnia Otshucayana:

. O antropólogo Estevão Pinto, que considera que "entre os chamados Tapuia figuravam os Tarairiú e, salvo engano, possivelmente os Shucuru eram parentes dos Janduí, fração daqueles"[222]

. O historiador Olavo de Medeiros Filho, quando aduz que "os mais abalizados estudos apresentam como tendo pertencido ao grupo TARAIRIÚ as seguintes tribos tapuias [...] SUCURUS"[223]

---

[217] Curt Nimuendajú, Carta de 12 de outubro de 1934 para Heloísa Alberto Torres, então Diretora do Museu Nacional/RJ, citado por Edson Silva em *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988*, p. 66.

[218] Geraldo Lapenda, *O dialeto xukuru*, p. 21 – os destaques contam do original.

[219] Mário Melo, *Etnografia pernambucana: os Xucurús de Ararobá*, p. 44.

[220] Čestmír Loukotka, *Les langues non-Tupi du Brésil du Nord-est*, p. 1039.

[221] Greg Urban, *A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas*, p. 99. Registre-se que, dentre as abreviaturas inseridas nesse mapa, não consta o significado de "Shu" e, em vez de Tarairiú, consta Tarianu, o que certamente deve-se a deslizes tipográficos. Nessa senda, o IBGE insere a Língua Indígena Xukuru dentre "outras línguas não classificadas nem em troncos e nem em famílias" (Folder *O Brasil indígena* – Disponível em https://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder_indigenas_web.pdf).

[222] Estevão Pinto, *Etnologia brasileira*, p. 47.

[223] Olavo de Medeiros Filho, *Os Tarairiús, extintos tapuias do Nordeste*, p. 244. Adiante, nesse mesmo texto o autor assinala que "o etnógrafo sueco [sic: alemão] CURT NIMUENDAJU colheu diversos termos do extinto idioma falado pelos indígenas sucurus, habitantes em Ararobá, como sabemos pertencentes ao mesmo tronco tarairiú [...] ALDEIA DO ARAROBÁ, em território de Ararobá,

. O historiador Muirakytan Macedo, quando assevera que "o Seridó abrigava cinco grupos [da etnia Tarairiú]: canindés, jenipapos, sucuru, cariris, pegas"[224]

. O historiador Helder Macedo de Medeiros, segundo o qual a documentação do período após o fim do domínio holandês reporta-se "aos nomes de seus [dos Otschucayana] numerosos subgrupos, a exemplo dos Janduí, Kanindé, Xucuru, Pega, Jenipapo, Kamaçu e Tucuriju"[225]

. O historiador Pedro Puntoni, que assinala:

> Vemos hoje ressurgirem os descendentes dos tarairiús. Os quase seis mil xucurus que vivem hoje [o texto e de 2002] no município de Pesqueira, estado de Pernambuco [...] Com efeito, os xucurus (ou jucurus) eram tarairiús que haviam sido aldeados, pelos oratorianos, principalmente na aldeia de Ararobá.[226]

O historiador paraibano José Elias Borges assinala mesmo que "os sucurus são os últimos remanescentes tarairiús ainda vivos"[227], porém é de considerar que, no atual processo de etnogênese (ou seja, de emergência de novas identidades e reinvenção de etnias já reconhecidas[228]), diversos grupos reivindicam a ascendência Otschucayana, a exemplo, no Rio Grande do Norte, dos Eleotério do Catu (habitando entre os municípios de Canguaretama e Goianinha), os Mendonça do Amarelão (no Município de João Câmara), dos Caboclos e dos Banguê (no Município de Açu[229]), e dos Potiguara (no Município de Baía Formosa)[230].

Após essas considerações, adiante analisarei aspectos socioculturais da etnia Otshucayana e do povo Xukuru com o propósito de identificar a poesia como estratégia que manejaram como forma de resistência em Teixeira e São José do Egito.

Pernambuco. Ali achavam-se aldeados tapuias da nação tarairiú, pertencentes à tribo dos sucurus" (p. 252 e 256). Nesse mesmo sentido, cfr. tb., do mesmo autor, *Índios do Açu e Seridó*, p. 27.

[224] Muirakytan Macedo, *A penúltima versão do Seridó*, p. 35.

[225] Helder Medeiros de Macedo, *Ocidentalização, territórios e populações indígenas no sertão da Capitania do Rio Grande*, p. 104.

[226] Pedro Puntoni, *A Guerra dos Bárbaros*, p. 86 e nr 111.

[227] José Elias Borges, *Índios paraibanos: uma classificação preliminar*, p. 29. Em palestra este historiador repete: "Existe apenas um remanescente tarairiú, que está em Pernambuco, na serra de Ararobá, próximo a Pesqueira, com o nome de sucurus" (*As nações indígenas da Paraíba* – Disponível em: https://www.ihgp.net/pb500i.htm).

[228] Cfr. João Pacheco de Oliveira, *Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*, p. 53.

[229] Sobre a presença dos Otschucayana no Vale do Assu cfr. o cordel *História do povo Otxucaiana, também chamado Tarairiú, que habitava a Ribeira do Açu, nas terras do Rio Grande do Norte*, de Benedito de Sousa Melo - Disponível em https://www.recantodasletras.com.br/cordel/4299854.

[230] Cfr. Helder Alexandre Medeiros de Macedo, *Reflexões sobre a questão indígena no Seridó: entre a história e o patrimônio cultural*, passim.

CAPÍTULO 2

VAQUEIROS E CANTADORES
POETAS XUKURU CRIANDO O SERTÃO DA POESIA

Essa original mistura
Que a Colônia escravizou
Não cedeu nem se calou
Mesmo fadada à tortura
Tendo a dor por partitura
Em cantorias discretas
Traçava missões secretas
Contra os seus exploradores
Vaqueiros e cantadores
São indígenas poetas

José Adalberto Ferreira
(Zé Adalberto)
Itapetim/PE, 22/08/2022

2.1 Poesia: estratégia de resistência Xukuru em Teixeira e São José do Egito

Neste capítulo apresento aspectos gerais da poesia íbero-árabe e da poesia indígena à época da invasão dos sertões do Nordeste brasileiro e defendo que, como estratégia de resistência, indígenas Xukuru e seus descendentes tornaram-se vaqueiros e agregados nas fazendas que deram origem aos povoamentos posteriormente denominados Teixeira e São José do Egito e, através do aboio e da cantoria, contribuíram em grande medida para a configuração do Sertão da Poesia.

No contexto da invasão dos sertões do Nordeste brasileiro iniciado na segunda metade do séc. XVII, indígenas e invasores adotaram estratégias de resistência como a formação de alianças, a obtenção de títulos militares e de terras em regime de sesmaria pelos indígenas[231], a adoção de costumes indígenas pelos invasores[232] e a adoção de costumes dos invasores pelos indígenas.

---

[231] Cfr. João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, Sesmarias n° 7, de 19 de dezembro de 1614 (p. 36); n° 115, de 24 de março de 1714 (p. 87); n° 155, de 4 de agosto de 1718 (p. 107) e n° 254, de 12 de janeiro de 1738 (p. 149).

[232] A esse respeito o historiador Manoel Bomfim destaca que "a colonização portuguesa [...] dobrou-se aos recursos que esse gentio lhe oferecia e, não só o aceitou, no que não contrariava cruamente as suas crenças cristãs, como aceitou, para si, muitos costumes dos indígenas" (*O Brasil na América*, p. 109). Também assim Sérgio Buarque de Holanda: "Desenvolvendo-se com mais liberdade e abandono do que em outras capitanias, a ação colonizadora realiza-se aqui por um processo de contínua adaptação a condições específicas do ambiente americano. Por isso mesmo, não se enrija logo em formas inflexíveis. Retrocede, ao contrário, a padrões rudes e primitivos: espécie de tributo exigido para um melhor conhecimento e para a posse final da terra. Só muito aos poucos, embora com extraordinária consistência, consegue o europeu implantar, num país estranho, algumas formas de vida, que já lhe eram familiares no Velho Mundo. Com a consistência do couro, não a do ferro ou do bronze, dobrando-se, ajustando-se, amoldando-se a todas as asperezas do meio. É inevitável que, nesse processo de adaptação, o indígena se torne seu principal iniciador e guia. Ao contato dele, os colonos, atraídos para um sertão cheio de promessas, abandonam, ao cabo, todas as comodidades da vida civilizada" (*Monções e capítulos de expansão paulista*, p. 19). Cfr. tb. Maria Sylvia Porto Alegre, *Aldeias indígenas e povoamento do Nordeste no final do século XVIII: aspectos demográficos da "cultura de contato"*, p. 213.

Assim é que, a partir da perspectiva de que "cada povo indígena reagiu a todos os contatos a partir do seu próprio dinamismo e criatividade"[233] e da hipótese de que os *habitus* dos indivíduos e grupos em conflito possibilitam conservar ou conquistar posições em determinado campo[234], à vista da intensidade poética que a partir de meados do séc. XIX caracteriza as regiões de Teixeira e São José do Egito é possível conceber que nesses locais a poesia foi uma das estratégias de resistência usada por indígenas e invasores.

Todavia, trata-se de estratégia sutil sobre a qual a documentação historiográfica pouco oferece mas que configura aquilo que no atual estágio revela-se "teoricamente inovador e politicamente crucial":

> O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.[235]

Com o propósito de contribuir para a definição da ideia de sociedade no Sertão da Poesia adiante dissertarei sobre a poesia íbero-árabe e sobre a poesia indígena no período que se inicia na colonização do Brasil e alcança a invasão dos sertões do Nordeste brasileiro e sobre a possibilidade da presença de indígenas Xukuru como vaqueiros e agregados agentes do início do processo de criação do Sertão da Poesia.

2.2 A poesia íbero-árabe à época da invasão dos sertões do Nordeste brasileiro

Inicialmente é oportuno assinalar que opto pela expressão "poesia íbero-árabe" à vista da profunda influência da cultura árabe na configuração poética da Península Ibérica dos sécs. XVI e XVII, pois, como assinala o historiador português Teófilo Braga, "a influência árabe sobre o nosso povo é evidente; não é preciso citar a forma do Olgribait e Salgribait para conhecer a origem do nosso verso de redondilha empregado nos romanceiros"[236].

Os elementos da poesia íbero-árabe que aportaram nos sertões do Nordeste brasileiro à

---

[233] João Pacheco e Carlos Augusto Freire, *A presença indígena na formação do Brasil*, p. 51. É nesse sentido que o historiador Serge Gruzinski assinala que "o imperativo de sobrevivência ou de adaptação explica que os grupos mais diretamente implicados na Conquista tenham aprendido, a partir de então, a contar apenas com os saberes locais e parciais" (Serge Gruzinski, *O pensamento mestiço*, p. 90).

[234] Cfr. Hermano Roberto Thiry-Cherques, *Pierre Bourdieu: a teoria na prática*, esp. p. 31 e 36-37.

[235] Homi Bhabha, *O local da cultura*, p. 20 – grifei.

[236] Teófilo Braga, *Introdução à história da Literatura Portuguesa*, citado por Luís da Câmara Cascudo em *Literatura oral no Brasil*, p. 338, nr 439.

época de sua invasão são a rima, o verso, as espécies de estrofe, a métrica e o ritmo[237], todos presentes no Trovadorismo, movimento cultural caracterizado pela poesia satírica (expressa nas cantigas de escárnio de nas cantigas de maldizer), pela poesia lírico-amorosa (expressa nas cantigas de amor e nas cantigas de amigo) e pela circunstância de que a poesia era cantada com o acompanhamento de um instrumento, sobretudo o alaúde (possivelmente proveniente do árabe *al'ud*, "a madeira") e a viola[238], símbolo de fidalguia, "apanágio dos poderosos, sinal de distinção, mesmo quando as rendas escasseavam"[239].

Fig. 15 – Frans Hals, *Bobo tocando Alaúde* (1623)



Fonte: Wikipedia

Fig. 16 – Viola beiroa – Portugal – séc. XVI



Fonte: Ernesto Veiga de Oliveira, *Instrumentos musicais populares portugueses*

A pesquisadora Maria Luísa Guerra oferece exemplos "da mentalidade desta nobreza que escondia a sua decadência no cantar e no tanger" através de alguns dos primeiros registros portugueses sobre a viola, inicialmente com Gil Vicente (1465–1536) e sua farsa *Quem tem farelos?* (1515):

Ordonho – Quem é teu amo? Diz, irmão?
Apariço – Todo dia sem comer
Cantar e sempre tanger
Suspirar e bocejar
Sempre anda falando só
Faz umas trovas tão frias

[237] A apresentação desses elementos consta do Adendo 2 ao presente texto.
[238] Cfr. Ivan Vilela, *Vem viola, vem cantando*, p. 323, e Fernando Raposo, *Viola beiroa – Portugal – Caderno de especificações para a certificação*, p. 8.
[239] Maria Luísa Guerra, *Fado: alma de um povo (origem histórica)*, p. 12. A respeito, essa autora também registra: "Quando a infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel, partiu de Lisboa para casar com Carlos III, duque de Saboia (9 de Agosto de 1521), levou no seu enxoval 'seis charamelas, três violas de arco, uma cítara, oito trombetas, seis tambores'" (p. 11).

Tão sem graça, tão vazias
Que é coisa para haver dó[240]

Outra obra de Gil Vicente em que a viola é destacada como símbolo de nobreza é a *Farsa de Inês Pereira* (1523), personagem para quem tocar viola era condição essencial de quem pretendesse lhe desposar:

Inês – Que seja homem mal feito
Feio, pobre, sem feição
Como tiver discrição
Não lhe quero mais proveito
E saiba tanger viola
E coma eu pão e cebola
Sequer uma cantiguinha!
Discreto, feito em farinha
Porque isto me degola

Mãe – Sempre tu hás-de bailar
E sempre ele há-de tanger?
Se não tiveres que comer
O tanger te há-de fartar?
Inês – "Cada louco com sua teima"
Com uma borda de boleima
E uma vez d'água fria
Não quero mais cada dia

[...]

Inês – Enfim, que novas trazeis?
Vidal – O marido que quereis
De viola e dessa sorte
Não no há senão na corte
Que cá não no achareis[241]

Também de Gil Vicente vale transcrever o seguinte trecho da *Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela* (1527):

Filipa – Quando vejo um cortesão
Com pantufas de veludo
E uma viola na mão
Tresanda-me o coração
E leva-me a alma e tudo[242]

[240] Gil Vicente, *Quem tem farelos?*, p. 2.
[241] Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*, p. 9 e 11. *Tanger*: tocar; *Feito em farinha*: de modos requintados; *Isto me degola*: afirmação de que pretende casar com homem galante que saiba tocar viola, pois não se interessa por bens materiais; *Borda de boleima*: farinha de bolo.
[242] Gil Vicente, *Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela*.

Outro exemplo que Maria Luísa Guerra apresenta a respeito da viola como símbolo de fidalguia é o *Auto Chamado de Filodemo* (1587), de Luís Vaz de Camões (1524–1580):

> Filodemo – Traze-me a viola cá
> ……
> Vilardo – Ora eu creio, se é verdade
> Que estou de todo acordado
> Que o meu amo é namorado
> E a mi dá-me na vontade
> Que anda um pouco abalado
>
> E se tal é, eu daria
> Por conhecer a donzela
> A ração de hoje este dia
> Porque a desenganaria
> Somente por ter dó dela
> Havia-lhe perguntar:
> Senhora, de que comeis?
> Se comeis de ouvir cantar
> De falar bem, de trovar
> Em boa hora casareis[243]

2.3 A poesia indígena no período da colonização do Brasil à invasão dos sertões do Nordeste brasileiro

Inicialmente cabe assinalar que a amplitude do período sobre o qual discorrerei a respeito da poesia indígena justifica-se pela circunstância de que seus registros são extremamente raros, sobretudo porque, segundo a ideologia dos missionários da Igreja Católica Romana que pretenderam catequizar os indígenas, "registrar-lhe a vida intelectual, as manifestações de sua inteligência, impressionadas pela natureza ou a vida, seria colaborar na perpetuidade de Satanás"[244].

Por outro lado, também ampla é a definição de poesia indígena que adoto, a partir da concepção do termo grego *poiesis* no sentido de criação artística[245] referente a todos os elementos "que exercem algum influxo sobre o sujeito que entra em contato com eles e o provocam para uma atitude estética de resposta"[246] e, portanto, designa seus mitos, enfeites, armas, pintura, vestimentas e práticas ritualísticas, cestaria, cerâmica, poesia rupestre e poesia cantada e dançanda, detendo-me nessas duas últimas em razão da circunstância de que a delimitação temática da presente pesquisa consiste em práticas de poesia escritas e orais.

---

[243] Luís Vaz de Camões, *Auto Chamado de Filodemo*, p. 6.
[244] Luís da Câmara Cascudo, *Literatura oral no Brasil*, p. 29.
[245] É o que, através da filósofa Diotima de Mantineia, Platão assinala no diálogo *Banquete*: "Como sabes, "poesia" [*poiesis*] é um conceito múltiplo. Em geral, denomina-se criação ou poesia a tudo aquilo que passa da não-existência à existência. Poesia são as criações que se faz em todas as artes" (*Banquete*, p. 111).
[246] Pedro Lyra, *Conceito de poesia*, p. 7-8.

2.3.1 Poesia rupestre

Para além do aspecto pictórico, a arte rupestre[247] consiste em uma forma de expressão poética, pois os signos gravados em rochas consistem "verdadeiros sistemas de comunicação social" e "as tradições de pintura e gravura pré-históricas poderiam ser comparáveis a famílias lingüísticas, no interior das quais as línguas evoluem"[248].

De acordo com a arqueóloga Gabriela Martín, os primeiros registros de Arte Rupestre no Brasil foram encontrados em 1598 na Serra da Copaoba[249] (Paraíba) por Feliciano Coelho de Carvalho, então Governador dessa Província, em rochas às margens do Rio Araçuagipe (atual Rio Pirapama), assim descritos e reproduzidos por Ambrósio Fernandes Brandão em seu *Diálogos das grandezas do Brasil* (1618):

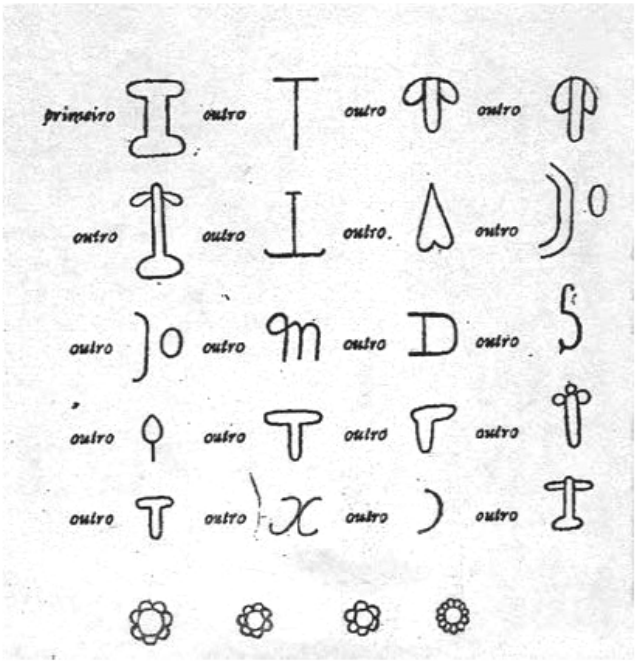
> BRANDÔNIO
> A um homem amigo meu de crédito ouvi afirmar, com outros mais, haver-se achado, nos tempos atrasados, na mesma serra [da Copaoba], uma novidade e estranheza que me causou espanto.
>
> ALVIANO
> Pois não me encubrais o que vos disse esse homem haver achado nessa serra.
>
> BRANDÔNIO
> Relatou-me por cousa verdadeira que, andando Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mor que foi da dita capitania pela mesma serra, fazendo guerra ao gentio potiguar, aos 29 dias do mês de dezembro do ano de 1598, se achara junto a um rio chamado Arasoagipe, que, por ir então seco, demonstrava somente alguns poços de água, que o calor do verão não tinha ainda gastado, e que alguns soldados, que foram por ele abaixo, toparam nas suas fraldas com uma cova, da banda do poente, composta de três pedras, que estavam conjuntas umas com outras, capaz de se poderem recolher dentro quinze homens; a qual cova tinha de alto, para a banda do nascente, de sete a oito palmos, e da banda do poente, treze até quatorze palmos; e ali por toda a redondeza que fazia na face da pedra, se achavam umas molduras, que demonstravam na sua composição serem feitas artificialmente.
> [...]
> E pela redondeza desta cova estavam as molduras que tenho dito, ou caracteres que se formavam na maneira seguinte:

---

[247] "Arte rupestre (do latim *ars rupes* 'arte sobre rocha') ou registro rupestre comporta um amplo conjunto de imagens produzidas sobre suportes rochosos abrigados (cavernas e grutas) ou ao ar livre (paredões e lajedos) [...] Para a produção da arte rupestre são utilizados dois métodos: o gravado, que compreende técnicas diversas de remoção ou abertura da superfície rochosa, a exemplo da picotagem e da abrasão; e o pintado, representado por técnicas de adição de pigmentos de cores distintas, secos ou pastosos, através de pincéis, dedos, sopros ou carimbos. Acredita-se que a arte rupestre tenha surgido no Paleolítico superior, entre 40.000 e 11.000 anos AP (Antes do Presente), no seio de grupos humanos que dominavam o fogo, possuíam tecnologia diversificada de produção de instrumentos de pedra lascada e que, em termos de constituição física, eram semelhantes ao homem moderno" (Verônica Viana *et al*, *Arte Rupestre*, p. 1-2).

[248] Anne-Marie Pessis e Niéde Guidon, *Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas*, p. 21

[249] "Copaoba [...] – que se estende ou se alonga para longe" (Coriolano de Medeiros, *Dicionário...*, p. 81).



Estes caracteres todos nos deram debuxados na forma que aqui vo-lo demonstro.

ALVIANO

Certamente que imagino, pelo que noto desses sinais que me amostrais, que devem de ser caracteres figurativos de cousas vindouras, que nós não entendemos porque não me posso persuadir que a natureza esculpisse *de per se* esses pontos, rosas e demais coisas sem intervir a indústria humana.[250]

2.3.2 Poesia cantada e dançada

Em seu *Tratados da terra e gente do Brasil* (1583) o padre jesuíta português Fernão Cardim observa que "[os indígenas] assim bailam cantando juntamente, porque não fazem uma coisa sem outra"[251]. Daí porque a poesia indígena pode ser classificada como "literatura oral"[252] ou "literatura da voz"[253] e consiste em uma de suas mais expressivas práticas socioculturais, pois, como assinala o poeta e pesquisador Gonçalves Dias em relação aos Tupi, "era tudo música e poesia: o nascimento e a morte – a guerra e as festas – o amor e a religião – a linguagem e a vida – tudo era poesia [...] Falavam cantando porque a poesia e a música andavam intimamente ligados na sua linguagem onomatopaica"[254].

---

[250] Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogos das grandezas do Brasil*, p. 69-72.
[251] Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 176.
[252] Este é precisamente o título de um livro de Luís da Câmara Cascudo: *Literatura oral no Brasil*. Por sua vez, o escritor Ariano Suassuna afirma que "quando os portugueses chegaram ao Brasil, já encontraram por aqui um teatro, uma pintura, uma dança, uma literatura oral [...]" (*Prefácio*, em Eduardo Navarro, *Dicionário...*, p. IX – grifei).
[253] Cfr. Paul Zumthor, *Introdução à poesia oral*, p. 23 e ss.
[254] Gonçalves Dias, *Brasil e Oceania*, p. 237 e 238.

Aliás, é precisamente o laconismo e o uso de linguagem onomatopaica características da poesia indígena que tornam possível conceber que a expressão "língua travada" (através da qual os indígenas dos sertões do Nordeste brasileiro eram diferenciados dos indígenas do litoral, falantes da "língua geral" Tupi) designa um modo de falar cantado, ou seja, poético, pois, como observa Massaud Moisés, professor titular de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, "os Latinos chamavam a poesia de *oratio vincta*: linguagem travada, ligada por regras de versificação, em oposição a *oratio prorsa*: linguagem direta e livre. *Prorsa* tornou-se, por metátese, *prosa*"[255].

Esta hipótese encontra apoio na seguinte observação que o sertanista Couto de Magalhães faz no livro *O selvagem* (1876), que, ademais, aponta aspectos comuns à poesia indígena e à poesia árabe:

> Aqueles que estudam estética dizem que, nas línguas dos povos bárbaros, muito mais lacônica e muito menos analítica do que as dos povos cultos, as imagens se sucedem suprimindo às vezes um longo raciocínio. A poesia de nossos selvagens é assim [...]
> Lendo eu uma análise de diversos cantos dos árabes, tive ocasião de notar a estranha conformidade que havia entre aquela e a poesia do nosso povo: o crítico que as citava dizia: "para nós, que estamos acostumados a seguir o pensamento em seus detalhes, é quase impossível perceber o nexo das ideias entre imagens aparentemente destacadas e desconexas; para os povos selvagens, porém, esse nexo se revela na pobreza de suas línguas, pela energia das impressões daquelas almas virgens, para as quais a palavra falada é mais um meio de auxiliar a memória do que um meio de traduzir as impressões". Apliquei esse princípio de crítica a nossa poesia popular, sobretudo aos cantos daquelas populações mestiças, onde as impressões das raças selvagens se gravaram mais profundamente, e vi que efetivamente, suprindo-se por palavras o nexo que falta às imagens expressadas por eles em forma lacônica, se revela um pensamento enérgico às vezes de uma poesia profunda e de inimitável beleza, apesar do tosco laconismo da frase.[256]

Uma das etnias indígenas "de língua travada" a cujo respeito há diversas narrativas sobre práticas de poesia cantada e dançada é a etnia Otschucayana (à qual, viu-se, pertence o povo Xukuru), a cujo respeito o administrador, geógrafo e historiador Elias Herckman assinala em sua *Descrição geral da Capitania da Paraíba* (1634):

> Quando se celebra algum casamento, o rei se acha presente e há grandes demonstrações de pranto e gritaria por parte das mulheres e meninos, o que é sinal, como fica dito, do maior júbilo e honra. Tendo esta festa durado quatro

[255] Massaud Moisés, *A criação literária – Poesia*, p. 81 – com amparo em Jean Suberville.
[256] Couto de Magalhães, *O selvagem*, p. 101.

> ou cinco dias com as costumadas lamentações e algazarra, é a noiva conduzida ao noivo à tarde em uma dança aparelhada, onde eles cantam ao seu modo em voz mui alta, tendo as caras e os corpos ricamente pintados com tintas de uruçu e jenipapo.[257]

Alguns anos depois o polímata e historiador neerlandês Gaspar Barléu noticia no livro *O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau* (1647):

> Quando cai a noite, propícia aos amores, os jovens na flor da idade e que já pensam em casar andam pelo acampamento e pelas barracas, e a eles se unem as donzelas com igual simpatia e afeto. Começam então cantos e danças, ficando as moças atrás dos namorados: isto é um sinal de pedido de casamento [...]
> Acendem fogueiras na terra ligeiramente cavada, põem sobre elas as carnes, cobrem-nas de areia e esta de brasas, de sorte que as carnes fiquem perfeitamente assadas em baixo e em cima. A bebida é feita com mel. Rematam os banquetes com cantos e danças.
> [...]
> Para sagrarem o rei comparecem magotes de adivinhos e sacerdotes e, fulgentes de plumas e cores, ungem-no com um bálsamo precioso e põem-lhe na augusta cabeça uma coroa tecida das mais lindas plumagens. Depois repetem os cantos e hinos [...][258]

Desse mesmo ano é o livro *Relação da viagem* (1647), do holandês Roulox Baro, intérprete que conviveu com o povo Otschucayana conhecido como Janduí (como se disse, também nome de seu cacique):

> No dia seguinte, Janduí fez saber aos que queriam casar-se que estivessem prontos e comparecessem à noite à sua cabana, onde Houcha, isto é, o Diabo e o Grande Sacrificador deveriam encontrá-los, para dar-lhes a benção.
> [...]
> Depois do meio-dia, apareceram dez moças cobertas de diversas folhagens. Seguiu-as o Diabo que, carregado invisível dentro de um caramanchel por outras moças e mulheres, mandou que elas se coroassem com folhas e flores de ervilhas e de favas, caídas para a frente e par trás. Elas obedeceram e puseram-se a dançar e a cantar durante toda a noite.
> [No dia seguinte], os tapuias reuniram-se em três fileiras. Na primeira estavam Janduí e os feiticeiros, todos com os corpos pintados de diversas cores e cobertos de diversas folhas. Na segunda estavam os homens e as mulheres. Na terceira, os esposados e esposadas, que se puseram a cantar e a dançar toda a noite.[259]

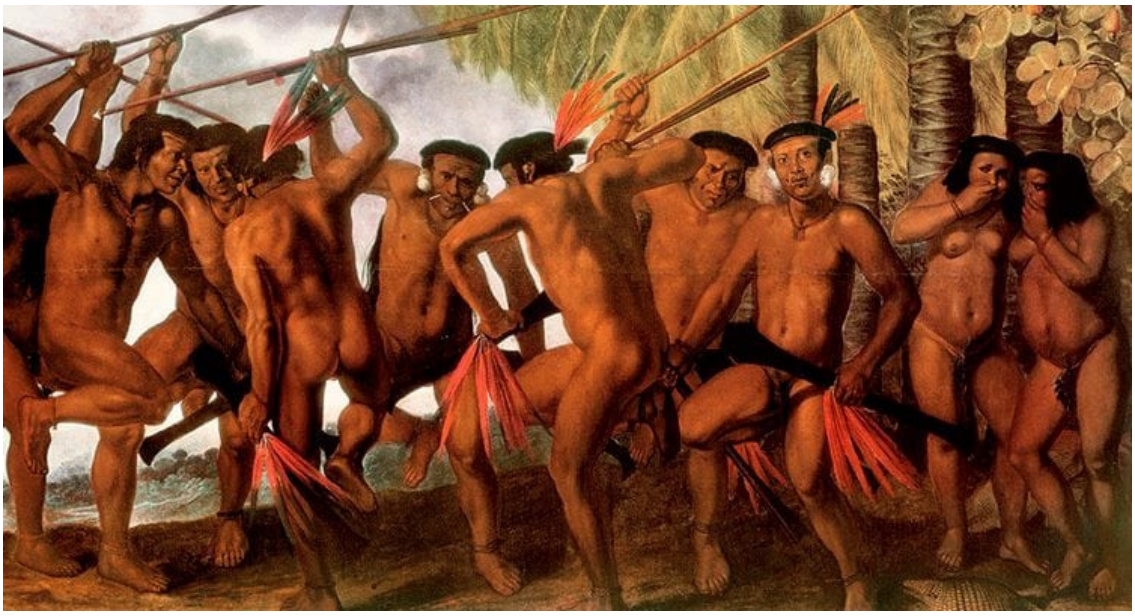
Essas práticas foram retratadas por Alberto Eckhout na pintura *Dança dos Tapuias*

---

[257] Elias Herckman, *Descrição geral da Capitania da Paraíba*, p. 283-284 – grifei.
[258] Gaspar Barleú, *O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau*, p. 288 e 292 – grifei.
[259] Roulox Baro, *Relação da viagem de Roulox Baro*, p. 105-106 – grifei.

(1643):

Fig. 17 – Alberto Eckhout, *Dança dos Tapuias* (1643)



Fonte: Nationalmuseet, *Eckhout volta ao Brasil (1644-2002)*, p. 46-47

Após essas considerações cumpre dissertar sobre características da poesia indígena.

a) Ocasiões

Segundo os denominados cronistas do descobrimento, os indígenas dos sertões cantavam praticamente durante todo o dia, como registra Simão de Vasconcelos em sua *Crônica da companhia de Jesus do Estado do Brasil* (1663):

> É esta gente dos Tapuias a mais vagabunda de entre todas: mudam o sítio quase todo o dia com estas cerimônias. À véspera do dia, o Principal de todos faz ajuntar a relé de seus feiticeiros e adivinhadores, que sempre têm em grande quantidade, e feito conselho com eles pergunta aonde será bem que vão assentar rancho no dia seguinte? o que há de fazer nele: de que maneira hão de matar as feras? etc [...]
> Deste lugar (morada que há de ser de um dia) partem os homens, uns à caça, outros à pesca, outros a mel silvestre; as mulheres, as de mais idade, umas às raízes de ervas, outras às frutas que possam servi-lhes de pão e juntamente de vinho. As de menor idade ficam em casa e vão preparando as coisas, assim como vão vindo para sustento comum de todos. O demais tempo cantam, dançam, saltam e lutam.
> [...]
> Concluída a caça, logo com grande festa dão com toda ela no meio de seus ranchos, cantando e bailando; saem-lhe ao encontro na mesma forma as que ficaram em guarda das choupanas.
> [...]

> O tempo que sobeja do dia gastam em jogos, cantos e bailes; e assim vão passando a vida, sem cuidado algum da [vida] eterna, ou conta alguma do bem ou mal que fizeram [...] Sobre a tarde torna o Principal a consultar seus feiticeiros acerca do dia seguinte; neste fazem o mesmo, e o mesmo em todos os demais, e este é seu modo contínuo de viver.
> [...]
> Passam a vida alegremente, nas matas mais interiores fazem seus cantos, certas horas do dia e da noite: no pino dela, ao romper da manhã, e pelo meio dia são os mais ordinários. Ajuntam-se todos em um lugar, e logo um deles mais pequeno posto em alto, e os demais em roda, levanta a voz a modo de antífona, e dado sinal, respondem todos cantando em semelhante tom; e em tanto continuam o canto, enquanto aquele que começou torna a dar sinal que acabem [...][260]

Algumas ocasiões em que a poesia cantada assumia caráter ritualístico eram a morte do companheiro ou da companheira (em que "o marido quando lhe morre a mulher também se tinge de jenipapo, e quando tira o dó se torna a tingir, tosquia-se e ordena grandes revoltas de cantar, e bailar, e beber, nestas festas se cantam as proezas do defunto, ou defunta"[261]), a celebração da vitória em guerras (em que fazem "grandes festas de vinho, e cantares em seu louvor"[262]) e o sacrifício de prisioneiros, como consta do relato do aventureiro alemão Hans Staden sobre os Tupinambá publicado na obra *Duas viagens ao Brasil* (1557), a "mais acurada e impressionante descrição do banquete antropofágico [...], a fonte primária mais confiável para o estudo do canibalismo ritual"[263]:

> Desembarcamos. Nesse momento, todos, jovens e velhos, saíram de suas cabanas, que ficavam num morro, e queriam me ver. Os homens foram com seus arcos-e-flechas para suas cabanas e entregaram-me às mulheres, que ficaram comigo. Algumas andavam à minha frente, outras atrás de mim, e enquanto isso dançavam e cantavam uma canção, o que, segundo seus hábitos, fazem perante o prisioneiro que querem comer.
> [...]
> Depois, todas as mulheres começaram a cantar. Para acompanhar o ritmo delas, eu devia bater no chão com o pé da perna à qual estavam amarrados os chocalhos, para que fizessem ruído e se adequassem ao canto delas.[264]

Hans Staden continua:

> Depois de alguns dias levaram-me para uma outra aldeia, que chamavam de

[260] Simão de Vasconcellos, *Crônica da companhia de Jesus do Estado do Brasil*, p. LXXXVII, LXXXVIII e CXLV – grifei.
[261] Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 84.
[262] Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 85.
[263] Eduardo Bueno, *Como era gostoso Hans Staden: um livro para devorar*, em Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil*, p. 9.
[264] Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil*, p. 68-69 e 72 – grifei.

> Ariró, onde me conduziram à presença do chefe Cunhambebe. Ele era o mais distinto de todos os chefes.
> Vários outros reuniram-se na casa dele e montaram uma grande festa à maneira dos selvagens. Eles também queriam me ver, e por isso Cunhambebe tinha dado ordens para que eu fosse levado para lá naquele dia.
> Quando cheguei às proximidades da cabana, ouvi um grande barulho. Eles cantavam e tocavam seus instrumentos de sopro.
> [...]
> Frente à minha cabana, bem perto, ficava a do chefe Tatámiri. Era dele um dos cristãos assados, e, de acordo com o costume, mandou os selvagens prepararem a bebida. Muita gente reuniu-se, beberam, cantaram e fizeram uma grande festa.[265]

Fig. 18 – Dança das mulheres ao redor de Hans Staden, em Ubatuba



Fonte: Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil*, p. 73

Ainda a respeito dos rituais para o sacrifício de prisioneiros pelos Tupinambá, o jesuíta Fernão Cardim apresenta a seguinte narrativa com exemplos de versos ("pés", nessa narrativa) cantados:

> Afastando-se o primeiro como causado em luta lhe sucede outro que se tem por mais valente homem, os quais às vezes ficam bem enxovalhados, e mais o ficariam se já a este tempo o cativo não tivesse a peia ou grilhões.
> Acabada essa luta ele em pé, bufando de birra e cansaço com o outro que o tem aferrado, sai com coro de ninfas que trazem um grande alguidar novo pintado, e nele as cordas enroladas e bem alvas, e posto esse presente aos pés do cativo, começa uma velha como versada nisso e mestra do coro a entoar uma cantiga que as outras ajudam, cuja letra é conforme a cerimônia
> [...]
> Diz um dos pés de cantiga:

[265] Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil*, p. 77, 111-112 e 112-113.

> *Nós somos aquelas que fazemos*
> *Estirar o pescoço ao pássaro*
>
> Posto que depois de outras cerimônias lhe dizem noutro pé:
>
> *Se tu foras papagaio*
> *Voando nos fugirias*[266]

Outras narrativas a respeito da poesia indígena cantada e dançada foram escritas pelo cronista português Pero de Magalhães Gandavo, que em seu *Tratado da terra do Brasil* (1576) relata que "o dia que [os indígenas] hão de matar este cativo, pela manhã se alguma ribeira está junto da aldeia levam-no a banhar nela com grandes cantares e folias"[267] e pelo franciscano Frei Vicente do Salvador, que no capítulo *Dos que cativam na guerra* de sua *História do Brasil* (1627) relata que os Aimoré (ou Botocudo, etnia que habitava o Sul da Bahia e o Norte do Espírito Santo) "ordenam grandes festas, e ajuntamentos de parentes e amigos, chamados de 30, 40 léguas, com os quais na véspera, e dia do sacrifício, cantam e bailam, comem, e bebem alegremente"[268].

b) Musicalidade

Uma das mais notáveis características da poesia indígena é a musicalidade, simultaneamente aquela que foi mais explorada e mais reprimida pelos missionários jesuítas como aquilo que respectivamente ajudava-os no processo de catequização e contrariava os dogmas cristãos, a cujo respeito o sociólogo Gilberto Freyre assinala:

> Entre os caboclos ao alcance da sua catequese [os jesuítas] acabaram com as danças e os festivais mais impregnados dos instintos, dos interesses e da energia animal da raça conquistada, só conservando uma ou outra dança, apenas graciosa, de culumins. Ainda mais: procuraram destruir, ou pelo menos castrar, tudo o que fosse expressão viril de cultura artística ou religiosa em desacordo com a moral católica e com as convenções europeias. Separaram a arte da vida.[269]

Por outro lado, ante a circunstância de que os indígenas eram "afeiçoadíssimos à

---

[266] Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 185-186. Em suas *Memórias históricas da Província de Pernambuco* (1844), o magistrado e escritor José Bernardo Fernandes Gama assinala: "A cantiga era alusiva a este laço – '*Somos nós (entoavam as indígenas) que temos o pássaro preso pelo pescoço* (e mofando do cativo por não lhes poder fugir, continuavam) *Se tu fosses papagaio, que roubasses nossos campos terias fugido*'" (p. 37).

[267] Pero de Magalhães Gandavo, *Tratado da terra do Brasil*, p. 65 e 67.

[268] Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 86.

[269] Gilberto Freyre, *Casa grande & senzala*, p. 109. *Culumins*: o mesmo que curumins, crianças indígenas.

música [e] destros em todos os instrumentos musicais"[270], os jesuítas "trataram de empregar a música e a poesia como meios de catequese [...] e daí proveio o primeiro impulso da poesia e do teatro no Brasil"[271].
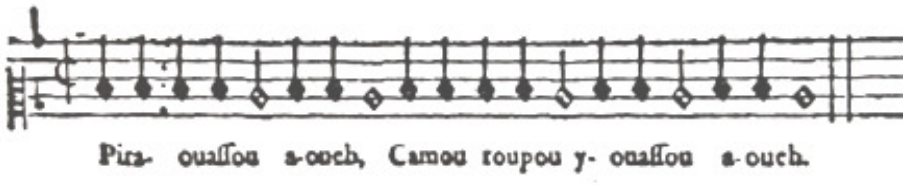
Dentre os aspectos musicais da poesia indígena destaca-se o refrão (ou estribilho), que o pastor calvinista francês Jean de Léry registrou em sua *Viagem à terra do Brasil* (1578), considerados os "documentos mais antigos que possuímos de nossa música ameríndia"[272], o primeiro deles o seguinte:

> Os selvagens em suas canções aludem freqüentemente a essa ave [canindé], dizendo e repetindo muitas vezes: *canidé-iune*, *canidé-iune heyra-uehm* isto é, ave-amarela, ave-amarela etc., pois na sua linguagem *june* ou *jupe* quer dizer amarelo.[273]



Adiante, Jean Léry registra e faz a transcrição musical de uma poesia alusiva a uma espécie de peixe:

> O *camuroponí-uassu* é um peixe muito grande a que os tupinambás fazem menção, em suas danças e cantos, repetindo muitas vezes: *pirá-uassú a uéh, camurupuí-uassú* etc., o que quer dizer "bom de comer".[274]



Noutro tópico assinala:

---

[270] Simão de Vasconcellos, *Crônica da companhia de Jesus do Estado do Brasil*, p. CXLV.

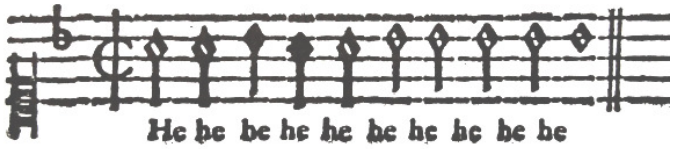
[271] F. A. Varnhagen, *Florilégio da poesia brasileira*, p. 41. É possível traçar a seguinte cronologia da exploração da musicalidade da poesia indígena pelos jesuítas: inicialmente o Padre Navarro "começou traduzindo para a língua tupi cânticos e religiosos" (Luciano Gallet, *Estudos de folclore*, p. 39), a seguir Manuel da Nóbrega foi "o primeiro a perceber a oportunidade de valerem-se os padres do prestígio com que os índios distinguiam os seus poetas, músicos e cantores" e José de Anchieta escreveu poemas na Língua Tupi (cfr. Poemas – Lírica portuguesa e Tupi. São Paulo: Martins Fontes, 2004). Ainda segundo Gallet, "quando iam visitar alguma aldeia ainda bárbara, [os jesuítas] mandavam na frente os indiozinhos, de crucifixo na mão, cantando benditos e ladainhas. Os índios adultos, maravilhados pelo espetáculo, e arrebatados pelos acentos musicais religiosos, incorporavam-se ao grupo; e lá iam todos cantando, para a aldeia ainda feroz" (*Estudos de folclore*, p. 39-40).

[272] R. B. de M., *Introdução*, em Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, p. 13.

[273] Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, p. 150. As notações musicais aqui transcritas foram elaboradas por Jean de Léry para a primeira edição dessa obra.

[274] Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, p. 161-162.

> Já havíamos começado a almoçar sem nada perceber ainda do que pretendiam os selvagens quando principiamos a ouvir na casa dos homens, a qual distava talvez trinta passos daquela em que estávamos, um murmúrio surdo e rezas; imediatamente as mulheres, em número de quase duzentas, se puseram todas de pé e muito perto umas das outras. Os homens pouco a pouco erguiam a voz e os ouvíamos distintamente repetir uma interjeição de encorajamento: – *He, he, he, he*. Mais ainda nos espantamos, porém, quando as mulheres, por seu turno, a repetiram com voz trêmula: – *He, he, he, he*.[275]



Dois anos após a publicação do referido livro de Jean de Léry, o filósofo francês Michel de Montaigne registrou duas poesias cantadas pelos Tupinambá:

> Tenho em meu poder o canto de um desses prisioneiros. Eis o que diz:
>
> Que se aproximem todos com coragem
> E se juntem para comê-lo
> Em o fazendo comerão seus pais e seus avós
> Que já serviram de alimento a ele próprio
> E deles seu corpo se constituiu
> Estes músculos, esta carne, estas veias
> Diz-lhes, são vossas, pobres loucos.
> Não reconheceis a substância dos membros
> De vossos antepassados que no entanto
> Ainda se encontram em mim?
> Saboreai-os atentamente
> Sentireis o gosto de vossa própria carne[276]

Após, Montaigne transcreve uma poesia cantada cujo tema é o amor, disserta sobre sua música e oferece sua impressão sobre o estribilho:

> Transcrevi aqui um de seus cantos guerreiros: pois tenho também uma canção de amor:
>
> Serpente, para; para, serpente
> A fim de que minha irmã
> Copie as cores com que te enfeitas
> A fim de que eu faça um colar
> Para dar à minha amante
> Que tua beleza e tua elegância
> Sejam sempre preferidas

[275] Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, p. 210.
[276] Michel de Montaigne, *Ensaios*, Cap. XXXI, p. 109.

> Entre as das demais serpentes
>
> É a primeira estrofe e o estribilho da canção; ora, eu conheço bastante a poesia para julgar que este produto de sua imaginação nada tem de bárbaro, antes me parece de espírito anacreôntico. Aliás, a língua que falam não carece de doçura. Os sons são agradáveis e as desinências das palavras aproximam-se das gregas.[277]

O instrumento utilizado para marcar o tempo da poesia cantada e dançada é o maracá, chocalho feito de uma pequena cabaça pintada e adornada com penas que é furada, enchida de sementes ou pedrinhas e encabada com um galho fino, fazendo com que adquira um aspecto antropomórfico e, em termos religiosos (que, para os indígenas, não se desvincula do aspecto poético-musical), seja considerado uma estatueta mágica na qual, sobretudo no caso do maracá usado pelo Pajé, encarnam os encantados (espíritos).

Fig. 20 – Theodor de Bry, *Tupinambás tocando maracás durante uma cerimônia* (detalhe)



Fonte: Theodor de Bry, *America* (vol. 3)

c) Improviso

Outro relevante aspecto da poesia indígena é o improviso, a cujo respeito o cronista Fernão Cardim assinala:

> Não se lhe entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados [...] Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são insignes trovadoras.
> [...]
> Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta [...] [as mulheres] dizem em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hospede, e o que elas padeceram em sua ausência[278]

[277] Montaigne, *Ensaios*, Cap. XXXI, p. 109.
[278] Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 306 e 309 – grifei.

Vale assinalar que nessa narrativa o termo "trova" não possui o significado restrito que possui na poesia ibero-árabe (ou seja, estrofe composta por quatro versos de sete sílabas poéticas em que rimam entre si o primeiro com o terceiro e o segundo com o quarto[279]), mas o sentido de improvisar a partir da etimologia mais aceitável do termo "trova", em que o vocábulo latino *tropare*, "decalcado sobre *tropo* – interpolação, adição ou introdução de texto literário e musical numa peça da liturgia. Daí '*tropare'* – fazer tropos, compor (um poema, uma melodia), criar, descobrir"[280].

Essa perspectiva coaduna-se com a narrativa que Gabriel Soares de Sousa fez em 1587 sobre os Tamoio e os Tupinambá:

> São havidos estes tamoios por grandes músicos e bailadores entre todo o gentio, os quais são grandes componedores de cantigas de improviso, pelo que são mui estimados do gentio, por onde quer que vão.
> [...]
> Os Tupinambás se prezam de grandes músicos, e, ao seu modo, cantam com sofrível tom, os quais têm boas vozes; mas todos cantam por um tom, e os músicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante do mote.[281]

Essa narrativa encontrou eco no historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, que no livro *Florilégio da poesia brasileira* (1850) assinala que "[os indígenas] improvisavam motes com voltas, acabando estas no consoante dos mesmos motes"[282], em Joaquim Norberto de Souza, que no texto *Tendência dos selvagens brasileiros para a poesia* (1859) assinala que os Caeté, "eram por natureza afeiçoados à música, amigos da dança e célebres improvisadores"[283] e em Gonçalves Dias, que no livro *Brasil e Oceania* (1869) assevera sobre os Tupi que "os homens eram dotados da faculdade da poesia, do canto e do improviso"[284].

Por fim, no livro *Ao som da viola* (1921) o folclorista Gustavo Barroso refere-se à conjugação entre o improviso característico da poesia indígena e da poesia dos sertões do Nordeste brasileiro:

> A essa longa tradição latina do repentismo poético casou-se a faculdade que tinha o índio de improvisar versos também. Joaquim Catunda, na sua "História do Ceará", fala, baseado em J. F. Lisboa, na maneira especial que

[279] Cfr. Hênio Tavares, *Teoria literária*, p. 309.
[280] Segismundo Spina, *A lírica trovadoresca*, p. 407. Cfr. tb. Teófilo Braga, *História da poesia popular portuguesa – ciclos épicos*, p. 68.
[281] Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil*, p. 77 e 324 – grifei.
[282] Francisco Adolfo de Varnhagen, *Florilégio da poesia brasileira* (1850), p. 41.
[283] Joaquim Norberto de Souza, *Tendência dos selvagens brasileiros para a poesia*, p. 177.
[284] Gonçalves Dias, *Brasil e Oceania*, p. 225, 237, 238 e 239.

possuía o indígena de improvisar ao som da sua bárbara música.[285]

d) Peleja

Sobre a poesia indígena há diversos relatos sobre a ocorrência do diálogo poético conhecido como peleja, sobretudo nos rituais de sacrifício de prisioneiros, aspecto que o poeta Gonçalves Dias reproduz no poema *I-Juca-Pirama*[286] (1851):

Vem a terreiro o mísero contrário
Do colo à cinta a muçurana desce
"Dize-me quem és, teus feitos canta
Ou se mais te apraz, defende-te" Começa
O índio, que ao redor derrama os olhos
Com triste voz que os ânimos comove

"Meu canto de morte
Guerreiros, ouvi
Sou filho das selvas
Nas selvas cresci
Guerreiros, descendo
Da tribo Tupi

Da tribo pujante
Que agora anda errante
Por fado inconstante
Guerreiros nasci
Sou bravo, sou forte
Sou filho do Norte
Meu canto de morte
Guerreiros, ouvi"

[...]

Um velho Timbira, coberto de glória
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava
Dizia prudente: – "Meninos, eu vi!

Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro

[285] Gustavo Barroso, *Ao som da viola*, p. 564. A afirmação de Joaquim Catunda é de que os Tupinambá "cultivavam a música e eram grandes cantadores de improviso" (*Estudos de História do Ceará* (1919), p. 29).

[286] "I-Juca-Pirama: o que há de ser morto, e que é digno de ser morto" (Gonçalves Dias, *I-Juca-Pirama*, p. 68, nr 103). Eduardo Navarro registra: "**îuká**" (etim. – quebrar o pescoço [...] matar [...] Daí o nome do famoso poema de Gonçalves Dias, **I-JUCA-PYRAMA** ('o que será morto'" (*Dicionário...*, p. 197). Por seu turno, Antônio Geraldo da Cunha assinala: "**jucá (pau de)** [...] em tupi **ju'ka** traduz-se por 'matar'. Os portugueses chamavam de 'pau de jucar' ao pau que os indígenas utilizavam para matar os inimigos" (*Dicionário histórico...*, p. 183).

> Seu canto de morte, que nunca esqueci
> Valente, como era, chorou sem ter pejo
> Parece que o vejo
> Que o tenho nest'hora diante de mi"[287]

Um dos primeiros cronistas a registrar a peleja na poesia indígena foi Fernão Cardim quando em 1553 publicou a seguinte narrativa:

> Arremedam pássaros, cobras, e outros animais, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar [...] Também quando fazem este motim tiram um e um a terreiro, e ambos se ensaiam até que algum cansa, e logo lhe vem outro acudir.[288]

Em escrito publicado quatro anos depois, Hans Staden referiu-se ao canto com que os Tupinambá pelejavam com seus prisioneiros nos rituais de sacrifício:

> À noite, ordenou [o cacique] Cunhambebe que cada um trouxesse os seus prisioneiros a um descampado entre o mar e a floresta. Os selvagens se reuniram em grande círculo, no cento do qual os colocaram e os obrigaram a cantar e a fazer ruído em honra dos maracás. E os prisioneiros cantaram:
>
> "Sim, nós marchamos contra os nossos inimigos, como bravos guerreiros que somos, a fim de aprisioná-los e devorá-los.
>
> Venceste-nos; somos teus prisioneiros; mas que importa? Os homens valentes devem morrer em terras de inimigos.
>
> Grande é o nosso país; bem povoada a nossa aldeia; os nossos amigos nos vingarão!"
>
> Ao que os outros responderam:
>
> "Também vós matastes a muitos dos nossos e nós agora vamos vingá-los!"
>
> Findos os cantos, cada um conduziu os seus prisioneiros à sua cabana.[289]

---

[287] Gonçalves Dias, *I-Juca-Pirama*, p. 72,73 e 86 – grifei. *Muçurana*: corda com que os indígenas atavam os prisioneiros.

[288] Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 306 – grifei.

[289] Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil*, p. 111-112 – grifei. Para esse trecho vali-me da tradução proposta por Joaquim Norberto de Sousa em *Capítulos de História da Literatura Brasileira*, p. 202. Na edição *Zwei reisen nach Brasilien* (Publicações da Sociedade Hans Staden – São Paulo – Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6773) a frase "Darnach redete einer nach dem anderen ganz verwegen und sagte" é vertida por "Depois, um após outro, discursava com audácia, dizendo" e a frase "Als sie mit diesen Reden fertig waren" é vertida por "Quando terminaram de discursar assim". Frei Vicente do Salvador apresenta narrativa semelhante, em que "as velhas lhe cantam [ao prisioneiro] que se farte de ver o sol, pois cedo o deixará de ver, e o cativo responde com muita coragem que bem vingado há de ser" (*História do Brasil*, p. 86). A peleja também ocorre em ritos indígenas da atualidade, a exemplo do "rap Yanomami" narrado na reportagem *Sebastião Salgado na Amazônia* (Folha de São Paulo – disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/sebastiao-salgado/ianomami/festa-na-maloca-tem-que-ter-rap-e-muita-comida/>. Acesso em: 21/12/2019.

e) Relevância social dos poetas-cantores

A relevância social que os poetas-cantores possuem entre os povos indígenas é retratada por Gonçalves Dias no aludido poema *I-Juca-Pirama*:

> No meio das tabas de amenos verdores
> Cercadas de troncos – cobertos de flores
> Alteiam-se os tetos d'altiva nação
> São muitos seus filhos, nos ânimos fortes
> Temíveis na guerra, que em densas coortes
> Assombram das matas a imensa extensão
>
> São rudos, severos, sedentos de glória
> Já prélios incitam, já cantam vitória
> Já meigos atendem à voz do cantor
> São todos Timbiras, guerreiros valentes
> Seu nome lá voa na boca das gentes,
> Condão de prodígios, de glória e terror[290]

Como esse poeta evidencia no poema *O canto do Piaga*, esse cantor é o Pajé:

> Ó Guerreiros da Taba sagrada
> Ó Guerreiros da Tribo Tupi
> Falam Deuses nos cantos do Piaga
> Ó Guerreiros, meus cantos ouvi
>
> Esta noite – era a lua já morta –
> Anhangá me vedava sonhar
> Eis na horrível caverna, que habito
> Rouca voz começou-me a chamar
>
> Abro os olhos, inquieto, medroso
> Manitôs! que prodígios que vi
> Arde o pau de resina fumosa
> Não fui eu, não fui eu, que o acendi
>
> Eis rebenta a meus pés um fantasma
> Um fantasma d'imensa extensão
> Liso crânio repousa a meu lado
> Feia cobra se enrosca no chão
>
> O meu sangue gelou-se nas veias
> Todo inteiro – ossos, carnes – tremi
> Frio horror me coou pelos membros
> Frio vento no rosto senti
>
> Era feio, medonho, tremendo
> O' Guerreiros, o espectro que eu vi
> Falam Deuses nos cantos do Piaga

[290] Gonçalves Dias, *I-Juca-Pirama*, p. 68 – grifei.

O' Guerreiros, meus cantos ouvi![291]

Ademais, o próprio Gonçalves Dias explicita a relevância social que os Piagas / Pajés possuem entre os povos indígenas:

> [Os Piagas] eram anacoretas austeros que habitavam cavernas hediondas, nas quais, sob pena de morte, não penetravam profanos. Vivendo rígida e sobriamente depois de um longo e terrível noviciado ainda mais rígido do que a sua vida, eram eles um objeto de culto e de respeito para todos; eram os dominadores dos chefes – a baliza formidável que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido – entre a tão exígua ciência daqueles homens e a tão desejada revelação dos espíritos.[292]

Por causa desta proeminência dos Piagas / Pajés, em carta de 1549 o jesuíta Manuel da Nóbrega considera-os "os maiores contrários que cá temos"[293] e o jesuíta José de Anchieta registra:

> O que mais creem e de que lhes nasce muito mal é que em alguns tempos alguns de seus feiticeiros, que chamam Pajés, inventam uns bailes e cantares novos, de que estes índios são mui amigos, e entram com eles por toda a terra, e fazem ocupar os índios em beber e bailar todo o dia e noite, sem cuidado de fazerem mantimentos, e com isto se tem destruído muita gente desta.[294]

Em ordem cronológica apresento outros relatos sobre a relevância social dos poetas-cantores nas sociedades indígenas, a começar por Jean de Léry no livro *Viagem à terra do Brasil* (1578):

> Atravessávamos uma grande floresta de árvores variegadas, toda verde de ervas e cheirosa flores, ouvindo o canto de uma infinidade de aves que gorjeavam meio da mata banhada de sol. De coração alegre, senti-me levado a louvar por Deus por todas essas coisas e comecei a cantar em voz alta o Salmo 104: "Exulta, exulta, minha alma etc.".
> Os três selvagens e a mulher, que vinham atrás de mim, tiveram tamanho prazer na música de minhas palavras, pois o sentido não entendiam, que, ao terminar eu o cântico, o Oncanen todo comovido e embevecido exclamou:

---

[291] Gonçalves Dias, *O canto do Piaga*, p. 22. Em notas a esta poesia o organizador da obra elucida: *coortes*: multidões; *Prélios*: combates, lutas; *Condão*: poder espiritual.

[292] Gonçalves Dias, *O canto do Piaga*, p. 22, nr 3 – grifei. Em notas a esta poesia o organizador da obra traz descrições do próprio Gonçalves Dias: *Anhangá*: "gênio do mal, o mesmo que Léry chama *Aigan* e Hans Staden *Ingange*"; *manitôs*: divindades, espíritos; *fumosa*: que exala fumo ou vapores.

[293] Manuel da Nóbrega, *Informação das terras do Brasil aos padres e irmãos de Coimbra*, de agosto de 1549, transcrita em *Obra completa*, p. 86.

[294] José de Anchieta, *Cartas jesuíticas III – Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, p. 331 – grifei.

> "Na verdade cantaste maravilhosamente bem e fiquei muito contente em ouvir o teu canto que me recorda o de uma nação aliada, nossa vizinha. Mas nós não entendemos a tua língua, por isso explica-nos o teu canto".
> Como eu era o único francês ali presente e só ia encontrar intérpretes no lugar onde pretendíamos dormir, expliquei como pude que não só havia louvado a Deus em geral, pela beleza e governo de suas criaturas, mas ainda o havia particularmente aplaudido como único criador dos homens e de todos os animais, frutos e plantas espalhados pelo mundo inteiro. Expliquei mais que a minha canção fora ditada pelo Espírito desse Deus magnífico, cujo nome eu celebrava; que fora já cantada há cerca de 10.000 luas por um dos nossos grandes profetas o qual a legara posteridade.
> Lembro mais uma vez que os selvagens não costumam interromper os discursos de ninguém; por isso me ouviram atentos pelo espaço de meia hora proferindo apenas de quando em quando sua habitual interjeição: *Teh*. E afinal disseram-me: "Como vós os mais sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres miseráveis!" E para agradar-me deram-me um pequeno *aguti*, que traziam, dizendo: "Toma lá, já que cantas tão bem".
> Entendi dever contar esse episódio por entender que, por mais bárbaros que sejam com seus inimigos, esses selvagens me parecem de melhor índole que a maioria dos campônios da Europa. E, com efeito, discorrem melhor do que estes que, no entanto, se reputam inteligentes.[295]

Jean de Léry também narra uma solenidade presidida por um Caraíba (Pajé de grau superior, "pajé-açu"[296]) "senhor da fala" que "estava habilitado a percorrer aldeias inimigas sem ser molestado, e a receber em cada uma o sustento e a hospedagem dos nativos"[297]:

> Ao falar das danças por ocasião das *cauinagens* prometi descrever também suas outras espécies de danças.
> Unidos uns aos outros, mas de mãos soltas e fixos no lugar, formam roda, curvados para a frente e movendo apenas a perna e o pé direito; cada qual com a mão direita na cintura e o braço e a mão esquerda pendentes, suspendem um tanto o corpo e assim cantam e dançam.
> Como eram numerosos, formavam três rodas no meio das quais se mantinham três ou quatro caraíbas ricamente adornados de plumas, cocares, máscaras e braceletes de diversas cores, cada qual com um maracá em cada mão. E faziam essas espécies de guizos feitos de certo fruto maior do que um ovo de avestruz.
> [...]

---

[295] Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, p. 174-175. *Aguti*: cotia.

[296] Ronaldo Vainfas, *A heresia dos índios*, p. 61.

[297] Ronaldo Vainfas, *A heresia dos índios*, p. 61. Eduardo Navarro assinala: "**karaíba** (s.) – **CARAÍBA**, pajé itinerante dos tupis da costa, que ia a várias aldeias, podendo entrar até em território de inimigos. Falava da Terra sem Mal e de como encontrá-la. Muitos deles estimularam guerras contra os europeus (espanhóis e portugueses) e contra os missionários católicos. Os jesuítas os chamavam de santidades [...] **CARAÍBA** também designa *coisa sobrenatural* (in *Dicion. Caldas Aulete*" (*Dicionário...*, p. 219). Por seu turno, Antônio Geraldo da Cunha registra: "o tupi kara'iụa relaciona-se etimologicamente com o etnônimo *caribe*, designação que os europeus do séc. XVI davam aos indígenas de vários grupos étnicos das Antilhas, da América Central e do extremo norte da América do Sul. Nesses idiomas, dos grupos caribe e aruaque, o termo *caribe* (*cariba*, *caniba*, *galibi* etc.) traduzia-se por 'homem valente, corajoso, herói'" (*Dicionário histórico...*, p. 102).

Os caraíbas não se mantinham sempre no mesmo lugar como os outros assistentes; avançavam saltando ou recuavam do mesmo modo e pude observar que, de quando em quando, tomavam uma vara de madeira de quatro a cinco pés de comprimento em cuja extremidade ardia um chumaço de *petun* e voltavam-na acesa para todos os lados soprando a fumaça contra os selvagens e dizendo: "Para que vençais os vossos inimigos recebei o espírito da força". E repetiam-na por várias vezes os astuciosos caraíbas.
Essas cerimônias duraram cerca de duas horas e durante esse tempo os quinhentos ou seiscentos selvagens não cessaram de dançar e cantar de um modo tão harmonioso que ninguém diria não conhecerem música. Se, como disse, no início dessa algazarra, me assustei, já agora me mantinha absorto em coro ouvindo os acordes dessa imensa multidão e sobretudo a cadência e o estribilho repetido a cada copla: *He, he ayre, heyrá, heyrayre, heyra, heyre, uêh*. E ainda hoje quando recordo essa cena sinto palpitar o coração e parece-me a estar ouvindo.



Para terminar, bateram com o pé direito no chão com mais força e depois de cuspirem para a frente, unanimemente, pronunciaram duas ou três vezes com voz rouca: *He, hyá, hyá, hyá*.[298]

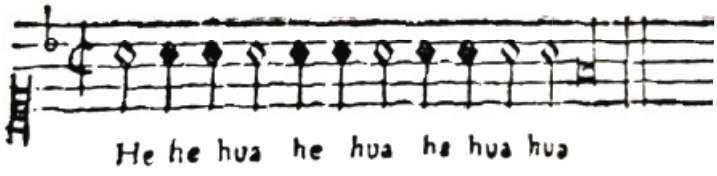
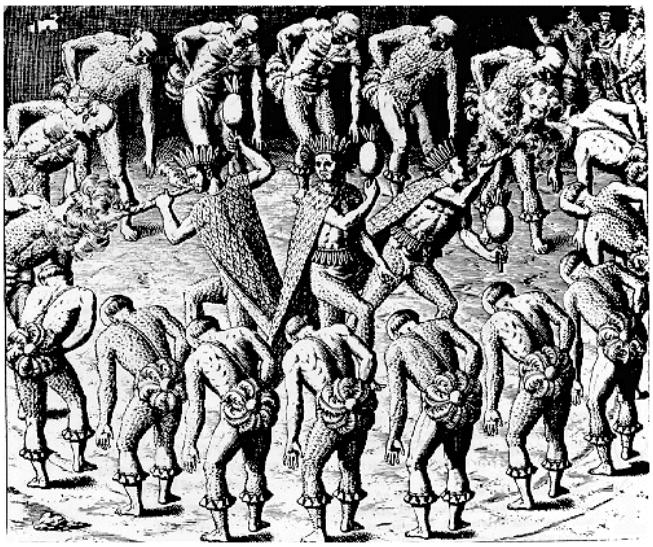


Fig. 20 – Theodor de Bry, *Pajés tupinambá* (1592)



Fonte: Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, p. 213

[298] Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, p. 212-215. *Cauinagens*: festas com consumo de cauim, bebida fermentada geralmente feita de abacaxi, macaxeira, milho ou caju. *Petun*: fumo.

Ao comentar as narrativas de Jean de Léry o historiador Ronaldo Vainfas assinala que tratava-se de "cantos igualmente especiais, entremeados de frases não cantadas (Léry), ocasião de 'dizer as narrativas míticas, a ordem do mundo e a promessa da nova terra'"[299].

Por sua vez, em 1583 Fernão de Cardim registrou que "são muito estimados entre eles os cantores, assim homens como mulheres, em tanto que se tomam um contrário bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos"[300] e em 1587 Gabriel Soares de Sousa assinalou que "entre este gentio são os músicos mui estimados, e por onde quer que vão, são bem agasalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrários, sem lhes fazerem mal"[301].

Já no séc. XIX Francisco Adolfo de Varnhagen sublinhou que "os indígenas tinham um gênero de poesia, que lhes servia para o canto; os seus poetas, prezados até pelos inimigos, eram os mesmos músicos ou cantores, que em geral tinham boas vozes"[302] e no início do séc. XX F. A. Pereira da Costa asseverou:

> Os predicados de poeta e de cantor outorgavam o privilégio de andar sem receio no meio das tribos estranhas e até mesmo inimigas, e se algum *bom cantor e inventor de trovas* era encontrado entre os prisioneiros de guerra – por isso lhes davam a vida e não o comiam, nem aos filhos, quer fossem homens ou mulheres – dispensava-se-lhe ainda toda a sorte de considerações e agrados.
> Naturalmente propensos à música e à poesia, como contam os nossos historiadores, os índios da América tinham os seus poetas, e pelo que nos diz particularmente respeito é sabido que as tribos brasileiras possuíam os seus *Piagas* e *Nhengaçaras*, cujas inspiradas estrofes tanto apraziam a Thevet e a Léry.[303]

Por fim, Joaquim Norberto de Souza assinala que "a estima, de que se tornaram credoras as suas mulheres [dos Tamoio], tidas e havidas como insignes poetisas, e que sabiam tão bem como eles metrificar, mostram a tendência desses povos para a poesia"[304].

---

[299] Ronaldo Vainfas, *A heresia dos índios*, p. 60.
[300] Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 53.
[301] Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil*, p. 316.
[302] F. A. Varnhagen, *Florilégio da poesia brasileira*, p. 41.
[303] F. A. Pereira da Costa, *Folk-lore pernambucano*, p. 237 – grifei.
[304] Joaquim Norberto de Souza, *Tendência dos selvagens brasileiros para a poesia*, p. 174.

2.3.3 O Flautista da Furna do Estrago: símbolo dos poetas-cantores Xukuru

Símbolos do prestígio social que os poetas-cantores possuem entre os indígenas são as práticas funerárias observadas em relação ao cadáver de um indivíduo conhecido como O Flautista, encontrado no cemitério indígena que faz parte do sítio arqueológico Furna do Estrago, localizado no Município de Belo Jardim/PE.

Sem pretender estabelecer qualquer linearidade entre os humanos que viveram nos sertões do Nordeste brasileiro em períodos muito anteriores à colonização e os indígenas atuais, como veremos, possivelmente trata-se de um Pajé Xukuru cuja caracterização demanda a análise de elementos encontrados em um conjunto arqueológico localizado no agreste de Pernambuco e no Kariri Ocidental da Paraíba e composto pelos seguintes sítios arqueológicos – com as coordenadas geográficas informadas pelas arqueólogas Alice Aguiar e Jeannette Lima[305]:

. Sítio arqueológico Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB)
Lat.: 8º 8' 20" / Long.: 36º 43' 43"

. Sítio arqueológico Peri-Peri II (Venturosa/PE)
Lat.: 8º 32' 50" / Long.: 36º 49' 50"

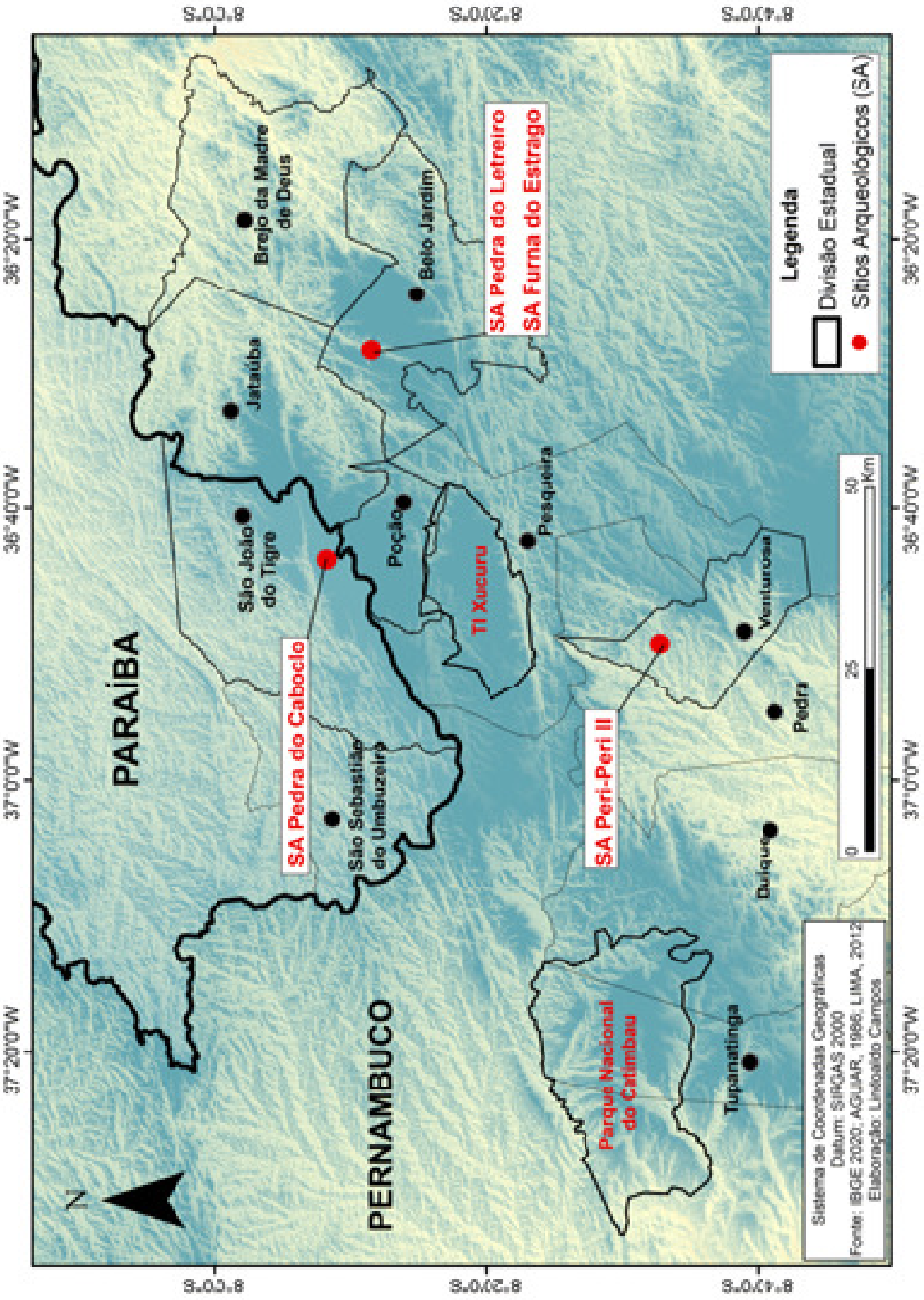
. Sítio arqueológico Pedra do Letreiro (Belo Jardim/PE)
Lat.: 8º 11' 36" / Long.: 36º 28' 14"

. Sítio arqueológico Furna do Estrago (Belo Jardim/PE)
Lat.: 8º 11’ 36” / Long.: 36º 28’ 14”[306]

A partir dessas coordenadas é possível traçar o seguinte mapa:

[305] Alice Aguiar (*A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 21 e 31) e Jeannette Lima (provavelmente *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE*, citada por Alice Aguiar em *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 22) informam as seguintes coordenadas:

[306] De se observar que tratam-se das mesmas coordenadas informadas para o sítio arqueológico Pedra do Letreiro.


Legenda
Divisão Estadual
Sítios Arqueológicos (SA)
SA Pedra do Letreiro
SA Furna do Estrago
SA Pedra do Caboclo
SA Peri-Peri II
TI Xucuru
Parque Nacional do Catimbau
PARAÍBA
PERNAMBUCO
Brejo da Madre de Deus
Belo Jardim
Jataúba
São João do Tigre
São Sebastião do Umbuzeiro
Poção
Pesqueira
Venturosa
Pedra
Duiqueu
Tupanatinga
0
25
50
Km
N
8°0'0"S
8°20'0"S
8°40'0"S
36°20'0"W
36°40'0"W
37°0'0"W
37°20'0"W
Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum: SIRGAS 2000
Fonte: IBGE 2020; AGUIAR, 1986; LIMA, 2012
Elaboração: Lindoaldo Campos

a) Sítio Arqueológico Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB)

O sítio arqueológico Pedra do Caboclo localiza-se em São João do Tigre/PB, mais especificamente na Serra do Açaí (área pertencente à Fazenda Caroá) e seus grafismos foram analisados inicialmente em 1986 pela arqueóloga Alice Aguiar, que identificou a presença de três painéis sobre os quais assinala:

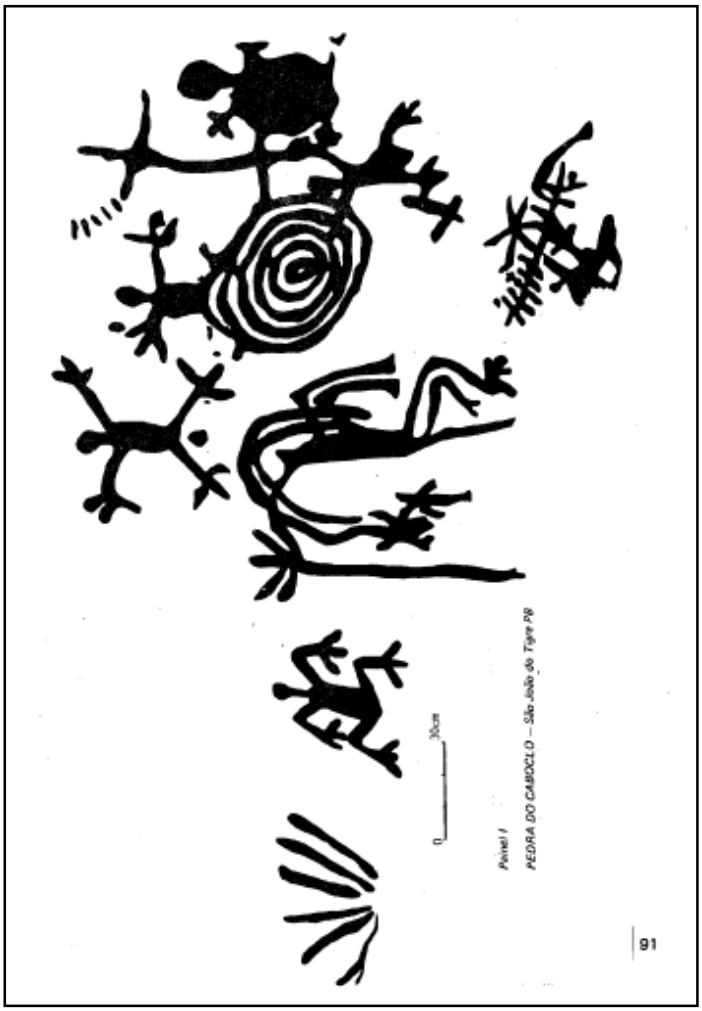
> Junto aos conhecidos antropomorfos estáticos, algumas figuras dançam, dando uma ideia de movimento, tema pouco comum no estilo Cariris Velhos [estilo de grafismos encontrados no Sul da Paraíba e no Nordeste de Pernambuco, em uma área limitada pelos municípios de Campina Grande e Arcoverde].
> A determinação do sexo em um antropomorfo, a ideia de dança em outro junto ao desenho de uma árvore e o fato de o sítio estar situado na encosta da serra e não em lugar de várzea nos fazem pensar na possibilidade de elementos intrusivos ao estilo Cariris Velhos ou de uma "variedade" que ainda não nos atrevemos a determinar. No mesmo caso estaria o painel rupestre da Furna do Estrago (Lima, 1986) no Brejo da Madre de Deus, e o sítio PERI-PERI II, em Venturosa. [307]

Com efeito, em sua análise sobre esses painéis Alice Aguiar assinala a presença da dança:

> Painel nº 1
> Altura 1,82m
> Largura 3,00m
>
> Grafismos puros, grafismo de composição e grafismos de ação. Em seu conjunto, o painel apresenta antropomorfos com mão e pés de três dedos que parecem dançar em torno de fitomorfos. O desenho de uma palmácea está claramente representado, junto a uma figura humana que parece se contorcer na dança. Apesar de vários antropomorfos apresentarem posição estática, quando observados em separado a totalidade do painel produz no espectador a impressão de movimento.[308]

[307] Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 49 – grifei. A informação entre colchetes é de Gabriela Martin, *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 275.
[308] Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 49-50 – grifei.

Fig. 21 – Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB) – Painel nº 1



Fonte: Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 91

Sobre o Painel nº 2 Alice Aguiar acentua que "a tendência estática dos grafismos do estilo Cariris Velhos não está aqui representada e a ideia de movimento é uma constante":

> Painel nº 2
> Altura 2,50m
> Largura 1,25m
>
> Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação. No aspecto geral, é semelhante ao painel anterior. Antropomorfismos em atitude de dança, junto a possível fitomorfo. Vários antropomorfos se superpõem fazendo acrobacias. A figura que dança é semelhante a outra que aparece na PEDRA DO LEITREIRO, no Brejo da Madre de Deus. As figuras acrobáticas repetem-se no sítio PERI-PERI II, em Venturosa.
> A tendência estática dos grafismos do estilo Cariris Velhos não está aqui representada e a ideia de movimento é uma constante.[309]

[309] Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 50 – grifei.

Fig. 22 – Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB) – Painel nº 2



Fonte: Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 92

Por fim registra sobre o Painel nº 3:

> Painel nº 3
> Altura
> Largura
>
> Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação estão representados neste painel, onde as figuras antropomorfas dão ideia de movimento.[310]

[310] Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 50 – grifei.

Fig. 23 – Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB) – Painel nº 3



Fonte: Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 93

Dois estudos arqueológicos tornam possível concluir que esses grafismos foram elaborados por indígenas Xukuru. O primeiro deles foi realizado em 1969 por Armand François Laroche precisamente nesse sítio Pedra do Caboclo, que assim caracteriza:

> As cabeças dos morros são arredondadas e rochosas e nos declives vêem-se, às vezes, volumosos monólitos de formas estranhas. Alguns deles ostentam inscrições rupestres, letreiros reverenciados, ainda hoje, pelos parcos remanescentes indígenas – índios xucuru, antigos donos da terra, da qual foram despojados pelos colonizadores que ali instalaram suas vilas e propriedades rurais.
> Para chegar ao abrigo, tem-se que escalar uma rampa íngreme. Só a meia distância alcança-se a rocha que forma o abrigo, onde se encontra o local da pesquisa. Foi-nos contado, então, que esse paredão, com abundantes pictografias, serviu de moradia, por longo tempo, a um velho xucuru que,

> carregado de anos, faleceu à sombra dessa pedra.[311]

Por oportuno, vale dizer que a presença de indígenas Xukuru no Município de São João do Tigre/PB também é registrada por Elenilda Sinésio quanto à Serra de Moça, onde "cada pessoa [...] possui um pai, mãe, avô, avó, tio, tia, irmão ou ele próprio é um índio Xukuru", circunstância que denota "a relação existente entre essa localidade e os índios Xukuru de Pesqueira em Pernambuco"[312].

O segundo estudo por meio do qual é possível concluir que os grafismos encontrados na Pedra do Caboclo da Serra do Açaí foram compostos por indígenas Xukuru consiste na pesquisa realizada pela arqueóloga Jeannette Maria Dias de Lima no sítio Furna do Estrago. O fio condutor para essa hipótese consiste na indicação de Alice Aguiar (citando, aliás, esse estudo de Jeannette Lima) no sentido de que "no mesmo caso [dos grafismos da Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB)] estaria o painel rupestre da Furna do Estrago (Lima, 1986) no Brejo da Madre de Deus [sic: Belo Jardim/PE], e o sítio PERI-PERI II, em Venturosa"[313].

Todavia, antes de analisar o estudo de Jeannette Lima sobre a Furna do Estrago, por oportuno convém apresentar a descrição de Alice Aguiar sobre outro sítio a que alude no texto acima: o sítio Peri-Peri II, localizado no Município de Venturosa/PE.

b) Sítio Arqueológico Peri-Peri II (Venturosa/PE)

À semelhança do que observa em relação ao sítio Pedra do Caboclo da Serra do Açaí, Alice Aguiar considera que os grafismos do sítio Peri-Peri II apresentam características que destoam do estilo Cariris Velhos, o que a faz pensar em uma variedade também presente nos sítios Pedra do Caboclo, Pedra do Letreiro e Furna do Estrago:

> Nome do Sítio: PERI-PERI II
> Sigla: PE-V-5
> Município: Venturosa
> Localidade (U.R.): Fazenda Oliveira
> Estado: PE
> [...]
> Tradição: AGRESTE

---

311 Armand Laroche, *Nota prévia sobre um abrigo funerário do Nordeste brasileiro*, p. 73 e 74 – grifei.

312 Elenilda Sinésio*, Subindo a Serra de Moça e encontrando os caboclos: os desafios para a constituição e manutenção de uma unidade social baseada no parentesco e na territorialidade (São João do Tigre – PB)*, p. 56 e 29.

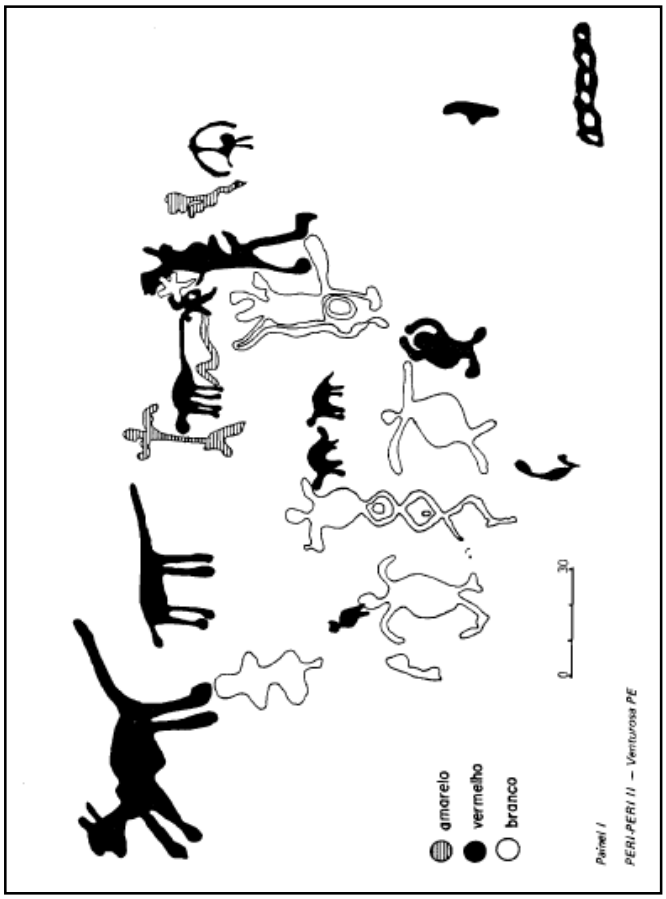
313 Cfr. Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 49. Embora Alice Aguiar e Jeannette Lima considerem que a Furna do Estrago localiza-se no Município de Brejo da Madre de Deus/PE, as coordenadas que estas pesquisadoras informam (Lat.: 8º 11' 36" / Long.: 36º 28' 14") referem-se a um lugar que em termos atuais pertence ao Município de Belo Jardim/PE (desmembrado daquele em 1928).

Estilo: Cariris Velhos

Temos, neste painel, elementos singulares dentro das características que assinalamos para o estilo Cariris Velhos: em primeiro lugar, a policromia, com a utilização de três cores na composição, o que é pouco comum; a equivalência no número de antropomorfos e zoomorfos, quando na maioria dos sítios acontece predominância dos segundos e, sobretudo, a impressão dinâmica que sugere o painel aos olhos do observador, contrariante à tendência do estilo, que é estática.

Esses elementos nos fazem pensar numa variedade dentro do próprio estilo Cariris Velhos, a que pertenceria também a PEDRA DO LETREIRO, junto ao sítio Furna do Estrago, no Brejo da Madre de Deus, e a PEDRA DO CABOCLO, em São João do Tigre, na Paraíba. As características morfológicas dos sítios são as mesmas que nos restantes, assim como a técnica de elaboração e a temática, porém a tendência ao movimento e a representação do sexo em alguns casos (no Brejo da Madre de Deus e em São João do Tigre o sexo está determinado) deixa em suspenso a possibilidade de identificação de uma variedade ou novo estilo, que ainda não nos atrevemos a assinalar.[314]

Fig. 24 – Peri-Peri II (Venturosa/PE)



Fonte: Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 72

[314] Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 30-31. Como assinalei, nesse ponto Alice Aguiar repete os termos que usa para referir-se, de modo geral, à Pedra do Caboclo da Serra do Açaí, no sentido de que "deixa em suspenso a possibilidade de identificação de uma variedade ou novo estilo, que ainda não nos atrevemos a assinalar" (p. 49).

Como consta da descrição de Alice Aguiar sobre esses grafismos, outros sítios em que também identifica a característica de movimento são a Pedra do Caboclo, já analisada, a Pedra do Letreiro e a Furna do Estrago.

Dessa forma, antes de dissertar sobre a Furna do Estrago a partir do estudo realizado pela arqueóloga Jeannette Lima, é necessário analisar a análise de Alice Aguiar sobre a Pedra do Letreiro.

c) Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro (Belo Jardim/PE)

À semelhança do que se verifica nos sítios Pedra do Caboclo e Peri-Peri II, a dança é o elemento que Alice Aguiar destaca nos grafismos da Pedra do Letreiro (Belo Jardim/PE):

> Nome do Sítio: PEDRA DO LETREIRO
> [...]
> Tradição: AGRESTE
> Estilo: Cariris Velhos, com elementos intrusivos de outro estilo ou variedade ainda por determinar
>
> No painel há grafismos de ação com antropomorfos esboçando passos de dança; pequenos antropomorfos de mãos dadas com tendência ao esquemático, que também aparecem em outros sítios do estilo Cariris Velhos (G. Martin, 1981), mas que neste caso parecem dançar em torno de uma árvore, tema muito repetido na Tradição Nordeste, no Piauí e no Rio Grande do Norte. Esses detalhes nos fazem pensar numa variedade do estilo Cariris Velhos, ou num novo estilo da Tradição Agreste ainda sem determinar, que assinalamos também em São João do Tigre – na Paraíba –, precisamente num sítio situado na encosta da serra dos Cariris Velhos, isto é, com a mesma morfologia deste sítio da Pedra do Letreiro.[315]

[315] Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 21-22 – grifei.

Fig. 25 – Pedra do Letreiro (Brejo da Madre de Deus/PE)



Fonte: Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 66

Em seguida, em amparo à sua perspectiva de "pensar numa variedade do estilo Cariris Velhos, ou num novo estilo da Tradição Agreste ainda sem determinar", Alice Aguiar transcreve a análise de Jeannette Lima no sentido de que a arte rupestre dos grafismos da Pedra do Letreiro "foge, em alguns aspectos, ao que está colocado como características do estilo Cariris Velhos" e refere-se expressamente à Furna do Estrago como componente de um "conjunto arqueológico":

> Pedra do Letreiro e Furna do Estrago formam um conjunto arqueológico cuja área foi delimitada, tombada e se encontra em processo de desapropriação para futura utilização turístico-cultural.
> A Pedra do Letreiro, apesar de estar em área integrante do Maciço da

> Borborema, onde foi observado que predominam os sítios de arte rupestre enquadrados no estilo Cariris Velhos, dentro da Tradição Agreste (Aguiar, 1981, 1982), foge, em alguns aspectos, ao que está colocado como características do estilo Cariris Velhos por Martin e *et al* (1984).[316]

Esse é o ponto inicial das considerações de Jeannette Lima sobre o sítio arqueológico Furna do Estrago, cujas primeiras escavações essa arqueóloga coordenou no período de 1982 a 1987 e cujas análises foram publicadas em artigos, na dissertação que defendeu perante a Universidade Federal de Pernambuco (1985) e no escrito *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE* (2012).

Esses e outros textos comporiam sua tese *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE*, que Jeannette Lima defenderia perante a Universidade Autônoma do México mas infelizmente faleceu pouco antes e por essa razão a equipe formada pelos arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz e Marcus Vinícius Beber e pela antropóloga Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza organizou e revisou os textos, apôs introdução, notas, apêndice, fotos e mapas, atualizou a bibliografia[317].

d) Sítio Arqueológico Furna do Estrago (Belo Jardim/PE)

Jeannette Lima assim caracteriza o sítio arqueológico Furna do Estrago (Belo Jardim/PE):

> O sítio Furna do Estrago é um pequeno abrigo rochoso, localizado na proximidade da cidade de Brejo da Madre de Deus, no sertão pernambucano, a 194 km de Recife. Ele está na encosta setentrional da Serra da Boa Vista [pertencente ao Planalto da Borborema e onde localiza-se o Pico da Boa Vista, ponto culminante do Estado de Pernambuco com 1195m de altitude], a 650m de altitude, na borda da caatinga e próximo a um brejo de altitude. Ele teve sucessivas ocupações indígenas desde 11.000 anos até um período recente. O material encontra-se muito bem preservado, oferecendo excelente amostra para o estudo do homem e da cultura indígena do sertão nordestino.[318]

---

[316] Jeannette Lima (provavelmente *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE*, citada por Alice Aguiar em *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 22-23 – grifei.

[317] Essas informações constam da capa do escrito de Jeannette Lima *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE*. Por oportuno, registre-se que em artigo publicado em 2018 Sheila Mendonça de Souza identificou 14 dissertações, 5 teses, 30 artigos, 23 resumos e algumas monografias escritos em cerca de 35 anos desde que o sítio arqueológico Furna do Estrago foi descoberto por Jeannette Lima (*Arqueologia funerária e a Furna do Estrago*, p. 56).

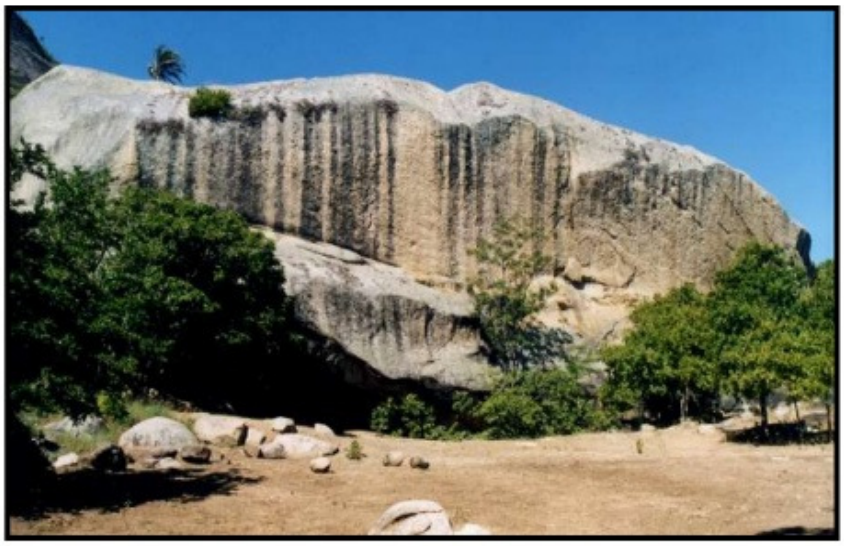
[318] Jeannette Lima, *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE*., p. 7 – grifei.

Fig. 26 – Paredão da Serra da Boa Vista que abriga o Sítio Furna do Estrago (indicado pela seta) (Belo Jardim/PE)



Fonte: Marinete Neves Leite, Viviane Cavalcanti de Castro e Daniela Cisneiros, *Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE: reflexões sobre o lugar dos mortos na paisagem*, p. 30

Fig. 27 – Sítio arqueológico Furna do Estrago (Belo Jardim/PE)



Fonte: Viviane Maria Cavalcanti de Casto, *Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil*, p. 104 (Foto: Claristella Santos)

Ainda segundo Jeannette Lima, a Furna do Estrago foi usada como cemitério indígena "por um grupo que pode ter habitado numa aldeia, nas proximidades da Furna, talvez onde hoje se localiza a cidade do Brejo da Madre de Deus", sendo possível que trate-se de "uma ocupação recente, que poderia chegar até à conquista do local, há uns 300 anos atrás, pela população branca"[319].

Tendo em vista tais informações e o fato de que o ano de 1752 marcou "o início do povoamento do Brejo da Madre de Deus, em Ararobá, pelos frades da Congregação de São

[319] Jeannette Lima, *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE*, p. 84 e 122.

[Felipe] Néri"[320], é possível concluir que o referido grupo consistiu em indígenas Xukuru.

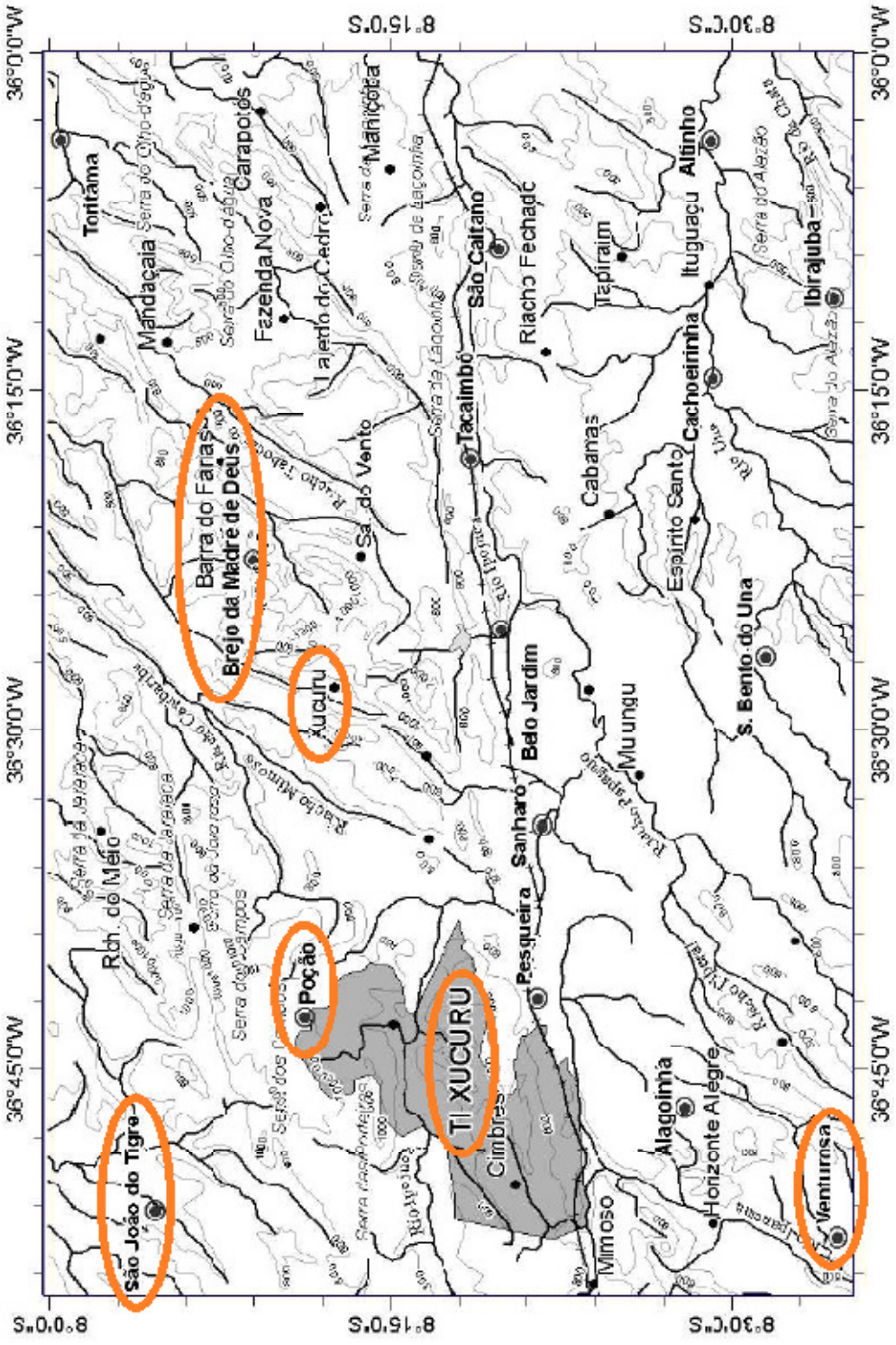
Outros indícios nesse sentido é que, segundo Jeannette Lima, "o tipo físico [dos indígenas cujos esqueletos foram encontrados na Furna do Estrago] parece estar também representado em outros sítios do Nordeste como [...] o Abrigo do Açaí, no município de Poção, Pernambuco (Laroche, 1966)"[321], sendo que, como se viu, Armand Laroche identificou os Xukuru como ocupantes da Pedra do Caboclo da Serra do Açaí.

Também vale assinalar que em seus escritos Jeannette Lima fez constar o seguinte mapa:

[320] Luís Wilson, *Ararobá, lendária e eterna*, p. 31. Jeannette Lima informa que, em relatório de 10 de fevereiro de 1855, Velloso da Silveira, Diretor Geral dos Índios da Província de Pernambuco, refere-se à aldeia de Cimbres como pertencente à comarca do Brejo da Madre de Deus (*Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE*, p. 103). Por fim a este respeito, consta na *Enciclopédia dos municípios brasileiros* organizada pelo IBGE (vol. XVIII): "A então cidade do Brejo da Madre de Deus começou a povoar-se em 1752, quando foi ali erguida, pelos frades da congregação de São Felipe Nery, uma capela dedicada a São José do Bom Conselho" (p. 70).

[321] Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 17 e 67.

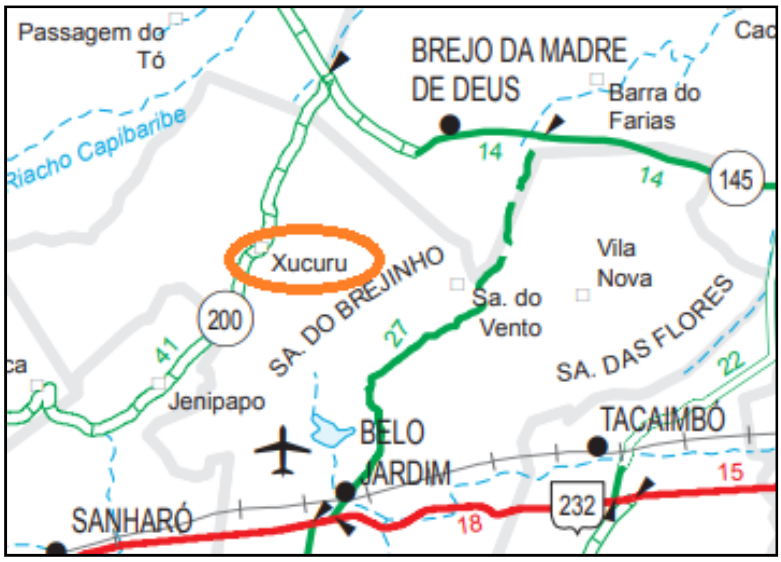
Mapa 14 – Jeannette Lima, *Mapa da região citada no texto* (destaquei)



Fonte: Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 102 (extraído de sua Dissertação, 1986, p. 16-24)

Outro elemento que fortalece a hipótese de que esses sítios arqueológicos eram habitados por indígenas Xukuru é o fato de que o lugar Xucuru que consta desse mapa a Leste de Poção e a Sudoeste da cidade de Brejo da Madre de Deus/PE localiza-se no entorno dos sítios arqueológicos Pedra do Letreiro e Furna do Estrago (para os quais, como se disse, Alice Aguiar e Jeannette Lima apresentam as mesmas coordenadas geográficas), como o atesta o seguinte mapa elaborado pelo DNIT:

Mapa 15 – DNIT – *Mapa rodoviário do Estado de Pernambuco* – Belo Jardim/PE



Fonte: DNIT
Disponível em http://www2.transportes.gov.br/bit/01-inicial/01-estadual/estados/port/pe.pdf

Tendo em vista a reiterada afirmação de Alice Aguiar de que os grafismos dos sítios Pedra do Caboclo, Peri-Peri II e Pedra do Letreiro possivelmente são um novo estilo da Tradição Agreste[322], as assertivas de Jeannette Lima de que a arte rupestre da Pedra do Letreiro "foge, em alguns aspectos, ao que está colocado como características do estilo Cariris Velhos"[323] e de que a Furna do Estrago foi ocupada por indígenas Xukuru por indígenas Xukuru e, por fim, na indicação de Armand Laroche de que a Pedra do Caboclo também foi ocupada por esse povo indígena, é possível conceber que os grafismos observados nesse conjunto arqueológico correspondem a um estilo que pode ser denominado "estilo Xukuru".

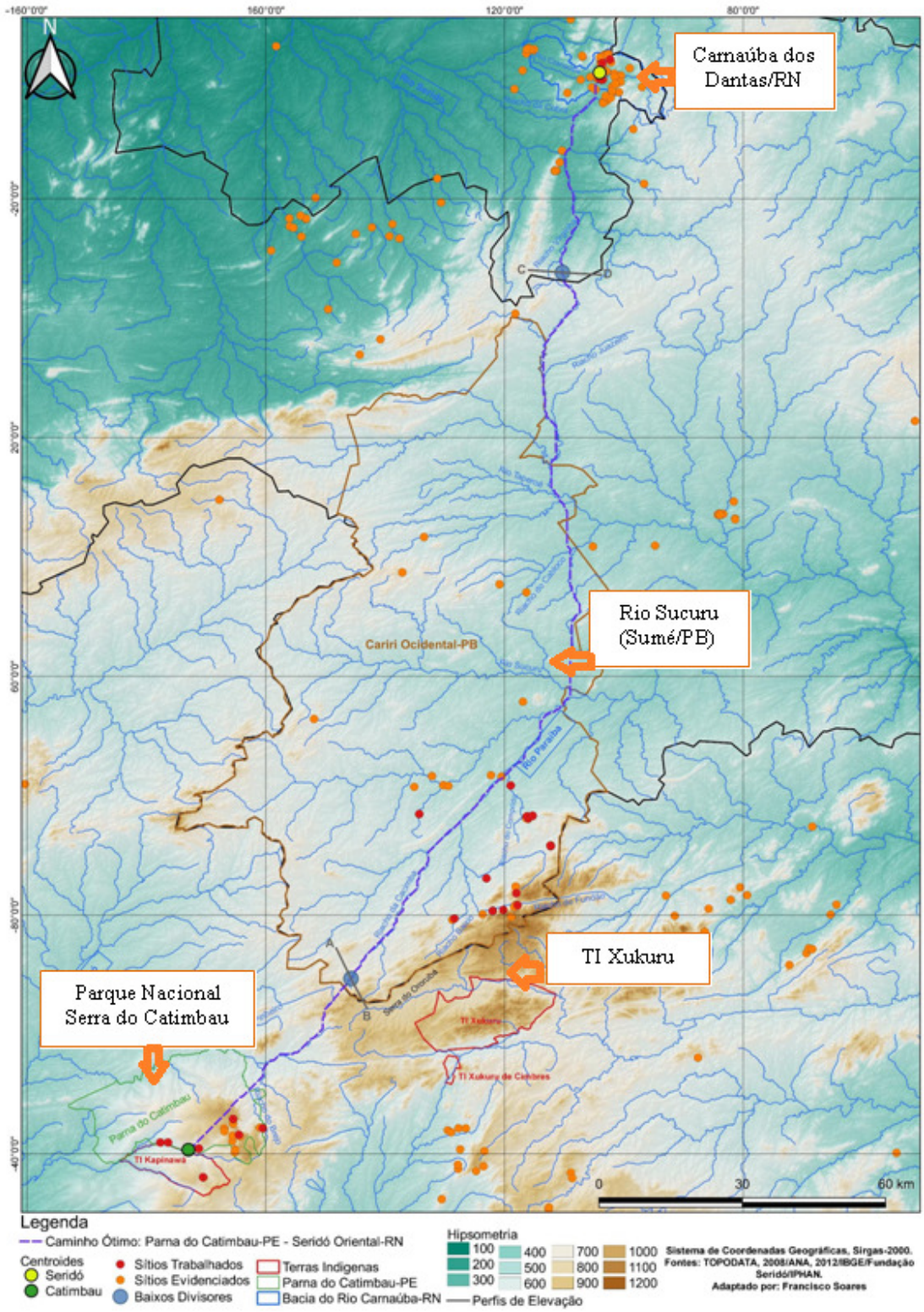
Ainda quanto a essa temática dois outros pontos merecem ser analisados, ambos relativos à filiação do povo Xukuru à etnia Otshucayana. O primeiro deles consiste em que,

[322] Alice Aguiar, *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 22.
[323] Jeannette Lima, provavelmente *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE* – Dissertação apresentada no Mestrado de Antropologia da UFPE. Recife, 1985 e citada por Alice Aguiar em *A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco*, p. 23.

em tese defendida em 2019 perante a Universidade Federal de Pernambuco, o arqueólogo Francisco de Assis Soares de Matos concluiu que há uma relação entre os padrões gráficos observados em sítios arqueológicos localizados no Parque Nacional do Catimbau (Pernambuco), no Kariri Ocidental (Paraíba) e no Seridó Oriental (Rio Grande do Norte)[324] e no mapa que a seguir reproduzo traçou um "caminho ótimo" entre essas áreas (ou seja, um roteiro de menor distância e / ou melhor percurso utilizados por grupos humanos, que permitem analisar aspectos como a dispersões de características culturais).

[324] Cfr. Francisco de Assis Soares de Matos, *Entre semelhanças gráficas e ambientais: as recorrências das representações antropomórficas pintadas pré-históricas entre as regiões do Cariri Ocidental-PB, Parque Nacional do Catimbau-PE e Seridó Oriental-RN*, p. 188.

Mapa 16 – Francisco de Assis Soares de Matos, *Mapa de caminhos ótimos entre as três áreas de pesquisa, Cariri Ocidental-PB, Parque Nacional do Catimbau/TI Kapinawá-PE e Seridó Oriental-RN*



Fonte: Francisco de Assis Soares de Matos, *Entre semelhanças gráficas e ambientais: as recorrências das representações antropomórficas pintadas pré-históricas entre as regiões do Cariri Ocidental-PB, Parque Nacional do Catimbau-PE e Seridó Oriental-RN*, p. 207

Francisco de Assis Soares de Matos assim disserta sobre esse mapa– com referência, aliás, à Serra de Ororubá e ao Rio Sucuru:

> Segundo observado no mapa [...], a interligação do Parque Nacional do Catimbau/TI Kapinawá-PE com o Seridó Oriental-RN (Bacia do Rio Carnaúba), passa, necessariamente, pelo Cariri Ocidental paraibano e próximo de sítios trabalhados que apresentam representações antropomórficas recorrentes entre os três espaços [...]
> O caminho ótimo obtido encontra-se atrelado [a]os canais de drenagens do alto curso da Bacia do Rio Moxotó-PE (Riachos do Brejo e do Pinheiro), que se interligam aos canais do alto curso da Bacia do Rio Paraíba (Riachos da Cacimba e do Baixio) através do baixo divisor geomorfológico observado nos limites da Serra do Ororubá. Por sua vez o caminho segue atrelado aos canais de drenagem do alto curso da Bacia do Rio Paraíba (Rio Paraíba, Rio Sucuru, Riacho do Caboclo, Rio Taperoá e Riacho Juazeiro) se interligando, através de um baixo divisor geomorfológico aos canais do alto curso da Bacia do Rio Seridó-RN (Riacho da Varginha, Riacho da Cobra e Rio Carnaúba), afluentes da Bacia do Piranhas-Açu.[325]

Adiante disserta, com referência à Serra de Ororubá e ao povo indígena Xukuru:

> A TI Kapinawá tem ligação com o aldeamento do Macaco, que se localizou, em meados do século XVII, nas imediações do Rio Ipanema, fazendo parte da Missão do Ararobá entre os índios Paratió e Xukurú, com os primeiros pertencentes ao aldeamento (ANDRADE, 2014). Segundo Palitot e Albuquerque (2002) os Kapinawá se reconhecem como descendentes diretos dos Paratió, ou seja, como rama nova desse grupo, segundo discussões de Oliveira (1999). Outras informações, obtidas em documentos coloniais, dão conta da presença dos grupos Xukurú entre as nascentes do Rios Moxotó, Pajeú, Parnaíba, Capibaribe e Ipanema, indicando que as áreas do atual Parque Nacional do Catimbau encontravam-se ocupadas no momento da invasão europeia.[326]

Daí porque é possível concluir que, além dos assinalados elementos documentais e linguísticos, a "poesia rupestre" também reforça a hipótese de que os Xukuru pertencem a essa etnia, considerando que Armand Laroche assinala que o sítio arqueológico Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB, Kariri Ocidental) foi ocupado por indígenas Xukuru, que Francisco de Assis Soares de Matos assevera que "o Cariri Ocidental paraibano vem se apresentando como via de dispersão de padrões gráficos antropomórficos semelhantes entre o Parque Nacional do Catimbau / TI Kapinawá-PE e entre o Seridó Oriental potiguar na pré-

[325] Francisco de Assis Soares de Matos, *Entre semelhanças gráficas e ambientais,* p. 206 – grifei.
[326] Francisco de Assis Soares de Matos, *Entre semelhanças gráficas e ambientais,* p. 45 – grifei.

história"[327] e que o Seridó Oriental (Rio Grande do Norte) foi ocupado por povos da etnia Otshucayana.

O segundo ponto sobre os referidos abrigos funerários e relativo à filiação do povo Xukuru à etnia Otshucayana consiste em que esses indígenas praticavam o endocanibalismo, ou seja, a prática ritualística de comer os cadáveres de seus parentes[328] e que, em um texto de 1702, o Frei Bernardo de Nantes refere-se aos Xukuru como adeptos desta prática[329], o que a princípio não se coaduna com a prática de enterro dos mortos observada no abrigo funerário do sítio arqueológico Pedra do Caboclo (São João do Tigre/PB).

Todavia, é possível conceber que o enterro dos mortos em urnas funerárias (igaçabas de palha ou potes de cerâmica) consiste em indício de modificações nos costumes dos Xukuru, pois, como o antropólogo William Hohenthal assinala, entre esse povo indígena "a antropofagia, seja cerimonial ou gustativa, não era praticada, nem o endocanibalismo"[330].

Nesse contexto, vale reproduzir a seguinte narrativa dos arqueólogos Thomas Bruno Oliveira e Juvandi de Souza Santos:

> O endocanibalismo consiste em comer de forma ritualística seus próprios parentes. Em síntese, o parente morto deveria ser comido por aqueles mais próximos, pois acreditava-se que o melhor lugar para guardar o morto era onde ele foi gerado e no seio dos seus. Assim, dos Tapuia dos Sertões da Paraíba da época do contato apenas os Tarairiú praticavam tal atividade, servindo-nos de marco importantíssimo para traçar seu perfil cultural. José Elias Borges (1993) afirma que ainda existem remanescentes Tarairiú no Nordeste e estes seriam os Sucurús, que vivem em Pernambuco. Entretanto, com grandes modificações em suas atividades cotidianas e não mais a prática endocanibalista.[331]

Após essas considerações, concluindo esse tópico cumpre dissertar sobre o mais famoso indivíduo encontrado na Furna do Estrago: O Flautista, possivelmente Pajé Xukuru.

---

[327] Francisco de Assis Soares de Matos, *Entre semelhanças gráficas e ambientais,* p. 187-188. "CATIMBÁO corr. **caá-tymbá**, o pau muito alvo. Pernambuco" (Teodoro Sampaio, *O Tupi na geografia nacional*, p. 220).

[328] Cfr. Elias Herckman, *Descrição geral da Capitania da Paraíba*, p. 285, Gaspar Barléu, *O Brasil holandês sob Maurício de Nassau*, p. 290 e 292, e Pierre Moreau e Roulox Baro, *Relação da viagem de Roulox Baro*, p. 104.

[329] Cfr. Cristina Pompa, *Religião como tradução*, p. 260, que transcreve excerto da *Relação da Missão dos índios Kariris do Brasil* (1702), de Bernardo de Nantes, texto ainda inédito em Português disponível na Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin da USP e que foi-me gentilmente cedido por Jose Luís de Rosalmeida.

[330] William Hohenthal, *Notes on the Shucuru'...*, p. 122.

[331] Thomas Bruno Oliveira e Juvandi de Souza Santos, *Os tapuias e o endocanibalismo no Seridó paraibano*, p. 148. Cfr. tb. William Hohenthal em *Notes on the Shucuru' indians of serra de Araroba', Pernambuco, Brazil*, p. 122, e Thomas Bruno Oliveira e Juvandi de Souza Santos em *Os tapuias e o endocanibalismo no Seridó paraibano*, p. 148.

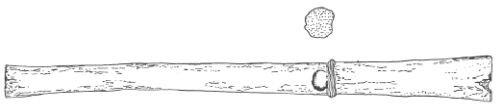
d.1) O Flautista da Furna do Estrago: Pajé Xukuru?

Um dos destaques das pesquisas que Jeannette Lima realizou na Furna do Estrago é O Flautista, indivíduo masculino de 45 anos de idade que, dentre os 80 sepultamentos escavados nesse abrigo funerário, destacou-se por ter sido enterrado com uma flauta de osso longo de espécie não definida, completamente preservada e que "ainda hoje [o texto é de 2018] é achado único no Brasil"[332].

Jeannette Lima assim disserta sobre esse artefato:

> A flauta preservada foi elaborada sobre osso longo de espécie não definida, que teve a crista retirada, bem como todas as arestas. As epífises foram alteradas à altura da metáfise, tanto na extremidade proximal como na distal. Os bordos das extremidades seccionadas apresentam, em alguns segmentos, contorno irregular, onde se percebem pequenas concavidades sucessivas correspondentes aos cortes produzidos para seccionamento do osso. Na periferia da extremidade proximal, as superfícies estão profundamente marcadas por estrias transversais, decorrentes do alisamento, a que o osso foi submetido. O canal medular foi alargado em toda a sua extensão. A uma distância de 112 mm da extremidade proximal, a diáfise foi perfurada numa forma retangular e um adorno de fibras vegetais foi colocado em volta do osso, passando sobre um dos lados da perfuração. Toda a superfície do osso recebeu um tratamento esmerado de rebaixamento das saliências, de modo que o osso perdeu o seu aspecto prismático, tornando-se roliço, o que dificultou bastante a sua identificação por especialistas em anatomia.
> Durante a limpeza do canal medular, desprendeu-se do seu interior um fragmento ósseo com uma superfície plana e outra convexa, assemelhando-se a uma pequena rótula, de contorno elíptico, com superfícies enrugadas. Esse elemento parece corresponder a uma palheta cuja vibração produziria o som neste instrumento de sopro. A possível palheta tem diâmetro de 24 x 18 mm e espessura variando de 9 a 3 mm.
> Dimensões da flauta: comprimento, 327 mm, diâmetros das extremidades, 39 x 27 mm e 26 x 18 mm; perfuração, 15 x 11 mm; largura do cinto de fibras vegetais, 10 mm.[333]

Fig. 28 – Desenho da flauta encontrada com O Flautista na Furna do Estrago (Belo Jardim/PE)



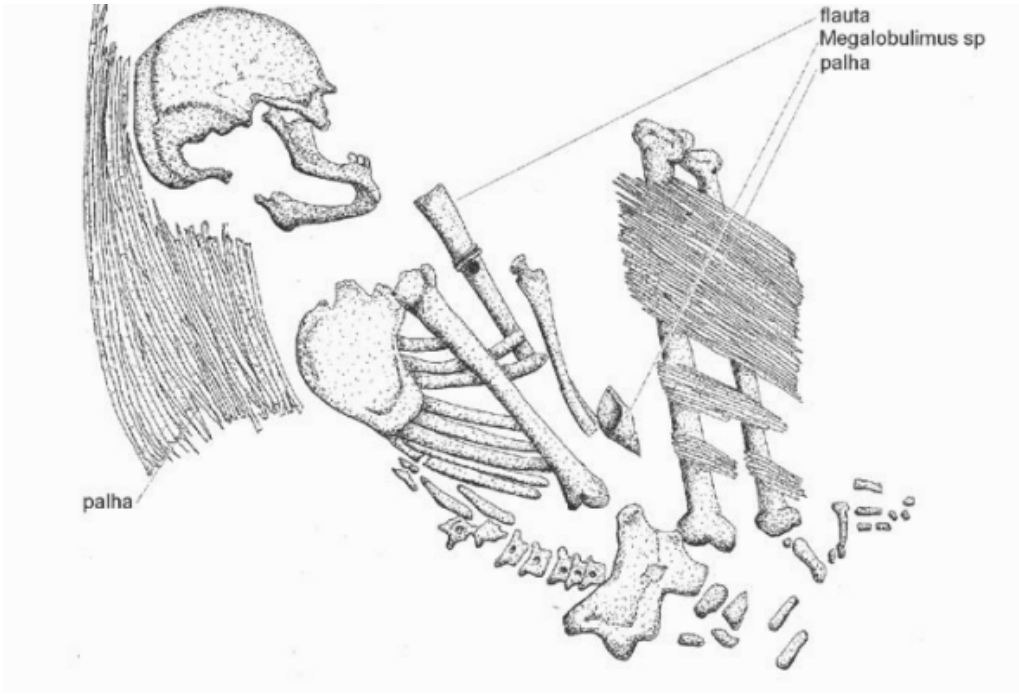
Fonte: Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 50

[332] Sheila Mendonça de Souza, *Arqueologia funerária e a Furna do Estrago*, p. 56. No livro *Pré-história do Nordeste do Brasil* Gabriela Martin também atesta a importância do "Flautista" da Furna do Estrago (p. 311). Atualmente, o esqueleto e a flauta do Flautista encontram-se no Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

[333] Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 48. Noutro trecho esta pesquisadora assinala que "um cinto delicado de fibras vegetais adorna o local da perfuração" (p. 50, nota à Fig. 11). Além da flauta, com "O Flautista" também foi encontrado um colar de 22 contas de sementes. Outros instrumentos musicais encontrados na escavação deste sítio foram um provável apito e duas flautas ósseas fragmentadas e reutilizadas pela posterior ocupação da Furna (Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 48).

Eis o desenho de O Flautista como encontrado no referido abrigo funerário:

Fig. 29 – Desenho representando o sepultamento FE 11, denominado de "o flautista". Linha indicando a localização da flauta óssea no sepultamento



Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco, reproduzido por Rayanne Aguiar Pimentel e Silva, Viviane Cavalcanti de Castro e Daniela Cisneiros em *Acompanhamentos funerários como marcadores culturais do sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – PE*, p. 76

Fig. 30 – Reconstituição do rosto do "Flautista" da Furna do Estrago (Belo Jardim/PE) (2018)



Fonte: Jornal do Commercio (Recife), de 27/04/2018
Disponível em: https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2018/04/27/rosto-de-homem-de-2-mil-anos-sera-exibido-em-museu-da-unicap-337092.php

Nos parágrafos que antecedem o último capítulo de sua tese, Jeannette Lima destaca que diversos aspectos e elementos encontrados na Furna do Estrago "apontam para uma cultura bastante elaborada e que dedicava muito de seu tempo a atividades não relacionadas com a subsistência", notadamente a atividades poético-musicais:

> Em Furna do Estrago, o rico acompanhamento funerário com variado trançado de palha, adornos, flautas e matéria corante; o cuidado com o revestimento das tumbas funerárias, a posição fletida dos esqueletos, apontam para uma cultura bastante elaborada e que dedicava muito de seu tempo a atividades não relacionadas com a subsistência, tal como ocorre com outros grupos caçadores coletores estudados por diversos autores.
> [...]
> O grupo de Furna produziu um elaborado artesanato em palha e suas flautas são testemunhos da atividade musical, sem que sua boa nutrição fosse prejudicada. Com o que se infere que as necessidades seriam controladas e a energia individual compartilhada com outras atividades integrantes do âmbito da cultura.[334]

O quinto e último capítulo é intitulado *A ocupação colonial e os índios*[335] e possui os seguintes tópicos:

> 5 A OCUPAÇÃO COLONIAL E OS ÍNDIOS
> 5.1 A colonização e os índios
> 5.2 A distribuição territorial do Xukuru
> 5.3 A ocupação colonial nas proximidades do sítio Furna do Estrago[336]

Antes de dissertar sobre esses tópicos, à p. 102 Jeannette Lima faz constar o referido *Mapa da região citada no texto* (que reproduzo como Mapa 14). A seguir disserta sobre o primeiro tópico aludindo aos Xukuru:

> **5.1 A colonização e os índios**
> [...]
> Ainda no século XVII [João Fernandes Vieira, que recebeu diversas sesmarias por ter se destacado nas lutas de retirada dos holandeses de Pernambuco] doou terras aos padres do Oratório de São Felipe Néri, que por sua vez ampliaram o patrimônio da congregação adquirindo mais terras na região do alto Capibaribe onde fundaram, em 1669, a Aldeia do Ararobá que também ficou conhecida por Nossa Senhora das Montanhas (Barbalho, 1977: 41; 1982: 123, 124; Medeiros, 1981: 69, 72).
> A Aldeia de Ararobá manteve o nome dos primitivos habitantes da região – os Ararobás – e *serviu para reunir os índios Sucurus e Paratiós que nessa*

[334] Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 101 – grifei.
[335] Correspondente às p. 16-24 de sua dissertação.
[336] Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 6.

> *época eram os senhores dos sertões do Ararobá* (Hoornaert, 1983: 69).[337]

Em nota a esse tópico, embora assinale que o povo Xukuru pertence à etnia Kariri, o arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz assevera:

> Ao tempo da colonização portuguesa, as serras em que se encontra a Furna do Estrago eram ocupadas por populações Kariri, um de cujos grupos é denominado Xucuru. A grafia do nome varia conforme os registros feitos pelos diversos autores, mas se refere ao mesmo grupo. Não possuímos dados certos para atribuir o cemitério da Furna aos ancestrais dos Xucuru, ou dos Kariri, mas Jeannette M. D. de Lima usa regularmente seu modo de vida para mostrar como poderiam ter vivido as antigas populações do semiárido local. A história dos Xucuru ilustra bem a trajetória recente das populações Kariri do interior do Nordeste.[338]

Em texto posterior esse pesquisador reproduz o aludido *Mapa da região citada no texto* que Jeannette Lima faz constar à p. 102 de seu escrito (e que, reitere-se, reproduzo como Mapa 14) e assevera:

> A população que depositava seus mortos no abrigo não morava nele, mas na proximidade, provavelmente em aldeia duradoura, e se distinguia etnicamente da anterior [...] São os antecessores, possivelmente os antepassados, dos grupos Kariri, agricultores, que, no período colonial, ocupavam a região; desses grupos, existe na região a Terra Indígena Xucuru (LIMA et al., 2012:102–107). A ligação com os aldeões que enterravam seus mortos nos abrigos não é evidente, mas sugerida, e abre novas perspectivas para sua compreensão.[339]

Voltando ao escrito de Jeannette Lima, essa pesquisadora também refere-se aos Xukuru no segundo tópico do quinto e último capítulo:

> **5.2 A distribuição territorial do Xukuru**
> Garcia (1922) considera os Sucurus a principal tribo dos Cariris Velhos do Planalto da Borborema e coloca os seus domínios nos territórios dos atuais municípios paraibanos de Alagoa do Monteiro, parte de São João do Cariri e Teixeira e, parte do sertão de Pernambuco: Serra do Orobá e município de Cimbres. O centro dos seus domínios era a ribeira do Cariri.
> Estevão Pinto (1935) localiza os Sucurus nos rios do Meio, da Serra Branca, de São José e de Taperoá, afluentes do Paraíba, assim como nos afluentes do alto Piranhas, na Serra do Urubá e em Cimbres, PE.
> Em 1965 uma população de 305 indivíduos mestiços remanescentes dos

[337] Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 103 – grifei.
[338] Pedro Ignácio Schmitz, *Nota*, em Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 102, nr 14 – grifei.
[339] Pedro Ignácio Schmitz, *Um grande sítio do agreste pernambucano: de volta à Furna do Estrago*, p. 53 e 56.

> Xucuru encontrava-se aldeada no Posto Indígena Irineu dos Santos, em Alagoas, conforme Relatório de Land ao SPI. O Posto, fundado em 1954, na Fazenda Canto, estava a 6 km da cidade de Palmeira dos Índios, pela estrada do Xucuru.
> Remanescentes Xukuru-Kariri também foram aldeados em Porto Real do Colégio, Alagoas (Melatti, 1970).[340]

Por fim, no último tópico de seu escrito Jeannette Lima discorre sobre os Xukuru de Ororubá e a ocupação da região onde se localiza a Furna do Estrago:

> **5.3 A ocupação colonial nas proximidades do sítio Furna do Estrago**
> Notícias históricas sobre as origens da cidade do Brejo, sede do Município do Brejo da Madre de Deus, foram aqui reunidas porque esta cidade é o mais antigo núcleo urbano do município e fica a apenas 1 km do sítio arqueológico cujo estudo é objeto desta Dissertação.
> No início da colonização o caminho de penetração no Agreste Pernambucano seguia o vale do rio Capibaribe e era chamado o caminho das boiadas. O povoamento dessa região está estreitamente relacionado com o estabelecimento de fazendas de gado, geralmente dispostas ao longo de cursos d'água (Barbalho, 1982: 229).
> Embora não se tenha conhecimento dos limites exatos, nem das terras doadas por Vieira aos Oratorianos para fundação do Aldeamento do Ararobá, nem dos sítios posteriormente adquiridos por esses padres, é provável que as terras da Congregação se estendessem até o rio Capibaribe, incluindo o vale do riacho que recebeu o nome de Riacho Brejo da Madre de Deus, que parece ter sido o caminho de acesso ao aldeamento.[341]

Nesse contexto, também a partir das palavras do musicólogo Roger Cotte, não é despropositado conceber que O Flautista era um Pajé Xukuru:

> Os ossos de animais ou humanos foram muito utilizados, com intenções mágicas, como instrumentos de sopro; o sopro adquiria valor de manifestação da alma imortal. Trombetas feitas de ossos humanos são conhecidas no Tibete, e as flautas e os oboés feitos de ossos de grous (tíbias) eram utilizados entre os antigos romanos e eram sinônimos da inspiração poética.[342]

Como forma de conclusão a esse tópico sobre a poesia indígena no período da colonização do Brasil à invasão dos sertões do Nordeste brasileiro, tendo em vista a elaborada poética dos Xukuru caracterizada pela música e pela dança (que, reitere-se, não é entrevista no estilo Cariris Velhos quiçá devido à índole do povo indígena Kariri, "apelido dado pelo

---

[340] Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 106 – grifei
[341] Jeannette Lima, *A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE*, p. 106-107 – grifei.
[342] Roger Cotte, *Música e simbolismo*, p. 60, citado por Luciano Silva de Menezes *et al* em *O som do osso: ecologia musical dos pífanos do Nordeste do Brasil*, p. 41.

inimigo tupi, *kiriri*, o calado, o silencioso, o taciturno"[343]) é possível conceber que nos contatos havidos com os invasores europeus em Teixeira e em São José do Egito esses indígenas e seus descendentes apropriaram-se de elementos da poesia íbero-árabe como forma de resistência e tornaram-se agentes criadores do modo de vida que denomino Sertão da Poesia.

Em termos gerais, essa hipótese coaduna-se com a narrativa que Fernão Cardim faz em 1783 em relação a indígenas catequizados no atual Município de Abrantes/BA:

> Em todas essas três aldeias há escolas de ler e escrever, aonde os padres ensinam os meninos índios e algumas mais hábeis também ensinam a contar, cantar e tanger, tudo tomam bem, e há já muitos que tangem flautas, violas, cravo [...] Outros saíram com uma dança d'escudos *à portuguesa*, fazendo muitos trocados e dançando ao som da viola, pandeiro, e tamboril, e flauta, e juntamente representavam um breve dialogo, cantando algumas cantigas pátrias [...][344]

Da mesma forma é o que ocorreu com a cantoria, gênero oral da Poesia Sertaneja[345] criado na região de Teixeira, a cujo respeito o historiador Manoel Bomfim observa:

> Um povoado daquele sertão [do Nordeste] é, nas possibilidades de hoje, a aldeia do antigo gentio e, não, uma aldeia de Portugal. Leonardo Mota, que colheu a expressão mais viva e mais legítima do povo mesmo, no estro dos seus *cantadores*, faz sentir: "Não é a quadra amorosa ou grácil o que mais freqüentemente cai dos lábios de inculto menestrel: é a sextilha petulante ou chistosa dos longos e sensacionais desafios". Para reforço de observação, Mota registra o parecer [do crítico literário Tristão Alencar de] Araripe [Júnior], quando julga que a jogralidade do caráter cearense, segundo Batista Caetano, é oriunda dos tupis. De fato, esses em quem a ama popular canta e se expande preferem os motivos de valentia pessoal, em tom de motejo, ou doesto. Quem conhece a musa popular portuguesa, apenas e fatigantemente lírica, dolente, piegas, reconhece facilmente as origens próprias da poesia espontânea no nosso povo: é a tradição do caboclo destemido, orgulhoso da sua coragem, alegre e sobranceiro, mas sem maiores ternuras. É um ressumar surdo, do temperamento do índio, infundindo-se em mentalidades novas para dar-lhes caráter próprio.[346]

---

[343] Luís da Câmara Cascudo, *História do Rio Grande do Norte*, p. 38. Teodoro Sampaio esclarece: "**Cariry** corr. ***kiriri***, adj. taciturno, silencioso, calado; apelido do povo selvagem que outrora ocupou grande extensão do Brasil, da Bahia para o Norte, e mais tarde concentrou-se nos sertões de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará" (*O Tupi na geografia nacional*, p. 121).

[344] Fernão Cardim, *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*, p. 15 e 47 – grifei.

[345] Denomino Poesia Sertaneja as práticas de apropriação de aspectos das poesias íbero-árabe, africana e indígena realizada por poetas dos sertões do Nordeste brasileiro no movimento de criação de gêneros literários com características próprias, como o aboio, o cordel e a cantoria.. Cfr. Adendo 2 ao presente texto.

[346] Manoel Bomfim, *O Brasil na América*, p. 109-110 – grifei. O texto de Leonardo Mota transcrito encontra-se em seu livro *Cantadores*, p. 30.

Após essas considerações sobre a poesia íbero-árabe e a poesia indígena à época da invasão dos sertões do Nordeste brasileiro, cumpre analisar atividades a partir das quais indígenas Xukuru e seus descendentes tenham realizado essa apropriação e tornado-se agentes criadores do Sertão da Poesia.

2.4 Maracá, gibão e viola: poetas Xukuru criando o Sertão da Poesia

O historiador Caio Prado Júnior assinala que "o índio foi o problema mais complexo que a colonização teve de enfrentar [...] pelo objetivo que se teve em vista: aproveitar o indígena na obra da colonização"[347] e registra de que forma isso foi feito:

> Aqui no Brasil tratou-se desde o início de aproveitar o índio, não apenas para obtenção dele, pelo tráfico mercantil, de produtos nativos, ou simplesmente como aliado, mas sim como elemento *participante* da colonização. Os colonos viam nele um *trabalhador* aproveitável; a metrópole, um *povoador* para a área imensa que tinha de ocupar, muito além de sua capacidade demográfica.[348]

Nas fazendas dos sertões do Nordeste brasileiro, os indígenas foram aproveitados sobretudo nas funções de vaqueiro, fábrica, caseiro e agregado, sendo possível estabelecer a seguinte configuração por ordem de *status* social:

Senhores – o fazendeiro (nem sempre branco, mas com "atitudes de senhorio"[349]) e sua família

Vaqueiro – indígena ou negro libertado a quem cabia a lida com o gado

Fábricas – indígenas ou negros escravizados auxiliares do vaqueiro

Caseiros – indígenas ou negros escravizados que executavam atividades domésticas

Agregados – indígenas ou negros libertos que habitavam os extremos da fazenda e executavam serviços esporádicos

---

[347] Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil contemporâneo – Colônia*, p. 94.

[348] Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil contemporâneo – Colônia*, p. 95 – grifei. Por sua vez, o desconhecido autor do *Roteiro do Maranhão e Goiás pela Capitania do Piauí* (1800) assinala que nas fazendas dos sertões do Nordeste brasileiro "não se ocupam mais de dez ou doze escravos e, na falta deles, os mulatos, mestiços e pretos forros, raça de que abundam os sertões da Bahia, Pernambuco e Ceará, principalmente pelas vizinhanças do Rio São Francisco" (*Roteiro do Maranhão e Goiás pela Capitania do Piauí*, p. 15).

[349] Nas palavras de Kátia Mattoso, "rico ou pobre, branco ou preto que seja, o senhor é sempre, para o escravo, um senhor 'branco', pois ser 'branco' na sociedade brasileira é adotar certas atitudes de dominação e exercer um certo poder" (*Ser escravo no Brasil*, p. 132).

O indígena escravizado era denominado "negro da terra"[350] e o indígena livre era classificado como "índio manso" (no caso de seu descendente, "caboclo manso") e "índio brabo" (no caso de seu descendente, "caboclo brabo") respectivamente "de acordo com seu grau de integração ou conflito com a expansão e consolidação da ordem colonial emergente"[351].

Antes de dissertar sobre a categoria denominada "agregado", nesse momento é oportuno fazer uma pequena reflexão sobre o termo "caboclo". Como a historiadora Maria Sylvia Porto Alegre assinala, "para dar conta da desorganização das sociedades indígenas e justificar a expropriação de suas terras"[352] uma das mais contundentes violências praticadas contra os povos indígenas consistiu / consiste na ideia de que "desapareceram" através da mestiçagem com os invasores tornando-se "caboclos".

Todavia, a exemplo do que ocorre em outros casos (como com o termo "negro"), no contexto da "transvaloração dos valores" proposta pelo filósofo Friedrich Nietzsche[353] é possível oferecer ao termo "caboclo" uma valoração afirmativa recorrendo à força originária da palavra, etimologicamente derivada de "kuriboka"[354] e com o sentido de "homem do sertão"[355], e é com esse sentido positivo que o utilizo no presente texto.

Voltando ao contexto das fazendas nos sertões do Nordeste brasileiro, uma das estratégias de resistência adotadas pelo indígena foi permanecer vinculado à propriedade na condição de "agregado", termo que no séc. XVIII possuía duas acepções assim referidas por Antônio Morais Durão, ouvidor-geral da Capitania do Piauí, em sua *Descrição da Capitania de São José do Piauí* (1772):

> Além dos senhorios das fazendas ou seus feitores, vaqueiros, fábricas e mais pessoas que nelas moram, como uma só família, há outras muitas a que chamam agregados, e são de duas formas: uns, que em algumas ocasiões servem como criador inerentes às famílias, outros que nem servem, nem na família se incluem, antes têm fogo separado, posto que dentro da mesma

[350] Cfr. John Manuel Monteiro, *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. Nas palavras de Eurico Alves Boaventura, "na ocasião, **negro** não era somente o africano e sim o **escravo**, fosse qual fosse sua origem. Por negro se conhecia tanto o escravo indígena como o africano. Era a expressão sinônima de **cativo**" (*Fidalgos e vaqueiros*, p. 78).

[351] João Pacheco de Oliveira, *Pardos, mestiços ou caboclos*, p. 75.

[352] Maria Sylvia Porto Alegre, *Rompendo o silêncio: por uma revisão do "desaparecimento" dos povos indígenas*, p. 3. Cfr., tb. desta autora, *Cultura e história: sobre o desaparecimento dos povos indígenas*.

[353] No contexto de sua "guerra contra o cristianismo", Nietzsche fala em "usar uma fórmula moral [no caso "autossuperação do homem"] em um sentido extramoral" (*Além de bem e mal*, seção 257 – *O que é nobre*).

[354] "**Kuriboka** (s.) – **CURIBOCA**, **CARIBOCA**, filho de pai indígena e mãe africana (Marcgrave, *HIst. Nat. Bras.*, 268) – NOTA – É de **kuriboka** que se originou **CABOCLO**, em português. O termo passou a designar, mais tarde, também o filho de mãe índia e pai branco" (Eduardo Navarro, *Dicionário...*, p. 244).

[355] Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário histórico...*, p. 80.

> fazenda.[356]

Havia, pois, o "agregado de casa" e o "agregado do mato", respectivamente correspondentes ao "índio (ou caboclo) manso" e ao "índio (ou caboclo) brabo".

Muitas vezes a relação que o "agregado de casa" mantinha com os senhores era de compadrio, com fundamento na afeição e no contexto daquilo que a historiadora Kátia Mattoso denomina "solidariedade procurada":

> Parece difícil que se estabeleçam solidariedades sinceras entre o grupo dos senhores e o dos escravos; contudo, é verdade que algumas solidariedade se firmaram, e com mais frequência do que se admite, entre um senhor e um escravo. Elas surgem também, e facilmente, entre um forro e um escravo ou entre escravos. São solidariedades individuais, de eleição, de homem a homem, fruto da vontade individual. Elas se pronunciam pelos laços do compadrio.[357]

Possivelmente era esse o contexto dos Xukuru que conduziram o sesmeiro Custódio Alves Martins ao Ambó (São José do Egito), tendo em vista o que consta das referidas certidões expedidas pelo Padre Augustinho Nunes (missionário vinculado à Congregação de São Felipe Néri) e por Agenor Peres Máximo (Coronel da Cavalaria do Sertão de Rodelas) respectivamente em 1697 e 1699, que dão notícia de que na Fazenda São Pedro havia "muito gentio que assim os tinha agregado"[358].

Por seu turno, a relação que o "agregado do mato" matinha com os senhores era de necessidade, com fundamento no trabalho e na tolerância no contexto daquilo que Kátia Mattoso denomina "solidariedade encontrada"[359], que se por um lado não garantia ao agregado a proteção que o compadrio assegurava, por outro lado oferecia-lhe maior liberdade do que ao caseiro.

Posteriormente, o termo "agregado" passou a designar apenas o "agregado do mato" (como doravante farei), assim caracterizado pelo historiador Caio Prado Júnior:

> O agregado é um trabalhador rural a quem o proprietário cede, em geral a título gratuito e em troca apenas de uma espécie de vassalagem e prestação de pequenos serviços, o direito de se estabelecer e explorar uma parte inaproveitada do domínio que, embora ligado ao senhor do domínio, e seu subordinado, não se entrosa na organização normal e regular da grande

[356] Antônio Morais Durão, *Descrição da Capitania de São José do Piauí*, p. 557 – grifei.
[357] Kátia Mattoso, *Ser escravo no Brasil*, p. 131.
[358] Cfr. AHU – ACL – CU015 – Cx. 28 – Doc. 2546, p. 27 e 30v.
[359] Cfr. Kátia Mattoso, *Ser escravo no Brasil*, p. 134 e ss.

> lavoura.[360]

Nesse contexto, uma vez que, "agindo como válvula de escape para as sobras populacionais, para os colonos empobrecidos, o sertão também é o espaço da liberdade, da fuga de escravos e indígenas submetidos"[361], o vaqueiro e o agregado indígenas destacaram-se nos primórdios da criação do Sertão da Poesia, pois, embora não houvesse uma "democracia racial" nas fazendas[362], havia um grau de liberdade suficiente para possibilitar práticas da poesia íbero-árabe e da poesia indígena de onde surgiram novos elementos poéticos que terminaram por configurar a Poesia Sertaneja.

É o que o historiador Marcos Galindo observa quanto à constituição de um "lumpesinato tapuia de espírito livre" que reproduziu "uma forma de ser tapuia na família sertaneja"[363]:

> Agregados às fazendas, os nativos negociavam dia a dia sua sobrevivência étnica, não apenas perdendo sua identidade como querem muitos, mas cambiando e construindo uma sociedade mestiça, na qual o comportamento nativo sempre foi mais presente que o europeu.
> [...]
> Mesmo afastado de seus núcleos originários, os agregados traziam costumes nativos, profundamente arraigados que, entre os fazendeiros, não encontrarão a resistência obstinada dos missionários. Assim, por serem em número tão superior, apesar de destituídos de poder econômico, impingiram seu poder cultural, determinando muito do comportamento social do sertão colonial, e muito do que ainda hoje se conhece da sua expressão cultural de remanescentes sertanejos.[364]

E, especificamente em relação à cantoria de viola, é o que assinala o cantador e pesquisador José Alves Sobrinho:

> A cantoria [...] surgiu, entre nós, em meados do século XIX e era realizada nos terreiros e alpendres de fazendas dos sertanejos em dias festivos como São João e São Pedro ou em celebrações de casamento e batizado. No brejo, a cantoria teve pouco acesso, pois nessa região havia muito preconceito entre a aristocracia dos "Senhores de Engenho". Raro era o proprietário que consentia um cantador cantar em sua propriedade.[365]

---

[360] Caio Prado Júnior*, Formação do Brasil contemporâneo – Colônia*, p. 167 – grifei.
[361] Kalina Vanderlei,"*Nas solidões vastas e assustadoras"*, p. 216.
[362] A ideia de "democracia racial" pode ser entrevista na obra de Gilberto Freyre *Casa grande & senzala* (embora o autor jamais tenha formulado o conceito ou usado esta expressão) e de Luís da Câmara Cascudo, que sustenta que "a vida do vaqueiro predispunha à democratização" (*História do Rio Grande do Norte*, p. 44).
[363] Marcos Galindo, *O governo das almas*, p. 348 e 332.
[364] Marcos Galindo, *O governo das almas*, p. 343 e 347 – grifei.
[365] José Alves Sobrinho, *Cantadores, repentistas e poetas populares*, p. 36-37 – grifei.

Por fim, é a essa "livre necessidade" que se refere o poeta repentista Geraldo Amâncio:

> Quem nasce onde eu nasci
> E se cria sem escola
> Andando de pés descalços
> Ou currulepe de sola
> Ou cresce pra ser vaqueiro
> Ou cantador de viola[366]

Analisemos, pois, de que forma é possível que indígenas Xukuru e seus descendentes tenham se tornado vaqueiros aboiadores e agregados cantadores como agentes livres e criadores dos primórdios do Sertão da Poesia.

2.4.1 Do maracá ao gibão: o Xukuru vaqueiro aboiador

Nos sertões do Nordeste brasileiro dos sécs. XVIII e XIX tornar-se vaqueiro foi uma das principais estratégias de resistência adotadas pelos indígenas e seus descendentes, uma vez que as atividades inerentes a esse ofício não apenas garantiam-lhes proeminência no contexto social das fazendas como coadunavam-se perfeitamente com sua índole libertária.

Com efeito, o autor do *Roteiro do Maranhão e Goiás pela Capitania do Piauí* relata que "vaqueiro, criador ou homem de fazenda são títulos honoríficos entre eles, e sinônimos com que se distinguem aqueles, a cujo cargo está a administração e economia das fazendas"[367], tal como Capistrano de Abreu registra no livro *Capítulos da história colonial*:

> Adquirida uma terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gragariamente, abrir cacimbas e bebedouros. Para cumprir bem com seu ofício vaqueiral, escreve um observador, deixa poucas noites de dormir nos campos, ou ao menos as madrugadas não o acham em casa.[368]

---

[366] Geraldo Amâncio, estrofe transcrita por José Alves Sobrinho em *Cantadores...*, p. 147. *Currulepe*: chinelo rudimentar, feito de couro ou borracha grossa.

[367] *Roteiro do Maranhão e Goiás pela Capitania do Piauí*, p. 15. "No princípio, foi realmente o vaqueiro como que o dono da fazenda" (Eurico Alves Boaventura, *Fidalgos e vaqueiros*, p. 25); "O sistema convencionado de pagamento dos vaqueiros [...] dava condições para que eles próprios fundassem suas fazendas" pois por ocasião da "apartação" (divisão) do gado cabia-lhes um de cada quatro animais nascidos sob seus cuidados – "era a *sorte*, como o sertanejo chamava" (Muirakytan Macedo, *A penúltima versão do Seridó*, p. 32 e 41).

[368] Capistrano de Abreu, *Capítulo da história colonial*, p. 133 – grifei.

O vaqueiro não se confunde com o tangedor que conduzia o gado do litoral para os sertões e que por vezes aí permanecia como administrador da fazenda. O vaqueiro nasce e cria-se nos sertões. Ademais, "seu tipo étnico provém do contacto do branco colonizador com o gentio, durante a penetração do gado nos sertões do Nordeste"[369], pois, nas palavras do historiador paraibano Irineu Joffily, "para semelhante modo de vida só era adaptada a raça americana [...], por isso a maior parte do pessoal de uma fazenda era de raça indígena"[370].

É o que retratam os desenhistas Charles Landseer em *Vaqueiro do sertão de Pernambuco* (1825) e Percy Lau em *Vaqueiro do Nordeste* (1941):

Fig. 31 – Charles Landseer, *Vaqueiro do sertão de Pernambuco* (1825)



Fonte: Barsiliana iconográfica

Fig. 32 – Percy Lau, *Vaqueiro do Nordeste* (1941)



Fonte: IBGE, *Tipos e aspectos do Brasil*

O historiador Eurico Alves Boaventura também assinala essa característica em relação aos sertões baianos:

> Ficou o pastoreio para o ameríndio, para os seus descendentes já mesclados. No Recife, foi assim que Tollenare viu os vaqueiros que chegavam do sertão, encourados, indumentária e armas de trabalho, na sua quase totalidade de 'sangue mesclado de branco e de índio'. E até se tornarem em autênticos

[369] Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, *Tipos e aspectos do Brasil*, p. 50-51.
[370] Irineu Joffily, *As origens do povo paraibano*, p. 14.

> criadores, a ponto de fornecerem gado para as gentes do Governo, na altura de 1682 [...] Delineou-se dessa vitória sanguínea do nativo a figura bronzeada do vaqueiro.[371]

Por seu turno, o sertanista mineiro Couto de Magalhães assim disserta sobre as "províncias criadoras" do Brasil Colônia e terras adjacentes:

> Na presidência de Goiás e Mato Grosso eu vi experimentalmente que o principal instrumento na indústria do interior – a criação do gado – é o índio antigamente catequizado pelo jesuíta, ou o mestiço seu descendente. Mais tarde, viajando pela República do Paraguai, Corrientes, Santa Fé e outras províncias argentinas, vi que ali, como no interior do Brasil, e províncias do Rio Grande, Paraná, São Paulo – o principal instrumento da riqueza pública, o vaqueiro por excelência, não era nem o branco nem o preto, e sim o *gaúcho*, o *caipira*, o *caboré*, o *caboclo*, o *mameluco*, o *tapuio*, nomes que indicam a mesma coisa, a saber: – o antigo índio catequizado pelo jesuíta [...]
> O descendente do índio ou o mestiço do índio e do branco são o vaqueiro por excelência em toda a América do Sul, ou pelo menos na parte que citei [...][372]

Por fim, é o que o poeta Leandro Gomes de Barros registra no cordel *História do boi misterioso*:

> Um índio velho vaqueiro
> Da Fazenda do Desterro
> Disse ao coronel: "Me falte
> A terra no meu enterro
> Quando aquela vaca velha
> For mãe daquele bezerro"[373]

Outro aspecto a ser realçado consiste em que as atividades do vaqueiro coadunavam-se com a índole libertária do indígena, como Euclides da Cunha assinala ao discorrer sobre a "sociedade rude, libérrima e forte dos vaqueiros":

> [No recesso das capitanias] campeava, livre, o indígena inapto ao trabalho e rebelde sempre, ou mal tolhido nos aldeamentos pela tenacidade dos missionários.
> [...]
> Entregues à vida pastoril, a que por índole se afeiçoavam, os curibocas ou cafuzos trigueiros, antecedentes diretos dos vaqueiros atuais, divorciados inteiramente das gentes do sul e da colonização intensa do litoral, evolveram, adquirindo uma fisionomia original. Como que se criaram num país

[371] Eurico Alves Boaventura, *Fidalgos e vaqueiros*, p. 76, 77 e 88 – grifou-se.
[372] Couto de Magalhães, *O selvagem*, p. 31 e 105 – grifei.
[373] Leandro Gomes de Barros, *O boi misterioso*, p. 6.

diverso.[374]

Um dos indícios dessa liberdade é o aboio, poesia cantada pelo vaqueiro na condução do gado, como em 1711 André João Antonil registrou no escrito *Cultura e opulência do Brasil*, assinalando que "os que as trazem [as boiadas] são brancos, mulatos e pretos, e também índios, que com este trabalho procuram ter algum lucro. Guiam-se indo uns adiante cantando para serem desta sorte seguidos do gado [...]"[375].

Especificamente sobre os povos pertences à etnia Otschucayana há registros de que "no final do século XVII [...] [os Janduí] pastoreavam cavalos e gados"[376] e sobre os Xukuru há narrativas de que "a origem da mão-de-obra utilizada nas fazendas de gado da congregação [de São Felipe Néri] possivelmente era indígena, principalmente se levarmos em consideração que os currais eram erigidos no interior das terras das missões"[377].

Por fim, em relação a São José do Egito, no cordel *O Rabicho da Geralda* (possivelmente do final do séc. XVIII[378]) há referência a um afamado "curiboca" chamado Inácio Gomes, vaqueiro do Pajaú:

Resolveram-se a chamar
De Pajeú um vaqueiro
Dentre todos que lá tinha
Era o maior catingueiro

Chamava-se Ignácio Gomes
Era um cabra curiboca
De nariz acham urrado
Tinha cara de pipoca"[379]

---

[374] Euclides da Cunha, *Os sertões*, p. 97, 104 e 107 -109 – grifei.

[375] André João Antonil, *Cultura e opulência do Brasil*, p. 203.

[376] Carlos Henrique Cruz, *Tapuias e mestiços nas aldeias e sertões do Norte: conflitos, contatos e práticas "religiosas" nas fronteiras coloniais (1680-1761)*, p. 48-49. Fátima Martins Lopes assinala que, "além das armas, os Tarairiú também adotaram os cavalos, o que causava muito espanto e temor aos portugueses" e transcreve carta do Governador da Paraíba, Mathias Albuquerque Maranhão, de 9 de janeiro de 1662, no sentido de que "convinha lhes fazer guerra [...] por terem já muita quantia de cavalos em que se exercitam com a doutrina que lhes deixaram os holandeses" (*Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte*, p. 283).

[377] Mariana Dantas, *Dinâmica social e estratégias indígenas*, p. 40. Essa também é a opinião de Maria do Céu Medeiros: "Se os currais da Congregação estavam próximos das missões no Ararobá – e há provas de que alguns sítios não prosperaram por causa da vizinhança da vila de Cimbres – não vemos porque os nativos não tenham sido aproveitados nessa atividade pastoril pelos próprios padres" (*Os Oratorianos de Pernambuco: uma congregação "a serviço" do Estado português*, p. 75, citada por Mariana Dantas em *Dinâmica social e estratégias indígenas*, p. 40).

[378] Luís da Câmara Cascudo anota que "o historiador cearense Antônio Bezerra de Menezes guardava entre seus papéis uma cópia e afirmou a Rodrigues de Carvalho que a história [narrada no romance *Rabicho da Geralda*] se passara em Quixeramobim, no ano de 1792" (*Vaqueiros e cantadores*, p. 116). Registre-se que Rabicho era o nome de um boi destemido e Geralda o nome de sua proprietária.

[379] *O Rabicho da Geralda*, romance de autor desconhecido transcrito por Sílvio Romero em *Cantos populares do Brasil*, p. 68-69.

Após essas considerações sobre possíveis Xukuru e descendentes que tenham se tornado vaqueiros aboiadores como agentes criadores dos primórdios do Sertão da Poesia, cumpre dissertar sobre indígenas desse povo que nesse processo possivelmente tenham se tornado agregados cantadores.

2.4.2 Do maracá à viola: o Xukuru agregado cantador

Como vimos, no contexto dos sertões do Nordeste brasileiro dos sécs. XVIII e XIX o agregado é o indígena ou seu descendente que mantinha relação de necessidade com o proprietário da fazenda (que assim reconhecia, e não como senhor), fundamentada no trabalho (que realizava através de serviços esporádicos como manejo do gado, conserto de cercas e construção de moradias e reservatórios) e na tolerância com que esse permitia que habitasse nos extremos da propriedade.

É a esse "agregado livre" que o ouvidor-geral Antônio Morais Durão assim refere-se em sua *Descrição da Capitania de São José do Piauí* (1772):

> Os donos das fazendas os toleram com semelhante vida e com prejuízo seu, parte por medo, pois se os encontram ou querem delas expulsar, só se expõem a um tiro, parte por dependência, porque se fazem mais respeitados com o seu auxílio; e quando se querem vingar de alguém têm prontos os seus agregados para toda a casta de despique. A justiça os não pode castigar, porque os não pode prender. A sua vida ou vivenda no mato, os prontos avisos que recebem de qualquer movimento e o pouco que têm que perder, lhes facilitam a fuga quando não têm forças para a resistência.
> Os seus bens são a casa de palha, que se fabrica num dia, um cavalo, uma espada, uma faca e alguns cachorros que facilmente consigo mudam e com a mesma facilidade sustentam enquanto lhes é preciso andar no mato. São estes demônios encarnados os curibocas, mestiços, cabras, cafus e mais catres de que a terra só é abundante, que acossados pelas justiças das outras capitanias em que delinquem e onde lhe não é fácil ocultar-se por povoadas e abertas, buscam esta como um infalível asilo das suas maldades e lugar próprio para continuarem nelas com todo o desafogo e sossego.[380]

Daí porque Marcos Galindo acentua que, "desnudo o agregado, vemos nele o tapuia encoberto na forma dos 'demônios vermelhos', que as transformações biotípicas não foram bastantes para esconder"[381]. Trata-se sobretudo do indígena que sobreviveu à "Guerra dos Bárbaros" e refugiou-se "nos sopés e altos das serras, onde passaram a viver homiziados no

[380] Antônio Morais Durão, *Descrição da Capitania de São José do Piauí*, p. 557-558 – grifei.
[381] Marcos Galindo, *O governo das almas*, p. 350.

mais íntimo do sertão"[382], a exemplo da Serra da Borborema, a tapui-retama (terra do tapuia) asilo dos Xukuru – embora, em equívoco comum, Euclides da Cunha equivocadamente os denomine Kariri:

> Esta região ingrata para a qual o próprio tupi tinha um termo sugestivo *pora-pora-eima*, remanescente ainda numa das serranias que a fecham pelo levante (Borborema), foi o asilo do tapuia. Batidos pelo português, pelo negro e pelo tupi coligados, refluindo ante o número, os indômitos Cariris encontraram proteção singular naquele colo duro da terra, escalavrado pelas tormentas, endurado pela ossamenta rígida das pedras, ressequido pelas soalheiras, esvurmando espinheirais e caatingas. Ali se amorteciam, caindo no vácuo das chapadas, onde ademais nenhuns indícios se mostravam dos minérios apetecidos, os arremessos das bandeiras. A *tapui-retama* misteriosa ataviara-se para o estoicismo do missionário. As suas veredas multívias e longas retratavam a marcha lenta, torturante e dolorosa dos apóstolos. As bandeiras, que a alcançavam, decampavam logo, seguindo, rápidas, fugindo, buscando outras paragens.[383]

É nesse contexto que a historiadora Linda Lewin refere-se à Serra do Teixeira (como vimos, localizada no Planalto da Borborema) como local onde havia "frágeis nichos de sobrevivência [...] que, embora em pequena quantidade, mostraram-se suficientes para que sobrevivessem até o século XIX":

> Até as últimas décadas do século XVIII, Teixeira serviu de "oásis" demográfico para os Xucurus, cujo território historicamente se estendia para o leste em Monteiro (na Paraíba) e para o sul, na Província de Pernambuco, enquanto o sertão tornava-se cada vez mais vulnerável à colonização branca.
> Um historiador local de Teixeira, Frei Hugo Fragoso, identifica especificamente os Xucurus de Teixeira recusando-se a fazer alianças com os portugueses, que persuadiram os Xucuru de Monteiro a pegar em armas contra outros grupos indígenas. Essa diferença política explica o isolamento dos Xucurus de Teixeira e sua reputação de "hostis". Seus irmãos em Monteiro, que aliaram-se aos europeus vitoriosos, foram recompensados com sua remoção permanente de sua terra natal no lado oriental do Planalto da Borborema – e uma nova identidade como *caboclos* "mansos".
> A tendência de uma população branca ainda escassamente povoadora de monopolizar apenas os vales mais acessíveis por seus solos férteis e água abundante, no entanto, permitiu que alguns Xucurus em Teixeira mantivessem frágeis nichos de sobrevivência na Serra do Macaco (Serra de Teixeira), que, embora em pequena quantidade, mostraram-se suficientes para que sobrevivessem até o século XIX.[384]

Ainda quanto à Serra do Teixeira e estendendo a concepção de refúgio para a contígua

[382] Helder Medeiros de Macedo, *Remanescentes indígenas numa freguesia colonial do Brasil: Santa Ana, no sertão do Seridó, Rio Grande do Norte (sécs. XVIII-XIX).*
[383] Euclides da Cunha, *Os sertões*, p. 108.
[384] Linda Lewin, *Who...*, p. 104-105.

região do Alto Sertão do Pajaú, o historiador Aldo Branquinho Nunes faz a seguinte afirmação:

> Existem outros indícios de que a Serra do Teixeira e as áreas serranas do Pajeú foram atrativas seja como lugar de fixação de comunidades de cultivadores, seja como lugar de fuga para escravos e caboclos das perseguições promovidas, seja pelo empreendimento das entradas e bandeiras de colonizadores brancos que objetivavam combater os "gentios bravos"", seja para instalar novos currais de gado porque os criadores foram empurrados para o interior, primeiro pela cana e depois pelo algodão, como o caso da proibição do criatório na vila de Cimbres (PE) é bem ilustrativo.[385]

A partir dessas narrativas, indícios e documentos é verossímil conceber que, nas relações havidas com os invasores de Teixeira e São José do Egito (possivelmente cultivadores da poesia ibero-árabe), vaqueiros e agregados Xukuru mantiveram suas práticas poéticas e manejaram a poesia como estratégia de resistência para tornar-se agentes na configuração do Sertão da Poesia, como é possível inferir do seguinte relato de Marcos Galindo:

> No século XX, numa feira livre de São José do Egito, sertão do Pajeú, e área de influência do sistema hidrográfico são-franciscano, um cego descendente destes cafres vermelhos cantava um verso repetido pela tradição oral anonimamente. Aqui reproduzo a letra triste que traduz a esperança que ainda reina neste povo:
>
> No país dos nordestinos,
> De agouros infinitos,
> Ainda se ouve o grito
> Do seu feroz combater.
>
> Na toada das rendeiras,
> Na voz dos cegos nas feiras,
> No peito quente do povo,
> Esperando seu renascer.[386]

De todo modo, não obstante o exagero de Horácio de Almeida em afirmar que "[dos indígenas] por certo procedem todos os cantadores de viola de todo o sertão nordestino"[387], é possível identificar diversos poetas sertanejos (no mais das vezes cantadores de viola) de

---

[385] Aldo Branquinho Nunes, *Currais, cangalhas e vapores*, p. 188-189 – grifei. Os indícios a que esse historiador se refere são um relatório de 1757 (cfr. Revista do IHGP, 1953, p. 10) e um requerimento de sesmaria de 1761.

[386] Marcos Galindo, *O governo das almas*, p. 357-358. Em nota, este pesquisador assinala que trata-se de "canto popular anônimo, colhido por Maria do Carmo Viana em São José do Egito, sertão do Pajeú Pernambuco, 1983. Comunicação pessoal".

[387] Horácio de Almeida, *História da Paraíba*, vol. 1, p. 260 (cfr. tb. p. 268) e 258.

possível proveniência indígena:

- Ferino de Góis Jurema (Teixeira, primeiro quartel do século XIX, "*pardo* velho"[388])
- José Galdino da Silva Duda, conhecido como Zé Duda do Zumbi (Cabaceiras/PB, 1866 – Recife/PE, 1931, "poeta mestiço"[389])
- Josué Alves da Cruz (Serraria/PB, 1904 – Arara/PB, 1968, "mestiço"[390])
- José Antônio da Acauã (Rio do Peixe/PB, "vermelho"[391])
- Pedro Paulo Ventania (Caicó[392]/RN – Catolé do Rocha/PB, "vaqueiro [...], tipo de indígena, cabelos estirados e duros, pouca barba"[393])
- João Batista de Siqueira (São José do Egito), conhecido como Cancão, "velho Pajé"[394]

Fig. 33 – João Batista de Siqueira (Cancão)



Fonte: acervo do autor

- Job Patriota de Lima (São José do Egito, 1929 – 1992), a cujo respeito a pesquisadora Terezinha Costa apresenta a seguinte narrativa:

> Moreno, de uma bonita cor de cigano, faz contraste com a esposa [Maria das Neves Marinho] que é loura.
> Numa contenda com Lourival [Batista], este referiu-se ao casamento dos dois, terminando a sextilha assim:
>
> Eu sei que lá vai nascer

[388] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 313, e José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 66.
[389] Francisco Coutinho Filho, *Repentistas e glosadores*, p. 74, e Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 125.
[390] Francisco Coutinho Filho, *Repentistas e glosadores*, p. 23.
[391] Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, p. 348.
[392] "O '*Caicó'* que nomeia o município derivaria [...] da palavra tarairiú *Queiquó* (quei = rio, quó = Acauã" (Muirakytan Macedo, *A penúltima versão do Seridó*, p. 35, nr 12).
[393] Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, p. 377 (às p. 389 e 392 este autor assinala: "Nomes dos diversos cantadores e poetas do povo incluídos neste livro [...] Rio Grande do Norte [...] Ventania (Escravo)"), e Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 309.
[394] Lydia Brasileira, *Cancão, velho Pajé: a cura pela poesia*, posfácio ao livro *Cancão: "a lua, o sol dos mendigos" – Estudos críticos sobre o pássaro-poeta do Pajeú*, p. 179.

> Menino de toda cor
>
> Job:
>
> Não mexa com nosso amor
> Que ele é muito singelo
> Moreno casar com branca
> Quando nasce o filho é belo
> Mas sendo branco com branca
> Só dá menino amarelo[395]

– José Adalberto Ferreira, conhecido como Zé Adalberto (Itapetim/PE, 1962 –), de evidentes traços indígenas e, como ele mesmo diz, descendente de "bisavó índia pega 'a dente de cachorro e casco de cavalo'")

Fig. 34 – José Adalberto Ferreira (Zé Adalberto)



Fonte: acervo do autor

– Manuel Telegrama ("vindo dos lados de Pesqueira[/PE] [...], acaboclado"[396])

– Manoel Ferreira de Lima, conhecido como Manoel Xelé (Palmeira dos Índios/AL, 1907 – ?), "filho do índio João da tribu dos Xucurus de Palmeira dos Índios"[397]

– Manoel Luiz do Sucuru, que "viveu e atuou nas três ou quatro primeiras décadas [do século XX]"[398]

Ademais, diversas narrativas contemporâneas sobre indígenas Xukuru do Ororubá cantadores de viola foram colhidas pelo historiador Edson Silva:

> Nascido e morador por muitos anos em Cana Brava, "Seu" Ciço Pereira lembrou que a festa, após o trabalho, solidificava a proximidade entre todos:
>
> Tocava ronco, viola, violão e o povo dançava ali naquelas festas de

[395] Terezinha Costa, *São José do Egito: musa do Pajeú*, p. 110.
[396] Ulisses Lins de Albuquerque, *Cantadores*, em *Um sertanejo e o sertão*, p. 27.
[397] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 163.
[398] Atila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 171.

noite. É mesmo assim.[399]

Edson Silva também transcreve a seguinte narrativa de Laurinda Barbosa dos Santos, "Dona Santa", da Aldeia Caípe:

> [A sogra do entrevistado] falou ainda que as festas de casamento eram animadas pelos "cabôcos" locais tocadores de viola e aconteciam muitas danças:
>
> > Tinha muitas festas. Casamento aqui, a moça quando casava não tinha toque, o toque era viola! Cantando, dançando na viola. De todo jeito! Os da viola eram daqui mesmo, já se acabou tudo. Eram daqui mesmo, não eram de fora não. Eram cabôcos velhos. Eram os cabôcos velhos tudo violeiro e cantador![400]

Também nesse contexto vale transcrever o depoimento do coquista Antônio Ferreira (Mestre Pirrila), da Aldeia Caípe, que assinala que "tinha gente que cantava música de viola, já tinham outros que eram coquista. Esse pessoal morreram faz 50, 60 anos"[401]. E continua:

> As modas de viola era aquele repente. Tinha duas pessoas. Uma se sentava lá e outro aqui, a viola assim no colo, e um prato entre eles dois ali, ele começava a fazer verso, de um para outro. O cara dizia para o outro, a viola começava tum, tum, tum... Ele dizia, "Vá compadre comece". O outro dizia "Não, é agora!":
>
> > "Canta um galo de campina
> > Alegre porque choveu
> > Canta um sapo na lagoa
> > Alegre porque encheu
> > Você chora de tristeza
> > Porque seu amor morreu"
>
> O outro dizia, "Mais compadre..." "Não compadre, agora você me resposta". Ai ele dizia:
>
> > "A saudade é companheira
> > De quem não tem companhia
> > Você chora de tristeza
> > Eu canto de alegria
> > Nunca vi minha rosa
> > Nem minha sogra Maria"
>
> O outro dizia:
>
> > "Vou m'imbora para Bahia

[399] Edson Silva, *Xukuru*, p.157 – grifei.
[400] Edson Silva, *Xukuru*, p. 159-160 – grifei.
[401] Edson Silva, *Xukuru*, p. 158-159.

Vou ser baiano também
Que na Bahia tem coisa
Que Pernambuco não tem
Cachaça e mulher bonita
É que eu amo e quero bem”

Aí começava aqueles versos e aí eles amanhecia o dia.[402]

Fig. 35 – Antônio Ferreira (Mestre Pirrila) e família



Disponível em
https://m.facebook.com/watch/?v=312189050234907&paipv=0&eav=AfYZ0Ocx37DA7gNWzUOA9ce0hxKhTLx0jTZzajAlzsjvidzO8iTLEFMOmiJj15bKmgA&_rdr

Havendo dissertado sobre o Sertão da Poesia, sobre a poesia ibero-árabe, sobre a poesia indígena e de que forma vaqueiros e agregados indígenas possivelmente tornaram-se agentes do contínuo processo de configuração do Sertão da Poesia, adiante cumpre discorrer sobre dois poetas descendentes dos Xukuru simbolizados pelo Flautista da Furna do Estrago que notabilizaram-se como cantadores repentistas precursores da Escola de Poesia de Teixeira e da Escola de Poesia de São José do Egito.

[402] Edson Silva, *Xukuru*, p. 159 – grifei. Sem modificar os versos, apresento-lhes em sextilhas com versos setissílabos, certamente como foram cantados e declamados.

CAPÍTULO 3

"ATENAS DE CANTADORES"
A ESCOLA DE POESIA DE TEIXEIRA

Há mais de cem anos atrás
O poeta Romano faleceu
Seu nome muito cresceu
Foi grande poeta capaz
Seu verso ainda nos traz
Sua grandeza verdadeira
Foi precursor de primeira
Mostrava assim seu valor
Foi Romano o precursor
Da Escola de Teixeira

Edísio Soares Pequeno
(Edísio Romano)
Mãe d'Água/PB, 26/08/2022

3.1 Teixeira: centro do Sertão da Poesia de meados do séc. XIX ao início do séc. XX

Neste capítulo dissertarei sobre Teixeira/PB como centro do Sertão da Poesia de meados do séc. XIX ao início do séc. XX, sobre textos lidos por poetas dessa região nesse período e, por fim, sobre o cantador Francisco Romano da Silveira Caluete, descendente Xukuru precursor da Escola de Poesia de Teixeira da qual elenco outros componentes.

A partir de aspectos socioculturais que serão oportunamente analisados é possível conceber o Sertão da Poesia formado por 2 ciclos:

1º Ciclo – **Escola de Poesia de Teixeira**

de 1850 – Ano aproximado em que Nicandro Nunes da Costa (um dos primeiros poetas nascidos em Teixeira) iniciou suas atividades como poeta cordelista[403] e glosador[404]

a 1918 – Ano em que faleceram Nicandro Nunes da Costa e o cordelista Leandro Gomes de Barros

Nesse período o Sertão da Poesia possuiu os seguintes centros:

De 1850 a 1910 – Por ser o local de nascimento e reunir renomados poetas neste período, Teixeira foi o centro do Sertão

[403] Cordelista é o poeta que compõe cordéis, ou seja, poemas narrativos geralmente impressos em folhetos.

[404] Glosador é o poeta que, desacompanhado de instrumento, compõe poesias de improviso (ou "de repente", sem prévia elaboração). Glosar (da palavra grega *glossa* = língua, fala) significa comentar. Como estilo poético, a glosa proveio de Portugal (onde uma das mais destacadas glosadoras foi a religiosa e poeta Violante do Céu (1601-1693)) através dos outeiros (ou oiteiros) poéticos, "concurso poético que se costumava celebrar nas festas religiosas, à noite, depois de terminados os atos da igreja" (F. A. Pereira da Costa (*Folk-lore pernambucano*, p. 293) e aqui foi praticada, dentre outros, pelos poetas Lourenço Ribeiro, Lucas José de Alvarenga (1768 – 1831), Gregório de Matos Guerra (1636 – 1696) e Frei Domingos Caldas Barbosa (1740 – 1800).

da Poesia com área de influência sobre os demais municípios paraibanos de Santa Luzia, Mãe d'Água, Matureia, Patos e Catingueira

De 1903 a 1918 – Nesse período os centros do Sertão da Poesia foram Guarabira/PB e Recife/PE devido ao fato de que foi nesses lugares onde os cordelistas Antônio Batista Guedes e Leandro Gomes de Barros intensificaram a publicação de cordéis

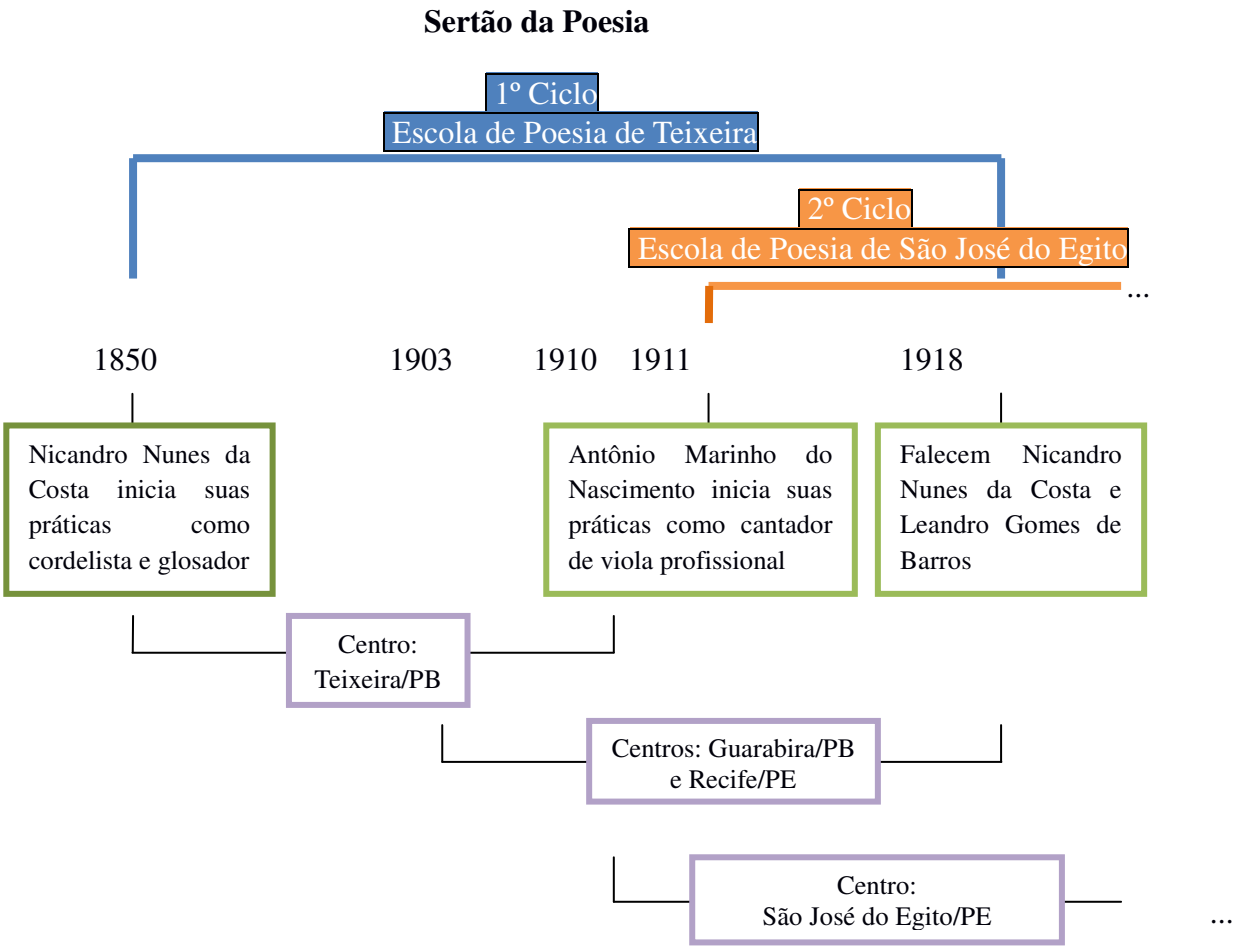
2º Ciclo – Escola de Poesia de São José do Egito

de 1911 – Ano em que Antônio Marinho do Nascimento, nascido em São José do Egito, iniciou suas práticas como cantador[405] profissional

à atualidade – Ante o declínio da Escola de Poesia de Teixeira e por ser o local de nascimento e reunir grande número de renomados poetas neste período, São José do Egito (contíguo a Teixeira até 1953) é o centro do Sertão da Poesia com área de influência sobre os municípios pernambucanos de Brejinho, Santa Terezinha, Itapetim, Tuparetama, Tabira, Solidão, Iguaraci, Afogados da Ingazeira, Ingazeira e Sertânia e os municípios paraibanos de Taperoá, Livramento, Amparo, Monteiro, Ouro Velho e Prata

Noutra configuração:

[405] Cantador (ou repentista) é o poeta que compõe poesias de improviso (também denominadas repentes) acompanhado de instrumento, geralmente uma viola. Cantadores que usaram outros instrumentos foram Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha (Fabião das Queimadas), Sinfrônio Pedro Martins (Cego Sinfrônio), Aderaldo Ferreira de Araújo (Cego Aderaldo) e Pedro Pereira da Silva (Cego Oliveira), que usaram a rabeca, e Inácio da Catingueira, que usava o pandeiro.



O primeiro centro do Sertão da Poesia foi o município paraibano de Teixeira (cuja área de influência abrangia os municípios paraibanos de Piancó – no Sertão do Piancó –, Mãe d'Água, Matureia, Patos, Catingueira – todos esses no Sertão do Espinharas – e Santa Luzia – no Sertão do Sabugi), pois foi o lugar de nascimento e de convergência dos primeiros poetas dos sertões do Nordeste brasileiro, que, segundo a historiadora Linda Lewin, constituíram a denominada "'Escola Teixeira' de poesia improvisada, que floresceu de meados da década de 1850 a 1910"[406] – pois, como veremos, em 1911 o poeta Antônio Marinho do Nascimento iniciou suas práticas como cantador de viola profissional tornando-se precursor do movimento que, pegando na deixa, denomino Escola de Poesia de São José do Egito.

Inicialmente, é oportuno assinalar que, nesse contexto, o termo "escola de poesia" designa um espaço de convivência de poetas em contínuo aprendizado mútuo através de

[406] Linda Lewin, *Who...*, p. 83. No original: "'Teixeira School' of poetic improvisation, which flourished from the mid-1850s to the 1910s". Adiante Lewin utiliza as expressões "'Teixeira School' of poetic song" e "Teixeira School' of *cantoria*" (p. 88 e 128). No mesmo sentido o historiador Pedro Baptista alude à "escola de cantoria [de Teixeira]" (*Atenas de cantadores*, p. 22), o pesquisador Francisco Coutinho Filho refere-se a "uma escola que trouxe a evolução da nossa poesia matuta" (*Repentistas e glosadores*, p. 20) e os pesquisadores Átila Almeida e José Alves Sobrinho usam a expressão "grupo de Teixeira" (*Dicionário...*, p. 148).

habitus que proporcionam a formação de um capital cultural caracterizado pela poesia como prática que "instaura um modo originário de ver o mundo"[407].

Ademais, a partir de sua etimologia, o termo "escola" (do grego *skholé*) remete a uma das possíveis explicações para a configuração de Teixeira como centro de um movimento poético:

> A raiz originária [da palavra escola], **skh*, guarda a ideia de 'agarrar', 'ter', como se reflete no grego *skhéma*, que deu precisamente nosso 'esquema', com o sentido de 'figura', 'forma que retém algo'. Pois bem, esse 'estar livre de' o é em relação ao trabalho manual, já que opera com o suposto de que uma atividade que não fosse a especulativa constituía uma atadura, uma carga [...] Daí resulta que *otium* também responde ao sentido de *skholé*, já que o 'estar livre' é um 'estar ocioso', condição de possibilidade para os estudos liberais que fazem, precisamente, livre ao homem.[408]

Aliás, essa é a ideia subjacente à seguinte narrativa do historiador teixeirense Pedro Baptista:

> Sendo [Teixeira] demasiadamente pródiga e que simples parcela de trabalho dando o suficiente para o homem viver e manter a família livre das canseiras acabrunhadoras àqueles que labutam nos latifúndios do sertão, essa terra feracíssima não obriga e nem exige de seus filhos um ativo cuidado ou uma aguda tensão de nervos em torno do problema da vida.
> Aí está a causa da proliferação de seus poetas, que encheram meio século de sua vida, culminando nesse bardo famosíssimo, criador de uma escola de cantoria que serviu de centro de gravitação para duas gerações sucessivas de cantadores e que se chamou Romano do Teixeira.[409]

Todavia, antes de discorrer sobre os componentes da Escola de Poesia de Teixeira é necessário contextualizar o ambiente literário dessa região nos primórdios da formação dos núcleos populacionais nos sécs. XVIII e XIX.

3.2 Leituras no Sertão da Poesia nos sécs. XVIII e XIX

Nos sertões do Nordeste brasileiro do séc. XVIII eram lidos e cantados cordéis (ou romances ou rimances, pois "a poesia das línguas românicas distinguiu-se, além da acentuação, pela rima, e esta característica lhe deu o nome genérico de *rimance*"[410]) pertencentes ao denominado Ciclo Lírico, a cujo respeito o pesquisador note-rio-grandense

[407] Gerd Bornheim, *Filosofia e poesia*, p. 157, 162 e 163.
[408] Luis A. Castello e Claudia T. Máralém do sico, *Oculto nas palavras – Dicionário etimológico para ensinar e aprender*, p. 75-76 – grifei.
[409] Pedro Baptista, *Atenas de cantadores*, p. 22 - grifei.
[410] Teófilo Braga, *História da poesia popular portuguesa*, p. 54.

Luís da Câmara Cascudo assinala:

> A poesia tradicional sertaneja tem nos romances um dos mais altos elementos. Recebidos de Portugal em prosa ou verso todos foram vertidos para as sextilhas habituais e cantados nas feiras, nos pátios, nas atadas das fazendas, 'esperando da Missa do Galo', na hora das fogueiras de São João, nas festas dos oragos paroquiais, nas bodas de outrora. Esses romances trouxeram as figuras clássicas do tradicionalismo medieval. Cavaleiros andantes, paladinos cristãos, virgens fiéis, esposas heroicas, ensinaram as perpétuas lições da palavra cumprida, a unção do testemunho, a valia da coragem, o desprezo pela morte, a santidade dos lares. O folclore, santificando sempre os humildes, premiando os justos, os bons, os insultados, castigando inexoravelmente o orgulho, a soberba, a riqueza inútil, desvendando a calúnia, a mentira, empresta às suas personagens a finalidade ética de apólogos que passam para o fabulário como termos de comparação e referência.
> [...]
> O sertão recebeu e adaptou ao seu espírito as velhas histórias que encantaram os rudes colonos nos serões das aldeias minhotas e alentejanas. Floresceram, noutra indumentária, as tradições seculares que tantas inteligências rudes haviam comovido.
> [...]
> O romance é, para todos os sertanejos, a expressão mais legítima e natural do que chamamos "literatura".
> [...]
> Eram e são todos cantados. Verso e música, como outrora, são funções inseparáveis e conexas.[411]

Do Ciclo Lírico fazem parte, dentre outros, os romances *A Princesa Magalona* (1725), *A Donzela Teodora* (1735)[412], *A Imperatriz Porcina*, *Roberto do Diabo* e *Pedro Cem*, que Câmara Cascudo assim resume:

> A donzela Teodora é a moça inteligente, assexual, vitoriosa pelos valores intelectuais. A Imperatriz Porcina é a inocência caluniada e posteriormente esclarecida e premiada. Roberto do Diabo é o arrependimento, a contrição, a penitência salvadora. A Princesa Magalona é a fidelidade da esposa, a imaculabilidade doméstica, a casta esposa bíblica. Pedro Cem é a riqueza humilhada pelo castigo merecido ao orgulho de seu possuidor.[413]

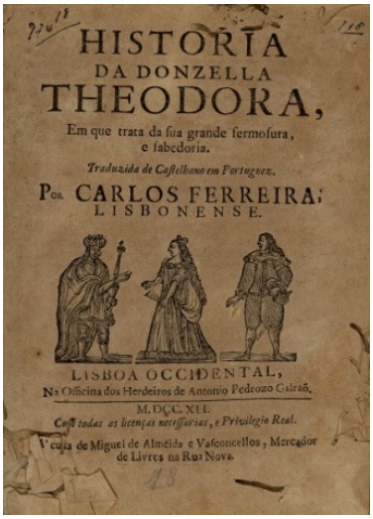
---

[411] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 28.

[412] Luís da Câmara Cascudo assinala: "A origem árabe da 'Donzela Teodora' é indiscutível e seu título é: – *Quissat charlat tudur gua ma min haditsiha maâmunachen, gua-l-âalem, gua-u-nadham fi hadhrati Harun Er Raxid*, – 'História da Donzaela Teodora e do que aconteceu com um astrônomo, um ulemá e um poeta na corte de Harun Al-Rachid'. Tudur é o que se traduziu para Teodora e não se trata de deturpação de Tewedull, como julgava João Ribeiro [em 'Frases feitas', p. 53, Rio de Janeiro, 1908] [...] A originalidade da versão sertaneja do Brasil é ser em versos quando todas as outras conhecidas se mantêm em prosa" (*Vaqueiros e cantadores*, p. 31-32 e nr 4).

[413] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 29.

Fig. 36 – *História da Donzela Teodora* (capa)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal
Disponível em: https://purl.pt/30799/4/res-974-18-p_PDF/res-974-18-p_PDF_24-C-R0150/res-974-18-p_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf

Adiante, no séc. XIX nos sertões do Nordeste brasileiro eram lidos e cantados os romances do chamado Ciclo do Gado[414], ao qual pertencem o *Rabicho da Geralda* (possivelmente de 1792[415]), o *Boi Espácio* (possivelmente da década de 1820[416]), o *Romance do Boi Liso* (possivelmente de 1827), o *ABC do Boi Prata* (possivelmente de 1844[417]) e *A vaca do Burel*, "escritos e cantados, numa toada triste de xácara portuguesa, em quadrinhas de sete sílabas"[418].

Da segunda metade do séc. XIX vale registrar a existência de uma "versão de Pajeú de Flores, Pernambuco" do romance *D. Carlos de Montealbar* (onde a temática do erotismo evidencia-se através do convite implícito para uma relação sexual), transcrita primeiramente por Celso de Magalhães em *A poesia popular brasileira* (1873) e, após, por Sílvio Romero em *Cantos populares do Brasil* (1883)[419].

---

[414] Segundo Luís da Câmara Cascudo, após o Ciclo do Gado adveio o Ciclo do Cangaço no séc. XX (cfr. *Vaqueiros e cantadores*, p. 20).
[415] Cfr. Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 117 e 116.
[416] Cfr. Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 116. Cfr. tb. Sílvio Romero, *Cantos populares do Brasil*, p. 75, nr 2.
[417] Cfr. Sílvio Romero, *Cantos populares do Brasil*, p. 109. Sebastião Nunes Batista afirma: "O abecê é uma composição poética muito antiga, em que cada estrofe começa com uma letra do alfabeto, e cuja fonte mais remota está no Velho Testamento, onde no salmo 118 do *Livro dos Salmos*, cada letra do alfabeto hebraico corresponde a oito versículos. O abecê foi usado na Espanha pelo trovador Juan del Encina, e em Portugal por Luís de Camões" (*Poética popular do Nordeste*, p. 11).
[418] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 115-116.
[419] Cfr. Celso de Magalhães, *A poesia popular brasileira*, p. 99-100, e Sílvio Romero, *Cantos populares do Brasil*, p. 16-17.

Outras leituras nos sertões do Nordeste brasileiro foram assim registradas por Luís da Câmara Cascudo:

> Que liam os cantadores alfabetizados? Os analfabetos socorriam-se da memória, guardando leituras que ouviam dizer [...]
> Para os que sabem ler, antigamente, a bibliografia exigida era diminuta. Rudimentos de História Sagrada, principais episódios bíblicos, figuras essenciais de profetas, patriarcas, algumas das parábolas de Jesus Cristo, os mandamentos de Deus, da Igreja. Tudo isso se compendiava num velho livro chamado "Missão Abreviada" [de Pe. Manoel José Gonçalves Couto, com primeira edição de 1859]. O "Lunário Perpétuo" [de *Jerônimo Cortez*, com primeira edição portuguesa de 1703] dava outra boa cópia de conhecimentos astronômicos, meteorológicos, regimes de vento, estações, divisão de festas, móveis e fixas, etc. Outros livros, hoje raríssimos, como o "Manual Enciclopédico [*para uso das escolas de instrução primária*, de Emílio Aquiles Monteverde, com primeira edição de 1870]", o "Dicionário da Fábula" (sem nome de autor) emprestavam os nomes de deuses, deuses e heróis da Grécia e Roma.
> Os romances de cavalaria não chegaram ao sertão. Nunca deparei com rastos de Amadis de Gaula, Palmeirim da Inglaterra ou do Imperador Clarimundo. Nesse particular a ciência se totalizava na "História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França" [primeira edição portuguesa de 1728], seguido de uma "História de Bernardo del Cáspio", o imaginário campeão castelhano, criação nacional para contrapor-se ao prestígio dos paladinos do ciclo carolíngio.[420]

Esses registros aproximam-se sobremodo daqueles feitos pelo pesquisador Oswaldo Lamartine de Faria sobre o sertão do Seridó norte-rio-grandense dessa época[421], em que classifica as leituras como "livros de prateleira" e "livros de oratório".

Dos "livros de prateleira" destacavam-se a *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*, cujas "imaginosas façanhas [eram] reescritas em versos de folhetins de feira eram temas constantes nas cantorias dos repentistas"[422], e o *Lunário perpétuo*, "um dos livros mestres para os cantadores populares, na parte que eles denominavam 'ciência' ou 'cantar teoria', gramática, história, doutrina cristã, países da Europa, capitais, mitologia.

---

[420] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 169 – grifei.

[421] Cfr. João Medeiros Filho e Oswaldo Lamartine de Faria, *Seridó – séc. XIX – fazendas e livros*, passim – onde classifica as leituras em três categorias: a) livros de oratório (como a *Bíblia* (na tradução do presbítero Antônio Pereira Figueiredo), a *Imitação de Cristo* (de Tomás de Kempis, com primeira edição do séc. XV), o *Adoremus: manual de orações e exercícios piedosos principalmente para uso da juventude cristã* (Frei Eduardo Herberhold) e a *Missão Abreviada* (Pe. Manuel José Gonçalves Couto, com primeira edição de 1859); b) livros de gaveta (cartas de ABC e tabuadas (como os de Laudelino Rocha), almanaques e cordéis como *Donzela Teodora*, *Roberto do diabo*, *Princesa Magalona*, *Imperatriz Porcina*, *Carlos Magno e os Doze Pares de França* e *João de Calais*) e c) livros de prateleira (como o *Lunário perpétuo*, *Carlos Magno*, o *Formulário e guia médico* (Pedro Luiz Napoleão Chernoviz), o *Orador familiar* (Lyrio Ferdinand, pseudônimo do poeta sergipano Manuel Alves de Azevedo Machado), O *Dicionário da Língua Portuguesa* (Antônio de Moraes), o *Estudo moral e político sobre os Lusíadas* (José Silvestre Ribeiro).

[422] João Medeiros Filho e Oswaldo Lamartine de Faria, *Seridó – séc. XIX – fazendas e livros*, p. 7.

Decoravam letra por letra"[423].

Por sua vez, dos "livros de oratório" destacava-se a *Bíblia Sagrada*, circunstância que se evidencia nas composições dos primeiros poetas nascidos nos sertões do Nordeste brasileiro, a exemplo do glosador teixeirense Nicandro Nunes da Costa, que, "tendo seguros conhecimentos de Mitologia e História Sagrada, sabia bem aplicar esses conhecimentos na sua poética"[424] e de que é exemplo o poema *Versos de Nicandro sobre a Escritura Sagrada*, do qual transcrevo as seguintes estrofes:

Tendo as águas ao mandado
Do Eterno obedecido
Esse elemento crescido
Procurou seu agregado
Ficou o campo enlameado
Bicho ali inda não pisou
Depois que a terra enxugou
Seu autor tirou um bolão
Bafejou-o e fez Adão
Deus quando o mundo formou

Formando primeiro Adão
Tirou-lhe a mulher dum lado
O nome de Eva foi dado
À mãe de toda geração
Inda não havia ambição
Deus aos dois abençoou
No Paraíso os deixou
Inferno inda não havia
Lusbel no céu residia
Deus quando o mundo formou

Não se salvava Moysés
Nem Tobias nem Jacob
Nem José do Egito e Job
Simão, Jonas, Manassés
Nem David, nem Afarés
Nem o pai velho Abraão
Nem Isaac nem Aarão
Quantos tivessem vivido
Se não tivesse nascido
A Virgem da Conceição[425]

Outros livros certamente lidos por Nicandro Nunes da Costa encontram-se elencados na seguinte narrativa de Pedro Baptista:

---

[423] João Medeiros Filho e Oswaldo Lamartine de Faria, *Seridó – séc. XIX – fazendas e livros*, p. 3.
[424] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 15.
[425] Cfr. Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 18-21.

> Frequentava Nicandro semanalmente a feira do seu distrito no povoado Cangalha. Lá o ia encontrar, invariavelmente, o [poeta glosador Bernardo] Nogueira [de Carvalho]. Um dia receberam eles um recado de [Germano Alves de Araújo Leitão, conhecido como] Germano da Lagoa lhes prometendo uma visita, justamente quando se encontravam em certo estabelecimento em que costumeiramente *matavam o bicho*. Nogueira pegou do copo e motejou:
>
> Não entra porque apanha!
>
> E Nicandro glosou:
>
> Nos dirá que sucedeu
> Na expedição de Coré
> E o que primeiro fez Noé
> Quando da arca desceu
> Vênus de onde nasceu
> Que terras o Tejo banha
> Que rio corta a Espanha
> Em que mar o Nilo faz foz
> E, nesse argumento, com nós
> Não entra porque apanha!
>
> Curioso esse cartel de desafio!
> Sete perguntas de História, Mitologia e Geografia para indivíduos cuja cultura não passava de um compêndio popular da História Sagrada, uma cartilha [*ou compêndio da doutrina cristã*] do Abade Salamonde [pseudônimo de Antônio José de Mesquita Pimentel] e a velha edição do Manual Enciclopédico.[426]

Ainda a esse respeito, o último diálogo poético que esses poetas realizaram aponta

[426] Pedro Baptista, *Atenas de cantadores*, p. 29-30 – grifei. *Matavam o bicho*: consumiam bebidas alcoólicas. *Coré* (ou Corá): personagem bíblico, filho de Jizar, o levita, que rebelou-se contra Moisés (cfr. *Bíblia*, *Números*, 16). Talvez a violenta invectiva de Bernardo Nogueira e Nicandro Nunes da Costa contra Germano da Lagoa (aliás, cunhado desse último) encontre justificação na seguinte narrativa de Francisco das Chagas Batista:

> Achavam-se na cidade de Patos, a glosar, os cantadores Germano da Lagoa, Silvino Pirauá e seu irmão José Martins. Glosavam entre si, quando um dos circunstantes lembrou-lhes de glosar sob o tema seguinte:
>
> "Tudo são honras da casa"
>
> [Após José Martins e Silvino Pirauá terem glosado] Germano da Lagoa, entusiasmando-se, improvisou a seguinte estrofe:
>
> Se houver poeta no lugar
> Que faça mais seis ou sete
> Eu dou a cara a bufete
> Dou os olhos a furar
> Dou o pescoço a cortar
> Arrisco a própria cabeça!
> Digo pra que se conheça:
> Nem Nicandro e nem Nogueira
> Nem na América Brasileira
> Eu duvido que apareça!
>
> (*Cantadores e poetas populares*, p. 29 e 31 – como veremos no capítulo seguinte, nesta obra Francisco das Chagas Batista registra a resposta de Nicandro às p. 31-35)

para outro livro lido pelos poetas do Teixeira em meados do séc. XIX: o *Dicionário da fábula,* espécie de dicionário da Mitologia Greco-romana de autoria do escritor francês Pierre Chompré (versão portuguesa de 1779), expressamente referido (embora originalmente transcrito com inicial minúscula) no quinto verso da primeira estrofe a seguir:

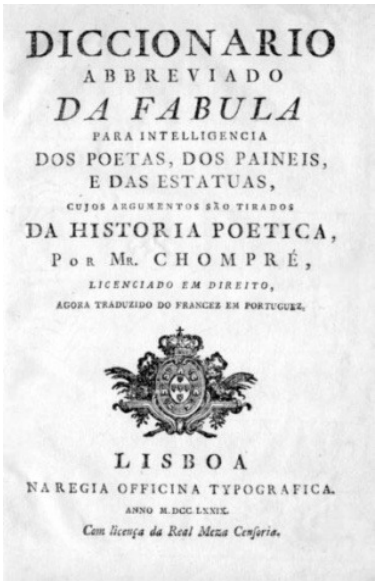
Nicandro – Baco também era Deus
Vulcano, Apolo, Netuno
Saturno, Marte, Plutão
Vênus, Minerva e Juno
Haver tanto Deus na fábula
Isso é o que eu *repuno*

Nogueira – Ora isso não é nada
Houve mais Júpiter e Reia
Que teve o filho alimentado
Pelo leite d'Amalteia
O sol era o Deus Febo
A quem adorou Nemeia

Nicandro – Minos, Radamanto e Acho
Cada um juiz superno
Segundo a idolatria
E seu fabuloso inferno
Não tinham veneração
Ao supremo Deus Eterno

Nogueira – Bucolião desposou
As ninfas e as Naiades
E nos bosques habitava
Diana com as Driades
E muitas honras tiveram
Os heróis Abatiades[427]

Fig. 37 – Pierre Chompré, *Dicionário da fábula* (versão portuguesa de 1779) (capa)


DICCIONARIO
ABBREVIADO
DA FABULA
PARA INTELLIGENCIA
DOS POETAS, DOS PAINEIS,
E DAS ESTATUAS,
CUJOS ARGUMENTOS SÃO TIRADOS
DA HISTORIA POETICA,
Por Mr. CHOMPRÉ,
LICENCIADO EM DIREITO,
AGORA TRADUZIDO DO FRANCEZ EM PORTUGUEZ.
LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCC.LXXIX.
Com licença da Real Meza Censoria.

Decerto é desse *Dicionário da fábula* que Nicandro Nunes da Costa extraiu as informações e termos considerados "pérolas do seiscentismo sertanejo"[428] com que compõe as seguintes estrofes de seu *ABC do Nicandro*:

Caim dos poetas antigos
Do tempo da idolatria
Com Radamanto e Eaco
Por juízes de valia
Só creio no Evangelho
Do Filho da Virgem-Pia

[427] Nicandro Nunes da Costa e Bernardo Nogueira de Carvalho, glosas publicadas por Francisco das Chagas Batista em *Cantadores e poetas populares*, p. 15-16 – grifei. *Repuno*: corr. de repugno, rechaço.
[428] Gustavo Barroso, *Ao som da vila*, p. 449 e 452, nr.

Zéfiro, Bórea e Notos
Não me levem para o abismo
Peço a nosso eterno Pai
Que cesse esse paroxismo
Lavai todos os meus pecados
Benta água do batismo[429]

Segundo o poeta e pesquisador Francisco das Chagas Batista informa em seu pioneiro livro sobre os poetas de Teixeira, o cantador Hugolino Nunes da Costa (Teixeira, 1832 – Várzea/PB, 1895) (irmão de Nicandro Nunes da Costa) "sabia de cor e salteado o *Novo* e o *Velho Testamento*, o *Dicionário da Fábula*, o *Manual Enciclopédico*, a *Missão Abreviada* e muitos outros livros vulgares na sua época"[430], dentre os quais "certamente o *Lunário perpétuo* e a *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*" que [Francisco das] Chagas Batista esqueceu de citar"[431].

Por seu turno, Costa o pesquisador Luís da Câmara Cascudo assevera que Hugolino Nunes da Costa "sabia de cor a 'Ciência Popular', *História Sagrada*, *Lunário Perpétuo*, *Dicionário da Fábula*, rudimentos de Geografia Física e Política, *Carlos Magno e os Doze Pares de França*" e informa que viu um exemplar da *História do Imperador Carlos Magno*, edição de 1863, "que pertencera a Hugolino Nunes da Costa"[432].

Possivelmente também é ao *Dicionário da fábula* que Francisco das Chagas Batista refere-se ao aludir a seu irmão, o poeta cantador Antônio Batista Guedes (Bezerros/PE, 1880 – Guarabira/PB, 1918), que, em peleja com Germano Alves de Araújo Leitão (Teixeira, 1842 – 1904), "tendo-o vencido, fez uma bela descrição da mitologia, mostrando conhecer a história da fábula"[433] e transcreve, dentre outras, as seguintes estrofes:

Antônio Batista – Sinto não poder ser tanto
Por me faltar teoria
Porém, convido o amigo
Pra me fazer companhia
Cantando mais uma hora
Sobre a Mitologia

Germano – Senhor Batista, eu pergunto
Na paz e boa harmonia
Faça favor me dizer
O que é Mitologia?
De que trata esta ciência

[429] Nicandro Nunes da Costa, estrofes transcritas por Gustavo Barroso em *Ao som da vila*, p. 449 e 452-453.
[430] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 49.
[431] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 117.
[432] Luís da Câmara Cascudo*, Vaqueiros e cantadores*, p. 308 e 170.
[433] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 151.

Que o senhor me anuncia?

Antônio Batista – Mitologia é a ciência
Do tempo do paganismo
Na antiga Grécia e em Roma
Ela já teve heroísmo
É aceita como fábula
Por nosso catolicismo

Germano – Não o posso acompanhar
Mas lhe peço que prossiga
Puxe por sua memória
Cante só que eu me calo
Porque foi sua a vitória

Antônio Batista – Quando ouvi essas palavras
Fiquei muito satisfeito
Notei que meu coração
Sorria dentro do peito
Ele calou a viola
E eu prossegui desse jeito:

Começo a explicação
Confiado em minha arte
Por Júpiter, Baco e Marte
Que a Vênus amava então
Saturno, Reia, Plutão
Vesta, Cupido e Urano
Cibele, Minerva, Jano
Anfitrite e Netuno
Mercúrio, Diana, Juno
Apolo, Ceres, Vulcano[434]

Após essas considerações, cumpre dissertar sobre esses e outros poetas que compuseram a Escola de Poesia de Teixeira, principiando por seu precursor, o descendente Xukuru e catador de viola Francisco Romano da Silveira Caluete, conhecido como Romano do Teixeira.

[434] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 161-162.

3.3 Romano do Teixeira: descendente Xukuru precursor da Escola de Poesia de Teixeira

Francisco Romano da Silveira Caluete[435] (Teixeira, 1835[436] – Patos/PB, 1891[437]) é considerado por pesquisadores "o mais célebre cantador do seu tempo"[438], "o maior de seu tempo"[439], "rei dos cantadores"[440], "rei dos cantadores do século passado"[441].

Era conhecido como O Grande Romano, Romano de Mãe d'Água (uma vez que, quando nasceu (possivelmente no Sítio Mãe D'Água de Dentro, próximo ao atual povoado Santa Maria no Município de Mãe D'Água[442]), o lugar era denominado Saco de Mãe d'Água, pois "o todo orográfico da região, na verdade, apresenta a forma de um saco"[443]) e Romano do Teixeira, uma vez que à época Mãe D'Água era distrito de Teixeira.

Embora tenha nascido após outros componentes da Escola de Poesia de Teixeira, Romano do Teixeira é considerado o "precursor de uma escola que trouxe a evolução da nossa poesia matuta"[444] porque destacou-se ao apropriar-se de elementos da poesia íbero-árabe para criar novas práticas poéticas (que, como dito, denomino Poesia Sertaneja), como a

---

[435] Às fls. 22v do Livro 4 (Livro 21, na numeração dada pelo fotógrafo) de Batismos de Teixeira consta o Assento de Batismo, em 1859, de "Avelino, pardo, filho legítimo de, isto é, filho natural de Romana da Silveira Caluete, moradora na Mãe D'Água, freguesia da Ingazeira" – Disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9P39-9NTY?i=2553&cc=2177286&cat=1199449.
Segundo Linda Lewin, "a explicação mais provável para o nome de Romano – que foi pronunciado e escrito 'Rumano' – é que ele representa uma corruptela do nome de um pioneiro e principal fundador do povoado que mais tarde se tornou a vila de Teixeira: Manuel Lopes Romeu" (*Who*..., p. 137, nf 58).

[436] Conforme o Processo de Inventário e Partilha de seu pai, Francisco Inácio da Silveira Caluete (detalhe à p. 6), de 1842, em que a idade de Romano consta como sete anos (Disponível em: CPDoc-Pajeú – Documentação Teixeira (PB) – Inventários (1795-1930) – Celular de Alana – New Doc 2018-04-19.pdf CX1 – https://drive.google.com/drive/folders/1QPCa30MY4Jp5EroQ_c5Fpq9UCRiKyTwB), e conforme o Assento de óbito de Romano do Teixeira, de 1891, em que consta que faleceu com 56 anos de idade (Fonte: Family Search – Brasil – Paraíba – Registro Civil – 1879-2007 – Patos – Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-61ZW-Q6?i=131&cc=2015754&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQGX2-9J1D). Seu dileto discípulo Silvino Pirauá Lima narrou em versos:

Na era noventa e um	De bruços caiu em terra
No centro paraibano	Com a tal faca na mão
Dentro do termo de Patos	A outra mão sobre o peito
Em março do dito ano	Em riba do coração
No primeiro desse mês	A foice do outro lado
Morreu Francisco Romano	Bem junto dele, no chão

(*Necrológio de Francisco Romano* – disponível em http://www.ablc.com.br/necrologio-de-francisco-romano/)

Nos termos de seu Assento de Óbito, Romano do Teixeira faleceu de apoplexia (acidente vascular cerebral, na linguagem médica atual) e, segundo Francisco Coutinho Filho, "efetuava trabalhos de emergência em um domingo. Tapava buracos de um cercado para evitar a entrada de animais soltos e o consequente estrago das suas lavouras" (*Violas e repentes*, p. 108).

[437] Cfr. o já referido assento de óbito de Romano do Teixeira.

[438] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 58.

[439] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 99.

[440] Pedro Baptista, *Cangaceiros do Nordeste*, p. 91.

[441] Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 108.

[442] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores com quem cantei*, p. 40.

[443] Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 108.

[444] Francisco Coutinho Filho, *Repentistas e glosadores*, p. 21.

historiadora Linda Lewin narra:

> A emergência do Grande Romano da obscuridade biográfica [...] sugere que seu papel como fundador da "Escola de Teixeira" de cantoria merece uma reavaliação como um feito singular de um inovador que pôs as estruturas poéticas europeias em primeiro lugar e remeteu à extinção cultural o acompanhamento rítmico do pandeiro africano.
> [...]
> Romano do Teixeira realizou um *toor de force* criativo, reformulando, em novas linhas, a tradição poética europeia [...].
> Ao reconhecidamente fixar o legado poético "do repente" no seio do anterior repertório poético culturalmente mais diversificado e eclético que circulava no sertão, Romano definiu um importante ponto de virada na cultura popular regional. Adaptou as estruturas poéticas europeias do *desafio*, do *martelo* e do *romanceiro* a um ambiente sul-americano ao revisar as noções de verso e de métrica, criando literalmente milhares de rimas como legado para a geração de seu filho e impondo a definitiva instrumentalização da *viola* e da *rabeca* em demérito do chacoalhado percussivo do pandeiro de Inácio da Catingueira.[445]

Além dessas inovações, Romano do Teixeira criou o termo "cantoria"[446] e os estilos Mourão de cinco pés[447], Mourão de seis pés[448] e Martelo agalopado (ou Martelo a gabinete ou Martelo-de-seis-pés), esse último em parceria com seu discípulo (ou aprendiz) Silvino Pirauá Lima[449], com quem, ademais, introduziu a sextilha na Poesia Sertaneja, como noticia o historiador Pedro Baptista:

> Era noite de S. João de 1866.
> No terreiro, o grande mastro votivo onde drapejava a efígie do santo erguera-se desde o tríduo de Santo Antônio; os cantadores Romano da Mãe d'Água e Ugolino [Nunes da Costa, conhecido como Hugolino do Sabugi ou Hugolino do Teixeira[450]] mais uma vez não faltariam [...]
> Estava muito em voga a estrofe de quatro linhas. Raro era o cantador que se afoitava a fazê-la maior, sabendo o cabedal de rimas de que dispunha.[451]

Peleja do próprio Romano do Teixeira exemplificam o processo de substituição

---

[445] Linda Lewin, *Who...*, p. 48-49 – grifei.
[446] Cfr. Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia ilustrada dos cantadores*, p. 327.
[447] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 46.
[448] Cfr. Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 29.
[449] Cfr. Francisco Linhares e Otacílio Batista em *Antologia...*, p. 39 e 40.
[450] Nos documentos consultados encontramos duas grafias: Ugolino (como no Assento de Batismo de seu filho João Nunes da Costa, constante às fls. 36 do Livro 3 – Assentos de Batizados da Freguesia Santa Luzia do Sabugi – Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9PSC-QJZ?i=36&cc=2177286) e Hugolino (como no Assento de Nascimento de seu filho Manuel Nunes da Costa (1884 –) constante às fls. 27 do Livro 5-A de Batizados da Freguesia de Santa Luzia do Sabugi – Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GPSC-WFK?i=27&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6DLB-L4Y2).
[451] Pedro Baptista, *Cangaceiros do Nordeste*, p. 175.

espécie de estrofe chamada da quadra para a sextilha na Poesia Sertaneja, inicialmente através de cantoria realizada com Manoel Carneiro "nos originais versos de quatro linhas"[452]:

Carneiro – Seu Romano, há muito tempo
Eu peço suas notícias
Quando soube que chegou
Até paguei as *alviças*

Romano – Se mete a cantar comigo
Quem tem a cabeça tonta
O freguês desafiou-me
Deu murro em faca de ponta

Carneiro – Posso morrer na pobreza
Me acabar pedindo esmola
Mas Deus me deu, pra passar
Ciência e esta viola

Romano – Quem mais alto quer subir
E nas nuvens quer pegar
As estrelas estão se rindo
Da queda que ele vai dar[453]

Adiante vê-se outra cantoria já com o uso da sextilha:

Inácio – Senhores que aqui estão
Me tirem um engano
Me apontem com o dedo
Quem é Francisco Romano
Pois eu ando no seu piso
Já não sei há quantos *ano*

Romano – Senhor, me diga seu nome
Que eu quero ser sabedor
Se é solteiro ou casado
Aonde é morador
Se acaso for cativo
Diga quem é seu senhor[454]

No contexto das apropriações que Romano do Teixeira fez dos elementos da poesia íbero-árabe, uma de suas mais expressivas contribuições ocorreu na primeira peleja que travou com Inácio da Catingueira, ocorrida "em 1874, na véspera da Festa de São Pedro (29

[452] Átila Almeida e José Alves Sobrinho em *Dicionário*..., p. 107.
[453] Manoel Carneiro e Romano do Teixeira, estrofes transcritas por Átila Almeida e José Alves Sobrinho em *Dicionário*..., p. 107.
[454] Inácio da Catingueira e Romano do Teixeira, estrofes transcritas por Padre Manoel Otaviano em *Inácio da Catingueira*, p. 7.

de junho), um sábado à noite"[455] "com a assistência de quase toda a população dessa cidade"[456], a cujo respeito Linda Lewin assevera:

> Duas tradições musicais distintas esbarraram-se em Patos quando Romano e Inácio duelaram. Se Inácio apresentou-se como o último de uma linha de *emboladores* afro-brasileiros, Romano o fez como um inovador por direito próprio. Disposto a "caboclizar" um gênero musical-poético importado de Portugal, ele e seus "discípulos" transformaram o que até então havia sido uma forma cultural estritamente europeia em uma performance artística definitivamente brasileira, que incorporava uma oralidade afinada ao discurso regional e adaptava a estrutura poética a audiências específicas.[457]

Dessa histórica peleja há versões que atribuem a vitória a Romano do Teixeira ou a Inácio da Catingueira, às quais, de acordo com esse critério, Linda Lewin respectivamente denomina:

- ✓ **Texto Teixeira**
  Transcrito pelos pesquisadores Sílvio Romero, Rodrigues de Carvalho, Leandro Gomes de Barros, Francisco Coutinho Filho, Leonardo Mota e Francisco das Chagas Batista (nesse último caso a partir de cópias "fornecidas por Silvino Pirauá [de Lima], o *discípulo amado* de Romano, que tinha cópias de todas as suas poesias"[458])

- ✓ **Texto Catingueira**
  Transcrito pelo pesquisador Padre Manoel Otaviano Moura de Lima, membro da Academia Paraibana de Letras, em sua conferência *Inácio da Catingueira*, pronunciada em 13 de maio de 1948

Linda Lewin considera o Texto Catingueira mais fiel ao ocorrido, porquanto transcrito a partir de cópia constante de caderno pertencente ao capitão Crisanto Aires, proprietário de terras em Catingueira que persuadiu Romano a realizar o embate, sendo que a neta de Crisanto Aires, Eusary Ayres de Lacerda, asseverou àquela pesquisadora "que Crisanto havia

---

[455] Linda Lewin, *Um conto de dois textos: oralidade, história oral e insulto poético em* O desafio *de Romano e Inácio em Patos (1874),* p. 1. A data de 28 de junho de 1874, véspera de São Pedro, deriva da seguinte estrofe que Inácio da Catingueira compôs em outro momento:

Eu fui à vila de Patos
Sábado, véspera de São *Pêdo*
Encontrei-me com Romano
Quase que morro de medo
Cantar por letra e ciência
É caso, não é folguedo
(estrofe transcrita por Padre Manoel Otaviano *em Inácio da Catingueira*, p. 5)

[456] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares, p. 58.*
[457] Linda Lewin, *Um conto*..., p. 17-18.
[458] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 58.

copiado os versos logo após a realização do *desafio*" e que "talvez ele tenha reprisado o *desafio* com o próprio Inácio, já que Crisanto permaneceu em contato próximo com o poeta pelo resto da breve vida deste"[459].

Além de diversos outros aspectos, a importância dessa cantoria consiste que, como dissertarei a seguir, foi a partir dela que Linda Lewin conseguiu identificar a ascendência Xukuru de Romano do Teixeira.

3.3.1 "Passado" indígena: ascendência Xukuru

Inicialmente vale assinalar que, tendo em vista que aqui não se trata de identificar um processo de etnogênese (ou seja, de reconhecimento da identidade de um povo) mas de um caso individual de ascendência indígena, não me refiro a Romano do Teixeira como Xukuru, mas como descendente desse povo.

Como disse, essa condição veio à tona na primeira peleja que Romano do Teixeira travou com o cantador negro escravizado Inácio da Catingueira, ocasião em que ambos pretenderam "apurar a qualidade" do adversário, noção a cujo respeito vale transcrever a seguinte assertiva do historiador Eduardo Paiva:

> Em contextos fortemente marcados pelas mesclas biológicas e culturais, como a Península Ibérica antes de 1492 e o Novo Mundo depois das conquistas católicas, parece ter ocorrido alargamento na acepção do termo [qualidade], que passou a ser empregado para designar o "exterior" dos indivíduos que não eram nobres nem *clarus*. Assim, "qualidade", como categoria geral, passou a abranger as várias "qualidades" ou "castas", cada uma lastreada em características físicas e resultados de cruzamentos (mas, por vezes, crenças religiosas, como mouros e judeus, e, por outras, origens, confundindo-se neste caso com "nações" [...] de índios, negros, crioulos e mestiços no geral.
>
> As "qualidades", portanto, diferenciavam, hierarquizavam e classificavam os indivíduos e os grupos sociais a partir de um conjunto de aspectos (ascendência familiar, proveniência, origem religiosa, traços fenotípicos, tais como a cor da pele, o tipo de cabelo e o formato do nariz e da boca), pelo menos quando isso era possível.[460]

É precisamente nesse sentido que na Poesia Sertaneja do final do séc. XIX e início do século XX "apurar qualidade" era usança comum com o sentido de "levantar suspeitas acerca do *status* social e sugerir inferioridade devido a critérios ligados à raça e/ou ao

[459] Linda Lewin, *Um conto*..., p. 9.
[460] Eduardo França Paiva, *Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII*, p. 33.

nascimento"[461], a exemplo do que ocorreu na peleja anônima intitulada *Sobre qualidades*, transcrita por Rodrigues de Carvalho em seu *Cancioneiro do Norte* (1903)[462] e na seguinte estrofe composta pelo cantador Claudino Roseira (1865–194?) em peleja com João Melquíades Ferreira da Silva (1869–1933), conhecido como O cantor da Borborema:

> Melquíades, me trate bem
> Não seja tão atrevido
> Olhe minha qualidade
> É de um homem sabido
> Eu não aguento pilhéria
> Dum caboclo aborrecido[463]

Em relação a Inácio da Catingueira o pesquisador Luís da Câmara Cascudo observa que "sua pele era o maior argumento de ataque e de defesa. Todos os adversários, fatalmente, aludiam à escuridão do cantador e nem por isso levaram a melhor parte nos desafios"[464], a exemplo do que Romano do Teixeira fez em sua primeira invectiva:

> Negro, canta com mais jeito
> Vê a tua qualidade
> Eu sou branco, tu um vulto
> Perante a sociedade
> Eu em vir cantar contigo
> Baixo de dignidade

A partir desse momento convém seguir o relato do Padre Manoel Otaviano:

> Dizem que Romano não tinha a pele bem limpa nem o cabelo muito bom e que seus antepassados ascendiam do tronco africano. Inácio sabia de tudo e, por isso, queimou impiedosamente o bizarro repentista teixeirense com esta férula causticante:
>
> > Esta sua frase agora
> > Me deixou admirado
> > Para o senhor ser branco
> > Seu couro é muito queimado
> > Sua cor imita a minha
> > Seu cabelo é agastado
>
> Romano empalideceu. Ficou mesmo enraivecido. O negro de Catingueira lhe pisara nos calos secos. Quis deixar a cantoria, como se vê destes versos:

[461] Linda Lewin, *Who*..., p. 117.
[462] Cfr. Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte,* p. 111.
[463] Claudino Roseira, estrofe transcrita por Francisco das Chagas Batista em *Cantadores e poetas populares*, p. 169.
[464] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 311.

Com negro não canto mais
Perante a sociedade
Estou dando cabimento
E ele está com liberdade
Por isso vou me calar
Mesmo por minha vontade

Foi pior. Inácio feriu mais fundo a Romano:

O senhor me chama negro
Pensando que me acabrunha
O senhor de homem branco
Só tem os dentes e as *unha*
Sua pele é muito queimada
E o cabelo é testemunha

Nem era possível Romano calar-se diante disso. Havia risos e gargalhadas da assistência. Procurou humilhar a Inácio, proclamando-lhe as baixas qualidades de cativo com esse remoque desconcertante:

Inácio, eu estou ciente
Que tu és um negro ativo
Mas não estou satisfeito
Devo de ser positivo
Me abate hoje em cantar
Com um negro que é cativo

Assim, o negro o revidou mais forte ainda:

Na verdade, seu Romano
Sou um negro confiado!
Eu negro e o senhor branco
Da cor do café torrado!
Seu avô veio ao Brasil
Para ser negociado

Romano [que daqui até o final da peleja não usa o termo "negro"] reconheceu que Inácio não cedia terreno e que, cada vez o feria mais fundo, lhe fez este pedido em tom brando e amistoso:

Inácio, eu vou te pedir
Vamos deixar o passado
Esquecer quem foi cativo
Que nos dá mais resultado
Acabar a discussão
Esquecer todo o atrasado

Inácio estava quente. Escorcha Romano com esta sextilha assombrosa:

Isso aí é outra coisa
Eu não luto sem motivo
O senhor também esqueça
O povo que foi cativo

> Quem tem defunto ladrão
> Não fala em roubo de vivo
>
> [...]
>
> Romano estava frito. Era preciso acabar a contenda e procurar um beco de saída. A numerosa assistência não escondia o seu julgamento a favor do negro da Catingueira. O trono do rei dos cantadores sertanejos vacilava nos seus fundamentos, prestes a esboroar-se em queda fragorosa. Romano pretextou doença para se sair do emaranhado em que se metera:
>
> Inácio, vamos parar
> Estou com dor de cabeça
> Preciso de algum repouso
> Antes que o dia amanheça
> Estou com cara de sono
> Sem ter mais quem me conheça
>
> Sua doença, Romano
> Está muito conhecida
> Melhor rasgar o tumor
> Antes que vire ferida
> O rei, por perder o trono
> Não deve perder a vida
>
> Romano retirou-se, um pouco desconcertado, por entre os vivas e aplausos da numerosa assistência em aclamação a Inácio. Este ruflou o pandeiro e ficou cantando ainda até o dia amanhecer.[465]

As assertivas de Inácio da Catingueira estimularam Linda Lewin a procurar esclarecer as proveniências étnicas de Romano do Teixeira, considerando, de início, as características física do irmão desse cantador, o cantador cangaceiro Veríssimo Máximo, a quem Gustavo Barroso refere-se como "o curiboca Veríssimo, homem forte, de barba rala, pragmatismo acentuado e quase macrocéfalo"[466], ou seja, "um indivíduo cujas características físicas demonstravam ascendência indígena e africana"[467] e as características físicas do próprio Romano, cuja "cor da pele e os cabelos demonstravam ser ele de sangue indígena"[468].

Instigada por esses indícios, Linda Lewin localizou o Processo de Inventário e Partilha do tenente-coronel Francisco Inácio da Silveira Caluete (?–1839), primeiro colono de proveniência europeia a fixar residência no Município de Mãe d'Água aproximadamente em 1800.

Trata-se de processo que tramitou em 1842 e onde, dentre seus herdeiros, são

---

[465] Padre Manoel Otaviano, Inácio da Catingueira, p. 13-16.
[466] Gustavo Barroso, *Heróis e bandidos*, p. 139.
[467] Linda Lewin, *Who*..., p. 98.
[468] Irineu Joffily, carta transcrita por Rodrigues de Carvalho em *Cancioneiro do Norte*, p. 336.

relacionados sete filhos legítimos (ou seja, concebidos no casamento) e os "filhos naturais" (ou seja, concebidos fora do casamento) Veríssimo Máximo da Silveira Caluete e Francisco Romano da Silveira Caluete, que aí figuraram por terem nascido livres quando seu pai era viúvo:

> Título dos Herdeiros
>
> Luís Álvares Pequeno da Silveira Caluete – Inventariante
> Casado – idade 41 anos
>
> Antônio Alves da Silveira Caluete
> Falecido, por ele seus dois herdeiros
>
> Francisco Inácio da Silveira Caluete
> Solteiro – idade 37 anos
>
> Inácio de Freitas Caluete
> Casado – idade 35 anos
>
> José (?) da Silveira Caluete
> Solteiro – idade 32 anos
>
> Ana Joaquina de Freitas Caluete
> Casada com Luís Alves Pequeno – idade 47 anos
>
> Maria José Alves Pequeno
> Solteira – idade 34 anos
>
> Filhos naturais
>
> Veríssimo Máximo da Silveira Caluete
> Idade 10 anos
>
> Francisco Romano da Silveira Caluete
> 7 anos[469]

Ademais, nos autos desse processo Linda Lewin identificou Joaquina Maria do Espírito Santo ("que se pode supor ter nascido entre 1810 e 1818"[470]) como mãe de Veríssimo Máximo da Silveira Caluete e de Francisco Romano da Silveira Caluete e a cujo respeito consta o seguinte registro:

> Os Partidores que nomeio [...], depois de deverem atenção nos pagamentos

[469] Processo de Inventário e Partilha de Francisco Inácio da Silveira Caluete (Inventariado), fls. 4v. A circunstância de que Romano do Teixeira era "filho natural" também consta de seu Assento de Óbito disponível em Patos – *Livro Óbitos* – Disponível em Family Search (https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-61ZW-Q6?i=131&cc=2015754&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQGX2-9J1D). Também Francisco das Chagas Batista assinala que Romano "era filho natural de um dos membros as família Caluête" (*Cantadores e poetas populares*, p. 58), no que é seguido por Francisco Coutinho Filho, que acentua que "Romano não teve ascendência legítima. Por isso não teve autoridade para menoscabar de Inácio" (*Violas e repentes*, p. 108).

[470] Linda Lewin, *Who...*, p. 112.

> dos legados e restituições que deixou o defunto em seu testamento, sem haver contudo atenção à dívida de Joaquina Maria do Espírito Santo porque pelos herdeiros já se acha esta dívida satisfeita pelos bens do defunto, dividam o mais em nove partes iguais quantos são os herdeiros do defunto.[471]

Ao analisar esse documento Linda Lewin assinala que "a imprecisão gramatical complicou a tradução, que significa que a 'atenção à divida de Joaquina Maria do Espírito Santo' realmente se referia 'à dívida [de Francisco Inácio da Silveira Caluete] à Joaquina Maria do Espírito Santo..."[472]e, ademais, que essa certidão corrobora a seguinte afirmação de Rodrigues de Carvalho:

> A estas informações do Dr. Irineu Joffily [no sentido de que Romano do Teixeira possuía ascendência indígena], vêm hoje juntar-se outras, em parte, esclarecendo melhor certos pontos: "Romano não foi escravo dos Caluête e sim, ele e Veríssimo seu irmão, eram filhos de um membro acatado daquela família com uma negra liberta".[473]

De posse desses elementos, Linda Lewin os apresentou ao capitão Adelgício Alves de França, bisneto de Romano do Teixeira:

> A memória oral familiar certamente não havia esquecido Joaquina Maria do Espírito Santo. Sua neta, mãe de Adelgício, passara uma descrição feita por familiares que a ouviram da mulher que ainda hoje é chamada de "Pequena" (nora de Romano), tradição oral familiar que pode ter sido reforçada pela convivência, na infância, de Pequena com Joaquina (cuja data de morte não foi estabelecida), bem como com a viúva de Romano (ainda viva em 1911). A mãe de Romano continuou a viver com ele enquanto ele crescia no Sítio Mulungu, órfão de pai.
> Várias características físicas que diferenciavam Joaquina Maria do Espírito Santo permaneceram na memória genealógica de seus descendentes para que Adelgício pudesse oferecer informações precisas sobre sua aparência: ela era "alta", contou; a família referia-se à sua cor como "canela": era "morena", acrescentou. E tinha "cabelo preto, longo e liso", solto. Em suma, de acordo com a descrição da família, ela foi lembrada como "uma índia" – "Uma Xucuru", explicou.[474]

A seguir, Linda Lewin assinala que, "embora a tradição familiar atribuísse a ancestralidade indígena à mãe de Romano, dada a aparência física de Veríssimo como um

---

[471] Processo de Inventário e Partilha de Francisco Inácio da Silveira Caluete (Inventariado), fls. 14v. Por oportuno, registre-se que em 1860 nasceu "Manoel, pardo, filho legítimo de, isto é, filho natural de Joaquina Maria do Espírito Santo, moradora no Tamanduá, desta Freguesia de Teixeira [...] Sendo padrinhos Jorge Alves Caluete" (Teixeira - Livro 21 de Batismos (1859 a 1867), fls. 76v – Disponível em Family Search - https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9P39-9JQR?i=2556&cc=2177286&cat=1199449).

[472] Linda Lewin, *Who...*, p. 132, nf 24.

[473] Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, p. 338, nr 208.

[474] Linda Lewin, *Who...*, p. 96 – grifou-se.

indivíduo inconfundivelmente de ascendência africana e Xukuru, a conclusão segue que ela possuía uma ancestralidade mista, Xukuru e africana"[475].

Adiante, Lewin utiliza a narrativa que o historiador e romancista Pedro Nunes Filho lhe repassou sobre a captura, em aproximadamente 1830, de sua tataravó Xukuru por seu tataravô de proveniência portuguesa[476] e considera que essa narrativa "é um inestimável testemunho indireto para a biografia de Romano, porque a mulher raptada era contemporânea da mãe do poeta, e o local onde foi sequestrada ficava talvez a cinco léguas de Mãe d'Água"[477].

Por fim, Lewin aponta uma possível razão para a superioridade poética de Romano do Teixeira em relação aos demais cantadores: o fato de que, pelo menos em sua infância, ele era bilíngue e dominava os idiomas Português e Xukuru, o que, no processo de sua alfabetização, teria facilitado a prática de rimar palavras e, adiante, de compor estrofes e criar estilos poéticos:

> A língua Xucuru continuou a ser falada em Teixeira durante o século XIX, ou seja, ao longo da vida de Romano. Embora os informantes Xucuru de Curt Nimuendajú na Serra de Ararobá tenham quase perdido a facilidade de falar sua língua em 1934, eles lhe disseram que seus avós bilíngues ainda preferiam falar Xucuru ao invés de português. A probabilidade de que o "Grande Romano" fosse bilíngue, pelo menos na infância, pode explicar por que seu pai lhe deixou o único livro que possuía, uma gramática portuguesa. E Romano, inicialmente aplicando-se à tarefa de alfabetizar como meio para "branquear" sua identidade de *mameluco*, pode ter descoberto que, ao dominar uma gramática europeia, também possuía um singular talento para rimar.
>
> No desenvolvimento de suas habilidades como cantador, ele primeiro teria memorizado obras poéticas extraídas da tradição do romanceiro ibérico, como o popularmente narrado *Carlos Magno e os Doze Pares de França*. Só depois pode ter trilhado o caminho inovador da reinvenção do repertório regional dos repentistas. O ofício de poeta tornou-se assim o meio idiossincrático de Romano para ganhar aceitação em um mundo branco de língua portuguesa, onde o alto *status* atribuído até mesmo à alfabetização rudimentar "superava" o baixo *status* da ascendência indígena.[478]

Como veremos, várias são as semelhanças entre as histórias de Romano do Teixeira e de Antônio Marinho do Nascimento, descendente Xukuru que notabilizou-se como precursor

---

[475] Linda Lewin, *Who...*, p. 99. Segundo Linda Lewin, o capitão Adelgício Alves de França afirmou que "Veríssimo era conhecido por ser de cor mais escura do que Romano e tinha traços africanos pronunciados [...], o que o tornou menos aceitável para seus meio-irmãos Caluete, tornando-o no início da adolescência menos aceitável, mais marginal" (p. 98).

[476] Cfr., desse escrito, o Capítulo 1, item 1.3.1 Itan: símbolo da continuidade da presença Xukuru em Teixeira.

[477] Linda Lewin, *Who...*, p. 109.

[478] Linda Lewin, *Who...*, p. 115 – grifei.

da Escola de Poesia de São José do Egito.

Antes, todavia, faz-se oportuno registrar uma breve notícia biobibliográfica de outros componentes da Escola de Poesia de Teixeira.

3.4 Poetas da Escola de Poesia de Teixeira

Uma das fontes mais antigas e seguras sobre os componentes da Escola de Poesia de Teixeira é o livro *Cantadores e poetas populares* (1929), de Francisco das Chagas Batista (Teixeira, 1882 – João Pessoa/PB, 1930)), que assinala na Introdução:

> Notando que os ilustres escritores Drs. Gustavo Barroso, Leonardo Motta e Rodrigues de Carvalho, deixaram de incluir nos seus livros – *Ao som da viola* [1921], *Cantadores* [1921], *Violeiros do Norte* [1925] e *Cancioneiro do Norte* [1903] – a maior e melhor parte dos versos dos poetas populares do Nordeste, vivos e já falecidos, venho reuni-los nesta Antologia Regional, no intuito de prestar uma justa homenagem a poetas obscuros e desconhecidos dos nossos estudiosos historiadores nordestinos.
> Tendo conhecido e convivido com quase todos os cantadores dos Sertões e Brejos da Paraíba, colhi nas próprias fontes a maior cópia das poesias que compõem este volume.
> A maior parte dos originais recebi-os mesmo das mãos dos próprios autores, meus contemporâneos. Os mais antigos, porém, colhi nos alfarrábios de velhos amadores do verso popular, contemporâneos dos nossos antigos cantadores e que viveram nos sertões na segunda metade do século XIX.
> [...]
> Em breves traços, porém, sem analisar as suas belas produções poéticas, darei simples notícias biográficas de cada um cantador.[479]

Fig. 38 – Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares* (1929) (capa)

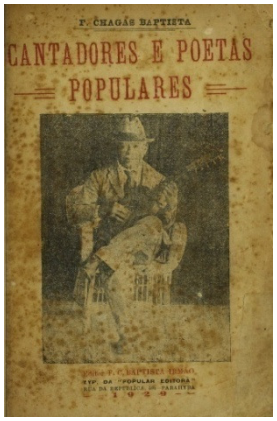


Fig. 39 – Francisco das Chagas Batista



Fonte: Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*

[479] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 11.

A seguir, em ordem cronológica de nascimento Francisco das Chagas Batista apresenta informações biobibliográficas sobre os primeiros poetas sertanejos, principiando por Agostinho Nunes da Costa Júnior.

3.4.1 Agostinho Nunes da Costa Júnior

Segundo o historiador teixeirense Pedro Baptista, Teixeira "era o ponto de contato de duas correntes povoadoras: uma que subia do Pajeú e outra que rompia do litoral"[480] e nessa última veio a família Nunes da Costa, cujo patriarca, João Nunes da Costa, possivelmente era um cristão-novo que, fugindo da Inquisição promovida pela Igreja Católica Romana, no início do séc. XVIII proveio do litoral de Pernambuco para o Sertão do Sabugi[481], mais especificamente para o Município de Santa Luzia.

É o que narra sua descendente a historiadora Maria de Lourdes Nunes Ramalho:

> João Nunes da Costa, o patriarca da família Nunes da Costa, marcou presença, na Paraíba, primeiramente em Santa Luzia do Sabugi, aonde chegou, vindo de Pernambuco, em companhia de sertanistas, dentre eles Manoel Lopes Romeu (ou Romero). Tempos depois casou, na ribeira de Patos, com Teresa Maria de Jesus, ocasião em que tomou posse de terras que denominou "Fazenda Santana", isto por volta de 1750.
> Ainda em companhia de Lopes Romeu, sua esposa Verônica Lins de Vasconcelos, os irmãos desta, João e Pedro [de Araújo] Leitão, e outros companheiros, [aproximadamente "pelas eras de 1750 a 1780"] seguiram em expedição em busca de um lugar chamado Canudos, nome mais tarde mudado para Teixeira. Uma vez chegados, demarcaram terras, das quais tomaram posse como os primeiros proprietários. A parte que tocou a João Nunes recebeu o nome de "Riacho Verde" e ainda hoje pertence a descendentes da família [razão por que seus integrantes são conhecidos como "os Riacho Verde"].[482]

Embora tenha se apossado do lugar denominado Riacho Verde, em Teixeira, João Nunes da Costa não fixou residência nesse local, o que foi feito por seu filho Agostinho

---

[480] Pedro Baptista, *Cônego Bernardo*, p. 15.

[481] Cfr. Marcos Nunes Costa e Saulo Passos, *Itapetim, "ventre imortal da poesia"*, p. 32, nr 15. O sertão do Sabugi é assim denominada em alusão ao rio homônimo e compreende os municípios de Santa Luzia (outrora denominado Sabugi e Santa Luzia do Sabugi), Várzea, São Mamede e São José do Sabugi (todos esses na Paraíba) e os municípios de Ipueira e São João do Sabugi[481] (esses no Rio Grande do Norte). Vale registrar que a área dos atuais municípios norte-rio-grandenses São João do Sabugi e Ipueira pertencia à Província da Paraíba e foi incorporada à Província do Rio Grande do Norte através do Decreto de 25 de outubro de 1831 (cfr. Ione Rodrigues Diniz Morais, *Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência*, p. 123-132).

[482] Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes...*, p. 159-160. As notas postas entre colchetes foram transcritas de Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 67 e 66, respectivamente. Segundo Marcos Nunes Costa e Saulo Passos, "possivelmente, João Nunes da Costa e seu amigo Manoel Lopes Romeu, refugiados [na] Serra do Teixeira, fugiram das perseguições do Tribunal do Santo Ofício, que na sua 3ª Visitação – de 1700 a 1800 – atingiu o Estado de Pernambuco" (*Itapetim: "ventre imortal da poesia"*, p. 32, nr 15).

Nunes da Costa (1757–1853[483]), conhecido como O Caprichoso (no sentido de teimoso, obstinado[484]), após seu casamento com com Ana Guedes Alcoforado e o nascimento de seu filho Agostinho Nunes da Costa Júnior[485] (Santa Luzia/PB[486], 1797 – Teixeira, 1849[487]).

Agostinho Nunes da Costa Júnior tornou-se conhecido como O Trovador e O Glosador e é considerado o "primeiro poeta conhecido no Nordeste [...], 'o pai da poesia popular nordestina'"[488], pois é o autor da mais antiga composição poética dessa região:

Mote

Quem quiser falar de mim
Cante e grite pela rua
Que eu como é na minha casa
Cada qual coma na sua

Glosas

Nasci livre, Deus louvado
E até sem medo fui feito
Porque meu pai, com efeito
Com minha mãe foi casado
Também nunca fui pisado
Como terra ou capim
E se alguém pensar assim
É engano verdadeiro
Olhe para si primeiro
Quem quiser falar de mim

---

[483] Teixeira – Livro de Óbitos nº 1 (1842-1867), fls. 66-v – Disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP92-CH2?from=lynx1UIV8&treeref=LZJ4-26C&i=73 – onde consta que "foi sepultado na Capela do Teixeira desta freguesia de Patos de grades acima", indicativo de que era abastado e por isso foi sepultado além da grade outrora usada no interior das capelas para demarcar a estratificação social dos finados.

[484] Cfr. Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 68-69. No Livro 2 de Batismos de Teixeira consta o batismo de "André, pardo, filho natural de Maria, escrava de Agostinho Nunes da Costa" (fls. 30).

[485] O agnome Júnior consta de seu Assento de Óbito – Teixeira – Livro de Óbitos – Livro nº 1 – fls. 50v e 51 (disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP92-ZBP?from=lynx1UIV8&treeref=LZJ4-2YC&i=52&wc=9VR5-7MC%3A370142101%2C370142102%2C370803101&cc=2177286 – onde, à semelhança do que ocorreu a seu pai, consta que foi sepultado "de grades acima"", indicativo de que era abastado).

[486] Alguns pesquisadores defendam que Agostinho Nunes da Costa Júnior nasceu em terras pertencentes ao atual Município de São João do Sabugi/RN (cfr. Francisco Linhares, Otacílio Batista, *Antologia...*, p. 313; Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes...*, p. 160 e 162), todavia esse lugar consolidou-se como povoado apenas a partir de 1832 e a alusão ao Sabugi como lugar de seu nascimento (cfr. Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 13; Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 76, Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p 114; e José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 30) coaduna-se com a informação de Coriolano de Medeiros no sentido de que esse topônimo refere-se ao "nome atual do município paraibano Santa Luzia do Sabugi" (*Dicionário...*, p. 221), cujo processo de colonização começou no início do séc. XVIII (Cfr. Francisco de Araújo Lima, *O Município de Santa Luzia e sua evolução*, p. 3 e ss).

[487] Cfr. seu Assento de Óbito no arquivo Teixeira – Livro de Óbitos – Livro nº 1 – fls. 50v e 51 (disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP92-ZBP?from=lynx1UIV8&treeref=LZJ4-2YC&i=52&wc=9VR5-7MC%3A370142101%2C370142102%2C370803101&cc=2177286.

[488] Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes...*, p. 165.

Mas fale lá quem falar
Que eu não morro de careta
Para mim, tudo isso é peta
Só Deus me pode matar
Quem de mim se desgostar
Que me feche a porta sua
Eu bem sei que quem me *injua*
É com raiva ou com inveja
Mas como isso não me *aleja*
Cante e grite pela rua

Deus me deu tal natureza
Que bem pouca gente tem
Não invejo de ninguém
Seu brasão, sua riqueza
Pois dos outros a grandeza
Não me abate, nem me abrasa
É pequena a minha asa
Que mal chega para mim
Mas se é bom ou se é ruim
Eu como é na minha casa

Que importa a Pedro ou Paulo
Seja rico ou seja nobre
Que eu, vivendo como pobre
Ande a pé ou a cavalo
A mim não me dá abalo
Toda grandeza da lua
Cante e grite pela rua
Quem em paixão se abrasa
Que eu como é na minha casa
Cada qual coma na sua[489]

3.4.2 Bernardo Nogueira de Carvalho

Embora nascido em Pernambuco, o glosador Bernardo Nogueira de Carvalho[490] (Flores/PE[491], 1814[492] – São José do Egito, 1895[493]) foi residir em Teixeira "atraído pela

[489] Agostinho Nunes da Costa Júnior, glosas transcritas por Francisco das Chagas Batista em *Cantadores e poetas populares*, p. 13-14. *Injua*: de enjoar, fartar-se; *aleja*: corr. de aleija, do verbo aleijar.

[490] Nos livros de pesquisadores consultados consta apenas Bernardo Nogueira. O sobrenome Carvalho consta de seu Assento de Óbito no Livro Itapetim – Óbitos 1893, Dez-1916, Out, vol. 1, disponível no site Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D1Q7-K2?i=34&cc=2016195&cat=607232.

[491] Bernardo Nogueira de Carvalho nasceu no Sítio Mulungu, possivelmente em termos atuais localizado próximo ao povoado Olho D'Água, entre São José do Egito e Itapetim/PE.

[492] Francisco das Chagas Batista, Átila Almeida e José Alves Sobrinho registram 1832 como o ano de nascimento de Bernardo Nogueira (*Cantadores e poetas populares*, p. 36, *Cantadores...* p. 32, e *Dicionário*..., p. 192). Todavia, em seu Assento de Óbito consta que no ano em que faleceu (1895) Bernardo Nogueira de Carvalho estava com 81 anos de idade, tendo nascido, portanto, em 1814. Por outro lado, o glosador Nicandro Nunes da Costa, nascido em 1829, tratava-o por "velho mestre" (cfr. Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, p. 308), indício de que Bernardo Nogueira era bem mais velho (precisamente 15 anos) do que esse poeta.

Cfr. Rodrigues de Carvalho, Cancioneiro do Norte, p. 308.

amizade de Nicandro [Nunes da Costa]"[494] – como veremos, glosador filho de Agostino Nunes da Costa Júnior.

Bernardo Nogueira era filho de Antônio Nogueira de Carvalho (? – 1841), irmão do sesmeiro Agostinho Nogueira de Carvalho[495] (como vimos, rendeiro, pela Casa da Torre, da Fazenda Ingazeira, proveniência do município homônimo do qual direta ou indiretamente provieram os demais municípios do Alto Sertão do Pajaú). Também era sobrinho do cangaceiro Thomaz Gomes Nogueira[496] e foi "repentista invencido, mestre-de-armas sertanejo, jogando bem espada e cacete"[497].

A respeito de Bernardo Nogueira o pesquisador Francisco das Chagas Batista apresenta as seguintes narrativa e estrofes:

> Certa vez, dois criminosos raptaram uma moça sua parenta, depositando-a em casa dum amigo dos mesmos. Nogueira, avisado, foi com dois companheiros tomá-la. Houve grande resistência da parte dos raptantes, resultando ficarem dois mortos e quatro feridos. Tendo Nogueira tomado a moça, levou-a para a casa de seus pais. Depois desse fato foi Nogueira processado; e, a fim de fugir à prisão, emigrou para o sul de Pernambuco, transportando-se dali para os brejos da Paraíba, tendo sido recolhido à cadeia de Campina Grande em 1875.
>
> Nesse mesmo ano, dois bravos campinenses, Neco de Barros e Galdino Grande, arrombando a cadeia local a fim de soltar o pai de Neco de Barros e um irmão de Galdino, deram fuga a Nogueira. Achando-se solto o poeta, voltou a sua residência no lugar Mulungu, nos limites dos Estados de Paraíba e Pernambuco, perto do povoado Cangalha, onde morava seu íntimo amigo Nicandro.
>
> Antes da prescrição de seu crime, Nogueira vivia sempre oculto das vistas das autoridades. Por ocasião de um casamento realizado a uma légua do Teixeira, onde se encontravam os poetas Romano, Ugolino e Nicandro, ele apareceu, à noite. Uma das pessoas presentes interpelou-o: – "Bernardo! E se a polícia chegar?" Ao que ele respondeu: "Caso a polícia aqui venha, ronca pau, troveja lenha". Todos os circunstantes bateram palmas e pediram-lhe para glosar sob este tema.
>
> Nogueira glosou, acompanhado por Nicandro, o seguinte improviso:

---

[493] Mais precisamente, Bernardo Nogueira faleceu no Sítio Prazeres, à época localizado neste município – Cfr. Assento de Óbito constante do Livro Itapetim – Óbitos 1893, Dez-1916, Out, vol. 1, disponível no site Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D1Q7-K2?i=34&cc=2016195&cat=607232).

[494] Pedro Baptista, *Atenas de cantadores*, p. 22.

[495] Cfr. Inventário de Antônio Nogueira de Carvalho – fls. 12v – Fonte: CPDoc-Pajeú – Documentação São João do Cariri (PB) – Inventários – Fórum – 09. Invt (1839-1842) – 2. Antônio Nogueira de Carvalho – Doc. SAM_4992.JPG – Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1TaDIOWs8WXo7IUO2ORayczEN8WeZHyCG, e Yony Sampaio, *A Casa da Torre e o sertão de Pernambuco*, p. 44, item 7 da lista das fazendas do Pajaú constante do *Livro de vínculo do morgado da Casa da Torre*.

[496] Cfr. Pedro Baptista, *Cangaceiros do Nordeste*, p. 276.

[497] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 309.

Nogueira – Acho-me hoje criminoso,
Porque, em luta corporal
Me furaram com um punhal
Fiquei com o corpo reimoso
Sou um homem perigoso
Que se escondeu numa brenha
Procurar-me ninguém venha
Porque perderá o giro
Dou de passo em passo um tiro
Ronca pau, troveja lenha

Nicandro – Quem contra nós se *opor*
Não escolho qualidade
Solto fogo sem piedade
Perco da vida o amor
Faça o mesmo se homem for
Quem contra Nogueira venha
Por seu inimigo me tenha
Porque se eu passar a mão
No cabo do espadagão
Ronca pau, troveja lenha

Nogueira – Se qualquer um delegado
Que passar por valentão
Vier falar-me em prisão
Fica desmoralizado
Seja paisano ou soldado
Ninguém me caçar não venha
Porque eu farei resenha
Daqueles que me enfrentarem
E, enquanto não me matarem
Ronca pau, troveja lenha

Nicandro – Não faz inveja Roldão
Ao meu colega Nogueira
Nem Joaquim Pinto Madeira
Nem Aquiles nem Sansão
Nem Lopez com vil ação
Que a ganhar fama se empenha
De Nogueira a mão ferrenha
É mais cruel, é mais forte
Pois não tem medo da morte
Ronca pau, troveja lenha

Nogueira – Terá perigo na vista
Quem persistir na contenda
Faço uma guerra tremenda
Se achar quem me resista
E perderá a conquista
Quem contra Nogueira venha
Porque a Virgem da Penha
Me protege e me defende
Quem me enfrentar se arrepende
Ronca pau, troveja lenha

Nicandro – É bem triste, é temeroso
Andar sem seguro norte
Até mesmo à noite, a sorte
Não lhe concede repouso
Vive o homem desgostoso
Oculto em deserta brenha
Como uma fera que tenha
Ódio ao civilizado
Nogueira, se for cercado
Ronca pau, troveja lenha

Nogueira – Confio-me no valor
De minha espada-navalha
Que, cortando na batalha
Ninguém não lhe sente a dor
Sou um gigante Adamastor
Que em lutar se empenha
Mato sem fazer *resenha*
E, pegando a granadeira
Tomo conta da trincheira
Ronca pau, troveja lenha

Nicandro – Ouve os tiros dos canhões
E debaixo das metralhas
Nogueira sobe muralhas
Passando entre esquadrões
Vem se internar nos sertões
Se ocultando em uma penha
Onde não há quem detenha
O seu resistente braço
No pau, na bala ou no aço
Ronca pau, troveja lenha

Nogueira – Colega, sustento a frente
E lhe entrego a retaguarda
Se faltar-lhe a espingarda
Com pau, com pedra sustente
Eu, estando de sangue quente
Sou pior que *Mascarenha*
Quem for inimigo não venha
Porque eu, estando agastado
Na cabeça e no costado
Ronca pau, troveja lenha

Nicandro – Do Brum pipoca a explosão
Disparando peças de aço
Caiam corpos em pedaço
Rebente a revolução
Na frente do esquadrão
Faça o general *resenha*
Mas para o sertão não venha
Porque, inda que a terra trema
E o mar de Netuno gema

Ronca pau, troveja lenha

Nogueira – Estando em uma trincheira
Seja ruim ou seja boa
Força alguma desacoa
De ali Bernardo Nogueira
Enquanto da granadeira
Eu ouvir a voz roufenha
Perto de mim ninguém venha
Porque estou enfurnado
Atiro pra todo lado
Ronca pau, troveja lenha[498]

Outras composições de Bernardo Nogueira constam de pelejas que travou com Preto Limão, "um dos mais célebres combates poéticos na memória dos cantadores"[499], e com Manoel Leopoldino Serrador[500], a cujo respeito Rodrigues de Carvalho assinala:

> Estando no sul de Pernambuco, em casa do ferreiro Antônio Marau, na ocasião em que este, irado com os miados de um gato, meteu-o no borralho do fogão. Nogueira fez o seguinte improviso, aplicando as onomatopéias das ocorrências:
>
> A safra faz tim-tim-tim
> Teco-teco a lançadeira
> No engenho, a molequeira
> Vadeia e corta capim
> A velha faz alfenim
> O velho, quase caduco
> Bate no chão tuco-tuco
> Na casa de *Antõe* Marau
> Onde o gato faz miau

[498] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 36-40. *Reimoso*: doentio – os ferimentos a que Bernardo Nogueira refere-se nesta estrofe foram a causa de sua morte, como explicita na última peleja que travou com Nicandro Nunes da Costa:

O meu mal provém da luta — O Vicente, no barulho
Que eu tive com o Vicente — Duas facadas me deu
Que raptou minha parenta — O que pude fazer fiz
E ficou ali contente — Porém, nada me valeu
Pensando que eu tinha medo — Custaram muito a sarar
Porque ele era valente — E é delas que morro eu

(Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 26-27)

Outros termos cujo significado é oportuno explicitar; *espadagão*: espada grande; *Joaquim Pinto Madeira*: em nota, Sebastião Nunes Batista informa: "Cel. De Milícia, executado a 28.11.1834, no Crato, Ceará, por ter-se insurgido contra a abdicação de Dom Pedro I" (p. 226, nf 14); *Lopez*: Francisco Solano Lopez (1827-1870), militar e político paraguaio; *Adamastor*: um dos gigantes mitológicos filhos de Gaia (Terra), que se rebelaram contra Zeus e por este foram vencidos; *Brum*: referente ao Forte de São João Batista do Brum, localizado na cidade de Recife/PE; *desacoa*: em nota, Sebastião Nunes Batista informa: "o mesmo que desacoita, isto é, fazer sair do coito ou guarida" (p. 226, nf 16).

[499] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 226 – que, ademais, transcreve esta peleja às p. 226-232 desta obra e, adiante, assinala sobre Preto Limão que "sua maior glória é ter-se batido com Bernardo Nogueira, que o venceu" (p. 316).

[500] Cfr. Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 40-48.

O fole faz vuco-vuco[501]

Devida ao preciosismo de suas rimas e composição, também vale registrar a seguinte glosa composta por Bernardo Nogueira sobre o mote "Semeei cravos azuis / Em uma taça de vidro":

No tempo em que os ventos suis
Faziam estragos gerais
Fiz barrocas nos quintais
Semeei cravos azuis
Nasceram esses tafuis
Amarelos como cidro
Prometi a Santo Isidro
Com muita fé e fervor
Levá-los quando lá for
Em uma taça de vidro[502]

3.4.3 Ferino de Góis Jurema

Outro componente da Escola de Poesia de Teixeira foi Ferino de Góis Jurema (Teixeira, primeiro quartel do século XIX – primeiros anos do século XX[503]), "um *pardo velho*, quase cego, natural da Freguesia de Santa Maria Madalena. É a padroeira do Teixeira, Paraíba"[504].

Segundo José Alves Sobrinho, da lavra de Ferino de Góis Jurema destaca-se uma carta em poesia em que registra os nomes e locais onde viviam diversos "cantadores do restante da Serra da Borborema não filiados ou caudatários do grupo de Teixeira"[505]:

Cheguei em Campina Grande
Encontrei um Zé Limeira
Toquei-lhe fogo na lima
Só ficou a buraqueira
O resultado foi este:
Quase eu se acaba a feira

Fui a Lagoa da Roça
Peguei-me com João Carneiro
Este eu serrei-lhe as pontas
Não voltou mais ao chiqueiro

[501] Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, p. 186. *Lançadeira*: ferramenta que possibilita transportar o fio de trama de um lado para o outro do tear na confecção do tecido; *alfenim*: doce de açúcar; *fole*: no sentido do verso, ferramenta usada pelos ferreiros para atiçar o fogo para forjar os metais.
[502] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 193. *Tafuis*: casquilhos; *cidro*: especiaria com aroma de limão usado para dar sabor a sopas, ensopados.
[503] Cfr. Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 314.
[504] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 313.
[505] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 149.

Ficou dizendo: – Esse nego
É um lobo carniceiro

Cheguei em Lagoa Nova
Peguei Pedro Passarinho
Cortei-lhe o bico e as asas
Deixei-o sem canhão no ninho
Tomei os becos e as ruas
Fiquei cantando sozinho

E fui nesta mesma noite
Ao Bezerra do Caldeirão
Este, logo que me viu
Arrancou sem direção
Chapéu, roupa e alpragata
Ficaram no matulão

Cheguei em Brejo d'Areia
Encontrei Vicente Guia
Era um soldado de linha
Tropa de Cavalaria
Passei-o pra retaguarda
Qu'era o qu'ele não queria[506]

3.4.4 Nicandro Nunes da Costa

Filho de Agostinho Nunes da Costa Júnior, o poeta glosador Nicandro Nunes da Costa (Teixeira[507], 1829 – São José do Egito/PE, 1918) é considerado "o príncipe dos poetas populares do seu tempo"[508] e possivelmente o primeiro cordelista dos sertões do Nordeste brasileiro, tendo composto o *ABC do Nicandro* provavelmente em 1851[509].

Foi o criador do mote de 1 verso[510], de que é exemplo as seguintes estrofes:

> Achavam-se na cidade de Patos, a glosar, os cantadores Germano da Lagoa, Silvino Pirauá e seu irmão José Martins. Glosavam entre si, quando um dos circunstantes lembrou-lhes de glosar sob o tema seguinte:
>
> "Tudo são honras da casa"
>
> [...]

[506] Luís da Câmara Cascudo em *Vaqueiros e cantadores*, p. 313 – que no 4º verso da 2ª estrofe equivocadamente transcreve "chiquinho". Cfr. tb. Gustavo Barrosos, *Ao som da viola*, p. 567-569.

[507] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 115, e José Alves Sobrinho, *Cantadores*..., p. 35.

[508] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 34. Em notas a esta obra Sebastião Nunes Batista informa: urupema: "peneira de taquara trançada"; engaza: "por engraza, do verbo engrazar (var.: engranzar) = enfiar contas em fio de metal" (*Notas* (Notas 10 e 11), p. 226).

[509] Publicado por Gustavo Barroso em *Ao som da viola*, p. 448-449. Como se disse, a atribuição desta data advém do fato de que, tendo nascido em 1929, na estrofe iniciada pela letra "n" neste cordel Nicandro Nunes da Costa assinala: "Já conto vinte e dois anos".

[510] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 45.

[Após os irmãos José Martins e Silvino Pirauá terem glosado], Germano da Lagoa, entusiasmando-se, improvisou a seguinte estrofe:

Se houver poeta no lugar
Que faça mais seis ou sete
Eu dou a cara a bufete
Dou os olhos a furar
Dou o pescoço a cortar
Arrisco a própria cabeça!
Digo pra que se conheça:
Nem Nicandro e nem Nogueira
Nem na América Brasileira
Eu duvido que apareça!

O cantador Antônio Batista Guedes, obtendo uma cópia desses versos, mandou-os ao seu tio Nicandro, pedindo-lhe que desse uma resposta, na altura do insulto, ao atrevido Germano da Lagoa [que, reitere-se, era cunhado de Nicandro].
Nicandro, sentindo-se ferido no seu amor próprio, e defendendo a memória de seu colega Nogueira, já falecido, respondeu-lhe com a poesia que segue:

Pensaste ter esgotado
A fonte da inspiração
E no reinado de Plutão
Ter os poetas trancado
Teres Apolo amarrado
No cume dum alto monte
E no coche de Faetonte
Corrido todo o universo
Com as musas inda converso
Bebo ainda água da fonte...

"O Nogueira já morreu
O Nicandro está caduco
Vou fazer dele um maluco
Um bestunto, um pai Mateu
Um figura de Asmodeu"
Pois estás mal entendido
Ouço, ainda tenho ouvido
Vejo, ainda não sou cego
E meu lugar eu só entrego
Quando perder o sentido

Nogueira, com esse insulto
Cresceu tanto o coração
Que fez pipocar o chão
Veio à testa do tumulto
Olhou, mirou, não viu vulto
Pra lhe dar combate ou guerra
Subiu serra, desceu serra
Voltou outra vez pra trás
E foi zombar junto com os mais
Defuntos dentro da terra

Júpiter é filho de Reia
E Reia, mãe de Netuno
E Netuno, irmão de Juno
E Juno, deusa de Deofeia
Salva a pátria Androcleia
Quem te inspirou esta cena?
Não foi Tágides nem Camena
Não foi não, estavas sozinho...
Escuta por um pouquinho
Os rasgos da minha pena:

A casa, pra ser honrada
De rica ou pobre família
Deve ter uma mobília
Completa sem faltar nada
Ter punhal, facão, espada
Pelouro que tudo abrasa
Que destrói, derriba, arrasa
Bancas de armas, torneiras
Pistolas e granadeiras
Tudo são honras da casa

No salão toca o piano
E pendem de todos lados
Os quadros dependurados
Alcatifas de bom pano
Leques dourados de abano
Jarra que de fria vaza
Trono onde a alma se estaza
No oratório de oração
Da Virgem da Conceição
Tudo são honras da casa

Grelha, espeto, frigideira
Tesoura, agulha, dedal
Mesa, muro, horta, quintal
Bule, prato, chocolateira
Caldeirão, tacho, sopeira
Meu estro em rimar se apraza
Não deixo nem uma vasa
Para entrares na espadilha
Novela, Bíblia, cartilha
Tudo são honras da casa

Concha, almofariz, pilão
Talheres, açucareiro
Lamparina, candeeiro
Salva, frasco, garrafão
Meu estro no escuro chão
Por enquanto inda não jaza
Poeta não me atrasa
Nem me faz perder a rima
Viola, bordão e prima
Tudo são honras da casa

Banca, tripeça, cadeira
Pena, papel e tinteiro
Alfinete e agulheiro
Cesto, urupema, peneira
Com licença da caseira
Canta modinha a rapaza
As contas no fio engaza
Menina formosa e bela
Inda virgem, inda donzela
Tudo são honras da casa[511]

3.4.5 Hugolino Nunes da Costa

Também filho de Agostinho Nunes da Costa Júnior, o poeta cantador Hugolino Nunes da Costa (Teixeira[512], 1832 – Várzea/PB[513], 1895) era conhecido como Hugolino do Sabugi e Hugolino do Teixeira.

Foi "o primeiro cantador e violeiro de que se tem notícia"[514] (reitere-e que seu pai era poeta glosador), tendo iniciado suas atividades aos 18 anos de idade, quando, em fuga da casa de seus pais, cantou em um casamento na cidade de Picuí/PB[515].

O cordelista Leandro Gomes de Barros traçou o seguinte perfil de Hugolino:

Estava um rapaz bem loiro
Poeta novo e letrado

---

[511] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 29 e 31-34 – *Estasa*: de extasiar, descansar; *urupema*: peneira de palha trançada; *almofariz*: recipiente côncavo usado para triturar ingredientes (ex.: milho e café) com um pilão; *engaza*: de engazar, enfiar contas (bolinhas, miçanga) em fio de metal. Quiçá a "cartilha" a que Nicandro alude no penúltimo verso da 7ª estrofe acima seja a *Cartilha ou compêndio da doutrina cristã*, do Abade Salamonde, livro a que Pedro Baptista refere-se em *Atenas de cantadores*, p. 30. Por fim, vale dizer que, após ter honrado a casa nas estrofes retro transcritas, na mesma resposta Nicandro Nunes da Costa faz as seguintes advertências e correções gramaticais à palavra *furquia*, usada por José Martins, e à palavra *teia*, usada por Germano da Lagoa:

> Duas faltas encontrei
> Nos versos que me mandaste
> Contra a arte pecaste
> Quando dois erros achei
> Os quais eu anotarei
> Por estarem de parelha
> Repara quem te aconselha:
> Na rimação da poesia
> Forquilha não dá com cria
> Nem meia rima com telha
> (Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 34-35)

[512] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 116, e José Alves Sobrinho, *Cantadores*..., p. 84.

[513] Cfr. o Assento de Batismo de Agostinho Nunes da Costa, filho de Hugolino Nunes da Costa, constante em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9PSC-7SV?i=17. Também assim Leonardo Mota, *Violeiros do Norte*, p. 70, Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 309, e Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes*..., p. 52.

[514] Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes*..., p. 171.

[515] Cfr. Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 46.

> Com viola de duas bocas
> Num discurso bem rimado
> Era Gulino do Sabugi
> Felicitando o noivado[516]

Hugolino Nunes da Costa foi o criador de um estilo da Poesia Sertaneja conhecida como Oitava antiga (ou Quadrão antigo ou Quadrão em oito ou Oitava em quadrão)[517] e, segundo Francisco das Chagas Batista, é o autor da *Peleja entre Romano do Teixeira e Inácio da Catingueira*, que Rodrigues de Carvalho publicou sem indicação de autoria no livro *Cancioneiro do Norte*[518]. Há narrativas de que escreveu um volumoso caderno de poesias, que no entanto foi queimado em um incêndio ocorrido na casa de seu cunhado Germano da Lagoa[519].

A seu respeito, Pedro Baptista narra um relevante indício da influência da poesia africana no Sertão da Poesia do séc. XIX:

> Era noite de S. João de 1866.
> No terreiro, o grande mastro votivo onde drapejava a efígie do santo, erguera-se desde o tríduo de Santo Antônio; os cantadores, Romano da Mãe d'Água e Ugolino, mais uma vez não faltariam [...]
> [...]
> Corriam os sertões cantilenas litorâneas com traços flagrantes do africanismo dos engenhos, como o *Redondo sinhá*, a *Tenção do negro* e outras que tomavam o primeiro lugar nas palmas e nos sambas. Ugolino, rebento inteligente de uma geração de poetas que se sucediam de pais a filhos, aproveitou a primeira daquelas melopeias amplificando as rimas de quatro para oito e dez linhas, causando verdadeiro sucesso! Romano, com toda a sua grande e reconhecida modéstia, que como ninguém, sabia emprestar aos outros o seu próprio merecimento, não se conteve em elogios ao colega. Em vez de duetos ou da invectiva, os cantadores entusiasmados deixavam transparecer a admiração recíproca.
> Um ouvinte, o preto João Pires, que se acostara a Ugolino, ao terminar o Redondo Sinhá, disse, na ingenuidade simplória da sua admiração, provocando riso geral:
> – Grande redondo comprido, esse de seu Ugolino!...[520]

---

[516] Leandro Gomes de Barros, *O romance de José Garcia*, transcrito por Luís da Câmara Cascudo em *Vaqueiros e cantadores*, p. 288-305 – a estrofe acima transcrita encontra-se à p. 300 desta obra, em que o autor assinala: "[Hugolino] era homem branco, alto, de maneiras polidas e muito bem recebido onde estava. As melhores famílias sertanejas hospedavam Hugolino como se fosse um príncipe" (*Vaqueiros e cantadores*, p. 308).

[517] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 46.

[518] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 58.

[519] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 49. Por seu turno, Pedro Baptista assevera que Germano da Lagoa teria queimado esse caderno "para que no futuro ninguém deles se viesse servir" (*Atenas de cantadores*, p. 25).

[520] Pedro Baptista, *Cangaceiros do Nordeste*, p. 171 e 175-176. Sílvio Romero registra um *Redondo sinhá* em seu livro *Cantos populares do Brasil*, vol. 1, p. 28. Segundo Luis da Câmara Cascudo, o cantador Fabião das Queimadas também cantava o coco *Redondo sinhá* (*Dicionário do folclore brasileiro*, vol. 2, p. 645).

Por fim, como exemplo do estro poético de Hugolino Nunes da Costa vale transcrever as estrofes iniciais de seu poema *As obras da natureza*:

As obras da natureza
São de tanta perfeição
Que a nossa imaginação
Não pinta tanta grandeza
Para imitar a beleza
Das nuvens com suas cores
Se desmanchando em lavores
De um manto adamascado
Os artistas com cuidado
Da arte aplicam os primores

Brilham nos prados verdumes
De um tapete aveludado
Brilha o rochedo escarpado
Das penhas seus altos cumes
Os montes formam tais gumes
Que a gente os observando
Vê, como que alongando
Perder-se na imensidade
A nossa visibilidade
Os perde se está olhando

Correndo as águas se arrastam
Tornando-se *brancalhetes*
E mui lindos ramalhetes
De espumas que as águas gastam
Fugindo logo se afastam
Esses mantos de brilhantes
São pérolas lindas, galantes
Que a cachoeira as atrai
E esta murmurando vai
Nos chamando ignorantes[521]

3.4.6 Inácio da Catingueira

Inácio da Catingueira (Catingueira/PB, 1840[522] – 1881[523]) é considerado "o maior cantador negro de todo o sertão nordestino"[524] e compôs a Escola de Poesia de Teixeira, como assinala em peleja com José Patrício Ferreira de Siqueira Patriota:

[521] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 51-52 – o poema completo possui 22 estofes.
[522] Segundo Átila Almeida e José Alves Sobrinho (*Dicionário*..., p. 99), Inácio da Catingueira era 5 anos mais novo do que Romano do Teixeira, que nasceu em 1835.
[523] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 108, e Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 110, que registra que esse "é o depoimento unânime dos mais antigos habitantes daquela região sertaneja" (p. 110).
[524] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 312.

> Me batizei por Inaço
> Por alcunha Catingueira
> Me criei no Piancó
> Mas aprendi no Teixeira[525]

"Alto, seco, espigado, e [com] voz extremamente aguda"[526], Inácio da Catingueira não cantava acompanhado por uma viola (como era comum), mas por um pandeiro "enfeitado com um laço de fita escarlate, com guizos de prata, retinindo à cadência de seus versos quentes e empolgantes"[527].

Era filho de Catarina, africana escravizada "que se dizia filha de um rei de certa tribo"[528], a cujo respeito o pesquisador Padre Manoel Otaviano assinala:

> Sua mãe era uma preta africana que D. Adauto, primeiro bispo da Paraíba, em memória sempre lembrada, batizou, sob condição, em visita pastoral, aqui mesmo, em Catingueira, em 1902. Seu pai, porém, dizem que era um branco daqui mesmo. Assim, pois, o nosso repentista não era negro propriamente e, sim, um mestiço, de cor escura, mas de pele fina, cabelos corridos, conservando um pequeno *cavagnac* [cavanhaque] preto como o cabelo e um bigodinho acamado. Dizem que era simpático, de estatura regular, delgado, olhos pretos, ligeiros, dispondo de uma voz forte e agradável. Por todos esses dotes atraía sempre aplausos da assistência que o ouvia cantar. Como me disse uma vez o preto João do Cortume, o negro era uma tentação de faceiro.[529]

A historiadora Linda Lewin também refere-se a João do Cortume na seguinte narrativa sobre Inácio da Catingueira:

> Ele confirmou o que os descendentes da irmã de Inácio, Quitéria, ainda relatam: desde muito cedo a voz de Inácio era notável. Luisinha (Maria Luisa) Gomes, tataraneta de Quitéria, relatou o que ouvia de sua bisavó, Sebastiana, que com sete anos de idade testemunhou o famoso desafio de seu

---

[525] Inácio da Catingueira, estrofes transcritas por Leonardo Mota em *Cantadores*, p. 78. Vale observar que esse pesquisador assim transcreve a primeira estrofe desse desafio:

> Me batizei por *Inaço*
> Da Siqueira Patriota
> Dou tapas que *aléja* venta
> Du murros que descangota

Todavia, há evidente equívoco na transcrição do nome de Inácio, pois essa primeira estrofe foi composta por José Patrício Ferreira de Siqueira Patriota, que "rompeu" o desafio.

[526] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 311. Segundo este pesquisador, estas informações foram prestadas por um filho de Inácio da Catingueira, o também cantador João Catingueira, e, a respeito, vale dizer registrar que, segundo Linda Lewin, "Inácio não se casou e não deixou descendentes diretos" (*Um conto*..., p. 6).

[527] Padre Manoel Otaviano, *Inácio da Catingueira*, p. 6.

[528] Rodrigues de Carvalho, *Aspectos da influência africana na formação social do Brasil*, p. 61.

[529] Padre Manoel Otaviano, *Inácio da Catingueira*, p. 8 – seguimos a paginação do texto gentilmente cedido por Rosana Leão.

> tio. Quando criança, contava Sebastiana, Inácio podia ser ouvido cantando desde muito longe, quando ele, conforme fazia costumeiramente, caminhava da Fazenda Marrecas para onde ficava a capela original de Catingueira, agora Igreja de São Sebastião de Catingueira, uma distância de vários quilômetros. Sua voz era poderosa e o tom inconfundível; mesmo quando adulto, ele conseguia atingir notas altas.[530]

Assim como sua mãe, Inácio da Catingueira foi escravizado pelo fazendeiro Manoel Luís de Abreu, que, no entanto, não o impedia de "deixar Catingueira por longos meses, ir para onde quisesse e guardar para si os frutos das cantorias rendosas"[531].

Francisco das Chagas Batista aduz que Manoel Luís de Abreu, "vendo o seu talento poético, deu-lhe a carta de alforria"[532]. Todavia, essa narrativa não procede, tendo em vista que, segundo Irineu Joffily, Inácio da Catingueira "era escravo e morreu nessa condição"[533] e, de acordo com Átila Almeida e José Alves Sobrinho, após a morte de Manoel Luís de Abreu, Inácio da Catingueira foi escravizado por Francisco Fidié Rodrigues de Souza, genro daquele fazendeiro, tendo sido avaliado em um conto e duzentos mil réis. Por essa razão, esses pesquisadores acentuam que "Manoel Luiz deve ter sido um homem bom e humano mas não tinha recursos que lhe permitissem alforriar um bem que valia mais de um conto de réis"[534].

Também vale assinalar que, segundo Linda Lewin, em 1831 o Parlamento brasileiro aboliu o tráfico de escravizados, mas até o final dos anos 1870 essa lei permaneceu "letra morta" para aqueles que viviam no Brasil, de forma que, "dado o relativo isolamento de Catingueira dos centros abolicionistas nas maiores cidades brasileiras, ele talvez nunca tenha se dado conta de que passara a vida inteira ilegalmente na escravidão"[535].

Da verve de Inácio da Catingueira ficaram célebres suas pelejas com Romano do Teixeira e com o referido José Patrício, da qual transcrevem-se as seguintes estrofes:

---

[530] Linda Lewin, *Um conto*..., p. 6. Por seu turno, Francisco Coutinho Filho registra que, além de Quitéria (perto de quem sempre viveu), Inácio tinha os irmãos de Filipe, Pedro, Teodésio e Rosalina (*Violas e repentes*, p. 109).

[531] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 311. Corrobora essa narrativa a seguinte estrofe composta por Inácio da Catingueira em peleja com Romano do Teixeira:

> Seu Romano, eu sou cativo
> Trabalho pra meu senhor
> Ele sabe quando eu saio
> E sabe pra onde vou
> Quando me vê num pagode
> Foi ele quem me mandou
> (transcrita por Padre Manoel Otaviano em *Inácio da Catingueira*, p. 8.

[532] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 65.

[533] Irineu Joffily, carta transcrita por Rodrigues de Carvalho em *Cancioneiro do Norte*, p. 332.

[534] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 108.

[535] Linda Lewin, *Um conto*..., p. 21.

Patrício – *Inaço*, canta com jeito
Que eu não sou de brincadeira
Eu torço braúna velha
Faço facho de *aroêra*
Piso pedra no pilão
Faço pó de *catinguêra*

Inácio – Patrício, você se engana
Mais cuidado na carreira
No sertão que você foi
Nunca nasceu *aroêra*
Deus o livre que você
Vá um dia à *Catinguêra*

Patrício – *Inaço*, você entende
Que eu lhe sirvo de brinquedo?
Eu zombo da tempestade
Curisco a mim não faz medo
Você espere a desgraça
Que ela hoje chega cedo

Inácio – Seu *Patriço*, se acomode
Que o s*inhô* não é leão
E o leão, mesmo feroz
Lá um dia perde a ação
O home dá voltas nele
Pega e bota na prisão[536]

Fig. 40 – Estátua de Inácio em praça da cidade de Catingueira/PB



Por fim, assim como assinalei em relação ao coco *Redondo-sinhá* cantado por Hugolino Nunes da Costa em 1866, aspectos da poesia de Inácio da Catingueira constituem importantes indícios da influência da poesia africana no Sertão da Poesia do séc. XIX, como a historiadora Linda Lewin acentua:

> De acordo com Câmara Cascudo [*Dicionário do folclore brasileiro* (ed. de 1962), vol. 2, p. 559], Inácio foi o último *cantador de desafio* a acompanhar-se por um pandeiro, um instrumento que o folclorista deixou de dizer que revelava a verdadeira identidade de Inácio: "*embolador*".
> [...]
> Uma explicação para a vitória de Inácio que ainda circula em Catingueira repousa na batida contrapontística de seu pandeiro e no *ritintim* persistente de suas soalhas. Eles distraíram Romano enquanto esse tentava tocar sua viola. Irritado com o som dissonante, ele "cambaleou" e perdeu o ritmo vocal entre as estrofes 49 e 50.
> [...]
> Em Catingueira, eu soube por Nicolau Marreca (1922–2002), cujos avós tinham sido vizinhos de Inácio e Quitéria na Fazenda Marrecas na década de 1870, que Inácio também tocava no seu pandeiro a música popular dançante do século XIX, o *coco*.
> [...]

[536] José Patrício e Inácio da Catingueira, estrofes transcritas por Leonardo Mota em *Cantadores*, p. 78.

> Em relação à disputa poética em Patos, o ponto a ser observado é que a batida africana do *coco* ofereceu um ritmo totalmente dissonante em relação ao tanger mais agudo da viola do *repentista*.[537]

3.4.7 Germano Alves de Araújo Leitão

Outro componente da Escola de Poesia de Teixeira foi o glosador e cordelista Germano Alves de Araújo Leitão (Teixeira, 1842–1904), conhecido como Germano da Lagoa "porque residia em Lagoa de Dentro (Teixeira), nos limites com o Pajeú (Pernambuco)"[538].

Descendia da família Nogueira Campos, residente no Pajaú, e do referido João Leitão, um dos primeiros colonizadores de Teixeira e bisneto do português Pedro Ferreira das Neves, conhecido como Pedro Velho, e da indígena Caramucuim-Caramucá batizada como Custódia de Amorim Valcácer[539].

O historiador Pedro Baptista assinala que Germano da Lagoa foi "o introdutor na cantoria do verso de dez linhas [ou seja, da décima], que, segundo dizia Romano [do Teixeira] – nesse gênero era invencível"[540] e o pesquisador Francisco das Chagas Batista assevera que "ninguém, como Germano, fazia com tanta rapidez e facilidade uma estância em dez linhas"[541]e exemplifica através da seguinte narrativa:

> Numa festa de casamento, achava-se, cantando, o violista Firino de Góes Jurema, quando chegaram, inesperadamente, Ugolino e Germano da Lagoa. Firino, ao ver Ugolino entrar, emborcou a viola e não mais cantou.
> Germano, vendo que o trovador que estava por dono da festa não se atrevia a cantar diante do mestre Ugolino e querendo mostrar o valor do seu companheiro, glosou a seguinte estrofe:
>
> Tua presença, Ugolino
> Faz temer e faz terror
> Faz mais medo a cantador
> Do que boi faz a menino
> Fez ficar mudo Firino
> A tua *veia composta*
> Do teu cantar tudo gosta
> És um forte, és um dunga
> És um deus de Ariapunga
> Ugolino Nunes da Costa[542]

---

[537] Linda Lewin, *Um conto*..., p. 16-17 – grifei.
[538] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 73.
[539] Cfr. Olavo de Medeiros Filho, *Velhas famílias do Seridó*, p. 15 e 21. Nessa obra esse historiador elenca João Leitão dentre os filhos do português Pedro Ferreira das Neves, conhecido como Pedro Velho, e da indígena Caramucuim-Caramucá, batizada Custódia de Amorim Valcácer (p. 21).
[540] Pedro Baptista, *Atenas de cantadores* , p. 22.
[541] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 73.
[542] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 49-50. *Dunga*: em nota, Sebastião Nunes Batista esclarece: "maioral, o cabeça, o líder" (p. 228, nf 34); *Ariapunga*: o próprio Francisco das Chagas

Germano da Lagoa é autor do cordel *O casamento de um calango* e possivelmente é o autor da *Peleja entre Romano do Teixeira com Manuel Carneiro* publicada por Leonardo Mota em seu *Violeiros do Norte*[543].

Registre-se que, em primeiras núpcias, Germano da Lagoa casou com Jacinta Camila das Dores[544], filha de Agostinho Nunes da Costa Júnior. Deste matrimônio nasceu Luísa Guedes de França, que casou com Cecílio Batista Guedes (filho de Ubaldina Camila de São Mateus, também filha de Agostinho Nunes da Costa Júnior e, portanto, sua prima em primeiro grau). Do casal Luísa Guedes de França e Cecílio Batista Guedes nasceu Severina Batista Guedes, mãe dos famosos cantadores Lourival Guedes Patriota, Dimas Guedes Patriota e Otacílio Guedes Patriota, conhecidos como irmãos Batista.

Em segundas núpcias (possivelmente em 1867[545]), Germano da Lagoa casou com Antônia Nunes da Costa (1849 – ?), neta de Agostinho Nunes da Costa Júnior e filha de Nicodemos Nunes da Costa, em cerimônia realizada pelo Cônego Bernardo, primo em segundo grau da noiva que caracterizou os noivos como "semibrancos"[546].

3.4.8 Silvino Pirauá Lima

Outro destacado componente da Escola de Poesia de Teixeira foi o cantador e cordelista Silvino Pirauá[547] Lima (Patos/PB, 1848 – Bezerros/PE, 1913), que no início do século XX[548] saiu de sua terra natal para residir em Recife/PE, onde "encontrou José Duda,

---

Batista esclarece: "reminiscência de certo culto da Costa d'África" (p. 50, nr). Na Poesia Sertaneja a expressão "emborcar a viola" significa admitir a derrota frente ao outro cantador.

543 Cfr. Leonardo Mota, *Violeiros do Norte*, p. 75-78, e Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 58.

544 Cfr. CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios – Teixeira – Óbitos vol. 1-9 (Jan.) 1842 – (Set. 1964) fl. 14v – Disponível em: https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1YghNp-AyqtC6H9ISyx-A89H9Ckg7JntN e Livro 1 de Casamento de Teixeira, fls. 14v (Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP92-NZ3?i=22&cc=2177286&cat=1199449) e Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes...*, p. 169 e 181.

545 Cfr. Assento de Batismo de "Vicência, parda, nascida a vinte e cinco de outubro [de 1868], filha legítima de Germano Alves de Araújo e Antônio Nunes da Costa" (Teixeira - Livro 5 de Batismos, fls. 106 – Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP39-9NC5?i=3009&cc=2177286&cat=1199449).

546 Cfr. Livro 1 de Casamento de Teixeira, fls. 14v (disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP92-NZ3?i=22&cc=2177286&cat=1199449) e Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes...*, p. 182.

547 José Mota Victor assinala: "Não sabemos por que Silvino acrescentou ao seu nome o sobrenome Pirauá. Com certeza não é nome de família" (*Silvino Pirauá de Lima: o gênio da Literatura de Cordel*, p. 10). Alguns significados são: "PIRAUÁ – serra que corre entre os limites da Paraíba com Pernambuco; de pirá-guara, lit. comedor de peixe, pescador" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 98) e "Pirauá – Distrito no Município de Natuba[/PB]; riacho no de Mamanguape; lugar no de Alagoinha [todos do Estado da Paraíba]" (Horácio de Almeida, *História da Paraíba*, vol. 1, p. 310).

548 Luís da Câmara Cascudo (*Vaqueiros e cantadores*, p. 312) e Átila Almeida e José Alves Sobrinho (*Dicionário...*, p. 164) e aduzem que Silvino Pirauá de Lima tenha ido residir em Recife em 1898. Todavia,

Antônio Batista Guedes e outros cantadores e com eles reanimou a cantoria em todas as regiões de fácil acesso"[549].

Silvino Pirauá Lima era irmão do também cantador José Martins[550] e, como dito, foi aprendiz de Romano do Teixeira. A seu respeito os pesquisadores Átila Almeida e José Alves Sobrinho asseveram:

> Pirauá aprendeu a cantar no tempo das cantorias em quatro linhas. Talentoso, sentindo falta de espaço nas quadras para expansão das ideias, introduziu a sextilha e a obrigação de o adversário compor o primeiro verso da resposta rimando com o último deixado pelo contendor – a regra da deixa.
> [...]
> É preciso não esquecer que a cantoria explodiu, nos termos conhecidos hoje, no final do século passado, depois das inovações introduzidas por Pirauá, de mistura com a preocupação intelectual do grupo de Teixeira [...]
> Não é à toa que se afirma ter sido [Silvino] Pirauá [de Lima] um gênio no seu universo sócio-cultural.[551]

Na poesia íbero-árabe a sextilha possuía os esquemas de rimas AAABAB[552], ABBACC ou ABABCC[553], modificados pelo poeta brasileiro Antônio Gonçalves Dias (1823–1864) para o esquema aBcBdB e com esse formato introduzida na cantoria por Romano do Teixeira e Silvino Pirauá Lima em substituição à quadra, tornando-se desde então a espécie de estrofe mais utilizada na Poesia Sertaneja.

Ainda segundo Átila Almeida e José Alves Sobrinho, Silvino Pirauá Lima criou os estilos Martelo agalopado (ou Martelo a gabinete ou Martelo-de-seis-pés)[554] e Toada alagoana (ou Nonilha ou Nove palavras por seis)[555].

Em relação ao cordel, Francisco das Chagas Batista assinala que Silvino Pirauá Lima (patrono da cadeira nº 17 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel) "foi o iniciador do romance em versos"[556], no que é acompanhado por Câmara Cascudo, que observa que "popularizou o romance em versos. Os cantadores já não recordavam os velhos romances e o

---

como José Mota Victor assinala, consta do Livro 4, fls. 17, registro 62 da Paróquia de Nossa Senhora da Guia (Patos/PB), Silvino Pirauá de Lima casou com Edvirgens Maria de Lima em 26 de julho de 1902 (*Silvino Pirauá de Lima: o gênio da Literatura de Cordel*, p. 51), donde é possível inferir que tenha ido residir na capital pernambucana apenas após essa data.

[549] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 312.

[550] Cfr. Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 29.

[551] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 62 e 164. Noutra página desta obra estes pesquisadores ratificam que "Silvino Pirauá escreveu os primeiros folhetos ou romances em sextilha" (p. 46).

[552] Cfr. Teófilo Braga, *História da poesia popular portuguesa (Ciclos épicos)*, p. 55-56, e.

[553] Cfr. Yara Frateschi, *Poesia medieval*, p. 18.

[554] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 45.

[555] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48, e Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia...*, p. 39.

[556] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 91.

gênero morrera inteiramente"[557].

Também Átila Almeida e José Alves Sobrinho assinalam que "quem lançou a moda de inventar desafios foi Silvino Pirauá Lima [...], um dos que com Leandro [Gomes de Barros] primeiro imprimiram folhetos [...] Silvino Pirauá Lima foi dos primeiros, talvez tenha antecipado Leandro [Gomes de Barros], na composição de romances escritos, quer dizer, como poeta de bancada"[558]. Mais recentemente, o cientista da literatura Aderaldo Luciano considera que "quem sistematizou a publicação de folhetos de cordel foi, sem dúvida, Leandro Gomes de Barros, embora Silvino Pirauá tenha sido o criador do romance em versos"[559] e pelo escritor José Mota Victor, que assevera que "'*Zezinho e Mariquinha ou a Vingança do Sultão*' de Silvino Pirauá é considerado o primeiro romance de cordel publicado no Brasil"[560].

Sobre essa temática em obra monográfica José Alves Sobrinho assinala:

> No fim do século passado, os cantadores Silvino Pirauá Lima e Germano Alves de Araújo Leitão (Germano da Lagoa), o primeiro de Patos das Espinharas e o segundo da Serra do Teixeira, ambos paraibanos, escreviam e cantavam, ao som de suas violas, romances e pelejas, tais como *A história do Rio de São Francisco*, *A história do Capitão do Navio*, *A história de Crispim e Raimundo*, *A história de Zezinho e Mariquinha* e a célebre *Peleja de Inácio da Catingueira com o mestre Romano da Mãe d'Água* escrita por Silvino Pirauá Lima. O que não sabemos é se Pirauá e Germano chegaram a imprimir nesse tempo tais trabalhos. O que sabemos é que eles ficaram correndo mundo como propriedades suas.[561]

Dentre outros cordéis, Silvino Pirauá Lima é autor de *A peleja da alma*[562], *As três moças que queriam casar com um moço só*, *Desafio de Zé Duda com Silvino Pirauá*, *Descrição do Amazonas*, *Descrição da Paraíba*, *História de Zezinho e Mariquinha*, *História do capitão do navio* e *E tudo vem a ser nada*, que transcreve-se a seguir:

> Tanta riqueza inserida
> Por tanta gente orgulhosa
> Se julgando poderosa
> No curto espaço da vida
> Oh! que ideia perdida
> Oh! que mente tão errada
> Dessa gente que enlevada

[557] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 312.
[558] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 62 e 164.
[559] Aderaldo Luciano, *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro*, p. 77.
[560] José Mota Victor, *Silvino Pirauá de Lima: o gênio da Literatura de Cordel*, p. 40.
[561] José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 22.
[562] Este cordel foi apropriado por Ariano Suassuna para compor seu *Auto da Compadecida*.

Nessa tingida grandeza
junta montões de riqueza
E tudo vem a ser nada

Vemos um rico pomposo
Afetando gravidade
Ali só reina bondade
Nesse mortal orgulhoso
Quer se fazer caprichoso
Vive de venta inchada
Sua cara empantufada
Só apresenta denodos
Tem esses inchaços todos
E tudo vem a ser nada

Trabalha o homem, peleja
Mesmo a ponto de morrer
É somente para ter
Que ele se esmoreja
Às vezes chove e troveja
E ele nessa enredada
Alguns se põem na estrada
À lama, ao sol ao chuveiro
A juntam muito dinheiro
E tudo vem a ser nada

Temos palácios pomposos
Dos grandes imperadores
Ministros e senadores
E mais vultos majestosos
Temos papas virtuosos
De uma vida regrada
Temos também a espada
De soberbos generais
Comandantes, marechais
E tudo vem a ser nada

Honra, grandeza, brasões
Entusiasmos, bondades
São completas vaidade
São perfeitas ilusões
Argumentos, discussões
Algazarra, palavrada
Sinagoga, caçoada
Murmúrios, tricas, censura
Muito tem a criatura
E tudo vem a ser nada

Vai tudo numa carreira
Envelhece a mocidade
A avareza e a vaidade
E, quer queira ou não queira
Tudo se torna em poeira
Cá nesta vida cansada

É uma lei promulgada
Que vem pela mão Divina
O dever assim destina
E tudo vem a ser nada.

Formosuras e ilusões
Passa-tempos e prazeres
Mandatos, altos poderes
De distintos figurões
Cantilenas de salões
E festa engalanada
Virgem-donzela enfeitada
No gozo de namorar
Mancebos a flautear
E tudo vem a ser nada

Lascivas, depravações
Na imoral petulância
São enlevos da infância,
São infames corrupções
São fingidas seduções
Que faz a dama enfeitada
Influir-se a rapaziada
Velhos também de permeio
E vivem nesse paleio
E tudo vem a ser nada

Bailes, teatros, festins
Comédia, drama, assembleia
Clube, liceu, epopeia
Todos aguardam seus fins
Flores, relvas e jardins
Festas com grande zuada
Outeiro e campinada
Frondam, copam e florescem
Brilham, luzem, resplandecem
E tudo vem a ser nada

O homem se julga honrado
Repleto de garantia
De brasões e fidalguia
É ele considerado
Mas, quanto está enganado
Nesta ilusória pousada
Cá nesta breve morada
Não vemos nada imortal
Temos um ponto final
E tudo vem a ser nada

Tudo quanto se divisa
Neste cruento torrão
As arvores, a criação
Tudo em fim se finaliza
Até mesmo a própria brisa

Soprando a terra escarpada
Com força descompassada
Se transformando em tufão
Deita pau, rola no chão
E tudo vem a ser nada

Infindo só temos Deus
Senhor de toda grandezas
Dos céus e da natureza
De todos os mundos seus
Do Brasil, dos Europeus
Da terra toda englobada
Até mesmo da manada
Que vemos no arrebol
Nuvem, lua, estrela e sol
Tudo mais vem a ser nada[563]

3.4.9 Leandro Gomes de Barros

Outro expressivo componente da Escola de Poesia de Teixeira foi o cordelista Leandro Gomes de Barros (Pombal/PB, 1860[564] – Recife/PE, 1918), "escritor que viveu exclusivamente de sua pena [...], fundador da popular literatura poética de cordel no Nordeste"[565] e que Câmara Cascudo assim caracteriza:

> Conheci-o na capital pernambucana. Baixo, grosso, de olhos claros, bigodão espesso, cabeça redonda, meio corcovado, risonho contador de anedotas, tendo a fala cantada e lenta do nortista, parecia mais um fazendeiro que um poeta. Pleno de alegria, de graça e de oportunidade.[566]

Leandro Gomes de Barros ficou órfão de pai aos 7 anos de idade e foi residir em Teixeira sob a tutela de seu tio materno, o Padre Vicente Xavier de Farias. Aí permaneceu até 1880[567], quando "desceu a Serra da Borborema para os lados de São José do Egito e de lá tomou outro norte na direção de Bezerros, Vitória de Santo Antão, Jaboatão e, por fim, Recife"[568], que por essa razão tornou-se o centro do Sertão da Poesia (junto com Guarabira/PB) no período de 1903 a 1918, ano em que esse cordelista faleceu.

---

[563] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 102-105. Na mesma página este autor reitera, a seguir: "[Leandro Gomes de Barros] não teve outro negócio a não ser o de fazer versos e vendê-los".

[564] Cfr. Arievaldo Viana, *Leandro Gomes de Barros, grande mestre da poesia popular brasileira* – Disponível em https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2014/10/leandro-gomes-de-barros-grande-mestre.html?m=1.

[565] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 106. Leandro Gomes de Barros é o patrono da cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e no dia de seu nascimento, 19 de novembro, comemora-se o Dia do Cordelista.

[566] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 319.

[567] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 78.

[568] José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 22.

Segundo Pedro Baptista, Leandro Gomes de Barros iniciou a publicação de cordéis em 1893[569] e, tendo como características principais a crítica mordaz e a pilhéria[570], sua vasta produção possivelmente ultrapassa 600 cordéis[571], a exemplo de *O boi misterioso*, *História de Alonso e Marina*, *Os sofrimentos de Alzira*, *A mulher roubada*, *A órfã abandonada*, *O gênio das mulheres*, *Vida e testamento de Cancão de Fogo*, *O dinheiro* (também conhecido como *O testamento do cachorro*), *O cavalo que defecava dinheiro*[572] e *A esperança do pobre*, do qual transcrevo as estrofes iniciais:

O pobre nasce em um prólogo
Cria-se sempre lutando
Aprende quase correndo
E morre ainda esperando
Planta feijão em janeiro
Planta milho em fevereiro
Na fé de matar a fome
Trabalha que seca o braço
Chega-lhe a lagarta em março
Tudo que ele plantou come

Se faz negócio se enrasca
Se vende fiado, perde
Se o pai tiver reumatismo
Não há força que o deserde
Se planta, a chuva lhe falta
Se chove, chega a lagarta
A formiga e o besouro
Vêm tantos que a terra cobre
Pôs o galinha do pobre
O ovo que põe é gouro

Consulta com a mulher
O que poderá fazer
Ela diz: – Plante um roçado
Se Deus nos deixar colher
Apura-se um dinheirinho
Você compra um cavalinho
Negocia mesmo pouco
Ele faz o que ela diz
E se for muito feliz
Talvez ainda compre um porco

O pobre tem a mania
Desde seus antepassados
De dizer Cristo foi pobre

Fig. 41 – Leandro Gomes de Barros



[569] Cfr. Sebastião Nunes Batista, *Poética popular do Nordeste*, p. 63.
[570] Cfr. Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 106.
[571] Cfr. Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 106, Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 318, e Arievaldo Viana, *Leandro Gomes de Barros*.
[572] Os dois últimos cordéis foram apropriados por Ariano Suassuna para compor seu *Auto da Compadecida*.

Mas foi pai dos desgraçados
Diz ao filho não se empalhe
Lute na vida e trabalhe
Tenha ânimo não se aflija
Pode Deus nos ajudar
Eu uma noite sonhar
E tirar uma botija

Faz mais de dez mil promessas
A fim de viver melhor
Não sei se os santos se enganam
Que cada vez fica pior
Não blasfema, se consola
Do pouco que tem dá esmola
E cada vez mais se atrasa
Diz-lhe a mulher: Meu marido
Você está quase perdido
E foi caipora da casa

Menino pobre e viúva
Qualquer pessoa os engana
Viúva com casamento
E menino com banana.
O pobre é fácil enganar
Com projeto de enricar
Engana-o como de fato
Meu avô sempre dizia
Sempre sempre repetia:
Todo homem pobre é pato[573]

3.4.10 Josué Romano da Silveira Caluete

Um dos últimos componentes da Escola de Poesia de Teixeira foi o cantador Josué Romano da Silveira Caluete (Teixeira, 1874[574] – Sumé/PB, 1913[575]), conhecido como Romaninho, filho do aludido cantador Romano do Teixeira.

Uma de suas mais aclamadas pelejas de Josué Romano foi a que travou com Manoel Serrador, da qual transcrevem-se as seguintes estrofes:

Serrador – Eu me chamo Manoel
Por alcunha Serrador
A minha serra não torce
Seja que madeira for
Os dente dela vomitam
Grande raio abrasador

[573] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 124-126.
[574] Cfr. Assento de Óbito de seu pai, Romano do Teixeira, em Family Search – Brasil – Paraíba – Registro Civil – 1879-2007 – Patos – Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-61ZW-Q6?i=131&cc=2015754&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQGX2-9J1D.
[575] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 239.

Josué – Serrador, eu nunca achei
Cantador que me afrontasse
Nem cerco que eu não rompesse
Burro que eu não amansasse
Barbatão que me investisse
E eu no chão não botasse

Serrador – Josué, fica sabendo
Tu vive numa cegueira
Um fósforo acaba um palácio
Neblina acaba uma fera
Lá um dia a casa cai
Uma vez é a primeira

Josué – Eu já suspendi um raio
E fiz o vento parar
Já fiz estrela correr
Já fiz sol quente esfriar
Já segurei uma onça
Para um moleque mamar[576]

Fig. 42 – Josué Romano da Silveira Caluete



Fonte: Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia ilustrada dos cantadores*, p. 186

Como o próprio Josué Romano assinala em seu cordel *Romance de Josué e Pequena*, em 1904 foi residir em Belém/PA, deixando em Teixeira sua prima e namorada Francisca Pequena:

Em novecentos e quatro
Em março lhe escrevi
Comunicando ausentar-me
Saudoso me despedi
Além de ausência, cuidado
Para o Norte segui

Desembarquei no Pará
Logo me fotografei
Escrevendo a Pequena
Meu retrato lhe mandei
Com saudosa esperança
Firme lhe comuniquei[577]

Anos depois Josué Romano retornou com "três contos de réis, quantia avultada para a época, o que lhe possibilitava trajar à maneira dos lordes"[578] e tornou-se aprendiz do cantador Silvino Pirauá Lima (que, reitere-se, foi aprendiz de Romano do Teixeira), com quem "percorria anualmente os Estados do Nordeste, cantando ambulante"[579].

[576] Manoel Serrador e Josué Romano, estrofes transcritas por Leonardo Mota em *Cantadores*, p. 85.
[577] Josué Romano da Silveira Caluete, estrofes transcritas por Átila Almeida e José Alves Sobrinho em *Dicionário*..., p. 240.
[578] Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia*..., p. 181.
[579] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 91.

Da autoria de Josué Romano vale transcrever estrofes do cordel *República e Monarquia*, em que disserta a respeito de costumes da época:

Fig. 43 – Josué Romano da Silveira Caluete



Fonte: José Mota Victor, *Silvino Pirauá Lima: o gênio da Literatura de Cordel*, p. 129

Nesta lei republicana
Diversidade é o que há
Até mesmo o uso da roupa
Com excesso grande está
Eu, com ativa lembrança
Quero mostrar a mudança
De oitenta e nove pra cá

De oitenta e nove pra cá
Temos o nosso Brasil
Regido pela República
Impostos são mais de mil
A Monarquia acabou-se
República foi quem trouxe
O casamento civil

Até as educações
Têm excesso cometido
Filhos não respeitam pai
O costume é pervertido
Vê-se velho malcriado
Menino adiantado
Tudo está mal permitido

Antigamente, o cabelo
Era somente cocó
Hoje querem é pastinha
Com crepon e bendengó
Tem mulher que usa e gosta
De botar trança suposta
Quando o cabelo é cotó

Está se usando no cabelo
Hoje, pelas capitais
Um penteado de pasta
Que chamam *mata-rapaz*
Assim é que estão usando
Este uso se acabando
Não sei o que inventam mais

O tal de *mata-rapaz*
É um tanto aguaribado
É um cabelo sem óleo
Que parece arrepiado
Só é como acham graça
E, por causa lá da praça
No sertão se tem usado

Eu descrevo nestes versos

E não censuro, antes louvo
Estas altas novidades
Que são do gosto do povo
Por isso, canto e elogio
Porque eu mesmo aprecio
Andar no modelo novo[580]

A partir dele, em sua família o nome Romano passou a ser usado como sobrenome coloquial e mesmo oficial, a exemplo de seu filho João Pequeno Romano (Mãe d'Água/PB, 1903–1972) e o filho desse, o poeta Edísio Soares Pequeno (Mãe D'Água/PB, 1938 –), que também assina Edísio Romano.

4 Fig. 44 – O autor e o poeta Edísio Soares Pequeno (Edísio Romano), autor do livro *Os sonhos de um poeta* (Mãe d'Água/PB, 08/04/2022)



Fonte: Arquivo do autor

Como assinalado, Josué Romano faleceu em 1913 (como dito, em Sumé/PB), mesmo ano em que também faleceu Silvino Pirauá Lima (como dito, em Bezerros/PE) e, poucos anos depois, em 1918 faleceram Nicandro Nunes da Costa (em São José do Egito) e Leandro Gomes de Barros (em Recife/PE), todos em lugares diversos de sua terra natal e sem que em Teixeira houvesse continuidade nas práticas poéticas com a mesma intensidade que se observou na segunda metade do séc. XIX.

Esses fatos e circunstâncias tornam possível vislumbrar o início do séc. XX como o termo final da Escola de Poesia de Teixeira, cujos componentes no entanto contribuíram fundamentalmente para a configuração da Escola de Poesia do então vizinho Município de São José do Egito, que, como dissertarei no capítulo seguinte, sintomaticamente teve como precursor um cantador de viola descendente indígena Xukuru.

[580] Josué Romano, cordel *República e Monarquia*, transcrito por Leonardo Mota em *Cantadores*, p. 124-127.

CAPÍTULO 4

"MUSA DO PAJEÚ"
A ESCOLA DE POESIA DE SÃO JOSÉ DO EGITO

Das musas santo caminho
Poder mágico, soberano
Berço de Rogaciano
Dos Batistas, de Marinho
Do som das cordas do pinho
Das fogueiras de São João
Das festas de apartação
De vaqueiro, aboio e grito
É São José do Egito
A terra da inspiração

Lourival Batista
São José do Egito

4.1 São José do Egito: centro do Sertão da Poesia do início do séc. XX à atualidade

Neste capítulo inicialmente dissertarei sobre São José do Egito como centro do Sertão da Poesia do início do séc. XX à atualidade e, nesse contexto, sobre a importância da vinda de componentes da Escola de Poesia de Teixeira para essa região no final do séc. XIX. Adiante, dissertarei sobre Antônio Marinho do Nascimento, descendente Xukuru precursor da Escola de Poesia de São José do Egito, registrarei de que forma esse movimento intensificou-se com a vinda de famílias do Sertão do Piancó, do Sertão do Espinharas e do Sertão do Sabugi e por fim elencarei diversos outros poetas que compõem esse movimento cultural.

Inicialmente vale reiterar que o segundo ciclo do Sertão da Poesia estende-se aos dias atuais e tem início em 1911, ano em que Antônio Marinho do Nascimento, nascido em São José do Egito, iniciou suas práticas como cantador de viola profissional e intensificou a configuração do movimento sociocultural que, por analogia com a Escola de Poesia de Teixeira, denomino Escola de Poesia de São José do Egito, município que "tem sido neste século [XX] como que o celeiro dos grandes cantadores, dos repentistas e dos poetas populares do Sertão do Estado"[581] e cuja área de influência poética abrange os municípios pernambucanos de Brejinho, Santa Terezinha, Itapetim, Tuparetama,

[581] Luís Wilson, *Roteiro...*, p. 21-22. Em sua *Antologia da poesia popular de Pernambuco* (2002) Mário Souto Maior e Waldemar Valente assinalam que "a capital da cantoria é o município de São José do Egito. Tanto é assim que dos 48 repentistas sertanejos, 32 nasceram naquele município" (p. 10), na *Antologia ilustrada dos cantadores* Francisco Linhares e Otacílio Batista elencam 137 poetas dos quais 17 são egipcienses, no *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada* Átila Almeida e José Alves Sobrinho elencam 37 poetas naturais desse município e no *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão* Luís Wilson elenca 41 poetas, dos quais 22 nascidos em São José do Egito.

Tabira, Solidão, Iguaraci, Afogados da Ingazeira, Ingazeira (todos esses no Alto Sertão do Pajaú) e Sertânia (no Sertão do Moxotó) e os municípios paraibanos de Taperoá, Livramento, Amparo, Monteiro, Ouro Velho e Prata (os quatro últimos no Sertão do Kariri Ocidental)[582].

4.2 Veredas: o que faz o Tao ser grande – Travessias poéticas de Teixeira para São José do Egito

Como oportunamente discorreremos, a configuração da Escola de Poesia de São José do Egito iniciou-se no final do séc. XIX, quando componentes da Escola de Poesia de Teixeira vieram residir nas então contíguas terras egipcienses, e consolidou-se no final da década de 1920 com a finalização do processo de loteamento de uma grande extensão de terras denominada Data dos Grossos[583], quando pequenos proprietários paraibanos aí chegaram provindos sobretudo do Sertão do Piancó (cujo centro é o Município de Piancó/PB), do Sertão do Espinharas (cujo centro é o Município de Patos/PB) e do Sertão do Sabugi (cujo centro é o Município de Santa Luzia/PB).

Tais circunstâncias denotam que os processos de ocupação dos sertões de Teixeira e São José do Egito ocorreram em uma situação de fronteira aberta (também denominada fronteira móvel ou de continuidade[584]), não apenas no sentido fundiário (o que, aliás, permitiu "ao Pajeú e à Serra do Teixeira hoje serem áreas com estrutura agrária relativamente desconcentrada, com predomínio da agricultura familiar"[585]) mas também no sentido sociocultural de um processo dinâmico em que teceram-se redes de relacionamentos que possibilitaram o encontro, o intercâmbio e a multiplicação de ambientes onde práticas relacionadas à poesia foram não apenas toleradas mas sobremodo incentivadas.

---

[582] Alguns poetas representativos desses lugares são Severino Feitosa (Santa Terezinha/PE, 1948 –), José Adalberto Ferreira (Zé Adalberto) (Itapetim/PE, 1962 –), Mariana Teles (Tuparetama/PE), José Rufino da Costa Neto (Dedé Monteiro) (Tabira/PE, 1949 –), Diomedes Laurindo de Lima (Diomedes Mariano) (Solidão/PE, 1964 –), Maciel Melo (Iguaraci/PE, 1962 –), Alcides Lopes de Siqueira (Sertânia/PE, 1901 – Recife/PE, 1997), Elísio Félix da Costa (Canhotinho) (Taperoá/PB, 1913 – Campina Grande/PB, 1965), Valdir Fernandes Teles (Valdir Teles) (Livramento/PB, 1955 – Tuparetama/PE, 2020), Pinto do Monteiro (Monteiro/PB, 1895 – 1990) e Diniz Vitorino Ferreira (Monteiro/PB, 1940 – Caruaru/PE, 2010).

[583] Cfr. itens 2 e 4 da relação apresentada por Yony Sampaio em *A Casa da Torre e o sertão de Pernambuco*, p. 44-48.

[584] Cfr. Arno Alvarez Kern, *Fronteira / fronteiras: conceito polissêmico, realidades complexas*, p. 13, José de Souza Martins, *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*, p. 151, e Peter Burke, *Hibridismo cultural*, p. 69).

[585] Aldo Branquinho Nunes e Kaliane de Freitas Maia, *O sertão revisitado: novos caminhos de pesquisa contra velhas narrativas sobre o mundo rural no semiárido nordestino*, p. 26.

Para analisar esse processo valho-me de uma chave oferecida pelo escritor Guimarães Rosa a partir do seguinte traço (igualmente no sentido literal do termo) relativo ao título de seu livro *Grande sertão: veredas*: por ocasião da tradução alemã dessa obra, Rosa pediu ao editor que retirasse o til de "sertão", o que me permitiu conjecturar que pretendia que essa palavra fosse compreendida como "sertao" em uma perspectiva que avizinha-se de "ser Tao" quando ele mesmo disse que "desde cedo, apenas, também eu aprendera que 'o sábio fia-se menos da solércia e ciência humanas que das operações do Tao'"[586].

Ora, sabe-o o sábio Rosa: quem se fia menos da solércia e ciência humanas que das operações do Tao é sábio precisamente porque sabe que Tao é o Caminho (em sua obra o sertão, ou seja, a alma[587]) que sertanejamente remete às veredas, ou seja, aos caminhos estreitos que afluem àquele. E se como diz veredas são "umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas"[588], cogitei compreender "grande sertão: veredas" como "grande ser Tao igual a veredas" e, a partir daí, que pessoas raras é o que engrandece a vida: "veredas são o que faz o Tao ser grande" ↔ pessoas raras engrandecem nossa vida.

Daí porque, a partir da razão poético-roseana, é possível pensar a fronteira aberta Teixeira–São José do Egito como travessia atravessada por veredaspessoas raras ("Existe

---

[586] João Guimarães Rosa, *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras* – Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse.

[587] Sertão em Rosa é alma: "O sertão está em toda a parte [...], este simples universozinho nosso aqui. [...] O sertão é do tamanho do mundo [...], um mar sem fim... [...] O sertão é sem lugar [...] O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena [...] Sertão: é dentro da gente" (*Grande sertão: veredas*, p. 9, 17, 21, 55, 220, 328, 350, 356, 366 e 645). Para o verso "o sertão é do tamanho do mundo" veja-se Heráclito: "Não é possível descobrir os limites da alma, mesmo percorrendo todos os caminhos: tão profunda medida ela tem" (Frag. 232). Para "O sertão está movimentante todo-tempo" veja-se Heráclito: "Para os que entrarem nos mesmos rios, outras e outras são as águas que por eles correm" (Frag. 214). Para "O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena" veja-se Heráclito: "A verdadeira constituição das coisas gosta de se ocultar" e "O senhor, cujo oráculo está em Delfos, nem fala nem oculta, mas manifesta-se por sinais" (Frags. 208 e 244). Nesse contexto, Riobaldo (o Zaratustra roseano) simboliza a alma baldeada, agitada, confusa porque ama outro homem: "E então, por uma vez, eu peguei o pensamento em Diadorim, com certo susto, na liberdade. Constante o que relembrei: Diadorim, no Cererê Velho, no meio da chuva – ele igual como sempre, como antes, no seco do inverno-de-frio. A chuva água se lambia a brilhos, tão tanto riachos abaixo, escorrendo no gibão de couro. Só esses pressentimentos, sozinho eu senti. O sertão se abalava?" – p. 404) e Urutu-Branco simboliza a alma depurada, sossegada, cristalina porque enfim tem a coragem jagunça de afirmar-se nesse amor ("– 'Você tem receio, Riobaldo?' – Diadorim me perguntou. Eu?! Com ele em qualquer parte eu embarcava, até na prancha de Pirapora! – 'Vau do mundo é a coragem...' – eu disse" [...] Daí, [Zé Bebelo] riu, e disse, mesmo cortês: – 'Mas, você é o outro homem, você revira o sertão... Tu é terrível, que nem um urutu branco...' O nome que ele me dava, era um nome, rebatismo desse nome, meu" – p. 217 e 310).

[588] João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, p. 74.

é homem humano. Travessia"[589]) que poeticamente engrandeceram a vida dessa região ao ponto de torná-la o novo centro do Sertão da Poesia.

Giremos a chave...

4.2.1 Veredas provenientes de Teixeira, "dedo para o gatilho e para o violão"

De meados do séc. XIX ao início do séc. XX, no período em que figurou como o centro do Sertão da Poesia o município de Teixeira era simultaneamente conhecido pelo cangaceirismo: "Todo homem do Teixeira atirava bem e cantava modinhas ainda melhor. Dedo para o gatilho e para o violão"[590].

O historiador paraibano Coriolano de Medeiros corrobora essa assertiva ao assinala, em texto de 1914, que "lutas políticas, repetidos assaltos de cangaceiros, impeliram a localidade [de Teixeira] para a decadência de que, atualmente, vai tentando libertar-se"[591]. Da mesma forma assevera o pesquisador Gustavo Barroso em seu *Heróis e bandidos* (1917):

> No interior da Paraíba, [o papel de *habitat* do banditismo] é exercido pela vila do Teixeira e terras circundantes, cortadas pela estrada que, partindo do São Francisco, atravessa a bacia do [Rio] Piranhas, por onde transita o maior comércio daqueles lugares. Os baluartes da Borborema impedem a marcha dos elementos civilizadores que vêm do litoral e as suas alfurjas [antros, lugares propensos à decadência moral] dificultam as perseguições. Os mais afamados cantadores sertanejos documentaram a celebridade do Teixeira. Essa tradição oral é uma das mais sinceras fontes para a história do cangaço.[592]

Também dessa época é o artigo *Atenas de Cantadores* (1928), do historiador teixeirense Pedro Baptista:

> Ao lado do cangaceiro quase sempre se encontra o cantador. São dois tipos que se completam. Um executa e o outro leva o feito pelo tempo adiante revivendo-o na memória das gerações sucessivas.
> [...]
> A serra do Teixeira, que se notabilizou nas crônicas regionais como – a terra do cangaço – é também pelo grande acervo de poetas e troveiros que lá tiveram seu berço e lá viveram a Atenas dos cantadores.[593]

[589] Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, p. 429.
[590] Luís da Câmara Cascudo, *Flor de romances trágicos*, p. 19.
[591] Coriolano de Medeiros, *Dicionário...*, p. 261.
[592] Gustavo Barroso, *Heróis e bandidos*, p. 18 – grifei.
[593] Pedro Baptista, *Atenas de cantadores*, p. 21 – grifei.

Nesse texto Pedro Baptista transcreve as seguintes narrativas:

> Conta um seu filho, veterano que fez a campanha do Paraguai como voluntário e que inegavelmente é o maior depositário das tradições locais – Manoel Romualdo da Costa Manduri – (apelido que lhe adveio em virtude da sua formação craniana – semelhante à abelha do mesmo nome) que uma feita, lá nos campos da luta ouvira de um soldado que lhe era desconhecido, naturalmente de região cearense, como trai a gesta que se lhe gravou na memória:
>
> Cariri pra rapadura
> Serra Grande pra algodão
> Recife para fazenda
> Pajeú pra valentão
> Teixeira para enredos
> E Patos pra confusão
>
> Teixeira para enredos [intrigas] – triste notoriedade esta![594]

No âmbito da poesia também colhe-se a seguinte estrofe composta pelo referido glosador Bernardo Nogueira no período da seca de 1877–1879 no mote *Foge povo do sertão*:

> O que é dos cangaceiros
> Que dominavam Teixeira?
> Deu-lhe a fome uma carreira
> Foram esbarrar no lameiro
> Quede o homem de dinheiro
> Que ralhava no sertão?
> Que é feito do valentão
> Que cevava o guarda-costas?
> Vive tudo com as mãos postas
> Dizendo: "Oh! Deus, dai-me pão[595]

Por fim, é ainda Pedro Baptista que noutro escrito registra a seguinte estrofe do cantador José Patrício:

> Então diga-me aonde estão
> Os valentões do Teixeira?
> Onde estão os Guabirabas?
> Brilhante de Cajazeiras?

[594] Pedro Baptista, *Atenas de cantadores*, p. 22.
[595] Bernardo Nogueira de Carvalho, glosa transcrita por Rodrigues de Carvalho em *Cancioneiro do Norte*, p. 313. *Quede*: cadê.

Onde vivem estes homens
Que eu não os vejo na feira?[596]

4.2.2 "As cordas enferrujadas da viola amedrontada": veredas da poesia e da violência

Em prosa e verso as narrativas acima conduzem aos Guabiraba[597], bando de cangaceiros composto pelos irmãos Cirino, Jovino e João Guabiraba e seu cunhado Manoel Rodrigues, que no início da década de 1860 foram expulsos do Alto Sertão do Pajaú (nomeadamente de Afogados da Ingazeira/PE) e "emigraram para a Paraíba, pedindo a *proteção* dos Dantas do Teixeira, Dantas Correia de Góis, estirpe de *landlords*, ricos, poderosos, autárquicos, com direito tácito de homizio impenetrável aos criminosos socorridos pela onipotência familiar"[598] e cujo chefe era Manoel Dantas Correia Góis, neto paterno do capitão Antônio Dantas Correia Góis, conhecido como Velho Anta e um dos primeiros invasores do Teixeira.

Relacionados a esse contexto, alguns fatos ocorridos em Teixeira na segunda metade do séc. XIX são sintomáticos da poesia e da violência que simultaneamente caracterizavam essa região e contribuíram para que, como exemplos de fronteiras móveis, veredas daí oriundas engrandecessem o caminho poético de regiões adjacentes como São José do Egito.

a) Delfino Batista de Melo

À época em que os Guabiraba chegaram a Teixeira o delegado do lugar era Delfino Batista de Melo (também primeiro suplente de Juiz), que, por não receber apoio das autoridades estaduais para combatê-los, transferiu o cargo a Liberato Cavalcanti de Carvalho Nóbrega, que avisou ao bando que não viessem armados à feira da cidade (como era de seu costume).

No dia 22 de abril de 1862 Cirino Guabiraba afrontou a ordem de Liberato, que o emboscou na saída da cidade e nessa ocasião o cangaceiro foi morto em meio a renhido tiroteio. Ao saber do ocorrido, os demais Guabiraba invadiram Teixeira e assassinaram, dentre outros, o referido Delfino Batista de Melo e Antônio Tavares,

[596] José Patrício, estrofe transcrita por Pedro Baptista em *Cangaceiros do Nordeste*, p. 263.
[597] "**Gûabiraba** (s.) [...] nome aplicado a diversas mirtáceas do gênero *Campomanesia*, árvores copadas e muito altas, com folhas pequenas e flores amareladas" (Eduardo Navarro, *Dicionário* ..., p. 129).
[598] Luís da Câmara Cascudo, *Flor de romances trágicos*, p. 20. Cfr. tb. Pedro Baptista, *Cangaceiros do Nordeste*, p. 16 e ss., onde refere-se à família Dantas como *Família Terrível* e à Serra do Teixeira da época como *Serra das Feras Humanas*.

terceiro suplente de Juiz, "homem inofensivo, velho e doente [...] que os viu passar, sentado à porta de casa"[599].

É o que narra Leandro Gomes de Barros no cordel *A vida dos Guabiraba*:

Deixo agora os cangaceiros
Da nossa atualidade
Para contar a história
De outros da antiguidade
Quatro cabras destemidos
Assombro da humanidade

Os Guabirabas eram um grupo
De três irmãos e um cunhado
Todos assassinos por índole
Cada qual o mais malvado
Aquele sertão inculto
Tinha essas feras criado

Era Delfino Batista
O delegado atual
Achou que aqueles bandidos
Iam de encontro à moral
E mandou pedir em ofício
Auxílios na capital

Delfino, não obtendo
Auxílio do Presidente
Então chamou Liberato
Que era primeiro suplente
Passando-lhe o exercício
Dando parte de doente

Cirino, sabendo disso
Temendo uma traição
Foi ao Delfino e disse:
– Vou preveni-lo, patrão
Se sofrermos qualquer cousa
É feia a nossa questão!

No sábado, pelas dez horas
Veio um homem na carreira
E disse: – Seu delegado
Cirino está no Teixeira
Está carregado de armas
Passeando pela feira

José do Carmo o enfrentou
Disparou-lhe o bacamarte
Um tiro muito pesado

[599] Luís da Câmara Cascudo, *Flor de romances trágicos*, p. 21.

Varou-o de parte a parte
Cirino gritou: – Moleque
Sinto não poder matar-te

Os irmãos, assim que viram
A sela em sangue banhada
Chamaram Mané Rodrigues
E deram parte à cunhada
Dizendo a ela: – Não chore
Porque a morte é vingada

E saíram as quatro feras
Em procura do Teixeira
Antes de entrarem na rua
Pegaram o velho Tavares
Lascaram e o sangue dele
Beberam por brincadeira

Encontraram o padre Vicente
Essas feras sem destino
Disseram a ele: – Senhor padre
Mande o sacristão aos sinos
E pode escutar os tiros
Que vamos dar em Delfino

Nessa conversa que estavam
Disse-lhe o padre Vicente
Que o Delfino Batista
Nessa morte era inocente
O culpado disso tudo
Foi Liberato somente

Mas eles nem escutaram
O que o padre dizia
Cortaram em pequenas postas
Com a maior tirania
Uma das melhores almas
Que naquela terra havia[600]

Então, mudaram-se eles
Para Pajeú de Flores
Onde outrora eles já tinham
Praticado mil horrores
Então, na muda pagaram
Estes últimos terrores[601]

Segundo Gustavo Barroso, Jovino Guabiraba e Manoel Rodrigues "morreram queimados", enquanto "João [Guabiraba] foi morto por soldados de polícia de maneira

[600] Os quatro últimos versos dessa estrofe referem-se a Delfino Batista de Melo.
[601] Leandro Gomes de Barros, *A vida dos Guabiraba*, cordel transcrito por Gustavo Barroso em *Ao som da viola*, p. 350-363.

trágica. Feito prisioneiro, cravou os dentes na garganta dum dos *mata-cachorros*. Apunhalaram-no. Morreu, mas ficou com as presas cerradas nas carnes da vítima"[602].

Liberato continuou atuando como Delegado até que em 1866 desentendeu-se com o coronel Manoel Dantas (dentre outros motivos, por não ter atendido a um pedido desse chefe político para libertar um preso seu aliado) e foi destituído do cargo e preso sob a falsa acusação de ter matado Cirino Guabiraba e o coronel Idelfonso Aires Cavalcanti de Albuquerque, esse último "grande amigo da família Dantas"[603] na verdade assassinado pelo cangaceiro João do Bonfim.

Resgatado da cadeia por seu irmão Franco, Liberato passou a ser perseguido sem trégua e, nessa peleja, em 1876 matou com um tiro na cabeça o tenente José Dantas, irmão do coronel Manoel Dantas, e em 1879 foi preso e faleceu na cadeia da capital Paraíba (atual João Pessoa/PB)[604].

b) Bernardo de Carvalho Andrade (Cônego Bernardo)

Como assinala o historiador teixeirense Antônio Xavier de Farias, a partir desses acontecimentos "de então por diante as lutas, quer particulares quer políticas, não tiveram mais tréguas, dando lugar à saída do cônego Bernardo em 1888"[605].

Bernardo de Carvalho Andrade (Teixeira, 1833 – Vitória do Santo Antão/PE, 1908), o Cônego Bernardo, tornou-se sacerdote da paróquia de Teixeira em 1864 e, "apesar de pouco afeiçoado à política, ainda assim militou nas fileiras do partido liberal e chegou a ser deputado estadual em 1878; quando aceitou o oferecimento do governo, construiu o açude de Poços"[606].

Segundo Pedro Baptista, essa foi uma das "causas secretas da inominável intriga que separou os Dantas do Cônego Bernardo":

> A sua ascendência política e ligações de amizade particular aos doutores José Rodrigues Pereira e Tavares da Silva [ex-Presidentes da Província da Paraíba] irritavam ao velho lutador liberal [Manoel Dantas] [...] A partir daí, a chusma de insultos em cartas, em pasquins e pela imprensa marcaram a *via-crucis* da carreira política do

[602] Gustavo Barroso *Heróis e bandidos*, p. 105.
[603] Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 77.
[604] Há narrativas de que Liberato faleceu de varíola, todavia Pedro Baptista assevera que "é corrente na Capital e no Sertão, com insistência e visos de veracidade, que esta morte foi causada propositalmente por veneno, ministrado no alimento" (*Cangaceiros do Nordeste*, p. 244).
[605] Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 77.
[606] Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 74.

abnegado benfeitor do Teixeira, que foi o cônego Bernardo.[607]

As invectivas dos Dantas chegaram ao ápice quando Delmiro Dantas, filho de Manoel Dantas, ajuizou um processo criminal contra o Cônego Bernardo sob a acusação de furto de patrimônio da paróquia[608], fato que mereceu a seguinte reprimenda do poeta teixeirense Germano Alves de Araújo Leitão, como se disse conhecido como Germano da Lagoa e casado em primeiras núpcias com Jacinta Camila das Dores, prima em primeiro grau do Cônego Bernardo:

Não deve ser maltratado
Quem tem bom procedimento
Quem desde o seu nascimento
E do povo apreciado
Só tu o tens agravado
Com tua língua grosseira
Abandona essa carreira
Que tu mesmo compreendes
Que és malvado se ofendes
Ao vigário do Teixeira

Raça de animal anfíbio
Conhecido cangaceiro
Assassino e desordeiro
Coração perverso e tíbio
Fala de um de teu *calíbio*
Que tenha a tua maneira
Tua língua traiçoeira
Até aos santos maltrata
Somente tu achas falta
No vigário do Teixeira

Caçando nos quatro ventos
Que compreendem o Brasil
Não há animal tão vil
Que tenha os teus pensamentos
Que são mais sanguinolentos
Do que a cobra mordedeira
Aranha caranguejeira
Coração de iniquidade
Abusaste da bondade
Do vigário do Teixeira

Agora ficou provado
Que procedes de Caim
Nunca vi um tronco ruim

[607] Pedro Baptista, *Cônego Bernardo*, p. 40 e 41.
[608] Estes e outros documentos foram coligidos por Pedro Baptista em *Cônego Bernardo*, p. 104 e ss.

Dar um fruto apreciado
Tens um instinto malvado
Do Direito és inimigo
E em verdade te digo
Que o diabo é teu sócio
Tu com Deus não tens negócio
Do Céu terás o castigo

Alma que o diabo enjeitou
Língua que a terra não come
Maldito seja teu nome
Na terra que te criou
O diabo te atentou
Tomaste ele por amigo
Eu te renego e maldigo
Coração vil e tirano
Se permaneces no engano
Do Céu terás o castigo[609]

Não obstante as patentes ilegalidades cometidas pelo juiz Manoel Cavalcante Ferreira de Mello na condução desse processo, o Cônego Bernardo foi condenado à revelia e, "acabrunhado pelos desgostos e pela grande mágoa de ver a santa velhinha de 80 anos, sua mãe, sucumbir de contrariedades e sobressaltos advindos do grande cuidado do filho, após sepultá-la, rezar-lhe o sufrágio da religião, sem despedir-se, saiu para não mais voltar"[610].

Por fim, após denúncia feita por vários cidadãos teixeirenses acerca das arbitrariedades cometidas pelo juiz condutor do processo, o Presidente da Província, Francisco de Paula Oliveira Borges, determinou "suspendê-lo do exercício do cargo, para ordenar, como ordena, sua responsabilidade"[611] e, por fim, o Juiz Honório Fiel de Sigmaringa Vás Curado anulou o processo movido contra o Cônego Bernardo e condenou Delmiro Dantas ao pagamento das custas processuais[612].

[609] Germano Alves de Araújo Leitão (Germano da Lagoa), glosas transcritas por Francisco das Chagas Batista em *Cantadores e poetas populares*, p. 74-75. *Calíbio*: calibre. Essas glosas também foram transcritas por Pedro Baptista em seu *Cônego Bernardo*, p. 67-69.
[610] Pedro Baptista, *Cônego Bernardo*, p. 64.
[611] Francisco de Paula Oliveira Borges, ofício transcrito por Pedro Baptista em *Cônego Bernardo*, p. 121-124.
[612] Honório Fiel de Sigmaringa Vás Curado, sentença transcrita por Pedro Baptista em *Cônego Bernardo*, p. 170-177.

Fig. 45 – Cônego Bernardo de Carvalho Andrade



Fonte: Pedro Baptista, *Cônego Bernardo*, verso da Folha de Rosto

c) Guilherme Nunes da Costa

Delfino Batista de Melo e o Cônego Bernardo eram primos de outro teixeirense atingido pela violência: Guilherme Nunes da Costa (?–1870), filho do poeta Agostinho Nunes da Costa Júnior e, portanto, irmão dos poetas Nicandro Nunes da Costa, Hugolino Nunes da Costa e Nicodemos Nunes da Costa, a cujo respeito vale trazer a seguinte narrativa do memorialista teixeirense Frei Hugo Fragoso:

> Ainda iniciando a sua atividade paroquial no Teixeira, teve o vigário Bernardo o seu primo Delfino Batista de Melo, delegado e juiz municipal, assassinado pelos cangaceiros Guabirabas, os quais, segundo se disse na época, foram assalariados pelos chefes políticos locais. Segue-se toda uma perseguição política por parte dos Dantas a outros primos do vigário Bernardo, de maneira especial a Guilherme Nunes da Costa.[613]

[613] Frei Hugo Fragoso, *O vigário Bernardo, reflexo da face do povo teixeirense*, p. 85. Sobre a região de Teixeira nessa época esse pesquisador traz a seguinte narrativa: "Na gente do Teixeira perdurou por muito tempo a memória da maldição que o Pe. [José Antônio de Maria Ibiapina, nascido José Antônio Pereira (1806–1883), conhecido como Padre Ibiapina] lançou sobre o lugar. Quando surgia alguma desgraça ou tragédia, logo se ouvia o comentário: 'É a poeira das sandálias do Pe. Ibiapina, que paira sobre o Teixeira'. O Pe. Ibiapina fizera missões na serra do Teixeira, e ali iniciara com auxílio do povo a construção do cemitério, que posteriormente recebeu a benção (7/6/1860) em outra santa missão pregada pelo capuchinho frei Serafim. Isso, antes do início do paroquiato do vigário Bernardo. Logo que este chega, desencadeia-se uma onda de crimes e cangaceirismo, enlutando as famílias teixeirenses e criando um abismo de ódios e vinganças. É nesse ambiente que volta o Pe. Ibiapina. A 20 de janeiro de 1864 escrevia *O Teixeirense* em seus ataques polêmicos: 'Tivemos também a honrosa visita do Rev. Ibiapina; prestou relevantes serviços. Deixou em começo uma casa de caridade.

Guilherme Nunes da Costa era um "espírito lúcido e combatente que se firmou na antiga crônica teixeirense"[614], "cheio de inteligência e belicoso de espírito"[615], possivelmente exercia atividades de rábula abolicionista – ele mesmo assinala que "não desconhece a legislação criminal do seu país" [616] e Antônio Xavier de Farias chama-o "nosso Lincoln" em referência ao Presidente norte-americano Abraham Lincoln, abolicionista que por esse motivo foi assassinado por adversários políticos.

Certamente por causa de sua atuação como abolicionista Guilherme Nunes da Costa despertou o ódio dos escravagistas que no dia 21 de abril de 1864 mandaram cangaceiros lhe espancar com tamanha crueldade que seis anos depois faleceu em decorrência de moléstias advindas dessa agressão[617].

Antônio Xavier de Farias assim disserta sobre esses acontecimentos:

> Guilherme Nunes ocupava por essa época [1860] o posto de chefe do partido conservador do Teixeira. Homem paupérrimo, mas dotado de grande inteligência e nobreza de sentimentos, ele era grandemente estimado e prestigiado pelo cônego Meira, uma das relíquias que foi da Paraíba.
> Guilherme era ao mesmo tempo dotado de gênio altivo e profligava sem reservas os erros e injustiças da época. Em 1863 [sic: 1864] o tocaiaram a ladeira da Verônica e lhe deram uma grande surra, de cujas consequências veio a falecer um ano depois [sic: faleceu em 1870].
> Este crime uns atribuíram à vingança de seus inimigos políticos, outros a intrigas particulares de família que não vem a pelo mencionar aqui. Foi o nosso Lincoln, como dissemos.

Caridade nessa terra, teatro de malversações e de crimes! Procurou conciliar os espíritos, mas uns tais Dantas que aqui temos para nosso flagelo e dos habitantes do lugar não quiseram conciliação ' [*A Ordem*, Recife, Ano VI, nº 346, 15-3-1864, p. 3; [Armando] Souto Maior [*Quebra quilos*, São Paulo, 1978], p. 32 – onde este autor assinala que "da cidade de Teixeira dizia-se que [o padre Ibiapina] saiu, em 1864, batendo o pó das alpercatas"]. Diante da situações reinante no Teixeira, o Pe. Ibiapina lançou o seu repto profético: 'O estado deste termo é horrível, seu paradeiro será fatal. Por sua devassidão é uma outra Sodoma. O Reverendo Ibiapina já declarou que o castigo do céus estava iminente. Sendo convidado para vir de novo aqui missionar, recusou, declarando que em um lugar onde a virtude vive suplantada e aterrada e o vício e o crime progredindo e florescendo não podia assistir sem que primeiro o castigo de Deus se fizesse conhecido e certo' [*A Ordem*, Recife, Ano VI, nº 373, 20-9-1864, p. 2]" (p. 110).

[614] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 13.

[615] Pedro Baptista, *Cônego Bernardo*, p. 8.

[616] Guilherme Nunes da Costa, razões de Apelação transcritas por Pedro Baptista em *Cônego Bernardo*, p. 105-106.

[617] Maria de Lourdes Nunes Ramalho assevera: "Guilherme, muito inteligente e destemido, era advogado (rábula), funcionando com êxito em questões intrincadas, sem temer vinditas, o que o fazia alvo de ataques por parte de desafetos. Tendo sofrido diversas emboscadas, caiu, por fim, numa armadilha, na Ladeira da Verônica, em Teixeira, agressão que lhe custou a saúde, vindo a morrer de suas consequências" (*Raízes*..., p. 170).

> [...]
> Guilherme também já havia sofrido prisões na cadeia desta vila, por causa de suas crenças políticas.[618]

Ademais, em 1866 Guilherme Nunes da Costa foi processado por José Dantas Correia de Góis Júnior, filho do coronel Manoel Dantas. Condenado e preso, recorreu da sentença através da seguinte narrativa:

> Meritíssimo julgador, o apelante não desconhecendo, como não desconhece, a legislação criminal do seu país, jamais devia entregar-se a uma prisão feita de propósito para ser ele injuriado e arrastado pelo meio de uma feira pública, porque o juiz que a mandou fazer era o Bacharel Manoel Dantas Correia de Góis, inimigo capital do apelante e de toda sua família; pois que, segundo o depoimento de quatro testemunhas, consta que aquele juiz mandou assassinar no dia 22 de abril de 1862, pelos assassinos Guabirabas ao infeliz ex-delegado e juiz Municipal Delfino Batista de Melo, primo e amigo do apelante, e casado com uma sobrinha do mesmo; dá-se mais, que, no dia 21 de abril de 1864, foi o apelante barbaramente espancado na Ladeira da Verônica, deste Termo, por Manoel Virgino e seu irmão João Virgino, e na ocasião que espancavam o apelante lhe disseram os espancadores mencionados que eram mandados elo Bacharel Manoel Dantas Correia de Góis e seu pares [...]
> A prisão do apelante foi para o apelado [Delmiro Dantas] e sua família fazerem dela um espetáculo público; pois que se achavam reunidos a fim de passar a festa de Natal, procuraram um meio de desmoralizar o apelante no meio da feira, e tomarem uma vindita do mesmo [...][619]

Nesse documento vale atentar para a afirmação de Guilherme Nunes da Costa no sentido de que Manoel Dantas Correia de Góis era inimigo capital "de toda sua família", decerto a principal causa para que diversos membros da família Nunes da Costa abandonassem Teixeira, dentre os quais a tríade de poetas Nicodemos Nunes da Costa, Hugolino Nunes da Costa e Nicandro Nunes da Costa, por índole avessos a esse contexto de violência à vista do qual o historiador teixeirense Pedro Baptista refere-se às "cordas enferrujadas da viola amedrontada"[620].

---

[618] Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 76. *Nosso Lincoln*: referência ao Presidente norte-americano Abraham Lincoln, abolicionista assassinado por adversários políticos. A Ladeira da Verônica tem esta denominação em alusão a Verônica Lins de Vasconcelos (esposa de Manuel Lopes Romeu, como se disse um dos primeiros povoadores de Teixeira), que com sua filha e duas escravas teria matado uma onça neste lugar.

[619] Guilherme Nunes da Costa, razões de Apelação transcritas por Pedro Baptista em *Cônego Bernardo*, p. 105-106.

[620] Pedro Baptista, *Cangaceiros do Nordeste*, p. 225. Esse historiador noticia ainda que "a lira dos menestréis destravava-se e se expandia em notas álacres e fortes" após a morte do coronel Manoel Dantas em 1910 (encontrado "hirto e carbonizado" em um velho baú em seu quarto, onde escondera-

O poeta de bancada Nicodemos Nunes da Costa ("provavelmente professor de Latim em Teixeira, Paraíba [que] militava no Partido Conservador, onde era ouvido e acatado pelos seus correligionários"[621]) mudou-se para Santa Luzia/PB, de onde, como vimos, vieram seu avô e seu pai e onde tornou-se "o primeiro tabelião do termo, nomeado em 4/4/1872"[622].

Possivelmente por tais razões também foi residir em Santa Luzia/PB o glosador e cordelista Germano Alves de Araújo Leitão, conhecido como Germano da Lagoa, que como dito foi casado, em primeiras núpcias, com Jacinta Camila das Dores, irmã de Nicodemos Nunes da Costa, e, em segundas núpcias (possivelmente em 1867[623]), foi casado com Antônia Nunes da Costa (1849 – ?), filha de Nicodemos Nunes da Costa.

É o que consta da seguinte estrofe de Antônio Batista Guedes transcrita por seu irmão Francisco das Chagas Batista:

> Com Germano da Lagoa
> Eu desejava cantar
> E fui a Santa Luzia
> Com o fim de o encontrar
> A peleja que tivemos
> Vou nestes versos contar[624]

De semelhante teor é a seguinte narrativa de Pedro Baptista:

> Residia Germano em Santa Luzia do Sabugi quando apareceu-lhe o Joaquim Jaqueira. Foi combinada uma cantoria que se realizou à noite do mesmo dia.
> Germano interpelou:
>
> Jaqueira, você me diga
> O que é que anda fazendo
> Aqui em Santa Luzia?

---

se por ocasião de incêndio provocado por "um grupo de trinta cangaceiros" – e arremata: "Fora miserável o fim triste e negregado do flagelador implacável e desumano que ao longo de sua vida espalhara luto, lágrimas e dissabores") (p. 253 e 256).

621 Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes...*, p. 51-52 e 170. Recorde-se que os Dantas do Teixeira comandavam o Partido Liberal (cfr. Pedro Baptista, *Cônego Bernardo*, p. 40, e Paulo Nunes Batista, *Raízes do cangaço*, p. 73).

622 Alcindo de Medeiros Leite, *O Município de Santa Luzia e sua evolução*, p. 9.

623 Cfr. Assento de Batismo de "Vicência, parda, nascida a vinte e cinco de outubro [de 1868], filha legítima de Germano Alves de Araújo e Antônio Nunes da Costa" (Teixeira - Livro 5 de Batismos, fls. 106 – Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP39-9NC5?i=3009&cc=2177286&cat=1199449).

624 Antônio Batista Guedes, estrofe transcrita por Francisco das Chagas Batista em *Cantadores e poetas populares*, p. 137.

Anda comprando ou vendendo?
Anda dando ou apanhando?
Anda ganhando ou perdendo?[625]

Por sua vez, o poeta cantador Hugolino Nunes da Costa ("um dos teixeirenses deslocados do local de nascimento"[626]) foi residir no lugar denominado Várzea de Santa Luzia do Sabugi (possivelmente localizado no atual Município de Várzea/PB, limítrofe com Santa Luzia/PB[627]), como conste dos assentos de batismo de seus filhos José Nunes da Costa (1856 – ?), Agostinho Nunes da Costa (1859-1944), João Hugolino da Costa (1874 – ?) e Manuel Nunes da Costa (1884 – ?)[628] e do assento de casamento de sua filha Maria Lucinda Nunes (1873 – ?)[629]).

Por essa razão Hugolino Nunes da Costa passou a ser conhecido como Hugolino do Sabugi, como o atesta a seguinte estrofe composta por Ferino Góis de Jurema:

Chegando no Sabugi
Encontrei mestre Hugolino
Embiquei o meu chapéu
Fui logo me *escapulino*
Ante que ele me dissesse
Espera, vem cá, Ferino[630]

Também assim as seguintes narrativa e estrofe transcrita por Francisco das Chagas Batista:

Certa vez, Ugolino chegou inesperadamente ao lugar Barra Lisa e

[625] Germano da Lagoa, estrofe transcrita por Pedro Baptista em *Atenas de cantadores*, p. 27.
[626] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 149. Como afirmei, Hugolino Nunes da Costa nasceu em Santa Luzia do Sabugi [hoje Santa Luzia/PB].
[627] Cfr. Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes*..., p. 203. No mesmo sentido Luís da Câmara Cascudo: "[Hugolino] residia na Vila de Santa Luzia do Sabugi, Paraíba" (*Vaqueiros e cantadores*, p. 309).
[628] Cfr., respectivamente, Assento de Batismo de José Nunes da Costa constante às fls. 175v do Livro 0 de Batizados de Santa Luzia (1842 a 1858) (disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GPSC-764?i=185&wc=9VRT-92S%3A370147201%2C370147202%2C370147203+%3A+22+May+2014&cc=2177286), Maria de Lurdes Nunes Ramalho, *Raízes*..., p. 183, Assento de Batismo de João Nunes da Costa constante às fls. 36 do Livro 3 – Assentos de Batizados da Freguesia de Santa Luzia do Sabugi (disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9PSC-QJZ?i=36&cc=2177286) e Termo de Nascimento de Manoel Nunes da Costa constante às fls. 27 do Livro 5-A – Assentos de Batizados da Freguesia de Santa Luzia do Sabugi (disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GPSC-WFK?i=27&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6DLB-L4Y2).
[629] Cfr. Family Search – Brasil, Paraíba, Registro Civil, 1879-2007 Santa Luzia – Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-61KS-891?i=85&cc=2015754.
[630] Transcrita por Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 313.

> hospedou-se em casa de um seu amigo de nome Pirangi.
> Morava nessa localidade o cantador Elesbão da Cunha Machado. Este, ao saber que Ugolino estava na terra, foi ao seu encontro e, ao apertar-lhe a mão, fez-lhe a seguinte pergunta: "Onde mora e que veio fazer aqui?" Ugolino, ainda segurando-lhe a mão, respondeu-lhe com o seguinte improviso:
>
> No Sertão do Sabugi
> É a minha residência
> Porem, quis a Providencia
> Que eu hoje viesse aqui
> Na casa de Pirangi
> Meu amigo dedicado
> E, uma vez que sou chegado
> Hoje aqui em Barra Lisa
> Eu venho dar uma pisa
> Em Elesbão Cunha Machado
>
> Diante dessa promessa, o Elesbão desistiu de cantar em desafio com Ugolino.[631]

Por oportuno, vale registrar que Hugolino Nunes da Costa também residiu nos Sítios Cordeiro e Quixeré[632], em termos atuais localizados em São João do Sabugi/RN (no limite com Várzea/PB), conforme o seguinte relato e poema composto por seu irmão Nicandro Nunes da Costa, que transcrevo na íntegra inclusive por se tratar de

---

[631] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 49 e 50-51. Da mesma forma assim relata Francisco das Chagas Batista no *Martelo de Romano do Inácio*:

> Inácio, eu tenho cantado
> Com muito homem de tino
> No sul, com Manuel Carneiro
> No Sabugi, com Ugolino
> Como não canto contigo
> Que és fraco e pequenino?
> (*Cantadores e poetas populares*, p. 62)

E o poeta cearense Jacó Passarinho:

> Preto Limão em Natal
> Nogueira no Cariri
> Inácio na Catingueira
> Gulino no Sabugi
> Romano lá no Teixeira
> Zé Duda velho em Zumbi
> (estrofe transcrita por Leonardo Mota em *Cantadores*, p. 62)

Por oportuno, vale registrar que Francisco das Chagas Batista era casado com uma filha de Hugolino Nunes da Costa, sua prima em segundo grau Hugolina Nunes da Costa, natural de Caicó/RN, (cfr. Termo de Casamento disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-653S-XHX?i=364&cc=2015754), e "uma das primeiras 'cantadeiras'. Cantava e se acompanhava ao violão. Na 'Casa Rui Barbosa', da Biblioteca Nacional, no Rio, acham-se arquivadas gravações suas, com cordéis, poesias, tanto da autoria de seu pai, o Mestre Ugolino, como do esposo, [Francisco das] Chagas Batista" (Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes...*, p. 185).

[632] "**QUIXERÊ** – mun. do Ceará; topônimo de origem cariri, provavelmente" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 101).

composição inédita:

Despedida de Nicandro Nunes da Costa quando subia a ladeira da serra de Teixeira após prolongada visita a seus familiares no Vale do Sabugi. Seu irmão Ugolino Nunes da Costa residia com seus filhos e sua segunda esposa, Maria Brasiliana de Jesus, nos sítios Cordeiro e Quixeré, enquanto seu irmão Nicodemos Nunes da Costa era tabelião em Santa Luzia do Sabugi [atual Santa Luzia/PB]

Quando subi a ladeira
Que o sertão olhei
Confesso que molhei
Com lágrimas a poeira
Disse adeus, companheira
Do meu mano, alma de fé
Nicodemos, Nicó, seu Né
Dona Concessa mimosa
Dona Maria formosa
Adeus, adeus, Quixeré

Adeus, amigo Nestor
Bolinha, amado sobrinho
Liberato e Agostinho
Odilon, nobre tutor
Hugolino, terna flor
Gil, inimigo de café
E Agrícola também é
Com pena eu os deixei
Poços onde eu me banhei
Adeus, adeus, Quixeré

Adeus, Diógenes
João, Luiza e Filomena
Compadre, eu parti com pena
De ti e de nosso irmão
Distinto tabelião
E da esposa que lhe firme é
Adeus, árvores, pé por pé
Adeus, rede onde eu dormia
Adeus, mesa onde eu comia
Adeus, adeus, Quixeré

Ide por mim a Romênia
Por tão longínquos caminhos
Dizer adeus aos filhinhos
De Luís e Filomena
Canta carrilho ou avena
A quem com o peito fagueiro
Visitei o forasteiro
Mas como estou longe de lá
Mal posso dizer de cá
Adeus, casa do Cordeiro

.....

Portal, muro, horta, cozinha
Corredor e camarinha
Cama, rede e travesseiro
Tesourinha e candeeiro
Prego, ripa, caibro e telha
Sala, varanda e estrado
Pilar, alpendre e telhado
Adeus, casa do Cordeiro

Recreio encantador
Pousada de um pastoril
Campo melhor do Brasil
Auxílio de um criador
Não vês monte com fulgor
Sobrinho, amado guerreiro
Antônio, meu companheiro
Bem sabes por quem se esmeras
Bem me vês dizer deveras
Adeus, casa do Cordeiro[633]

4.2.3 Veredas poéticas de Teixeira para São José do Egito

Por sua vez, Nicandro Nunes da Costa foi residir em São José do Egito, no que foi acompanhado por seu dileto amigo o também glosador Bernardo Nogueira de Carvalho, veredas que engrandeceram poeticamente o Tao desse lugar e dos egipcienses.

a) Nicandro Nunes da Costa (Nicandro da Cangalha)

"Desgostoso com o confronto entre os Dantas e [seu primo em segundo grau, o

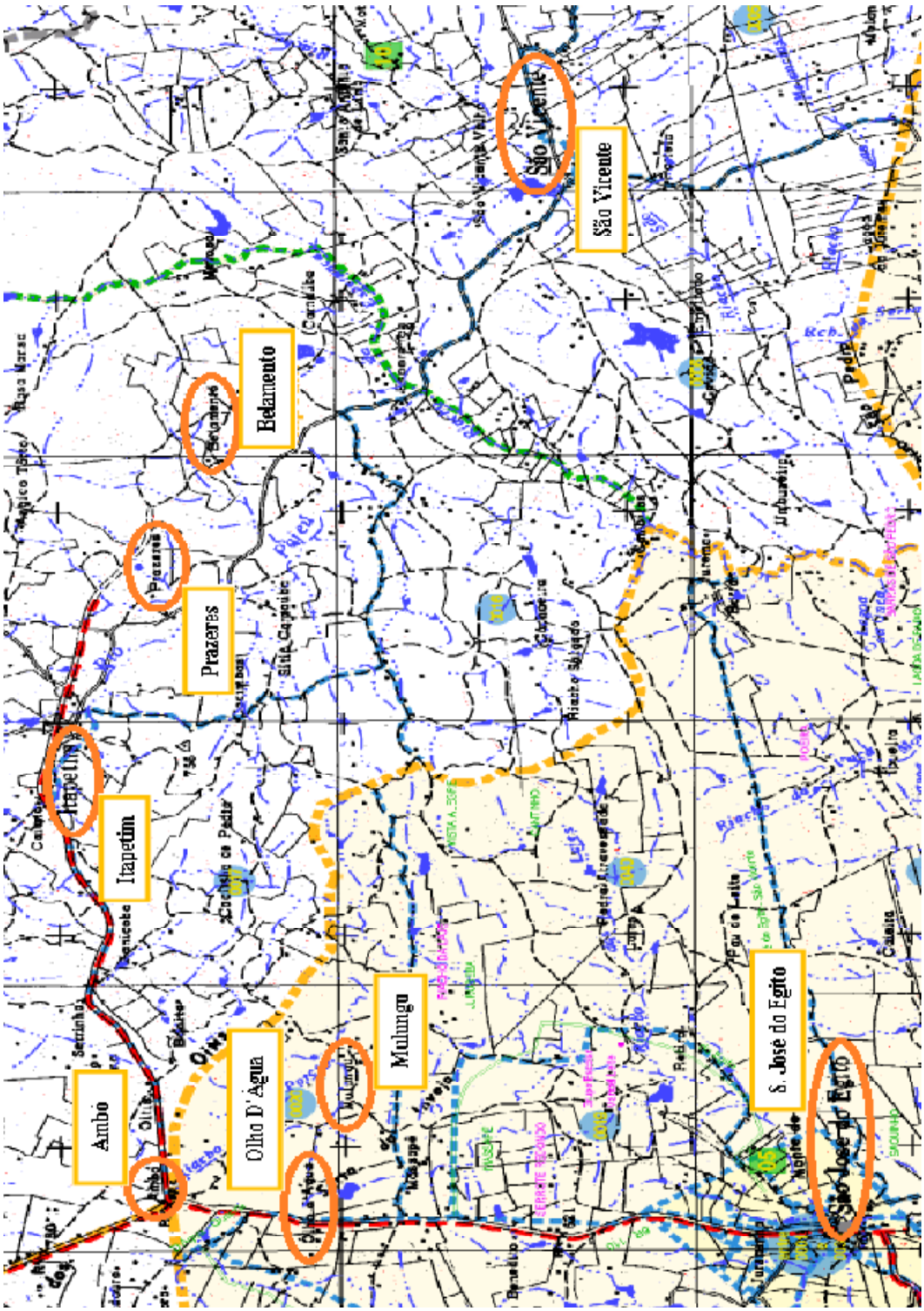
[633] Poema transcrito por Antônio Luís de Medeiros e que foi-me gentilmente cedido por Ana Jailma. Quanto às pessoas citadas por Nicandro Nunes da Costa nesse poema vale registrar: Nicodemos certamente refere-se a seu irmão Nicodemos Nunes da Costa, que como dito residia em Santa Luzia/PB; os demais possivelmente referem-se a sobrinhos seus, filhos de Hugolino Nunes da Costa: Nicó refere-se a Nicodemos Nunes da Costa (1882 – 1950) (assim batizado em homenagem a seu tio homônimo); "Seu Né" refere-se a Manoel Nunes da Costa (conhecido por Tio Né – cfr. Maria de Lurdes Nunes Ramalho, *Raízes*..., p. 184); Liberato refere-se a Liberato Nunes da Costa (assim batizado certamente em homenagem ao referido Liberato Cavalcante de Carvalho Nóbrega); Agostinho refere-se a Agostinho Nunes da Costa; Hugolino refere-se a Hugolino Nunes da Costa Junior (1864 – ?); Filomena refere-se a Filomena Nunes da Costa (1860 – ?); João refere-se a João Hugolino da Costa; Luiza refere-se a Luiza Domingues da Costa (1868 – 1950); Antônio refere-se a Antônio Hugolino (1863 – ?), casado com Joaquina Batista da Nóbrega e, depois dela, com Joana, irmã desta, a respeito das quais Maria de Lourdes Nunes Ramalho assinala: "uma das duas era agente dos Correios, em Várzeas" (*Raízes*..., p. 184); por fim, Agrícola refere-se a um neto de Hugolino Nunes da Costa: Agrícola Nunes de Figueiredo, filho do referido Manuel Nunes da Costa.

coronel] Dario Ramalho [de Carvalho Luna]"[634], por volta de 1855 o poeta glosador e cordelista Nicandro Nunes da Costa saiu de Teixeira e passou a residir no povoado Cangalha, à época pertencente ao Município de São José do Egito (e atual Distrito São Vicente, pertencente ao Município de Itapetim/PE), razão pela qual ficou conhecido como Nicandro da Cangalha[635].

[634] O coronel Dario Ramalho (? – João Pessoa/PB, 1925) era filho de Lucinda Guedes da Carvalho, esta filha de Ana Guedes Alcoforado Filha, esta filha de Agostinho Nunes da Costa Júnior e, portanto, tia de Nicandro Nunes da Costa (cfr. Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes*..., p. 168 e 177).

[635] Cfr. Maria de Lourdes Nunes Ramalho, *Raízes*..., p. 170. Segundo Raimunda Nunes de Albuquerque Fernandes, bisneta de Nicandro Nunes da Costa nascida nessa localidade, o termo "cangalha" designa uma espécie de capim característico dessa região e bastante utilizado para a confecção de um utensílio para o transporte em animais de carga denominado cangalha. Oswaldo Lamartine de Faria e Guilherme de Azevedo esclarecem: "*Cangalha*, s. Arcão [arca grande] de madeira protegido por uma esteira de junco (*Cyperus articulatus* Linn) ou outro material similar, forrada de pano ou couro, destinada ao transporte de carga em eqüídeos" (*Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*, p. 42).

Mapa 17 – IBGE, *Mapa de São José do Egito*

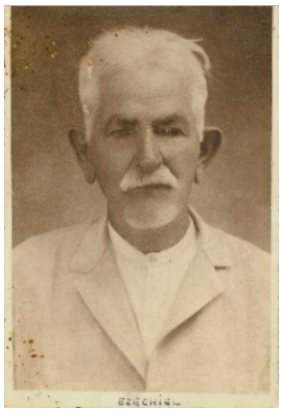


Fonte:IBGE – Mapa Estatístico – SÃO JOSÉ DO EGITO
Disponível em:
https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas//mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/pe/sao_jose_do_egito_v2.pdf

Nicandro Nunes da Costa foi residir mais especificamente na Fazenda Belo Monte (atual Fazenda Belamente), então pertencente a seu possível parente André Ferreira da Costa, rendeiro da Casa da Torre e cunhado de Agostinho Nogueira de Carvalho, esse irmão de Bernardo Nogueira de Carvalho, dileto amigo de Nicandro Nunes da Costa.

É o que se conclui do Assento de Óbito de seu filho Ezequiel Nunes da Costa, nascido em 1855 em São José do Egito[636].

Fig. 46 – Ezequiel Nunes da Costa



Fonte: Family Search
Disponível em: https://www.familysearch.org/tree/person/memories/LDB1-3BV

Do mesmo modo do Assento de Batismo de seu filho Salomão, nascido em 1857 igualmente neste município:

> Salomão, branco, filho legítimo de Nicandro do Nascimento Nunes da Costa e Genuína Ferreira do Nascimento, moradores em Belos Montes desta freguesia, nasceu aos vinte e oito de setembro de mil oitocentos cinquenta e sete, batizado aos vinte de março de mil oitocentos cinquenta oito, na Capela de São José, pelo Padre Joaquim Manoel [?} e Silva de minha licença, foram padrinhos José da Silva Pereira e Maria Magdalena de Siqueira. E para constar mandei fazer este assento em que me assinei.
>
> O Vigário Felippe Benício Moura[637]

---

[636] Cfr. Patos – Registro Civil, 1879-2007, fls. 153-153v – Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-62X3-V7H?i=165&cc=2015754&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQGX2-53NV – Neste documento, o derradeiro sobrenome de Nicandro consta equivocadamente grafado "Sousa".

[637] Afogados da Ingazeira – Livros de Afogados – Batismos de 1856 a 1862 – DSC09400 (fls. 81) – Disponível em CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios – Ingazeira e Afogados da Ingazeira. Alguns documentos de Nicandro Nunes da Costa trazem o sobrenome Nascimento, o que certamente se deve ao sobrenome de sua primeira esposa, Genuína Ferreira do Nascimento (da qual, por seu

Dois anos depois batizou-se sua filha Regina, em cujo assento consta que residiam em Cangalha:

> Aos dezenove de maio de mil oitocentos e cinquenta e nove, nesta Matriz de Santa Maria Madalena, Freguesia da Serra do Teixeira, batizei solenemente com os Óleos Santos a Regina, branca, filha legítima de Nicandro do Nascimento Nunes e Genuína Ferreira de Azevedo, moradores na Cangalha, Freguesia da Ingazeira. Nascido aos doze de fevereiro. Sendo padrinhos Hugolino Nunes da Costa e Perseveranda Camila das Dores, casados. Do que, para constar, mandei fazer este assento em que me assino.
>
> O Vig^rio José Geminiano (?) Reges[638]

Em 1887 em São José do Egito casou-se sua filha Gaudência Ferreira de Azevedo[639] e no ano seguinte, também nesse lugar, nasceu seu neto Antônio Nunes da Costa (filho do referido Ezequiel Nunes da Costa)[640].

Em 1896 nesse local nasceu seu neto Pedro, filho de seu filho André Ferreira da Costa (assim batizado possivelmente em homenagem ao referido sesmeiro André Ferreira da Costa):

> Aos quatro dias do mês de março de mil oitocentos e noventa e seis, nesta povoação de São Pedro das Lajes [antiga denominação do Município de Itapetim/PE], Segundo Distrito do Município de São José do Egito, Estado de Pernambuco. Em meu cartório compareceu Nicandro Nunes da Costa e [na] presença das testemunhas abaixo assinadas, declarou: Que no dia vinte e cinco de fevereiro do corrente ano, às nove horas da noite, no lugar Cangalha deste Distrito nasceu viva a criança do sexo masculino por nome Pedro, filho legítimo de André Ferreira da Costa e Gardênia Ferreira de Azevedo, agricultores, naturais deste Município, residentes no mesmo Cangalha, casados em São José do Egito, avós paternos [sic: maternos] ignora; maternos [sic: paternos] ele declarante e sua antiga, digo primeira mulher Jenuína Ferreira de Azevedo.[641]

---

turno, por vezes também consta o sobrenome Azevedo).

638 Teixeira – Livro 4 (nº 21 na numeração do fotógrafo), fls. 11 – Disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9P39-9NTY?i=2553&cc=2177286&cat=1199449.

639 São José do Egito – Livro 1 – Casamento 1886-1897 – Doc 3671 – fls. 14 – Disponível em CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios.

640 São José do Egito – Livro de Batizados 1886-1894 – Doc. 3234 – fls. 32v – Disponível em CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios.

641 Cfr. Family Search – Brasil – Pernambuco – Registro Civil, 1804-2016 – Itapetim (Página 155 – Assento nº 216). Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D1Q8-BN?from=lynx1UIV8&treeref=GH31-593&i=154. Ademais, André Nunes da Costa casou em São José do Egito em 1906 (cfr. São José do Egito – Livro 2 – Casamento – 1897-1913 – DOC 4587 (fls. 253) – disponível em CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios) e seu filho Abílio Nunes da Costa

Por oportuno, vale sublinhar que atualmente residem no Distrito São Vicente (sobretudo na zona urbana e no Sítio Malhada do Juazeiro) vários descendentes de Nicandro Nunes da Costa, conhecidos como "os Nicandro" (ou "Nicândio"[642]), a exemplo de sua neta a poetisa glosadora Maria Nunes da Costa, conhecida como Mariinha Nicândio, e seu bisneto o poeta repentista Marcos Nunes da Costa (Marcos Nicandro), filho de José Nunes da Costa e neto de Pedro Nunes da Costa, primogênito de Nicandro Nunes da Costa.

Outros componentes da família Nicandro residem em Sumé/PB vindos do sítio Bananeira, outrora pertencente a Antônio André Nunes da Costa, filho do referido André Nunes da Costa e, portanto, neto de Nicandro Nunes da Costa).

Fig. 47 – Da esquerda para a direita: um transeunte, o historiador Alberto Rodrigues de Oliveira, o repentista Marcos Nunes da Costa (Marcos Nicandro), bisneto de Nicandro Nunes da Costa, e o autor (Distrito São Vicente – Itapetim/PE), 01/05/2022)



Fonte: acervo do autor
Retrato batido pelo amigo poeta Lucas Rafael

casou também neste município em 1908 (cfr. São José do Egito – Livro 2 – Casamento – 1897-1913 – DOC 4618 (fls. 315) – disponível em CPDoc-Pajeú – Livros de Igrejas e Cartórios – na *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco* (recenseamento realizado em 1920) consta Abílio Nunes da Costa, filho de Nicandro Nunes da Costa, como um dos proprietários do lugar São Vicente – p. 351, nº 365).

642 Cfr. Alberto Rodrigues de Oliveira, *São Vicente: memórias, raízes e versos*, p. 71. Alguns descendentes de Nicandro Nunes da Costa também são conhecidos como "os André" por causa de seu filho André Ferreira da Costa, que foi proeminente proprietário de terras nessa região.

b) Bernardo Nogueira de Carvalho (Bernardo do Mulungu)

Como dito, o poeta glosador Bernardo Nogueira nasceu em Pernambuco mas foi morar em Teixeira atraído pela amizade a Nicandro Nunes da Costa. Todavia, por ocasião da saída de Nicandro Nunes da Costa de Teixeira para residir em São José do Egito, Bernardo Nogueira o acompanhou e "voltou à sua residência no lugar Mulungu, nos limites dos Estados da Paraíba e Pernambuco, próximo ao povoado Cangalha, onde morava seu íntimo amigo Nicandro [Nunes da Costa]"[643].

Considerando a referência de Pedro Baptista quanto ao "riacho da Mãe d'Água, no Mulungu de Bernardo Nogueira"[644], a partir do Mapa 17) identifico esse lugar como o atual Sítio Mulungu (antigo Mulungu dos Correia) localizado próximo ao povoado Olho d'Água, entre São José do Egito e o povoado Ambó na direção de Teixeira.

Nicandro Nunes da Costa tratava Bernardo Nogueira por "velho mestre"[645] e, conforme Pedro Baptista assinala, encontravam-se semanalmente na movimentada feira de Cangalha[646], onde bebiam e glosavam motes como *Foge povo do sertão*, em que narram aspectos da seca de 1887:

Nogueira – Ó, meu amigo Nicandro
Na arte somos *irmão*
Vamos falar nesse assunto
"Foge povo do sertão"
Vamos ver que diz a sorte
Vamos ver quem tem razão

Nicandro – Nogueira, meu velho mestre
Rompa que eu lhe acompanho
Dê talho como quiser
Que dou do mesmo tamanho
Se assuba na laranjeira
Bote no chão que eu apanho

Nogueira – É-me preciso mudar
Da terra que amo e moro
Terra que muito adoro
A minha pátria natal
Magino na beira-mar
Me entristece o coração
Lagadiço, lameirão
Pois a fome não é pêca

[643] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 36.
[644] Pedro Baptista, *Atenas de cantadores*, p. 33.
[645] Cfr. Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, p. 308.
[646] Cfr. Pedro Baptista, *Atenas de Cantadores*, p. 29.

Nesta tão terrível seca
Foge povo do sertão

Nicandro – O homem a quem Deus mandou
Fazenda pra se remir
Ainda pode resistir
Mas um pobre como eu...
Socorrei um filho teu
Oh, Mãe da Consolação
Dai-nos chuva, dai-nos pão
Que o mundo está em desgraça
Morre e se acaba a raça
Foge povo do sertão

Nogueira – Meu sertão é muito amável
Seu clima é muito sadio
Ora calor, ora frio
E um ar muito saudável
Mas nessa seca implacável
Todos façam sua ação
De alpragata ou pé no chão
Arrume a sua malota
Que o mundo está em derrota
Foge povo do sertão

Nicandro – Só se ouve cantar cauã
Não se vê um só preá
Mocó, tatu, tamanduá
Asa-branca, arribaçã
Codorniz, maracanã
Pato, socó e carão
Pra onde foram? Onde estão?
Só se vê no Pajeú
Mosquito, mosca, urubu
Foge povo do sertão
...

Nogueira – A fome foi tão canina
Que se mais saber tu queres
No Pombal duas mulheres
Comeram uma menina
No centro de Teresina
Comeram raposa e cão
Burro, urubu, gavião
Lagartixa, cobra e jia
Que fome esta não seria?
Foge povo do sertão[647]

[647] Nicandro Nunes da Costa e Bernardo Nogueira de Carvalho, estrofes transcritas por Rodrigues de Carvalho em *Cancioneiro do Norte*, p. 308-311. *Romper*: dar início à peleja; *pêca*: corr. de pecado; *fazenda*: recursos financeiros; *alpragata*: alpercata, sandália rude; *malota*: mala pequena; *Só se ouve cantar cauã*: em alguns lugares o canto da acauã (pássaro falconídeo) é considerado de mau-agouro; *preá* e *mocó*: pequenos roedores;

Fig. 48 – Feira de São Vicente (outrora Cangalha) em 1963



Fonte: Alberto Rodrigues de Oliveira, *História socioeconômica das regiões de São Vicente e Piedade – Itapetim-PE*, capa e p. 58

A vinda desses poetas-veredas componentes da Escola de Poesia de Teixeira para São José do Egito no início da segunda metade do séc. XIX impulsionou a configuração da Escola de Poesia de São José do Egito, que, assim como aquela, teve como precursor um cantador descendente Xukuru.

4.3 Marinho do Pajaú: descendente Xukuru precursor da Escola de Poesia de São José do Egito

Filho de Antônio Paulino do Nascimento e Maria Magdalena de Jesus[648], Antônio Marinho do Nascimento (São José do Egito[649], 1887 – 1940) nasceu e viveu até

[648] Casados em 24 de junho de 1885 na Capela de Boi Velho (atual Município de Ouro Velho/PB), em cujo assento consta o termo "dispensados", indício de que era primos provavelmente em primeiro grau.

[649] À época em que Antônio Marinho nasceu o atual Município de São José do Egito era a Vila de São José da Ingazeira (por ter sido composta por fazendeiros provindos do atual Município de Ingazeira/PE, que possui o mesmo santo protetor). Todavia, esse poeta é egipciense porque no período da Monarquia a elevação de um Povoado à condição de Vila lhe garantia autonomia administrativa (equivalente à que o Município terá no período da República), o que no caso ocorreu através da Lei Provincial 1260, de 25 de maio de 1877 (cfr. Diário de Pernambuco de 06/06/1877), que elevou o Povoado de São José da Ingazeira à condição de Vila desmembrada da Vila de Ingazeira/PE – data, aliás, que deve ser corretamente considerada como seu marco emancipatório, a exemplo do que ocorre com o Município de Teixeira, cujo marco emancipatório é 29 de agosto de 1859, data em que o Povoado foi elevado à categoria de Vila desmembrada da então Vila de Patos/PB. A respeito, cfr. Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil contemporâneo*, p. 321 e 325, nr 8; Muirakytan Macedo, *A penúltima versão do Seridó*, p. 65 e 78; Ione Rodrigues Diniz Morais, *Seridó norte-rio-grandense:*

os 31 anos de idade no sítio Angico Torto (então pertencente a seu avô materno, Manoel Marinho do Nascimento), localizado próximo ao povoado Mundo Novo da então Vila de São José da Ingazeira, atual Município de São José do Egito.

Foi o "precursor dos repentistas de São José do Egito"[650], considerado por colegas de profissão e pesquisadores "o maior de lá [...], tanto tinha verso como cantava bonito feito um uirapuru"[651], "o que mais bonito cantou"[652], "dono da mais bela voz que já cantou no sertão"[653].

Antônio Marinho do Nascimento também notabilizou-se por sua verve satírica, presente em diversas narrativas:

> Certa feita, viajando pelo sertão adentro, foi Marinho pedir um copo de água na casa de um fazendeiro carrancista e intransigente, que lhe perguntou, de chofre:
> – Meu amigo, qual é a sua profissão?
> – Eu sou cantador.
> – Virgem Maria! – disse bruscamente o fazendeiro – a pior profissão deste mundo!
> – Não senhor, tem outra pior – respondeu o poeta.
> – Qual é?
> – Incomodar-se com a vida alheia...[654]

> Poucos momentos antes de expirar, [Antônio Marinho] teve ainda feliz oportunidade para pregar uma das suas. À beira de seu leito, uma piedosa velhinha exclamou, soluçando:
> – Coitado! "Seu" Antõi Marim... o maió cantado! Um home que cantou por todos os lugá!...
> O luminoso repentista, já cerrando os olhos, balbuciou:
> – Eu só cantei mesmo... pela boca...[655]

Também compôs estrofes de cunho político:

> O País é uma roseira

---

uma geografia da resistência, p. 144; Carla Botelho, *Nota explicativa em Calendário oficial de datas históricas dos municípios do interior de Pernambuco*, p. 5-6, e Ígor Cardoso, *De antes do "Reino dos Cantadores": considerações sobre as origens de São José do Egito*, p. 147.

[650] Esse é o subtítulo da biografia escrita por Ivo Mascena Veras: *Antônio Marinho do Nascimento: precursor dos repentistas de São José do Egito.*

[651] Pinto do Monteiro, entrevista a Inaldo Sampaio transcrita por Ivo Mascena Veras em *Pinto Velho do Monteiro: o maior repentista do século*, p. 150.

[652] Alcides Tenório Cavalcante, citado por Raimundo Araújo em *Cantador, verso e viola*, p. 36.

[653] Rogaciano Leite, *O cantador Antônio Marinho*, p. 72.

[654] Narrativa transcrita por Rogaciano Leite em *O cantador Antônio Marinho*, p. 74-75.

[655] Narrativa transcrita por Rogaciano Leite em *O cantador Antônio Marinho*, p. 93. No livro *Violas e repentes* (p. 233-292), o pesquisador Francisco Coutinho Filho transcreve diversas narrativas de cunho satírico a respeito de Antônio Marinho do Nascimento.

A pobreza é a raiz
No trabalho é a primeira
Na sorte a mais infeliz
A haste, a escadaria
*Por onde a aristocracia
Sobe os degraus a vontade
Deputados, senadores
Desta roseira são flores
Sem responsabilidade

A raiz desta roseira
Está no estrume enterrada
Ali passa a vida inteira
Do mundo não goza nada
As rosas estão em cima
Arejadas pelo clima
Cada qual quer ser mais bela
Mais garbosa, mais feliz
Esquecidas da raiz
Que vivem à custa dela

Espinhos por guarnição
Ainda a roseira tem
Eis os soldados que são
Guardas dos grandes também
Negam ao pobre o que é propício
Sujeito ao sacrifício,
Cumpridor do seu dever
Mas, por não ter ideal
Termina no lamaçal
Uma vida sem viver[656]

E de profundo teor filosófico:

Que coisa extraordinária
Eu clamaria da sorte
Se não soubesse que a morte
Como a vida é necessária
Ela é também operária
Como qualquer empregado
Fez de mim recenseado
Minha vindima iniciou
A natureza tomou
Tudo quanto tinha dado[657]

[656] Antônio Marinho do Nascimento, estrofes transcritas por Terezinha Costa em *São José do Egito: Musa do Pajeú,* p. 28-30.

[657] Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 182. *Minha vindima iniciou*: Ivo Mascena Veras e Francisco Linhares e Otacílio Batista (em *Antologia*..., p. 340) transcrevem "vítima", mas substituímos essa palavra por "vindima" por compreender que é esse o sentido (e quiçá a palavra) pretendido pelo poeta, tendo em vista que esses termos aproximam-se em termos de grafia e fonética e

À época em que Antônio Marinho nasceu tornar-se "um bom repentista [...] já era uma projeção invejável para muitos jovens pobres"[658], razão porque, após trabalhar como agricultor, pedreiro, carpinteiro, marceneiro, ferreiro e oleiro, exercitou-se na cantoria de viola e "foi o primeiro a cantar profissionalmente. Donde vem seu título de precursor dos repentistas de São José do Egito"[659].

Apesar dessa proeminência há poucos estudos sobre a poética de Antônio Marinho[660], o que justifica e impõe uma análise sobretudo a respeito de suas proveniências socioculturais.

4.3.1 Antônio Marinho: veredas poéticas íbero-árabes

Antônio Marinho iniciou suas atividades como cantador de viola profissional (tornando-se, assim, o precursor da Escola de Poesia de São José do Egito) em 1911, como consta de placa afixada no busto erigido em sua homenagem, inaugurado em 6 de janeiro de 1950, em meio à tradicional Festa de Reis[661], e originalmente afixado no canteiro central da Rua Paulo Soares (conhecida como Rua da Baixa), no centro da cidade de São José do Egito[662]:

Em novecentos e onze

---

esse último significa, em sentido conotativo, a época em que ocorre uma colheita, no que condiz com a temática da estrofe.

658 Ivo Mascena Veras, *Pinto Velho do Monteiro*, p. 129.

659 Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 91. Vale registrar que, no âmbito legislativo, a prática de Repentista foi reconhecida como atividade trabalhista através da Lei 12.198/2010, resultante de projeto de lei apresentado pelo Deputado André de Paula (e, na legislatura anterior, pelo Deputado Wilson Braga) e sancionada pelo Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva.

660 Nesse sentido destacam-se o artigo *O cantador Antônio Marinho*, de Rogaciano Leite, e o livro *Antônio Marinho do Nascimento: precursor dos repentistas de São José do Egito*, de Ivo Mascena Veras.

661 Cfr. Diário de Pernambuco de 18 de janeiro de 1950 – cfr. tb. Diário de Pernambuco de 21 de agosto de 1946. Luís Wilson registra outras homenagens prestadas a Antônio Marinho: "Em 1968, por iniciativa do Professor Alder Júlio e proposta do Vereador Lucas de Souza Braz, a Câmara Municipal de São José do Egito concedeu um título honorário *post mortem* a Antônio Marinho do Nascimento e deu a um dos bairros da 'cidadezinha' o nome do sempre saudoso e extraordinário violeiro do Sertão do Estado" (*Roteiro...*, p. 157).

662 Cfr. Luiz Cristovão dos Santos, *Bilhetes do sertão*, p. 61. Em janeiro de 2023 esse busto foi instalado na Rua Domingos Siqueira, em frente ao Instituto Lourival Batista. Também vale registrar que a trova inscrita na referida placa (perdida em uma das várias transferências do busto) possivelmente foi composta pelo conterrâneo de Antônio Marinho, o poeta e jornalista Rogaciano Leite, tendo em vista as circunstâncias de que o busto foi confeccionado por sua iniciativa, de que a alusão ao bronze coincide com o material em que foi confeccionado e de que na época em que Antônio Marinho começou a cantar já não se usava a quadra (espécie de estrofe que, aliás, não consta de sua produção poética).

Tremulou meu estandarte
Quando este peito de bronze
Deu início a esta arte

Fig. 49– Busto de Antônio Marinho do Nascimento (São José do Egito)



Fonte: Acervo do autor

Como assinala seu biógrafo Ivo Mascena Veras, "na vizinhança tinha os três irmãos Bernardino: Joaquim, José e Amaro, grandes repentistas, mas todos tinham a cantoria como atividade suplementar"[663].

O primeiro cantador que Antônio Marinho enfrentou foi Manoel Clementino Leite[664], uma das veredas poéticas que engrandeceram seu caminho e sobre o qual cumpre tecer algumas considerações.

a) Manoel Clementino Leite

Manoel Clementino Leite nasceu aproximadamente em 1887 em Sumé/PB e foi "discípulo de Romano do Teixeira [(1835 – 1891)] [e] contemporâneo de [...] José Martins [cantador nascido em meados do séc. XIX e irmão de Silvino Pirauá Lima (1848 – 1913)]"[665].

Cantava nos primeiros anos do séc. XIX, tendo em vista as pelejas que travou com seu conterrâneo José Patrício Ferreira de Siqueira Patriota (Sumé/PB[666]), com

[663] Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 33.
[664] Cfr. Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 91.
[665] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 155, 177 e 210. Cfr. tb. Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 58.
[666] A referência a Sumé consta de Luizinho Batista, *Raízes nordestinas*, p. 229. Átila Almeida e José Alves Sobrinho referem-se a Monteiro/PB como local de nascimento de José Patrício (*Dicionário*..., p. 209). Ainda a respeito de Manoel Clementino Leite cfr. a peleja com o referido José Patrício transcrita por Pedro Baptista em *Cangaceiros do Nordeste*, p. 257-265.

Inácio da Catingueira e, em 1904, com Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador[667], "contemporâneo de Bernardo Nogueira [(1814 – 1895)], com quem se bateu em desafio"[668].

Como cantador de viola, Manoel Clementino percorria a região onde Antônio Marinho residia, uma vez que o "o velho Manoel Clementino Leite [era] nascido em Sumé, mas de família de Itapetim e São José [do Egito]"[669].

Também atuava como "mestre de cantoria" de cantadores novatos, possivelmente devido à sua índole de educador, que se evidencia na seguinte narrativa do pesquisador sumeense Luizinho Batista:

> O velho poeta Manoel Clementino [...] era uma espécie de líder comunitário [...]
> Outro motivo que me fez ver a competência de Manoel Clementino é saber que ele, apesar de ser um homem pobre e de poucas letras, mas sentiu a necessidade da juventude aprender a ler para isso conseguiu um professor para ensinar os filhos e aos jovens vizinhos não sei bem, mas talvez tenha sido a primeira escola da zona rural, porém tenho certeza que foi uma das primeiras do Distrito de São Tomé tanto na zona rural como na urbana.[670]

Luizinho Batista também assinala que um dos "aprendizes de cantador" de Manoel Clementino foi Severino Lourenço da Silva Pinto (Monteiro/PB, 1895 – 1990), conhecido como Pinto do Monteiro, assertiva corroborada por Átila Almeida e José Alves Sobrinho:

> [Pinto do Monteiro] tinha 25 anos quando começou a cantar [portanto, em 1920]. Foram seus mestres de cantoria Saturnino Mandu, de Poções [sic: Poção]–PE, Manoel Clementino [Leite] do Angico Torto, de Sumé-PB, e [João] José de Lima.[671]

O próprio Pinto do Monteiro recordou o início desse processo de educação poética:

---

[667] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 77.

[668] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 261. Ainda a respeito de Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador, os pesquisadores Francisco Linhares e Otacílio Batista registram que cantou em São José do Egito com Josué Romano da Silveira Caluete (*Antologia...*, p. 184-185).

[669] Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho...*, p. 30, 33 e 91.

[670] Luizinho Batista, *Raízes nordestinas*, p. 232-233.

[671] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 222. Sobre Saturnino Mandu José Alves Sobrinho assinala que nasceu no último quartel do século XIX e faleceu em 1940 (*Cantadores...*, p. 174). Adiante discorrerei sobre o cantador João José de Lima.

A primeira vez que eu
Cantei para alguém ouvir
Com Saturnino Mandu
Eu não pude me sair
O velho meteu-me a peia
Deu até o nó cair

Cantei a segunda vez
Com Manoel Clementino
Esse aí fez medo a mim
Como boi faz a menino
Só não fez eu mudar
De cantoria o destino

Em Bom Jesus encontrei
Zé de Lima e Zé Beato
Um era cantor de praça
O outro, cantor do mato
Nessa noite eu sofri tanto
Que nem sola de sapato[672]

Fig. 50 – Severino Lourenço da Silva Pinto (Pinto do Monteiro)



Ainda nesse contexto, uma narrativa de Ivo Mascena Veras a respeito das leituras de Pinto do Monteiro contribui para a visualização do contexto cultural do Sertão da Poesia no início do séc. XX – de se notar que se trata de escritos elencados por Câmara Cascudo e Oswaldo Lamartine em suas pesquisas sobre o sertão do Seridó norte-rio-grandense:

> Pinto não frequentou nenhuma escola regular para sua educação primária ou média. Recebeu aulas particulares de dona Beatriz Ferreira de Lima. Nessas aulas conseguiu juntar sílabas e formar nomes. Quando começou a ler os nomes mais frequentes não parou mais de ler. Ia procurando ler tudo que via e ia fazendo "garatujas" e dizia que estava escrevendo.
> Os cantadores do seu tempo tinham quase por obrigação saber a história sagrada, a mitologia grega, *A Vulgata*, *A Missão Abreviada* e o *Lunário Perpétuo* do frei Gregório.[673]

[672] Pinto do Monteiro, estrofes transcritas por Ivo Mascena Veras em *Pinto velho do Monteiro*, p. 167. Bom Jesus é o antigo nome do atual Município de Tuparetama/PE.

[673] Ivo Mascena Veras, *Pinto velho do Monteiro*, p. 80. A *Vulgata* é a tradução da Bíblia para o Latim feita por São Jerônimo do final do séc. IV ao início do séc. V.

b) Manoel Bernardino de Senna

Outra relevante vereda na formação do caminho poético de Antônio Marinho foi Manoel Bernardino de Senna, proveniente de Teixeira[674], residente no vizinho sítio Baixa do Zezinho[675] e que de longa data mantinha relações próximas com a família daquele poeta[676].

Manoel Bernardino era mestre-escola (em termos atuais correspondente a professor do Ensino Fundamental) e, "com estágio acima do primário [...] costumava preparar culturalmente seus filhos"[677], os referidos irmãos Joaquim, José e Amaro Bernardino de Oliveira, que formaram a primeira tríade de irmãos cantadores nascidos em São José do Egito.

Ivo Mascena Veras assim narra a respeito, inclusive indicando leituras de Antônio Marinho à época:

> O pai [de Antônio Marinho], homem de poucas letras, adquiriu para Marinho uma carta de ABC de Landelino [sic: Laudelino] Rocha e depois, por insistência da mãe, um livro de Felisberto de Carvalho (leitura para iniciante) e [também um dicionário de Martins da Fonseca]. No vizinho sítio "Baixa do Zezinho" morava [o mestre-escola] Manoel Bernardino de Oliveira [sic: de Senna], que sabia ler e ensinava aos filhos com livros mais adiantados. Marinho até se tornou, mais tarde, compadre do velho. Marinho mantinha relações com Joaquim, José e Amaro, que se tornaram cantadores.[678]

---

[674] Quiçá descendente de Peregrina Josefa Bernardina Sena Góis, filha do padre Antônio Dantas Correia de Góis (1798-1852) (por sua vez filho do homônimo Antônio Dantas Correia de Góis, como dito um dos primeiros invasores de Teixeira) e de Luísa Guedes de França, filha primogênita de Agostinho Nunes da Costa, O Caprichoso, e, portanto irmã de Agostinho Nunes da Costa Júnior, O Glosador. A respeito Maria de Lourdes Nunes Ramalho assinala que "não há [...] notícia de reação por parte do pai da moça. Cabe, portanto, a reflexão – a amizade existente entre os dois pais, vizinhos, ou a condição de 'cristão-novo' não teria levado Agostinho a calar ante o fato consumado?!" (*Raízes*..., p. 162).

[675] Na *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco* (recenseamento realizado em 1920) Manoel Bernardino de Senna consta como proprietário do lugar Baixa do Zezinho (p. 352, nºs 421 a 423 e p. 353, nº 450) e José Bernardino de Senna (certamente seu irmão) com um dos proprietários do lugar Grossos (p. 355, nº 565), ambos pertencentes a São José do Egito. Por fim, Manoel Bernardino de Senna consta como condômino na referida *Ação de demarcação da metade da antiga Data dos Grossos – Cálculo para o orçamento da divisão da metade da Data dos Grossos* (DSC02591).

[676] Exemplo disso é o fato de que em 1887 (ano em que Antônio Marinho nasceu) Manoel Bernardino de Senna e sua esposa Maria Rosa de Jesus batizaram seu filho João Bernardino de Oliveira, que teve por padrinhos Leopoldino Ferreira do Nascimento e Joana Maria de Jesus, possivelmente tios-avós de Antônio Marinho – cfr. CPDoc-Pajeú – livro *Monteiro – Livro 08 de Matizados de outubro de 1883 a setembro 1888* – fls. 49v.

[677] Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 84 e 98 – grifei. A caracterização de Manoel Bernardino de Senna como mestre-escola consta à p. 30 desse livro.

[678] Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 84 e 98 – a caracterização de Manoel Bernardino de Senna como mestre-escola consta à p. 30 desse livro. Nessa transcrição, a referência ao dicionário de Martins da Fonseca foi extraída do artigo *O cantador Antônio Marinho* (p. 72), de Rogaciano Leite. Registre-

Outras veredas poéticas íbero-árabes que engrandeceram o caminho de Antônio Marinho foram os cantadores João José de Lima e José Galdino da Silva Duda.

c) João José de Lima

Com dito, João José de Lima foi "mestre de cantoria" de Pinto do Monteiro[679] e é possível que também o tenha sido de Antônio Marinho, pois era "um cantador mais velho, Zé de Lima, seu conterrâneo, também de São José do Egito"[680], como, aliás, próprio Antônio Marinho assinala:

> José Duda não é tanto
> Quanto os mais dizem a si
> Zé de Lima, por exemplo
> Tem razão até aí
> É filho da mesma terra
> Nasceu aonde eu nasci[681]

Em seu cordel *Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em 1915* Antônio Marinho narra de que forma, após cantar com Manoel Clementino, ocorreu seu "ritual de iniciação"[682] na cantoria desde sua saída do Alto Sertão do Pajaú, passando por Rio Branco (atual Município de Arcoverde/PE) até chegar à capital pernambucana, onde inicialmente cantou com João José de Lima:

> Em novecentos e quinze
> A minha terra deixei
> Aos vinte e dois de agosto
> No Rio Branco embarquei
> No mesmo dia à tardinha
> Na estação central saltei

---

se, por oportuno, que o aludido livro de Felisberto de Carvalho possivelmente é o *Primeiro livro de leituras* (em 5 volumes, que em 1911 encontrava-se na 59ª edição) e que o referido *ABC* de Laudelino Rocha é listado por Oswaldo Lamartine de Faria dentre os "livros de gaveta" lidos no Sertão do Seridó norte-rio-grandense do séc. XIX (Oswaldo Lamartine de Faria*, Prólogo*, em João Medeiros Filho e Oswaldo Lamartine de Faria, *Seridó – séc. XIX – fazendas e livros*, p. XVII, XIX e XX). Por fim, vale registrar que as relações entre Antônio Marinho e os irmãos Bernardino continuaram na vida adulta, tendo em vista que aquele poeta era "colega e amigo de infância" de José Bernardino e cantou com Amaro Bernardino (Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 70, 71 e 76).

[679] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 222.

[680] Geraldo Samo, *Nordeste: um depoimento* – Disponível em https://geraldosarno.wordpress.com/2011/11/28/nordeste-um-depoimento/.

[681] Antônio Marinho, *Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em 1915*, fl. 14.

[682] Cfr. Geraldo Samo, *Nordeste: um depoimento* – Disponível em 248TTPS://geraldosarno.wordpress.com/2011/11/28/nordeste-um-depoimento/.

Procurava Zé de Lima
Colega de profissão
Que há uns dez ou doze anos
Tinha ido do Sertão
Sabia o nome da rua
Não sabia a posição[683]

João José de Lima não apenas orientou Antônio Marinho nos primórdios de suas atividades como cantador como também o ciceroneou na capital pernambucana, onde por fim esse poeta pelejou com o afamado cantador José Galdino da Silva Duda.

d) José Galdino da Silva Duda

O cantador José Galdino da Silva Duda (Itabaiana[684]/PB, 1866 – Recife/PE, 1931), conhecido como Zé Duda do Zumbi (em alusão ao bairro onde desde 1899 morava na capital pernambucana), era considerado "o maior do seu tempo"[685], a quem "quase todos os cantadores contemporâneos [...] chamam de Mestre dos Cantadores"[686].

No referido cordel *Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em 1915* Antônio Marinho narra que, em meio a uma cantoria com João José de Lima, avisa que pretendia ouvir Zé Duda, decerto com a intenção de apresentar suas "credenciais poéticas" a esse cantador para enfrentá-lo como último estágio do processo de iniciação no universo dos grandes nomes dessa arte:

Eu disse a José de Lima
É preciso lhe avisar
Canto hoje até meia-noite
Porque preciso voltar

---

[683] Antônio Marinho, *Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em 1915*, fl. 1 – Disponível em http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/DocReader.aspx?bib=Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176&pesq=marinho%20duda. Antônio Marinho também escreveu os poemas *As consequências da vida*, *O país e a roseira* e *A natureza tomou / Tudo quanto tinha dado*, transcritos, no todo ou em parte, por Terezinha Costa em *São José do Egito: Musa do Pajeú*, p. 27-34 e por Ivo Mascena Veras em *Antônio Marinho*..., p. 101-114, 216-217 e 307).

[684] Cfr. http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/janela_perfis.html. Átila Almeida e José Alves Sobrinho defendem que José Galdino da Silva Duda nasceu no Município de Cabaceiras/PB – cfr. *Dicionário*..., p. 125 e *Cantadores...*, p. 73.

[685] José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 73.

[686] Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares*, p. 173. Átila Almeida e José Alves Sobrinho assinalam que "tão grande era a fama de José Duda que mesmo dois grandes cantadores como [Antônio] Marinho e [Silvino] Pirauá teriam condescendido, evitando choques ásperos, sem contudo darem parte de fraco" (*Dicionário*..., p. 125). José Galdino da Silva Duda é autor, dentre outros, dos cordéis *Desafio de Zé Duda com Silvino Pirauá descrevendo os Reinos da Natureza*, *História de Bernardo e D. Genevra* e *Martírio de Genoveva*.

À rua do Boa Vista
Ouvir Zé Duda cantar[687]

Todavia, antes que Antônio Marinho e João José de Lima terminassem a peleja, Zé Duda e o cantador com quem pelejava chegaram ao ambiente:

Lima disse: "Muito bem"
E o contrato se fez
"Nunca ouviste José Duda
Está muito bom desta vez"
Mas foi eles quem chegaram
Às onze e cinquenta e três

Finda a cantoria, os quatro poetas passaram a glosar e, após, Antônio Marinho apresentar suas "credenciais poéticas", Zé Duda manifesta seu desejo de cantar com o poeta recém chegado do sertão:

Depois deixamos a glosa
Foi o trabalho primeiro
Vi que Zé Duda disse:
"Zé de Lima, cavalheiro
Se possível eu quero
Cantar com teu companheiro"

Na condição de anfitrião Zé Duda "rompe" a peleja:

Zé Duda – Então, Antônio Marinho
A quem nunca conheci
Pelos outros cantadores
Ouvia falar em si
O senhor é do sertão
O que anda fazendo aqui?

Antônio Marinho – Zé Duda, sua pergunta
Vou responder de momento
Sou filho de São José
Cantor de pouco talento
Ando vendendo cantigas
Comprando conhecimento

A resposta de Antônio Marinho certamente agradou a Zé Duda, pois esse repete

[687] Antônio Marinho, *Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em 1915*, fl. 8. As estrofes transcritas a seguir constam nessa ordem desse cordel.

os dois últimos versos de seu contendor no início da estrofe que compôs a seguir:

Zé Duda – Anda vendendo cantigas
Comprando conhecimento
Mas me diga se não acha
Que isto é muito atrevimento
Outro homem aqui não canta
Sem o meu consentimento

Antônio Marinho – Eu não duvido porque
Nunca duvidei ninguém
Pretendo apenas saber
Que direito o senhor tem
Se cantador paga imposto
Diga que eu pago também

Zé Duda – Não é porque pague imposto
Com isso ninguém me vence
Que o triunfo de seu Duda
É cantador que não pense
Eu quero é que todos saibam
Que esta terra me pertence

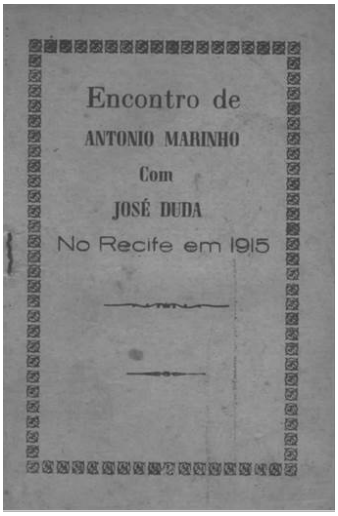
A essa invectiva Antônio Marinho responde com altivez, mas respeitosamente trata o adversário por "senhor Duda", que por sua vez assume a posição de "professor":

Antônio Marinho – Até aí, senhor Duda
Ainda tenho razão
Vim de trem, cheguei à noite
Quando baixei do sertão
Tanto que não vi os postes
De sua demarcação

Zé Duda – Eu não sou proprietário
Mas aqui sou professor
Diante de mim cantando
Ninguém mostrará valor
Neste Recife tem dono
Este velho cantador

Antônio Marinho – Tenho visto maior coisa
Se tornar pequena e vã
Alguém subindo a ladeira
Cansa antes de ver a chã
O senhor domina Recife
Aqui é Vila Natan[688]

Fig. 51 – Antônio Marinho, *Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em 1915* (capa)



[688] Vila Natan foi uma das denominações do povoado do qual proveio o atual Município de Moreno/PE (localizado a 28km a Oeste de Recife/PE) e refere-se a Allen C. Nathan, um dos fundadores da Societé Cotonnière Belge-Brasilienne, fábrica de tecidos inaugurada em 13 de maio de 1910.

Mais uma vez as respostas de Antônio Marinho agradaram a Zé Duda, pois a partir desse momento passa a referir-se ao colega por seu nome e sobrenome:

Zé Duda – Eu domino qualquer canto
Saibas, Antônio Marinho
Recife é minha rodagem
Mas tem estrada e caminho
Que são os seus arrebaldes
Domínio deste velhinho

Antônio Marinho – Zé Duda, eu posso não ser[689]
Maestro de cantoria
Professor de nossa arte
Consultório em poesia
Mas também quando viajo
Ando sem carta de guia

Zé Duda – Mas quando vagar a notícia
Que José Duda morreu
Vocês mesmos todos dizem
A semente se perdeu
E Pernambuco não cria
Outro Duda como eu[690]

Antônio Marinho – Tenho visto mais fartura
Transformar-se em escassez
Pois o mesmo Pernambuco
Bota flores outra vez
Quem vinga um, vinga dois
E quem cria dois cria três

Nesse momento Zé Duda adverte Antônio Marinho quanto à diferença de idade entre eles:

Zé Duda – Cuidado Antônio Marinho!
Comigo ninguém se iluda
Porque pra cantar repente
Só se fala em José Duda!
Velho que, quando arma um verso
Baixa um anjo que o ajuda

Antônio Marinho – Até aí, senhor Duda

[689] No original está "Zé Duda, eu não posso ser", todavia trata-se de evidente equívoco tipográfico.
[690] Átila Almeida e José Alves Sobrinho defendem que essa estrofe teria sido composta na década de 1920 em cantoria havida entre Zé Duda e Pinto do Monteiro (*Dicionário...*, p. 126), todavia o encontro entre Antônio Marinho e Zé Duda data de 1915 e, embora não conste data no folheto, possivelmente foi impresso nesse ano.

É a minha imitação
Quando armo um verso também
Naquela ocasião
Parece seguir-me um anjo
Levando uma luz na mão

Zé Duda – Olhe, depois ninguém diga
Que o velho Zé Duda é mau
Que o velho sobe à tribuna
Menino desce degrau
Fala fino, almoça couro
Fala grosso, janta pau

Todavia, ante a insistência de Zé Duda em demarcar a diferença de experiência entre eles, Antônio Marinho refere-se pejorativamente à idade de seu adversário:

Antônio Marinho – Um velho lutar comigo
É negócio que está findo
Velho onde anda é escorregando
Onde escorrega é caindo
Onde cai fica deitado
E onde se deita é dormindo

A fulminante resposta de Antônio Marinho faz com que Zé Duda desista do conflito direto, peça desculpas e passa a elogiar o colega:

Zé Duda – Então, Antonio Marinho
Não nos convém discussão
Desculpa-me a ousadia
Da minha interrogação
Me dizem que és hoje em dia
O cantor do teu sertão

Antônio Marinho – Caro José Duda, eu sou
Fraco cantor de repente
Ainda sem profissão
Cantando casualmente
Esse nome é os sertanejos
Que dão imeritamente

Zé Duda aprova a modéstia do colega:

Zé Duda – Faz bem me dizer assim
Pra não ser exagerado
Mas não é esta a notícia
Que por aqui tem chegado

Do mesmo José de Lima
Estou muito bem informado

Antônio Marinho – José Duda, não é tanto
Quanto os mais dizem a si
Zé de Lima, por exemplo
Tem razão até aí
É filho da mesma terra
Nasceu aonde eu nasci

Zé Duda – Não somente Zé de Lima
Mas alguém em quantidade
Tem-me dito que tu és
Na tua localidade
Eu soube desta notícia
E venho saber se é verdade

Antônio Marinho – Duda, não sou mais do que
Fraco cantor de repente
Como já disse, é um nome
Que dão imeritamente
E tudo não é verdade
Mas quem lhe disse não mente

Acostumado aos embates e talvez para não desagradar a plateia, Zé Duda faz uma última investida a partir da diferença de idade entre eles mas recebe outra resposta fulminante que o faz novamente abandonar o terreno do desafio:

Zé Duda – É esta mesma a notícia
Que vaga lá na cidade
Se quem me disse não mente
Queres dizer que é verdade
Mas para enfrentar o Duda
Eu acho pouca a idade

Antônio Marinho – Com vinte e oito anos
Quatro nessa profissão
Pronto pra enfrentar tudo
Meus anos ainda não estão
E os seus porque já passaram
Estão em pior condição

Zé Duda – Então, Antônio Marinho
Discussão não nos convém
Faço isso é pra saber
Quem canta ou não canta bem
Que eu sou o cantor desta terra
Mas não caturo a ninguém[691]

[691] *Caturo*: de caturar, talvez corr. de capturar, aprisionar.

Antônio Marinho – Eu logo achei impossível
Emigrar do meu sertão
E o senhor expulsar-me
Ao invés de dar proteção
Tanto que ia perguntar
Pela sua educação

Por fim, Zé Duda considera que Antônio Marinho cumpriu sua "iniciação poética" e inclusive convida-o para visitá-lo em sua casa e indica que pode visitá-lo no sertão – o que, como aquele cantador registra ao final do cordel, efetivamente ocorreu dois anos depois, em 1917:

Zé Duda – Marinho, isto é um costume
Que o velho colega tem
Que é para saber logo
Quem canta ou não canta bem
Que não sei que dia passo
Por tua terra também

Antônio Marinho – Bem sei que é José Duda
Nosso forte baluarte
O foco de luz central
Gasômetro de onde parte
Toda iluminação
Que nos clareia esta arte

Zé Duda – Se embarcar no trem da Várzea
Na estação do Zumbi
Pergunte que todo mundo
Diz "A estrada é essa aí
Se quer visitar o Duda
Ele mora bem ali"

Antônio Marinho – Estou no Recife há meses
A andar a sós começo
Do Recife a Caxangá[692]
Raras vezes atravesso
Como estou a precisar
Não dispenso e sim o peço

Antônio Marinho – Findamos a cantoria
De ginebra tudo cheio[693]

[692] *Caxangá*: à época talvez um bairro de Recife/PE e atualmente uma das principais avenidas dessa cidade. "CAXANGÁ – nome de várias localidades do Nordeste; presume Teodoro Sampaio ser proveniente de **caá-sanga**, mato espraiado, porém **sanga** não é termo tupi; supomos que **caxangá** nada mais é que nasalação de **acajacá**, nome do cedro brasileiro" (Luiz Caldas Tibiriçá, *Dicionário...*, p. 42).

[693] *Ginebra*: bebida composta de zimbro (ginebro), planta do gênero das coníferas; p. ext.: aguardente.

Creio que o meu cantor
Não achou tão mau, tão feio
Tanto que em quinze eu fui
E em dezessete ele veio

Um dos relevantes aspectos dessa peleja consiste em que Zé Duda era conhecido como Águia do Norte:

No outro dia cedinho
Depois de uma refeição
Fomos esperar por Duda
Nos bancos da estação
Já a sineta anunciava
Partida de Jaboatão

Parece que tal sinal
Melhorou tudo de sorte
Breve uma locomotiva
Surgiu de dentro de um corte
Num dos carros conduzia
A águia velha do Norte[694]

Daí porque possivelmente foi a partir dessa peleja iniciática que Antônio Marinho do Nascimento tornou-se conhecido como Águia do Sertão e adotou o codinome Marinho do Pajeú[695] (que, pelas razões expostas, grafarei Marinho do Pajaú) como espécie de marco[696] de sua superioridade poética, para a qual decerto contribuiu sua proveniência indígena Xukuru.

4.3.2 Marinho do Pajaú: veredas poéticas Xukuru

Inicialmente vale dizer que, à semelhança de como procedi em relação a Romano do Teixeira, tendo em vista que aqui não se trata de um processo de etnogênese (ou seja, de reconhecimento da identidade de um povo) mas de caso individual, não me refiro a Marinho do Pajaú como Xukuru mas como descendente desse povo indígena.

---

[694] Antônio Marinho, *Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em 1915*, fls. 5-6.

[695] Cfr. Pinto Monteiro, *Peleja de Pinto do Monteiro e Marinho do Pageú* (1926).

[696] Na Poesia Sertaneja o termo "marco" designa um poema por meio do qual o autor edifica uma fortificação inabalável, como *O castelo da Cidade Flor Mimosa* (Manoel Vieira do Paraíso), *O marco do meio do mundo* (João Martins de Athayde), *O marco brasileiro* (Leandro Gomes de Barros), *O marco paraibano* (José Adão Filho), *O marco pernambucano* (João Ferreira de Lima) e *O marco do Seridó* (Manoel Tomaz de Assis) (nessa acepção, cfr. o livro *Marcos*, de Átila Almeida e José Alves Sobrinho) e também a superioridade do poeta em relação ao lugar em que nasceu, que para isso associa-o a seu nome, como Romano do Teixeira, Inácio da Catingueira, Hugolino do Sabugi, Pinto do Monteiro, Olívio do Livramento, Fabião das Queimadas, Louro do Pajaú, Oliveira de Panelas e Mocinha da Passira.

Outras semelhanças entre os cantadores Romano do Teixeira e Marinho do Pajaú consistem em que, além de serem respectivamente precursores da Escola de Poesia de Teixeira e da Escola de Poesia de São José do Egito, são descendentes indígenas Xukuru e essa "qualidade" foi evidenciada por um contendor em uma peleja.

Como se viu, a proveniência indígena de Romano do Teixeira foi trazida à tona por Inácio da Catingueira em cantoria realizada em 29 de junho de 1874 na então Vila de Patos/PB (atual Município de Patos/PB).

Por sua vez, a proveniência indígena de Marinho do Pajaú foi evidenciada por Pinto do Monteiro em cantoria realizada em 1º de maio de 1926 no então povoado de Prata/PB (atual Município de Prata/PB).

O cantador, jornalista e pesquisador Rogaciano Leite assim contextualiza esse embate poético:

> [Pinto do Monteiro] transferira-se, muito moço ainda, para os arraiais do Recife, onde adquiriu renome e ficou temido por todos os cantadores. O maior desejo da gente sertaneja era testemunhar um duelo desses dois afamados detentores da palavra rimada. Chegou, finalmente, o dia desejado. Encontraram-se os dois repentistas na Vila da Prata, no município natal de Severino Pinto [à época esta vila pertencia ao Município de Monteiro/PB]. A pugna teve lugar no Mercado Público, tão grande era a assistência que não queria perder o atraente "espetáculo".[697]

Na condição de anfitrião (uma vez que à época o povoado de Prata era distrito do Município de Monteiro/PB) Pinto do Monteiro "rompe" a cantoria:

Pinto do Monteiro – Senhor Antônio Marinho
É esta a ocasião
Pergunto quero saber
Responda se posso ou não
Eu atravessar cantando
Pelas zonas do sertão[698]

Já em sua primeira estrofe e doravante por toda a cantoria Marinho do Pajaú

[697] Rogaciano Leite, *O cantador Antônio Marinho*, p. 82-83.

[698] Pinto do Monteiro, *Peleja de Pinto do Monteiro e Marinho do Pageú*. Esse cordel foi reproduzido (em partes) por Rogaciano Leite em *O cantador Antônio Marinho*, p. 83-90, e (integralmente, embora com alterações) por Ivo Mascena Veras em *Antônio Marinho*...,. p. 299-305. Versões desta peleja foram escritas em 1935 por Severino Milanês da Silva com o título *Peleja de Severino Pinto com Antônio Marinho* (disponível em http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176) e por José Costa Leite com o título *Peleja de Antônio Marinho com Pinto do Monteiro*.

recorre a metáforas alusivas ao sobrenome do adversário:

Marinho do Pajaú – Pode, seu Pinto, pois não
Tocar, cantar por aí
É filho da mesma terra
Nasceu e criou-se ali
Porém, precisa cuidado
Há muita raposa aqui

Pinto do Monteiro – Até hoje não senti
Prazer que não me apareça
Raposa que não se escalde
Tigre que não me obedeça
Letrado que não me escute
Cantor que não endoideça

Marinho do Pajaú – Pinto, quem canta comigo
Faz exame e se confessa
Eu, zangado, não atendo
Nem que meu santo me peça
Se tiver mais pinto apareça
Que este eu pelo depressa[699]

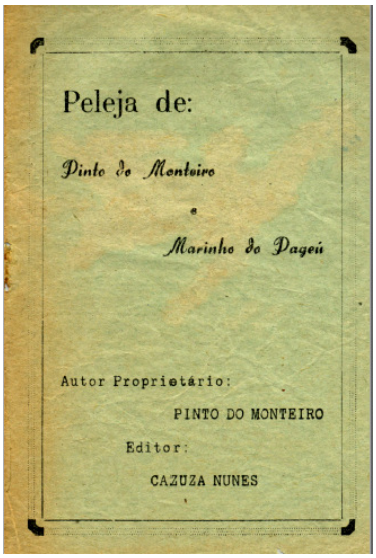
Pinto do Monteiro – A mim o fogo não queima
Não tosta e nem sapeca
Em mim quem botar a mão
Cai o couro da munheca
Cai as unhas de uma vez
Murcha o nervo, o braço seca

Marinho do Pajaú – Para meu lar sertanejo
Cantor que vem se arrepende
Vê as saídas tomadas
Pra todo lado que pende
O pinto que eu pegar
Nem mesmo Deus o defende

Pinto do Monteiro – Marinho, onde eu passo deixo
A estrada bem aberta
Cantador sabendo disto
Cria medo, se aperta
Deixa a casa, entra no mato
À meia-noite deserta

Marinho do Pajaú – Pinto entende porque
Está ali em Monteiro
Chega aqui, faz insolência
Sai em paz, ganha dinheiro
Deixa isso para quando
Marinho morrer primeiro

Fig. 52 – Pinto do Monteiro, *Peleja de Pinto do Monteiro e Marinho do Pajeú* (capa)



[699] *Pelo*: do verbo pelar, despir.

Na estrofe seguinte Pinto do Monteiro alude à sua condição de morador da capital pernambucana e, com o propósito de denegrir Marinho do Pajaú, usa a pejorativa expressão "papa-bode", alusiva aos sertanejos que apreciam a carne desse animal que alguns consideram malcheirosa:

Pinto do Monteiro – Cantador que é de fora
Cantar comigo não pode
Não há teimoso que venha
Que em laço não rode
Eu dou em cantor da praça
Quanto mais num papa-bode[700]

Marinho do Pajaú responde nesse contexto, aludindo a Pinto do Monteiro como "amarelo" em referência a seu aspecto franzino que associa à desnutrição através da alusão ao caranguejo, crustáceo símbolo de alimento desprovido de nutrientes:

Marinho do Pajaú – Eu dou em cantor que vive
No meu clima sertanejo
Criado com leite e carne
Manteiga, coalhada e queijo
Quanto mais neste amarelo
Que só come caranguejo

Marinho do Pajaú canta apenas mais duas sextilhas e passa para o "martelo", estilo que, como a denominação indica, possui andamento mais vigoroso e é usado para "golpear" o adversário com mais intensidade:

Marinho do Pajaú – Cantor de força e talento
Prosar aqui não consinto
Quanto mais um pobre pinto
Magro, pelado e goguento[701]
Feio, seboso e nojento
Com uma asa quebrada
A outra desmantelada
Cego, doido, ossudo e mouco
Um pinto só acho pouco

[700] Pinto do Monteiro, *Peleja de Pinto do Monteiro e Marinho do Pageú, p. 2-4. Dou em*: bato, golpeio. Por erro tipográfico, no referido cordel o derradeiro verso da última estrofe transcrita costa "Quanto mais meu capa bode", porém Rogaciano Leite (*O cantador Antônio Marinho*, p. 85) e Ivo Mascena Veras (*Antônio Marinho*..., p. 301) transcrevem-no corretamente: "Quanto mais num papa-bode".

[701] *Goguento*: galináceo doente de gôgo, coriza infecciosa altamente contagiosa que afeta principalmente seu sistema respiratório superior.

Venha o resto da ninhada

Pinto do Monteiro – Não precisa tanto assim
Vir grande, médio e miúdo
E nem convém chegar tudo
Um pinto só dá-lhe fim
Bom, sofrivel, ruim
Não precisa aparecer
Vejo seu corpo tremer
Ouço o coração batendo
O que você está comendo
O diabo é quem quer comer[702]

Ampliando o alcance de seu "martelo", na estrofe seguinte Marinho do Pajaú metaforicamente alude à família de Pinto do Monteiro:

Marinho do Pajaú – Do pinto eu acabo a raça
Mato a galinha de gôgo
Boto gás e boto fogo
Ela se vai na fumaça
O gato-mourisco passa[703]
Frangos e frangas carrega
O gavião desaprega
Sem saciar seu instinto
Matando o que é de pinto
O galo a raposa pega

Pinto do Monteiro permanece nessa temática para imediatamente a seguir "apurar a qualidade" de Marinho do Pajaú através de alusões a uma de suas proveniências familiares:

Pinto do Monteiro – Já que me deste o motivo
Preciso avisar a tu
Se eu for ao Pajeú
Não deixo um babeco vivo
Eu sou um vulcão ativo
Com a sua lava ardente
Vou queimando tua gente
A tudo dou descaminho
Quem pertencer a Marinho
Não fica um pra semente[704]

[702] "*O diabo é quem quer comer*": expressão com o significado de "ninguém gostaria de passar pelo que você está passando".
[703] *Gato-mourisco*: felino selvagem de hábitos diurnos.
[704] "*Não fica um pra semente*": expressão que indica o completo extermínio de uma descendência.

Babeco é a denominação com que ainda atualmente moradores de Teixeira e São José do Egito pejorativamente referem-se às pessoas nascidas no vizinho Município de Itapetim/PE com o sentido de primitivos, atoleimados, por vezes reforçado com o acréscimo do qualificativo "das Umburanas" (também escrito e falado Imburanas[705]) em alusão à primitiva denominação desse lugar.

Todavia, embora dicionarizado com esse sentido (quiçá sobretudo por causa da aproximação fonética com "babaca"[706]), o termo babeco originariamente designa uma família do lugar então denominado Umburanas da qual Marinho do Pajaú descendia, como Rogaciano Leite registra em nota aposta à transcrita estrofe de Pinto do Monteiro:

> Babeco: apelido pejorativo da família de que descendia Marinho.[707]

Vale registrar que Rogaciano Leite nasceu em São José do Egito em 1920 e, como ele mesmo narra, após assistir a uma cantoria de Antônio Marinho em 1933 no ano seguinte foge de casa para acompanhar esse repentista por pelo menos 5 anos:

> Corriam meus 13 anos quando, a convite de meu pai, foi o famoso violeiro fazer uma "cantoria" na fazenda onde nasci. Lembro-me como se fora hoje.
> [...]
> Inúmeros improvisos desse genial repentista [...] guardo-os de memória, desde quando, menino ainda, o acompanhava nos mais acirrados desafios com os maiores violeiros de seu tempo.[708]

---

[705] "**Imburana** [...] Planta da família das burseráceas" (Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário histórico...*, p. 153). Assim como jitiirana designa variedade de batata (rama) e suçuarana designa variedade de onça, umburana quiçá signifique "o imbu falso; semelhante ao imbu [**Y-mb-ú**, a árvore que dá de beber; alusão aos tubérculos grandes desta planta (*Spondias uberosa*), que, nas raízes, segregam água e matam a sede aos viajantes do sertão em tempo de seca. Alt. Umbú, Ombú, Ambú]" (Teodoro Sampaio, *O Tupi na geografia nacional*, p. 248 e 249).

[706] "Babanca ou Babancas: o palúrdio; o pacóvio; o lorpa [...] Palúrdio (Cast. *palurdo*) – Aquele que é estúpido, boçal, pacóvio, parvo, palerma, simplório" (Rodrigo Fontinha, *Novo dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, p. 278 e 1304).

[707] Rogaciano Leite, *O cantador Antônio Marinho*, p. 87, nr 5. Embora sem especificar o contexto, Ivo Mascena Veras transcreve uma estrofe em que o próprio Marinho do Pajaú refere-se aos "Babeco nas Imburanas":

> Quando faltar verso em mim
> Falta a Deus merecimento
> Se acaba sal em Assu
> E falta pasto em São Bento
> Babeco nas Imburanas
> Morcego no Livramento
> (estrofe transcrita por Ivo Mascena Veras em *Antônio Marinho*..., p. 287)

[708] Rogaciano Leite, *O cantador Antônio Marinho*, p. 81 e 77 – grifei.

Analisemos esses aspectos relacionados a Marinho do Pajaú, principiando pela proveniência de Umburanas.

a) Proveniência de Umburanas

A afirmação de que Marinho do Pajaú provinha de uma família de Umburanas encontra respaldo na circunstância de que nos livros eclesiásticos desse lugar (relativos ao período em que era denominado São Pedro das Lajes) e de Teixeira (onde constam os mais antigos registros relativos a essa região) há diversos assentos de batismo de pessoas com sobrenome Marinho e Nascimento.

Nos livros eclesiásticos de São Pedro das Lajes relativos a 1893 e 1894 encontrei 36 registros de batismo com esses sobrenomes[709] e nos registros de casamento encontrei os nomes Luiz Paulino do Nascimento[710] e Vicente Paulino do Nascimento[711], semelhantes ao nome Antônio Paulino do Nascimento, pai de Marinho do Pajaú.

Nos livros eclesiásticos de Teixeira relativos ao período de 1841 a 1873 encontrei 141 batismo com os sobrenomes Marinho e Nascimento[712], inclusive, de 1842, o Assento de Batismo de Laurentino, filho do homônimo Antônio Marinho do Nascimento, possivelmente irmão de Manoel Marinho do Nascimento (1840 – ?), avô materno de Marinho do Pajaú[713]:

---

[709] Cfr. Itapetim – Livro 1 de Batismos – fls. 3, 5v, 9, 12v, 13v, 16v, 17, 24v, 30v, 32v, 37, 42v, 49, 150v, 152v, 153, 155, 156, 158, 158v, 160v, 162, 164v, 165, 166v, 171v, 173v, 177v, 183, 184v, 185v, 188v, 189v, 190, 193 e 193v – Disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D1QL-WL?i=731&cc=2016195&cat=607232.

[710] Itapetim – Livro 1 de Casamentos – fls. 11 (Assento nº 25) – Disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D1QN-Y3?i=1648&cc=2016195&cat=607232.

[711] Itapetim – Livro 1 de Casamentos – fls. 59v (Assento nº 147), 162 (Assento nº 246) e fls. 173 (Assento nº 276 ou 282) – Disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D1QN-Y3?i=1648&cc=2016195&cat=607232.

[712] Teixeira – Teixeira - Livro 1 de Batismos (1842-1850), fls. 15v, 38, 47v, 48, 48v, 51v, 65v, 69, 75v, 87, 87v, 89, 97, 100v, 105, 108, 109 (de Isabel Marinho de Carvalho, esposa do referido coronel Idelfonso Aires Cavalcanti de Albuquerque), 111, 113v, 117v, 125, 132v e 196v; Livro 2 de Batismos (1850-1853), fls. 1, 8, 14v, 17, 24, 25, 33v, 41v e 43; Livro 3 de Batismos (1855-1859), fls. 9, 10, 12, 16, 18, 18v, 33, 34, 37, 38v, 39v, 42v, 43, 45, 50v, 51, 51v, 53, 60v, 70, 74v, 76v, 80v, 81v, 82v, 83, 84,v, 85, 86, 89v, 90, 92, 92v, 96v, 97, 97v, 100, 104, 104v, 107, 110v, 120, 134v, 135v, 137, 138, 139, 140, 140v, 141, 143v, 148, 148v, 150v, 152v, 153, 155, 156 e 158; Livro 5 de Batismos (1867-1873), fls. 1, 3v, 9, 11, 13, 15v, 17, 21, 22, 26, 32v, 34v, 35, 35v, 36, 36v, 38v, 40, 41, 45, 45v, 46v, 54v, 55v, 56v, 57v, 59, 60v, 62v, 63, 63v, 64, 64v, 65, 67v, 69, 71v, 82, 95v, 97, 101, 105, 107v, 111, 111v, 117, 117v, 121, 143, 145 – Disponíveis em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9P39-9JQR?i=2556&cc=2177286&cat=1199449.

[713] Cfr. São João do Cariri – Livro 7 de Batismos (1835-1846) – fls. 198 – Disponível em: https://archive.slavesocieties.org/volume?id=250024. Manoel Marinho do Nascimento (1840 – ?) era, casado com Antônia Mª de Jesus (1844-1894) e filho de João Baptista do Nascimento e Rosa Mirte.

> Aos vinte cinco dias do mês de dezembro de mil oitocentos e quarenta e dois, na capela de Santa Maria Magdalena da Serra do Teixeira, filial desta Matriz de Nossa Senhora da Guia de Patos, o R^{o} José Guedes (?) de minha licença batizou solenemente com os Santos Óleos a Laurentino, pardo, com dois meses de nascido, filho legítimo de Antônio Marinho do Nascimento e Alexandrina Maria da Conceição. Foram padrinhos o Cap. Ignácio Dantas Correia de Goes, solteiro, e Bárbara Maria da Conceição, casada, moradores da mesma Serra do Teixeira, desta Freguesia, de que para constar mandei fazer este Termo em que me assino.
>
> O Vg^{rio} Antônio Dantas Correia de Goes[714]

Nesse contexto também vale registrar o batismo, em 1868, de Mariano, filho de José Marinho do Nascimento:

> Aos vinte um de junho de mil oitocentos e sessenta e oito batizei solenemente a Mariano, pardo, nascido aos vinte de maio do mesmo ano, filho legítimo de José Marinho do Nascimento e de Joanna Maria da Conceição. Padrinhos Bernardo de Souza Limeira e Maria Francisca da Conceição. E para constar mandei fazer este assento.
>
> O Vigrio. Bernardo de Carvalho Andrade[715]

Após essas considerações, também a partir da alusão de Pinto do Monteiro aos babeco passemos à análise das proveniências poéticas indígenas de Marinho do Pajaú.

b) Babeco: Xukuru

Decerto sem conhecer a afirmação de Rogaciano Leite de que Marinho do Pajaú provinha dos babecos das Umburanas (dentre razões, porque publicada em revista paulistana cuja circulação certamente não alcançava os sertões do Nordeste brasileiro), outro pesquisador que também apontou essa proveniência foi José Marcolino Alves (Sumé/PB, 1930 – Carnaíba/PE, 1987), conhecido como Zé Marcolino:

> O sítio Angico Torto, entre o lugarejo do Mundo Novo, no município de São José do Egito, em Pernambuco, e o lado nascente, do Município de Ouro Velho, na Paraíba, foi o local privilegiado onde nasceu o genial Marinho.

---

[714] Teixeira – Livro 1 de Batismos – fls. 2v e 3 (grifei) – disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP39-9KNT?i=2231&cc=2177286&cat=1199449. Agradeço a Linete Gach pela descoberta e partilha desse precioso documento.

[715] Teixeira – Livro 5 de Batismos (1867-1873), fls. 77v – Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GP39-9KNT?i=2231&cc=2177286&cat=1199449.

> Descendia dos Babecos das Umburanas, hoje Itapetim, e da família Bernardo, de Ouro Velho.[716]

O biógrafo Ivo Mascena Veras transcreveu essa afirmação no capítulo sintomaticamente intitulado *Os babicos* de seu livro *Antônio Marinho: precursor doa repentistas de São José do Egito* e imediatamente a seguir arrematou:

> Babeco, do Babicos, índios desgarrados da tribo dos Xucurus de Teixeira.[717]

Adiante, Ivo Mascena Veras reitera que "Marinho era de família dali [de Umburanas] (os babecos) [...] Antônio Marinho, rebento dos Babecos ou Babicos das Umburanas"[718] e conclui:

> Pelo que vemos, Marinho está mais para índio do que para português. Em sua caminhada por estradas e dias difíceis de sua vida, nunca se deixou escravizar. Eu creio que igualmente o indômito Pajeú tenha herdado do índio esse apreço acima do comum aos postulados de Liberdade. Essa maneira de ser pobre, porém livre e soberano. Essa inteligência perscrutadora que vive sempre a abrir novos caminhos e nunca se perder nos já existentes [...]
> Os Babecos, Babicos, "índios das umburanas, terra dos lagos de pedra", a que chamávamos tanques.[719]

---

[716] Zé Marcolino, *Cantadores, prosas sertanejas e outras conversas*, p. 69 – grifei. Zé Marcolino compôs diversas músicas gravadas por Luiz Gonzaga, como *Numa sala de reboco, Cacimba nova*, *Cantiga de vem-vem*, *Pássaro carão*, *Saudade imprudente* e *Serrote agudo*.

[717] Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 116 – grifei. O historiador itapetinense Marcos Nunes Costa assinala que "nas Umburanas habitavam nessas terras os índios Babicos" (*Itapetim: cidade das pedras soltas*, p. 39).

[718] Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 99 e 119 – grifei.

[719] Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 124-125 – grifei.

Fig. 53 – Da esquerda para a direita: Ernesto Limeira, Agostinho Lopes, Antônio Marinho e José Bernardino



Fonte: Francisco Coutinho Filho, *Repentistas e glosadores*, p. 16-17

Fig. 54 – Antônio Marinho do Nascimento



Fonte: Blog Mala de romances
Disponível em: http://maladeromances.blogspot.com/2017/01/do-grande-poeta-antonio-marinho.html

c) Babeco: Xukuru em Caramucuqui

Em Itapetim/PE os Babeco (porque trata-se de etnônimo doravante grafarei com inicial maiúscula e no singular) são lembrados como pessoas cuja principal característica física eram os pés grandes, o que se coaduna com a assertiva do pesquisador Raimundo Araújo sobre o referido verso de Pinto do Monteiro a respeito de Antônio Marinho:

> *Babeco*, uma índia dos pés enormes, de Umburanas, e da qual, segundo a lenda, descendia a família de Antônio Marinho.[720]

Esse é o fio condutor para conceber que os Babeco referem-se a uma indígena cujo epíteto era Babeca, como o historiador teixeirense Pedro Baptista assinala:

> Os emburanenses [residentes de Umburanas] são no Teixeira tratados por Babecos, pejorativo equivalente a *tabaréu* e que se origina do nome de uma família íncola dali, cujo tronco menos remoto era a *Babeca*, proprietária de CARAMUCUQUI, local de antigo aldeamento a oeste do atual povoado.[721]

A identificação da indígena Babeca encontra-se no livro *A família Nóbrega*, em que o genealogista Trajano Pires da Nóbrega alude a Maria José de Medeiros (Santa Luzia/PB, 1748 – 1842), "mais conhecida como Babanca"[722], pseudônimo decerto modificado para Babeca na região de Teixeira.

Maria José de Medeiros, a Babeca, residia em Santa Luzia/PB, à época "ainda uma fazenda na mataria do sopé da Borborema"[723] e, na continuação do processo de

---

[720] Raimundo Araújo, *Cantador, verso e viola*, p. 38, nr 2.

[721] Pedro Baptista, *Atenas de cantadores*, p. 33 – grifei.

[722] Trajano Pires da Nóbrega, *A família Nóbrega*, p. 13, 15, 19, 22, 24, 29, 145, 270, 477, 503, 535, 587 e 598. Esse genealogista considera que a Babanca é "expressão de origem africana, pois os velhos escravos por último desaparecidos a traduziam como 'Mãe Branca'", todavia é possível que essa "tradução" deva-se apenas à semelhança fonética entre aquele termo e essa expressão.

[723] Trajano Pires da Nóbrega, *A família Nóbrega*, p. 22. A mãe de Maria José de Medeiros, a Babeca, foi Antônia de Amorim Valcácer Filha (que "casou-se por volta de 1739 com o açoriano Sebastião de Medeiros Matos" – Olavo de Medeiros Filho, *Joaquim Estanislau de Medeiros (Major Quincas Berto do Fechado)*, p. 31). Por sua vez, Sebastião de Medeiros Rocha, irmão de Rodrigo de Medeiros Rocha, casou com Apolônia Barbosa Valcácer, irmã de Antônia de Amorim Valcácer Filha (ou seja, dois irmãos casados com duas irmãs), a cujo respeito o historiador José Augusto registra: "Sendo solteiros os irmãos Medeiros, cuidaram influentes da região em que eles se instalaram com as suas fazendas de gados, de arranjar-lhes para esposas duas filhas de [Manoel Fernandes] Freire, netas da índia Custódia. Recusaram-se a princípio, alegando serem de condição social elevada; mas, tal fora a pressão, que se conformaram afinal, vindo a contrair matrimônio, Rodrigo com Apolônia Barbosa, e

invasão dos sertões do Nordeste brasileiro, nos sécs. XVIII e XIX seus familiares e posses de terra irradiaram-se para o Sertão do Seridó norte-rio-grandense e para o Sertão de Teixeira.

Com efeito, conforme a árvore genealógica que apresento a seguir, familiares de Maria José de Medeiros, a Babeca, vincularam-se à família do sesmeiro Caetano Dantas Correia (1710–1797)[724], do qual "descendem os Dantas do Seridó"[725], e também irradiaram-se para Teixeira, como Olavo de Medeiros Filho registra sobretudo quanto a Ana de Amorim Valcácer (tia materna de Maria José de Medeiros, a Babeca), que casou com Geraldo Ferreira das Neves Sobrinho e "a descendência do casal irradiou-se para o Teixeira"[726].

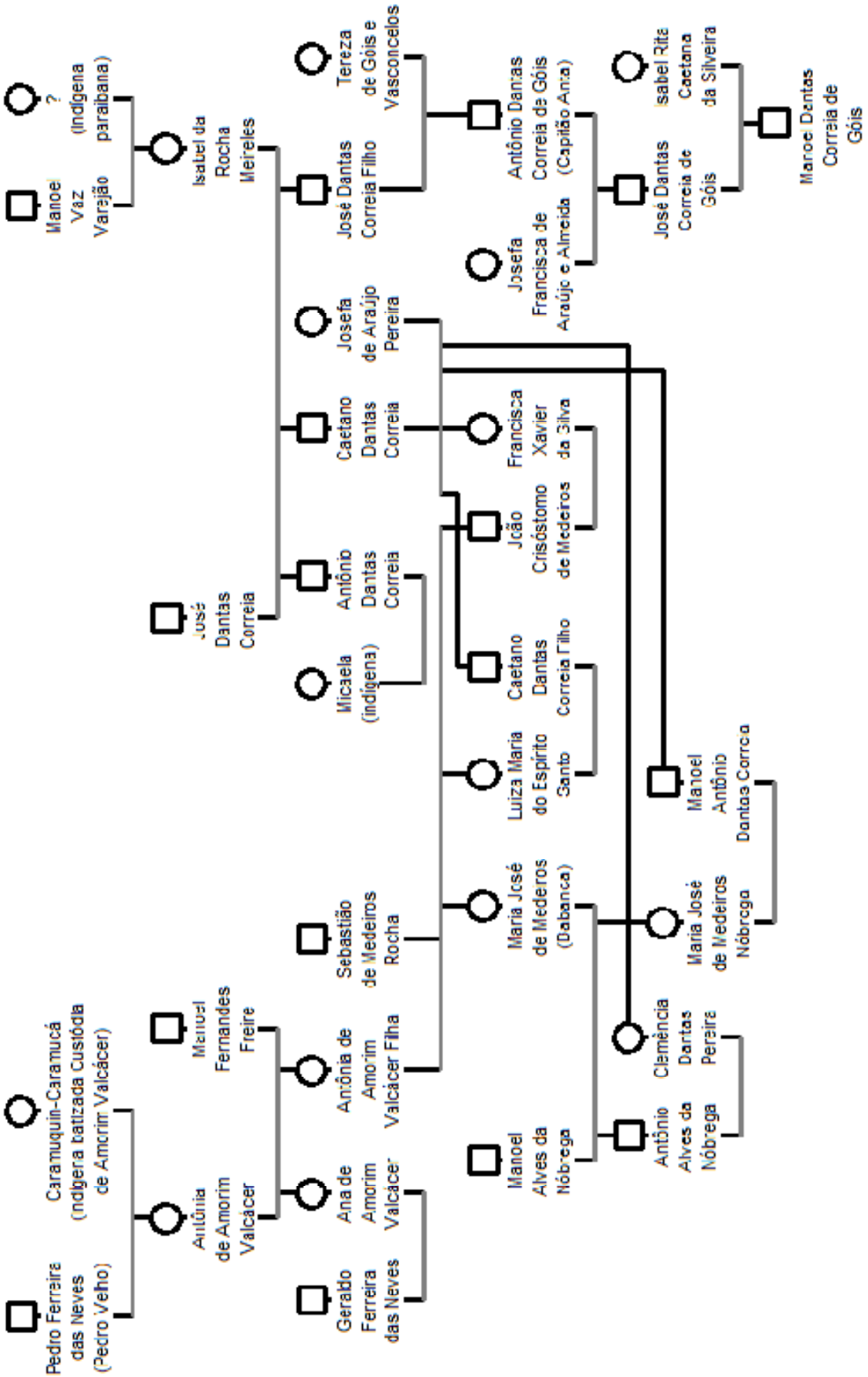
Sebastião com Antônia de Amorim Valcácer, irmãs entre si e netas da índia Custódia" (*Povoamento do Nordeste*, p. 11).

[724] Caetano Dantas Correia era filho do português José Dantas Correia e da paraibana Isabel da Rocha Meireles (filha do português Manoel Vaz Varejão com uma indígena - cfr. Felipe Guerra, citado por Olavo de Medeiros Filho em *Velhas famílias do Seridó*, p. 116). Há notícias de que, nas cercanias da Serra da Rajada (em termos atuais localizada entre os município norte-rio-grandenses de Carnaúba dos Dantas, Acari, Parelhas e Jardim do Seridó), Caetano Dantas Correia teria raptado uma indígena posteriormente batizada Micaela Dantas Correia, com quem possivelmente teve "um relacionamento paralelo ao casamento oficial com Josefa de Araújo – possivelmente, até antes do casamento –, como era comum na sua época" (Helder Medeiros de Macedo, *Outras famílias do Seridó*, p. 110 – cfr., também desse historiador, os escritos "*Caetano Dantas, fundador de Carnaúba?"*, p. 11, e *Caboclas brabas: história indígena do sertão do Seridó por meio das memórias de seus moradores*, p. 6).

[725] Helder Medeiros de Macedo, *Ocidentalização, territórios e populações indígenas nos sertão da Capitania do Rio Grande*, p. 37, nr 31.

[726] Olavo de Medeiros Filho, *Velhas famílias do Seridó*, p. 19.

Fig. 55 – Árvore genealógica com vínculos entre as famílias Medeiros e Dantas



Ainda a respeito da vinda das famílias Medeiros e Dantas para Teixeira vale registrar que Caetano Dantas Correia era tio do referido Antônio Dantas Correia Góis, conhecido como Velho Anta, que por volta de 1770 adquiriu a Fazenda Piedade, localizada "a 3 léguas desta vila [do Teixeira], no vizinho município de S. José do Egito, Pernambuco"[727] e próximo a um lugar denominado Caramucuqui.

Também de 1770 consta uma referência ao lugar Caramucuqui em requerimento de sesmaria apresentado por Vicente Ferreira Neves, filho de Maria José de Medeiros, a Babeca[728], em que alude ao "riacho das Moças onde se acham umas casas dos gentios" – valendo reiterar que a denominação Riacho das Moças alude a duas filhas do coronel Rego Barros raptadas pelos Xukuru e reavidas grávidas[729]:

> Tenente Vicente Ferreira Neves diz que descobriu no chão da serra da Borborema terras devolutas, com suficiência para plantar lavouras e criar gados e porque delas precisava pedia por sesmaria três léguas de comprido e uma de largo, fazendo pião em uma lagoa a que o suplicante pôs o nome de Phanta (?) sendo o comprimento de sul a norte ficando na compreensão o olho d'água Taborim e o riacho das Moças onde se acham umas casas dos gentios que se acham dispersos de suas vilas ficando este da dita lagoa para a parte do norte, e se acha outro olho d'água para o sul, tudo na dita compreensão, confrontando-se pelo norte com a serra do Teixeira e a serra do Araújo, pelo nascente com o sitio da alagoa do coronel José da Costa Romeu, e terra do Caramucuqui; pelo poente com a serra do capitão Manoel Pereira Monteiro e pelo sul com o vizinho que se acha mais perto, ficando logrando as sobras dos mencionados sítios de que era a sua corrente das vertentes deles para o rio das Piranhas. Foi feita a concessão, no governo de Jerônimo José de Mello Castro.[730]

Outro indício no sentido da relação entre os Babeco e Maria José de Medeiros, a Babeca, consiste em que ela era bisneta de Custódia de Amorim Valcácer, nome de batismo da indígena Caramucuim-Caramucá[731], que possivelmente usou para denominar

---

[727] Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 68. Registre-se, por oportuno, que Antônio Dantas Correia Góis foi avô materno do referido coronel Manoel Dantas Correia de Góis. Por seu turno, Trajano Pires da Nóbrega aponta outro vínculo posterior de Maria José de Medeiros, a Babeca, com Teixeira no fato de que sua neta Francisca Nóbrega (filha de seu primogênito Anastácio Alves da Nóbrega) casou com Vicente Brás (ou Tomás) de Carvalho, morador deste lugar (*A família Nóbrega*, p. 29) – aliás, estes foram pais de Liberato Cavalcante de Carvalho Nóbrega (Trajano Pires da Nóbrega, *A família Nóbrega*, p. 33), sobre quem discorrerei adiante.

[728] Cfr. Olavo de Medeiros Filho, *Velhas famílias do Seridó*, p. 21.

[729] Cfr. Pedro Baptista, *Cônego Bernardo*, p. 12-13 – grifei.

[730] João de Lyra Tavares, *Apontamentos para a história territorial da Paraíba*, p. 347-348. Cfr. tb. SILB PB 0680 – grifei.

[731] Caramucuim possivelmente provém de "mucuim", a cujo respeito Eduardo Navarro esclarece: "**muku'iîy** (s.) – **MUCUIM**, variedade de inseto vermelho do mato, acarídeo da família dos

sua propriedade e possivelmente houve a modificação para Caramucuqui.

Em termos atuais, o lugar Caramucuqui inicia-se a cerca de 5 km do centro da cidade de Itapetim/PE no sentido da cidade de Teixeira e a cujo respeito o historiador itapetinense Marcos Nunes Costa apresenta o seguinte mapa:

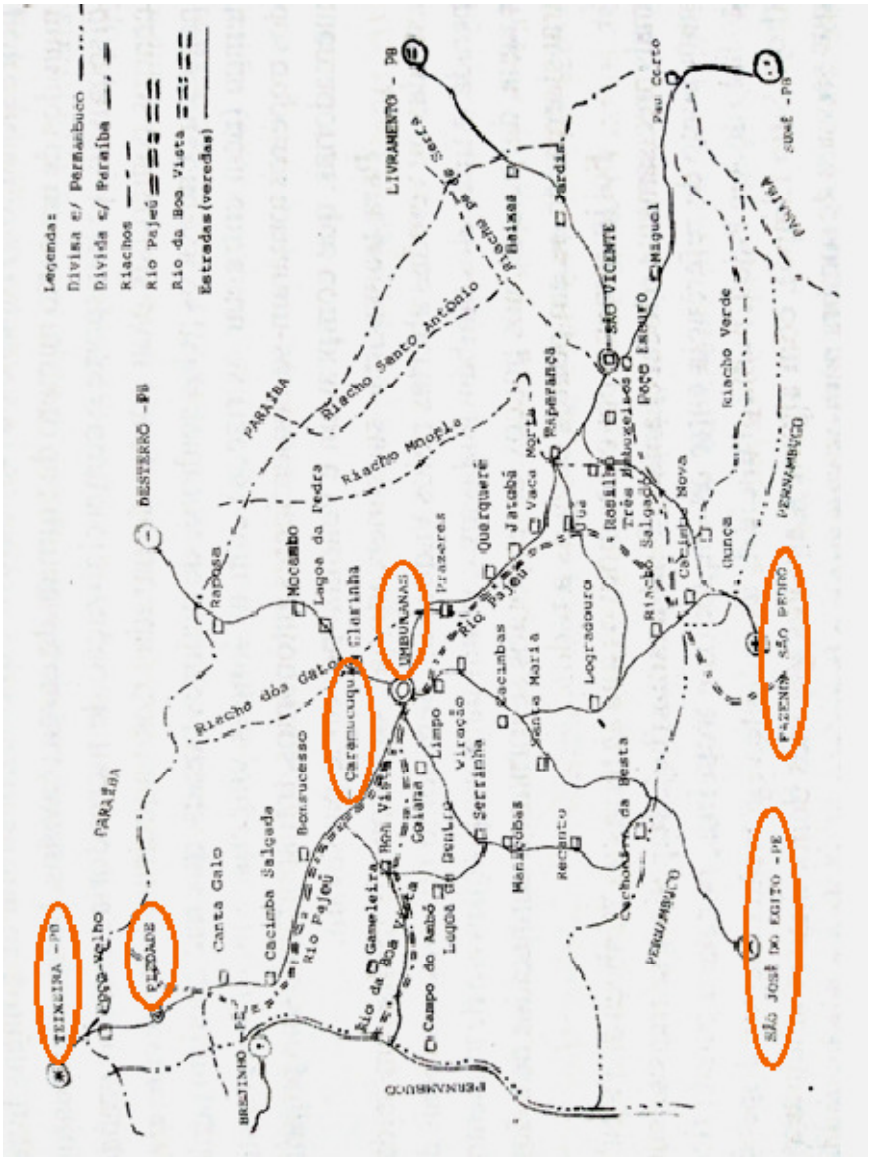


Fig. 56 – Marcos Nunes Costa, *Mapa das antigas estradas (veredas) que cruzavam as terras da "Cabeça do Pajeú"*

Fonte: Marcos Nunes Costa, *Itapetim: cidade das pedras soltas*, p. 37

---

trombidídeos, que entre no corpo humano e causa grande comichão" (*Dicionário...*, p. 318). Também assim Luiz Caldas Tibiriçá: "MUCUIM [...] de **mycuí**, esp. de pequeno carrapato" (*Dicionário...*, p. 88). Próximos a Caramucuim e a Caramucá tem-se: "**CARÁ** corr. **carã**, redondo, circular. Pode proceder de acará, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe [...] Designa também uma planta tuberosa (*Dioscorea*), como o inhame de São Tomé" (Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, p. 216)"; "**karamuru** (s.) – **CARAMURU**, nome comum a certos peixes da família dos murenídeos, também chamados *lampreia*, *enguia*, *miroró*, *moreia*, *mororó*, *tororó* [...] NOTA – Daí o nome da epopeia de José de Santa Rita Durão, **CARAMURU**, alcunha do célebre Diogo Álvares Correia, português que viveu na Bahia nos primeiros anos após o descobrimento do Brasil pelos portugueses" (Eduardo de Almeida Navarro, *Dicionário...*, p. 221); "**Caramuru** [...] Antiga designação brasileira do europeu residente no Brasil" (Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário...*, p. 103).

Caramucuim-Caramucá (Santa Luzia/PB, 1680 (?) – ?) habitava em lugar atualmente localizado no Município de Santa Luzia/PB, onde no início do séc. XVIII casou com o português Pedro Ferreira Neves, conhecido como Pedro Velho, que a batizou Custódia de Amorim Valcácer e passaram a residir na Fazenda Cacimba da Velha, às margens do Rio Quipauá[732], distante cerca de 3 km a Noroeste do povoado.

A respeito de Caramucuim-Caramucá um relevante registro consta do escrito *Raízi gatingêra de Ontôim e Terezinha Francisco Reis*, de sua octaneta a professora caicoense Lydia Brasileira de Brito:

> Minha avó em quinto [oitavo] grau foi raptada 'a casco de cavalo', na região do Sabugi, pelo português Pedro Ferreira das Neves e, como só falava duas palavras: Qaramunqin-Qaramunqá, assim ficou sendo chamada.[733]

Fig. 57 – Lydia Brasileira



Fonte: acervo do autor

Por sua vez, no escrito o historiador Olavo de Medeiros Filho aduz a possibilidade de que Caramucuim-Caramucá era Otschucayana:

> Pedro [Ferreira Neves] participou da chamada Guerra dos Bárbaros, ou Levante do Gentio Tapuia, episódio bélico travado entre o partido

[732] Cfr. Trajano Pires da Nóbrega, *A família Nóbrega*, p. 9.

[733] Lydia Brasileira, *Raízi gatingêra de Ontôim e Terezinha Francisco Reis*, p. 3. Em entrevista a esse autor Lydia Brasileira informou que o nome Caramucuim-Caramucá ê êim (em tom saudosista) foi repassado oralmente a seu pai, Stoessel de Britto, pelo historiador Padre Eymard L'Eraistre Monteiro, que por sua vez teria colhido essa informação do historiador caicoense Olavo de Medeiros Filho. Também assinalou que sua ascendência é a seguinte: Caramucuim-Caramucá – Antônia de Moraes Valcácer – Margarida Freire de Araújo – Caetano Camelo Pereira – Joaquim José de Santana Pereira – Joaquim Apolinar Pereira de Britto – Cristina Laurinda Pereira de Britto – Luiz Agatângelo de Britto – Stoessel de Britto – Lydia Brasileira de Britto.

> português e os tapuias sertanejos. Ferido em combate, Pedro refugiou-se na casa de um indígenas, seu conhecido, ali tratando-se e curando-se do ferimento. Por gratidão, contraiu matrimônio com uma filha do seu protetor, a qual fez batizar com o nome de Custódia de Amorim Valcácer...
> [...]
> CUSTÓDIA DE AMORIM VALCÁCER deve ter nascido por 1680. Se natural do território de Santa Luzia, teria pertencido a um dos ramos indígenas Tapuias, no caso os Tarairiús.[734]

A partir desses indícios é possível conceber que Caramucuqui não consiste em "vocábulo evocativo dos cariris, na toponímia sertaneja"[735], mas vocábulo Otschucayana e, nesse contexto, que os Babeco eram indígenas descendentes de Caramucuim-Caramucá e de Maria José de Medeiros, a Babeca, quiçá Xukuru (como Ivo Mascena Veras defende) sobreviventes da "Guerra dos Bárbaros" que, à semelhança do que ocorreu na vizinha região de Teixeira, resistiram em nichos na região de Umburanas.

Ainda nesse contexto, é possível que, no contato havido com os invasores do Alto Sertão do Pajaú, os Xukuru–Babeco tenham adotado a poesia como estratégia de resistência, perspectiva que encontra amparo no fato de que, assim como Marinho do Pajaú, o cantador João Isidro Ferreira "pertenceu à família 'Babeco' da vilazinha [Umburanas] em que nasceu naquela época, em São José do Egito"[736].

Também vale transcrever a referência que o cantador Ivanildo Vilanova fez aos "repentistas babecos" em cantoria realizada em São José do Egito:

> Do rio dos crocodilos
> Com nervos em pandarecos
> Eu saí pra ver aqui
> As crianças com bonecos
> Acalentadas nos versos

---

[734] Olavo de Medeiros Filho, *Joaquim Estanislau de Medeiros (Major Quincas Berto do Fechado)*, p. 4 e 34 – grifei. Por seu turno, o historiador norte-rio-grandense José Augusto (*Povoamento do Nordeste* (1939), p. 17) e o genealogista paraibano Trajano Pires da Nóbrega (*A família Nóbrega* (1956), p. 11) consideram que Caramucuim-Caramucá era filha de D. Pedro Valcácer, que em requerimento de sesmaria de 1714 apresentou-se como "governador dos índios Carirys" (cfr. João de Lyra Tavares, *Apontamentos...*, p. 87 – esse historiador também registra requerimentos de sesmaria formulados em 1624 por Antônio de Valcácer Moraes, em 1708 por Gregório Valcácer de Moraes, em 1717 por Manoel Coelho Valcácer, em 1730 por Amaro Valcácer, em 1758 por José de Moraes Valcácer e em 1762 por Vasco Pereira Valcácer (p. 40,e 69, 105, 132, 258 e 307).
[735] Luiz Cristovão dos Santos, *Caminhos do Pajeú*, p. 13.
[736] Luís Wilson*, Roteiro...*, p. 205.

Dos repentistas babecos[737]

Por fim, considerando todos os elementos apontados, é possível conceber que dos Xukuru-Babeco proveio o cantador Antônio Marinho do Nascimento, conhecido como Marinho do Pajaú e precursor da Escola de Poesia de São José do Egito, que, noutra semelhança com Romano do Teixeira, teve seu passado indígena "branqueado".

d) "Passado" indígena e branqueamento

Outros aspectos relativos à semelhança entre Romano do Teixeira e Marinho do Pajaú consiste nas noções de "passado" indígena e branqueamento a que a historiadora Linda Lewin maneja no artigo *Who was "O Grande Romano"? genealogical purity, the indian "past," and whiteness in Brazil's Northeast backlands (1750-1900)* para referir-se àquele e que, tendo em mira sua igual proveniência Xukuru, é possível aplicar a esse:

> Mais propriamente, brancura [*whiteness*} muitas vezes implicava 'embranquecimento [*whitening*]' (*branqueamento* ou *branqueação*) [...]
> A pretensão de branquitude [*claim to whiteness*] defendida pelas famílias dominantes do interior do Nordeste brasileiro, explicitamente articulada na frase que eles mesmos cunharam, "os brancos da terra" (*landowning whites*), depende tanto da negação da mestiçagem no passado histórico quanto da costumeira recusa de permiti-lo no presente do século XIX.[738]

Nos casos de Romano do Teixeira e Marinho do Pajaú, o "branqueamento" pode ter sido utilizado por sua família e por eles próprios como estratégia para a inserção e a ascensão sociais a partir da inserção da "qualidade" branco nos documentos oficiais, como em relação a esse último observa-se em seu Assento de Batismo:

Anto-nio Br^{co}.	Aos dois de junho de mil oitocentos e oitenta e sete, na capela de Boi Velho, batizei Antônio, b[ranco], idade de dois meses, filho leg[ítimo] de Antônio Paulino do Nascimento e Maria Magdalena da Conceição. P[or] P[adrinhos] Manoel Marinho do Nascimento e Antônia Maria de Jesus.

[737] Ivanildo Vilanova, estrofe transcrita de *Ivanildo Vila Nova e Diniz Vitorino – São José do Egito – 1979 | Série "Cantorias Raras"* – Canal Balcão de Bodega / Gilberto Lopes – Disponível no em: https://www.youtube.com/watch?v=uNxdIWKmvgg (a partir do momento 37:37).

[738] Linda Lewin, *Who*..., p. 84 e 103. Os termos *branqueamento* e *branqueação* constam do original.

Vig[rio]. Pedro Jacinto Ramos[739]

Também assim em seu Registro de Óbito:

> Aos trinta dias do mês de setembro de mil novecentos e quarenta nesta cidade de São José do Egito, 1º Distrito do município da mesma denominação estado de Pernambuco, em meu cartório compareceu Izabel das Neves Marinho esposa do contemplado neste assento e em presença das testemunhas abaixo nominadas e assinadas declarou: [...] Que ontem dia vinte e nove deste corrente mês e ano retro declarados, às quinze horas em casa de sua residência à Rua Padre Vital Paiva número oito nesta cidade faleceu de morte natural [...] Antônio Marinho do Nascimento do sexo masculino de cor branca artista com cinquenta e três anos de idade brasileiro natural deste Estado domiciliado e residente nesta cidade, filho legítimo de Antônio Paulino do Nascimento já falecido e de Madalena Maria do Nascimento ambos naturais deste Estado.[740]

A hipótese de que tratam-se de indícios no sentido do "branqueamento" de Marinho do Pajaú coaduna-se com o fato de que, no período de 1867 a 1887 (ano em que esse cantador nasceu), diversas pessoas da família Nascimento nascidas nos povoados Mundo Novo (lugar em que ele nasceu) e Boi Velho (atual Município de Ouro Velho/PB, onde também possuía proveniências familiares) foram batizadas com a "qualidade" "pardo", o que, segundo o antropólogo João Pacheco de Oliveira, pode "servir como instrumento do discurso da mestiçagem e reunir evidências numéricas que reforcem as suposições ideológicas quanto à tendência ao 'branqueamento' progressivo da população brasileira"[741].

A "qualidade" "pardo" consiste, pois, em construção histórica cuja vasta utilização em documentos até meados do século XIX, sobretudo "como forma de registrar uma diferenciação social", quando então "o pardo aparece como um distanciamento da escravidão, pois definir-se ou ser definido como pardo evidencia uma

---

[739] Monteiro – Livro 08 de Batizados de: outubro de 1883 a setembro 1888 – fls. 43v – grifei. Fonte: CPDoc-Pajeú – Documentação Monteiro – Monteiro-batismo-1885_1888 - Monteiro Batismo 1885_1888 – Doc. record-image_-2022-02-22T151352.410.jpg.

[740] São José do Egito – Livro de Registro de Óbitos (sem numeração) – fls. 85 e 85v – grifei. Fonte: Family Search – Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-X96S-B2J?i=112&cc=2016195.

[741] João Pacheco de Oliveira, *Pardos, mestiços ou caboclos: os índios nos censos nacionais no Brasil (1872-1980)*, p. 67 – grifei.

relação com a liberdade"[742].

A esse respeito a historiadora Emanuele Carvalheira de Maupeou observa:

> A classificação parda parece ser, muitas vezes, utilizada com o objetivo de camuflar algum tipo de herança negra e; até mesmo, indígena. Num Brasil profunda e paradoxalmente escravista e miscigenado, qualquer tipo de ascensão social estava, freqüentemente, acompanhada de uma conotação de "branqueamento". Em todo o país, nas regiões com baixa presença de pessoas brancas, percebe-se um ajustamento do sentido da palavra "branco" a partir da composição étnica da sociedade local. Deste modo, adaptar-se ao universo das pessoas livres significa "embranquecer" social e economicamente. Tal fenômeno nacional também se fez presente no Sertão, respeitando a composição étnica da região.[743]

Considerando essas circunstâncias, passo à transcrição, em ordem cronológica, de diversos assentos de batismo de pessoas da família Nascimento nascidas nos povoados Mundo Novo e Boi Velho com a classificação "pardo", principiando pelo Assento de Batismo de Maria, "parda", filha de Maria José do Nascimento, de 1867:

> Aos dezessete de março de 1867, no Oratório privado do Mundo Novo, desta Freguesia do Monteiro, de minha licença o R^{vdo} Bernardo José Gonçalves batizou solenemente e por os S. óleos a Maria, parda, idade de três meses, filha legítima de Manoel Fernandes de Brito e Maria José do Nascimento, desta freguesia, e foram padrinhos Francisco José da Silva e sua mulher Francisca Laurinda do Espírito Santo, desta mesma Freguesia do Monteiro, do que para constar fiz este assento em que me assino.
>
> O Vig^{rio} Alípio Emiliano Cordeiro da Cunha[744]

Também de 1867 é o Assento de Batismo de Sebastiana, "parda", filha José Bezerra do Nascimento:

---

[742] Viviane Inês Weschenfelder e Mozart Linhares da Silva, *A cor da mestiçagem: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo*, p. 312 – esses pesquisadores transcreveram o primeiro excerto do escrito de H. Mattos *Das cores do silêncio*, p 42.

[743] Emanuele Carvalheira de Maupeou, *Cativeiro e cotidiano num ambiente rural*, p. 51 – grifei. Rita Laura Segato identifica um movimento no sentido inverso, uma espécie de "entre-mundo da mestiçagem de sentido contrário" em que o "enegrecimento" é adotado como estratégia em um "processo amplo de reemergência de povos que o continente testemunha [no qual] o mestiço, assim, passa a perceber que carrega a história do indígena no seu interior" (*Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*, p. 115).

[744] Monteiro – Livro 1 de Batismos – fls. 39 – Fonte: CPDoc-Pajeú – Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro Batismo – 1866-68 #4 1365813-20220206T105611Z-001 – Doc. 39 1867 março Im.jpg.

> Aos doze de agosto de 1867, no Oratório privado de Mundo Novo, desta Freguesia de Monteiro, de minha licença o Re^vdo^ Bernardo José Gonçalves batizou solenemente e por os S. óleos a Sebastiana, parda, da idade de dois anos, filha legítima de José Bezerra do Nascimento e Rita Maria da Conceição, desta Freguesia, e foram padrinhos Bernardino (?) dos Santos e Maria da Conceição, ambos solteiros, desta mesma Freguesia do Monteiro, do que para constar fiz este assento em que me assino.
>
> O Vig^rio^ Alípio Emiliano Cordeiro da Cunha[745]

Precisamente no dia seguinte registrou-se o Assento de Batismo de Joanna, "parda", filha de Félix Marques do Nascimento:

> Aos treze de agosto de 1867, no Oratório privado de Mundo Novo, desta Freguesia do Monteiro, batizei solenemente e por os S. óleos, a Joanna, parda, da idade de dois anos, filha legítima de Félix Marques do Nascimento e Maria da Conceição, desta Freguesia, e foram padrinhos Firmo José do Nascimento e Maria da Conceição, ambos solteiros, desta mesma Freguesia do Monteiro, do que para constar fiz este assento em que me assino.
>
> O Vig^rio^ Alípio Emiliano Cordeiro da Cunha[746]

Adiante, no primeiro dia de 1868 registrou-se o Assento de Batismo de Joaquim, "pardo", filho de Maria (?) do Nascimento:

> No 1º de janeiro de 1868, no Oratório privado da Fazenda Mundo Novo, desta Freguesia do Monteiro, de minha licença, o Re^vdo^. Bernardo José Gonçalves batizou solenemente e por S. óleos a Joaquim, pardo, da idade de vinte dias, filho legítimo de Francisco Bernardo de Lima e Maria (?) do Nascimento, desta Freguesia, e foram padrinhos João Monteiro da Silva e sua mulher M(?) da Conceição, desta mesma Freguesia do Monteiro, do que para constar fiz este assento em que me assino.
>
> O Vigr^io^ Alípio Emiliano Cordeiro da Cunha[747]

Também nesse dia registrou-se o Assento de Batismo de Maria, "parda", filha de C(?) José do Nascimento:

---

[745] Monteiro – Livro 1 de Batismos – fls. 58 – Fonte: CPDoc-Pajeú – Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro Batismo – 1866-68 #4 1365813-20220206T105611Z-001 – Doc. 58 1867 Im.JPG.

[746] Monteiro – Livro 1 de Batismos – fls. 58 – Fonte: CPDoc-Pajeú – Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro Batismo – 1866-68 #4 1365813-20220206T105611Z-001 – Doc. 58 1867 Im.JPG.

[747] Monteiro – Livro 1 de Batismos – fls. 39 – Fonte: CPDoc-Pajeú – Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro Batismo – 1866-68 #4 1365813-20220206T105611Z-001 – Doc. 80 8168 Jan-Fev V Im Badé-Lolo padr_.jpg.

> No 1º de janeiro de 1868, no Oratório privado do Mundo Novo, desta Freguesia do Monteiro, de minha licença o Rvdo Bernardo José Gonçalves batizou solenemente e por os S. óleos a Maria, parda, de idade de dois dias, filha legítima de C(?) José do Nascimento e Anna Joaquina da Conceição, desta Freguesia, e foram padrinhos Severino Bezerra da Siva e Maria Thereza de Jesus, desta mesma Freguesia do Monteiro, do que para constar fiz este assento em que me assino.
>
> O Vigr^io^ Alípio Emiliano Cordeiro da Cunha[748]

De 1869 consta o Assento de Batismo de Leopoldina, "parda", filha de Antônio Joaquim do Nascimento

> Ao dezoito do mês de abril de mil oitocentos sessenta e nove, em oratório privado no lugar Mundo Novo desta freguesia do Monteiro, sob minha licença o Reverendo Bernardo José Gonçalves solenemente batizou a Leopoldina, parda, com idade de um mês, filha legítima de Antônio Joaquim do Nascimento e Anna Francisca das Dores, foram padrinhos João da Cuha Marques Barbalhas e Maria Josefa Ferreira da Cunha, todos desta freguesia do Monteiro. Do que para constar fiz este assento em que me assino.
>
> O Vig^rio^ João Baptista de Arruda e Mello[749]

Do 1870 consta o Assento de Batismo de Antônio, "pardo", filho de José Bezerra do Nascimento (que, como consta do segundo assento da presente lista, também é o pai de Sebastiana, registrada como "parda" em 1867):

> Aos dois de fevereiro, digo de janeiro de mil oitocentos e setenta, no lugar Mundo Novo desta Freguesia do Monteiro, em Oratório privado, de minha licença o Re^vdo^ Bernardo José Gonçalves solenemente batizou a Antônio, pardo, com idade de quinze dias, filho legítimo de José Bezerra do Nascimento e Rita Maria, foram padrinhos Antônio Bernardes da Silva e Úrsula Maria da Conceição, ambos solteiros e todos moradores nesta Freguesia de Monteiro, do que para constar fiz este assento em que me assino.
>
> O Vig^rio^ João Batista de Arruda e Mello[750]

Igualmente de 1870 é o Assento de Batismo de Jovina, "parda", filha de C(?)

---

[748] Monteiro – Livro 1 de Batismos – fls. 39 – Fonte: CPDoc-Pajeú – Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro Batismo – 1866-68 #4 1365813-20220206T105611Z-001 – Doc. 80 8168 Jan-Fev V Im Badé-Lolo padr_.jpg.

[749] Monteiro – Livro 02 de Batizados – de junho de 1868 a fevereiro de 1884 – fls. 41 – Disponível em CPDoc-Pajeú Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro Batismo #2 Incompleto NOV.091121-1868-1881-20220205T121322Z-001 – Doc. 41a.jpg.

[750] Monteiro – Livro 02 de Batizados – de junho de 1868 a fevereiro de 1884 – fls. 70 – Disponível em CPDoc-Pajeú Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro Batismo #2 Incompleto NOV.091121-1868-1881-20220205T121322Z-001 – Doc. 70.jpg.

José do Nascimento:

> Aos quatro de janeiro de mil oitocentos e setenta, no Oratório privado de Mundo Novo desta Freguesia do Monteiro, de minha licença o R^{vdo} Bernardo José Gonçalves batizou solenemente a Jovina, parda, de idade de quatro dias, filha legítima de C(?) José do Nascimento e Anna Joaquina da Conceição. Foram padrinhos Félix (?) e (?) Maria da Conceição, todos desta Freguesia do que para constar foi este assento (?)
>
> O Vigr^{io} Alípio Emiliano Cordeiro da Cunha[751]

Em 1885, na capela do então povoado Boi Velho registrou-se o Assento de Batismo de Simphomnio, "pardo", filho de Antônio Pereira do Nascimento:

> Simphomnio foi ba[tizado] sol[enemente] na capela [de] Boi Velho aos vinte e três de agosto de mil, oitocentos oitenta e cinco, pardo, idade de quinze dias, filho legítimo de Antônio Pereira do Nascimento e de Felismina Maria da Conceição. Por padrinhos Luiz Ferreira de Menezes e Raymunda Maria da Conceição.
>
> O Vig^{rio} Pedro Jacinto Ramos[752]

Em 1886 foi batizado como "pardo" Manoel, filho de Jaú Félix do Nascimento e apadrinhado por Manoel Marinho do Nascimento e Antônia Maria de Jesus, avós maternos de Marinho do Pajaú:

> Aos dois de março de mil oitocentos, oitenta e seis, na capela Boi Velho ba[tizei] sol[enemente] [Manoel, pardo, filho] de Jaú Félix do Nascimento e Águeda Maria das Dores. P[or] P[adrinhos] Manoel Marinho do Nascimento e Antônia Maria de Jesus.
>
> O Vig^{rio} Pedro Jacintho Ramos[753]

Por fim, em 1887 o acima referido Jaú Félix do Nascimento batizou como "branca" sua filha Maria, apadrinhada por Antônio Paulino do Nascimento e Maria Magdalena, pais de Marinho do Pajaú:

---

[751] Monteiro – Livro 02 de Batizados – de junho de 1868 a fevereiro de 1884 – fls. 84 – Disponível em CPDoc-Pajeú Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro Batismo #2 Incompleto NOV.091121-1868-1881-20220205T121322Z-001 – Doc. 84.jpg.

[752] Monteiro – Livro 8 Batizados – de outubro de 1883 a setembro de 1888 – fls. 6v – Disponível em CPDoc-Pajeú – Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro-batismo-1885-1888 – Doc. record-image_-2022-02-22T150804.287.jpg

[753] Monteiro – Livro 8 Batizados – de outubro de 1883 a setembro de 1888 – fls. 18v – Disponível em CPDoc-Pajeú – Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro-batismo-1885-1888 – Doc. record-image_-2022-02-22T151012.651.jpg.

> Aos três de junho de mil oitocentos oitenta e sete, na capela Boi Velho, ba[tizei] Maria, b[ranca], idade de um mês, filha leg[ítima] de Jaú Félix do Nascimento e Águeda Maria da Cruz(?). P[or] P[adrinhos] Antônio Paulino do Nascimento e Maria Magdalena d'O(?) [Es]pírito Santo.
>
> Virg[rio] Pedro Jacintho Ramos[754]

Os dois últimos registros acima transcritos são particularmente relevantes porque possibilitam conceber que:

a) Um ano depois de batizar seu filho Manoel como "pardo" (que teve como padrinhos os avós maternos de Marinho do Pajaú), no dia 3 de junho de 1887 Jaú Félix do Nascimento batizou como "branca" sua filha Maria (apadrinhadas pelos pais deste cantador), o que possivelmente indica que Jaú Félix do Nascimento tenha mudado de perspectiva com o propósito de "branquear" seus descendentes

b) A mudança de perspectiva de Jaú Félix do Nascimento foi influenciada por seus prováveis parentes Antônio Paulino do Nascimento e Maria Magdalena, pois estes no dia 2 de junho de 1887 (precisamente no dia anterior ao batismo de Maria, filha de Jaú Félix do Nascimento e da qual foram padrinhos) batizaram como "branco" seu filho Marinho do Pajaú

Por fim em relação a Marinho do Pajaú, após essas considerações sobre suas proveniências poéticas íbero-árabe e Xukuru convém dissertar sobre as influências que causou.

4.3.3 Marinho do Pajaú: fluxograma de proveniências e influências poéticas

Em 1918 Marinho do Pajaú casou com Isabel Neves Marinho e foram residir no lugar Serrinha, em São José do Egito, em casa construída por esse cantador em terras de seu sogro Pedro José do Amaral (conhecido como Pedro Cazuza), pai de Luiz Ferreira Gomes (conhecido como Lulu Gomes), por seu turno pai de Pedro Ferreira Gomes, João Ferreira Gomes, Antônio Ferreira Gomes e José Gomes do Amaral, irmãos que, veremos, intensificaram suas práticas poéticas em grande medida devido à influência de Marinho do Pajaú.

[754] Monteiro – Livro 8 Batizados – de outubro de 1883 a setembro de 1888 – fls. 43v – Disponível em CPDoc-Pajeú – Documentação Monteiro – Serra Branca – Monteiro-batismo-1885-1888 – Doc. record-image_-2022-02-22T151352.420.jpg.

Outros poetas egipcienses que Marinho do Pajaú influenciou diretamente foram Lourival Guedes Patriota, conhecido como Lourival Batista (que casou com Helena Marinho Patriota, filha daquele), Rogaciano Leite e Job Patriota (que casou com Maria das Neves Marinho, também filha de Marinho do Pajaú), que intensificaram suas atividades como cantadores após assistir a cantorias suas.

A partir dessas informações é possível constituir o seguinte fluxograma de proveniências e influências poéticas de Marinho do Pajaú:

Fig. 58 – Fluxograma de proveniências e influências poéticas de Marinho do Pajaú



A Escola de Poesia de São José do Egito começou a configurar-se no final do séc. XIX, quando componentes da Escola de Poesia de Teixeira passaram a residir nas contíguas terras egipcienses, e teve como precursor Marinho do Pajaú, que iniciou suas atividades em 1911, marco temporal de seu fortalecimento através da chegada ao Alto Sertão do Pajaú de diversas outras veredas poéticas provenientes do Sertão do Piancó, do Sertão de Espinharas e do Sertão do Sabugi, todos na Paraíba.

4.4 Veredas: o que faz o Tao ser grande – Travessias poéticas do Sertão do Piancó, do Sertão do Espinharas e do Sertão do Sabugi para São José do Egito

Em São José do Egito, no final da década de 1920 ocorreu a finalização do processo de loteamento da metade Sul de uma extensa propriedade de terras férteis denominada Data dos Grossos[755], o que atraiu diversos pequenos proprietários paraibanos provindos do Sertão do Piancó (cujo centro é o Município de Piancó/PB), do Sertão de Espinharas (cujo centro é o Município de Patos/PB) e do Sertão do Sabugi (cujo centro é o Município de Santa Luzia/PB).

A meta Sul da Data dos Grossos consistia em área de aproximadamente 6000 hectares que, em meados do séc. XIX, pertencia unicamente a Francisco Miguel de Siqueira, conhecido como Chico Miguel, filho de rendeiros da Casa da Torre casado com uma neta de Agostinho Nogueira de Carvalho, também sesmeiro da Fazenda Ingazeira, da qual originou-se o município homônimo, o primeiro do Alto Sertão do Pajaú, desmembrado em 1852 da Vila de Flores[756].

Chico Miguel faleceu em 1878, fato que, ao lado da crise agrária que se abateu sobre essa região e da incapacidade da maioria de seus herdeiros em adaptar-se ao novo sistema produtivo (voltado para a cotonicultara) e político (fundado no trabalho livre), ocasionou um intenso processo de desconcentração de terras, de tal forma que no início do século XX a Data dos Grossos pertencia a mais de 180 proprietários, "dentre eles apenas sete descendentes de Chico Miguel, identificados pelos sobrenomes), em 126 glebas diferentes"[757].

Muitos desses novos proprietários pertenciam a famílias como Bernardino,

---

[755] Cfr. os itens 2 e 4 da relação apresentada por Yony Sampaio no texto *A Casa da Torre e o sertão de Pernambuco*, em *Livro de vínculo do morgado da Casa da Torre*, p. 44-48.
[756] Cfr. o item 7 da relação apresentada por Yony Sampaio no texto *A Casa da Torre e o sertão de Pernambuco*, em *Livro de vínculo do morgado da Casa da Torre*, p. 44-48.
[757] Aldo Manoel Branquinho Nunes, *Currais, cangalhas e vapores*, p. 257-258.

Bernardo, Lopes, Ferreira, Campos, Leite, Gomes, Araújo, Amaral, Pereira e Anjos, como exemplifica o historiador egipciense Aldo Branquinho Nunes:

> Em 1879 mesmo, no ano da morte de Dona Iria Nogueira de Carvalho [viúva de Chico Miguel], Dona Maria Thereza de Jesus e seu novo marido, Antônio Marques de Almeida, venderam uma parte de terras da Fazenda Grossos, por cem mil réis, a Joaquim Pereira dos Anjos (provavelmente meu ancestral) que, segundo relatos familiares, teria vindo do Sabugi.[758]

Nesse contexto, observa-se, como dito, uma situação de fronteira aberta não apenas no sentido fundiário que permitiu a desconcentração de terras e o predomínio da agricultura familiar, mas também no sentido sociocultural que permitiu a formação de redes de relacionamentos que possibilitaram o encontro, o intercâmbio e a multiplicação de ambientes onde práticas poéticas foram incentivadas por diversas pessoas que constituíram a Escola de Poesia de São José do Egito.

4.5 Poetas da Escola de Poesia de São José do Egito

Para fins didáticos, é possível conceber a Escola de Poesia de São José do Egito como um movimento composto por 3 períodos:

1º Período

De 1911 – Ano em que Marinho do Pajaú iniciou suas práticas como cantador profissional

a 1948-1950 – Anos em que o cantador, pesquisador e jornalista Rogaciano Leite respectivamente realizou o Festival de Cantadores de Recife e publicou o livro *Carne e alma*

Principal característica

Cantorias pé-de-parede (ou seja, realizadas em ambientes mais reservados, como casas de família, bares ou bodegas, em que os poetas se apresentam sentados em cadeiras posicionadas rentes – ou seja, "no pé" – à parede principal)

[758] Aldo Manoel Branquinho Nunes, *Currais, cangalhas e vapores*, p. 262 – grifei.

2º Período **De** 1948-1950

a meados da década de 1980

Quando José Antônio do Nascimento Filho (Canhotinho/PE, 1956 – São José do Egito, 2002), conhecido como Zeto do Pajaú, veio residir em São José do Egito e aí estabeleceu fortes vínculos poéticos com Job Patriota de Lima, que recitava composições da chamada poesia popular e também da chamada poesia erudita – inclusive com versos livres –, e intensificando a poesia declamada e a poesia cantada (junção entre a poesia e a música

Principais características

Cantorias pé-de-parede
Festivais de cantadores
Poesia de bancada

Fig. 59 – José Antônio do Nascimento Filho (Zeto do Pajaú) e Beatriz Marinho Patriota (Bia Marinho)



Foto: Paulo Carvalho – Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=MPmtr4WJ_EQ

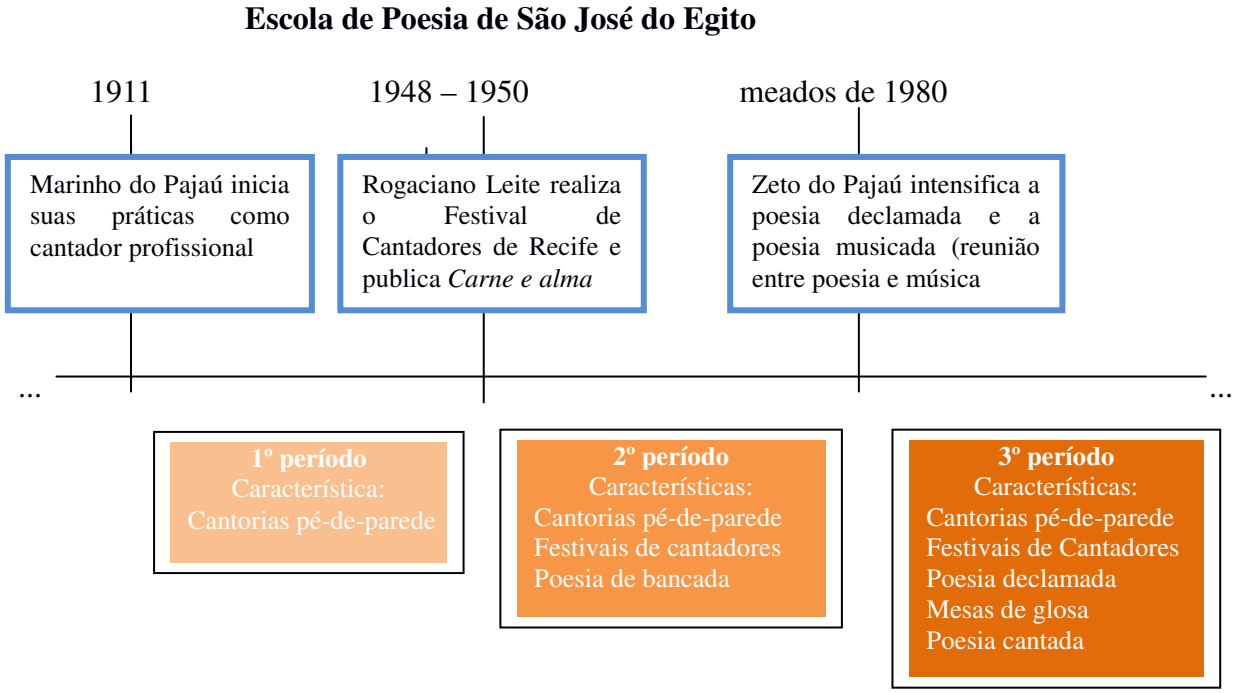
3º Período **De** meados da década de 1980

à atualidade

Principais características

Cantorias pé-de-parede
Festivais de cantadores
Poesia de bancada
Poesia declamada
Mesas de glosa
Poesia cantada

Noutra configuração:



Todavia, tendo em vista as limitações inerentes ao presente escrito, a seguir apresento poetas que compuseram a Escola de Poesia de São José do Egito em ordem cronológica de nascimento até 1930, ano que adoto como termo porque corresponde ao ano em que Lourival Batista iniciou suas práticas como cantador profissional em grande medida influenciado por seu sogro Marinho do Pajaú.

4.5.1 Os irmãos Bernardino (Joaquim Bernardino de Oliveira, José Bernardino de Oliveira e Amaro Bernardino de Oliveira)

Como dito, os irmãos Joaquim Bernardino de Oliveira, José Bernardino de Oliveira e Amaro Bernardino de Oliveira eram filhos de Manoel Bernardino de Senna, mestre-escola proveniente de Teixeira que "costumava preparar culturalmente seus filhos"[759], de forma que eles constituíram a primeira tríade de irmãos cantadores nascidos em São José do Egito – como veremos, outras tríades de irmãos cantadores egipcienses foram os irmãos Batista (Lourival, Dimas e Otacílio), os irmãos Bernardo

[759] Ivo Mascena Veras, *Antônio Marinho*..., p. 84 e 98 – grifei. A caracterização de Manoel Bernardino de Senna como mestre-escola consta à p. 30 desse livro.

de Souza (Cícero, Prigildo e Luís) e os irmãos Lopes (José, Cícero e Anita)[760].

Das poucas informações que obtive sobre Joaquim Bernardino de Oliveira (São José do Egito, 1894 – Sertânia/PE, 1953) vale registrar que é o autor do cordel *A briga de Manoel Rodrigues com Benzinho Vital*[761].

Sobre Amaro Bernardino de Oliveira (São José do Egito, 1903 – Campina Grande, 1993) há narrativas de que foi o contador com quem seus conterrâneos Rogaciano Bezerra Leite e José Gomes do Amaral, conhecido como Zezé Lulu, cantaram pela primeira vez, respectivamente em 1934 e 1940.

José Bernardino de Oliveira (São José do Egito, 1900 – ?, 1995) foi considerado "poeta de repentes seguros e conscientes"[762] e teve alguns de seus improvisos registrados pelo pesquisador Francisco Coutinho Filho no livro *Repentistas e glosadores* (1936), de onde transcrevo as seguintes narrativas e estrofes:

> O Sr. Severino Ramos, gerente do Armarinho A Campinense dirige-se ao notável repentista e diz, em tom de pergunta:
>
> Quem foi que nasceu primeiro?
> Ovo, galo ou galinha?
>
> Bernardino levanta-se e, respondendo a curiosa pergunta, profere o magnífico repente que bem revela a sua veia poética e uma grande presença de espírito:
>
> O que pede o cidadão
> Nem mesmo professor sabe
> Que esse assunto não cabe
> Na minha compreensão
> É obra da criação
> Não está na ordem minha
> Não sei se antes já tinha
> Galinha, galo ou poleiro
> Não sei quem nasceu primeiro
> Se ovo, galo ou galinha
>
> Após quatro horas de interessante pugna entre os dois cantadores [José Bernardino de Oliveira e o também egipciense Agostinho Lopes dos Santos], o Dr. Antônio Queiroga, interpretando o grande valor dos nossos obscuros menestréis, deu, para ser glosado, o mote:

[760] Os irmãos egipcienses Pedro Ferreira Gomes, João Ferreira Gomes, Antônio Ferreira Gomes e José Gomes do Amaral foram poetas, todavia os três primeiros foram glosadores e poetas de bancada e apenas o último foi cantador.
[761] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 199.
[762] Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia*..., p. 129.

O poeta verdadeiro
É o cantador do sertão

Sobre este tema, José Bernardino fez as seguintes glosas:

Homens de grande importância
E de pronúncia legítima
Sabem que o matuto é vítima
Das trevas da ignorância
Mas em qualquer circunstância
De amor ou separação
Quem quiser bela canção
Não procure outro troveiro
O poeta verdadeiro
É o cantador do sertão

Fig. 60 – José Bernardino de Oliveira



Quem compra o mundo é dinheiro
Somos cativos do agrado
Tempo bom foi o passado
Dos amores, o primeiro
Planta linda é o craveiro
Votos, só de gratidão
Sentir, o do coração
No meu País brasileiro
O poeta verdadeiro
É o cantador do sertão

São ainda de José Bernardino as décimas subseqüentes, em que o poeta diz da sua alegria de viver e das esperanças que o seu espírito acalenta:

Se nada fiz na jornada
Nada ganhei nem perdi
Nada ignoro do nada
Porquê do nada nasci
Já que o nada é meu abrigo
Seja o nada o meu jazigo
Porque isso não me enfada
Eu de nada tenho estudo
E sei que o nada faz tudo
E tudo se torna nada

A sorte nunca malsino
Quando me pergunta alguém:
– Como vai, Zé Bernardino?
Respondo sempre: vou bem
Pois se tenho um ideal
Não vou dizer que vou mal
E o ditado aqui bem cabe
Para alguém que me censure
Não há bem que sempre dure

Nem há mal que não se acabe[763]

4.5.2 João Ferreira de Lima

A partir do loteamento da metade Sul da Data dos Grossos alguns proprietários que vieram residir em São José do Egito pertenciam à família Ferreira[764], da qual proveio o cordelista João Ferreira de Lima (São José do Egito, 1902 – Caruaru/PE, 1972), como poetizou em seu *Marco pernambucano* (1939):

A vinte e três de setembro
Nos graus do meridiano
Quando o Sol entrou em Libra
Em conjunção com Urano
Eu desenhei os limites
Do Marco Pernambucano

Achei bom edificá-lo
Deixar meu nome escrito
Na terra onde eu nasci
Lá num planalto bonito
Na fazenda velha "Grossos"
De São José do Egito[765]

Fig. 61 – João Ferreira de Lima



Fonte: João Ferreira de Lima, *Almanaque de Pernambuco* – 1972

João Ferreira de Lima também foi astrólogo autor do *Almanaque de Pernambuco*[766], lançado em 1936 e publicado até 1972 e cuja tiragem anual chegou a ultrapassar 70.000 exemplares[767].

A preocupação de João Ferreira de Lima com a educação evidencia-se na derradeira edição do *Almanaque de Pernambuco*, em que faz constar:

Atenção, Nordestinos

[763] Francisco Coutinho Filho, *Repentistas e glosadores*, p. 114 e ss.

[764] Na *Ação de demarcação da metade da antiga Data dos Grossos – Cálculo para o orçamento da divisão da metade da Data dos Grossos* constam como condôminos, dentre outros, Francisco Ferreira Bello, Martinho Ferreira Leite e Severino Ferreira Leite (Doc. DSC02588), Lucas Ferreira Leite, Gonçalo Ferreira Leite, Bernardo Ferreira Leite, João Ferreira Leite, Elias Ferreira Leite, Domingos Ferreira Leite (Doc. DSC02589), Joaquim Ferreira Leite Sobrinho, Joaquim Ferreira Leite (DCSO02590), Manoel Ferreira de Moura, Maria Ferreira de Mello, José Ferreira de Moura, Herdeiros de José Ferreira de Moura, Manoel Vicente Ferreira (DSC02591), Luís Ferreira Gomes, Pedro Ferreira Gomes, José Ferreira Gomes, Antônio Ferreira Gomes, João Ferreira Gomes (DSC02592) e Agostinho Ferreira Paes (DSC02593).

[765] João Ferreira de Lima, *O Marco Pernambucano*, p. 1-2.

[766] Lílian de Lima Beserra esclarece: "O tempo, a lua, o mês, horóscopo, signos, calendário agrícola, plantas medicinais, versos, curiosidades, dias favoráveis para plantações, viagens e mudanças, propagandas de talismãs... assim é composto e organizado o almanaque de feira ou almanaque popular" (*Viver no sertão: narrativas do cotidiano sertanejo em Ibiara – PB (1948-1990)*, p. 26).

[767] Cfr. Manoel Luiz dos Santos, citado por Átila Almeida e José Alves Sobrinho em *Marcos*, p. 218.

> O homem do campo, o sertanejo em geral, é uma das molas principais para o desenvolvimento de nosso querido Brasil. Atente para o crescimento da Nação. Procure ajudar ao nosso Governo na campanha contra o analfabetismo enraizado em nossa terra, envie seus filhos para qualquer escola mais próxima de sua casa.[768]

Sua obra caracteriza-se pela crítica e pela sátira social presentes em cordéis como *História de Mariquinha e José de Sousa Leão*, *Profecias de Nostradamus, a morte do Papa e o fim do mundo*, o *ABC do bode dos Grossos* (possivelmente de sua autoria)[769] e *As palhaçadas de João Grilo* (1932), o primeiro cordel em que esse personagem apareceu[770] e foi apropriado por Ariano Suassuna para a composição de seu *Auto da Compadecida* a partir de versão ampliada por Delarme Monteiro e publicada por João Martins de Ataíde e José Bernardo da Silva sob o título de *Proezas de João Grilo* em um processo em que o nome do autor João Ferreira de Lima foi retirado, como vê-se nas seguintes capas:

Figs. 62, 63 e 64 – João Ferreira de Lima, *Proezas de João Grilo* (capas)







Fonte: Casa Rui Barbosa

[768] João Ferreira de Lima, *Almanaque de Pernambuco – 1972,* p. 3 e 19.

[769] Cfr. o *ABC do bode dos Grossos* publicado, sem indicação de autoria, por Gustavo Barroso em *Ao som da viola*, p. 427-432 – em que constam os nomes de diversas pessoas que viveram nesta região, a exemplo de Francisco Gomes, conhecido como Paiquinho, e Mané Vitorino, sobre os quais minha mãe, nascida em 1945, "já ouviu falar" respectivamente como fazendeiro e valentão.

[770] Registre-se que João Grilo tem raízes portuguesas – cfr. Francisco Topa, *A história de João Grilo: do conto popular português ao cordel brasileiro*.

4.5.3 Agostinho Lopes dos Santos

Possivelmente descendente de família provinda de Teixeira[771], Agostinho Lopes dos Santos (São José do Egito, 1906 – Caruaru/PE, 1972) nasceu no Sítio Cajá (localizado nos limites com o Município de Tabira/PE).

Começou a cantar aos 21 anos de idade e alguns de seus improvisos foram registrados pelos pesquisadores Átila Almeida e José Alves Sobrinho, a exemplo daqueles compostos por ocasião de cantoria havida com Josué Alves da Cruz sobre o mote "Faz gosto ouvir-se o repente / Do cantador nordestino", quando Agostinho Lopes dos Santos registrou o nome de diversos cantadores dos sertões do Nordeste brasileiro:

Enfrentam seja quem for
Zé Miguel e Agostinho
Pinto, Gustavo e Marinho
No repente têm valor
Falemos de Serrador
E de Miguel Clementino
Nogueira entoava hino
Por ser muito inteligente
Faz gosto ouvir-se o repente
Do cantador nordestino

Vou recordar Cabeceira
E o negro Joaquim Sem Fim
João Melquíades, Crispim
Antônio da Cruz, Roseira
Carneiro, Manoel Caveira
José Patrício, Hugolino
Pedra Azul e Marcelino
Cada qual mais competente
Faz gosto ouvir-se o repente
Do cantador nordestino

Azulão e Ventania
Nicandro, Josué Romano
Gavião, Manoel Caetano
Foram bons na cantoria
O colega Serrania
Verseja com muito tino
Pirauá era Silvino
Glosava corretamente

Fig. 65 – Agostinho Lopes dos Santos



Fonte: Francisco Coutinho Filho, *Repentistas e glosadores*, p. 88

[771] Nesse sentido vale recordar Manoel Lopes Romeu, um dos primeiros colonizadores de Teixeira que "deu origem à antiga família Lopes que possui ainda diversos descendentes no Teixeira e outros pontos do Estado" (Antônio Xavier de Farias, *Teixeira*, p. 66) e assinalar o homônimo Agostinho Lopes dos Santos, casado com Eugênia Maria da Soledade, pais de Rosa, nascida em 1868 em Teixeira – Cfr. Teixeira – Livro 5 de Batismos (1867-1873), fls. 63v – Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9P39-9F95?i=2966&cc=2177286&cat=1199449.

Faz gosto ouvir-se o repente
Do cantador nordestino[772]

Por ocasião da morte do cantador paraibano Elísio Félix da Costa, conhecido como Canhotinho[773], Agostinho Lopes dos Santos assim expressou sua consternação:

Numa camada de véu
Sonhei no espaço voando
Os anjos me convidando
Para uma festa no céu
Nas mãos levavam um troféu
Dos sete irmãos macabeus
Perguntou-me São Mateus:
"O que deseja, Agostinho?"
Eu quero ver Canhotinho
Na mão direita de Deus[774]

Agostinho Lopes dos Santos é autor dos cordéis *As lágrimas dos sertanejos*, *O pleito político de Pernambuco*, *Recordações do passado* e *Como se formou o mundo* e *o valor do operário*.

4.5.4 João Campos Filho

Em outra família que veio para São José do Egito no início do séc. XX, no Sítio Queimadas (como dito, a povoação de onde proveio esse município) nasceu o poeta de bancada João Campos Filho (São José do Egito, 1911 – 1998), cuja temática é sobretudo seu sertão, a exemplo das seguintes estrofes do poema *Meu pedacinho de chão*:

É nesse sertão bravio
Das festas de vaquejadas
Do vento fresco e macio
Das noites enluaradas
Meu sertão que não tem luxo
Diferente do gaúcho
Nos campos de Passo Fundo
Mas é forte e destemido
É capaz de ser ouvido

[772] Agostinho Lopes dos Santos, repentes transcritos por Átila Almeida e José Alves Sobrinho em *Dicionário...*, p. 245.
[773] Sobre a obra de Canhotinho cfr. Lawrence Flores Pereira, *Em busca de Canhotinho: estudo sobre um estado de exceção lírica e de errância na poesia popular nordestina* (Revista Nonada, n. 13, 2009).
[774] Agostinho Lopes dos Santos, repente transcrito por Francisco Linhares e Otacílio Batista em *Antologia...*, p. 168.

Nas cinco partes do mundo

È onde mora a saudade
Do sertão das crenças mortas
Onde a necessidade
Vive arranchada às portas
Que minha terra é assim:
Quando não chove é ruim
Mas quando chove ela é boa
E o povo guarda um regime
Nessa esperança sublime
Que a natureza povoa

Terra do *disse-me-disse*
Pru via, *pru mode* e *que nem*
Das moendas de trapiche
Das cantigas do vem-vem
A sua abóbada celeste
Em mantos azuis se veste
Num culto de adoração
Para ver o Criador
Enfeitar com mais primor
Meu pedacinho de chão[775]

Fig. 66 - João Campos Filho



Também assim nas glosas que compôs no mote "Você quer ver terra boa / Vá morar no meu sertão:

Em São Paulo estou vivendo
Mas é muito aperreado
Porque não vejo a meu lado
O milho verde crescendo
As águas do rio correndo
O estrondar do trovão
A cantiga do carão
Na lama de uma lagoa
Você quer ver terra boa
Vá morar no meu sertão

Dizem que ganha dinheiro
O rapaz que é empregado
Porém, só compra fiado
Na casa do bodegueiro
A comida é sem tempero
Na hora da refeição
É um pedaço de pão
A metade de uma broa
Você quer ver terra boa
Vá morar no meu sertão[776]

[775] João Campos Filho, estrofes transcritas por Terezinha Costa em *São José do Egito: Musa do Pajeú*, p. 135, 136 e 137.

Em 1977 compôs o cordel *A queda da torre* para colaborar na arrecadação de recursos para a reconstrução da torre da Igreja Matriz de São José do Egito, cuja restauração foi finalizada dois anos depois.

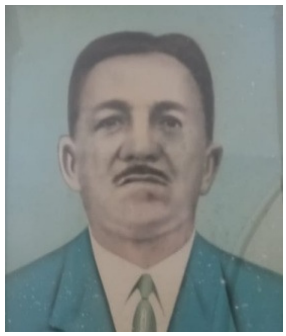
4.5.5 João Isidro Ferreira

Como dito, João Isidro Ferreira (São José do Egito/PE, 1911 – Itapetim/PE, 1974) "pertenceu à família 'Babeco' da vilazinha [Umburanas] em que nasceu naquela época, em São José do Egito"[777].

Notabilizou-se pela poesia fescenina, a exemplo da seguinte narrativa e estrofe transcritas pelo pesquisador Luís Wilson:

> Há em Itapetim três famílias, de nomes Garra, Rola e Rocha.
> Izidro cantava, um dia, na feira da cidadezinha, elogiando a quantos apareciam para ouvi-lo. Chegou, então, uma moça de nome Maria, sua conhecida, dizendo-lhe ele esta sextilha:

Fig. 67 – João Isidro Ferreira



> Cegou agora Maria
> Bonita como uma tocha
> Vem imitando uma flor
> Que do galho desabrocha
> Pertencendo às três famílias:
> À Garra, à Rola e à Rocha

Luís Wilson continua:

> Em outra ocasião, conta-se que ele cantava com um compadre que tinha o seu nome (João) e lhe prometera um bode se ele cantasse em dizer nenhum verso "feio".
> A certa altura do embate caiu uma "parelha" de moscas no copo de cachaça do velho e famoso poeta, o seu compadre finalizando assim a estrofe que estava cantando:
>
> Essa parelha de moscas
> Desgraçou o teu pifão
>
> Foi como que "a gota d'água" para Izidro continuar a cantar e dizer estes versos:
>
> Saiba, compadre João

---

[776] João Campos Filho, estrofes transcritas por Terezinha Costa em *São José do Egito: Musa do Pajeú*, p. 138.
[777] Luís Wilson, *Roteiro*..., p. 205.

Que eu respeito o seu bigode
Mas embora na cantoria
Eu perca o cobre e o bode
Esse casal de uma peste
Na minha cana não fode[778]

4.5.6 João Batista de Siqueira

Filho de Manoel Domingos de Alexandria e Maria Francisca de Alexandria (possivelmente provenientes de Teixeira[779]), o poeta João Batista de Siqueira (São José do Egito, 1912 – 1982), conhecido como Cancão, nasceu no Sítio Queimadas (como dito, a povoação de onde proveio esse município).

Segundo o pesquisador Luís Wilson,

> [João Batista de Siqueira, Cancão] é, para alguns estudiosos de nossa poesia popular, o maior poeta, talvez, do Sertão do Estado [...] Sua poesia lembra, às vezes, a de Castro Alves [...] Outras vezes, Cancão lembra, entre outros poetas, Casimiro de Abreu.[780]

O apelido possivelmente é uma referência ao anti-herói popular Cancão de Fogo, personagem de contos, poesias e anedotas picarescas populares nos sertões do Nordeste brasileiro no início do séc. XX e, segundo o próprio poeta, foi-lhe atribuído por sua mãe, "para simbolizar suas desenvolturas de menino azougado"[781] e como referência a um pássaro que caracteriza-se por ser curioso, inteligente e inquieto.

Iniciou suas práticas poéticas compondo glosas no serviço da roça (geralmente como "alugado", ou seja, contratado). Inicialmente tornou-se cantador de viola, mas em meados da década de 1950 abandonou a viola para dedicar-se à glosa e à poesia de bancada porque, segundo seu conterrâneo e contemporâneo Teófanes Leandro, não mantinha o porte austero dos cantadores, cantava bulindo-se muito e sem conseguir expressar com nitidez os versos que vinham-lhe "de borbotão".

Não frequentou escola formal e, segundo seu amigo de infância Idelfonso Campos, aprendeu a ler e a escrever com Zé Lustriano, mestre-escola conhecido como Velho Mestre, apelido que Cancão passou a usar para referir-se a todos os seus interlocutores.

---

[778] João e João Isidro Ferreira, versos transcritos por Luís Wilson em *Roteiro*..., p. 206.
[779] Cfr. Honória Ferreira d'Alexandria – Disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9P39-9JQR?i=2556&cc=2177286&cat=1199449)
[780] Luís Wilson, *Roteiro*..., p. 187 e 193.
[781] Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 69-70.

Mais adiantado nos estudos, Cancão logo passou a ensinar à meninada dos arredores e quando veio morar na zona urbana de São José do Egito (com 22 anos de idade) era frequentemente contratado como professor dos filhos de chefes de tradicionais famílias egipcienses a exemplo de Inácio Mariano Valadares, de cuja biblioteca o poeta serviu-se para aprofundar seus conhecimentos (o que em boa medida explica o uso de vocábulos "eruditos" em sua poesia) e que intercedeu para que em 1959 o Juiz e Deputado Estadual Manoel Santa Cruz Valadares o nomeasse para o cargo de Oficial de Justiça, que exerceu até sua aposentadoria em 1978.

Com influxos do Romantismo (sobretudo do indianismo de José de Alencar), a verve panteísta e imagética de Cancão vivifica-se sobretudo em poemas / orações de louvor à Natureza, a exemplo de *Depois da chuva*:

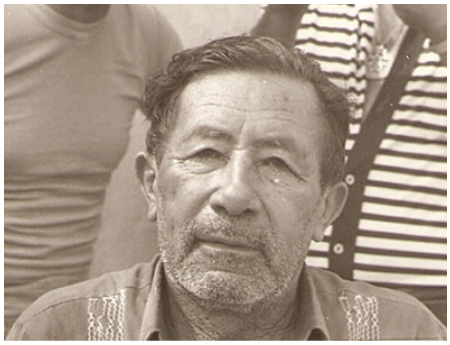
Era uma tarde de abril,
A luz do sol se escoava
Um traço da cor de anil
O céu deserto mostrava
Num lago triste e sereno
Nadava um cisne pequeno
Eriçando as alvas plumas
As derradeiras neblinas
Faziam lindas ondinas
Por entre as brancas espumas

Um sabiá pesaroso
Nos galhos em que nasceu
Cantava, triste e choroso
As mágoas do peito seu
O sol além se deitava
A sua luz se esvasava
Pela ramagem da horta
A brisa, em leves ruídos
Levava os ternos gemidos
Da tarde já quase morta

A água branda descia
Pelo pequeno gramado
A relva, fresca e macia,
Era um tapete rendado
Ouvia-se, lá da colina,
No coração da campina,
Soluçar uma cascata
E o sol, com seus lampejos,
Dava os derradeiros beijos
No rosto verde da mata

O sol, com luz amarela

Fig. 68 – João Batista de Siqueira (Cancão)



Dourava os morros azuis
Tornando o céu uma bela
Pulverização de luz
A aura fresca e macia
Por entre a mata fazia
Os mais suaves rumores
As borboletas douradas
Misturavam-se, vexadas
Bebendo o róscio das flores

As auras rumorejavam
Com lentidão e leveza
Os regatos retratavam
Um lindo céu de turquesa
Os orvalhos cristalinos
Se desprendiam divinos
Da copa dos arvoredos
Nas carnaúbas rendadas
Como com mãos espalmadas
O sol brincava em seus dedos

Voavam pelos verdores
Lindos colibris dourados
Sugando o néctar das flores
Dos jiquiris borrifados
No pomar, um rouxinol
Contemplava o arrebol
Numa profunda tristeza
Um traço débil de luz
Rasgava os panos azuis
Do corpo da natureza

Depois, os ventos mansinhos
Sopravam no campo vago
Fazendo alguns burburinhos
Na face lisa do lago
As abelhas, preguiçosas,
Escondiam-se nas rosas
Que a natureza burila
E o cisne de brancas penas
Cortava as águas serenas
Da superfície tranquila[782]

Cancão publicou cordéis e os livros *Musa Sertaneja* (1967), *Flores do Pajeú* (1969) e *Meu Lugarejo* (1979), compilados junto a poemas inéditos no livro *Palavras ao Plenilúnio* (2007).

Por fim vale assinalar que, à vista dos traços fisionômicos de Cancão e das temáticas naturalistas presentes em sua poesia, a pesquisadora Lydia Brasileira

[782] João Batista de Siqueira (Cancão), *Um sonho que durou três horas*, em *Palavras ao plenilúnio*, p. 82.

considera-o um "velho Pajé":

> Quando Cancão, esse velho Pajé, expôs seu pensamento (que o pesquisador Aroldo Leão soube resumir ao dizer que "os anjos são crianças muito sozinhas") sabia silenciosamente da existência da Caapora, uma criança caboquinha de aproximadamente cinco/seis anos, que é vista sempre sozinha por pessoas de forte raiz tapuia na caatinga nordestina. E ser Pajé é exercer curas, como as rezadeiras, previsões de chuva como os profetas, ter o dom de comunicar-se com potências e seres não humanos como as musas da natureza.[783]

Fig. 69 – Da esquerda para a direita: Raimundo Patriota, José Nunes Filho (Zé de Cazuza), José Lopes Neto (Zé Catôta), João Batista de Siqueira (Cancão), Geraldo Amâncio de Lourival Batista (Louro do Pajeú)



4.5.7 Antônio Pereira de Morais

Sobre o poeta Antônio Pereira de Morais o pesquisador Luís Wilson assinala:

> Nasceu em 1911, em um pequenino sítio de nome Sítio do Mineiro, no município de Livramento [à época, Município de Teixeira], Estado da Paraíba, vindo aos 6 ou 7 anos de idade para outro pedacinho de terra (Jatobá [próximo ao Distrito Umburanas, atual Município de Itapetim/PE]), naquela época em São José do Egito. Ali morreu faz

[783] Lydia Brasileira, *Cancão, velho Pajé: a cura pela poesia*, Posfácio à obra *Cancão: "a lua, o sol dos mendigos" – Estudos críticos sobre o pássaro-poeta do Pajeú*, p. 179. "**Caipora** *s. m.* e *f.* e *adj*. Var.: 7-9 *caapora*, 9 *caapóra*, 8-9 *caipora*, *caipora*, 8 *cahapora* [< T. kaa'pora < ka'a 'mato' + 'pora 'habitante de']. Entre os indígenas, designava um ente sobrenatural que trazia infelicidade a quem o via" (Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário etimológico das palavras portuguesas de origem tupi*, p. 83-84). Registre-se, por oportuno, que no assento de nascimento que requereu em 1934, Cancão declarou-se "de cor branca" (Cartório do Registro Civil de São José do Egito – Livro A-11, fls. 59), todavia em seu assento de óbito omitiu-se a identificação de sua cor (Cartório do Registro Civil de São José do Egito – L. C. 23, fls. 56).

dois anos (1983).[784]

Ainda segundo Luís Wilson, "Antônio Pereira era poeta popular e cantador, mas nunca fez profissão da viola em sua vida"[785] e, conforme Átila Almeida e José Alves Sobrinho, "editou alguns de seus romances em Patos com Jonas Alves Crispim"[786].

Segundo narrativas orais correntes em São José do Egito, certa vez ao encontrar Antônio Pereira o poeta Job Patriota de Lima perguntou-lhe através de versos metrificados:

Meu amigo, como vai
A sua situação?

Ao que, "pegando na deixa"[787], Antônio Pereira respondeu de improviso:

Estou virando cascão
Como lama de lagoa
Tô igual uma ferida
Na perna de uma pessoa
Que antes de sarar de tudo
Vem um garrancho e magoa[788]

Por fim, vale registrar que Antônio Pereira era cognominado "O poeta da saudade" uma vez que essa é a temática mais recorrente de suas poesias, como nos seguintes exemplos:

Saudade é como a resina
No amor de quem padece
O pau que resina muito
Quando não morre adoece
É como quem tem saudade
Não morre, mas não esquece

Saudade é a borboleta
Que não conhece a idade
Voando, vai lá, vem cá
Misteriosa à vontade
Soltando pelo das asas

[784] Luís Wilson, *Roteiro*..., p. 159.
[785] Luís Wilson, *Roteiro*..., p. 162.
[786] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 215.
[787] Ou seja, rimando o primeiro verso de sua estrofe com o último verso de seu interlocutor. Sobre a "deixa", cfr. o Adendo 2 ao presente texto.
[788] Estrofe transcrita por Terezinha Costa em *São José do Egito, Musa do Pajeú*, p. 36.

Cegando a humanidade

Saudade é parasita
Desses de pé de aroeira
Não se planta, nasce e cresce
Entranhado na madeira
É rosa, mas ninguém sabe
Quem seja a mãe da roseira

Quem quiser plantar saudade
Primeiro escalde a semente
Depois plante em lugar seco
Onde bate o sol mais quente
Pois se plantar no molhado
Quando nascer mata a gente

Saudade é um parafuso
Que na rosca quando cai
Só entra se for torcendo
Porque batendo não vai
E enferrujando dentro
Nem destorcendo não sai[789]

4.5.8 Os irmãos Batista (Lourival Guedes Patriota, Dimas Guedes Patriota e Otacílio Guedes Patriota)

A segunda tríade de irmãos repentistas nascidos em São José do Egito (especificamente no então Distrito Umburanas) foi composta por Lourival Guedes Patriota[790], Dimas Guedes Patriota e Otacílio Guedes Patriota, filhos de Severina Guedes Patriota (oriunda de Teixeira) e Raimundo Joaquim Patriota (oriundo de Monteiro/PB e irmão de Antônio Joaquim Patriota, "artista" – possivelmente cantador[791]).

Adotaram o sobrenome artístico Batista (como doravante referir-me-ei), que de modo mais remoto provém de seu bisavô Manuel Batista dos Santos, casado com Ubaldina Camila de São Mateus, filha de Agostinho Nunes da Costa Júnior, O Glosador.

Nessa senda, registre-se que os irmãos Batista eram trinetos de Agostinho Nunes da Costa Júnior (portanto, sobrinhos-netos dos poetas Nicandro Nunes da Costa,

[789] Luís Wilson, *Roteiro...*, p. 159-161. A terceira estrofe foi transcrita por Francisco Linhares e Otacílio Batista em *Antologia...*, p. 308. A quarta estrofe foi transcrita por Terezinha Costa em *São José do Egito, Musa do Pajeú*, p. 35.

[790] Cfr. Itapetim – Livro 4 de Assentos de Nascimento – fls. 88-88v – Disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D1QD-VZ?i=2767&cc=2016195&cat=607232.

[791] Cfr. Itapetim – Livro 1 de Nascimentos – fls. 45, 45v e várias fls. seguintes – Disponível em Family Search – https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D1QL-WL?i=731&cc=2016195&cat=607232. A condição de "artista" também consta dos Assentos de Óbito dos poetas Bernardo Nogueira de Carvalho (glosador) e Antônio Marinho do Nascimento (cantador).

Hugolino Nunes da Costa e Nicodemos Nunes da Costa) à vista de dois vínculos relativos à ascendência materna: sua mãe, Severina Batista Guedes, era filha de Cecílio Batista Guedes, este filho de Ubaldina Camila de São Mateus, esta filha de Agostinho Nunes da Costa Júnior, e de Luísa Guedes, esta filha de Jacinta Camila das Dores, também filha de Agostinho Nunes da Costa Júnior.

Sobre Lourival Batista (São José do Egito/PE, 1915 – Recife/PE, 1992), conhecido como Louro do Pajaú e Rei dos Trocadilhos, Mário Souto Maior e Waldemar Valente assinalam:

> Em 1930 foi ouvir uma cantoria de Antônio Marinho com [José Gomes Sobrinho] Zé Miguel e terminou cantando versos de improviso com o violeiro Pedro [Laurentino] Ferreira. Mudou-se para o Recife e matriculou-se no Juvenato D. Vital [onde estudou com a professora Senhorinha Beatriz Ferreira de Lima, filha [sic: mãe] de seu conterrâneo o referido poeta e astrólogo egipciense João Ferreira de Lima] [...] Em 1932 foi surpreendido por seu pai quando trocava repentes com um cego no Mercado de São José [em Recife]. Temendo ser castigado fugiu de casa e, no Rio Grande do Norte, iniciou sua carreira de cantador e violeiro.[792]

Lourival Batista é autor dos cordéis Copa 70 Brasil tricampeão[793] e *A queda da torre da igreja matriz e sua reconstrução – São José do Egito – Pernambuco*, que, assim como o referido poeta João Campos Filho, compôs para ajudar na arrecadação de recursos para a reconstrução da torre da Igreja Matriz.

Fig. 70 – Lourival Batista, cordel *A queda da torre da Igreja Matriz e sua reconstrução* (1977) (capa)



Fonte: Blog Cantigas e cantos
Disponível em http://cantigasecantos.blogspot.com/2019/09/literatura-de-cordel-queda-da-torre-da.html

[792] Mário Souto Maior e Waldemar Valente, *Antologia da poesia popular de Pernambuco*, p. 161. A informação posta entre colchetes sobre Beatriz Ferreira de Lima (que, viu-se, também foi professora de Pinto do Monteiro) consta de Luís Wilson, *Roteiro*..., p. 264.

[793] Transcrito por Aleixo Leite Filho em *Louro de São José, o Rei dos Trocadilhos*, p. 17-19.

Também compôs o poema *O sertanejo Antônio Sampaio, o bravo dos bravos*[794] e *Palhaço que ri e chora*:

Pinta o rosto, arruma palma
Dentre os néscios e sábios
O riso lhe aflora aos lábios
A dor lhe tortura a alma
Suporta, com toda calma
Desgostos a qualquer hora
Quando quer bem vai embora
Vive num eterno drama
Pensa, sonha, sofre e ama
Palhaço que ri e chora

Se ama alguém com desvelo
Deixá-la é martírio enorme
Se vai deitar-se não dorme
Se dorme, tem pesadelo
Sentindo um bloco de gelo
Lhe esfriando dentro e fora
Desperta, medita e cora
Sente a fortuna distante
Julga-se um judeu errante
Palhaço que ri e chora

Pelo destino grosseiro
A vida jamais lhe agrada
Se sente a alma picada
Tem que ir ao picadeiro
Não pode ser altaneiro
Não tem repouso uma hora
Chagas dentro, rosas fora
Guarda espinhos, mostra flor
Misto de alegria e dor
Palhaço que ri e chora

Palhaço, tem paciência
Que da planície ao pináculo
Este mundo é um espetáculo
Todos nós, a assistência
À falta de inteligência
Gargalhamos qualquer hora
Choramos sem ter demora
Sem ânimo, coragem e fé
Porque todo mundo é
Palhaço que ri e chora[795]

Fig. 71 – Lourival Batista



[794] Reproduzido no Jornal do Commercio de 19 de abril de 1971 e por Luís Wilson em *Roteiro*..., p. 267-270.
[795] Lourival Batista, *Palhaço que ri e chora*, em Otacílio Batista, *Os três irmãos cantadores*, p. 54-55.

Dimas Batista (São José do Egito, 1921 – Fortaleza, 1986) realizou sua primeira cantoria "aos quinze anos de idade, numa festa de casamento, em São José do Egito-PE, com seu irmão Lourival"[796].

Considerado "o cantador mais culto de todos os tempos"[797], em 1972 concluiu o Curso de Letras na Faculdade de Filosofia D. Aureliano Matos, de Limoeiro do Norte/CE, em 1979 concluiu o Curso de Direito pela Faculdade de Souza/PB e em 1983 concluiu o Curso de Pedagogia na referida Faculdade de Filosofia D. Aureliano Matos, de Limoeiro do Norte/CE, onde de 1978 a 1986 lecionou Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa[798].

Dimas Batista é autor, dentre outros, dos poemas *A Américas*, *Roma*, *Literatura brasileira e portuguesa*, *As três cruzes*, *Quanto é grande o poder da natureza* e *O vaqueiro e o pescador* e dos cordéis *História da CNEC*, *A abelha e a formiga*, *Santa Rita de Cássia*, *Jesus, filho de Maria* e *Desafio Dimas e Cabeleira*, do qual transcrevem-se as seguintes estrofes:

(Espírito)
Dimas – No Espaço da vida, tangendo rebanhos
De nuvens pesadas, perdidas ao léu
Habito, a um só tempo, na terra e no céu
E em corpos celestes de vários tamanhos
Converso, em silêncio, com vultos estranhos
Vestidos de neve, neblina e luar
Liberto do peso, suspenso no ar
Volvendo volúvel divago nas vagas
E ouvindo o murmúrio das coisas pressagas
Soluço meu canto na beira do mar

(Filosofia)
Cabeleira – Percorro os quadrantes do Sul e do Norte
Buscando a verdade jamais atingida
Percebo que a morte precisa da vida
Assim como a vida precisa da morte
No campo da luta só vence o mais forte
No entanto, o vencido não pode parar
Prossegue na vida dos filhos, no lar
Produz outras formas de vida na cova
Conforme o processo que a tudo renova
Assim como as ondas na beira do mar

Fig. 72 – Dimas Batista



Fonte: Dimas Batista, *Desafio Dimas e Cabeleira*

[796] Dimas Batista, *Dados biográficos* em *Desafio Dimas e Cabeleira*, p, III.
[797] Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia...*, p. 429-430.
[798] Cfr. Dimas Batista, *Dados biográficos* em *Desafio Dimas e Cabeleira*, p. II-III.

(Nuvem)

Dimas – Nos mares, nos rios, nos lagos, nas fontes
Eu tenho meu berço e, na hora em que nasço
O vento me leva no brando regaço
Acima de vales, colinas e montes
Colhendo energia, rasgando horizontes
Pintando o arco-íris do prisma solar
Mas quando a saudade me obriga a voltar
Desfaço-me em chuvas, cobrindo de afagos
Montanhas e rios e fontes e lagos
Colinas e vales e a beira do mar

(Chuva)

Cabeleira – Gerada ao calor e das águas nascida
Amiga da terra, dos ventos amada
Sou água, sou neve, sou tudo, sou nada
Conduzo comigo o mistério da vida
Germino a semente na gleba exaurida
Transformo o deserto num verde pomar
Do cloro consigo o verdor variar
Doiradas ramagens, azuis, amarelas
Criando paisagens, formando aquarelas
Na flora, nas ondas, na beira do mar

(Pensamento)

Dimas – Meu raio de ação tem um campo sem fim
Precedo à ciência que em tudo se expande
Atinjo no espaço um impulso tão grande
Que a luz não se move diante de mim
Desvendo no escuro segredos, e assim
Supero em ação magnética o radar
Eu sou o Pensamento – meu nome é vulgar
Mas guardo invioláveis segredos avulsos
Cadeias de ferro não prendem meus pulsos
Mais livres que a brisa na beira do mar

(Mãe)

Cabeleira – O Centro no Grande Sistema ilumina
Os corpos celeste com rara beleza
A massa gravita no círculo presa
Repete-se o quadro da luz vespertina
Perpassa no espaço visão peregrina
De estrelas cadentes na curva polar
Mas tudo se apaga diante do olhar
Da mãe que divaga saudosa do filho
Mais belos que os astros, têm muito mais brilho
Seus olhos em pranto na beira do mar

(Filho)

Dimas – As flores e frutos no verde da flora
O salto das águas polindo o granito
O dia que nasce e, no palco infinito
A policromia suave da aurora

São quadros que o Artista Divino elabora
Tão belos de a todos e a tudo encantar
Mas nada consegue jamais superar
Em graça expressiva, pureza e pujança
Um gesto, um sorriso, um olhar de criança
Que brinca, inocente, na beira do mar[799]

Otacílio Batista (São José do Egito, 1923[800] – João Pessoa/PB, 2003) cantou pela primeira vez em 1940 com o cantador Zé Vicente, possivelmente no dia 6 de janeiro, aniversário de seu irmão Lourival Batista que coincidia com a tradicional Festa de Reis de sua terra natal – e, veremos, atualmente coincide com o término da Festa do Louro, organizada por sua família.

Otacílio Batista é autor dos livros *Poemas e canções*, *Antologia ilustrada dos cantadores* (em co-autoria com Francisco Linhares) e *Os três irmãos cantadores*, dos cordéis *A morte do ex-Governador Dixsept Rosado*, *Peleja de Zé Limeira com João Mandioca* e *Zé Américo em versos* e dos poemas *Versos a Câmara Cascudo*, *São José do Egito e seus poetas*, *Homem de Belém* e do poema composto no mote "Mulher nova, bonita e carinhosa / Faz o homem gemer sem sentir dor", musicado e gravado por Zé Ramalho e do qual transcrevem-se as seguintes estrofes:

Numa luta de gregos e troianos
Por Helena, a mulher de Menelau
Conta a história de um cavalo de pau
Terminava uma guerra de dez anos
Menelau, o maior dos espartanos
Venceu Páris, o grande sedutor
Humilhando a família de Heitor
Em defesa da honra caprichosa
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor

Virgulino Ferreira, o Lampião
Bandoleiro das selvas nordestinas
Sem temer a perigo sem ruínas
Foi o rei do cangaço no sertão
Mas um dia sentiu no coração
O feitiço atrativo do amor
A mulata da terra do condor
Dominava uma fera perigosa

Fig. 73 – Otacílio Batista



Fonte: Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia ilustrada dos cantadores*, p. 415

[799] Dimas Batista, *Desafio Dimas e Cabeleira*, p. 41-42.
[800] Cfr. Lúcia da Assunção de Freitas Patriota, *Meu pai, sua vida e sua viola*, em Otacílio Batista, *Os três irmãos cantadores*, p. 139.

Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor
Mulher nova, bonita e carinhosa[801]

4.5.9 Os irmãos Gomes (Pedro Ferreira Gomes, João Ferreira Gomes, Antônio Ferreira Gomes e José Gomes do Amaral)

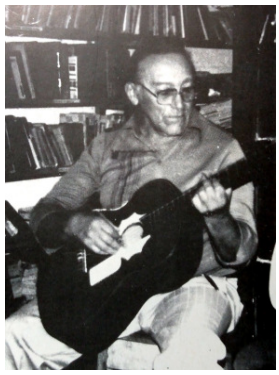
Dentre as diversas famílias que instalaram-se em São José do Egito no processo de loteamento da metade sul da denominada Data dos Grossos encontra-se a família Gomes (conhecida como "os Lulu" por causa do poeta Luís (por cognome Lulu) Ferreira Gomes), proveniente do sertão do Sabugi e cujos membros ainda hoje habitam terras dos lugares Humaitá[802], Serrinha, Barreiros e Macacos[803].

Dessa família provieram os irmãos poetas Pedro Ferreira Gomes, João Ferreira Gomes, Antônio Ferreira Gomes e José Gomes do Amaral, os três primeiros glosadores e poetas de bancada e o último cantador, todos nascidos no lugar Serrinha.

Ainda criança, José Gomes do Amaral (São José do Egito, 1916 – 1990), conhecido como Zezé Lulu, assistia às cantorias de Marinho do Pajaú (como afirmei, casado com sua tia Isabel Neves Marinho[804]), sendo que sua primeira cantoria ocorreu em 1940 com o referido cantador Amaro Bernardino de Oliveira.

A poética de Zezé Lulu caracteriza-se pela arguta observação da natureza:

Fig. 74 – José Gomes do Amaral (Zezé Lulu)



Essa palavra ciência
Deus, a mim não concedeu
Meus ouvidos não ouviram
Minha boca nunca leu
Mas vivo aprendendo os livros
Que a natureza me deu

Eu admiro a aranha
Pela casa que constrói
Cavar no chão um buraco
Para que ele lhe apóie
Botar-lhe mais uma tampa

[801] Otacílio Batista, *Os três irmãos cantadores: Lourival, Dimas e Otacílio*, p. 139 e 160.
[802] Luiz Caldas Tibiriçá esclarece: "HUMAITÁ – cid. do Amazonas, nas margens do Rio Madeira; de **Humaitá**, nome de uma fortaleza de Solano Lopes, às margens do rio Paraguai; do guarani **hymbá-etá**, muitos animais domésticos, onde há criação de animais domésticos" (*Dicionário...*, p. 54).
[803] Cfr. Aldo Manoel Branquinho Nunes, *Currais, cangalhas e vapores*, p. 261-262.
[804] Isabel Neves Marinho consta como condômina na referida *Ação de demarcação da metade da antiga Data dos Grossos – Cálculo para o orçamento da divisão da metade da Data dos Grossos*, (DSC2592). Como consta da *Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco* – recenseamento realizado em 1920 –, p. 354),

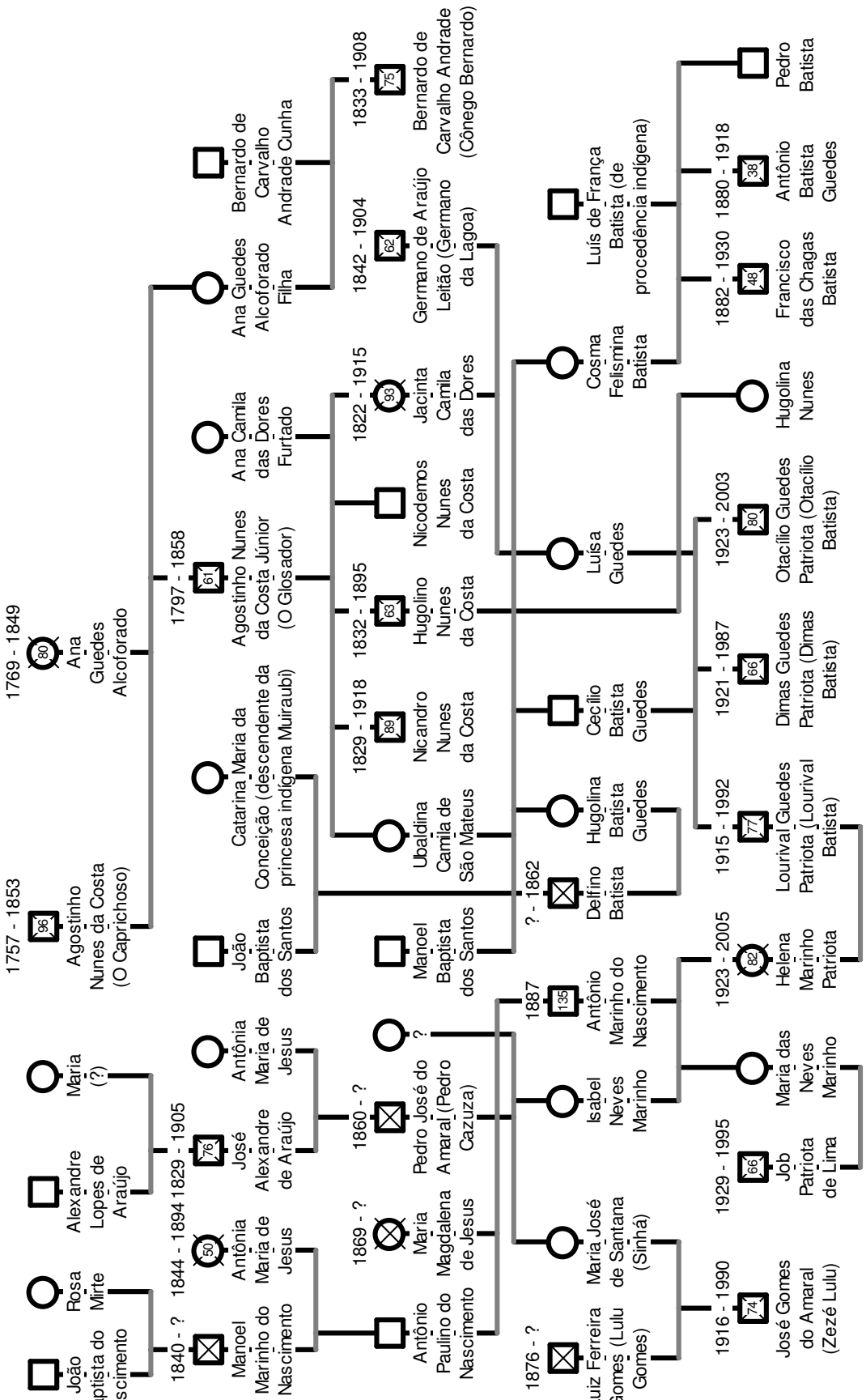
Que nem a chuva destrói

Em cima do pé de uva
O canário e o vem-vem
E a rolinha saudosa
Pousa pra cantar também
E o concriz canta olhando
As cores que a pena tem[805]

Por fim, tendo em mira sua relevância para a configuração da Escola de Poesia de São José do Egito, a seguir apresento uma árvore genealógica com vínculos entre as famílias Gomes do Amaral e Nascimento (à qual pertence o cantador Marinho do Pajaú):

[805] Zezé Lulu, estrofes transcritas por Terezinha Costa em *São José do Egito: Musa do Pajeú*, p. 161.

Fig. 75 – Árvore genealógica com vínculos entre as famílias Nunes da Costa, Guedes, Batista, Gomes do Amaral, Araújo e Nascimento



4.5.10 Os irmãos Lopes (José Lopes, Cícero Lopes de Lima e Anita Lopes de Almeida)

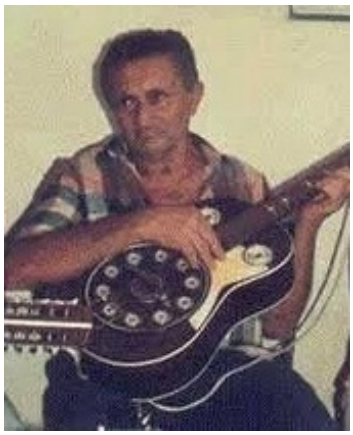
Outros três irmãos cantadores egipcienses foram os irmãos Lopes (também conhecidos como Irmãos Catôta): José Lopes Neto (1917 – 2009), Cícero Lopes de Lima (1923 – ?) e Anita Lopes de Almeida (1932 – ?) (a primeira a única cantadora dessa região[806]), nascidos no Sítio Riachão e sobre os quais José Alves Sobrinho poetizou:

> Também Anita Catôta
> De São José do Egito
> Irmã de José e Cícero
> Cada qual o mais perito
> Cantar melhor do que eles
> Nunca vi nem acredito[807]

A poesia de José Lopes Neto (Zé Catôta) caracteriza-se pela rapidez na composição das estrofes (era conhecido como Metralhadora do Repente) e pela presença de espírito e, a exemplo do que se vê nas seguintes narrativas e estrofes:

> Cantando com Pinto [do Monteiro], este disse:
>
> Foi da raça de Catôta
> Não deixo um pra veneno
>
> [Ao que José Lopes Neto respondeu:]
>
> Puxo o pescoço e depeno
> Serro o bico, aparo o pé
> Sendo da raça de Pinto
> Só fica se eu não der fé
> Ganso, ganso, frango, franga
> Galo, galinha e guiné
>
> [...]
>
> Disse Pedro Amorim:
>
> Sou um fazendeiro rico

Fig. 76 – José Lopes Neto (Zé Catôta)



Fonte: http://narotadapoesia.blogspot.com/2011/05/o-genial-ze-catota.html

[806] Embora a Poesia Sertaneja ainda hoje consista em campo onde historicamente predomina a presença masculina, já no fim do séc. XIX e início do séc. XX há registros de diversas cantadoras de viola, a exemplo de Rita Medeiros, Salvina, Josefa Anselmo de Sousa (Zefinha do Chabocão), Maria do Riachão, Maria Tebana e Francisca Maria da Conceição, conhecida como Chica Barrosa (Patos/PB). A respeito, cfr. Laércio Queiroz de Souza em *Mulheres de repente* e Francisca Pereira dos Santos em *Novas cartografias no cordel e na cantoria*.

[807] José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 89.

De bode, ovelha e gado

[Ao que José Lopes Neto respondeu:]

Chamar fazenda sem gado
Eu acho melhor que deixe
A cana toda cortada
Talvez que não dê um feixe
O açude que ele fala
Tem mais dono do que peixe[808]

Outra vertente do estro poético de José Lopes Neto é a crítica social:

Hoje assisti a um drama
Que me horrorizei da cena:
Uma senhora de idade
Uma criança pequena
Chorava a filha com fome
A mãe, com fome e com pena[809]

Por fim, é possível dizer que com o falecimento de José Lopes Neto concluiu-se o ciclo dos precursores da cantoria de viola no Alto Sertão do Pajaú, que portanto alcança um período de quase 100 anos, de 1911 a 1909.

4.5.11 Rogaciano Bezerra Leite

Nascido no Distrito Umburanas (precisamente no lugar Cacimba Nova), outro componente da Escola de Poesia de São José do Egito foi o referido poeta, jornalista e pesquisador Rogaciano Bezerra Leite (São José do Egito, 1921 – Rio de Janeiro/RJ, 1969).

Frequentou a escola primária de sua terra natal e aos 12 anos de idade treinava cantoria com seu vizinho e parente chamado Manoel Nicolau[810] e decidiu profissionalizar-se como cantador quando no ano seguinte assistiu a uma cantoria de Marinho do Pajaú[811]. Como espécie de "iniciação", foi à feira local enfrentar o referido cantador Amaro Bernardino de Oliveira (então com 32 anos de idade) mas foi repreendido por seu pai (que, embora admirasse a Poesia Sertaneja, tinha planos para

[808] José Lopes Neto, *Repentes de Zé Catôta*, p. 1.
[809] José Lopes Neto, *Repentes de Zé Catôta*, p. 11.
[810] Cfr. Pinto do Monteiro, cordel *Vida e morte de Rogaciano Leite*, p. 1 – este raro cordel consta do catálogo da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (UEPB – Campina Grande/PB).
[811] Cfr. Rogaciano Leite, *O cantador Antônio Marinho*, p. 81.

seu futuro que envolviam a educação escolar e a administração da propriedade da família) e fugiu de casa para acompanhar os cantadores Marinho do Pajaú, Lourival Batista e Pinto do Monteiro[812], como este relata em seu cordel *Vida e morte de Rogaciano Leite*:

> Começou junto comigo
> Conduzindo uma viola
> Cantando em qualquer artigo
> Glosando em toda bitola
> Andando em toda ribeira
> Cantando de feira em feira
> Por São Vicente e Sumé
> Por Livramento e Cordeiro
> Prata, Boi Velho e Monteiro
> Bom Jesus e São José[813]

Foi residir em Caruaru/PE e a apresentar-se também em Recife/PE e, em uma turnê que fez em Maceió/AL, no dia 30 de maio de 1943 Rogaciano Leite realizou com o cantador Pedro Lima, conhecido como Ordep, uma cantoria no cineteatro Cinearte, a primeira apresentação de cantoria de viola em um palco de teatro no Brasil

A partir do final de 1944 foi residir em Fortaleza/CE, onde, em dupla com o cantador João Siqueira de Amorim, em 10 de fevereiro de 1945 realizou a primeira cantoria de viola no palco do Teatro José de Alencar, onde 2 anos depois organizou e apresentou o 1º Congresso de Cantadores do Nordeste (em que foram vencedores Otacílio Batista e Aderaldo Ferreira de Araújo, conhecido como Cego Aderaldo,[814] e, à vista do sucesso obtido, excursionou pela Região Norte (apresentando-se, dentre outros, no Teatro 4 de Setembro (Teresina/PI), no Teatro Artur Azevedo (São Luís/MA), no Teatro da Paz (Belém/PA) e no Teatro Amazonas (Manaus/AM)) e em 1948 organizou e apresentou o 2º Congresso de Cantadores do Nordeste, no Teatro Santa Isabel (Recife/PE), sobre o qual vale trazer a seguinte notícia publicada nos jornais da época:

---

[812] Cfr. Rogaciano Leite, entrevista ao Jornal Pequeno (Recife/PE) de 29 de julho de 1948.
[813] Pinto do Monteiro, cordel *Vida e morte de Rogaciano Leite*, p. 3.
[814] Cfr. Diário de Pernambuco de 30 de maio de 1948.

Fig. 77 – Congresso de Cantadores e Violeiros do Nordeste



CONGRESSO DE CONTADORES E VIOLEIROS DO NORDESTE

Organizado pelo poéta Rogaciano Leite no Teatro Santa Isabel de Recife — Amplo sucesso do certame

A 5 do corrente, instalou-se no Teatro Santa Isabel, em Recife, o Congresso de Cantadores e Violeiros. Iniciativa do poéta Rogaciano Leite, o curioso certame visa difundir a nossa poesia folclórica, com apresentação á culta platéia maurícia de famosos cantadores e violeiros do nordeste.

Segundo despachos telegráficos recebidos de Recife, bem como um recorte de jornal que nos foi mostrado pelo jornalista José Cândido de Araújo, o Congresso, que se apresenta com características inéditas, está obtendo enorme sucesso, levando ao tradicional Teatro Santa Isabel — arena de lutas célebres entre Castro Alves e Tobias Barreto — as mais representativas figuras dos meios intelectuais e sociais de Recife, além de grande número de homens do povo.

O Congresso durará vários dias, sendo a última noitada poética trammitida pela Rádio Jornal do Comércio.

Os admiradores de Rogaciano Leite no Maranhão vão, assim, ter a oportunidade de ouvir os seus magníficos improvisos através da potente estação pernambucana.

Rogaciano Leite

Fonte: Diário de São Luiz (MA), 7 de outubro de 1948

Ainda em 1947 diplomou-se Bacharel em Letras Clássicas pela primeira turma da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, tornando-se assim "o primeiro Cantador a alcançar um grau tão elevado"[815].

Características da poesia de Rogaciano Leite são o regionalismo, o lirismo e a

[815] Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia...*, p. 275.

crítica social. Exemplo de seu regionalismo é o *Poema de minha terra*, do qual transcrevem-se as seguintes estrofes:

Eu nasci lá num recanto
Do meu sertão – que amo tanto!
Onde o céu desdobra um manto
Feito de rendas de anil;
Onde o Firmamento extenso
É um grande espelho suspenso
Refletindo o rosto imenso
Da minha Pátria – o Brasil!

Criei-me lá na Fazenda
Que foi minha velha tenda
Onde escutei a legenda
Das coisas coloniais:
– Papa-figos, feiticeiros,
Cantadores, cangaceiros,
Caçadores e vaqueiros,
Reino Encantado… e outras mais…

Ah! Que tempo de alegria
Quando, bebendo poesia,
De calça curta, eu corria
À margem do Pajeú,
Comendo jaboticaba,
Melão, mamão e goiaba,
Cambuí, jambo e quixaba,
Maracujá e umbu![816]

Fig. 78 – Rogaciano Bezerra Leite



Exemplo de seu lirismo é o soneto *Se voltares...*:

Como o sândalo humilde que perfuma
O ferro do machado que lhe corta
Hei de ter a minh'alma sempre morta
Mas não me vingarei de coisa alguma

Se algum dia perdida pela bruma
Resolveres bater à minha porta
Ao invés da humilhação que desconforta
Terás um leito sobre um chão de espuma

Em troca dos desgostos que me deste
Mais carinho terás do que tiveste
Meus beijos serão multiplicados

Para os que voltam pelo amor vencidos

[816] Rogaciano Leite, *Poema de minha terra*, em *Carne e alma*, p.29, 32 e 34.

A vingança maior dos ofendidos
É saber abraçar os humilhados[817]

E exemplo de sua crítica social é o poema *Os flagelados*, do qual transcrevem-se as seguintes estrofes:

Eis o quadro infernal: quentura, céu desnudo
Horizontes sem fim, desolação em tudo
As pedras a piscar no solo calcinado
Nenhuma folha verde a sequidão reveste
Pois desde o alto sertão aos carrascais do Agreste
A terra é como um forno imenso, escancarado

Adeus, meu açudinho tórrido de sede
Meu teto… onde jamais os punhos de uma rede
Rangerão embalando o sono de meu filho
Jamais neste terreiro bêbado de lua
Verei brincar feliz minha filhinha nua
Que agora segue o pai faminto e maltrapilho

Ai, meu Deus, quanto horror! Que cena ultradantesca
Será que pode haver tragédia mais grotesca
Gente mais desgraçada e em condição mais vil?
Não pode não, meu Deus, porque essa caravana
Atingiu os extremos da miséria humana
E esbarrou no maior problema do Brasil[818]

Por fim, vale registrar que em 1950 Rogaciano Leite publicou a primeira edição do livro *Carne e Alma*, dando início ao segundo ciclo da Escola de Poesia de São José do Egito, marcado pela realização de cantorias pé-de-parede, festivais de cantadores e pela intensificação da poesia de bancada no Alto Sertão do Pajaú.

4.5.12 Os irmãos Bernardo (Cícero Bernardo de Souza, Prigildo Bernardo de Souza e Luiz Bernardo de Souza)

Nascidos no Povoado Mundo Novo, outros três irmãos cantadores egipcienses foram Cícero Bernardo de Souza (São José do Egito, 1920 – Campina Grande, 1996[819]), Prigildo Bernardo de Souza e Luiz Bernardo de Souza (sobre este infelizmente não encontrei registro da data de nascimento).

---

[817] Rogaciano Leite, *Se voltares*, em *Carne e alma*, p. 123.
[818] Rogaciano Leite, Os flagelados, em *Coração sertanejo* (no prelo).
[819] Esta data consta de José Alves Sobrinho em *Cantadores...*, p. 63 – na página seguinte este pesquisador também informa que Cícero Bernardo de Souza "manteve programa de cantoria, em parceria com o cantador José Gonçalves, na Rádio Borborema de Campina Grande".

Os pesquisadores Francisco Linhares e Otacílio Batista registram as seguintes estrofes compostas por Luís e Cícero Bernardo de Souza por ocasião do trágico falecimento do cantador José Filomeno de Menezes Júnior (sobre o qual dissertarei adiante)::

> Luís Bernardes e Cícero Bernardes, violeiros irmãos, choraram, com seus pinhos, a dura perda. Luís, com a alma dolorida, foi à realidade dos fatos:
>
> Ele aqui não volta mais
>
> Cícero, compartilhando com o irmão e companheiro, extravasou sua emoção:
>
> Os sinos das catedrais
> Plangentes notas dobraram
> Quando essa rude notícia
> Os rádios anunciaram
> Todas as musas sentiram
> Todos os vates choraram
>
> Luís prossegue sempre pesaroso:
>
> Eu senti de coração
>
> A estrofe de Cícero, em resposta à do irmão, foi um grito de dor traduzindo a extensão daquele acontecimento melancólico:
>
> Quando aqui, pelo sertão
> Chegou essa triste voz
> Ecoando em toda parte
> Das serras aos igapós
> Só não choraram as pedras
> Porque não são como nós[820]

Por fim, ainda sobre Cícero Bernardo de Souza os pesquisadores Átila Almeida e José Alves Sobrinho informam que "em 1959, juntamente com José Gonçalves da Silva, tirou o 2º lugar num Congresso de Cantadores realizado no Rio de Janeiro-RJ"[821] e o pesquisador Sebastião Nunes Batista transcreve as seguintes estrofes:

> Gonçalves – Ó, companheiros de arte
> Vamos enfrentando a luta

[820] Luís Bernardo de Souza e Cícero Bernardo de Souza, estrofes transcritas por Francisco Linhares e Otacílio Batista em *Antologia...*, p. 152-153.
[821] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 300.

E a linguagem sertaneja
Acho bom que repercuta
Vamos apresentar bonito
Nossa linguagem matuta

Cícero – Eu cheguei ao fim da luta
Junto com meu companheiro
E quem chega em fim de festa
Só encontra cachaceiro
Cabra ruim e mulher feia
E emboança no terreiro

Gonçalves – Inventaste um samba no sertão
Uma vez que passaste em Cajazeira
Tu chamaste uma negra dançadeira
Assim: Vamos dançar, meu coração
Mas esqueceste da situação
A negra disse: A calça te escapole
Falaste: Comigo ninguém bole
E fizeste aquela emboanceira
Hoje toda canalha em Cajazeira
Chama tu de cabrão do bole-bole

Cícero – Na verdade, arranjei esse controle
Com uma negra tão feia e muito ingrata
A boca dela parecia uma lata
Era murcha igualmente a um fole
Mas eu disse: Com ela ninguém bole
Por eu estar ali sempre ao lado
Eu que dela fui um santo namorado
Essa negra era magra como uma rã
Essa praga de fato é tua irmã
Mas o diabo é quem quer ser teu cunhado[822]

4.5.13 Pedro Vieira de Amorim

Pedro Vieira de Amorim (Teixeira, 1921 – Itapetim/PE, 2011) cedo veio morar no Distrito Umburanas, onde ficou conhecido como "o poeta dos vaqueiros".

Foi "cantador repentista de muito talento"[823], glosador e poeta de bancada. Como exemplo da primeira atividade poética transcreve-se a seguinte narrativa:

> Numa ocasião, cantando com Manoel Xudu, o sempre saudoso violeiro terminou uma sextilha com esses dois versos:
>
> Minha cerca de poesia
> Nem enverga e nem tem nó

[822] José Gonçalves da Silva e Cícero Bernardo de Souza, estrofes transcritas por Sebastião Nunes Batista em *Poética popular do Nordeste*, p. 97 e 106.
[823] José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 80.

Pedro Amorim continuou a cantoria, respondendo-lhe também como um mestre:

A minha é de mororó
De jurema e cipaúba
Bode peleja e não passa
O boi ladrão não derruba
Não há garrote que fure
Nem macaco que se suba[824]

Como poeta de bancada, compôs, dentre outros, o poema *Minha casa*, do qual colhem-se as seguintes estrofes:

Fui à casa onde criei
Meus oito filhos queridos
Mas com tristeza encontrei
Já uns cantos destruídos
Tem dum lado um umbuzeiro
E de outro um cajueiro
Num esquecido abandono
As folhas sujas caindo
Sinais de quem está sentindo
A separação do dono

Me lembrei de tanta coisa
Parecia está ouvindo
O ressono da minha esposa
Lá em um quarto dormindo
Quando eu olhei as paredes
Onde ela armava as redes
Para os filhos pequeninos
Ouvi naquele abandono
A confusão do ressono
Entre ela e os meninos

Quem passa por perto pasma
Vê que ali tem segredo
Tem um vaqueiro fantasma
Que canta nos arvoredos
Porque lá quando eu lutava
Mesmo aboiando eu cantava
Para abreviar o dia
E aquelas minhas toadas
Ficaram todas gravadas
No disco da ventania[825]

[824] Manoel Xudu e Pedro Amorim, versos transcritos por Luís Wilson em *Roteiro*..., p. 302.
[825] Pedro Amorim, *Minha casa*, estrofes transcritas por Luís Wilson em *Roteiro*..., p. 297, 198 e 301.

4.5.14 Manoel Luiz dos Santos

Nascido no antigo povoado Santo Antônio das Batatas (conhecido na região apenas como Batatas) e discípulo do referido poeta e astrólogo João Ferreira de Lima, Manoel Luiz dos Santos (São José do Egito, 1926 – 2017) foi "violeiro ou cantador e poeta popular, começou a escrever versos em 1945"[826].

Mapa 18 – *Esboço da carta corográfica da Província de Pernambuco* (1880) (em detalhe: Povoado Santo Antônio das Batatas)



Fonte:Biblioteca Nacional Digital
Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart177656/cart177656.html

Manoel Luiz dos Santos tornou-se conhecido como "O Profeta" e "Poeta da Astrologia" a partir da publicação, em 1948, da primeira edição de seu almanaque *O Nordeste brasileiro*, "o almanaque de feira mais antigo em circulação"[827] a respeito do qual Átila Almeida e José Alves Sobrinho assinalam:

> Os almanaques de 1949, 1950, 1953 e 1957 são todos rimados, o de 1958 é metade rimado. Todos trazem na capa o acróstico BRASILEIRO numa décima, à semelhança do que fazia na época João Ferreira de Lima no Almanaque de Pernambuco.[828]

É o que vê-se na edição de 2009:

---

[826] Luís Wilson, *Roteiro...*, p. 295.

[827] Rosilene Alves de Melo, *Escrito nas estrelas: almanaques astrológicos, relicários do tempo, prognósticos do destino,* p. 4.

[828] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário...*, p. 255. "ACRÓSTICO – Composição poética na qual o conjunto das letras inicias dos versos compõe verticalmente uma palavra, geralmente o nome do autor. É um dos meios de identificação de autoria usado na literatura de cordel" (Sebastião Nunes Batista, *Poética popular do Nordeste*, p. 13).

Bom inverno não é em todo canto
Reze muito voltado para Deus
Animado lá nos trabalhos seus
Sob a luz do Divino Espírito Santo
Inda que por aí não chova tanto
Levante cedo que a riqueza vem
Esperando por Deus e mais ninguém
Isto é nosso pão de cada dia
Recurso que dá com alegria
O sustento pra gente viver bem

Além do acróstico, Manoel Luiz inseria poemas ou estrofes apresentando seu trabalho ou mencionando santos católicos:

Frei Damião no Brasil
Debaixo do céu de anil
Tem feito milagres mil
Orando a Deus verdadeiro
Frei Damião desde já
No meu pensamento está
Que ele foi e será
Meu guia, meu conselheiro

Frei Damião me abençoe
Jesus Cristo me perdoe
Por tudo quanto já foi
Passado em meu coração
Abençoado por meus pais
E ainda recebo mais
As bênçãos sacerdotais
Do Padre Cícero Romão[829]

Fig. 79 - Manoel Luiz dos Santos



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=YUybV7MrnHs

O Profeta consistia em referência para outros poetas-astrólogos como José da Costa Leite, xilógrafo e cordelista autor do almanaque *Calendário Brasileiro*, que em carta solicitou sua ajuda para compor a Tabela dos Eclipses, salientando que "Manoel é muito inteligente, mas guarda tudo pra ele'"[830].

Por fim, vale registrar que Manoel Luiz dos Santos também é autor dos cordéis *Erros do protestantismo*, *Peleja de Chico Tejo com Antônio Carneiro*, *O inverno no*

[829] Manoel Luiz dos Santos, estrofes do almanaque *O Nordeste brasileiro* transcritas por Rosilene Alves de Melo, *Escrito nas estrelas: almanaques astrológicos, relicários do tempo, prognósticos do destino,* p. 55.

[830] José Costa Leite, entrevista concedida a Geovanni Gomes Cabral e transcrita em sua tese *Arte, história e narrativa: a trajetória do poeta José Costa Leite*, p. 233 – na página 232 esse pesquisador transcreve 3 cartas enviadas por Manoel Luiz dos Santos a José Costa Leite.

sertão e *Peleja de Manoel Luiz dos Santos com Alfredo João de Lima*.

4.5.15 Os irmãos Filomeno de Menezes (José Filomeno de Menezes Júnior, Manoel Filomeno de Menezes e Gregório Filomeno de Menezes)

Outros três irmãos componentes da Escola de Poesia de São José do Egito são José Filomeno de Menezes Júnior (São José do Egito/PE, 1926 – Rio de Janeiro/RJ, 1951), Manoel Filomeno de Menezes (Afogados da Ingazeira/PE, 1930 – São José do Egito/PE, 2005) e Gregório Filomeno de Menezes (São José do Egito/PE, 1944 –), filhos do poeta José Filomeno de Vasconcelos (Surubim/PE, 1896 – Tuparetama, 1982) e Tereza Bernardo de Menezes.

"Criatura boníssima e violeiro admirável e querido"[831], o cantador José Filomeno de Menezes Júnior (conhecido como Zeca Filó, José Menezes e José Filó) era considerado "o mais vibrante repentista nordestino"[832], "revolucionador dos sertões nordestinos, através de seus improvisos edificantes [...] suas estrofes feitas de improviso são citadas como fontes humanitária e filosófica"[833], como denotam as seguintes narrativa e estrofe:

> Outra vez, não me lembro se em "Alagoa do Monteiro" [atual Município de Monteiro/PB] ou ali pertinho, cantava com João Isidro Ferreira e terminou uma estrofe aludindo ao desaparecimento de uma pessoa amiga:
>
> A morte a ninguém respeita
> A morte é devoradora
>
> Ele pegou a "deixa" de Isidro e continuou a cantar:
>
> A morte é devoradora
> A todos nós amedronta
> Se a vida fizer a dívida
> A morte é quem paga a conta
> Se a vida bater o prego
> A morte é quem vira a ponta[834]

Também assim a seguinte décima em que José Filomeno de Menezes Júnior comenta a cegueira que o acometeu em decorrência de glaucoma:

---

[831] Luís Wilson, *Roteiro*..., p. 231.
[832] Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 60.
[833] Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia*..., p. 147.
[834] João Isidro Ferreira e José Filomeno de Menezes Júnior, versos transcritos por Luís Wilson em *Roteiro*..., p. 232.

Disse-me um bom oculista:
Não foi grande o prejuízo
É melhor perder a vista
Do que ficar sem juízo
Aos cegos Deus dá o siso
De adivinhar pensamentos
Dá também entendimentos
Para conhecer o ouro
Pensar no tempo vindouro
Farejar de encontro aos ventos[835]

Buscando tratamento para a doença que o acometia, José Filomeno de Menezes Júnior viajou ao Rio de Janeiro, onde faleceu aos 25 anos de idade atropelado por um automóvel. Seu pai cantou sua dor em estrofes como a seguinte:

Não quero ouvir bater
Nesta viola amarela
Pra vocês é alegria
Pra mim tem tristeza nela
Porque renova as saudades
Que sinto do dono dela[836]

Sobre Manoel Filomeno de Menezes, conhecido como Manoel Filó, o pesquisador Luís Wilson informa que nasceu "a 13.10.1930 na Fazenda Tabuado, Afogados da Ingazeira/PE, vindo em sua infância para a vilazinha de Mundo Novo, em São José do Egito"[837].

No universo da Poesia Sertaneja, Manoel Filó foi cantador, glosador e poeta de bancada. Como exemplo da primeira atividade transcreve-se a seguinte narrativa:

> Numa noitada de violas, cantava para os camponeses da fazenda do Retiro, quando, num bafejo dos mais felizes, pasmou a assistência com essa sentença figurada:
>
> Um parto cesariano
> O camponês faz na terra
> Passando uma enxada nova
> Pela barriga da serra
> Tirando o pão para os filhos

[835] José Filomeno de Menezes Júnior, estrofe transcrita por Francisco Linhares e Otacílio Batista em *Antologia...*, p. 151 e por Manoel Filomeno de Menezes em *As curvas do meu caminho*, p. 177.
[836] José Filomeno de Vasconcelos, estrofe transcrita por Manoel Filomeno de Menezes em *As curvas do meu caminho*, p. 170.
[837] Luís Wilson, *Roteiro...*, p. 291.

Que vêm cansados da guerra[838]

Exemplo de suas práticas como glosador tem-se nas seguintes narrativas e estrofes:

> Passando pela ponte Princesa Isabel, em Recife, em um veículo dirigido por Manoel, Jó Patriota avista uma bela jovem que por ali caminhava e improvisa:
>
> Mulher do rosto comprido
> Trajada em seda amarela
>
> E Manoel deu esse desfecho:
>
> Dá mais beleza ao vestido
> Do que o vestido a ela[839]

> Em viagens rotineiras, Manoel e o primo Heleno Rafael sempre trocavam duelos de improvisos.
> [...]
> Heleno – O inverno era constante
> No final de cada dia
>
> Manoel – No sertão, quando chovia
> Se via na região
> Lindos rosários de orvalho
> Sob os galhos de algodão
> E um pingo em cada folha
> Das latadas de feijão
>
> Heleno – Muita pouca gente sabe
> Quem é Manoel Menezes
>
> Manoel – Tenho visto muitas vezes
> Uma galinha pequena
> Juntar sua filharada
> Numa manhã que serena
> Deixa os pintos respirando
> Por entre as falhas da pena[840]

Fig. 80 – Manoel Filomeno de Menezes



Fonte: Luís Wilson, *Roteiro*..., p. 295

Por fim, como exemplo da poesia de bancada de Manoel Filó vale transcrever estrofes de seu livro *As curvas do meu caminho* (2004)

---

[838] Manoel Filomeno de Menezes, estrofe transcrita por Francisco Linhares e Otacílio Batista em *Antologia...*, p. 223.
[839] Job Patriota de Lima e Manoel Filomeno de Menezes, estrofe transcrita por esse poeta em *As curvas do meu caminho*, p. 44.
[840] Manoel Filomeno de Menezes, *As curvas do meu caminho*, p. 50, 55.

Parecendo ter ciúme
Chega apressado o orvalho
Fiscalizando o perfume
Na rosa virgem do galho

Como são cheias de glória
As fruteiras do pomar
Confidentes das estórias
Que o beija-flor vem contar

Elimino a ofensa do atrito
Atravanco os portões da ventania
Faço a caixa domar ficar vazia
Boto um teto no vão do infinito
Desintegro as pirâmides do Egito
Compro o ouro que tem no Vaticano
Dobro o claro do sol com um abano
Deixo o globo sem gelo e sem mormaço
Boto um cabo na concha do espaço
Nos dez pés de martelo alagoano[841]

4.5.16 Job Patriota de Lima

Job[842] Patriota de Lima (São José do Egito, 1929 – 1992) nasceu no Distrito Umburanas e profissionalizou-se como cantador de viola por estímulo do repentista conhecido como Vicente Preto[843].

A respeito de Job Patriota de Lima reproduzo entrevista que concedeu ao professor egipciense José Rabelo de Vasconcelos:

> Ele me pareceu um poeta puro. Só e exclusivamente poeta. Era uma constituição emotiva. Nele, a razão era um mero instrumento acidental diante da emoção, ele só a usava a serviço da emoção. Foi, sem dúvida nenhuma, a antena que melhor captou a sensibilidade de seu povo. Ele nunca deixou de ser um menino, nunca chegou à malícia da adolescência.[844]

Era conhecido como "Rei do Lirismo" (publicou um livro intitulado *Na senda do lirismo*) e "a reserva da escola lírica do repente"[845], como o denotam as seguintes narrativas e estrofes:

---

[841] Manoel Filomeno de Menezes, *As curvas do meu caminho*, p. 35, 36, 41 e 126.
[842] Por vezes grafado Jó, Job é o nome com que foi registrado, nascido a 28 de fevereiro de 1929, conforme consta de seu Assento de Nascimento em *Livro de Nascimentos da Vila de São Pedro das Lajes – nº 6 –* fls. 103v–104 (Family Search – Disponível em https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D1QS-KW?i=1585&cc=2016195&cat=607232).
[843] Cfr. Alberto da Cunha Melo, *Um certo Jó*, p. 18.
[844] José Rabelo de Vasconcelos, depoimento transcrito por Alberto da Cunha Melo em *Um certo Jó*, p. 29.
[845] Ésio Rafael, depoimento transcrito por Alberto da Cunha Melo em *Um certo Jó*, p. 29.

Lourival [Batista], depois que abandonou o jogo do baralho, cantando, de outra feita com ele, disse:

Cachaceiro ainda suporto
Com jogador não me empalho

Jó – Eu tanto jogo baralho
Como gosto de bebida
Quando acerto é sem escala
Quando erro é sem medida
Quem nunca errou nesse mundo
Fez pouca coisa na vida

Num encontro com Canhotinho [Elísio Félix da Costa] em Patos, Paraíba, Canhoto finaliza a sextilha:

Tanto o amor nos dá lucro
Como a dor dá prejuízo

Tão grande quanto o companheiro, Já dá desenvoltura ao tema, dentro de sua concepção realística:

Se o pranto é irmão do riso
Nascidos do mesmo amor
Tanto me faz estar rindo
Como sentindo uma dor
Que o sofrimento é da vida
Como o perfume é da flor

Fig. 81 – Job Patriota de Lima



Fonte: Alberto da Cunha Melo, *Um certo Jó*, p. 14 (foto de Assis Lima)

Glosando um tema de Raimundo Asfora:

Jó – Na madrugada esquisita
O pescador se aproveita
Vendo a praia como se enfeita
Vendo o mar como se agita
Hora calmo, hora se irrita
Como panteras ou pumas
Depois se desfaz em brumas
Por sobre as duras quebranças
Frágeis, fragílimas danças
De leves flocos de espumas

Cantando com Olívio do Livramento que finalizou [uma sextilha]:

Na existência da gente
Só tem onda enfurecida

Jó – Eu comparo a nossa vida
Com o mar irritado e forte
Alguma bússola indicando
Leste, Oeste, Sul e Norte
De um lado, a praia da vida

Do outro, o porto da morte

Com Heleno Rafael:

Sofro perto da velhice
Mas já gozei a infância

Jó – Ninguém calcula a distância
Que ficou minha alegria
Minha alma tem a tristeza
Da coruja quando pia
Nas solidões dos sepulcros
Nas noites de ventania [846]

Como dito, Job Patriota de Lima casou com Maria das Neves Marinho, irmã de Helena Marinho Patriota, esta casada com o cantador Lourival Batista e ambas filhas do cantador Marinho do Pajaú.

4.5.17 Severino Cordeiro de Souza

Conhecido como Biu de Crisanto (em referência a seu pai, Crisântemo Olegário de Sousa), o poeta Severino Cordeiro de Souza (São José do Egito, 1929 – 2000) nasceu no povoado Cangalha (atual São Vicente, distrito de Itapetim/PE), compôs sua primeira poesia (*Vida na roça*) aos oito anos de idade e adiante foi cantador de viola fazendo dupla com seu irmão Macilon Olegário de Sousa.

Na década de 1950 ficou paraplégico e desde então permanecia em sua casa localizada na Rua do Poeta (assim denominada em sua homenagem), onde recebia amigos e estudantes e lia os mais diversos escritores (a exemplo de Antero de Quental e Augusto dos Anjos), que influenciaram sua verve de caráter existencialista, como se depreende de seu soneto *Dúvida*, de *Meu trigal*, seu único livro publicado[847]:

Nasci! De onde vim é que não sei...
Enfim, também não sei para que vim
Se vim para voltar, pra que fiquei
Neste intervalo de incerteza assim?

Não foi do pó fecundo que brotei
Não sei quem tal missão me impôs
O acaso não foi, já estudei

[846] Versos e estrofes transcritas por Terezinha Costa em *São José do Egito: Musa do Pajeú*, p. 111 e ss.

[847] Seu sobrinho Geraldo Palmeira prepara a publicação do livro *Meu madrigal* (título escolhido pelo próprio Biu de Crisanto), com o conteúdo de *Meu trigal* e poemas inéditos – cfr. http://cantigasecantos.blogspot.com/2013/03/poesia-arte-de-bio-de-crisanto-poeta.html,

Desta incumbência desconheço o fim

Sou a metamorfose das moneras
Desagregadas nas primeiras eras
Reunidas hoje nesta luta infinda

Sou a passagem irreal da forma
Submetida aos desígnios da norma
Do meu princípio não sei nada ainda...[848]

Também assim o soneto *Vida*:

A vida não é apenas animação
O que se acha nos corpos animados
Também se encontra nos inanimados
Como causa sem efeito, sem ação

No impacto das massas em confusão
Foram ficando corpos esgotados
Que hoje se acham estacionados
Sem se moverem do lugar que estão

O que faz movimentar é o poder
Que obriga a girar, subir, descer
Obedecendo ao giro em execução

Pondo em jogo a fusão dos elementos
Determinando exóticos movimentos
De elétrons poeirentos em vibração[849]

Fig. 82 – Severino Cordeiro de Souza



Outra acentuada característica da verve de Biu de Crisanto é a crítica social, presente no poema *O gênio*:

Minh'alma cosmopolita
Dentre meu peito palpita
Tocada pelo ideal
Sou um criador de normas
Um pregador de reformas
Contra a opressão mundial[850]

Esse aspecto é o fio condutor do poema *Fase semifeudal*, composto por 14 estrofes e escrito na década de 1960, mas que não pôde ser incluído em seu livro por

[848] Severino Cordeiro de Souza, *Dúvida*, em *Meu trigal*, p. 25.
[849] Severino Cordeiro de Souza, *Vida*, em *Meu trigal*, p. 32.
[850] Severino Cordeiro de Souza, *O gênio*, em *Meu trigal*, p. 47. Registre-se que as estrofes desse poema são exemplos de sextilhas na rara configuração de rimas AABCCB.

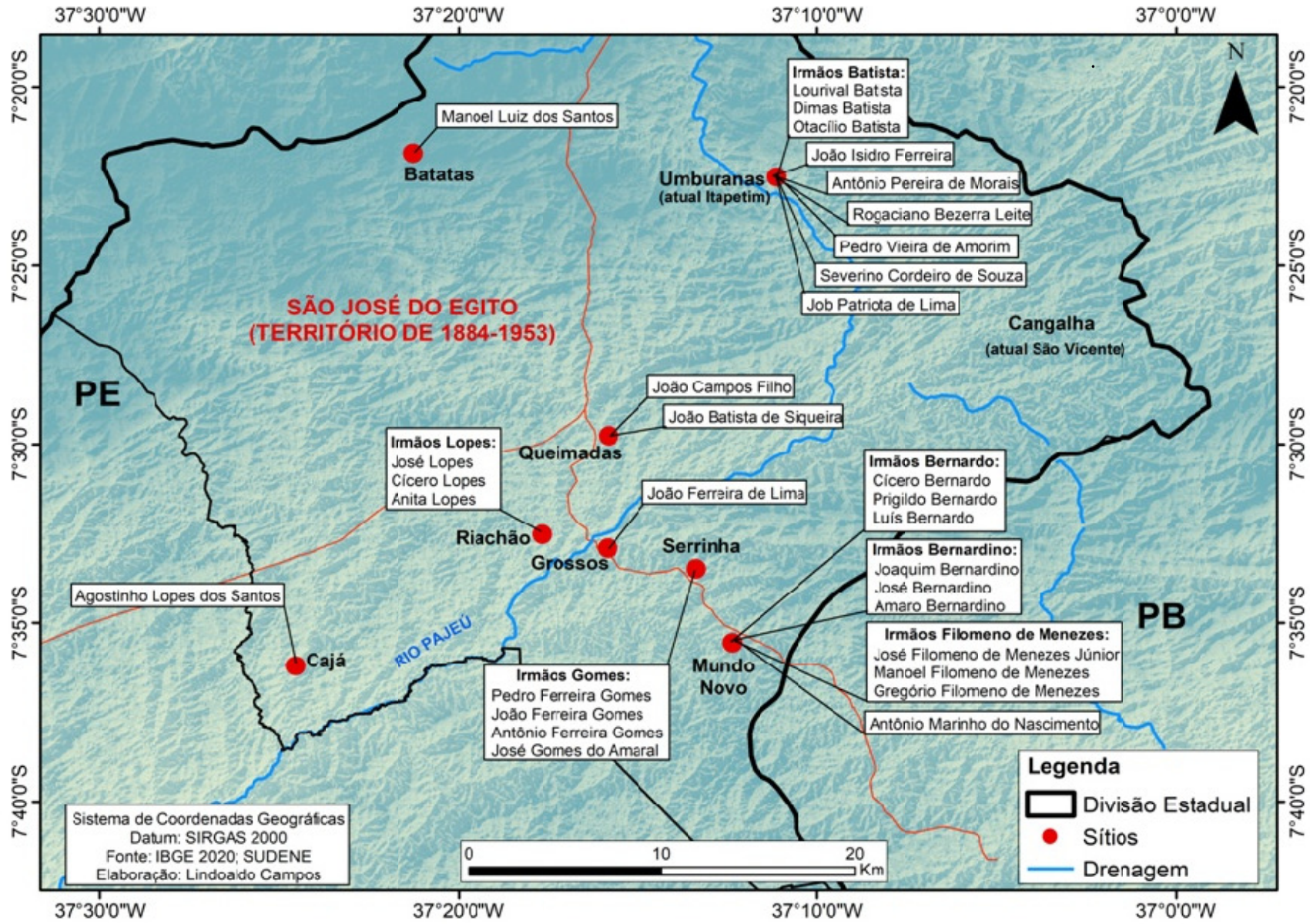
tecer críticas contundentes à ditadura civil-militar então vigente no Brasil:

A pátria do miserável
Não tem bandeira nem nome
Para que nome e bandeira
Onde se morre de fome?
Há recanto em meu País
Tão pobre e tão infeliz
Que nem na África há
Enquanto grupo exóticos
Erguem palacetes góticos
Com o manganês do Amapá

"*Libertas quae será tamem*"
Quem dissera, quem dissera...
A frase existe entre nós
Liberdade quem nos dera...
Mas não há independência
Onde não há consciência
Moral nem patriotismo
Onde o Direito se vende
A Lei, covarde, se rende
Aos pés do capitalismo[851]

Por fim, a partir dessas informações é possível elaborar o seguinte mapa com a indicação dos lugares onde nasceram poetas (até 1930) que compõem a Escola de Poesia de São José do Egito:

[851] Severino Cordeiro de Souza, *Fase semifeudal*, estrofes transcritas por Josivaldo Custódio da Silva na tese *Pérolas da cantoria de repente em São José do Egito no Vale do Pajeú: memória e produção cultural*, p. 326-327.


37°30'0"W
37°20'0"W
37°10'0"W
37°0'0"W
7°20'0"S
7°25'0"S
7°30'0"S
7°35'0"S
7°40'0"S
N
SÃO JOSÉ DO EGITO
(TERRITÓRIO DE 1884-1953)
PE
PB
Manoel Luiz dos Santos
Batatas
Irmãos Batista:
Lourival Batista
Dimas Batista
Otacílio Batista
João Isidro Ferreira
Umburanas
(atual Itapetim)
Antônio Pereira de Morais
Roçaciano Bezerra Leite
Pedro Vieira de Amorim
Severino Cordeiro de Souza
Job Patriota de Lima
Cangalha
(atual São Vicente)
João Campos Filho
João Batista de Siqueira
Queimadas
Irmãos Lopes:
José Lopes
Cícero Lopes
Anita Lopes
Irmãos Bernardo:
Cícero Bernardo
Prigildo Bernardo
Luís Bernardo
João Ferreira de Lima
Riachão
Grossos
Serrinha
Irmãos Bernardino:
Joaquim Bernardino
José Bernardino
Amaro Bernardino
Agostinho Lopes dos Santos
Cajá
RIO PAJEÚ
Irmãos Gomes:
Pedro Ferreira Gomes
João Ferreira Gomes
Antônio Ferreira Gomes
José Gomes do Amaral
Mundo
Novo
Irmãos Filomeno de Menezes:
José Filomeno de Menezes Júnior
Manoel Filomeno de Menezes
Gregório Filomeno de Menezes
Antônio Marinho do Nascimento
Legenda
Divisão Estadual
Sítios
Drenagem
Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum: SIRGAS 2000
Fonte: IBGE 2020; SUDENE
Elaboração: Lindoaldo Campos
0
10
20
Km

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criando-se e recriando-se desde meados do séc. XIX, o Sertão da Poesia continua fluindo através da palavra de seus poetas que ecoa em diversas dimensões, a exemplo da publicação de cordéis e livros de poesia como:

- ✓ *Retalhos do Pajeú* (1984) e *Mais um baú de retalhos* (1994), de José Rufino da Costa Neto (Dedé Monteiro) (Tabira/PE)
- ✓ *Nascimento* (2003), de Antônio Marinho do Nascimento (São José do Egito)
- ✓ *Alma impressa* (2015), de Vinícius Gregório (São José do Egito)
- ✓ *CantaDores* (2017), de Isabelly Moreira (Belinha) (São José do Egito)
- ✓ *Inspiração* (2018), de Lenelson Piancó (Itapetim/PE)
- ✓ *Ponta de espinho* (2018), de Arlindo Lopes (Pirraia) (São José do Egito)
- ✓ *Minha herança de matuto* (2018), de Leonardo Pereira Alves (Leonardo Bastião) (Itapetim/PE)
- ✓ *Efêmero* (2018), de Lucas Rafael Calado (Afogados da Ingazeira/PE radicado em São José do Egito)
- ✓ *Fazendo arte* (2019), de Gislândio Araújo (São José do Egito radicado em Brejinho/PE)
- ✓ *O circo do meu sonho* (2017) e *No caroço do Juá* (2020, 2ª ed. ampl.), de José Adalberto Ferreira (Zé Adalberto) (Itapetim/PE)

Em Teixeira até há pouco tempo havia o Grupo de Dança Sucurus da Serra[852] e atualmente há o Coletivo Agostinho Nunes da Costa, composto por Ari Nóbrega, Tiago Nunes e Vinicius Martins, que, dentre outras atividades, realiza oficinas de xilogravura, poesia e pífano. No mês de agosto são realizadas cantorias no Bar e Restaurante Pedra

[852] Cfr. https://www.youtube.com/watch?v=zR5fTvQAeAI e https://www.youtube.com/watch?v=jc63wF3SORY

do Tendó, de propriedade de Dona Raimunda Nunes de Albuquerque Fernandes, bisneta de Nicandro Nunes da Costa.

Fig. 83 – O autor e Raimunda Nunes de Albuquerque Fernandes, bisneta de Nicandro Nunes da Costa, nascida no Distrito São Vicente e proprietária do Bar e Restaurante Pedra do Tendó (Teixeira/PB, 07/01/2023)

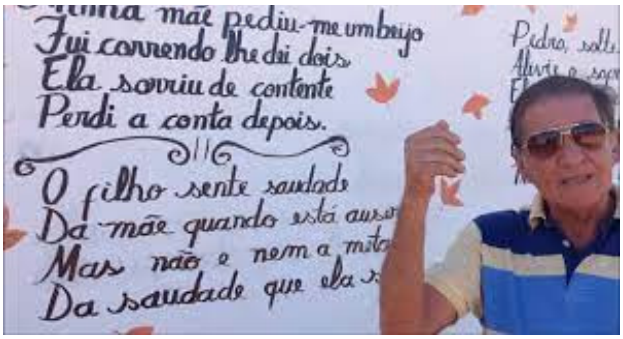


Fonte: acervo do autor

Em Brejinho/PE anualmente é realizado o Dia Municipal da Leitura, com apresentações de poemas compostos por poetas do Alto Sertão do Pajaú, e mensalmente ocorrem a Sexta da Cultura, que por causa da pandemia há dois anos não acontece mas deve ser retomada em 2023, e uma cantoria promovida por Erivaldo Ferreira em um dos bares da cidade.

Em Tuparetama/PE, sobretudo por iniciativa do então Prefeito Pedro Torres Tunu em muitas paredes de casas e prédios públicos foram pintadas poesias.

Fig. 84 – Pedro Torres Tunu, ex-Prefeito de Tuparetama/PE



Fonte: Facebook
Disponível em https://www.facebook.com/PedroTorresTunu/

Ainda nesse município o Coletivo de Artistas e Músicos de Tuparetama realiza mensalmente o Balaio Cultural, com atrações musicais e poéticas:

Fig. 85 – Cartaz do Balaio Cultural (Tuparetama/PE), 02/12/2022



Fonte: Blog do Balaio Cultural
Disponível em http://balaioculturaldetuparetama.blogspot.com/

Em Itapetim/PE anualmente realizam-se, em praça pública, no dia 8 de março uma Mesa de Glosa composta exclusivamente por mulheres, em julho o Festival de Poetas Repentistas (amadores) e no dia 29 de dezembro o Festival de Poetas Repentistas profissionais.

Em Tabira, na terceira quinta-feira de cada mês a Patrulha de Violeiros Amadores (PAVAM) realiza o Encontro de Violeiros. Semanalmente a Rádio Tabira apresenta o Programa de Violeiros (de segunda a quinta-feira, das 17:30 às 18:00) e o programa de poesias Manhã de Luzes (aos sábados, com início às 10:00). Esporadicamente ocorre o Encontro Belas Tardes de Viola, no Bar do Arroz, e a Associação de Poetas e Prosadores de Tabira (APPTA), fundada em 1995, realiza diversas atividades.

Ainda em Tabira, anualmente, no terceiro sábado de setembro é realizada a Missa do Poeta (em homenagem ao poeta Zé Marcolino), onde ocorre uma Mesa de glosa (também realizadas de forma esporádica durante todo o ano), evento em que, na sequência em que sentam-se lado a lado, os poetas compõem glosas de improviso e as declamam para o público.

A respeito das Mesas de glosa o amigo poeta e pesquisador tabirense Genildo

Firmino Santana traça o seguinte histórico em texto gentilmente cedido para esse escrito:

> Em Tabira/PE, nos anos 60, 70 e 80 do século passado, Ivo Mascena e parceiros improvisavam em mesas de bar, para deleite das almas deles e de quem os escutava.
> O que Tabira fez? Deu à glosa o *status* de modalidade do repente. Tabira estruturou a Mesa de Glosa, como ela é feita atualmente. Não criou a glosa. Não criou o improviso glosado, a "cantoria sem viola" como define Dedé Monteiro. Tabira deu-lhe essa roupagem.
> Foi em 1997. Realiza-se sempre às sextas-feiras que antecedem a Missa do Poeta, em setembro. De início – como lembro bem – havia duas mesas: primeiro, a dos amadores – que éramos todos nós, jovens poetas, como Zipa Nunes, Dimas Feitosa, Gilson Melo, Adeval Soares, Albino Pereira, Genildo Santana, Luiz Gonzaga e Gonga Monteiro; em seguida, a dos profissionais, que eram na sua maioria cantadores de viola já tarimbados, como João Paraibano, Pedro de Alcântara, Sebastião Dias e Diomedes Mariano. Os amadores como que abriam a festa dos profissionais. Com o tempo, apareceram Alexandre Morais, Lima Junior, Henrique Brandão, Weelington Rocha, Aldo Neves, Zé Adalberto, entre outros.
> Foram dias de consagração de muitos glosadores. Entre eles, este que lhes escreve. Foi ali, naquele evento que só acontecia uma vez a cada ano, que nos firmamos como profissionais. Tanto que hoje não há mais a divisão amadores / profissionais. Há muitos anos que ela deixou de existir.
> Ela acontecia, em seu nascedouro, só em Tabira e só na festa da Missa do Poeta e era feita só por homens. Aos poucos, como o decorrer dos anos, saiu do local e passou a ser feita em escolas. Depois, saiu de Tabira e passou a ser feita em cidades vizinhas.
> E as mulheres, poucas ainda, também ingressam no time dos glosadores. Dão mais brilho. Elenilda Amaral, Dayane Rocha, Francisca Araújo, Erivoneide Amaral são as mais frequentes. Poucas ainda, mas aqui e ali aparece uma musa improvisando.

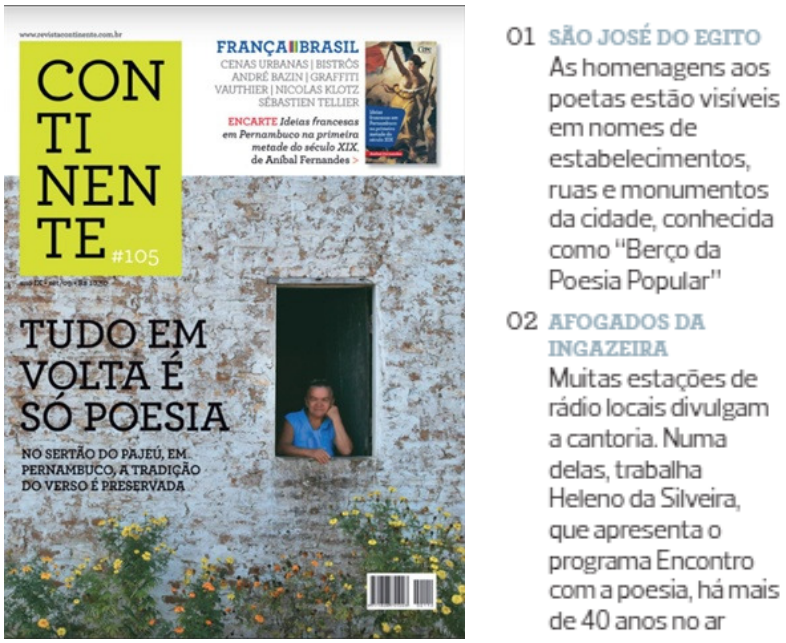
Fig. 86 – Mesa de Glosa do Pajeú (2017)



Fonte: Mônica Mirtes de Lima Cordeiro, citada por Alecsandra Barros Ramalho em *A performance da voz poética feminina na Mesa de Glosas e o ensino de literatura*, p. 18)

Por sua vez, em Afogados da Ingazeira/PE mensalmente a Secretaria de Cultura do Município realiza a Quinta Cultural e semanalmente a poeta Elenilda Amaral apresenta programa de poesias na Rádio Pajeú e realiza-se o programa de violeiros Encontro com a Poesia. Esporadicamente são realizadas cantorias no Clube do Repente.

Fig. 87 – Revista Continente – Setembro/2009 (capa)



Fonte: Revista Continente
Disponível em https://www.cepe.com.br/lojacepe/revista-continente-105

Em São José do Egito, no centro da cidade recentemente foi instalado Monumento ao Cantador na Rua da Baixa e há poesias inscritas em paredes de residências e em lugares públicos como no Beco de Laura, uma das ruas mais antigas da cidade e via de acesso à Prefeitura e à Igreja Matriz.

Fig. 88 – Monumento ao Cantador



Fig. 89 – Beco de Laura



Fonte: acervo do autor

Ainda nesse município, na Rodovia PE 275 há um portal em formato de viola com desenhos do artista Marcos Pê.

Fig. 90 – Portal – São José do Egito – Rodovia PE 275



Fonte: Acervo do autor

Fig. 91 – Em primeiro plano, árvore de Natal com poesias e xilogravuras; em segundo plano, Monumento ao Cantador (São José do Egito) (janeiro / 2023)



Fonte: Acervo do autor
Foto por Jair Som

Nesse contexto registre-se a Festa de Louro, evento organizado por Antônio Marinho do Nascimento (bisneto homônimo do precursor da Escola de Poesia de São José do Egito) que, simultaneamente com a tradicional Festa de Reis, ocorre anualmente de 3 a 6 de janeiro (este último dia aniversário de Lourival Batista) com atividades poéticas como lançamentos de livros, cantorias e declamações.

Fig. 92 – Grupo EmCanto e Poesia, composto pelos irmãos Antônio, Greg e Miguel Marinho



Fonte: PE Notícias
Disponível em: http://penoticias.com.br/blog/grupo-em-canto-e-poesia-de-sao-jose-do-egito-se-apresenta-em-recife-no-projeto-tengo-lengo-tengo/

Fig. 93 – Antônio Marinho do Nascimento (bisneto do homônimo precursor da Escola de Poesia de São José do Egito), o autor e Bia Marinho (neta do referido precursor) (São José do Egito, 06/01/2023)



Fonte: acervo do autor

Por fim, vale destacar a inserção, em 2015, da disciplina de Poesia Popular no currículo do Ensino Fundamental do Município de São José do Egito, e a realização anual, a partir de 2017, do Concurso de Poesia Popular de São José do Egito.

Fig. 94 – Cartaz do Concurso de Poesia Popular de São José do Egito (2021



Fonte: acervo do autor

Essas são algumas práticas atualmente vivenciadas por pessoas que em Teixeira e no Alto Sertão do Pajaú continuam criando um modo de viver através da palavra poética a partir de suas proveniências íbero-árabe, africana e indígena Xukuru, para cujo estudo o presente escrito pretende-se um contributo e, sobretudo, um estímulo.

ADENDOS

ADENDO 1

"PLANTARAM XICÃO"
LUTAS CONTEMPORÂNEAS DOS XUKURU DO ORORUBÁ

Não chore, meu filho
Não chore, que a vida
É luta renhida
Viver é lutar

Gonçalves Dias

À semelhança dos demais povos indígenas do Brasil, desde o início do processo de invasão de suas terras no séc. XVI, os Xukuru lutam por seus direitos em um contexto que intensificou-se com a "Guerra dos Bárbaros", quando foram descidos[853] para o Aldeamento de Araçagi (atual município localizado na Região Metropolitana de Guarabira/PB)[854], o Aldeamento da Boa Vista (no atual município de Mamanguape/PB,

[853] O historiador Ronaldo Vainfas considera que "'descer' ou fazer 'descer' os índios significava deslocá-los do interior – os 'sertões' – para o litoral e fixá-los nas proximidades das vilas e engenhos coloniais" (*Dicionário do Brasil Colonial*, verbete *Aldeamentos*, p. 22). Todavia, é possível que o termo "descimento" tenha relação com o fato de que os indígenas remanescentes das "Guerras dos Bárbaros" geralmente encontravam-se em lugares altos (nomeadamente brejos de altitude). De todo modo, como Luiz Felipe de Alencastro observa que os descimentos "aparecem como as iniciativas de consequências mais catastróficas para os indígenas [...] Mal alimentados, expostos ao trabalho forçado num ambiente epidemiológico que lhes era particularmente hostil, os índios aldeados pereciam em grande número. Prática inscrita na legislação régia como o modo menos violento de intervir nas sociedades indígenas, o descimento acabou provocando uma mortandade mais lenta, porém mais extensa que os resgates e os cativeiros" (*O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*, p. 120)

[854] Cfr. Angelita Alves e Dominick Sousa, *A guerra dos bárbaros na Capitania Real da Paraíba*, p. 28-29 e 31. Consoante informa Celso Mariz, "Luís Soares ['veterano da campanha restauradora e comandante do batalhão de pretos, no qual sucedera ao próprio Henrique Dias'], obtendo na guerra dos Tapuias a defecção dos Sucurus, vem aldeá-los no Araçagi" (*Apanhados históricos da Paraíba*, p. 41 e 42). Ademais, através de requerimento de seu Capitão-mor Sebastião da Silva, em 1718 os Xukuru outrora aldeados na região de Araçagi/PB aí requereram e obtiveram uma sesmaria sob o argumento de que seus antepassados haviam vindo de Sumé/PB para este lugar para "defender e reparar os assaltos que davam os Tapuias bárbaros levantados" (Cfr. João de Lyra Tavares, A*pontamentos...*, p. 107, Irineu Joffily, *Sinopse das sesmarias da Capitania da Paraíba*, p. 74 – que também refere-se a terras pertencentes aos Xukuru nesta região de Araçagi em 1716 ("entre Araçagi e Curimataú", p. 77), na Serra da Cupaoba (região do atual Município de Mamanguape/PB, p. 78) e em 1721 em área que "pela parte do nascente confronta com as terras que foram da *missão dos sucurús*" (p. 86)). Sobre esta sesmaria Irineu Joffily assinala ainda que "se os índios Sucurús não fossem uma tribo numerosa e valente não seriam chamados da distância de 50 léguas para defender a nascente

conjuntamente com indígenas Canindé, como vimos igualmente da etnia Otschucayana – ou Tarairiú[855]) e o Aldeamento do Ororubá, criado pelo oratoriano João Duarte do Sacramento, fundador da referida Congregação de São Felipe Néri em terras doadas pelo governador e sesmeiro João Fernandes Vieira na serra homônima (sendo a Missão também denominada Monte Alegre pelos Oratorianos) em termos atuais localizada nos Municípios de Pesqueira/PE e Poção/PE.

A respeito do Aldeamento do Ororubá o historiador Edson Silva assinala:

> Para manutenção da missão religiosa os Oratorianos implantaram currais de gado nas terras indígenas, explorando a mão-de-obra nativa. Em perfeita sintonia econômica com os sesmeiros invasores, os religiosos ampliaram suas propriedades, a exemplo dos Sítios Sapoti e Couro d'Anta, recebidos por doação de João Fernandes Vieira. Os missionários se dedicavam ao comércio de gado, tornando produtivas as terras sob o domínio da Congregação, permitindo com isso a compra de mais terras, até então ocupadas por sesmeiros, nas localidades próximas a missão (MEDEIROS, 1993, p. 63-64).[856]

Devido à circunstância de ter sido instalado em cobiçadas terras férteis consideradas "brejo de altitude"[857], o Aldeamento do Ororubá prosperou e em 1692 foi elevado a paróquia pelo bispo D. Matias de Figueiredo e Melo, que ordenou a construção da Igreja de Nossa Senhora das Montanhas, a primeira matriz no Agreste de Pernambuco.

Adiante, em consonância com a legislação pombalina que determinou que "todas

---

colônia portuguesa da Paraíba" (Irineu Joffily, *Notas de viagem da Vila de São João do Cariry à do Monteiro*, p. 233).

855 Cfr. *Informação Geral da Capitania de Pernambuco*, 1749, p. 421, *Documentos históricos da Biblioteca Nacional*, vol. 10, apud Olavo de Medeiros Filho, *Índios do Açu e Seridó*, p. 78, e Beatriz G. Dantas, José Augusto L. Sampaio e Maria Rosário G. de Carvalho, *Os povos indígenas no Nordeste brasileiro*, p. 445-446.

856 Edson Silva, *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988*, p. 133.

857 "Brejos de altitude são ilhas de floresta úmida em plena região semiárida cercadas por vegetação de caatinga, tendo uma condição climática bastante atípica com relação à umidade, temperatura e vegetação e com pouco conhecimento sobre sua vegetação e ecologia" (Paulo Kageyama, *Prefácio*, em *Brejos de Altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação*, p. 7). Sobre a Vila de Cimbres, em seu *Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco* (1908) Sebastião de Vasconcellos Galvão assinala a abundância da pecuária (criação de gado, cavalos, ovelhas e cabras), a presença de diversos animais silvestres (como veados, caititus, onças, raposas, gatos maracajás, tatus, tamanduás, coelhos, mocós, preás, guarás, furões, maritacas, tejus e aves de diversas espécies e portes) e, após destacar a produção agrícola (com milho, feijão, mandioca, algodão, fumo, cana-de-açúcar e batata, além de frutas, como ananás (abacaxi), laranja, caju, goiaba, banana e pinha), frisa que, "geralmente fraca no município, a agricultura é futurosa na Serra do Ororubá pela uberdade que oferece" (p. 181).

as vilas e lugares que erigir denominará Vossa Mercê com os nomes das de Portugal que lhes parecer mais conformes"[858], em 1761 o Governo da Capitania de Pernambuco mudou a denominação do aldeamento para Cimbres (que também designa uma povoação no Distrito de Viseu, região do Norte de Portugal) e em 1762 o elevou à condição de vila ("fazendo extrema com a ribeira do Pajeú") nos seguintes termos:

> Aos três dias do mês de abril de mil, setecentos e sessenta e dois anos, sendo nesta povoação dos índios Jucurus, antigamente chamada Aldeia do Ararobá, onde se achava o doutor Manoel de Gouvea Alvares, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Ouvidor Geral da Comarca das Alagoas, Ministro nomeado para os novos estabelecimentos das vilas e lugares deste distrito, comigo escrivão de seu cargo abaixo nomeado, e tendo feito relação do número dos índios moradores na dita povoação e dos que para ela vieram depois de chegar à mesma e do dito Ministro e constar pela dita relação exceder o dito número dos moradores e índios o de cento e noventa, cujo número de moradores ou fogos é muito bastante para da dita povoação se poder criar uma vila em observância das ordens de Sua Majestade [...] onde foi aclamada vila com o novo nome de Cimbres [...]
> [...]
> E para termo desta nova vila de Cimbres fica o distrito abaixo assinado a saber: para a parte do poente, cabeceiras do rio Moxotó e riacho de Cupeti, fazendo extrema com a ribeira do Pajeú, que serão de vinte e cinco léguas ou mais algumas, mas não excede de trinta e por esta parte finda o termo desta nova vila com o do Julgado do Cabrobó.[859]

A partir do final do século XVIII os aldeamentos passaram à administração provincial e, sob o argumento que os índios eram incapazes de se autogovernar, foi criado o instituto do Diretório e a consequente figura do Diretor como espécie de tutor dos indígenas, contexto em que uma portaria do Governador da Província de Pernambuco atribuiu ao Tenente Félix da Costa Monteiro o cargo de Diretor dos indígenas da Vila de Cimbres[860] – havendo, no entanto, "outra autoridade entre os aldeados, o Maioral, também intitulado de Capitão-Mor"[861].

Nessa senda, os indígenas foram paulatinamente excluídos dos espaços sociais através de medidas que atendiam a interesses de latifundiários em ampliar seus domínios em um processo com raízes na concessão de sesmarias a líderes do

---

[858] Cfr. *Livro da Criação da Vila de Cimbres (1762-1867)*, p. 81 e 256, nota V.
[859] *Livro da Criação da Vila de Cimbres (1762-1867), Termo de declaração ou nomeação de vila e de regulamento da mesma*, p. 116 e 120.
[860] Cfr. *Livro da Criação da Vila de Cimbres (1762-1867)*, p. 162-163.
[861] Vânia Fialho, *As fronteiras do ser Xukuru*, p. 22.

movimento militar que haviam lutado contra o domínio neerlandês em Pernambuco (denominado Insurreição Pernambucana), a exemplo de João Fernandes Vieira, governador de Pernambuco a quem em 1654 foram doadas dez léguas de terras no "sertão do Ararobá"[862], e de Bernardo Vieira de Melo, cujo filho Antônio Vieira de Melo tornou-se "uma das grandes figuras de Ararobá, em sua época, e de seus primeiros colonizadores (1698), ali excruciando e matando, entre outros gentios, xucurus e paratiós"[863].

Como uma vez mais Edson Silva assinala e exemplifica:

> Amparados pela legislação e utilizando regras estabelecidas por eles próprios, os grandes fazendeiros, pouco a pouco, com a ocupação de cargos, foram impondo o controle político hegemônico em Cimbres e adjacências, situação que se consolidou no século XIX. Um exemplo explícito foi o português Antônio dos Santos Coelho da Silva, ocupante do posto de Capitão-mor dos índios do Ararobá. Ele era um grande criador de gado e plantador de algodão, considerado detentor da maior riqueza do interior de Pernambuco, na época. Era dono da Fazenda Jenipapo, considerada a mais próspera da região do "Ararobá", onde trabalhavam cerca de 500 negros escravizados; pode-se supor que lá também havia exploração de mão-de-obra indígena.[864]

Com efeito, embora em 1845 tenha sido revogada a legislação pombalina e reconhecidas as povoações indígenas existentes no Brasil, a consolidação do controle político hegemônico pelos fazendeiros em Cimbres continuou por meio da instituição de uma Diretoria Geral dos Índios ocupada por um fazendeiro político. A partir de 1850, com a promulgação da Lei de Terras (Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850) que determinava o registro cartorário dos imóveis, fazendeiros e autoridades provinciais solicitaram sistematicamente ao Governo Imperial a extinção do aldeamento de Cimbres, ocorrida em 1879 sob a justificativa da difundida opinião sobre o "desaparecimento" dos indígenas, que estavam "confundidos com a massa da população", ocasião em que a Câmara Municipal da Vila de Cimbres e a Câmara Municipal de Pesqueira apropriaram-se das terras dos Xukuru, "tendo a maioria dos seus habitantes passado da condição de pequenos proprietários para a de moradores ou

---

[862] Cfr. José Antônio Gonsalves de Mello, *João Fernandes Vieira*, p. 317.
[863] Luís Wilson, *Ararobá, lendária e eterna*, p. 63.
[864] Edson Silva, *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988*, p. 135.

trabalhadores-alugados nas fazendas ou engenhos"[865].

Ainda nas palavras de Edson Silva,

> Os índios Xukuru do Ororubá nas memórias orais relatam que com as invasões sistemáticas de suas terras e a decretação da extinção do aldeamento de Cimbres, umas poucas famílias migraram para terras de outros aldeamentos, também posteriormente declarados oficialmente extintos. Dezenas de famílias indígenas engrossaram o grande contingente de mão-de-obra que se dispersou por regiões vizinhas. Ora trabalhando nas fazendas em suas próprias terras invadidas, como moradores ou agregados, ora vagando pelas estradas, sem-terras e sem-teto, ocuparam as periferias dos centros urbanos próximos, em cidades como Garanhuns, Pesqueira, Lagoa dos Gatos, Correntes.
> Como a Serra do Ororubá está localizada na fronteira pernambucana com o Sertão paraibano, muitos indígenas também migraram para o Sertão daquele estado, onde foram trabalhar nas lavouras de algodão. Outras famílias indígenas fugindo de perseguições, da fome e da seca, foram trabalhar na cana-de-açúcar na Zona da Mata Sul de Pernambuco e Norte de Alagoas, se estabelecendo nas cidades próximas a lavoura canavieira.[866]

Todavia, "observando-se a história e as memórias orais Xukuru, percebe-se que os indígenas não foram e não são passivos no curso da História, mas selecionaram, fizeram e fazem suas leituras, no presente, dos acontecimentos pretéritos"[867], o que evidencia-se na luta pela reconquista de suas terras em um processo intensificado na década de 1920, quando, a partir das mobilizações junto aos indígenas Fulni-ô habitantes em Águas Belas/PE, o Padre Alfredo Dâmaso contribuiu decisivamente para a articulação de uma rede de emergências para o reconhecimento, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI)[868], de vários grupos indígenas em Pernambuco e Alagoas[869].

Adiante, ante a circunstância de que a Lei 488 de 15 de novembro de 1948

---

[865] Edson Silva, *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988*, p. 155.

[866] Edson Silva e Isabela Paes, *Povo Indígena Xukuru do Ororubá: uma história de mobilizações por afirmação de direitos*, p. 403-404.

[867] Edson Silva, *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988*, p. 128.

[868] O Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN) foi criado em 1910 (em 1918, a Localização de Trabalhadores Nacionais passou a constituir um órgão próprio), durante o governo do Presidente Nilo Peçanha, com o objetivo de prestar assistência à população indígena do Brasil. O serviço foi organizado pelo Marechal Rondon, seu primeiro diretor, e realizou várias expedições no território nacional, em que destacaram-se, dentre outros, o referido etnólogo Curt Nimuendajú e os irmãos sertanistas Orlando, Cláudio e Leonardo Villas-Bôas. Em 1967, em pleno período da Ditadura Civil-Militar, após várias denúncias de gravíssimas violências contra os indígenas, o SPI foi extinto e substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

[869] Para uma ampla apresentação e análise da recente política indigenista no Brasil cfr. Shelton H. Davis, *Vítimas do milagre* (Rio de Janeiro: Zahar, 1978).

reconheceu a ampliação do direito a pensões para filhas de ex-combatentes na Guerra do Paraguai, o Xukuru Durval Ferreira Farias localizou possíveis beneficiárias na Serra do Ororubá e em Recife apresentou o pleito às autoridades militares, que todavia não o atenderam, assim como a Inspetoria do SPI, também na capital pernambucana, que igualmente indeferiu seu pedido.

Impulsionados por estas circunstâncias, os Xukuru Romão da Hora e os irmãos Félix Nascimento, Antônio Nascimento e Stênio Nascimento foram (a pé, segundo a narrativa dos Xukuru do Ororubá) ao Rio de Janeiro (então Capital Federal) encontrar-se com o Marechal Cândido Rondon, Diretor do SPI, que, atendendo às reivindicações dos indígenas, em 1954 determinou a instalação de um posto deste órgão na Serra do Ororubá (mais precisamente no sítio São José), "significando a garantia da presença, assistência e possibilidades de proteção governamental frente à situação de permanente conflito e desmandos praticados pelos fazendeiros e pelas oligarquias políticas locais contra os grupos indígenas"[870].

Outro relevante momento histórico neste processo consistiu em que, entre as décadas de 1950 e 1960, sob a liderança de Francisco Julião e Gregório Bezerra e apoiados pelo Governador Miguel Arraes, indígenas Xukuru participaram ativamente da organização e das mobilizações da Liga Camponesa (organização constituída em 1945 pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) em defesa da reforma agrária e da melhoria das condições de vida dos trabalhadores rurais no Brasil), inclusive com a ocupação do lugar sagrado Pedra d'Água (ou Pedra do Reino)[871], de onde foram violentamente expulsos em uma ação repressiva da Ditadura Civil-Militar instaurada em 1964.

Adiante, intensificando ainda mais o que o historiador João Pacheco denomina "processo de territorialização"[872], no final de década de 1980, sob a liderança do Cacique Xicão, diversos Xukuru participaram ativamente da Assembléia Nacional Constituinte que resultou na promulgação da Constituição Federal de 1988 e, motivados

---

[870] Edson Silva, *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988*, p. 254.

[871] Edson Silva e Isabela Paes informam que "na Mata da Pedra d'Água existe um cemitério, lugar de peregrinação e devoção dos índios, pois no local estão 'plantados' o Cacique 'Xicão' [assassinado em 1998 por um pistoleiro a mando de fazendeiros] e indígenas, 'guerreiros e guerreiras' do Ororubá, mortos e matados que participaram das mobilizações Xukuru do Ororubá pela conquista dos direitos e especificamente a demarcação territorial. Como afirmam os indígenas: 'foram plantados prá que deles nasçam novos guerreiros'" (*Povo Indígena Xukuru do Ororubá: uma história de mobilizações por afirmação de direitos*, p. 417).

[872] Cfr. João Pacheco de Oliveira, *Uma etnologia dos "índios misturados"?*, p. 24.

pelos direitos legalmente consolidados, iniciaram a retomada de suas terras, que afirmavam garantidas pelo Governo Imperial como recompensa pela participação de seus antepassados na Guerra do Paraguai, quando foram condecorados e receberam "títulos de terra"[873].

Fig. 95 – O Cacique Xicão discursa durante audiência de lideranças indígenas com o Governador Miguel Arraes, no Palácio Campo das Princesas (Recife/PE), em 30/01/1996



Fonte: Edson Silva, *Povo Xukuru Do Ororubá*, p. 13

Fig. 96 – Xukuru no corredor do Congresso Nacional em Brasília/DF, no período da Assembleia Nacional Constituinte (1987). Da esquerda para direita, o 2º é "Xicão" e o seguinte o Cacique Zé Pereira



Fonte: Arquivo Pessoal de Zé Pereira Xukuru do Ororubá
Disponível em: Edson Silva, *Povo Xukuru Do Ororubá*, p. 12

[873] Cfr. entrevista de Pedro Rodrigues Bispo, o Pajé Xukuru do Ororubá, conhecido como "Seu" Zequinha (Edson Silva, *Xukuru : memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988*, p. 126-127). O grupo de indígenas Xukuru forçados a alistar-se (cfr. Ofício do Diretor Geral dos Índios de 21 de janeiro de 1866 – APE, Cód. DII-19, fl. 96) ficou conhecido como "Trinta Voluntários" (Luís Wilson, *Ararobá, lendária e eterna*, p. 42), embora fosse composto por pelo menos 82 homens (cfr. Vânia Fialho, *As fronteiras do ser Xukuru*, p. 23, citando o documento APEPE – D II, V.10, W68, 69, 70).

Crivado de tensões, este processo iniciou-se em 1989, com a criação de um Grupo de Trabalho, sob a coordenação da antropóloga Vânia Fialho, para "identificar e definir os limites da terra indígena Xukuru"[874], passou pela retomada do referido lugar sagrado Pedra d'Água em 1990 (e, após, da retomada de "cerca de 25 grandes retomadas, aliadas a mais 22 pequenas áreas, totalizando 47 áreas/fazendas retomadas"[875]), alcançou a declaração, em 1992, da posse permanente dos indígenas Xukuru do Ororubá da área "caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena"[876] e por fim culminou, em 2001, com a demarcação do Território Indígena Xukuru do Ororubá e, em 2018, com a condenação da União (Governo Federal do Brasil) pela Corte Interamericana de Direitos Humanos como responsável por violações do direito à garantia judicial, à proteção judicial e à propriedade coletiva previstos na Convenção Americana de Direitos Humanos, pois "entre retomadas e assassinatos, a violência estrutural legitimou a atuação do Estado para a criminalização dos Xukuru"[877].

Fig. 97 – Povo Indígena Xukuru em uma retomada liderada pelo Cacique Xicão (à direita, de camisa vermelha)



Fonte: Os brasis e suas memórias
Disponível em: https://osbrasisesuasmemorias.com.br/xicao-xukuru/

Como dito, o Território Indígena Xukuru do Ororubá, com 27.555 hectares, localiza-se nos municípios pernambucanos de Poção e Pesqueira (neste em sua quase

[874] Portaria Presidencial n.º 218/89.
[875] Kelly Oliveira, Rita Neves e Vânia Fialho, *Conflitos, Violências e o Caso Xukuru na CIDH*, p. 436.
[876] Portaria 259 do Ministério da Justiça, de 28 de maio de 1992.
[877] Manoel Almeida et al, *O caso Xukuru: lacunas e omissões da sentença proferida pela Corte Interamericana de Direitos Humanos*, p. 70.

totalidade), a 215 km da capital Recife, e é configurado pelos indígenas em três regiões geográficas: a Serra, local com mais abundância de água que compreende o brejo de altitude propriamente dito, o Agreste, região mais seca em torno da atual Vila de Cimbres, e a Ribeira, cortada pelo intermitente Rio Ipojuca.

No Território Indígena Xukuru do Ororubá vive a maior população indígena do Estado de Pernambuco, com 12.139 pessoas[878] habitando 24 aldeias, dentre as quais a Aldeia Vila de Cimbres, retomada como espaço sagrado dedicado às memórias e aos encontros religiosos (como o Caô (São João no calendário católico-romano), festejado no dia 23 de junho, e Mãe Tamain (chamada Nossa Senhora das Montanhas pelos não-indígenas), festejado no dia 2 de julho) eventos comemorados com o Toré, dança religiosa considerada sinal diacrítico (ou seja, distintivo de um grupo indígena em relação às populações vizinhas não-indígenas) como parte da etnogênese, "reelaboração da identidade étnica [...] que pode ser tomado como base para distinguir os povos e as culturas indígenas do Nordeste daqueles da Amazônia"[879] e que ocorre a partir da rememoração e reutilização dos costumes e práticas dos antepassados como objeto do Projeto de Vida Xukuru do Ororubá, denominado Limolaygo Toype com o significado de Terra dos Ancestrais, como assinala Iran Xukuru:

> Esse termo surgiu em 2008 para falar sobre da ligação com os ancestrais desta terra, os velhos e a terra velha, hoje está muito claro que está relacionado não só com o mundo velho que se foi, mas do mundo velho que é hoje através dos reinados, da questão espiritual e do mundo espiritual.
> Então esse mundo velho ou Limolaygo Toype ele não é só a terra velha que ficou 100, 200, 300, 500 ou 1000 anos atrás, a terra dos ancestrais significa a terra dos encantados, os espíritos da cosmologia Xukuru do Ororubá, que de certa forma estão dialogando convivendo com a gente, só que em outro plano.
> Limolaygo Toype foi elaborado para um encontro de agricultura, mas o termo e a concepção filosófica foram tão bem recebidos que foi adotado para ser a chamada da Assembleia Xukuru e foi absorvido por essa compreensão do projeto de vida, modo de vida, a agricultura modo de vida, o projeto de futuro,o Bem Viver Xukuru, a visão de mundo e a cosmologia do povo Xukuru.[880]

---

[878] Cfr. Caroline Leal e Lara Andrade, *Guerreiras: a força da mulher indígena*, p. 8. Ademais, existem várias famílias do Povo Indígena Xukuru que habitam sobretudo o Bairro Xucurus, na cidade de Pesqueira, formado por muitas famílias indígenas expulsas das terras na Serra do Ororubá por fazendeiros invasores.

[879] João Pacheco de Oliveira, *Uma etnologia dos "índios misturados"?*, p. 21.

[880] Iran Xukuru, entrevista a Daniel Guimarães de Souza, *Tecnologias Indígenas de Construção Xukuru do Ororubá*, p. 2. Em vocabulário colhido "na cidade de Pesqueira, do índio Rodrigues de Mendonça,

Por fim, registre-se que anualmente, entre os dias 17 e 20 de maio (este último data do assassinato do Cacique Xicão Xukuru em 1998 por um pistoleiro a mando de fazendeiros[881]) os Xukuru do Ororubá realizam uma assembleia no pavilhão Espaço Mandaru (transmitida ao vivo pelo coletivo de audiovisual Ororubá Filmes (que também produz diversos tipos de conteúdo, com destaque para os documentários) onde, com lideranças indígenas de outros povos e representantes de movimentos populares e da sociedade civil, discutem temas sociopolíticos e planejam ações a ser implementadas até o ano seguinte.

Fig. 98 – 19ª Assembleia Xukuru – Território Indígena Xukuru – Espaço Mandaru (2019)



Foto: Daniel Pereira
Fonte: Marco Zero – 19ª Assembleia Xukuru: a luta contra o desmonte das políticas indigenistas no governo Bolsonaro (reportagem de Raíssa Ebrahim)
Disponível em: https://marcozero.org/19a-assembleia-xukuru-a-luta-contra-o-desmonte-das-politicas-indigenistas-no-governo-bolsonaro/

---

da Serra do Urubá, pelo Sr. Domingos Cruz", o termo "Limolago" significa "lua" (cfr. Tomás Pompeu Sobrinho, *Línguas tapuias desconhecidas do Nordeste*, p.15).

881 Kelly Oliveira, Rita Neves e Vânia Fialho registram: "Este foi o terceiro crime [de homicídio] praticado no bojo do processo de regularização fundiária da Terra Indígena Xukuru. No dia 3 de setembro de 1992, foi assassinado com 4 tiros numa emboscada, o índio José Everaldo Rodrigues Bispo, filho do pajé xukuru Pedro Rodrigues Bispo. Em 14 de maio de 1995, o procurador da FUNAI, Geraldo Rolim Mota Filho [...] foi também assassinado a tiros, na cidade de São Sebastião do Umbuzeiro, Paraíba" (*Conflitos, Violências e o Caso Xukuru na CIDH*, p. 439). Ainda nesta página assinalam: "Em agosto de 2001, dentro do território xukuru foi também assassinado a tiros Chico Quelé, uma liderança tradicional do grupo que acompanhou todo o processo de regularização de suas terras. Em 2003, o cacique Marcos Luidson sofreu uma emboscada e dois jovens indígenas que o acompanhavam são assassinados dentro da Terra Indígena". Indignada, a população da Aldeia Vila de Cimbres baniu famílias vinculadas ao assassino provocando uma cisão no povo Xukuru e o surgimento dos Xukuru de Cimbres, atualmente reconhecidos como um povo indígena habitando na área urbana de Pesqueira e em um território compreendendo parte dos municípios vizinhos pernambucanos de Alagoinha, Venturosa e Pedra. Registre-se, por oportuno, que o atual cacique Marcos Xukuru é filho do Cacique Xicão e de Zenilda Araújo e em 2020 foi eleito Prefeito de Pesqueira mas foi impedido de assumir o cargo por causa de uma condenação por crime contra o patrimônio privado por um incêndio que teria cometido (o que ele nega) contra uma residência em 2003.

Ao término da assembleia, liderados pelo Cacique Marcos Xukuru (filho de Xicão Xukuru) no dia 20 de maio à tarde os Xukuru do Ororubá marcham do Território Indígena até o Bairro Xucurus, na área urbana de Pesqueira, onde realizam um ato público reafirmando as lutas pelos direitos dos povos indígenas no Brasil.

ADENDO 2

POESIA SERTANEJA
ASPECTOS FORMAIS E HISTÓRICOS

A poesia e seu canto
Tecida em várias matrizes
Carregam no seu feitio
Várias cores e matizes
Provém de outras esferas
E nem o passar das eras
Mudou as suas raízes

Edinaldo Leite
São José do Egito/PE
24/08/2022

1 Introdução

Denomino Poesia Sertaneja práticas poéticas criadas por poetas[882] dos sertões do Nordeste brasileiro a partir da apropriação de elementos das poesias íbero-árabe, africana e indígena.

A ideia de apropriação é fundamental para a judiciosa análise da denominada "cultura popular", comumente concebida em termos de carência, ingenuidade e autonomia em relação à denominada "cultura erudita" (do latim *ex-rudis*, aquilo / aquele que deixou de ser rude).

Em relação à ideia de carência o historiador Jacques Le Goff assevera:

> No âmago da designação de uma obra, de um objeto, de uma literatura, de uma arte, de uma religião ou de uma cultura como "popular", há na verdade uma rejeição: o "popular" é sobretudo aquilo que não é (erudito – científico, racional –, nobre etc.). Se existe, em diversos momentos da história, uma predileção pelo "popular", é em

[882] Tendo em vista que o termo "poetisa" possui uma carga de preconceito e machismo e tem sido histórica e socialmente usada de forma pejorativa como diminutivo de "poeta" e inferiorização da literatura produzida pelas mulheres, na senda de estudos recentes (cfr. Adrienne Savazoni, *Por que poeta, e não poetisa?* – Disponível em https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/adrienne-savazoni-por-que-poeta-e-nao-poetisa/) neste escrito uso o termo "poeta" para referir-me indistintamente a qualquer pessoa que compõe poesias.

> reação a um julgamento qualitativo – no caso, de depreciação – emitido contra o "popular" que essas empresas de valorização quase sempre desenvolveram.[883]

No que diz respeito à ideia de ingenuidade da "poesia popular" vale ouvir o historiador Geneviève Bollème:

> A literatura popular é quase sempre, na história literária, qualificada de ingênua. Mas essa ingenuidade é como o signo que lhe é reprovado, ou do que se gostaria de tomar-lhe de empréstimo. Essa apreciação de ingenuidade e a própria ingenuidade cristalizam ao mesmo tempo o desejo e a rejeição de uma inocência e de uma ignorância invejadas porque parecem ser uma garantia de autenticidade.[884]

Por seu turno, no caso em que a "cultura popular" é considerada autônoma em relação à "cultura erudita" de todo modo subjaz a perspectiva reativa de depreciação histórica através do deslocamento daquela para o campo do exótico e do estéril, caracterizando aquilo que Michel de Certeau denomina "beleza do morto":

> A "cultura popular" supõe uma ação não-confessada. Foi preciso que ela fosse censurada para ser estudada. Tornou-se, então, um objeto de interesse porque seu perigo foi eliminado. [...] Uma repressão política está na origem de uma curiosidade científica: a eliminação dos livros julgados subversivos e imorais. [...] Os estudos desde então consagrados a essa literatura tornaram-se possíveis pelo festo que a retira do povo e a reserva aos letrados ou aos amadores. [...] Ao buscar uma literatura ou uma cultura popular, a curiosidade científica não sabe mais que repete suas origens e que procura, assim, não reencontrar o povo.[885]

Anda a respeito dessa última perspectiva a letróloga Cláudia Neiva de Matos sublinha especificamente quanto à "poesia popular":

> O encerramento em sua própria inefável organicidade transforma-a em objeto completo em si mesmo, objeto "natural". Alijada do movimento histórico, confinada numa periferia idealmente imobilizada, expurgada de toda relação dinâmica com a cultura viva, ela se preta docilmente à manipulação reificadora. Reificada, desloca-se discretamente do âmbito da Arte e da Cultura para o da Natureza.
> [...]

---

[883] Jacques Le Goff, *Prefácio*, em Geneviève Bollème, *O povo por escrito*, p. VII.
[884] Geneviève Bollème, *O povo por escrito*, p. 187.
[885] Michel de Certeau, *A beleza do morto*, p. 55-56.

> A entronização da poesia popular na esfera imaculada da palavra volátil pode representar um mecanismo sutil de exclusão: conceituar um objeto de maneira a revesti-lo de uma aura inefável, de uma natureza inapreensível, equivale em certa medida a confiná-lo longe de nossos olhos e de nossas mãos, guardá-lo intacto e frágil na redoma do passado, interditar-lhe toda a possibilidade de conexão com o presente vivo e ativo.[886]

O que ocorre é que, embora fundamentadas, todas essas perspectivas continuam presas à falsa dicotomia popular-erudito, para cuja superação mostra-se eficaz a ideia de apropriação apontada pelo historiador Roger Chartier:

> Como historiador, pode-se acrescentar que o contraste entre estas duas perspectivas – a que enfatiza a autonomia simbólica da cultura popular e a que insiste na sua dependência da cultura dominante – tem servido de base para todos os modelos cronológicos que opõem uma suposta idade de ouro da cultura popular, onde esta aparece como matricial e independente, a épocas onde vigoram censura e coação, quando ela é desqualificada e desmantelada [...]
> O "popular" não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho do historiador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como "populares" em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados. É por isso que esta noção parece central para toda história cultural – com a condição, talvez, de ser reformulada [...]
> É portanto inútil querer identificar a cultura popular a partir da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais. O que importa, de fato, é sua apropriação pelos grupos ou indivíduos [...]
> A apropriação tal como a entendemos visa à elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem.[887]

Com efeito, como Jacques Le Goff registra, com a perspectiva de apropriação "não se trata mais de esterilizar o 'popular' circunscrevendo-o numa zona de desprezo ou de admiração que, seja como for, o paralisa, mas de restituir-lhe o dinamismo, de permitir-lhe juntar-se livremente a um universalismo do pensamento e da cultura"[888], contexto em que torna-se possível utilizar a expressão "poesia popular" também com o

[886] Cláudia Neiva de Matos, *A poesia popular na república das letras*, p. 172 e 194.
[887] Roger Chartier, *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*, p. 180 e 184.
[888] Jacques Le Goff, *Prefácio*, em Geneviève Bollème, *O povo por escrito*, p. X.

propósito de enfatizar o agente humano e a criatividade, como o historiador Peter Burke assevera:

> Os conceitos de sincretismo, de mistura e de hibridismo têm também a desvantagem de parecerem excluir o agente individual. "Mistura" soa mecânico. "Hibridismo" evoca o observador externo que estuda a cultura como se ela fosse a natureza e os produtos de indivíduos e grupos como se fossem espécimes botânicos. Conceitos como "apropriação" e "acomodação" dão maior ênfase ao agente humano e à criatividade, assim como a ideia cada vez mais popular de "tradução cultural", usada para descrever o mecanismo por meio do qual encontros culturais produzem formas novas e híbridas.[889]

Após essas considerações, passemos à análise dos elementos básicos, gêneros e estilos da Poesia Sertaneja.

2. Elementos básicos da Poesia Sertaneja

Alguns elementos básicos da Poesia Sertaneja são a rima, o verso, as espécies de estrofe, a métrica e o ritmo.

2.1 Rima

A rima é um dos elementos que oferecem musicalidade à poesia. Consiste na igualdade entre os sons finais de determinadas palavras (independentemente de sua grafia e classe gramatical), formados a partir da vogal de sua sílaba tônica.

Nos exemplos abaixo destaca-se o som formado a partir da sílaba tônica das palavras:

desejo	não rima com	beijo
encontra	não rima com	afronta
tempero	não rima com	cheiro
mais	não rima com	faz

Por outro lado,

[889] Peter Burke, *Hibridismo cultural*, p. 55.

desejo	rima com	lugarejo	beijo	rima com	queijo
encontra	rima com	contra	afronta	rima com	desconta
tempero	rima com	exagero	cheiro	rima com	maneiro
mais	rima com	demais	faz	rima com	atrás

2.2 Verso

Verso (também denominado linha ou pé[890]) é cada linha de uma composição poética:

Uma saudade infestada	verso 1
Toda vida eu sempre tive	verso 2
Não sei como é que se vive	verso 3
Sem ter saudade de nada	verso 4
Até mesmo um camarada	verso 5
Quando faz uma partida	verso 6
Nos deixa, por despedida	verso 7
Uma saudade plantada	verso 8
Não ter saudade de nada	verso 9
É não ter nada na vida	verso 10

José Filomeno de Vasconcelos

A palavra verso provém do latim *vorsus*, que significa "voltado", "virado", particípio passado arcaico de *vertĕre*, que significa "virar", "voltar" ao início (como nas palavras con*vers*ão, in*vers*ão, re*vers*ão e "ani*vers*ário", que significa aquilo que retorna a cada ano), a significar o movimento de leitura que vai do final de uma linha ao início da linha seguinte – diferentemente do termo "prosa", que provém do latim *prosus* e significa "para a frente (pro), sem voltar".

2.3 Espécies de estrofe

Estrofe é um conjunto de versos, cuja quantidade determina sua denominação: quadra (estrofe de quatro versos), sextilha (estrofe de seis versos), setilha (estrofe de sete versos), oitava (estrofe de oito versos) e décima (estrofe de dez versos).

A obrigatoriedade de existir rima entre os versos varia de acordo com as espécies de estrofe – nos exemplos a seguir, os versos que não precisam rimar (denominados versos brancos) estão representados por letras minúsculas e os versos que devem rimar

[890] Luís da Câmara Cascudo observa que "essa acepção ainda é portuguesa" (*Vaqueiros e cantadores*, p. 22).

estão representados por letras maiúsculas (repetidas no caso dos versos que devem rimar entre si):

a) Quadra

Eis um exemplo de quadra composta pelo Rei D. Dinis (1261–1325), "protetor de poetas, amante da cultura [...] e trovador dos mais insignes e que mais cantigas escreveu"[891]:

Qual magos poss' e o mais encoberto	A
Que eu poss' e sey de *Branchafrol*	b
Que lhi não ouve Flores tal amor	A
Que vos eu ey, e pero são certo	c

D. Dinis[892]

No caso de também rimarem entre si o segundo e o quarto versos, a quadra é denominada Trova – do latim *tropare*, "fazer tropos, compor (um poema, uma melodia), inventar, descobrir"[893], de onde, aliás, provém a denominação "trovador", a designar o poeta que procura (*trouvaient*) palavras e rimas para compor seus poemas[894]:

Ou mais non é nada	A
De ficar per namorado	B
Nunca mulher namorada	A
Poys que m'o meu há errado	B

D. Dinis[895]

b) Sextilha

Na poesia íbero-árabe à época da invasão dos sertões do Nordeste brasileiro a sextilha possuía os esquemas de rimas ABBACC, ABABCC[896] e AAABAB[897], como consta do seguinte exemplo de João Garcia de Guilhade (ca 1239 – ca 1288):

Ai dona fea! foste-vos queixar	A

[891] Massaud Moisés, *A literatura portuguesa através dos textos*, p. 22.
[892] D. Dinis, estrofe transcrita por Teófilo Braga em *História da poesia popular portuguesa (Ciclos épicos)*, p. 41.
[893] Segismundo Spina, *A lírica trovadoresca*, p. 407.
[894] Cfr. Teófilo Braga, *História da poesia popular portuguesa (ciclos épicos)*, p. 68.
[895] D. Dinis, estrofe transcrita por Teófilo Braga em *História da poesia popular portuguesa (Ciclos épicos)*, p. 59.
[896] Cfr. Yara Frateschi, *Poesia medieval*, p. 18.
[897] Cfr. Teófilo Braga, *História da poesia popular portuguesa (Ciclos épicos)*, p. 55-56, e.

Porque vos nunca louv' em meu trobar	A
Mais ora quero fazer um cantar	A
Em que vos loarei toda via	B
E vedes como vos quero loar	A
Dona fea, velha e sandia!	B

João Garcia de Guilhade [898]

c) Setilha

Nos moldes da poesia íbero-árabe, a setilha compõe-se de três conjuntos de rimas:

- rimam entre si o primeiro e o quarto versos
- rimam entre si o segundo, o terceiro e o sétimo versos
- rimam entre si o quinto e o sexto versos

Eis um exemplo extraído da cantiga de escárnio que Pêro Garcia Burgalês compôs em afronta ao trovador Rui Queimado:

Rui Queimado morreu com amor	A
Em seus cantares por Sancta Maria	B
Por ũa dona que gran bem queria	B
E por se meter por mais trobador	A
Porque lh'ela non quis [o] bem fazer	D
Fez-s'el em seus cantares morrer	D
Mas ressurgiu depois ao tercer dia!	B

Pêro Garcia Burgalês

Um elemento vinculado sobretudo à sextilha e à setilha é a deixa, que consiste no último som deixado pelos cantadores no final de suas estrofes, com o qual seu contendor deve rimar o primeiro verso da estrofe seguinte – ou seja, deve "pegar na deixa".

Os objetivos da deixa são dificultar o uso de estrofes decoradas (denominadas "balaios"), imprimir concatenação às estrofes e musicalidade à cantoria.

A "deixa" consiste em apropriação da leixa-prem (ou deixa-e-toma ou deixa-e-prende), usança medieval em que na estrofe seguinte repetia-se integralmente o último verso da estrofe anterior, como no seguinte exemplo extraído de uma cantoria entre José Virgolino de Souza (? – 1939), conhecido como Mergulhão de Souza, e Lourival

[898] João Garcia de Guilhade, estrofe transcrita por Massaud Moisés em *A literatura portuguesa através dos textos*, p. 35.

Guedes Patriota (1915 – 1992), conhecido como Lourival Batista:

Mergulhão – Chamo Dona Antonieta
Nessa cantoria nossa
É fazendeira e formada
Paga aos poetas da roça
Possui quatro qualidades:
Alta, baixa, fina e grossa

Lourival – Alta, baixa, fina e grossa
Ela mesma não combina
Vou fazer-lhe uma pergunta
Se não souber se incrimina
Como a pessoa pode ser
Alta, baixa, grossa e fina?

Mergulhão – Alta, baixa, grossa e fina
Isso é mais do que verdade
Ela é baixa no orgulho
Alta na capacidade
Muito grossa no dinheiro
E fina na qualidade

Os pesquisadores Átila Almeida e José Alves Sobrinho assinalam que a "deixa" foi introduzida na cantoria por Silvino Pirauá Lima (1848 – 1913)[899]. Todavia, em obra monográfica publicada 25 anos depois, José Alves Sobrinho assevera que "com José Galdino da Silva Duda [(1866 – 1931), conhecido como Zé Duda do Zumbi em referência ao bairro onde morava em Recife/PE] surgiu a *deixa* propriamente dita, a que não repete o último pé [verso] da estrofe do parceiro"[900], o que é atestado pela circunstância de que nas pelejas e cordéis de Silvino Pirauá Lima não identifica-se seu uso, que ocorre na *Peleja de José Duda* [José Galdino da Silva Duda] *com Melquíades* (João Melquíades Ferreira da Silva (1869 – 1933), conhecido como O Cantor da Borborema)[901], possivelmente ocorrida no final da década de 1920[902] e da qual transcrevem-se as seguintes estrofes:

[899] Cfr. Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 164.
[900] José Alves Sobrinho, *Cantadores*..., p. 48.
[901] Registre-se que João Melquíades Ferreira da Silva participou das campanhas contra Canudos (1897) e de ocupação do Estado do Acre (1093), após o que, reformado no posto de cabo, voltou para a Paraíba onde passou a viver também de cantorias da venda de seus cordéis (dentre os quais o *Combate de São Pedro com Lutero, pai dos protestantes*, *O Marco de Lampião* e *A Guerra de Canudos*). Figura como primo, padrinho-de-crisma e mestre (da Escola de Cantoria) de Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, personagem principal d*O romance da Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna.
[902] De se notar que a "deixa" não é usa no *Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em* 1915, sobre o qual dissertaremos adiante.

Melquíades – Zé Duda, você me diga
Se está cantando com medo
Porque Melquíades zangado
É um tigre num rochedo
Se entrar em um martelo
Você foge muito cedo

Zé Duda – Eu não gosto de brinquedo
Minha pisada é sisuda
Venho aqui dar-lhe uma surra
Não há padrinho que acuda
No Brasil não tem cantor
Para enfrentar a Zé Duda

Melquíades – Mas você não se ajuda
Com a minha topetada
Eu sou pior do que touro
Cavando numa malhada
Eu faço cantor correr
Pela mata mais fechada

Zé Duda – Boto minha cachorrada
Em ti, se és igual ao touro
Arrasto para o mourão
Mato, sangro, tiro o couro
Não te arrojas, Melquíades
Que eu não guardo desaforo[903]

Fig. 99 – João Melquíades Ferreira da Silva



Fonte: Francisco das Chagas Batista, *Cantadores e poetas populares* (1ª ed.), capa e p. 175

d) Oitava

Variante da "oitava de Ariosto" (devido a seu criador, o italiano Ludovico Ariosto (1474–1533)), a oitava era usada na poesia íbero-árabe do séc. XVI no esquema de rimas ABABABCC, conhecida como "oitava camoniana" porquanto utilizada por Luís Vaz de Camões para a composição de *Os lusíadas*, poema épico composto por 1102 estrofes dessa espécie:

As armas e os Barões assinalados A
Que da Ocidental praia Lusitana B
Por mares nunca de antes navegados A
Passaram ainda além da Taprobana B

[903] João Melquíades Ferreira da Silva e José Galdino da Silva Duda, estrofes transcritas por Francisco das Chagas Batista em *Cantadores e poetas populares* (2ª ed.), p. 174-175. Com efeito, essas estrofes não constam da 1ª edição desta obra (1929), de forma que possivelmente foram incorporadas à 2ª edição (1997) por Sebastião Nunes Batista, filho do autor que a revisou e apôs notas – nas quais, aliás, esclarece alguns termos aqui usados: *malhada*: "terreno sombreado com árvores onde o gado se reúne para abrigar-se do sol" (p. 233, nf 116); *mourão*: "por *moirão*, postes de madeira solidamente fixados no solo, onde se amarram reses destinadas ao corte, ou para tratá-las" (p. 233, nf 117).

Em perigos e guerras esforçados	A
Mais do que prometia a força humana	B
E entre gente remota edificaram	C
Novo Reino, que tanto sublimaram	C

Luís Vaz de Camões[904]

e) **Décima**

"Na Espanha, usadas entre outros por Cervantes, a fórmula das décimas era ABBAECCDDE. Em Portugal era ABBAECCDDE. No Brasil sertanejo é ABBAACCDDC"[905].

Qual será o coração	A
Tão cru e sem piedade	B
Que lhe não cause paixão	A
Uma tão grã crueldade	B
E morte tão sem razão?	A
Triste de mim, inocente	C
Que, por ter muito fervente	C
Lealdade, fé, amor	D
Ao príncipe, meu senhor	D
Me mataram cruamente!	C

Garcia de Resende[906]

2.4 Métrica

A métrica é a medida do comprimento dos versos com o objetivo de padronizá-los – (de forma que o verso com tamanho menor ou maior do que os demais é considerado desmetrificado) para tornar mais agradáveis sua declamação e sua audição.

Para a metrificação de um verso não importam as sílabas gramaticais (ou seja, aquelas obtidas de acordo com as regras gramaticais de divisão silábica), mas as sílabas poéticas (ou seja, aquelas obtidas de acordo a leitura), de forma que o tamanho de um verso pode variar de acordo com a velocidade da leitura, com a possibilidade de elisões (junções entre duas palavras em que a primeira delas termina com uma vogal tônica e a segunda começa com uma vogal átona) e com a possibilidade de sinéreses (junções de vogais no interior de uma palavra).

Outro aspecto da metrificação consiste em que, para estabelecer os possíveis

---

[904] Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*.

[905] Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p. 23. Embora não sejam usuais, há outras duas formas de composição de décimas: ABBACCDEED e ABABCCDEED.

[906] Garcia de Resende, estrofe transcrita por Massaud Moisés em *A literatura portuguesa através dos textos*, p. 61.

tamanhos de um verso, a contagem de suas sílabas poéticas conclui-se em sua última sílaba tônica (ou seja, sua última sílaba mais forte).

É o que se vê no seguinte exemplo, em que o verso da poemúsica *Asa branca*, de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, possui invariavelmente 10 sílabas gramaticais mas pode possuir 9, 8 ou 7 sílabas poéticas de acordo com a declamação (em cada possibilidade negrita-se a última sílaba poética e sublinham-se as elisões):

1 2 3 4 5 6 7 8 9
quan / do / o / lhei / a / te / ra / ar / **den** /do

1 2 3 4 5 6 7 8
quan / <u>do</u> / lhei / a / te / ra / ar / **den** /do

1 2 3 4 5 6 7
quan / <u>do</u> / lhei / a / te / <u>rar</u> / **den** /do

Em relação à métrica ainda é de assinalar que os versos utilizados na poesia íbero-árabe são:

– Versos setissílabos[907]	– Podem ter 7 sílabas poéticas São a espécie de verso mais utilizada, pois aproximam-se da linguagem cotidiana e por isso são corriqueiros em provérbios e músicas
– Versos decassílabos	– Podem ter 10 sílabas poéticas São a segunda espécie de verso mais utilizada

2.5 Ritmo

Na poesia íbero-árabe, o ritmo consiste na forma de distribuição das sílabas tônicas (sílabas fortes) nos versos, que podem ser[908]:

– Nos versos setissílabos as sílabas tônicas podem ocorrer:
  a) Na 2ª e na 7ª sílabas poéticas
  b) Na 3ª e a na 7ª sílabas poéticas
  c) Na 4ª e na 7ª sílabas poéticas

– Nos versos decassílabos as sílabas tônicas podem ocorrer:

[907] Em Teoria Literária são denominados versos de redondilha maior – cfr. Hênio Tavares, *Teoria literária*, p. 192.
[908] Cfr. Hênio Tavares, *Teoria literária*, p. 193.

a) Na 3ª, na 6ª e na 10ª sílabas poéticas
b) Na 4ª, na 8ª e na 10ª sílabas poéticas – quando são denominados versos sáficos, em alusão à poetisa grega Safo de Lesbos
c) Nas 6ª e 10ª sílabas poéticas – quando são denominados versos heroicos
d) Nas 5ª e 10ª sílabas poéticas– quando são denominados versos de martelo ou versos ibéricos de arte maior
e) Nas 4ª, 7ª e 10ª sílabas poéticas– quando são denominados versos provençais

3 Gêneros da Poesia Sertaneja

Uma vez apresentados os elementos básicos da Poesia Sertaneja, cumpre analisar seus gêneros escritos (peleja e cordel) e seus gêneros orais (aboio e cantoria).

Noutra configuração:

Poesia Sertaneja (Poesia dos sertões do Nordeste brasileiro)	Gêneros escritos (poesia de bancada)	Peleja Cordel
	Gêneros orais (poesia cantada)	Aboio Cantoria

3.1. Peleja

A palavra "peleja" por vezes é utilizada como sinônimo de cantoria, pé-de-parede e desafio, mas esses elementos diferenciam-se:

a) Cantoria é uma apresentação de cantadores (geralmente uma dupla), uma espécie de diálogo improvisado ao som de violas
b) Pé-de-parede é a cantoria realizada em ambientes reservados (como casas de família, bares ou bodegas), em que os cantadores apresentam-se sentados em cadeiras posicionadas rentes (ou seja, "no pé") à parede principal
c) Desafio é uma disputa poética travada durante a cantoria
d) Peleja é um poema que um poeta (geralmente o primeiro que consta do titulo) escreve para reproduzir uma cantoria (muitas vezes fictícia) entre ele e outro cantador ou entre dois outros cantadores

Algumas pelejas célebres são a *Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, escrita por Firmino Teixeira do Amaral, a *Peleja de Severino Pinto com Severino Milanês*, escrita por este último, e a *Peleja de Manoel Xudu Sobrinho e Zezé Lulu*, escrita pelo primeiro.

3.2. Cordel

O cordel é um poema narrativo[909] geralmente impresso em folhetos (com 12 ou 16 páginas de 10,5cm x 15,5cm, ou seja, com tamanho correspondente a ¼ de uma folha A4).

Ou seja: o cordel é um gênero literário com características próprias (como o conto, a crônica, a novela, o romance...), uma vez que a prática portuguesa de publicar folhetos e dependurá-los em barbantes consistia apenas em uma forma mais fácil e barata de propagar obras de teatro, romances e novelas e, portanto, não relacionava-se apenas à poesia.

Como gênero literário da Poesia Sertaneja, o cordel foi criado em meados do séc. XIX em Teixeira através dos seguintes poetas e obras:

- ✓ **Nicandro Nunes da Costa** (1829 – 1918)
  Autor do cordel *ABC do Nicandro*[910], que possivelmente compôs em 1851, como infere-se da seguinte estrofe:

  > Não consintas que eu viva
  > Em estado semelhante
  > Já conto vinte e dois anos
  > Já passei de ser infante
  > Tão moço em tanta aflição
  > Que dirá daqui por diante?!

- ✓ **Hugolino Nunes da Costa** (1832 – 1895)
  Autor dos cordéis *Canção dos Guabirabas*[911] e de um ABC[912]

- ✓ **Romano do Teixeira** (1840 – 1891)
  Autor do cordel *O inverno no sertão*[913]

- ✓ **Silvino Pirauá Lima** (1848 – 1913)
  Autor de diversos cordéis, dentre os quais *Descrição do Amazonas* e *A*

[909] O cordel é denominado por Joseph M. Luyten "poesia popular narrativa" (*O que é iteratura popular*, p. 10) e por Sebastião Nunes Batista "história rimada" (*Restituição da autoria de folhetos do catálogo*, p. 372).
[910] Publicado por Gustavo Barroso em *Ao som da viola*, p. 448-449.
[911] Publicado por Pedro Baptista em *Cangaceiros do Nordeste*, p. 91-97 (em que assinala que "o próprio Liberato ouviu Hugolino celebrar o seu feito na morte de Cirino Guabiraba, descrevendo o triste drama do Teixeira"), e por Gustavo Barroso em *Ao som da viola*, p. 343-350 (com o acréscimo de 3 estrofes finais em relação à publicação de Pedro Baptista).
[912] Publicado por Luís Câmara Cascudo em *Vaqueiros e cantadores*, p. 86-87.
[913] Publicado por Rodrigues de Carvalho em *Cancioneiro do Norte*, p. 261-266.

peleja da alma

- ✓ **Leandro Gomes de Barros** (1860 – 1918)
  Autor dos cordéis *O boi misterioso*, *O gênio das mulheres*, *Vida e testamento de Cancão de Fogo*, *O dinheiro* (também conhecido como *O testamento do cachorro*) e *O cavalo que defecava dinheiro*

- ✓ **Francisco das Chagas Batista** (1882 – 1930)
  Autor dos cordéis *Saudades do sertão* (1902) e da cordelização de várias obras da literatura mundial, como o romance *Quo vadis*, de Henryk Sienkiewicz, a *História da Imperatriz Porcina*, de Balthazar Dias e *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, além de escrever *Traição e vingança: a história de Esmeraldina*, baseada em uma novela do *Decameron*, de Boccaccio

A partir do empreendedorismo de Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, no séc. XX o cordel espalhou-se por todo o Nordeste sobretudo através dos seguinte poetas:

- ✓ **José Camelo de Melo Resende** (1885 – 1964)
  Autor dos cordéis *As grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por Coco Verde e Melancia*, *História de Joãozinho e Mariquinha*, *O monstro do Rio Negro* e *Pavão misterioso*:

Fig. 100 – José Camelo de Melo Resende



Eu vou contar a história
Dum pavão misterioso
Que levantou voo na Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso

- ✓ **João Ferreira de Lima** (1902 – 1972)
  Foi o primeiro a publicar histórias do personagem João Grilo no Brasil com o cordel *As palhaçadas de João Grilo*, depois ampliado e publicado com o título *Proezas de João Grilo* e aproveitado por Ariano Suassuna em seu *Auto da Compadecida*.

João Grilo foi um cristão
Que nasceu antes do dia
Criou-se sem formosura
Mas tinha sabedoria
E morreu depois da hora
Pelas artes que fazia

✓ **Manuel Camilo dos Santos** (1905 – 1987)
Autor dos cordéis As *palhaçadas de Biu*, *O sabido sem estudo* e *Viagem a São Saruê*:

Fig. 101 – Manoel Camilo dos Santos



Lá tem um rio chamado
O banho da mocidade
Onde um velho de cem anos
Tomando banho à vontade
Quando sai fora parece
Ter vinte anos de idade

✓ **Maria das Neves Batista Pimentel** (João Pessoa/PB, 1913 – 1994)
Sob o pseudônimo Altino Alagoano (composto pelo nome de seu esposo, Altino de Alencar Pimentel, e a referência ao estado em que ele nasceu), em 1938 publicou o primeiro cordel escrito por uma mulher: *O violino do diabo – ou O valor da honestidade* (inspirado no romance *O violino do diabo*, do escritor espanhol Victor Pérez Escrich), impresso na tipografia de seu pai, o cordelista, pesquisador e editor Francisco das Chagas Batista.
Ademais, com o propósito de tornar mais acessíveis textos eruditos para um público semiletrado, Maria das Neves Batista Pimentel cordelizou o romance *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, e escreveu *O amor nunca morre*, inspirado no romance *Manon Lescaut*, do abade Prévost.

Fig. 102 – Maria das Neves Batista Pimentel



✓ **Francisco Pedrosa Galvão (Chico Pedrosa)** (Guarabira/PB, 1936 –)
Autor dos cordéis *O abilolado*, *A briga na procissão*, *O matuto e a galega*, *O vendedor de berimbau*, *O erro da vendedora*, *Guerreiro do Pajeú* e *O filósofo Zé Gogó*:

Fig. 103 – Francisco Pedrosa Galvão (Chico Pedrosa)



Zé Gogó foi um caboclo
Da nossa comunidade
Não tinha estudo nenhum
Mas tinha engenhosidade
Quem ouvia ele faar
Parava pra perguntar
Qual o seu grau de cutura;

Ele dizia: “Ninhum,
Sô um papa-jirimum
Fio de Boa Ventura”

- ✓ **Luzimar Medeiros Braga (Medeiros Braga)** (Nazarezinho/PB, 1941 –)

  Autor dos cordéis *A guerra dos bárbaros*, *A origem da riqueza* e *Um revolucionário de nome Jesus*.

Fig. 104 – Luzimar Medeiros Braga (Medeiros Braga)



Pra mim só é poeta quem escuta
E quem leva no verso a dor do povo
Poeta que não sabe o que é estorvo
Fadado está no mundo para a luta
Ele tem que colher da terra enxuta
Os versos com teor de liberdade
Defender a justiça e a igualdade
Combater com seus raios os tiranos
Pra alcançar, vencendo os desenganos
Um mundo justo para a humanidade

Por fim, vale registrar que em 2018 o cordel foi reconhecido pelo IPHAN como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

Adiante, passemos à análise dos gêneros orais da Poesia Sertaneja: o aboio e a cantoria.

3.3. Aboio

Um elemento representativo das proveniências árabes da Poesia Sertaneja é o aboio, espécie de poesia musicada entoada pelos vaqueiros na lida com o gado que possui aspectos musicais semelhantes ao canto dos muezins, cantores árabes encarregados de anunciar o momento das cinco preces diárias do alto dos minaretes (torres das mesquitas, os templos da religião muçulmana).

Registre-se que os poetas aboiadores Vavá Machado (Brejão/PE) e Marcolino (Garanhuns/PE) formaram a dupla Os bridões de ouro e foram pioneiros na gravação de aboios.

Fig. 105 – Vavá Machado e Marcolino (Os bridões de ouro), *O acordar do sertanejo* (lp – capa)



3.4. Cantoria

A cantoria consiste em um diálogo entre dois poetas improvisadores, apropriação da tenção ibero-árabe a que se refere o historiador Pardo Batista quando assinala que "corriam os sertões cantilenas litorâneas com traços flagrantes do africanismo dos engenhos, como o *Redondo sinhá*, a *Tenção do negro* e outras que tomavam o primeiro lugar nas palmas e nos sambas"[914].

Por seu turno, o pesquisador Sebastião Nunes Batista elaborou o seguinte quadro comparativo – a cujo respeito assinala, porém, que "essas correspondências apontadas não significam, evidentemente, equivalência, mas comprovam, sem dúvida, uma inegável influência"[915]:

Influência trovadoresca na Poética Popular do Nordeste	
Trovadores Gaia ciência (Arte de Fazer Versos)	Cantadores e Poetas Populares Regras da cantoria (Literatura de Cordel; Cantoria)
Trovador	Cantador e Poeta popular
Jogral	Violeiro
Tenção	Cantoria
Palavra	Verso
Palavra perdida	Verso sem rima

[914] Pedro Baptista, *Cangaceiros do Nordeste*, p. 171 e 175-176. Sílvio Romero registra um *Redondo sinhá* em seu livro *Cantos populares do Brasil*, vol. 1, p. 28. Segundo Luis da Câmara Cascudo, o cantador Fabião das Queimadas também cantava o *redondo sinhá* (*Dicionário do folclore brasileiro*, vol. 2, p. 645).

[915] Sebastião Nunes Batista, *Poética popular do Nordeste*, p. 8 e 9.

Cobra	Obra
Leixa-Pren	Deixa
Refrão	Mote ou tema
Barcarola	Beira-Mar ou Galope à beira-mar
Jogos florais	Congresso de cantadores
Cancioneiros	Antologias de cantadores
Pé	Pé
Verso	Verso

Com vemos, Sebastião Nunes Batista equipara a cantoria dos sertões do Nordeste brasileiro à tenção (tensón, tensó e tenso), disputa poética entre dois trovadores que, segundo a pesquisadora Fernanda Scopel Falcão[916], provém do *zéjel* (*gazal* ou *gazel,* conhecido como *hino sonoro* ou *bailada*), espécie de estrofe em linguagem popular criada pelo poeta muçulmano Muqaddam ibn Muàfa Al Qabri (847–912), conhecido como O Cego de Cabra (município espanhol da província de Córdoba, na Andaluzia), a partir da *muaxafa* (*mwwaxaha* ou *muwashah*), estilo expresso em árabe literário (ou erudito) por sua vez desenvolvido pelo poeta Muhammad ibn Abd al-Malik ibn Quzman, conhecido como Ibn Quzman de Córdoba) (1078–1160).

A tenção espalhou-se pela Península Ibérica através dos moçárabes (populações que receberam influência cultural dos mouros) e daí proveio ao Brasil, como o denota a *Tenção do negro* referida por Pardo Batista.

Fig. 105 – Autor desconhecido, *Cristão e muçulmano em tenção de vilhuelas*



[916] Cfr. Fernanda Scopel Falcão, *O trobar*..., p. 60-61.

Por fim, após a análise dos elementos básicos e dos gêneros da Poesia Sertaneja, cumpre dissertar sobre seus estilos.

4 Estilos da Poesia Sertaneja

Na Poesia Sertaneja contabilizei 81 estilos, criados a partir das espécies de estrofe da poesia ibero-árabe (sobretudo da sextilha, da setilha, da oitava e da décima) que diferenciam-se entre si a partir do ritmo (toada ou cadência) e da temática.

Todavia, antes de apresentá-los é oportuno assinalar que as espécies de versos mais utilizados na Poesia Sertaneja são:

– Verso setissílabo[917] – Quando pode ter 7 sílabas poéticas
Seu ritmo é obtido pela acentuação (ocorrência de sílabas tônicas, ou seja, mais fortes) nas seguintes sílabas poéticas: 2ª e 7ª, 3ª e 7ª ou 4ª e 7ª

– Verso decassílabo[918] – Quando pode ter 10 sílabas poéticas
Seu ritmo é obtido pela acentuação nas 3ª, 6ª e 10ª sílabas poéticas

– Verso hendecassílabo[919] – Quando pode ter 11 sílabas poéticas
Seu ritmo é obtido pela acentuação nas 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas poéticas

Em relação aos estilos da Poesia Sertaneja vale trazer a seguinte observação do pesquisador Francisco Coutinho Filho:

> Quase todas as formas vêm evolvendo, adquirindo plasticidade, tomando feição renovadora, apurando o estilo, evoluindo [...] Nossos cantadores ainda cultivam os gêneros poéticos antigos, entretanto quebraram a monotonia das formas primitivas, desenvolvendo-as progressivamente, refundindo-as, triplicando-as em certos casos e quadruplicando-as em outros.[920]

Os estilos da Poesia Sertaneja podem ser dispostos nos seguintes grupos: quadrões, mourões, martelos, galopes e estilos diversos, dos quais, em consonância com

[917] Em Teoria Literária é denominado verso de redondilha maior – cfr. Hênio Tavares, *Teoria literária*, p. 192.
[918] Em Teoria Literária é denominado a) verso sáfico (em alusão à poetisa grega Safo de Lesbos) quando acentuado na 4ª, 8ª e 10ª sílabas poéticas, b) verso heroico quando acentuado nas 6ª e 10ª sílabas poéticas, c) verso de martelo ou verso ibérico de arte maior quando acentuado nas 5ª e 10ª sílabas poéticas) e d) verso provençal quando acentuado nas 4ª, 7ª e 10ª sílabas poéticas – cfr. Hênio Tavares, *Teoria literária*, p. 193.
[919] Em Teoria Literária é denominado verso de arte maior ou verso datílico – cfr. Hênio Tavares, *Teoria literária*, p. 194.
[920] Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 19.

os objetivos do presente texto, apresentarei aqueles sobre os quais há notícia a respeito de sua criação.

4.1 Quadrões

Malgrado a denominação, os quadrões não são compostos no formato de quadra, mas no formato de oitava, sendo os principais[921]:

a) Oitava antiga (ou Quadrão antigo ou Quadrão em oito ou Oitava em quadrão) – criado por Hugolino Nunes da Costa (1832 – 1895)
b) Oito pés em quadrão (ou Oitava ou Obra em oito ou Quadrão de oito pés) – criado na década de 1930 por José Virgulino de Sousa (Mergulhão de Sousa) e Vicente Granjeiro Landim[922]
c) Quadrão-à-beira-mar – criado por Severino Borges da Silva (1919 – ?)
d) Quadrão perguntado – criado pelos irmãos Batista (Lourival, Dimas e Otacílio)[923]
e) Quadrão mineiro – criado pelos "cantadores da geração atual [o texto é de 2003]"[924]

Segundo os pesquisadores Francisco Linhares e Otacílio Batista, "ao longo do tempo, o Quadrão tem sido o gênero a receber o maior número de alterações, não só na sua forma interna mas também na estrutura das estrofes"[925].

4.2 Mourões

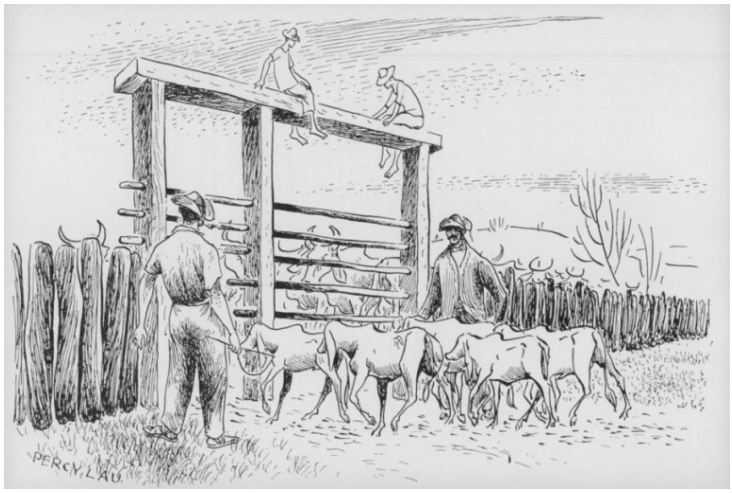
Os mourões (ou moirões) são estrofes em que os cantadores alternam-se na elaboração dos versos.

Como informa o pesquisador Aleixo Leite Filho, a denominação "mourão" deriva da "estaca forte plantada de cada lado da porteira, nas esquinas das cercas ou no meio do curral. Sentido de fortaleza e segurança. Os poetas associam o objeto à ideia

[921] Além dos quadrões elencados a seguir, há as seguintes espécies: Dez pés em quadrão, Oitava corrida, Oitavão rebatido, Quadrão alagoano, Quadrão brasiliano, Quadrão de fôlego cortado (ou Quadrão de meia fala), Quadrão dialogado (ou Dez-a-quadrão), Quadrão mineiro, Quadrão paraibano, Quadrão paulista, Quadrão trocado (ou Vai-e-vem) e Quadrão-à-beira-mar.
[922] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[923] Cfr. Francisco Linhares e Otacílio Batista em *Antologia...*, p. 49.
[924] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[925] Francisco Linhares e Otacílio Batista em *Antologia...*, p. 48-49.

dos seus versos, colocando as proposições em desafio"[926].

Fig. 106 – Percy Lau, *Porteira de moirões*



Fonte: IBGE, *Tipos e aspectos do Brasil*, p. 235

As principais espécies de mourão são[927]:

a) Mourão-que-você-cai (ou Dez pés lá vai) – "o mais moderno"[928], criado por Henrique Ferreira Dias (Henrique Xixó) e Crispim Manoel Limeira e ampliado por José Alves Sobrinho[929]
b) Mourão voltado – criado por Manoel Noé da Silveira no final do século XX[930]
c) Mourão de seis pés – criado por Romano do Teixeira (1840 – 1891)[931]
d) Mourão de sete pés (ou Mourão de sete linhas ou Mourão de sete versos ou Mourão dialogado) – criado por Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador[932], "é o mais usado atualmente [em 1978]"[933]

Francisco Coutinho Filho assinala que, "originariamente, e até um pouco além da metade do século [XIX], época de Francisco Romano [do Teixeira], Inácio da

[926] Aleixo Leite Filho, *Cartilha do cantador*, p. 27. No mesmo sentido, Sebastião Nunes Batista: "Provavelmente, o nome 'mourão' está relacionado com a ideia de fortalecimento, segurança, contra os embates dos adversários; tal como é ao moirão das porteiras ou o esteio grosso, fincado firme no solo, [em] que se amarram as reses indóceis" (*Poética popular do Nordeste*, p. 45).
[927] Além dos mourões elencados a seguir, há as seguintes espécies: Mourão respondido, Mourão a dez, Mourão beira-mar (ou Beira-mar mourão), Mourão trocado, Mourão quebrado (ou Mourão de pé quebrado) e Mourão de cinco pés.
[928] Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 31.
[929] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[930] Cfr. Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia...*, p. 36 – como já se assinalou, este livro é de 1978.
[931] Cfr. Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 29.
[932] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[933] Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia...*, p. 34.

Catingueira e seus contemporâneos, o *moirão* era composto e cantado em forma de sextilha"[934], como no seguinte exemplo:

Inácio – Seu Romano, estão dizendo
Que nós não cantamos bem
Romano – Pra cantar igual a nós
Aqui não vejo ninguém
Inácio – E o diabo que disse isto
É o pior que aqui tem[935]

Posteriormente, essa forma foi substituída pelo Mourão de 5 versos, como no seguinte exemplo com os poetas Francisco Pequeno e Romano Elias da Paz:

Francisco – No moirão não deixo só
Romano – O meu eu lavro de enxó
Francisco – Colega, estou pesaroso
No recinto primoroso
Sei que fico a cantar só[936]

Todavia, também esta modificação caiu em desuso e foi substituída pelo atual Mourão de 7 versos, como no seguinte exemplo cantado por Ivanildo Vilanova e João Paraibano:

Ivanildo – **S**ua voz é baixa e rouca
Som de cantador mirim
João – Sua cantoria é pouca
Que só chuva em ano ruim
Ivanildo – Se o mal é inveja, morra
Por mais que cantador corra
Só chega depois de mim[937]

4.3 Martelos

Alguns pesquisadores sustentam que a denominação desse estilo provém do nome do professor e poeta italiano Pedro Jaime Martelo (1665-1727), todavia considero equivocada essa proveniência e defendo que o nome "martelo" provém única, objetiva e

[934] Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 32.
[935] Francisco Coutinho Filho, *Violas e repentes*, p. 32.
[936] Francisco Pequeno e Romano Elias da Paz, versos transcritos por Francisco Coutinho Filho em *Violas e repentes*, p. 29.
[937] Ivanildo Vilanova e João Paraibano, estrofes transcritas por Lindoaldo Campos em *ABC da poesia* (no prelo).

precisamente do instrumento usado sobretudo para bater pregos, uma vez que na Poesia Sertaneja são compostos no formato de sextilhas ou décimas (em sua maior parte) e usados pelos cantadores sobretudo para "martelar" seus adversários na parte mais violenta dos desafios.

As principais espécies de martelo são[938]:

a) Martelo agalopado (ou Martelo a gabinete ou Martelo-de-seis-pés) – criado por Romano do Teixeira (1835 – 1891) e Silvino Pirauá Lima (1848 – 1913)[939]
b) Martelo alagoano – criado por Manoel Ferreira de Lima (Manoel Xelé), que "modificou a toada do martelo agaloado e impôs a obrigação de o décimo verso ser o refrão 'Nos dez pés de martelo alagoano'"[940]
c) Martelo miudinho (ou Martelo curto ou Miudinho apressado ou Parcela ou Carretilha) – criado por Manoel Floriano Ferreira (Manoel Neném)

4.4 Galopes

Os galopes são compostos no formato de décima, sendo os principais[941]:

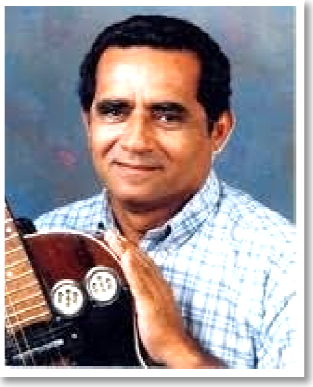
a) Galope alagoano (ou Galope miudinho) – criado por Enoque Pequeno e reformado por José Alves Sobrinho[942]
b) Galope por dentro do mato – criado por Simplício Pereira da Silva (Barreiras/CE)
c) Galope-à-beira-mar soletrado – criado por Ivanildo Vilanova (1945 –), possui versos de três ou quatro sílabas poéticas que tornam-se onze sílabas poéticas quando cantados de forma soletrada, ou seja, com a divisão e o ajuntamento fonético das letras para formar sílabas
d) Galope-à-beira-mar – criado "por volta de 1930"[943] pelo vaqueiro e cantador José Pretinho do Crato (Morada Nova/CE, ? – Lavras da Mangabeira, ?) e aperfeiçoado por João Siqueira de Amorim e José Virgulino de Sousa (Mergulhão de Sousa)[944]

---

[938] Além dos martelos elencados a seguir, há as seguintes espécies: Martelo de dez pés e Martelo solto.
[939] Cfr. Francisco Linhares e Otacílio Batista, *Antologia...*, p. 39 e 40, e José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[940] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 19.
[941] Além dos galopes elencados a seguir, há as seguintes espécies: Galope-à-beira-mar de pé quebrado e Galope gabinete (ou Martelo cruzado).
[942] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[943] Átila Almeida e José Alves Sobrinho, *Dicionário*..., p. 19.
[944] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48. A respeito, os pesquisadores Francisco Linhares e Otacílio Batista assinalam: "Contam que José Pretinho, após levar uma surra, em martelo, de Manoel Vieira Machado, cantador piauiense, veio a Fortaleza e, na Praia de Iracema, observou o mar, cujo movimento das ondas se parecia com o galope dos cavalos da fazenda do 'coronel' Ambrósio. Criado o estilo, procurou o adversário para a desforra. Deixou-o aniquilado" (*Antologia...*, p. 41).

O galope-à-beira-mar consiste em excelente exemplo da apropriação da décima ibero-árabe, pois enquanto essa é composta de versos que possuem 10 sílabas poéticas (versos decassílabos), aquele é composto por versos que possuem 11 sílabas poéticas (versos hendecassílabos) em que as 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas são obrigatoriamente tônicas, garantindo o ritmo de um galope de cavalo, como no seguinte exemplo:

Fig. 107 – Sebastião da Silva



Sou homem da roça, nasci no sertão
Limpei de enxada, cortei de machado
Montei a cavalo, rebanhei o gado
Fiz cercas de pedra, catei algodão
Desleitei as vacas, debulhei feijão
Abri a cancela pra o gado passar
O tempo obrigou-me a deixar meu lugar
E distante de tudo na grande cidade
Meu peito é doído de tanta saudade
Cantando galope na beira do mar

Dividindo seus versos em sílabas poéticas é possível localizar as sílabas tônicas que ocupam as mesmas posições em todos eles (as elisões estão sublinhadas):

1	**2**	3	4	**5**	6	7	**8**	9	10	**11**	
sou	/ **ho**	/mem	/ da	/ **ro**	/ ça	/ nas	/ **ci**	/ no	/ ser	/ **tão**	
lim	/ **pei**	/ de	/ en	/ **xa**	/ da	/ cor	/ **tei**	/ de	/ ma	/ **cha**	/ do
mon	/ **tei**	/ a	/ ca	/ **va**	/ lo	/ re	/ **ba**	/ nhei	/ o	/ **ga**	/ do
fiz	/ **cer**	/ cas	/ de	/ **pe**	/ dra	/ ca	/ **tei**	/ al	/ go	/ **dão**	
des	/ **lei**	/ tei	/ as	/ **va**	/ cas	/ de	/ **bu**	/ lhei	/ fei	/ **jão**	
a	/ **bri**	/ a	/ can	/ **ce**	/ la	/<u>prao</u>	/ **ga**	/ do	/ pas	/ **sar**	
o	/ **tem**	/ <u>po</u>	/ bri	/ **gou**	/<u>mea</u>	/ dei	/ **xar**	/ meu	/ lu	/ **gar**	
dis	/ **tan**	/ te	/ de	/ **tu**	/ do	/ na	/**gran**	/ de	/ ci	/ **da**	/ de
meu	/ **pei**	/ té	/ do	/ **í**	/ do	/ de	/ **tan**	/ ta	/ sau	/ **da**	/ de
can	/ **tan**	/ do	/ ga	/ **lo**	/ pe	/ na	/ **bei**	/ ře	/ do	/ **mar**	

4.5 Estilos diversos

Além dos estilos apresentados anteriormente, na poesia sertaneja há diversos outros, como os seguintes[945]:

[945] Além dos estilos elencados a seguir, há as seguintes espécies: Coqueiro da Bahia, Desmancha (ou Décima corrida), Dez-de-queixo-caído, Dez pés a quadrão, Dezoito linhas, Estilo Zé Limeira, Estribilhado, Gabinete, Gabinete renovado, Gemedeira de dez linhas, Lei da vaquejada, Ligeira, Louvação (ou Loa), Não há lugar igual aqui, Nas quebradas do sertão, Nó, O boi na cajarana, O que é que me falta fazer mais?, Ovilejo, Pé-de-pau, Pelo-sinal, Pensamento, Pé quebrado de quatro linhas, Pé quebrado de seis linhas, Remo da canoa, Rojão pernambucano, Rojão quente, Treze-por-doze, Trocadilho e Decassílabo – cfr. Lindoaldo Campos, *ABC da Poesia*, passim

a) Brasil de Pai Tomás, Preto Velho e Zé Vicente – criado por José Francisco Borges (1935-?) e José Alves Sobrinho[946]

b) Brasil-de-caboclo, de Mãe Preta e Pai João – criado por José Alves Sobrinho

c) Canção – criado por Eliseu Elias da Silva (Martins/RN, 1924 – 1998)

d) Coqueiro da Bahia – criado pelos "cantadores da geração atual [o texto é de 2003)"[947]

e) Gabinete repetido – criado por Manoel Ferreira de Lima (Manoel Xelé)[948]

f) Gemedeira – criado na década de 1940 por Benjamim José de Almeida (Benjamim Mangabeira)

g) Meia-quadra (ou Meio-quadrão) – criado por Lino Pedra Azul e Joaquim Vitorino Ferreira[949]

h) Mulher rendeira – criado por Cesanildo Araújo Lima (Canindé/CE, 1932 –)[950]

i) Quebra-cabeça – criado por Benjamim José de Almeida (Benjamim Mangabeira)[951]

j) Tabuada – criado por Firmino Teixeira do Amaral

k) Tabuada grande – criado por Joaquim Cardoso de Farias (Mestre Cardoso)

l) Tabuada pequena – criado por Sebastião Cândido dos Santos (Azulão) (1890 – ?)

m) Toada alagoana (ou Nonilha ou Nove palavras por seis, em que o termo "palavras" significa "versos") – criado por Silvino Pirauá Lima[952] e modificado por Enoque Pequeno com a denominação de Toada alagoana[953]

n) Trava-língua – criado por Firmino Teixeira do Amaral[954]

o) Vai-e-vem (ou Quadrão grande) – criado por Benjamim José de Almeida (Benjamim Mangabeira)[955], Joaquim Vitorino Ferreira e Lino Pedra Azul[956]

---

[946] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[947] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[948] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[949] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[950] Cfr. Sebastião Nunes Batista, *Poética popular do Nordeste*, p. 50.
[951] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[952] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[953] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[954] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[955] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.
[956] Cfr. José Alves Sobrinho, *Cantadores...*, p. 48.

Por fim, com o propósito de facilitar a visualização do processo de configuração da poesia nos sertões do Nordeste brasileiro apresento o seguinte quadro cronológico com alguns dos principais fatos, estudos e coletâneas publicadas.

5 QUADRO CRONOBIOBIBLIOGRÁFICO DE POETAS E OBRAS DA POESIA SERTANEJA

Simbologia: * – nascimento † – morte

1795

1797: * Agostinho Nunes da Costa Júnior, O Trovador († 1849)

1800

1814: * Bernardo Nogueira de Carvalho († 1895)
182(?):* Ferino de Gois Jurema († 190(?))
1829: * Nicandro Nunes da Costa († 1918)

1830

1832: * Hugolino Nunes da Costa († 1895)

1840 1840: 13/02 * Inácio da Catingueira († 1881)

* Francisco Romano (Romano do Teixeira) († 1891)

1842: * Germano Alves de Araújo Leitão (Germano da Lagoa) († 1904)

1845 1845: * Manuel Cabeceira († 1914)
1848: * Silvino Pirauá Lima († 1913)
* Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha (Fabião das Queimadas) († 1928)

1849: † Agostinho Nunes da Costa Júnior, O Trovador (* 1797)

1850 1850: * Luís Dantas Quesado
(ca) * Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador († 1915)

1860 1860: 19/11 * Leandro Gomes de Barros († 1918)
1865: 12/12 * Manuel Martins de Oliveira (Neco Martins) († 1940)

1866: * José Galdino da Silva Duda (Zé Duda do Zumbi) († 1931)

1869: 07/09 * João Melquíades Ferreira da Silva (O

1870 Cantor da Borborema) († 1933)

1873: Celso de Magalhães publica *A poesia popular brasileira*

1874: *Josué Romano da Silveira Caluete († 1913)

1874: Peleja de Romano de Mãe D'Água e Inácio da Catingueira, na feira de Patos/PB

1875: * Cesário José de Pontes (Cego Cesário) († 1947)

1876: Couto de Magalhães publica *O selvagem*

1877: * Joaquim Francisco Sant'ana (Joaquim Sem Fim) (†

1917)

1880

1880: 23/06 * João Martins de Athayde († 1959)
* Antônio Batista Guedes († 1918)
* Sinfrônio Pedro Martins (Cego Sinfrônio) († 1946)

1881: † Inácio da Catingueira (* 1840)

1882: 05/05 * Francisco das Chagas Batista († 1930)
* Aderaldo Ferreira de Araújo (Cego Aderaldo) († 1967)
* Manoel Galdino Bandeira († 1954)

1885

1885: 20/04 * José Camelo de Melo Rezende († 1964)

1886: * Zé Limeira (Poeta do Absurdo) († 1954)

1887: 05/04 * Antônio Marinho do Nascimento (Marinho do Pajaú) († 1940)

(ca 1887): Manoel Clementino Leite

1890

1891: 01/03 † Francisco Romano Caluête (Romano do Teixeira) (* 1840)
13/11 * Antônio Pereira de Moraes (O poeta da saudade) († 1982)

1894: 26/12 * Belarmino de França († 1982)
* Manoel Floriano Ferreira (Manoel Neném) († 1978)
* Joaquim Bernardino de Oliveira († 1953)

1895

1895: 21/11 * Severino Lourenço da Silva Pinto (Pinto do Monteiro) († 1990)
† Bernardo Nogueira de Carvalho (* 1814)
† Hugolino Nunes da Costa (* 1832)

1900

1900: 10/04 * José Bernardino de Oliveira (Zé Bernardino) († 1995)

190(?): † Ferino de Gois Jurema (* 182(?)

1901: * Vicente Granjeiro Landim († 1984)
† Rita Medeiros (* ?)

1902: * João Ferreira de Lima († 1972)

1903: 25/03 * Romano Elias da Paz
* Amaro Bernardino de Oliveira († 1993)

1904: 29/03 * Severino de Andrade Silva (Zé da Luz) († 1965)
04/05 * Francisco Nunes de Oliveira (Chico Nunes, O Rouxinol da Palmeira) († 1953)
* Josué Alves da Cruz († 1968)
† Germano Alves de Araújo Leitão (Germano da

188(?): Leandro Gomes de Barros passa a viver na Vila de Teixeira/PB

1883: Sílvio Romero publica *Cantos populares do Brasil*

1888: Sílvio Romero publica *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*

189(?): Leandro Gomes de Barros dá início à impressão de folhetos com cordel

1902: Francisco Chagas Batista estabelece sua tipografia em Campina Grande/PB

1903: Rodrigues de Carvalho publica *Cancioneiro do Norte*

Lagoa) (* 1842)

1905 1905: 09/06 * Manoel Camilo dos Santos († 1987)

1906: * 18/05: Severino Milanês da Silva († 1967)
* Agostinho Lopes dos Santos († 1972)

1907: 23/06 * Joaquim Vitorino Ferreira († 1959)
* Josué Alves da Cruz

1908: F. A. Pereira da Costa publica *Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*

1909: 05/03 * Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré) († 2002)

1910

1909: Francisco das Chagas Batista instala sua tipografia em Guarabira/PB

1911: 30/03 * José Faustino Vilanova († 1969)
* João Campos Filho († 1998)
* João Isidro Ferreira († 1974)

1912: Pedro Pereira da Silva (Cego Oliveira) († 1997)
12/05 * João Batista de Siqueira (Cancão) († 1982)
21/05 * Joaquim Batista de Sena († 1993)

1913: 12/06 * Domingos Martins da Fonseca († 1958)
02/08 * Maria das Neves Batista Pimentel († 1994)
† Silvino Pirauá Lima (* 1848)
† Josué Romano da Silveira Caluete (* 1874)

1914: † Manuel Cabeceira (* 1845)

1915 1915: 06/01 * Lourival Guedes Patriota (Lourival Batista) (Louro do Pajaú) († 1992)
* Elísio Félix de Souza (Canhotinho) († 1965)
† Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador (* c. 1850)

1916: * José Gomes do Amaral (Zezé Lulu) († 1990)
† Francisca Maria da Conceição (Chica Barrosa) (* ?)

1917: 05/08 * José Lopes Neto (Zé Catôta) († 2009)
† Joaquim Francisco Sant'ana (Joaquim Sem Fim) (* 1877)

1918: 04/03 † Leandro Gomes de Barros (* 1860)
† Nicandro Nunes da Costa (* 1829)
† Antônio Batista Guedes (* 1880)
† Manoel Preto Limão (* ?)

1919: 09/05 * Severino Cordeiro de Souza (Biu de Crisanto) († 2000)

1920 1920: 01/07 * Rogaciano Bezerra Leite († 1969)

* Cícero Bernardo de Souza († 1996)

1921: 25/06 * José Alves Sobrinho († 2011)
18/09 * Pedro Vieira de Amorim († 2011)
* Dimas Guedes Patriota (Dimas Batista) († 1986)

1923: 26/09 * Otacílio Guedes Patriota (Otacílio Batista) († 2003)
* Cícero Lopes de Lima (Cícero Catôta)

1925

1926: * Manoel Luiz dos Santos († 2017)
* José Filomeno de Menezes Júnior († 1951)

1927: 27/07 * José Costa Leite

1928: † Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha (Fabião das Queimadas) (* 1848)

1929: 01/01 * Job Patriota de Lima (O Rei do Lirismo) († 1992)
* Severino Cordeiro de Souza (Biu de Crisanto) († 2000)

1930

1930: 26/01 † Francisco das Chagas Batista (* 1882)
13/10 * Manoel Filomeno de Menezes (Manoel Filó) († 2005)

1931: 04/07 * João Batista Bernardo (João Furiba) († 2019)
† José Galdino da Silva Duda (Zé Duda do Zumbi) (* 1866)

1932: 15/03 * Manoel Lourenço da Silva (Manoel Xudu) († 1980)
* Anita Lopes de Almeida (Anita Catôta)

1933: 10/12 † João Melquíades Ferreira da Silva (O Cantor da Borborema) (* 1869)

1935

1935: 20/12 * José Francisco Borges (J. Borges)

1936: * Francisco Pedrosa Galvão (Chico Pedrosa)

1937: 23/09 * José Soares da Silva (Dila) († 2019)

1938: 01/05 * Pedro Bandeira Pereira de Caldas († 2020)
14/12 * Apolônio Cardoso († 2014)

1939: 25/08 * Clodomiro Paes de Andrade (†2002)
* Luís Campos († 2013)

1940

1940: 08/04 † Manuel Martins de Oliveira (Neco Martins) (* 1865)
06/05 * Diniz Vitorino Ferreira († 2010)
29/09 † Antônio Marinho do Nascimento (Marinho do Pajaú) (* 1887)

1921: Gustavo Barroso publica *Ao som da viola*

1921: Leonardo Mota publica *Cantadores*

1925: Leonardo Mota publica *Violeiros do Norte*

1928: Leonardo Mota publica *Sertão alegre*

1929: Francisco das Chagas Batista publica *Cantadores e poetas populares*

1935: Francisco Coutinho Filho publica *Repentistas e glosadores*

1937: Luís da Câmara Cascudo publica *Vaqueiros e cantadores*

1942: 31/01 * Ciro Fernandes
* Maria da Soledade Leite

1943: 11/04: * José Laurentino († 2016)

1944: 25/03 * Josimar Fernandes de Oliveira (Jô Oliveira)

* Gregório Filomeno de Menezes

1945 1945: 13/02 * Moacir Laurentino
09/06 * Daudeth Bandeira
13/10 * Ivanildo Vila Nova

1946: 29/04 * Geraldo Amâncio
18/10 † Sinfrônio Pedro Martins (Cego Sinfrônio)
* Oliveira Francisco de Melo (Oliveira de Panelas)

1946: 10/04 – Rogaciano Leite realiza um Festival Artístico no Teatro José de Alencar (Fortaleza/CE)

1946: 26/09 – Ariano Suassuna promove uma cantoria coletiva no Teatro Santa Isabel (Recife/PE)

1947: 22/10 *Antônio Ribeiro da Conceição (Bule-Bule)
† Cesário José de Pontes (Cego Cesário) (* 1875)

1947: 31/05 e 1º/06 – Rogaciano Leite realiza o I Congresso de Cantadores do Nordeste, no Teatro José de Alencar (Fortaleza/CE)

1948: * Severino Nunes Feitosa

1948: 05 a 07/10 – Rogaciano Leite realiza o II Congresso de Cantadores do Nordeste, no Teatro Santa Isabel (Recife/PE)

1949: 13/09 * José Rufino da Costa Neto (Dedé Monteiro)
14/11 * Maria Alexandrina (Mocinha da Passira)

1950 1950: 13/09 * Sebastião Dias Filho
* José Galdino dos Santos

1951: * José Cardoso da Silva (Zé Cardoso)
† José Filomeno de Menezes Júnior (* 1926)

1951: Francisco Coutinho Filho publica *Violas e repentes*

1952: Luís da Câmara Cascudo publica *Literatura oral no*

1953: 21/02 † Francisco Nunes de Oliveira (Chico Nunes, O Rouxinol da Palmeira) (*

1904) *Brasil*
07/10 * João Pereira da Luz (João Paraibano) († 2014)
† Joaquim Bernardino de Oliveira (* 1894)
1954: 15/11 † Manoel Galdino Bandeira (* 1882)
† Zé Limeira (Poeta do Absurdo) (* 1886)

1955 1955: 18/07 * Valdir Teles († 2020)
* João Lourenço da Silva
1958: 28/04 † Domingos Martins da Fonseca (* 1913)
1959: 31/01 * Lourinaldo Vitorino
07/08 † João Martins de Athayde (* 1880)
03/10 * Raimundo Caetano
01/12 † Joaquim Vitorino Ferreira (* 1907)
* Antônio Lisboa

1960

1962: 25/06 * Rogério Menezes Sobrinho
25/06 * José Adalberto Ferreira (Zé Adalberto)
* Fernando Antonio Soares dos Santos (Nando Poeta)
1964: 28/10 † José Camelo de Melo Rezende (* 1885)
* José de Moura e Silva (Zé Viola)
* Paulo Varela

1965 1965: 12/02 † Severino de Andrade Silva (Zé da Luz) (* 1904)
† Elísio Félix de Souza (Canhotinho) (* 1915)
1967: 18/02 † Severino Milanês da Silva (* 1906)
24/06 † Aderaldo Ferreira de Araújo (Cego Aderaldo) (* 1882)
18/09 * Arievaldo Viana Lima († 2020)
1968: † Josué Alves da Cruz (* 1904)
1969: 24/04 † José Faustino Vilanova (* 1911)
07/10 † Rogaciano Bezerra Leite (* 1920)
12/11 * Raimundo Nonato Costa

1970 1970: 11/08 * Raimundo Nonato Neto
1971: * Hipólito Moura
1972: 01/09 * Genildo Santana
† Agostinho Lopes dos Santos (* 1906)
† João Ferreira de Lima (* 1902)
* Edmilson Ferreira

1970(?): José Rabelo de Vasconcelos implementa a disciplina Literatura Sertaneja na Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde/PE

1973: Eduardo Campos publica *Cantador, musa e viola*

1974: † João Isidro Ferreira (* 1911)

1974: Raimundo Araújo publica

		Cantador, verso e viola
		1974: I Congresso Nacional de Violeiros de Campina Grande/PB
1975		1975: Felix Aires publica *O Piauí na poesia popular*
	1976: 09/11 * José Paes de Lira (Lirinha)	1976: Francisco Linhares e Otacílio Batista publicam a *Antologia ilustrada dos cantadores*
		1977: Átila Almeida e José Alves Sobrinho publicam o *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*
		1977: Félix Aires publica *O Maranhão na poesia popular*
	1978: † Manoel Floriano Ferreira (Manoel Neném) (* 1884)	
1980	1980: † Manoel Lourenço da Silva (Manoel Xudu) (* 1932) * Luciano Neves Leonel	
	1981: * Raulino Slva	1981: Átila Almeida e José Alves Sobrinho publicam *Romanceiro popular nordestino – marcos e vantagens*
	1982: 20/03 † Belarmino de França (* 1894) 05/07 † João Batista de Siqueira (Cancão) (* 1912) 07/11 † Antônio Pereira de Moraes (O Poeta da Saudade) (* 1891)	1982: Sebastião Nunes Batista publica *Poética popular do Nordeste*
		1982: José Alves Sobrinho publica *Glossário da poesia popular*
	1984: † Vicente Granjeiro Landim (*1901)	1984: Orígenes Lessa publica *A voz dos poetas*
1985	1985: 23/07 * Bráulio Bessa	1985: Aleixo Leite Filho publica a *Cartilha do cantador*
		1985: Luís Wilson

		publica *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão*
		1985: José Lucas de Barros publica *Repentes e desafios*
	1986: † Dimas Guedes Patriota (Dimas Batista) (* 1921)	1986: A Fundação Casa de Rui Barbosa publica *Literatura popular em verso (estudos)*
		1986: Manoel Cavalcanti Proença publica *Literatura popular em verso (antologia)*
	1987: 09/04 † Manoel Camilo dos Santos (* 1905) 06/05 * Vinícius Gregório Gomes * Jonas Alves Rodrigues (Jonas Bezerra) * Antônio Marinho do Nascimento (bisneto do poeta homônimo nascido em 1887 e falecido em 1940)	1987: II Congresso de Cantadores em Recife/PE
		1988: III Congresso de Cantadores em Recife/PE
		1989: Mário Souto Maior e Waldemar Valente publicam a *Antologia da poesia popular de Pernambuco*
1990	1990: 28/10 † Severino Lourenço da Silva Pinto (Pinto do Monteiro) (* 1895 ou 1896) † José Gomes do Amaral (Zezé Lulu) (* 1916)	
	1992: 11/10 † Job Patriota de Lima (O Rei do Lirismo) (* 1929)	
	08/12 † Lourival Guedes Patriota (Lourival Batista) (Louro do Pajaú) (* 1915)	
	1993: 09/03 * Isabelly Moreira 13/10 † Joaquim Batista de Sena (* 2012)	
	† Amaro Bernardino de Oliveira († 1903)	
	1994: 15/10 † Maria das Neves Batista Pimentel (* 1913)	
1995	1995: 17/05 * Lucas Rafael Calado † José Bernardino de Oliveira (Zé Bernardino) (* 1900)	1995: Geraldo Amâncio e Wanderley Pereira publicam *De repente, cantoria*
		1995: Otacílio Batista publica *Os três irmãos cantadores*
	1996: † Cícero Bernardo de Souza (* 1920)	1996: Normando Vasconcelos publica

		Cantiga de viola
		1996: Manoel Rafael Neto publica *Poesia popular do Nordeste*
	1997: † Pedro Pereira da Silva (Cego Oliveira) (* 1912)	1997: Primeira mesa de glosa (Tabira/PE)
	1998: † João Campos Filho († 1911)	
2000	2000: 22/08 † Severino Cordeiro de Souza (Biu de Crisanto) (* 1929)	1999: Manoel Américo Pita publica *Cultura nordestina – poetas repentistas nordestinos*
	2002: 08/07 † Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré) (* 1909)	2001: José Nunes Filho (Zé de Cazuza) publica *Poetas encantadores*
	03/08 * Herculys França	
	14/10 † Clodomiro Paes de Andrade (* 1939)	
	2003: 26/09 † Otacílio Guedes Patriota (Otacílio Batista) (* 1923)	2003: José Alves Sobrinho publica *Cantadores, repentistas e poetas populares*
2005	2005: 21/08 † Manoel Filomeno de Menezes (Manoel Filó) (* 1930)	2004: Geraldo Amâncio e Wanderley Pereira publicam *Gênios da cantoria*
		2006: Marcos França publica *Para rir até chorar... com a cultura popular*
	2009: 22/04 † José Lopes Neto (Zé Catôta) (* 1917)	2008: A Fundação Joaquim Nabuco publica *Poetas do repente*
2010	2010: 05/06 † Diniz Vitorino Ferreira (* 1940)	2010: Promulgada a Lei 12.198, que "reconhece a atividade de repentista como atividade artística"
	2011: 17/09 † José Alves Sobrinho (* 1921)	
	27/10 † Pedro Vieira de Amorim (* 1921)	
	2013: 13/08 † Luís Campos (* 1939)	
	2014: 02/09 † João Pereira da Luz (João Paraibano) (* 1953)	
	22/12 † Apolônio Cardoso (* 1938)	
2015		2015: Implementação da disciplina Poesia Popular no currículo do Ensino Fundamental de São José do Egito/PE
	2016: 15/09 † José Laurentino (* 1943)	
	2017: † Manoel Luiz dos Santos († 1926)	

2019: 31/01 † João Batista Bernardo (João Furiba) (* 1931)
11/12 † José Soares da Silva (Dila) (* 1937)

2018: O cordel é reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil

2020

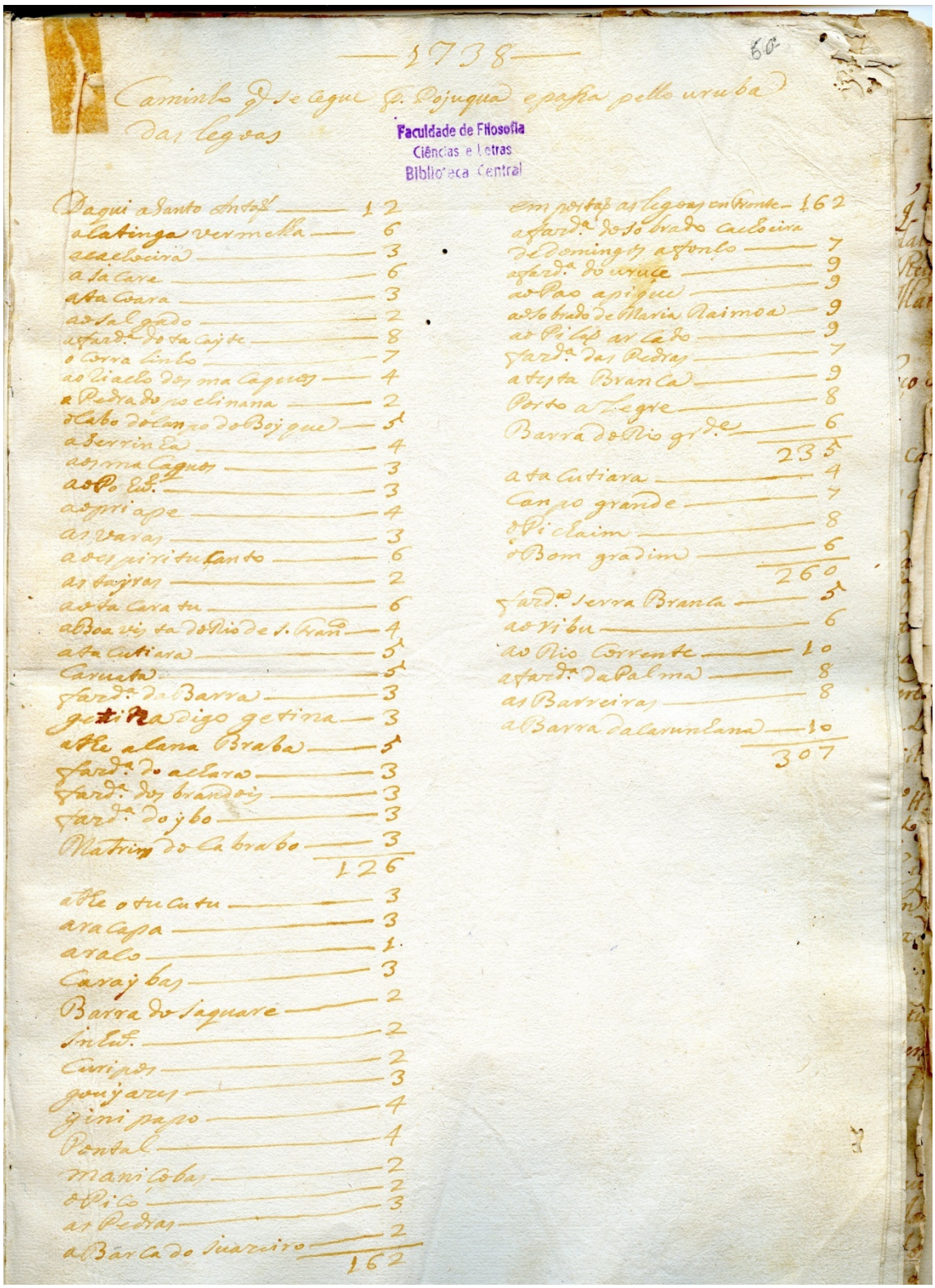
2020: 22/03 † Valdir Teles (* 1955)
30/05 † Arievaldo Viana Lima (* 1967)
24/08 † Pedro Bandeira Pereira de Caldas (* 1938)

2021: O repente é reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil

ANEXOS

ANEXO 1

Caminho que se segue por Pojunga e passa pelo Urubá (1738)
(Caminho do Ipojuca)



1738

Caminho q.e se segue p.a Pojuqua e passa pello uruba

Das legoas

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

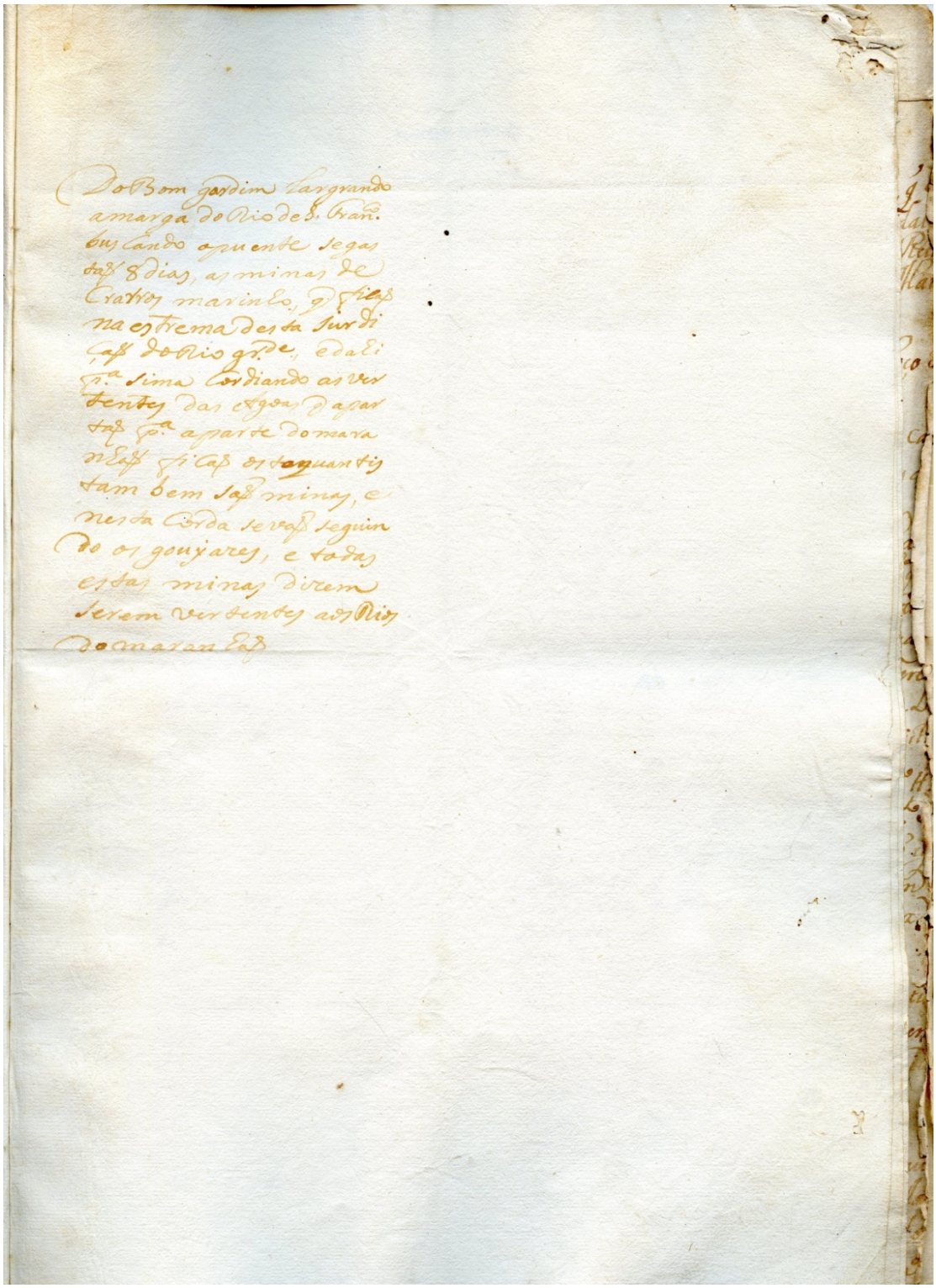
Daqui a Santo Antonio — 12
a latinga vermella — 6
a caeleira — 3
a ta Cara — 6
a ta Coara — 3
a Salgado — 2
a fazenda de ta Cajte — 8
o Corra Linho — 7
ao Riacho dos macaquos — 4
a Pedra do Melinana — 2
o Cabo do Canno do Boj que — 5½
a Serrinha — 4
aos macaquos — 3
ao Pe Eut.o — 3
ao pirapipe — 4
as Varas — 3
a dos Spiritu Santo — 6
as Sajras — 2
ao ta Cara tu — 6
a Boa vista do Rio de S. Fran.co — 4
a ta Cutiara — 5½
Caruaru — 5½
fazenda da Barra — 3
gatinha digo getinha — 3
a the alana Braba — 5½
fazenda do acharo — 3
fazenda dos brandois — 3
fazenda do Joibo — 3
Matriz do Cabrabo — 3
126

a the o tu Cutu — 3
a ra Capa — 3
a ralo — 1
Caraj bas — 3
Barra do Jaguare — 2
S.n Eut.o — 2
Curipos — 2
gonjares — 3
Jinipapo — 4
Pontal — 4
manicoba — 2
o Rio — 2
as Pedras — 3
a Barca do Suareiro — 2
162

Em portas as legoas contente — 162
a fazenda do sobrado Caeleira
de Domingos Afonso — 7
a fazenda do Cruce — 9
ao Pao apique — 9
ao sobrado de Maria Raimoa — 9
ao Pilar arriado — 9
fazenda das Pedras — 7
a tapita Branca — 9
Porto a Legre — 8
Barra do Rio grande — 6
235

a ta Cutiara — 4
Campo grande — 7
o Piraim — 8
o Bom gradim — 6
260

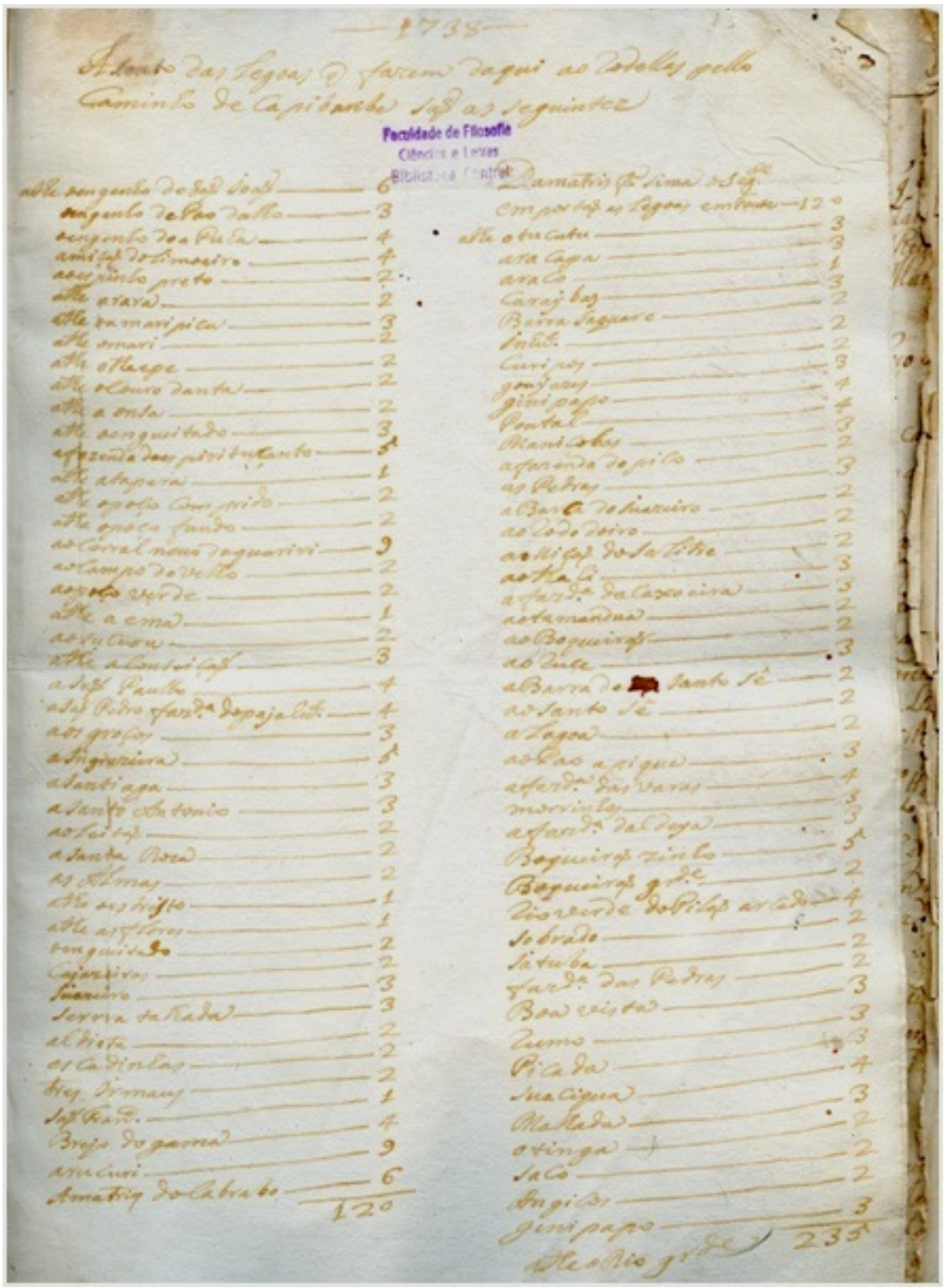
fazenda Serra Branca — 5½
ao Vibu — 6
ao Rio Corrente — 10
a fazenda da Palma — 8
as Barreiras — 8
a Barra da Laranjeira — 10
307

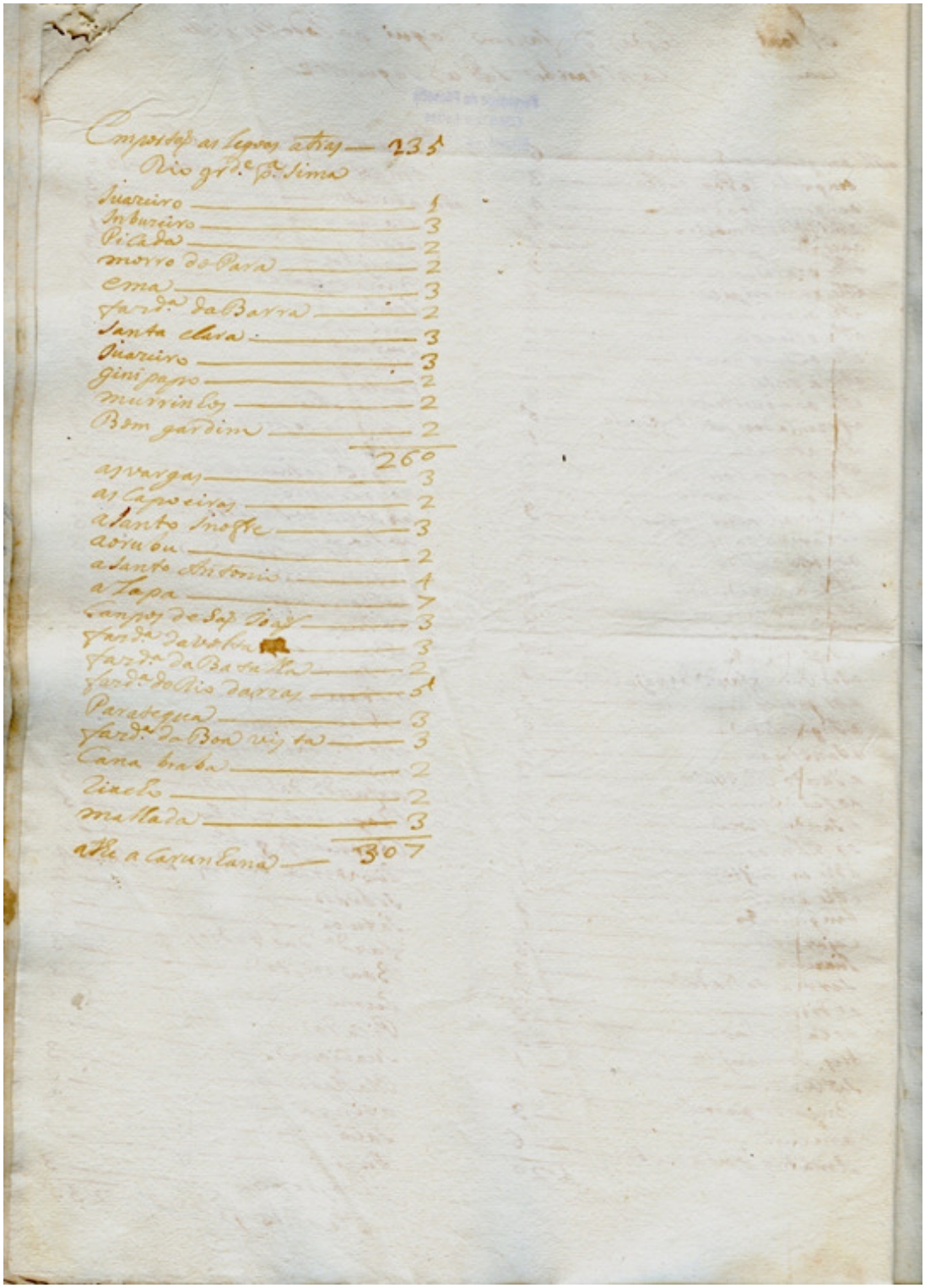


Fonte: Coleção Alberto Lamego (Faculdade de Filosofia da USP)
Código de Ref.: AL-072-060
Unidade de Armazenamento: Caixa 64 – Códices 071, 072 e 073 (Sala 1)

ANEXO 2

Assento das léguas que fazem daqui ao Rodelas pelo Caminho de Capibaribe (1738)
(Caminho do Capibaribe)


Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central


Compostas as legoas atras — 135
Rio gr.de Sp.to Lima
Juaruiro — 1
Inburuiro — 3
Pitada — 2
morro de Para — 2
Cima — 3
Far.da da Barra — 2
Santa clara — 3
Juaruiro — 3
Gini papo — 2
Murrinhy — 2
Bom jardim — 2
260
as vargas — 3
as Capoeiras — 2
a Santo Inofre — 3
a Piru ou — 2
a Santo Antonio — 1
a Tapa — 7
Campos de Sap.to — 3
Far.da da volta — 3
Far.da da Batalha — 2
Far.da do Rio Jacuy — 5
Parateguia — 3
Far.da da Boa vista — 3
Cana brava — 2
Cinco — 2
Mallada — 3
307
athe a Caruru Cana

Fonte: Coleção Alberto Lamego (Faculdade de Filosofia da USP)
Código de Ref.: AL-072-060
Unidade de Armazenamento: Caixa 64 – Códices 071, 072 e 073 (Sala 1)

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

CONSELHO ULTRAMARINO

BRASIL — PERNAMBUCO

1802

JULHO - 10 - Recife

Do Govº Lutrº - S. a estrada do Rº a Cabrobó, para a conducção das boiadas do Sertão do S. Fraº - mapa elaborado pelo Capm. Custódio Morª dos Stos

Nº 64

Caixa 235 Doc. Nº 15875

15875- 1802, julho, 10, Recife

OFÍCIO (1ª via) da Junta Governativa da capitania de Pernambuco ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], visconde de Anadia, [João Rodrigues de Sá e Melo Meneses e Souto Maior], sobre o mapa da estrada do Recife a Cabrobó e a necessidade da construção de currais nos sertões da dita capitania, para melhorar as condições da criação de gado e aumentar a oferta de carnes na cidade.

Anexos:4 docs.

AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 235, D. 15875.

Capa da Estrada Real, que vai dos Certoens da Repartição do Sul, desde a Villa do Recife, até o Julgado do Cabrobó no Rio de S. Francisco

Abreviaturas

† Povoação com Igreja filial

† † Povoação com Igreja e Freguezia

Advertencias

F. Fazendas dos Agricultores

L. Lugar da dita fazenda

Nomes	Legoas	Salubridade	Noticia	Estrada	Ribeiras	Commandantes
Recife	″	Ingreste	Villa fertil em Vinho, onde reside o Governador e Capitão General de Pernambuco com hum Regimento de Infantaria, hum Ouvidor, e hum Juiz de Fora	larga	Não precizão	O Governo e Capm Mor da Praça
Engo Moraes	6½	Mata virgem	Sitio de Engenho de assucar nesta matta de Cruz e cabeça na Mata virgem	20 palmos	″	Francisco Antonio Pereira da Silva
Jaboatão	5½	Agreste	Povoação na Matta principal Caminho de Carro: até os Morenos passa hum Rio e a Povoação de S. Antão	30 palmos	″	O Reverendo do Barro do Araripe
S. Antão † †	″	d.o	Povoação de Igreja com Matriz e Juiz Real elegados que vem da Costa para a Povoação de cima: Abastece-se de Lenha e Agoa antes e depois da Povoação	d.a		Antão Luis de Rocha
S. Antão dos Lobos	1	d.o	Sitio de Lavoura e criação, que se povoou à S. Antão, tem muitos vizinhos, passa o Riacho Botuca, e tem cemiterio e Capella	d.a	2 Canoas	d.o
Cabo novo	2	d.o	Povoação, e grande abastança de Peixe, e Sitio de Agoa, nesta Povoação se compoem as Barcas, e Jangadas, que vão para o Recife, e Cabo desta Costa	40 palmos		O R.do Sr. Vigario da Freguezia
Cotunguba	2	Ultimo	Povoação em distancia de 2 Legoas do Rio Sirinhaem, tem agoa de Poço, e Cacimbas, e Lenha	18	2 Canoas	d.o
S. Bento do Rio Formoso † †	6	d.o	Povoação de 30 Casas situada ao Sul do Rio Sirinhaem com Igreja Matriz: Abastecem-se de Lenha, e Agoa	30 palmos		Sargento Mor Silva
S. Antão † †	2	d.o	Povoação situada ao Sul do Rio Sirinhaem, e Norte do Rio Formoso: passam neste Rio Barcas, e Jangadas. Da Povoação acima tem duas Legoas	d.a	″	d.o
Sucuru	2	d.o	Tem hum Povoado de alguns moradores vizinhos juntos aos quaes tem hum pequeno Rio de Agoa, e Lenha, e dista 6 Legoas do Rio Formoso, aonde se principia a Matta virgem	d.a		d.o
Camaçari †	2	d.o	Povoação de Igreja Matriz, e Juiz Real elegados que vem da Costa para a Povoação de cima: Abastece-se de Lenha e Agoa antes e depois da Povoação	d.a		Nossa Senhora dos Prazeres
Sirigado	4	d.o	Povoação de Igreja Matriz, e Juiz Real elegados que vem da Costa para a Povoação de cima: Abastece-se de Lenha e Agoa antes e depois da Povoação	30 palmos		Santo Antonio
Tabocas de Cima	6	Agreste	Povoação de Igreja Matriz, e Juiz Real elegados que vem da Costa para a Povoação de cima: Abastece-se de Lenha e Agoa antes e depois da Povoação	d.o		Nossa Senhora do Porto Formoso
Tabocas de Baixo	1	d.o	Povoação de Igreja Matriz, e Juiz Real elegados que vem da Costa para a Povoação de cima: Abastece-se de Lenha e Agoa antes e depois da Povoação	30 palmos	″	d.o
Freguezia do Pedrozo	5	d.o	Povoação de Igreja Matriz, e Juiz Real elegados que vem da Costa para a Povoação de cima: Abastece-se de Lenha e Agoa antes e depois da Povoação	40 palmos	2 Canoas	d.o

BIBLIOTECA NACIONAL

Documento de grande dimensão
Oversized Document

Belunguy	5	Malha virgem	Esta Serra não he de boa Legoa, e a mayor parte della he secca, e esteril, e só tem algum pasto nos Invernos, e nos Valles, e Campos, que ficão entre humas, e outras Serras, e nestes lugares he a Legoa muy boa, e abundante	4			
Carrahinho	3	Ilimoso	Habita a Malha de Cima, e nos mais lugares desta Serra, e tem algum morador no Belunguy, e nos Campos, que ficão entre humas, e outras Serras, e nestes lugares he a Legoa boa, e abundante	4			Andre de Albuquerque Carvalho
Carrahinho de cima	1	Idem	Não he incluso como na Serra de cima	3 palmos			
Carrapixo	2	Idem	Não hua Legoa deste nome, que seca no Verão, porem boa no Inverno, e pasto de Gado	6 palmos			
Tanque	3	Idem	Esta Serra he abundante de boas Lagoas, e hum Ribeiro de boa Legoa, e agoa, e de que vão	4			
Sacco do Tapuia	2	Idem	Sitio de plantações com sinco moradores com boa Legoa, e pastos	4			
Moreno	16	Idem	Fica logo adiante desta Serra do Sacco Pequeno, e depois corre a Estrada para Serra Secca, e nella Serra de Maxeta para onde mora do Moreno athe a dita Serra Secca, e Lagoas do Tinhoa	4			João Marques de Oliveira
Serra de Sacco Pequeno	3	Agreste	Esta Serra não he muito alta, e nella ha humas poucas de Lagoas de agoa doce, e outras tantas com pouca agoa salobra, e nellas ha varios Carrapixos, e Tanques, e nas Lagoas doces ha varios Cascos, e Tanques, e nas Lagoas salobras ha varios Casc

Portugal	FF	2	d	Esta Sorte [illegible] nestes Logares [illegible]	[illegible]		
Carvalhas	S.	4	d.	Esta Sorte de boa Lavra Lagoa que não seca e cahe nas Ornias do Guindaleiro que alaga muito caro de arvores com o q se regamão os bens de cada hum pela muita quintura	8 pas		d.
Guindaleiro	S.	4	d.	Esta Sorte de boa Lavra Lagoinha e pé Brejo com varias arvores de fruto, e alo de Vejedo de boa Cabeça e Lagoa Agoa e permanente	6 palmos		e Manoel José de Siqueira
Subsil		1	Almoxa	Sem Sitio Lagoinha e tem hum Brejo como asima dito. Lagrima e direita a cima da para o Salgueiro. Brejo Sitio. Marco Riacho do Vario, e Lagoa	d.		d.
Sitio	S.	4	d.	Esta Arvore de Lagoinha Brejo e Ribeira de Agoa permanente como as asima declaradas	d.		d.
Varas	S.	3	d.	Sobre as Fazenda asima e este Logradouro do Sitio verde separa a primeira vez a Rio Mouco, agoa q nace e nasce não dezam de algum poço mas não aguia	3 palmos		d.
Cocheiro	S.	2	d.	Esta Fazenda he unida as Rio Mouco que lhe fica resguardada [illegible] que nace e nasce	d.		d.
Carvalhoto	S.	3	d.	Logradouro das Fazendas de [illegible] Sorte nestes Logradouros ou Campos asima ditos Logradouros como nas Sortes	d.		d.
Ribeiro	S.	2	d.	Esta Fazenda separa humas vezes o Rio Mouco, onde a Agoa he boa e muito fertil. Sitio nesta Fazenda he bom para se cabir no Rio de S. Francisco	d.		d.
Caldeiroens		4	d.	Por hum trilho q fica na esquerda desta Estrada vem ter em distancia de meia legoa a dos Caldeiroens nesta vem ter a Lagoa q tem muitos Sitios nestas Sortes Logradouros q tem sido nimiamente regado de varios Senhorios q nesta Freguezia tem Fazendas, e q tem por costume regar as suas Fazendas nos dias q lhes pertence, e q tem sido [illegible]	6 palmos		Jozé Ignacio de Sá
Largo		4	d.	[illegible]	d.	2 Cannas	d.
Guarda	S.	4	d.	O Sitio asima chamado Porta ou Sorte nas Fazendas do Brejo Ribeira Agoa e Mouco como o Sitio Verde, e Sobral, e Rio pequeno, e Ramos Riacho em [illegible] e Sorte e Lagoa Agoa permanente como a Lagoa	d.		d.
Largo	S.	4	d.	Esta Sorte em q tem bem Ribeira Lagoa de Agoas Salobras e Rio de Agoa Agoa. Esta Largo do Sitio de S. Francisco q tem Embarque e Desembarque de todo o Comercio desta Villa [illegible]	d.		d.
Sitio		1	d.	Esta Fazenda pouco e pouco [illegible]	3 palmos		d.
Sitio	S.	3	d.	[illegible]	d.		d.
Sitio		2	d.	[illegible]	d.		d.
Sitio	S.	3	d.	[illegible]	d.		d.
Sitio	S.	2	d.	[illegible]	d.		d.
Sitio	S.	3	d.	[illegible]	d.		d.
Sitio	S.	3	d.	[illegible]	d.		d.
Sitio	S.	1

Riacho S.	X	S.	O Rio [illegible] Corrente [illegible]			
Cruzada S.	1	S.	Entra esta Enseada pela barra para hum Riacho que entra no Rio de S. Francisco, a qual chamão Riacho dos Caimandundas por dividir com elles Fazendeiros Comandantes	S.	"	Cipriano Gomes Nogueira
Ambrozio S.	1	S.	Não há Coisa notavel	S.	"	S.
Sabiacá S.	2	S.		S.	"	S.
Barra S.	3	S.	Esta Enseada entra o Rio Sujahé no Rio de S. Francisco, em cujo imposto a agoa se acha doce, senão quando entra o Rio Sujahé	S.	"	S.
Jacuruba S.	2	S.	O Principio da Ilha que tem o Rio de S. Francisco	S.	"	Ignacio Gonçalves
Sabinas S.	3	S.	O Sitio há Coisa notavel	S.	"	S.
Pedra S.	3	S.	Esta Enseada há duas legoas de fundo donde vem ancorar as Lagoas agoa Sitio aonde se [illegible]	S.	"	S.
Cavalhada S.	3	S.	Não há Coisa notavel	S.	"	S.
Negro S.	3	S.		S.	"	S.
Saudade S.	2	S.		S.	"	Joaquim Brandão
Brandões S.	1	S.		S.	"	S.
Rio	2	S.	O Porto em que se [illegible] vem Barcas, he o mais aprovitado, e mais fundo lugar que se acha do Rio de S. Francisco aqui isto porque o agoado com facilidade	S.	"	S.
Ingá	1	S.	Entra o Rio Ingá na de S. Francisco vinda da via na Estrada onde vem ancorar o agoado com duas legoas de fundo [illegible]	S.	"	S.
Cabaceiras	1/4	S.	O Principio da Ilha de Villa de Assumpção que vai findar defronte o Sitio [illegible]	S.		S.
Cabaceiras	X	S.	O Terreno é bastante [illegible]			S.

Legoas 142

Observações

Estas informações são dadas ao Illustrissimo Senhor Coronel Francisco de Paula Cidade, Governador das Capitanias de Pernambuco, Piauhy e Minas pelo Capitão Mor Governador da Capitania do Rio de S. Francisco Manoel da Fonseca de Azevedo Coutinho Sousa Machado e Sampaio.

Esta conforme.

Manoel da Fonseca de Azevedo Coutinho Sousa Machado e Sampaio

BIBLIOTECA NACIONAL
ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL
Documento de grande dimensão
Oversized Document

Peleja de:

Pinto do Monteiro

e

Marinho do Pageú

Autor Proprietário:

PINTO DO MONTEIRO

Editor:

CAZUZA NUNES

No dia 15 de abril
na central eu embarquei
as cinco e cinquenta e cinco
as onze e vinte cheguei
em Caruarú a onde
uns dias eu demorei

Porém para diversão
estava a data um tanto perra
num dia de terça eu
embarquei no trem da serra
e saltei no rio branco
com destino a minha terra

Fm Rio Branco eu notei
os habitantes assombrados
o passeio proibido
os becos impiquetados
esperando Lampião
cento e cincoenta soldados

Na quarta feira cedinho
da cama me levantei
paguei a minha despesa
me despedí e marchei
na quinta feira cedinho
em Monteiro eu cheguei

Na cidade pra cantar
trato não me apareceu
no domingo me chamaram
para neste dia eu
ir cantar no Angiquinho
em casa de um primo meu

No outro sabado adiante
um moço um convite fez
para eu na casa dele
ir cantar daquela vêz
disendo vá que espero
a doze do outro mês

As sete horas ciei
as oito afinei o pinho
pedi permissão a todos
segui cantando sòsinho
quando eu ouvi foi dizerem
chegou Antonio Marinho

O dono da casa disse
Pinto eu agora demovo
você demore um instante
pra continuar de novo
vamos para o mercado
que o salão não cabe o povo

La um abusou-se e disse
vocês não cantam porque
estão com mêdo um do outro
cantem que queremos ver
Pinto disse vá Marinho
Marinho disse va você

P Senhor Antonio Marinho
é esta a ocasião
pergunto quero saber
responda se posso ou não
eu atravessar cantando
pelas zonas do sertão

M Pode, seu Pinto, pois não
Tocar, cantar por ai
é filho da mesma terra
nasceu e criou-se ali
porém, precisa cuidado
há muita raposa aqui

P Até hoje não senti
prazer que não me apareça
rapôsa que não se escalda
tigre que não me obedeça
letrado que não me escute
cantor que não endoideça

M Pinto, quem canta comigo
faz exame e se confessa
eu, zangado, não atendo
nem que meu santo me peça
se tiver mais pinto apareça
que êste eu pelo depressa

P A mim o fôgo não queimà
não tosta e nem sapeca
em mim quem botar a mão
cai o couro da munheca
cai as unhas de uma vez
murcham os nervos, o braço seca

M Para meu lar sertanejo
cantor que vem se arrepende
vê as saidas tomadas
pra todo lado que pende
o pinto que eu pegar
nem mesmo Deus o defende

P Marinho, onde eu passo deixo
a estrada bem aberta
cantador sabendo disto
cria mêdo, se aperta
deixa a casa, entra no mato
a meia noite deserta

M Pinto, entende porque
está ali em Monteiro
chega aqui faz insolência
sai em paz, ganha dinheiro
deixa isto para quando
Marinho morrer primeiro

P Cantador que é de fora
cantar comigo não pode
não há teimoso que venha
que em laço não rode
eu dou em cantor de praça
quanto mais meu capa bode

M Eu dou em cantor que vive
no meu clima sertanejo
criado com leite e carne
manteiga coalhada e queijo
quanto mais êste amarelo
que só come carangueijo

P Sou assim, e quem me enfrenta
precisa fazer exame
morre o sangue, foge pulso
fica a alma em um vexame
seca lingua, afunda os olhos
você não tem por quem chame

M Comigo não dar-se assim
sou gordo, robusto e moço
onde eu pegar vem o couro
com a carne nervo e osso
eu nunca peguei num pinto
pra não torar-lhe o pescoço

P Quem canta comigo come
o que não tinha comido
almoça um sapo sem sal
janta um cururu fervido
toma um chá de cipó-pau
e diz que foi bem servido

M Cantor de força e talento
prozar aqui não consinto
quanto mais um pobre pinto
Magro, pelado e goguento
Feio, seboso e nojento
com uma asa quebrada
a outra desmantelada
cego, doido, ossudo e môco
um pinto só acho pouco
venha o resto da ninhada

P Não precisa tanto assim
vir grande médio e miudo
e nem comvem chegar tudo
um pinto só dar-lhe fim
bom, sofrivel, ruim
não precisa aparecer
vejo seu corpo tremer
ouço o coração batendo

o que você está comendo
o diabo é quem quer comer

M Do pinto eu acabo a raça
mato a galinha de gôgo
boto gás e boto fogo
ela se vai na fumaça
o gato murisco passa
frango e frangas carrega
o gavião desaprega
sem saciar seu instinto
matando o que é de pinto
o galo, a raposa pega

P Já que me deste o motivo
preciso avisar a tú
se eu for no Pajeú
não deixo um babeco vivo
eu sou um vulcão ativo
com a sua lava ardente
vou queimando sua gente
a todos dou discaminho
quem pertencer a Marinho
não fica um pra semente

M Quando for leve a ninhada
eu espero no caminho
indo um pinto sòsinho
se arrisca não fazer nada
falta comer na estrada
de fome e sede ele entonta
a cabeça desaponta
e lesa como de fato
pega a vagar pelo mato
a raposa toma conta

P Minha mão é conhecida
por todos bem respeitada
nunca dei uma pancada
que não tirasse uma vida
cria tomor faz ferida
comendo a carne ela vai
e alí o couro cai
murcha pá afunda o vão
pende o braço aleija a mão
seca o pé, a perna cai

M Eu lhe tiro a carne da titela
corto bem cortadinha do meu jeito
o sangue e o fígado eu aproveito
preparo uma certa cabidela
a micula, o pescoço a muela
faço um prato gostoso para mim
um exame que fiz notei enfim
só tem pena canhão, couro e osso
a cabeça não cabe mais caroço
não convem eu matar um pinto assim

P Eu notei em você barbaridade
porém eu não fico admirado
para quem foi nascido e criado
aonde não há civilidade
passa ano, sai ano e a cidade
quando você visitar é na carreira
um bisaco e uma cartucheira
um punhal muito grande, uma pistola
um chapéu que parece um meio de sola
e só pode é usar desta maneira

M Sua vida por lá tôda semana
a vender bôlo cuscus e tapioca
de farinha de milho e de mandioca
cocada, mamão, pinha e banana
varrer casa, limpar mato, cortar cana
faz rolête em certa quantidade
sai pelas ruas da cidade
vendendo em grosso e a retalho
o negocio é rolete sem trabalho
não me diga que tem civilidade

P És tu que não tem educação
e fôste criado como um bicho
calçando alpargata de rabicho
a melhor roupa que viste é azulão
plantando caroço de algodão
maniva, feijão, milho e mais nada
na foice, machado e na enxada
e brincar uma tal cabra cega
aborrecer nos domingos na bodega
provocando quem passa na estrada

M Eu domino o meu sertão inteiro
a Cangalha, Prata, Camalaú
São João, Serra Branca, Sucurú
Arco-Verde, Sertânea, Umbuseiro
Carnaiba, Afogados e Monteiro
Ouro-Velho, Tabira e Sumé
Teixeira, Patos e Santo André
Misericordia, Pombal e Conceição
Taperoá, o antigo Batalhão
São Vicente, Umburana e São José

FONTES

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO (AHU)
Projeto Resgate – Fundos e coleções
http://resgate.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=resgate&pagfis=

BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
https://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/

BIBLIOTECA DIGITAL CURT NIMUENDAJÚ
http://www.etnolinguistica.org/

BIBLIOTECA DIGITAL DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)
http://www.cartografiahistorica.usp.br/

BIBLIOTECA NACIONAL
Informação Geral da Capitania de Pernambuco (1749) – Anais da Biblioteca Nacional, Vol. XXVIII
Documentos históricos (1671-1692) – Vol. X da Série E VIII dos Documentos da Biblioteca Nacional
Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca

BIBLIOTECA PÚBLICA DE PERNAMBUCO (BPE)
Sesmarias – Vol. 1
Sesmarias – Vol. 2

BRASIL
Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio – Diretoria Geral De Estatística. Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado da Paraíba. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1928. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17723.pdf. Acesso em: 28/01/2022.

Ministério da Educação e Cultura. INEP. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Seção de Áudio-visuais. Tipos e aspectos do Brasil. Baseado em *Tipos e aspectos do Brasil*, uma publicação do Conselho Nacional de Geografia ilustrada por Percy Lau. São Paulo: 1960.

Ministério da Justiça. Mapa Estatístico da População da Província de Pernambuco, classificado por comarcas e pertencente ao ano de 1837. Arquivo Nacional – Ministério do Império – Série Interior. IIJ9 252 A.

Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Pernambuco. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1928. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv16382.pdf. Acesso em: 20/03/2022.

CASA DE RUI MARBOSA
Acervo de cordéis

CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
Tipos e aspectos do Brasil. Brasília: MEC, 1960.

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MUNICIPAL (CEHM)
Livro de vínculo do morgado da Casa da Torre – Contendo a relação das fazendas vinculadas, valor pago pelos rendeiros, limites fundiários e logradouros (1778-79). Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 2012. (Col. Documentos Históricos Municipais; 5)
Calendário oficial de datas históricas dos municípios do interior de Pernambuco. Recife: CEHM; FIAM, 1994.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO PAJEÚ – CPDoc-Pajeú
Ação de Demarcação da Data dos Grossos (1928/1932) – Pasta Livros de Igrejas e Cartórios – São José do Egito – Documentação São José do Egito – Notas – Folder 2
Livros de Assento de Nascimento de Monteiro
Processo de Inventário e Partilha de Francisco Inácio da Silveira Caluete (Inventariado)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)
Mapas para Fins de Levantamentos Estatísticos
Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA

IGREJAS
Livro de Tombo da Freguesia de Afogados da Ingazeira
Livro de Tombo da Freguesia de Ingazeira
Livro de Tombo da Freguesia de São José do Egito
Livros eclesiásticos de batismo, casamento e óbito da Freguesia de Santa Luzia/PB
Livros eclesiásticos de batismo, casamento e óbito da Freguesia de São José do Egito/PE
Livros eclesiásticos de batismo, casamento e óbito da Freguesia de Teixeira/PB
Livros eclesiásticos de batismo, casamento e óbito da Freguesia do Cariri de Fora (São João do Cariri/PB)
Livros eclesiásticos de batismo, casamento e óbito da Freguesia do Monteiro/PB

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB) – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) – COLEÇÃO ALBERTO LAMEGO
Assento das léguas que fazem daqui ao Rodelas pelo Caminho de Capibaribe
Caminho que se segue por Pojunga e passa pelo Urubá

INSTITUTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS
Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano – IAHGP
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP

INSTITUTO MOREIRA SALES (IMS)
Iconografia

PORTAIS ELETRÔNICOS
https://archive.slavesocieties.org/?collection=par%C3%B3quia_de_nossa_senhora_dos_milagres
http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital
https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru
http://www.dioceseafogadosdaingazeira.com.br
https://memoriasdapoesiapopular.com.br/
https://michaelis.uol.com.br
http://www.silb.cchla.ufrn.br
https://familysearch.org
https://www.davidrumsey.com/home
https://www.google.com.br/maps
https://www.youtube.com/channel/UCGFCRxtYH6QYHuE4WBLkGJQ
https://www.youtube.com/results?search_query=por+a%C3%AD+pelo+sert%C3%A3o
https://www.youtube.com/results?search_query=balc%C3%A3o+bodega

PLATAFORMA SILB
Sesmarias do Império Luso-Brasileiro

LIVROS DE REGISTROS PAROQUIAIS
Monteiro – Livro de Batizados – Livro nº 8
Patos/PB – Livro de Batizados – Livro nº 1
Patos/PB – Livro de Casamentos – Livro nº 1
Patos/PB – Livro de Óbitos – Livro C – nº 1
Santa Luzia/PB – Livro de Batizados – Livro nº 0
Santa Luzia/PB – Livro de Batizados – Livro nº 3
Santa Luzia/PB – Livro de Batizados – Livro nº 5
Santa Luzia/PB – Livro de Batizados – Livro nº 5-A
São José do Egito/PE – Livro de Óbitos – Livro nº 1
Teixeira/PB – Livro de Óbitos – Livro nº 1

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Brasília: Editora da UnB, 1982. p. 17-208. (Col. Biblioteca Básica Brasileira)

AGUIAR,' Alice. **A Tradição Agreste**: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco, p. 49. Revista CLIO Arqueológica, n. 3, 1986, p. 7-98. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/247231. Acesso em 15/02/2022.

ALBUQUERQUE, Ulisses Lins de. Moxotó brabo. Em:___. U**m sertanejo e o Sertão. Moxotó Brabo. Três ribeiras** – reminiscências e episódios do quotidiano no interior de Pernambuco. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. (Col. Reconquista do Brasil, 2ª Série; 161)

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. **Aldeias indígenas e povoamento no Nordeste no final do século XVIII**: aspectos demográficos da "cultura de contato". Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Hucltec/ANPQCS, 1993, p. 195-217.

___. **Cultura e história**: sobre o desaparecimento dos povos indígenas. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.. XXIII/XXIV, n. 1/2, 1992/1993, p. 213-225.

___. **Rompendo o silêncio**: por uma revisão do "desaparecimento" dos povos indígenas. Ethnos – Revista Brasileira de Etnohistória, Recife, 1998, n. 2, p. 21-44.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes** – A formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Átila Augusto F. de; ALVES SOBRINO, José. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada** – Vol. 1. João Pessoa: Editora da UFPB, 1978.

___ (Orgs.); **Marcos**. Campina Grande: Ed. UFPB; Ed. URNE, 1981. (Col. Romanceiro Popular Nordestino – Marcos e Vantagens; 1)

ALMEIDA, Eliene A. de. (Org.). **Xucuru, filhos da mãe Natureza** – Uma história de resistência e luta. 2ª ed. Olinda, CCLF/ Prefeitura Municipal de Pesqueira/PE, 2002.

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba** – Vol. 1. João Pessoa: Editora da UFPB, 1978.

ALVES, Angelita; SOUSA, Dominick. **A guerra dos bárbaros na Capitania Real da Paraíba**. Revista Tarairiú, nº 4, Abr./Mai. 2012. Disponível em: http://revistatarairiu.blogspot.com/2012/06/revista-tarairiu-n04-abrmai-2012.html. Acesso em: 08/11/2022.

ALVES SOBRINHO, José. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas** (1711). Rio de Janeiro: Casa de Souza e Comp., 1837.

ARAÚJO, Raimundo. **Cantador, verso e viola**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974.

ATHIAS, Renato. **Os povos indígenas de Pernambuco** – Diversidade, identidade e conflito. Recife: Editora da UFPE, 2007.

AUGUSTO, José. **Povoamento do Nordeste**. Revista do Instituto do Ceará, p. 3-26.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O feudo** – A Casa da Torre de Garcia D'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BARBALHO, Nelson. **Caboclos do Urubá**. Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 1977.

BARLÉU, Gaspar. **O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau**. Tradução e notas de Cláudio Brandão. Brasília: Senado Federal, 2005. (Col. Edições do Senado Federal; 43)

BARO, Roulox. Relação da viagem de Roulox Baro. Em:_____; MOREAU, Pierre. **História das últimas lutas entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao país dos tapuias**. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979. p. 91-128.

BARROS, Leandro Gomes de. **O boi misterioso**. Recife: [s.n.], 1948. Disponível em:<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/1902/2/O%20Boi%20Misterioso.pdf>.

BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola**. Rio de Janeiro: Ed. Leite Ribeiro, 1921.

___. **Heróis e bandidos**: os cangaceiros do Nordeste. Rio de Janeiro; São Paulo: Fortaleza: ABC, 2012. (Col. Nosso Brasil)

BATISTA, Francisco das Chagas. **Cantadores e poetas populares**. 1ª ed. João Pessoa: Tipografia da Popular Editora, 1929.

___. **Cantadores e poetas populares**. 2ª ed. (com acréscimos e notas de Sebastião Nunes Batista). João Pessoa: Ed. da UFPB, 1997.

BATISTA, Luizinho. **Raízes nordestinas**. 2ª ed. João Pessoa: A União, 2006.

BATISTA, Pedro. **Atenas de cantadores**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Vol. 6, 1928, p. 21-35.

___. **Cangaceiros do Nordeste**. Edição fac-similar da primeira edição de 1929. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

___. **Cônego Bernardo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Poética popular do Nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982. (Col. Literatura Popular em Verso – Estudos / Nova Série; 2)

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros**. Slavador: Ed.UFBA, 1989.

BOMFIM, Manoel. **O Brasil na América** – caracterização da formação brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

BORGES, José Elias. **As nações indígenas da Paraíba**. Palestre no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP. Disponível em: <https://ihgp.net/pb500i.htm>. Acesso em: 07/09/2019.

___. Índios paraibanos: classificação preliminar. Em: MELO, José Octavio de Arruda; RODRIGUEZ, Gonzaga (Orgs.). **Paraíba**: conquista, patrimônio e povo – por uma seleção de autore*s*. 2ª ed. João Pessoa: Grafset, [s.d.]). p. 21-38.

BORNHEIM, Gerd. Filosofia e poesia. Em: **Metafísica e finitude**. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 157-166. (Col. Debates)

BOTELHO, Carla. Nota explicativa. Em: **Calendário oficial de datas históricas dos municípios do interior de Pernambuco**. Recife: CEHM; FIAM, 1994. p. 5-7 (Col. Documentos Históricos Municipais; 2)

BRAGA, Medeiros. **Colonização da Paraíba**: Teodósio de Oliveira e Domingos Jorge Velho, dois algozes de índios e negros. Cordel.

BRAGA, Teófilo. **História da poesia popular portuguesa**. Lisboa: Vega, 1987. (Col. Outras Obras)

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das grandezas do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2010. (Col. Edições do Senado Federal; 314)

BRASILEIRA, Lydia. Cancão, velho pajé: a cura pela poesia (Posfácio). Em: SOUZA, Karlla Christine Araújo; CAMPOS, Lindoaldo; ZUBEN, Marcos de Camargo von (Orgs.). **Cancão**: a lua, o sol dos mendigos – Estudos críticos sobre o pássaro-poeta do Pajeú. Mossoró: Ed. UERN, 2013. p. 176-182.

___. **Raízi gatingêra de Ontôim e Terezinha Francisco Reis** (cópia não publicada gentilmente cedida pela autora). Caicó, 2011.

BUENO, Eduardo. Introdução – Como era gostoso Hans Staden: um livro para devorar. Em: STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Tradução de Angel Bojadsen. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Col. L&PM Pocket; 674)

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. (Col. Aldus; 18)

___. **O que é História Cultural**. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALMON, Pedro. **História da Casa da Torre** – Uma dinastia de pioneiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. (Col. Documentos Brasileiros; 22)

___. **História social do Brasil** – 1º Tomo: Espírito da sociedade colonial. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de 1º de maio de 1500 ao rei D. Manuel I**. Disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em 07/11/2022.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Auto chamado de Filodemo**. Disponível em http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/luis_c1.pdf. Acesso em: 12/05/2020.

CARDIM, Fernão. **Do princípio e origem dos índios do Brasil**: seus costumes, adoração e cerimônias (1584). Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1881.

___. **Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo) etc. desde o ano de 1583 ao de 1590**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847.

___. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia., 1925.

CARDOSO, Ígor. De antes do "Reino dos Cantadores": considerações sobre as origens de São José do Egito. In VASCONCELOS, José Rabelo de. **O reino dos cantadores ou São José do Egito etc., coisa e tal**. Recife: Edição do autor, 2014. p. 123-148.

CARVALHO, Maria do Socorro. **Poesia de agudeza em Portugal**. São Paulo: Humanitas; Ed. USP; FAPESP, 2007.

CARVALHO, Rodrigues de. Aspectos da influência africana na formação social do Brasil. Em: **Novos estudos afro-brasileiros** – Trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro realizado no Recife, em 1934 (edição fac-similar). Recife: FUNDAJ; Massangana, 1988. p. 15-74.

___. **Cancioneiro do Norte**. 4ª ed (fac-similar). João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1995. (Col. Biblioteca Paraibana; XIV)

CASCUDO, Luís da Câmara. **Flor de romances trágicos**. Rio de Janeiro: Cátedra; Natal: Fundação José Augusto, 1982.

___. **História do Rio Grande do Norte**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

___. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1984.

___. Prefácio. Em: MOTA, Leonardo. **Cantadores** – Poesia e linguagem do sertão cearense. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. p. 9-21.

___. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1984. (Col. Reconquista do Brasil; 81)

CASTELLO, Luis A.; MÁRSICO, Claudia T. **Oculto nas palavras – Dicionário etimológico para ensinar e aprender**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. **Sítio Furna do Estrago, PE**: práticas funerárias e marcadores de identidades coletivas. CLIO Arqueológica, 2018, p. 330-371.

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. Em:_____. **A cultura no plural**. 4ª ed. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 2005. p. 55-86. (Col. Travessia do Século)

___. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

___. **A história cultural** – Entre práticas e representações. 2ª ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Algês (Portugal): Difel, 2002.

___. **"Cultura popular"**: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.

CINTRA, Jorge Pimentel. **Reconstruindo o Mapa das Capitanias Hereditárias**. Anais do Museu Paulista. São Paulo, n. 21. n. 2, jul.-dez. 2013, p. 11-45.

CIRANO, Marcos. **São José do Egito**: um século de história (1909/2009). Recife: Formato 8, 2009.

COSTA, F. A. Pereira da. **Anais pernambucanos** – Vol. V (1701-1739). Recife: Arquivo Público Estadual, 1953.

___. **Folk-lore pernambucano** – Subsídios para a história da poesia popular em

Pernambuco. 2ª ed. Recife: CEPE, 2004.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Itapetim**: cidade das pedras soltas. Recife: CEHM, 2007. (Col. Biblioteca Pernambucana de História Municipal; 32)

___. PASSOS, Saulo Estevão da Silva. **Itapetim**: "ventre imortal da poesia". 2ª ed. Recife: CEPE, 2013 (Col. Tempo Municipal; 27)

COSTA, Nicandro Nunes da. ABC do Nicandro. Em: BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola**. Rio de Janeiro: Editora Leite Ribeiro, 1921. p. 446-453.

COSTA, Terezinha. **São José do Egito**: Musa do Pajeú. Recife: Assessoria Editorial do Nordeste, 1985.

COTTART, Carlos. **Notas estatísticas sobre a paróquia** – Notas para servir à história da Freguesia de Afogados da Ingazeira. Livro de Tombo nº 1 da Paróquia Senhor Bom Jesus dos Remédios, de Afogados da Ingazeira-PE, 1914. Disponível em: https://www.dioceseafogadosdaingazeira.com.br/portal/index.php/2015-08-01-23-59-27/2015-08-02-00-01-32/204-cem-anos-do-falecimento-de-pe-carlos-cottart-responsavel-pela-construcao-da-catedral-de-afogados.

COUTINHO FILHO, Francisco. **Repentistas e glosadores** – Poesia popular do Nordeste brasileiro. São Paulo: Atlântico, 1937.

___. **Violas e repentes** – Repentes populares, em prosa e verso: pesquisas folclóricas no Nordeste brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Leitura; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1904.

CRUZ, Carlos Henrique. **Tapuias e mestiços nas aldeias e sertões do Norte**: conflitos, contatos e práticas "religiosas" nas fronteiras coloniais (1680-1761). Tese: UFF, 2018.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

___. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed. UnB, 1999.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

DANTAS, Beatriz G.; SAMPAIO, José Augusto; CARVALHO, Maria do Rosário. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. Em: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 431-456.

DANTAS, Fábio Lafaiete; DANTAS, Maria Leda. **Uma família na Serra do Teixeira**: elenco e fatos. Recife: Liber, 2008.

DANTAS, Mariana Albuquerque. **Dinâmica social e estratégias indígenas**: disputas e alianças no aldeamento do Ipanema, em Águas Belas, Pernambuco (1860-1920). Tese. Niterói: UFF, 2015.

DEBRET Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil** – Vol. 1. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

DELGADO, José Luiz. Prefácio. Em: WILSON, Luís. **Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão**. Recife: FIAM; Centro de Estudos de História Municipal, 1985. (Col. Tempo Municipal; 5). p. 13-16.

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [s.d].

DIAS, Antônio Gonçalves. Brasil e Oceania. Em:____. **Obras póstumas de Gonçalves Dias** – Vol. VI. São Luís: B. de Mattos, 1869.

___. **Dicionário de Tupi** – chamada Língua Geral dos indígenas do Brasil (Tupi – Português). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

___. I–Juca–Pirama. Em:___. **Melhores poemas** (Org. Célia A. N. Passoni). São Paulo: Núcleo, 1998. p. 68-87. (Col. poesia comentada)

___. O canto do Piaga. Em:_____. **Melhores poemas** (Org. Célia A. N. Passoni). São Paulo: Núcleo, 1998. p. 22-27. (Col. poesia comentada)

DURÃO, Antônio José de Morais. **Descrição da capitania de São José do Piauí**. Revista de História (SP), n. 112, 1977. p. 543-566. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/64374/67044. Acesso em 17/02/2022.

ENNES, Ernesto. **As Guerras nos Palmares**: subsídios para a sua história – 1º Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Troia Negra" (1687-1700). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. **Vocabulário do criatório norte-rio-grandense**. 2ª ed. Natal: Fundação José Augusto, 1987.

FARIAS, Antônio Xavier de. **Teixeira**. Revista do Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Vol. 5, 1922, p. 65-84.

FONSECA, Antônio José Victoriano Borges da. Nobiliarquia pernambucana – Vol. I. Em: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro** – Vol. XLVII. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1935.

FONSECA, Homero. **Pernambucânia** – O que há nos nomes das nossas cidades. 3ª ed. Recife: CEPE, 2013.

FONSECA, João Justiniano da. **Rodelas**: curraleiros, índios e missionários. Salvador: Ed. do autor, 1996.

FONTINHA, Rodrigo. **Novo dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Porto: Editorial Domingos Barreira, [s.d.].

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. Em:_____. **Microfísica do poder**. 25ª ed. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1979. p. 15-38.

FRAGOSO, Frei Hugo. O vigário Bernardo, reflexo da face do povo teixeirense: o bom samaritano dos flagelados da seca. Em: SILVA, Severino Vicente da (Org.). **A igreja e a questão agrária no Nordeste**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. p. 81-114.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala** – formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 34ª dd. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GALINDO, Marcos. A submergência tapuia. Em: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A presença indígena no Nordeste**: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 187-216.

___. **O governo das almas** – A expansão colonial no país dos tapuia (1651-1798) (versão de Tese defendida na Universidade de Leiden / Holanda em 2004). São Paulo: Hucitec, 2016. (Col. Estudos Históricos)

GALLET, Luciano. **Estudos de folclore**. Rio de Janeiro: Carlos Wehes, 1934.

GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos. **Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

GAMA, José Bernardo Fernandes. **Memórias históricas da Província de Pernambuco** – Tomo I. Recife: Tipografia de M. F. de Faria, 1844.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **História da Província de Santa Cruz**. Belém: Universidade da Amazônia, s/d.

GONZÁLEZ-GARCÍA, Antonio César et alii. ***Orientatio ad sidera: astronomía y paisaje urbano em qart hadašt/carthago nova***. Universidade de Salamanca. Revista Zephyrus, LXXV, Jan.-Jun. 2015, p. 141-162. Disponível em https://digital.csic.es/bitstream/10261/136790/1/astronomy_landscape_Gonzlez.pdf. Acesso em: 11/02/2020.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO – Secretaria Estadual de Saúde – X Gerência Regional de Saúde. **Plano Regional de Educação Permanente em Saúde – 2010**. Disponível em: http://portal.saude.pe.gov.br/sites/portal.saude.pe.gov.br/files/10.pareps_-_x_regional.pdf. Acesso em: 31/05/2022.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUIMARÃES, Matheus Silveira. **Famílias e laços de solidariedades negras**: parentesco da população parda e semibranca na Cidade da Parahyba do Norte (1833-1860). Revista Paraibana de História, ano I, n. 1, 2º semestre de 2014, p. 120-141. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rph/article/view/23817. Acesso em: 08/11/2022.

HERCKMAN, Elias. **Descrição geral da Capitania da Paraíba** (1639). Tradução de José Higino Duarte Pereira. Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, t. V, n. 31, 1886, p. 239-288.

HOFMEISTER, Rafael de Aguiar; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Gregório de Matos repentista e outros improvisos na literatura colonial**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 20, n. 50, julho, 2019, p. 32-68.

HOHENTHAL JR., William D. **As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco**. Revista do Museu Paulista. Nova Série, vol. XII, 1960, p. 37-92. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Ahohenthal-1960-tribos/Hohenthal_1960_TribosMedioBaixoSFrancisco.pdf. Acesso em: 08/11/2022.

___. ***Notes on the Shucurú indians of Serra de Ararobá, Pernambuco, Brazil***. Revista do Museu Paulista, Vol. VIII, Nova Série, 1954, p. 93-166.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções e capítulos de expansão paulista**. 4ª ed. Organização de Laura de Mello e Souza e André Sekkel Cerqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros** – Vols. XVII e XVIII. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

JAEGER, Werner. **Paideia – a formação do homem grego**. 3ª ed. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JOFFILY, Irineu. As origens do povo paraibano. Em: MELO, José Octavio de Arruda; RODRIGUEZ, Gonzaga (Orgs.). **Paraíba**: conquista, patrimônio e povo – por uma seleção de autore*s*. 2ª ed. João Pessoa: Grafset, [s.d.]. p. 11-13.

___. **Notas de viagem da Villa de São João do Cariry e do Monteiro**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, n. 2, 1910, p. 227-236.

___. **Notas sobre a Paraíba**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1892.

___. **Sinopse das sesmarias da Capitania da Paraíba** – Compreendendo o território de todo o Estado do mesmo nome e parte do Rio Grande do Norte. Tomo I. João Pessoa: Tipografia Manoel Henriques, 1893.

LAET, Joannes de. **História ou Anais dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até ao fim do ano de 1636** – Livros XI-XIII. Tradução de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Em: Anais da Biblioteca

Nacional do Rio de Janeiro, Vol. XLI-II, 1919-1920, p. 1-125. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=anais_bn&pagfis=19456.

LAPENDA, Geraldo Calábria. **O dialeto Xukuru**. Doxa, a. X, n. 10, 1962, p. 11-23.

LAROCHE, Armand François Gaston. **Nota prévia sobre um abrigo funerário do Nordeste brasileiro**. Universitas, n. 3/4, 1969, p. 73-85. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/article/view/942. Acesso em 15/02/2022.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. Em: BOLLÈME, Geneviève. **O povo por escrito**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LEITE, Alcindo de Medeiros. **O Município de Santa Luzia e sua evolução**. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1939.

LEITE, Rogaciano. **Carne e alma**. Fortaleza: IMEPH, 2022.

___. **O cantador Antônio Marinho**. Revista Investigações. São Paulo, a. II, n. 23, nov./1950, p. 71-94.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1961.

LEWIN, Linda. Um conto de dois textos: oralidade, história oral e insulto poético em O *desafio* de Romano e Inácio em Patos (1874). Tradução de Ana Catarina Morawska Vianna. Em: MARQUES, Ana Cláudia (Org.). **Conflitos, política e relações pessoais**. Fortaleza: UFCE; Capinas: Pontes, 2007. p. 81-107.

___. ***Who was "O grande Romano"?*** *Genealogical purity, the indian "past", and whiteness in Brazil's northeast backlands* (1750-1900). CLIO, n. 25-1, 2007, p. 83-143.

LIMA, Jeannette M. Dias de. **A furna do estrago no Brejo da Madre de Deus, PE**. São Leopoldo – Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS. Revista Pesquisas Antropologia, n. 69, 2012.

___. **Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE**. CLIO, n.2. 1985, p. 97-111. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/247241/36092. Acesso em: 23/02/2022.

LIMA, João Ferreira de. **Almanaque de Pernambuco – 1972**. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=Joao%20Ferreira%20de%20Lima&pesq=&pagfis=52192.

LIMA, Marcos Galindo. **O governo das almas** – A expansão colonial no país dos tapuias (1661-1798). Tese. Universidade de Leiden, 2004.

LINHARES, Francisco; BATISTA, Otacílio. **Antologia ilustrada dos cantadores**.

Fortaleza: Ed. UFC, 1979.

LIVRO DA CRIAÇÃO DA VILA DE CIMBRES (1762-1867). Leitura paleográfica de Cleonir Xavier de Albuquerque da Graça e Costa. Recife: FIAM-CEHM; Pesqueira: Prefeitura Municipal, 1985. (Col. Documentos Históricos Municipais; 1)

LIVRO DE VÍNCULO DO MORGADO DA CASA DA TORRE – Contendo a relação das fazendas vinculadas, valor pago pelos rendeiros, limites fundiários e logradouros (1778-1779). Leitura paleográfica de Marcos Galindo e Yony Sampaio. Recife: CEPE; CEHM; 2012 (Col. Documentos históricos municipais; 5)

LOPES, Fátima Martins. **Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1998.

LOPES NETO, José. **Repentes de Zé Catôta**. São José do Egito: [s.n.], 2000.

LOUKOTKA, Čestmír. ***Les langues non-Tupi du Brésil du Nord-est***. Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo: Anhembi, 1955. p. 1029-1054.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Adaga; São Paulo: Luzeiro, 2012.

LYRA, Pedro. **Conceito de poesia**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Caboclas brabas**: história indígena do Sertão do Seridó por meio das memórias de seus moradores. X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos: história e política. UFPE, Abr./2010, p. 1-13.

___. **"Caetano Dantas, fundador de Carnaúba?"**. Disponível em https://heldermacedox.files.wordpress.com/2010/12/caetano-dantas-fundador-de-carnauba.pdf. Acesso em 11/10/2022.

___. **Ocidentalização, territórios e populações indígenas no sertão da Capitania do Rio Grande**. Dissertação. Natal: UFRN, 2007.

___. **Outras famílias do Seridó**: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (séculos XVIII-XIX). Tese. Recife: UFPE, 2013.

___. **Reflexões sobre a questão indígena no Seridó: entre a história e o patrimônio cultural**. Revista Espacialidades, v. 7, n. 1, 2014, p. 217-238.

___. **Remanescentes indígenas numa freguesia colonial do Brasil**. Mneme, v. 4, n. 8 – Abr./Set. 2003, p. 131-163.

MACEDO, Muirakytan. **A penúltima versão do Seridó**: uma história do regionalismo seridoense. Natal: Ed. da UFRN; Campina Grande: Ed. da UEPB, 2012.

MACIEL, Gilvan de Almeida. Algumas notas adicionais ao Livro da criação da Vila de

Cimbres (1762-1867). Em: **Livro da criação da Vila de Cimbres (1762-1867)**. Leitura paleográfica por Cleonir Xavier de Albuquerque da Graça e Costa. Recife: FIAM-CEHM; Pesqueira: Prefeitura Municipal, 1985. (Col. Documentos Históricos Municipais; 1). p. 251-289.

MAGALHÃES, Celso de. **A poesia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1973. (Col. Rodolfo Garcia)

MAGALHÃES, Couto de. Anchieta, as raças e as línguas indígenas. Em:_____. **O selvagem**. Brasília: Senado Federal, 2019. p. 235-266.

___. **O selvagem**. Brasília: Senado Federal, 2019. (Col. Edições do Senado Federal; 257)

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. **O Brasil e a lógica racial**: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. Revista Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, vol. 30, nº 2, 2018, p. 265–286.

MAIOR, Mário Souto; VALENTE, Waldemar. **Antologia da poesia popular de Pernambuco**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

MARCOLINO, José (Zé). **Cantadores, prosas sertanejas e outras conversas**. Recife: Ed. do autor, 1987.

MARIZ, Celso. **Apanhados históricos da Paraíba**. 2ª ed. João Pessoa: Ed. UFPB, 1980.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. UFPE, 2008.

MATOS, Francisco de Assis Soares de. **Entre semelhanças gráficas e ambientais**: as recorrências das representações antropomórficas pintadas pré-históricas entre as regiões do Cariri Ocidental-PB, Parque Nacional do Catimbau-PE e Seridó Oriental-RN. Tese. Recife: UFPE, 2019.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. Tradução de James Amado. São Paulo: Brasi

MAUPEOU, Emanuele Carvalheira. **Cativeiro e cotidiano num ambiente rural**: o Sertão do Médio São Francisco – Pernambuco (1840-1888). Dissertação. UFPE, 2008.

MEADER, Robert E. **Índios do Nordeste** – Levantamento sobre os remanescentes tribais do Nordeste brasileiro. Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 1976.

MEDEIROS, J. R. Coriolano de. **Dicionário corográfico do Estado da Paraíba**. 4ª ed. (fac-similar da edição de 1950). João Pessoa: Ed. IFPB, 2016.

MEDEIROS, Jacimária Fonseca de; CESTARO, Luiz Antônio. **As diferentes abordagens utilizadas para definir brejos de altitude, áreas de exceção do Nordeste brasileiro**. Sociedade e Território, Vol. 31, n. 2, Jul./Dez. 2019, p. 97–119.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **O descobrimento dos outros** – Povos indígenas do sertão nordestino no Período Colonial. Tese. UFPE, 2000.

MEDEIROS, Tarcízio Dinoá. **Freguesia do Cariri de Fora**. São Paulo: Gráfica Editora Camargo Soares, 1990.

MEDEIROS FILHO, João; FARIA, Oswaldo Lamartine de Faria. **Seridó – séc. XIX – fazendas & livros**. Rio de Janeiro: FOMAPE, 1987.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açu e Seridó**. Edição fac-similar da edição de 1984. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

___. **Joaquim Estanislau de Medeiros (Major Quincas Berto do Fechado)**. Natal: Ed. do autor, 1998.

___. Os Tarairiús, extintos tapuias do Nordeste. Em: ALMEIDA, Luiz Sávio de; GALINDO, Marcos; SILVA, Edson. **Índios do Nordeste**: temas e problemas. Maceió: Ed. UFAL. p. 241-257.

___. Os Tarairiús, o Rio Grande do Norte e a Guerra dos Bárbaros (fac-símile da edição de 1991). Natal: Sebo Vermelho, 2021.

___. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Senado Federal, 1981.

MEDEIROS FILHO, Pe. João; FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Seridó – Séc. XIX – Fazendas e livros**. Rio de Janeiro: FOMAPE, 1987.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Três roteiros de penetração no território pernambucano (1738 e 1802)**. Recife: Imprensa Universitária da UFPE, 1966. (Col. Monografias; 3)

MELO, Otaviano. **Dicionário Tupi – Português / Português – Tupi** (com um Dicionário de rimas tupi). São Paulo: Folco Masucci, 1967.

MELO, Mário. **Etnografia pernambucana** – Os Xukurus de Ararobá. Em: Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. Recife, v. 33, n. 153-155, 1933, p. 43-45.

MELO, Rosilene Alves de. **Escrito nas estrelas**: almanaques astrológicos, relicários do tempo, prognósticos do destino. XIII Encontro de História ANPUH-Rio. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212968077_ARQUIVO_ANPUHRIO2008Textocompleto.pdf. Acesso em: 20/03/2020.

MENEZES, Luciano Silva de; MARQUES, Juracy; SOUZA, André Luis O. P. de; OLIVEIRA, Fátima Cristina da Silva; SANTOS, Robson Marques dos; VERGNE, Maria Cleonice de Souza. **O som do osso**: ecologia musical dos pífanos do Nordeste do Brasil. Disponível em: http://sabeh.org.br/wp-content/uploads/2017/07/ARTIGO-3_2.pdf. Acesso em: 23/02/2022.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária** – Poesia. São Paulo: Cultrix, 1984.

___. **A literatura portuguesa através dos textos**. 29ª ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaios**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra** – Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

___. O escravo índio, esse desconhecido. Em: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. 4ª Ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 2000. p. 105-120.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **O Sertão**: um "outro" geográfico. Terra Brasilis, 4-5 | 2003, p. 1-8.

MOTA, Leonardo. **Cantadores** – Poesia e linguagem do sertão cearense. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

___. **Violeiros do Norte** – Poesia e linguagem do sertão nordestino. 7ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo; Fortaleza: ABC, 2002.

NANTES, Frei Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**. Tradução de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. (Col. Brasiliana; 368). Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Anantes-1979-relacao/Nantes_1979_Relacao_OCR.pdf. Acesso em: 07/11/2022.

NASCIMENTO, Antônio Marinho do. **A natureza tomou / Tudo quanto tinha dado**. Cordel (12 p.). São José do Egito: Prefeitura Municipal, 1972.

___. **Encontro de Antônio Marinho com José Duda no Recife em 1915**. Cordel (16 p.). Disponível em http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de Tupi Antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

NIEUHOF, Joan **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil**. Traduzido do Inglês por Moacir N. Vasconcelos com confronto com a edição holandesa de 1682. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes**. 2ª ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Universidade Federal do Pará (UFPA), 2017.

NÓBREGA, Manuel da. **Obra completa** (Org. Paulo Roberto Pereira). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2017.

NÓBREGA, Trajano Pires da. **A família Nóbrega**. São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro, 1956. (Col. Biblioteca Genealógica Brasileira; 8)

NUNES, Aldo Manoel Branquinho. **Currais, cangalhas e vapores** – Dinâmicas de fronteira e conformação das estruturas social e fundiária nos "Sertões da Borborema" (1780-1920). Tese. Campina Grande: UFCG, 2016.

___ ; MAIA, Kaliane de Freitas. **O sertão revisitado**: novos caminhos de pesquisa contra velhas narrativas sobre o mundo rural no semiárido nordestino. 42° Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu/MG: 2018. Disponível em: https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt19-27/11266-o-sertao-revisitado-novos-caminhos-de-pesquisa-contra-velhas-narrativas-sobre-o-mundo-rural-no-semiarido-nordestino/file. Acesso em 05/03/2022.

NUVENS, Plácido Cidade. Patativa do Assaré, poeta social. Em: ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá** – filosofia de um trovador nordestino. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 13-14.

OCTÁVIO, José. **História da Paraíba**: lutas e resistência. 5ª ed. João Pessoa: Ed. UFPB, 1997.

OLIVEIRA, Alberto Rodrigues de. **História e cultura do povo de São Vicente – Itapetim-PE**. Recife: CEHM/FIDEM/CONDEPE, 2008. (Col. Tempo Municipal; 29)

___. **História socioeconômica das regiões de São Vicente e Piedade – Itapetim/PE**. Recife: CONDEPE/FIDEM, 2006. (Col. Tempo Municipal; 25)

___. **São Vicente**: memórias, raízes e versos. Recife: edição do autor, 2002.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

___. **Pardos, mestiços ou caboclos**: os índios nos censos nacionais no Brasil (1872-1980). Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, a. 3, n. 6, Out./1997, p. 61-84.

___. **Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. Mana, vol. 4, n. 1, 1998, p. 47-77.

___ ; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. (Col. Educação para todos)

OLIVEIRA, Kelly; Neves, Rita; FIALHO, Vânia. **Conflitos, violências e o caso Xukuru na CIDH**. Rev. Direito e Práx., Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2022, p. 424-451.

OLIVEIRA, Milton. **São José do Egito**: as ruas por onde passei (história e biografias.

Olinda: Luci Artes Gráficas, 2017.

OLIVEIRA, Thomas Bruno; SANTOS, Juvandi de Souza. **Os tapuias e o endocanibalismo no Seridó paraibano**. Revista Tarairiú, Campina Grande, Ano VIII– Vol.1 – Número 17 – 2020, p. 141-149.

OTAVIANO, Padre Manoel. **Inácio da Catingueira** – Conferência pronunciada em 13 de maio de 1948, na Vila de Catingueira, Paraíba (texto gentilmente cedido por Rosana Leão). Rio de Janeiro, 1949.

PAIVA, Eduardo França. **Dar nome ao novo**: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho). Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PEREIRA, Lawrence Flores. **Em busca de Canhotinho**: estudo sobre um estado de exceção lírica e de errância na poesia popular nordestina. Filia [Philia]. Disponível em: <http://philiastudies.wordpress.com/2010/04/06/em-busca-de-canhotinho-sobre-um-estado-de-excecao-lirica-e-conflito-na-poesia-popular-nordestina-lawrence-flores-pereira/>. Acesso em: 02/03/2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Col. História &... Reflexões; 5)

PESSIS, Anne-Marie; e GUIDON, Niéde. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. Em: VIDAL, Lux (Org.). **Grafismo indígena**: estudos de antropologia estética. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Ed. da USP, 2000. p. 19-33.

PINTO, Estevão. **Etnologia brasileira** – Fulni-ô: os últimos tapuia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

___. **Os indígenas do Nordeste** – 2 vols. São Paulo; Recife; Rio de Janeiro; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938. (Col. Brasiliana; 112)

PINTO, Irineu. **Datas e notas para a história da Paraíba** – 2 Vols. João Pessoa: Ed UFPB, 1977.

PINTO, Severino Lourenço da Silva (Pinto do Monteiro). **Peleja de Pinto do Monteiro e Marinho do Pageú**. Cordel (11 p.) (s.n.t.).

___. Vida e morte de Rogaciano Leite. Cordel (11 p.) (s.n.t.).

PIRES, Maria Idalina Cruz. **Guerra dos Bárbaros**: resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial. Recife: CEPE, 1990.

___. **Resistência indígena nos sertões nordestinos no pós-conquista territorial**: Legislação, Conflito e Negociação nas vilas pombalinas 1757-1823. Tese. Recife: UFPE, 2004.

PLATÃO. **A República**. 15ª ed. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1972.

POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução**: missionários, tupi e "tapuia" no Brasil Colonial. Tese. UNICAMP, 2001.

POMPEU SOBRINHO. **Kariris**. Revista de Filologia e de História – Tomo II – Fascículos III-IV. Rio de Janeiro: Livraria Leite, 1934, p. 289-305.

___. **Línguas tapuias desconhecidas do Nordeste: alguns vocábulos inéditos**. Boletim de Antropologia, Fortaleza, a. 2, vol. 1, 1958, p. 3-20.

___. **Os Tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckman**. Revista do Instituto do Ceará, Tomo IX, p. 7-28.

___. **Sistema de parentesco dos índios cariri**. Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXI, Ano LXI, 1947, p. 163-180.

___. **Tapuias do Nordeste**. Revista do Instituto do Ceará, Tomo LIII, 1939, p. 221-225.

PORTO, Costa. **O sistema sesmarial no Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 1986. (Col. Temas Brasileiros; 1)

POZ, João Dal. **A etnia como sistema**: contato, fricção e identidade no Brasil indígena. Sociedade e cultura, v. 6, n. 2, Jul./Dez. 2003, p. 177-188.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo** – Colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PROFESSORES, PROFESSORAS E LIDERANÇAS DO POVO XUKURU DO ORORORBÁ. **Xucuru, filhos da Mãe Natureza** – uma história de resistência e luta. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 1997. Disponível em: https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/lemad_dh_usp_xucuru_filhos_da_m%C3%A3e_natureza.pdf.

PUNTONI, Pedro. **A guerra dos bárbaros** – Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil (1650-1720). São Paulo: Hucitec; EdUSP; FAPESP, 2002. (Col. Estudos Históricos; 44)

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Raízes ibéricas, mouras e judaicas do Nordeste**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2002.

RAPOSO, Fernando. **Viola beiroa – Portugal – Caderno de especificações para a certificação**. Castelo Branco (Portugal): Câmara Municipal, 2017. Disponível em https://www.cearte.pt/public/media.501711554/files/gpao/197_CE_Viola_Beiroa_20191127.pdf. Acesso em 12/10/2022.

ROMERO, Jorge Henrique. **Sertão, sertões e outras ficções**: ensaio sobre a identidade narrativa sertaneja. Tese. UNICAMP, 2015.

ROMERO, Sílvio. **Cantos populares do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Clássica, 1897.

___. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977. (Col. Dimensões do Brasil; 8)

___ ; RIBEIRO, João. **Compêndio de história da literatura brasileira**. 2ª ed. São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909.

ROSA, Guimarães João. **Grande sertão**: veredas. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ROTEIRO DO MARANHÃO A GOIÁS PELA CAPITANIA DO PIAUÍ (Década de 70 do século XVII). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. Tomo LXII, Parte 1, p. 60-161.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil (1500-1627)**. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1982.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupi na geografia nacional**. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987. (Col. Brasiliana; 380)

SAMPAIO, Yoni de Sá Barreto. **A Casa da Torre e a formação territorial do sertão pernambucano**. Revista do *Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano* (*IAHGP*). Recife, n. 66, p. 69-781, 2013.

___. A Casa da Torre e o sertão de Pernambuco: diagnóstico de um manuscrito precioso. Em: **LIVRO DE VÍNCULO DO MORGADO DA CASA DA TORRE** – Contendo a relação das fazendas vinculadas, valor pago pelos rendeiros, limites fundiários e logradouros (1778-1779). p. 19-77.

SANTOS, Luiz Cristovão dos. **Bilhetes do sertão**. Arcoverde: Prima Editora, 1950.

___. **Caminhos do Pajeú**. Recife: Editora Nordeste, 1954.

SANTOS JÚNIOR, Carlos Fernando dos. **Os índios nos Vales do Pajeú e São Francisco** – Historiografia, legislação, política indigenista e os povos indígenas no Sertão de Pernambuco (1801-1845). Dissertação. UFPE, 2015.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Introdução. Em: LIMA, Jeannette M. Dias de. **A furna do estrago no Brejo da Madre de Deus – PE**. São Leopoldo – Instituto Anchietano de Pesquisas – Revista Antropologia, n. 69, 2012, p. 7-13.

___. **Um grande sítio do agreste pernambucano**: de volta à Furna do Estrago. CLIO, vol. 29, n. 2, 2014, p. 31-56.

SCHWARCZ, Lilia. **Índio não, indígena**: os sistemas classificatórios. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2022/%C3%8Dndio-n%C3%A3o-ind%C3%ADgena-os-sistemas-classificat%C3%B3rios?position-home=1. Acesso em

20/10/2021.

SCOTT, James C. **Formas cotidianas da resistência camponesa**. Raízes, vol. 21, nº 01, Jan./Jun. 2002, p. 10-31.

SEGATO, Rita Laura. **Gênero e colonialidade**: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. Disponível em: https://journals.openedition.org/eces/1533#text. Acesso em: 07/06/2022.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. Casa da Torre e bandeirantismo na conquista do sertão. Em: OTAVIO, José; RODRIGUES, Gonzaga. **Paraíba**: conquista, patrimônio e povo. 2ª ed. João Pessoa: Grafset, [s.d.]. p. 57-66.

____. **O velho Arraial de Piranhas (Pombal)**. 2ª ed. João Pessoa: Grafset, 2004.

SILVA, Edson. Índios: desafios das pesquisas as reflexões históricas. Em: MARIA NETA, Francisca; PEIXOTO, José Adelson Lopes (Orgs.). **Ecos do silêncio**: o saber e o fazer da pesquisa. Recife: Libertas, 2018. p. 29-46.

___. **Os índios na história e a história ambiental no semiárido pernambucano, Nordeste do Brasil**. Revista Mutirõ (Recife) vol. II, n. II, 2021. p. 87-104.

___. **Xucuru:** memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE) (1959-1988) (versão de Tese em História Social defendida na UNICAMP em 2008). 2ª ed. Ed. UFPE, 2017.

___. Xukuru: história e memórias dos "caboclos" da Serra do Ororubá (Pesqueira, PE). Em: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A presença indígena no Nordeste**: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 483-510.

___; BARROS, Isabela Paes de. **Povo Indígena Xukuru do Ororubá**: uma história de mobilizações por afirmação de direitos. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v. 13, n. 01, 2022, p. 395-423.

___. PAES, Isabela. **Povo Indígena Xukuru do Ororubá**: uma história de mobilizações por afirmação de direitos. Rev. Direito e Práx., Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2022, p. 395-423.

SILVA, Elenilda Sinésio Alexandre da. **Subindo a Serra de Moça e encontrando os caboclos**: os desafios para a constituição e manutenção de uma unidade social baseada no parentesco e na territorialidade (São João do Tigre – PB). Dissertação. Campina Grande: UFCG, 2019.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. **Capítulos de História da Literatura Brasileira e outros estudos**. Edição e notas de José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. (Col. Memória Literária; 5)

SILVA, Moacir. **A propósito da palavra "sertão"**. Boletim Geográfico do Conselho

Nacional de Geografia, a. VIII, n. 90, Set. 1950. p. 637-644. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1950_v8_n90_set.pdf.

SIQUEIRA, Baptista. **Os cariris do Nordeste**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1978.

SIQUEIRA, João Batista de (Cancão). **Palavras ao plenilúnio**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2007.

SOARES, Maria Simone Morais. **Formação da rede urbana do Sertão de Piranhas e Piancó da Capitania da Paraíba Setecentista**. Dissertação. João Pessoa: UFPB, 2012.

SOLER, Luís. **Origens árabes no folclore do sertão brasileiro**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília; INL, 1987. (Col. Brasiliana; 117)

SOUZA, Joaquim Norberto de. Tendência dos selvagens brasileiros para a poesia. Em: . **Capítulo de História da Literatura Brasileira** – e outros estudos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. (Col. Memoria Literária; 5)

SOUZA, Sheila Mendonça de. **Arqueologia funerária e a Furna do Estrago**. Clio Arqueológica, 2018, p. 44-92.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. **As fronteiras do ser Xukuru** – Estratégias e conflitos de um grupo indígena no Nordeste. Dissertação. UFPE, 1992.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Tradução de Angel Bojadsen. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Col. L&PM Pocket; 674)

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **A Guerra dos Bárbaros** (1935). Edição especial para o Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Disponível em: https://colecaomossoroense.org.br/site/wp-content/uploads/2018/06/A-Guerra-dos-B%C3%A1rbaros.pdf.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. 12ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

TAVARES, João de Lyra. **Apontamentos para a história territorial da Paraíba**. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1910.

TEENSMA, Benjamin Nicolaas. **As frustrações do pastor Jodocus – Uma malograda empresa mineira dos holandeses no sertão paraibano**. Conferência proferida no I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, realizado em Paraty (RJ), em 13 de maio de 2011. Disponível em: https://www.revistanavigator.com.br/navig15/com/N15_comunic.html.

___. O diretorado do Predicante Jodocus van Stetten no ano 1645, sobre uma suposta mina de prata nas margens do Rio Sucuru na Paraíba. Em: WIESEBRON, Marianne L. (Org.). **O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)**. Amsterdã: Imprensa da

Universidade de Leiden, 2011. p. 25-47 (Col. Mauritiana; 4)

___. O diário de Rodolfo Baro (1647) como monumento aos índios Tarairiú. Em: ALMEIDA; Luiz Sávio de; GALINDO, Marcos; ELIAS, Juliana Lopes. **Índios do Nordeste**: temas e problemas – Vol. 2. Maceió: Ed. UFAL, 1999. p. 81-99.

TEJO, Orlando. **Zé Limeira**: poeta do absurdo. 3ª ed. [S.l.]: [s.n.], 1974.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Pierre Bourdieu**: a teoria na prática. RAP Rio de Janeiro 40(1), Jan./Fev. 2006, p. 27-55.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi** – Significados dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço, 1985.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Em: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 87-102.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios** – Catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

___. (Org.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Florilégio da poesia brasileira** – Tomo I. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1987. (Col. Afrânio Peixoto)

VASCONCELOS, José Rabelo de. **O Reino dos Cantadores ou São José do Egito etc., coisa e tal**. 2ª ed. São José go Egito: ed. do autor, 2014.

VASCONCELLOS, Simão de. **Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil**. Vol. 1. Lisboa: Tipografia do Panorama, 1865.

VERAS, Ivo Mascena. **Antônio Marinho do Nascimento, o precursor dos repentistas de São José do Egito** – História de uma vida. Recife: Edições Bagaço, 2007.

___. **Lourival Batista Patriota**. Recife: CEPE, 2004.

___. **Pinto Velho do Monteiro**: o maior repentista do século. Recife: ed. do autor, 2002.

VIANA, Verônica; BUCO, Cristiane; SANTOS, Thalison dos; DANIELLI, Luci; Sousa, AVELINO de. **Arte Rupestre**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VERBETE%20ARTE%20RUPESTRE%20-%20pronto%20pdf.pdf.

VIARO, Mário Eduardo. **Por trás das palavras**: manual de etimologia do português. Rio de Janeiro: Globo, 2003.

VICENTE, Gil. **Farsa de Inês Pereira**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000111.pdf. Acesso em: 22/08/2021.

___. **Quem tem farelos?** Disponível em: http://ibamendes.org/Quem%20tem%20farelos%20ou%20Auto%20do%20Escudeiro%20-%20Gil%20Vicente%20-%20IBA%20MENDES.pdf. Acesso em: 22/08/2021.

___. **Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela**. Disponível em: https://dokumen.tips/documents/gil-vicente-tragicomedia-pastoril-da-serra-da-estrela-actualiza-jrg.html?page=1. Acesso em: 22/08/2021.

VICTOR, José Mota. **Silvino Pirauá de Lima**: o gênio da Literatura de Cordel – Vol. II. João Pessoa: Sal da Terra, 2009. (Col. Biblioteca Patoense)

VIDAL, Lux (Org.). **Grafismo indígena**: estudos de antropologia estética. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Ed. da USP, 2000.

___. Iconografia e grafismos indígenas, uma introdução. Em: **Grafismo indígena**: estudos de antropologia estética. p. 13-17.

VILELA, Ivan. **Vem viola, vem cantando**. Estudos Avançados, 24 (69), 2010, p. 323-347.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; SILVA, Mozart Linhares da. **A cor da mestiçagem**: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo. Análise Social, LIII (2.º), 2018, n.º 227, p. 308-330. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/22302/16429. Acesso em: 08/11/2022.

WILSON, Luís. **Ararobá, lendária e eterna** (notas para a história de Pesqueira). Pesqueira: Edição da Prefeitura Municipal de Pesqueira, 1980.

___. **Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão**. Recife: FIAM; Centro de Estudos de História Municipal, 1985. (Col. Tempo Municipal; 5)

ZAMBRANO, María. ***Filosofía y poesia***. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. (Col. Obras de Filosofía)

ZANINI, Walter. **História geral da arte no Brasil** – vol. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997. (Col. Linguagem e Cultura; 28)